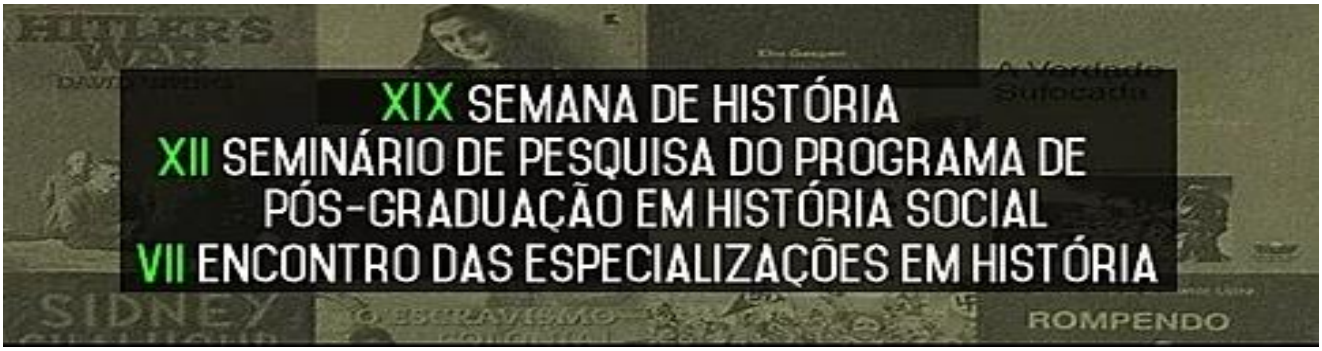



# Anais da

# Semana de História
# da Universidade Estadual de Londrina

**V. 5, 2020**

**Organizadores**

**Bianca Martins Coelho**

**Luana Martina Magalhães Ueno**

**Lunielle de Brito Santos Bueno**

**Rogério Ivano**

**Organizadores**

**Bianca Martins Coelho**

**Luana Martina Magalhães Ueno**

**Lunielle de Brito Santos Bueno**

**Rogério Ivano**

# Anais da

# Semana de História
# da Universidade Estadual de Londrina

**V. 5, 2020**

**Catalogação na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da**
**Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

S471a Semana de História (19. : 2020 : Londrina, PR).
Anais da XIX Semana de História, [do] XII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História Social [e do] VII Encontro das Especializações em História [livro eletrônico] / organizadores: Bianca Martins Coelho...[et al.]. – Londrina : UEL, 2020.
1 Livro digital : il.

Inclui bibliografia.
Disponível em:
http://www.anais.uel.br/portal/index.php/eventohistoria
ISSN 2595-1645

1. História – Congressos. I. Coelho, Bianca Martins. II. Universidade Estadual de Londrina. III. Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História Social (19. : 2020 : Londrina, PR). IV. Encontro das Especializações em História (7. : 2020 : Londrina, PR). V. Título. VI. Título: Anais [do] XII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História Social. VII. Título: Anais [do] VII Encontro das Especializações em História.

Bibliotecária: Solange Gara Portello – CRB-9/1520

**REITOR**
**Prof. Dr. Sérgio Carlos de Carvalho**

**VICE-REITOR**
**Prof. Dr. Décio Sabbatini Barbosa**

**DIRETORA DO CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**
**Profa. Dra. Viviane Bagio Furtoso**

**CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**
**Prof. Dr. Rogério Ivano**

**COORDENADOR DO COLEGIADO EM HISTÓRIA**
**Prof. Dr. José Miguel Arias Neto**

**COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL E**
**COORDENADOR DA ESPECIALIZAÇÃO EM PATRIMÔNIO E HISTÓRIA**
**Prof. Dr. Rivail Carvalho Rolim**

**COORDENADORA DA ESPECIALIZAÇÃO EM RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES**
**Prof.ª Dr.ª Monica Selvatici**

**COORDENADORA DA ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**
**Prof.ª Dr.ª Claudia Regina Alves Prado Fortuna**

# Semana de História

**COORDENAÇÃO**
José Miguel Arias Neto

**COMISSÃO ORGANIZADORA**
Marco Antonio Neves Soares
Rivail Carvalho Rolim
Erica da Silva Xavier
Bianca Martins Coelho
Bruno Natan Lima
Carlos Eduardo da Silva Carvalho
Fernanda Dayara Salamon
Luana Martina Magalhães Ueno
Lunielle de Brito Santos Bueno
Matheus Moreto Guisso Rodrigues
Victor Hugo Bento da Costa Traldi
Vinícius Augusto Andrade de Assis

**COMISSÃO CIENTÍFICA**
Alfredo dos Santos Oliva
Angelita Marques Visalli
Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez
Cláudio Luiz Denipoti
Éder Cristiano de Souza
Francisco Cesar Ferraz
Gilmar Arruda
Igor Luiz Andreo
José Miguel Arias Neto
Júlio César Magalhães de Oliveira
Monica Selvatici
Richard Gonçalves André
Ronaldo Cardoso Alves
Márcia Elisa Teté Ramos
Margaret Marchiori Bakos
Maria Renata da Cruz Duran
Silvia Cristina Martins de Souza

**SECRETARIA**
Neobi Fumiko Kayano

**PROMOÇÃO**
Departamento de História
Colegiado de História
Programa de Pós-Graduação em História Social
Especialização em Patrimônio e História
Especialização em Religiões e Religiosidades

**APOIO**
UEL Pró-Reitoria de Extensão Universitária – UEL

# APRESENTAÇÃO

É com satisfação que o Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina recebe pesquisadores de todo o Brasil para a XIX Semana de História/ XII Seminário do Programa de História Social e VIII Encontro das Especializações em História.

Em tempos de crise sem precedentes na história da Nova República, podemos afirmar que a realização deste evento é uma vitória do Departamento de História, do Programa de Pós-graduação em História Social e das Especializações em História. A produção e disseminação científica é fundamental em tempos de negacionismos e teorias conspiratórias.

Agradecemos os trabalhos da PROEX – Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Sociedade da UEL, do ITEDES – Instituto de Tecnologia e Desenvolvimento Social, do CESA – Centro de Estudos Sociais Aplicados, do CLCH- Centro de Letras e Ciências Humanas, da COM - Coordenadoria de Comunicação Social da UEL, da Gráfica-UEL e da EDUEL.

Agradecemos a todos as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste evento e que não poderão ser nominados aqui, mas que lembraremos sempre do acolhimento feito com delicadeza e competência na resolução de questões de toda ordem.

Aos funcionários do Departamento de História e aos da Secretaria Geral do CCH, bem como aos Monitores e pessoal da Secretaria do Evento, um agradecimento especial pela dedicação e empenho.

Desejamos a todos uma estada agradável na cidade, na Universidade Estadual de Londrina e uma proveitosa participação no evento.

# PROGRAMAÇÃO

## DIA 29/10/2019 (TERÇA-FEIRA)

14:00 às 18:00 – Credenciamento

14:00 às 18:00 - Anfiteatro Maior:

**Negando a ditadura militar**

Projeção do filme "1964: O Brasil entre armas e livros"

Comentários: José Miguel Arias Neto (UEL), Márcia Neme Buzalaf (UEL),

Raquel Medeiros Deliberador (UEL)

19:00 - Conferência de Abertura - Usos do passado na internet

André Azevedo da Fonseca (UEL)

## DIA 30/10/2019 (QUARTA-FEIRA)

08:30 - Mesa Redonda: **O mito da igualdade: racismo e a negação da diversidade étnico-cultural**

Delton Aparecido Felipe (UEM)

Beatriz Gallotti Mamigonian (UFSC)

Silvia Cristina Martins (UEL)

14:00 às 17:30 - Simpósios Temáticos

18:00 - Lançamento de Livros

19:30 – Mesa Redonda: **O mito da Liberdade: Liberalismo e negação dos direitos das classes trabalhadoras**

Virginia Fontes (UFF)

Adriano Luiz Duarte (UFSC)

Rivail Carvalho Rolim (UEL)

## DIA 31/10/2019 (QUINTA-FEIRA)

08:30 - Mesa Redonda: Ensino de História e Negacionismo

Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR)

Marlene Rosa Cainelli (UEL)

Ronaldo Cardoso Alves (UNESP/Assis)

14:00 às 17:30 - Simpósios Temáticos

19:30 - Mesa Redonda: O mito da opinião: a negação dos regimes ditatoriais

João Roberto Martins Filho (UFSCAR)

Miliandre Garcia de Souza (UEPG)

Reginaldo Benedito Dias (UEM)

**DIA 01/11/2019 (SEXTA-FEIRA)**

08:30 - Conferência de Encerramento - Ideologia de Gênero:
a construção de um discurso
Edmeia Aparecido Ribeiro (UEL)
14:00 às 17:30 - Simpósios Temáticos

# Sumário

**A GUERRA DO PARAGUAI EM MANUAIS DIDÁTICOS: FONTES PARA ANÁLISE DA CULTURA ESCOLAR E DA CULTURA HISTÓRICA -** Andrew Cesar de Goes**..... ....14**

**AS FRONTEIRAS DO IMPÉRIO: SOBERANIA E NAVEGAÇÃO FLUVIAL NO RIO AMAZONAS -** Marcus Alex da Silva **.....26**

**A MOBILIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARANÁ NA GUERRA DO PARAGUAI -** Matheus Pelaquim Silva **..... 33**

**MEMÓRIA, IDENTIDADE E FRONTEIRA: NARRATIVAS MUSICAIS SOBRE A TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL / PARAGUAI / ARGENTINA (1960-2017) -** Emilio Gonzalez **..... 43**

**VIVÊNCIAS POLÍTICAS NO BRASIL DE 1924 A 1933 A PARTIR DOS ENSAIOS AGRARISMO E INDUSTRIALISMO DE OCTAVIO BRANDÃO E EVOLUÇÃO POLÍTICA DO BRASIL DE CAIO PRADO JR.** - Marcelo de Gois Barbosa **..... ..... 56**

**A QUESTÃO AMBIENTAL E OS DESDOBRAMENTOS DA REVOLUÇÃO VERDE NO BRASIL: INOVAÇÕES, TRANSFORMAÇOES E CONSEQUÊNCIAS** - Danilo de Longhi Tessaro**..... 66**

**ESPORTE BRETÃO - A VOZ DO POVO -** Matheus Barrientos Ferreira **.....79**

**TORTURA E REPRESSÃO DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA – AS MEMÓRIAS POR MEIO DAS CANÇÕES DE GONZAGUINHA -** Leandro dos Santos Fernandes **.. .....94**

**JUSTIFICADORES DA REPRESSÃO NO REGIME MILITAR BRASILEIRO: A OBRA DE COUTO E SILVA E A LEI DE SEGURANÇA NACIONAL -** Daniel Sartori Borges **..... .....104**

**ZAPATISMO CHIAPANECO E A MEMÓRIA INDÍGENA E REVOLUCIONÁRIA EM 1994: A PRIMEIRA DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA E A CRIAÇÃO DE SENTIDOS -** Igor Marconi**.....114**

**ENTRE A HISTÓRIA E O FANATISMO: A CONCEPÇÃO PERONISTA DA HISTÓRIA EM MUNDO PERONISTA (1951-1955) –** Raquel Fernandes Lanzoni**..... .....127**

***ESCRITORES FRENTE A LA REALIDAD:* O IMPACTO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA NO CHILE DE SALVADOR ALLENDE A PARTIR DA REVISTA *LA QUINTA RUEDA* (1972-1973) -** Amanda Beatriz Riedlinger Soares**..... 137**

**A EXALTAÇÃO DA REVOLUÇÃO: INTERTEXTUALIDADES ENTRE O MURAL *LA NUEVA DEMOCRACIA*, DO MURALISTA MEXICANO DAVID ALFARO SIQUEIROS, E O QUADRO *A LIBERDADE GUIANDO O POVO*, DE EUGÈNE DELACROIX** - Bruna Nunes de Souza e Daiane Aparecida da Rocha..... **145**

***TOGATUS* E *LORICATUS*: A SUCESSÃO DE NERVA POR TRAJANO NAS MOEDAS ROMANAS** - André Luís Belletini ..... **153**

**A PROMESSA DE SALVAÇÃO INDIVIDUAL APÓS A MORTE: CULTOS DE MISTÉRIO NA CORINTO ROMANA** - Alaína Garcia Margiotti ..... **166**

**CONCEPÇÕES DE LEGITIMIDADE REAL NA FORMAÇÃO DO IMPÉRIO CAROLÍNGIO** - Guilherme Tavares Lopes Balau..... **175**

**O ALÉM E A CULPA À LUZ DE AGOSTINHO DE HIPONA** - José Walter Cracco Junior ..... **181**

**ALGORITMOS COMO TECNOLOGIA DE VIGILÂNCIA DO "SISTEMA DE FÁBRICA" -** Camilla Voigt Baptistella..... **189**

**CONCEPÇÕES DE DEMOCRACIA EM PERSPECTIVA COMPARADA: UM ESTUDO SOBRE OS GOVERNOS MICHEL TEMER E MAURICIO MACRI (2015-2018) -** Bruno Natan Lima ..... **200**

**NEOLIBERALISMO, REPRESSÃO E TEMPO PRESENTE: A DITADURA CHILENA NAS PÁGINAS DE O ESTADO DE SÃO PAULO -** Vinícius Augusto Pontes de Carvalho..... **212**

**AEROMOÇAS EM REVISTAS: MODA E ELEGÂNCIA SOB O OLHAR DA IMPRENSA -** Felipe Bastos Maranezi..... **222**

**CULTURA E POLÍTICA NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA (*1978-1981) -** Higor Braen da Silva ..... **232**

**O MOVIMENTO ABOLICIONISTA PELO JORNAL A REDEMPÇÃO: UMA ANÁLISE ACERCA DO PERIÓDICO -** Maykon da Silva Justino Ferreira..... **244**

**O JORNAL *QUILOMBO* E O DEBATE SOBRE A DEMOCRACIA RACIAL -** Thayrine Tayran Mendes ..... **255**

**AS ATUALIZAÇÕES DO DEBATE ABOLICIONISTA NO JORNAL PAULISTANO *A REDEMPÇÃO* NOS ÚLTIMOS ANOS DA ESCRAVIDÃO (1887-1888) -** Jônatas Filipe de Paula..... **264**

**O FIGURINO CINEMATOGRÁFICO COMO EVIDÊNCIA HISTÓRICA NO FILME TANGA *(DEU NO NEW YORK TIMES?)*, FILME DE HENFIL -** Thais Blanco..... **274**

**HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES: A ESTRADA BOIADEIRA, SEUS SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS DO SUL DE MATO GROSSO AO NOROESTE PAULISTA (1906 A 1940) -** Natalia Scarabeli Zancanari..... **290**

**GÊNERO, DESIGUALDADE E ENSINO: COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES JOVENS ACERCA DAS ASSIMETRIAS ENTRE HOMENS E MULHERES -** Samanta Botini dos Santos **..... 300**

**A DUPLA MILITÂNCIA DO FEMINISMO BRASILEIRO N'O *BRASIL MULHER* (1975-1980) -** Izabele Vila Real Diamante **..... 313**

**A IDEIA DE TOLERÂNCIA NA OBRA *'COSMOS'* [1980] DE CARL SAGAN -** Igor Henrique dos Santos **..... 322**

**O PROJETO EDUCACIONAL JESUÍTICO NO PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO: EXPLORANDO O *RATIO STUDIORUM* -** ARGATI, Mariane Aparecida Viana e BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni **..... 335**

**CAOS E CONFUSÃO MENTAL: A REPRESENTAÇÃO DO AMOR NOS SERMÕES DO PADRE TEODORO DE ALMEIDA (1722-1804) -** Júnior César Pereira**..... 343**

**TRAJETÓRIA INDIVIDUAL E SENSIBILIDADES: UM ENSAIO SOBRE O TESTAMENTO DE MARC BLOCH (1941) -** Fernanda Dayara Salamon**..... 355**

**A EDUCAÇÃO JESUÍTICA: A ALFABETIZAÇÃO E A ESCRITA NAS REDUÇÕES GUARANI DO PARAGUAI -** Lucimara Andrade da Silva e Luana Aparecida da Silva**..... 371**

**OS MECANISMOS DE MANUTENÇÃO DO PODER, A ELABORAÇÃO DE CONSENSOS E A MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA EM REGIMES DITATORIAIS -** BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni**..... 381**

**NEGACIONISMO: DISCURSOS E PRÁTICAS DE PERPETUAÇÃO DO TRAUMA -**Mariana Boujikian Felippe **..... 392**

**INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES DA HISTORIOGRAFIA PARA OS ESTUDOS DA CULTURA -** Gabriela Martimiano Crepald Siqueira e Bruna Garcia Catarino**..... 402**

**POR UMA CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA DA OPERAÇÃO REVISIONISTA DO BRASIL PARALELO -** Pedro Zarotti Moreira **..... 415**

**CASAMENTO HOMOAFETIVO NO BRASIL E OS EMBATES ENTRE LGBTS E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: DE STONEWALL À RESOLUÇÃO 175/2013 DO CNJ -** Clodoaldo Oliveira Silva**..... 428**

**O MONGE HISTORIADOR: AS REPRESENTAÇÕES DO ZEN BUDISMO POR EDUARDO BASTO DE ALBUQUERQUE NO JORNAL NOTÍCIAS POPULARES (1976-1980) -** Leonardo Henrique Luiz **..... 439**

**DO *RIBU* AO MANGÁ: A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO JAPÃO PÓS-GUERRA E A EMERGÊNCIA DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DOS MANGÁS** - Izabela Marques de Oliveira **..... 450**

**HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA ZOROATRIANA: REFLEXÕES SOBRE O CAMPO E A INSERÇÃO DE PESQUISAS -** Iasmin Castro de Souza**..... ..... 459**

**O ROMANCE FEMININO SOBRE A IMIGRAÇÃO JAPONESA: QUESTÕES DE IDENTIDADE E MEMÓRIA (1980-1991) -** Luana Martina Magalhães Ueno**..... ..... 466**

**A PRESENÇA DA CULTURA MATERIAL E A CONSTRUÇÃO CULTURAL COTIDIANA NA EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ (1985-2019) -** Bruna Garcia Catarino e Tatiane dos Santos Bairros**..... ..... 481**

**IDENTIDADE E HISTÓRIA: FOTOGRAFIAS DA AROL NO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA -** Bruna Carolina Monteiro **..... 494**

**A UTILIZAÇÃO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO METODOLOGIA EM FONTES DA ANTIGUIDADE TARDIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES -** Vinícius da Silva Proença**..... 503**

**A AUTORIDADE DA HISTÓRIA COMO CIÊNCIA NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO -** Thiago de Barros Álvares e Lima**..... 513**

**HOLOCAUSTO E PÓS-MODERNIDADE: SOBRE GINZBURG E WHITE, MAIS UMA VEZ -** Lucas Furtoso **..... 527**

**O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL E OS USOS DO PASSADO: POLÍTICAS EDUCACIONAIS E NOVAS EPISTEMOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA -** Eloá Lamin da Gama**..... 543**

**RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA -** Andressa da Silva Oliveira**..... ..... 554**

**NEGACIONISMO AO TERMO DITADURA MILITAR: A ABORDAGEM DO PROFESSOR NAS SALAS DE AULAS -** Geovanna Beatriz Lopes e Samuel Henrique de Almeida **..... ..... 567**

**UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA MODA: AS MUDANÇAS NA INDUMENTÁRIA PELO JORNAL DAS MOÇAS ENTRE 1914 E 1930 -** Letícia Fernochi**..... 579**

**A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DA EMPATIA HISTÓRICA PARA O USO DO CONCEITO DE SOFRIMENTO NAS ALULAS DE HISTÓRIA -** Marcos Fernandes**... ..... 585**

**POLÍTICAS EDUCACIONAIS, NEOLIBERALISMO E NEOCONSERVADORISMO: DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL -** Amanda Camargo Rocha **..... 591**

**AVALIAÇÃO EM HISTÓRIA NO ENEM: MEMORIZAÇÃO DE CONTEXTOS E DE CONCEITOS SUBSTANTIVOS -** Alessandro Henrique

Monteiro..... **603**

**CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO E INVESTIGAÇÃO: ABERTURA POLÍTICA E PROCESSO CONSTITUINTE NO BRASIL -** Jeferson José Gevigier..... **611**

**A QUESTÃO DA INDISCIPLINA E SUA RELAÇÃO COM OS PRESSUPOSTOS DE APRENDIZAGEM EMPREGADOS PELAS DIFERENTES TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS NA PRÁTICA ESCOLAR BRASILEIRA AO LONGO DE SUA HISTÓRIA -** Fernanda Kelen de Oliveira e Camilla S. de Simoni Bolonhezi..... **624**

**OS ESTADOS UNIDOS, A AMÉRICA LATINA E O BRASIL: RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA FRIA -**Vinicius Marcondes Araújo ..... **634**

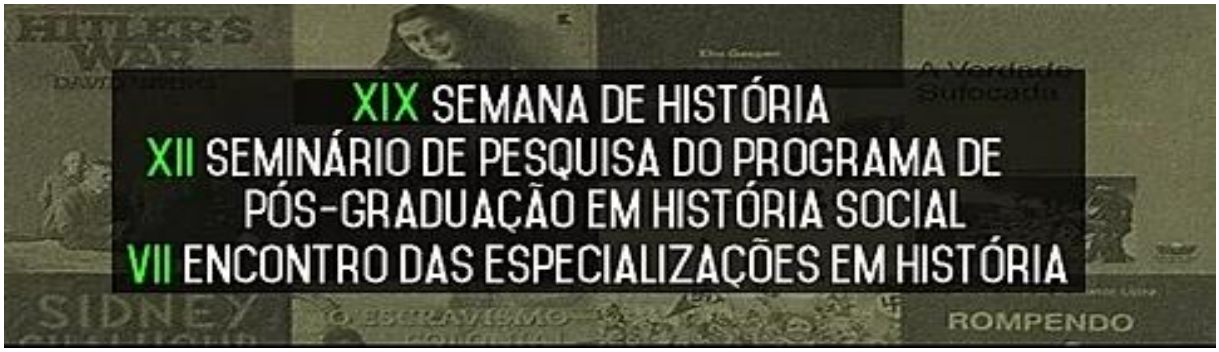
**OS *CRISTIANOS POR EL SOCIALISMO* E O PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO NO GOVERNO DE SALVADOR ALLENDE (1970 – 1973) -** Eduardo Matheus de Souza Dianna ..... **646**

**ALÉM DAS FRONTEIRAS DA CRISTANDADE: AS COMUNIDADES CRISTÃS PRÉVIAS À CONSOLIDAÇÃO DO CORPO ECLESIÁSTICO NA ESCANDINÁVIA MEDIEVAL** - Rodrigo Kmiecik ..... **657**

**ASPECTOS GERAIS ACERCA DAS TRANSFORMAÇÕES DO POLITEÍSMO NO EGITO PTOLOMAICO -** Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia ..... **671**

**O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE DE UMA COMUNIDADE VINCULADA A UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR -** SANTOS, Jaqueline Aparecida dos e BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni ..... **683**

**SÃO BENTO DE NÚRSIA ENTRE A HAGIOGRAFIA DE SÃO GREGÓRIO E DE TIAGO DE VORAGINE -** Felipe Oliveira de Almeida ..... **692**






# A GUERRA DO PARAGUAI EM MANUAIS DIDÁTICOS: FONTES PARA ANÁLISE DA CULTURA ESCOLAR E DA CULTURA HISTÓRICA

Andrew Cesar de Goes[1]
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo**

A Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra do Paraguai[2], tem sido tema de pesquisa e debate desde a época do final do conflito em 1870. Ao largo deste período diversas interpretações, abordagens e métodos historiográficos produziram mudanças nas formas de narrar essa história, sendo possível destacar três grandes vertentes historiográficas brasileiras sobre o conflito: a versão tradicionalista; revisionista; e a neorrevisionista. O presente trabalho toma como fonte de investigação manuais didáticos de história, entendidos como fontes para análise da cultura escolar (FORQUIN, 1993) e da cultura histórica (RÜSEN, 1994), com o objetivo de identificar as relações entre as narrativas produzidas pelos manuais e as influências recebidas das diversas vertentes historiográficas. Espera-se, com isso, problematizar as relações entre a história produzida nas universidades e a história vivenciada na escola, contribuindo para ampliação das discussões sobre a didática da história e a cultura histórica.

**Palavras-chave:** Guerra do Paraguai; Manuais Didáticos; Didática da História; Cultura Histórica; Historiografia.

## Introdução e Justificativa

A Guerra da Tríplice Aliança foi um conflito ocorrido na segunda metade do século XIX, na região da Bacia do Prata na América do Sul e envolveu diretamente a quatro países: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, sendo os três primeiros, os

[1] Mestrando em História Social – Linha de Pesquisa História e Ensino pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Orientador: Prof. Dr. Éder Cristiano de Souza.

[2] A Guerra da Tríplice Aliança, também chamada de Guerra do Paraguai e de Guerra Guasu (grande), recebeu diferentes nomenclaturas na historiografia. Isso ocorreu devido às diferentes perspectivas sobre o evento histórico, que está muito relacionado com o ponto de origem dos teóricos que produziram obras e estudaram esta temática. No Brasil, por exemplo, conhece-se por Guerra do Paraguai, pois nos leva a entender que a guerra foi causada pelo Paraguai, ideia presente nas primeiras produções historiográficas brasileiras.

Estados que compunham a chamada Tríplice Aliança e que se uniram para lutar contra o Paraguai.

O conflito causou impactos na vida política e social dos quatro países e se tornou parte da historiografia nacional de todos os envolvidos, ainda que com grau de importância distintos[3]. No Paraguai, o maior afetado pelo conflito, a Guerra da Tríplice Aliança representa um verdadeiro divisor de águas da história do país pós-independência. O conflito é central na historiografia nacional, sendo resgatado de tempos em tempos para explicar as origens do atraso do país, seus problemas sociais e sobretudo, a relação de dependência com os países vizinhos. Já no Brasil, vemos que a guerra também causou um impacto significativo na história do país, marcando o início da queda do sistema monárquico, no entanto, para a historiografia brasileira, o conflito não possui a mesma centralidade.



Além do grau de relevância na historiografia que muda de um país ao outro, existem divergências e disputas sobre a imagem das principais figuras históricas; sobre as causas que levariam ao conflito e suas consequências para os dias atuais[4], o que costuma gerar debates acalorados entre brasileiros e paraguaios quando colocados lado a lado.

Assim sendo, comecei a refletir sobre as possíveis origens desses choques entre os dois povos. O começo de tudo, poderia estar presente no meio escolar, espaço em que os conteúdos de história são criteriosamente selecionados e ensinados aos alunos, característica que faz parte de uma cultura que Forquin (1993) denomina como *cultura escolar*.

Nas aulas de história da escola, os estudantes têm, ou pelo menos deveriam ter, a oportunidade a partir de diferentes ferramentas didáticas explorar e conhecer o passado, a fim de entender o presente e tentar traçar possíveis futuros à sociedade, buscando sempre a melhoria da sociedade na qual os mesmos estão inseridos. Neste âmbito, quando os discentes são colocados frente aos entraves sociais e políticos (presentes ou passados), inevitavelmente, devem reproduzir narrativas (novas ou não) para que possam se posicionar.

O posicionamento, somado à produção e/ou reprodução de discursos,

[3] Neste trabalho, serão trabalhados os impactos e perspectivas da guerra no Brasil e no Paraguai. No Paraguai, a Guerra da Tríplice Aliança tem uma importância muito maior na historiografia nacional se compararmos com as historiografias nacionais dos outros países envolvidos.

[4] Tais constatações foram possíveis ao escutar relatos de paraguaios e de brasileiros sobre a Guerra da Tríplice Aliança na fronteira entre Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai).

implica diretamente no uso e significações de um passado selecionado para determinados objetivos a serem alcançados. O pretérito deve estabelecer uma relação com uma problemática do momento em que se produz a narrativa, possibilitando assim, uma solução para o futuro. Esta inter-relação entre os tempos históricos, podemos entender nas palavras de Rüsen (2006) como sendo a *consciência histórica*.



A consciência histórica é parte central de uma área do conhecimento chamada *Didática da História* que foi separada da ciência da História a partir do século XIX e voltou a aproximar-se somente após a segunda metade do século XX. A Didática da História nos permite entender a história como a mestra da vida e é responsável por ajudar a compreender como são feitas as apropriações e usos do passado, bem como os possíveis impactos destas ações.

Nos sistemas de ensino dos Estados Nacionais modernos, sobretudo ao longo do século XIX – momento em que se formavam tais Estados, a História nas escolas desempenhou um papel fundamental, criar um sentimento nacionalista a partir de histórias oficiais, marcadas principalmente por elementos positivistas da teoria historiográfica. Logo, a partir de uma série de eventos cronológicos carregados de glória e de “grandes homens”, foi possível constituir inicialmente um passado nacional e a partir de então, outros passados reproduzidos em livros, museus, filmes, etc. que são elementos constituintes do que Rüsen (1994) denomina como *cultura histórica*.

A cultura histórica, bem como a didática da história e a consciência histórica, constituídas inicialmente a partir da cultura escolar, nos ajudam a entender a produção e os choques que ocorrem entre diferentes narrativas nacionais, sobretudo quando mencionam o mesmo processo histórico, neste caso a Guerra da Tríplice Aliança.

Como desejava entender as origens dos confrontos de discursos entre brasileiros e paraguaios, decidi realizar minha pesquisa no ambiente da cultura escolar, utilizando como fonte de pesquisa, a clássica ferramenta pedagógica de muitas escolas até a atualidade, os livros didáticos, também chamados de manuais didáticos.

Os materiais escolares, constituem-se como importantes elementos de análise, por serem objetos pertencentes tanto à cultura escolar quanto à cultura histórica. Um estudo detalhado sobre os manuais didáticos nos permite identificar o

grau de relevância e a preponderância de determinados passados sobre outros dentro dos currículos de história, bem como a apropriação simbólica sobre personagens famosos da História, além das possíveis consciências históricas que podem ser formadas a partir das narrativas.

Através do estudo da historiografia produzida sobre a Guerra da Tríplice Aliança dentro da Academia Brasileira, pude identificar a predominância de quatro narrativas históricas distintas, sendo elas: tradicionalista; revisionista, neorrevisionista, atuais (as quais criticam posicionamentos tomados pelo neorrevisionismo, sobretudo, à Francisco Doratioto (2002) e sua obra "Maldita Guerra".



A didática da história, entendida após os anos 1970 como ciência constituída juntamente à ciência historiográfica, deveria estabelecer contato direto com o conhecimento e debates produzidos no meio acadêmico tradicional da História. Os questionamentos do porquê do fazer historiográfico cruzariam as fronteiras da Ciência Histórica Tradicional[5], e possibilitaria que a história supere o paradigma construído ao longo do século XX nas academias, o qual acredita que a história é explicável em si mesma e questionar mais sobre assuntos como os usos do passado e o impacto das historiografias sobre as sociedades.

**Objetivos**

O objetivo geral deste trabalho é realizar um estudo e análise das diferentes historiografias produzidas sobre a Guerra da Tríplice Aliança no Brasil e no Paraguai e como estas estão presentes nos livros didáticos escolares em ambos os países. Como dito anteriormente, a justificativa de tal estudo consiste em que os livros didáticos ainda são ferramentas de grande importância na constituição da cultura e consciência histórica dos cidadãos, sobretudo quando encontram-se no espaço escolar.

A partir do objetivo geral, surgem outros objetivos pontuais ao longo do estudo, como por exemplo, entender as diferentes narrativas sobre a Guerra da Tríplice Aliança, o porquê de existir mais de uma; entender os objetivos e contextos

[5] Ver Rüsen (2006). À ciência histórica tradicional, me refiro à ciência histórica que alegava justificar sua existência por si só e realizava discussões sobre suas próprias teorias e estruturas, sem uma reflexão sobre o porquê de sua produção, seus impactos e usos práticos na vida social. As últimas tarefas serão objetos de análise da chamada didática da história, na qual a consciência histórica terá um papel central.

nas quais elas foram sendo desenvolvidas e os impactos das mesmas. Além disso, posso destacar como um dos objetivos deste trabalho, demonstrar a relação da cultura escolar com a cultura histórica, bem como a relação da Didática da História com a cultura escolar, cultura e consciência histórica.

**Resultados**



Ao analisar as narrativas historiográficas sobre a Guerra da Tríplice Aliança produzidas ao longo do tempo, é possível notar a predominância de algumas correntes em determinados momentos. Foi possível constatar que desde o final do conflito em 1870, no Brasil houve um esforço de constituir uma narrativa histórica oficial do Brasil, no momento em que Dom Pedro II, através da criação de órgãos como o IHGB e os primeiros tombamentos históricos buscava consolidar uma versão do que era a História do Brasil.

Marcada por fortes traços positivistas, é possível identificar que ascende neste momento a vertente tradicionalista do conflito, a qual coloca Francisco Solano López como o grande responsável pelo conflito. Segundo esta narrativa, o assim classificado “ditador e tirano” paraguaio oprimia o seu próprio povo e que a intervenção brasileira no Paraguai não era somente uma resposta aos primeiros ataques realizados pelo exército paraguaio no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul, mas também um ato de libertação do povo daquele país, que sofria em uma tirania. Neste caso, o Império Brasileiro luzia como vítima (por ser o primeiro atacado) e ao mesmo tempo como herói por libertar o povo vizinho. É possível identificar o culto aos grandes personagens, bem como uma história sequencial dos grandes acontecimentos.

Já a partir da década de 1960, começa a emergir na historiografia do conflito uma nova narrativa de caráter mais marxista. A chamada vertente revisionista, tentava entender as causas que levaram o Paraguai aos ataques em solo brasileiro e argentino e a principal causa, seria o cenário econômico internacional. Segundo esta versão, o Paraguai era uma nação em rápido e crescente desenvolvimento econômico e social, o que incomodava o Império Britânico, a principal economia do mundo na época. Francisco Solano López, teria atacado ao Brasil e a Argentina como uma medida de defesa desesperada ao governo Blanco do Uruguai que era derrocado por tropas imperiais do Brasil, sendo o cerco à cidade de Paysandu um

símbolo deste episódio.

Significa que diferentemente da primeira narrativa, a segunda colocava Solano López e o Paraguai não como agressores, e sim como vítimas do imperialismo brasileiro. Nas palavras de Chiavenatto (1990):

> A ocupação do Uruguai pelas forças do Império do Brasil ofendiam o Tratado de 1850 – não havia outra saída para Francisco Solano López, desde que toda uma conjuntura internacional estava armada contra o Paraguai, que fazer cumprir o acordo de defesa mútua com os orientais. Estava começando a guerra: já em 14 de novembro de 1864 a República do Paraguai rompeu relações diplomáticas com o Império do Brasil. Nesse mesmo dia foi apresado pelas forças paraguaias o navio brasileiro Marquês de Olinda, que levava ao Mato Grosso o Coronel Carneiro de Campos, nomeado seu governador. Era o início das hostilidades. Era exatamente o que o Império do Brasil esperava para denunciar a "agressão" de Solano López e configurar uma guerra de "legítima defesa". (CHIAVENATTO, 1990, p. 109).



Já nos anos 1990, essa teoria de que o Paraguai era uma potência em crescimento, começou a ser questionada pelos chamados neorrevisionistas, entre eles Francisco Doratioto (2002), que através de compilações de documentos diplomáticos nega o sucesso econômico paraguaio. Segundo a nova teoria, o que havia era na verdade uma disputa de fronteiras na Bacia do Prata, bem como uma intensa disputa pelo controle dos rios da região. A fragilidade da formação dos Estados Nacionais, bem como os interesses geopolíticos levaram os países ao conflito. Não se nega que o Paraguai atacou buscando salvar o governo blanco que lutava contra a invasão brasileira no Uruguai, no entanto, ao propor uma nova historiografia, voltaram à tona velhos discursos, como o fato de Solano López ser um tirano ou louco.

Essa é a principal crítica que os teóricos mais atuais fazem, principalmente sobre a obra Maldita Guerra de Doratioto, que busca narrar uma nova historiografia sobre a Guerra do Paraguai, mas resgata velhos preconceitos da historiografia tradicionalista do passado, trazendo-os novamente para o presente. Mas afinal, como essa cultura histórica aparece nos livros didáticos analisados até o momento pesquisados? Existe um contato dessas discussões da cultura histórica com a cultura escolar? Abaixo, apresento as pesquisas feitas até o momento para iniciar a sanar estes questionamentos.

## LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

| LIVROS | ANTECEDENTES E ESTOPIM DO CONFLITO | RESULTADOS DA GUERRA, SEGUNDO OS LIVROS DIDÁTICOS | NARRATIVA PREDOMINANTE; OBJETIVOS; PROTAGONISTAS. |
|---|---|---|---|
| HISTÓRIA EM MOVIMENTO 2 – 2º ANO DO ENSINO MÉDIO | 1) Consolidação dos estados nacionais na região do Prata;<br>2) Preocupação do império em evitar a formação de uma grande nação platina que ocupasse o território do antigo vice-reino do Prata.<br>**ESTOPIM:** Ataque brasileiro ao Uruguai . | 1) **Paraguai:** o resultado da guerra foi desastroso. O país perdeu 40% de seu território para os aliados, a população masculina adulta foi dizimada e a economia foi destruída por completo. Além de muitas crianças terem morrido em combate, ou por péssimas condições de higiene.<br>2) **Brasil:** Fortalecimento do exército; Afirmação da identidade nacional; Morte de 30 mil soldados; Aumento da dívida externa; Fim da escravidão e da monarquia. | 1) Neorrevisionista com muitos elementos da nova tendência historiográfica sobre o conflito.<br>2) Mostra aos estudantes que quem lutou e morreu na Guerra do Paraguai foram indígenas, pobres, escravos e libertos, os quais foram os grandes perdedores, já que não tinham nada a ver com os grandes interesses dos estadistas.<br>3) Indígenas; Pessoas das camadas populares; Mulheres que auxiliaram o exército. |
| PROJETO ARARIBÁ – 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL | 1) Disputa dos Estados Nacionais pelo controle dos rios da Bacia do Prata.<br>**ESTOPIM:** Ataque brasileiro ao Uruguai | 1) **Paraguai:** Perda de terras anexadas pelos vencedores; População dizimada; Fim das indústrias e rodovias; Retorno do latifúndio e entrada de produtos ingleses.<br>2) **Brasil:** 40 mil combatentes mortos; Dívidas contraídas, que aumentaram a inflação. | 1) Neorrevisionista com alguns pequenos traços do revisionismo.<br>2) Mostrar que tanto o Brasil, quanto o Paraguai, saíram perdendo no final da guerra. Principalmente o segundo, que sofreu uma completa destruição.<br>3) Dom Pedro II e Solano López. |
| PROJETO TELÁRIS – 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL | 1) Fronteiras nacionais não definidas.<br>2) Os Estados temiam que quando um país consolidasse suas fronteiras, dominaria sozinho a Bacia do Prata.<br>**ESTOPIM:** Ataque brasileiro ao Uruguai. | 1) **Paraguai:** Cidades e economia destruídas; População masculina dizimada e perda territorial.<br>2) **Brasil:** 30 mil soldados mortos; Rombo nos cofres públicos; Fortalecimento do exército; Queda da monarquia. | 1) Neorrevisionista com elementos da nova tendência historiográfica sobre o conflito.<br>2) Mostrar aos estudantes que na Guerra do Paraguai quem lutou e morreu foram indígenas, pobres, escravos e libertos, os quais foram os grandes perdedores e não tinham nada a ver com os grandes interesses dos estadistas.<br>3) Indígenas ; Pessoas das camadas populares; Escravos |
| Estudar história. Das | 1) Expansão paraguaia através da | 1) **Paraguai:** Perda territorial; População | 1) Neorrevisionista.<br>2) Mostrar as principais |

| | | | |
|---|---|---|---|
| origens do homem à era digital | navegação na bacia do Prata.<br>**ESTOPIM:** Ataque brasileiro ao Uruguai. | dizimada. Pagamento de indenização de guerra ao Brasil, perdoada em 1943.<br>2) **Brasil:** 50 mil brasileiros morreram; Crise econômica | causas que levaram ao conflito, bem como as consequências desta para os envolvidos, a partir da perspectiva paraguaia.<br>3) Governantes paraguaios; Venâncio Flores; Soldados brasileiros negros. |
| HISTORIAR – 8º ANO | 1) Questões de fronteiras e disputas pelo controle da navegação dos rios da região Platina.<br>**ESTOPIM:**<br>Aprisionamento do navio Marquês de Olinda. | 1) **Paraguai:** Perda territorial.<br>2) **Brasil:** Aumento da dívida externa; Fortalecimento do exército brasileiro. | 1) Neorrevisionista, mas mescla com elementos da vertente tradicionalista, como linhas cronológicas e imposição da culpa à Solano López.<br>2) O objetivo é explicar brevemente o que foi a Guerra do Paraguai e o enfoque principal está em mostrar os impactos do conflito ao Brasil.<br>3) Solano López; Mulheres brasileiras que auxiliaram o exército (Florisbela, Maria Curupaiti e Jovita Alves Feitosa); Soldado negro brasileiro. |
| PARA VIVER JUNTOS – HISTÓRIA | 1) Disputas pelo controle da bacia do Prata e a interferência do Paraguai, Brasil e Argentina na política interna do Uruguai.<br>**ESTOPIM:**<br>Aprisionamento do navio Marquês de Olinda. | 1) **Paraguai:** População dizimada; Total destruição da economia, que nunca mais se recuperou. | 1) Neorrevisionista mesclada com o revisionismo.<br>2) Mostrar que o Paraguai teve certa culpa no início, mas que ao final do período, foi a grande vítima sendo o país mais devastado.<br>3) Francisco Solano López |
| HISTÓRIA: CULTURA E SOCIEDADE. O CONTEMPORÂNEO, MUNDO DAS RUPTURAS | 1) Preservação de territórios e fronteiras.<br>2) Navegação na Bacia do Prata.<br>3) Imperialismo britânico.<br>**ESTOPIM:** Ataque paraguaio ao Mato Grosso. | **1) Paraguai:** Estruturas social e econômica destruídas; Impediu o desenvolvimento do país até a atualidade.<br>**Brasil:** Grave crise econômica;<br>Fortalecimento do movimento abolicionista. | 1) Mescla neorrevisionista e revisionista. Nenhuma das duas prevalece. Fica evidente quando o livro coloca como causas do conflito, ao mesmo tempo a disputa pela navegação na Bacia do Prata e o Imperialismo britânico.<br>2) Colocar o Paraguai como o grande causador do conflito, já que López é tido como ditador e o primeiro agressor ao haver invadido o Mato Grosso, mas ao mesmo tempo o país também é uma grande vítima, já que no livro existe um quadro ressaltando o impedimento do desenvolvimento econômico paraguaio da atualidade, ainda devido à guerra ocorrida no século XIX.<br>3) Francisco Solano López; |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | | Combatentes negros/mestiços – escravos ou escravos libertos. |
| JORNADAS.HIST – 8º ANO | 1) Disputa pela Bacia do Prata;<br>2) Guerra civil e instabilidade política no Uruguai.<br>**ESTOPIM:** Ataque brasileiro ao Uruguai. | 1) **Brasil:** 50 mil brasileiros mortos; Fortalecimento do exército; Aumento da dívida externa.<br>2) **Paraguai:** catástrofe demográfica. | 1) Neorrevisionista, apresentando como causas centrais para a ocorrência do conflito as disputas dos Estados nacionais da região da bacia do Prata.<br>2) Mostrar com detalhes os antecedentes que posteriormente levariam à guerra e que na guerra não houve vendedor, ao final, todos saíram perdendo de alguma maneira.<br>3) Presidentes de todos os países envolvidos; Soldados que lutaram na guerra. |



Ao analisar os oito livros didáticos, foi possível constatar que há uma predominância majoritária da narrativa neorrevisionista. O revisionismo historiográfico (vertente marxista), bem como a história tradicional (vertente positivista), quando aparecem, notam-se apenas alguns resquícios. Além disso, o neorrevisionismo acerca da Guerra do Paraguai, não segue uma linha historiográfica delimitada, apesar de apresentar uma aproximação com as discussões da História Cultural e de "uma história vista de baixo"[6].

A "história vista de baixo" nos livros didáticos brasileiros sobre a Guerra do Paraguai mostra-se quando os indígenas envolvidos na contenda são lembrados, bem como setores sociais economicamente desfavorecidos. Pode ser considerado que essa tendência tenha se iniciado com o marxismo revisionista, já que principalmente a memória dos escravos começou a ser resgatada neste período. No entanto, foi algo muito sutil, já que não se aprofundou os estudos nesta temática e ainda, as investigações não foram ampliadas como atualmente é feito, buscando entender o papel dos indígenas, e outros grupos.

Em quase todos os livros didáticos foi dada a explicação neorrevisionista para explicar o conflito. Foi unânime entre todos os materiais dizer que a Guerra do Paraguai foi o resultado direto da disputa dos Estados Nacionais sobre a Bacia do Prata. Além disso, foi comum afirmar que a contenda bélica ocorreu também pela

[6] Historiografia que busca apresentar o cotidiano dos setores sociais populares, os quais não eram estudados em linhas historiográficas anteriores, como no caso do positivismo que tratava apenas dos grandes acontecimentos e dos grandes personagens da história.

“imaturidade” dos países sul-americanos, os quais ainda não possuíam suas fronteiras bem delimitadas e, no caso uruguaio, o Estado passava por intensas turbulências no cenário político.

Quanto às consequências da contenda militar, a maioria deles colocam que para o Paraguai, a guerra foi uma catástrofe, resultando na completa destruição do país. Já para o Brasil, os elementos mais destacados pelos autores foram o aumento da dívida externa do país, um saldo de mortos que varia de 30 mil à 50 mil pessoas e em diversos materiais foi destacado o fortalecimento político do exército, que contribuiria anos mais tarde com o fim da monarquia.



Em linhas gerais, os livros tentaram destacar que a Guerra do Paraguai foi fruto da incapacidade dos Estados Nacionais da região do Prata em negociar diplomaticamente o uso dos rios da bacia, que eram de extrema importância para todos os países. Alguns colocam como culpado pelo início do conflito o Brasil, outros mencionam o Paraguai como responsável, mas esta não foi a discussão principal promovida pelos materiais. Os livros em sua grande maioria, tentaram representar que a guerra foi prejudicial a todos, pois transformou o Paraguai em um país completamente devastado, que sofre consequências até o presente. Para os aliados, especialmente o Brasil, o conflito foi igualmente desastroso, pois afundou o país em dívidas externas gerando uma grave crise econômica com a Inglaterra e vitimou de 30 a 50 mil pessoas, além de D. Pedro II ter fortalecido uma das instituições que o derrocariam anos mais tarde, o exército.

As narrativas contribuem para conformar a consciência histórica, de que o Brasil em nada ganhou com a guerra. Podemos colocar nosso país como mais um perdedor, já que em aspectos gerais, o conflito trouxe mais prejuízos que benefícios. Além disso, a vitória militar não foi gloriosa como recordada no passado, posto que o Brasil foi um dos grandes responsáveis por dizimar a população do Paraguai e destruir quase tudo que existia no país vizinho.

## Considerações Finais

A Guerra do Paraguai é um tema delicado e controverso que está longe de ser um assunto encerrado às discussões historiográficas. Nota-se que os livros escolares recentes, estão começando a ter contato com as discussões acadêmicas atuais, mas que ainda mesclam elementos das vertentes historiográficas

predominantes, sobretudo a revisionista e a neorrevisionista. Alguns, mostram as diferentes vertentes de forma separada, para que o aluno possa claramente identificar a multiperspectividade sobre o episódio histórico[7]. Outros, acabam mesclando os elementos e constituindo uma narrativa única, o que não deixa claro ao estudante a presença de mais de uma vertente historiográfica no texto.

Nota-se que na maioria dos manuais didáticos analisados até o momento, o assunto ainda é abordado de forma breve e superficial. O assunto é recordado nos capítulos posteriores que abordam a crise do Império e colocam a guerra como o motivo principal para a Questão Militar e a ascensão do exército brasileiro na política com o pensamento republicano positivista. No entanto, apesar das divergências que ainda existem nas historiografias e que aparecem nos materiais escolares, uma mensagem fica clara em todos os livros observados.



A Guerra foi desastrosa para todos os envolvidos, como em outros conflitos, não houve vencedores. Ocorreu um extermínio da população paraguaia, bem como a completa destruição de todas as estruturas sociais/políticas/econômicas do país. O Brasil, sacrificou muitas vidas também no conflito e contraiu uma imensa dívida externa com a Inglaterra. Pedro II criou condições e instituições que o levariam a sua própria derrocada anos mais tarde, bem como ao esfacelamento do Império Brasileiro.

O próximo passo da pesquisa é estudar os livros didáticos paraguaios que possivelmente trarão novas interpretações sobre o conflito, bem como pesquisar mais livros didáticos brasileiros que possam gerar alterações nas análises qualitativas do estudo. Através da continuidade deste estudo pretendo também investigar mais a relação existente entre a cultura histórica e a cultura escolar.

**Referências Bibliográficas**

APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto ARARIBA – História 8º ano do Ensino Fundamental**. São Paulo. Editora Moderna, 4ª Edição, 2014. p. 196, 210 .

AZEVEDO, Gislaine; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento 2. O mundo moderno e a sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora Ática, 2ª Edição 2013. Cap. 29, p. 249 - 254.

[7] Para estudiosos como Rüsen (1997) e Lee (2016), o ensino de história que aborda a multiperspectividade seria o ideal, já que o aluno a partir disso estaria mais próximo da aprendizagem histórica, o que possivelmente lhe permitiria entender a construção do pensamento histórico, bem como os usos feitos do passado.

AZEVEDO, Gislaine; SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto Teláris – História 8º ano**. São Paulo. Editora Ática, 2ª Edição, 2016. Cap. 8, p. 186 – 205.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História. Das origens do homem à era digital – 8º ano**. São Paulo. Editora Moderna, 2ª Edição, 2016. P. 218 – 219

CHIAVENATO, Julio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. Editora Brasiliense, 24ª Edição, 1990.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, **Jaime. Historiar – 8º ano do Ensino Fundamental**. São Paulo. Editora Saraiva, 2ª Edição, 2015. Unidade 15, cap. 4, p. 224 -227.

DORATIOTO Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra–nova história da Guerra do Paraguai.** Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

DOS REIS, Anderson Roberti; MOTOOKA, Débora Yumi. **Para viver juntos – História 8º ano**. Editora SM, 2011. Cap. 5, p. 180, 183.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. São Paulo. Editora Artes Médicas, 1993, 201 p.

LEE, P. "Literacia histórica e história transformativa". In: **Educar em Revista**, n.60 Curitiba Abr/Jun. 2016 (DOSSIÊ - Aprendizagem Histórica: Pesquisa, Teoria e Prática).

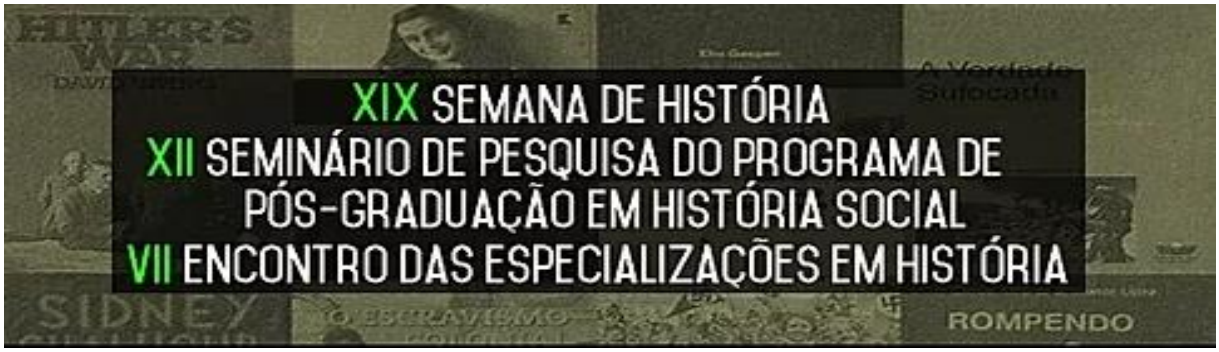
MORENO, Jean; VIEIRA, Sandro. **História: Cultura e Sociedade. O contemporâneo: Mundo das rupturas.** Curitiba. Editora Positivo, 2015. Cap. 5, p. 67, 75 – 76.

PANAZZO, Silvia; Vaz, Maria Luísa. **Jornadas. Hist – 8º ano do Ensino Fundamental.** São Paulo. Editora Saraiva, 2012. p. 216 – 222.

RÜSEN, Jörn. El libro de texto ideal. Reflexiones entorno a los medios para guiar las clases de historia. **Iber: Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia**, v. 4, n. 12, 1997, p. 79-93.

_____. Que es la cultura historica?: reflexiones sobre uma nueva manera de abordar la historia. Tradução de: SÁNCHEZ COSTA, F.; SCHUMACHER, Ib. Original In: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H. T.; RÜSEN, J. (Eds.). Historische faszination. geschichtskultur heute. 1994, p. 3-26.

_____. **Didática da História:** passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Práxis educativa, Ponta Grossa – PR, v.1, n.1, 15 jul./dez. 2006. Tradução de Marcos Roberto Kusnick






# AS FRONTEIRAS DO IMPÉRIO: SOBERANIA E NAVEGAÇÃO FLUVIAL NO RIO AMAZONAS

Marcus Alex da Silva

(Graduando em História na Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** Na década de 1850 o Império do Brasil sofreu pressões externas para a abertura da livre navegação da Bacia Amazônica. Nos EUA, o tenente Mathew F. Maury, militar e estudioso dos oceanos com destaque, publicou a obra *O Amazonas e as costas atlânticas da América Meridional* que fazia a defesa da livre navegação no Amazonas, elencando inúmeras justificativas científicas, políticas e econômicas para isso. Através da história dos conceitos e da análise do discurso essas justificativas serão analisadas, além do contexto político do período que justificam a obra e suas intenções.

**Palavras-chave:** soberania – fronteiras – navegação – Amazonas – relações internacionais

## Introdução

No século XIX tomaram forma as independências das colônias portuguesas e espanholas nas Américas, processo que desembocou na formação dos estados-nacionais pós-independência. A formação desses estados demandava, além de outras coisas, a delimitação das fronteiras desses novos países. Outros fatores também pesavam na formação desses estados, sendo a influência de potências externas, como EUA, Grã-Bretanha e França, um dos mais importantes.

Neste contexto, em dezembro de 1853 o Correio Mercantil anunciava a venda da obra intitulada *O Amazonas e as costas atlânticas da América Meridional* de autoria do tenente da Marinha dos EUA Mathew F. Maury, na qual ele fazia a defesa da livre navegação do rio Amazonas baseando seus argumentos nas ideias liberais,

como as de John Locke. A percepção da ameaça e a reação por parte dos brasileiros não tardou e, no mesmo Correio Mercantil, publicou-se e dezembro de 1853 e janeiro de 1854 um texto intitulado *O Amazonas*, no qual o autor procurou rebater Maury. Entre maio e junho de 1854, a Revista Marítima Brasileira, periódico militar, também publicou sob o mesmo título de *"O Amazonas"* um artigo crítico à obra de Maury dividido em três partes e distribuído entre os números 21 a 23. Esta resposta foi mais tarde publicada no livro *O Amazonas: breve resposta à memória do tenente da Armada Americana Inglesa F. Maury sobre as vantagens da livre navegação do Amazonas*, de autoria do Coronel José Baptista de Castro Moraes Antas. Houve também um relatório do Conselho de Estado de abril de 1854 escrito por Paulino Soares de Souza que versava sobre o assunto.



A obra de Maury elenca vários argumentos como a ligação natural da bacia do Amazonas com a bacia do Mississipi, o pouco desenvolvimento da região e as vantagens e o progresso da economia da região, que serão analisados em detalhes. Antes é preciso compreender a política externa do Império no século XIX e as forças que atuavam na construção dessa política.

**Prata e Amazonas, a construção de uma política externa**

A região da bacia do Prata ganha um grande destaque quando falamos da política externa imperial, dado à sua complexidade e disputas herdadas desde o período colonial, mas a região amazônica também envolvia diversos atores e atraía a atenção da diplomacia imperial. O Império herdou as incertezas dos limites definidos pelas coroas ibéricas ainda no século XVII, com vários tratados e a indefinição sobre a validade desses tratados. Até a década de 1850 não havia uma política coerente quanto à navegação fluvial e os limites na América do Sul em função dessas incertezas, mas também porque os Estados nacionais da região ainda não estavam consolidados internamente.

Inicialmente há uma contradição de interesses brasileiros nas duas principais bacias sul-americanas: no Prata, buscava-se a livre navegação para a comunicação com o Mato Grosso e oeste do Paraná e São Paulo; no Amazonas, buscava-se impedir a livre navegação das nações estrangeiras. A doutrina estabelecida na segunda passagem de Paulino Soares de Souza, o visconde de Uruguai, pela secretaria de negócios estrangeiros (1849-1853) é que viria a equacionar essa

contradição, estabelecendo a livre navegação para as nações ribeirinhas em troca de territórios disputados, sendo o princípio do *uti possidetis* utilizado para as definições desses limites na região amazônica. O tratado de 1851 com o Peru lançaria as bases da política externa imperial para a região estabelecendo o princípio do *uti possidetis,* a troca de territórios pela livre navegação do Amazonas e a negociação com uma república de cada vez (GOES FILHO, 1999).



**Os interesses escravistas dos EUA**

Mathew F. Maury estava ligado aos setores escravocratas do sul dos EUA, tendo lutado ao lado dos Confederados na Guerra de Secessão. Esses setores estadunidenses viam o Brasil, e especialmente o vazio demográfico da Amazônia, como uma porta de escoamento dos escravizados, principalmente após uma futura emancipação (HORNE, 2010). Nesse contexto e tendo essas ideias como pano de fundo, Maury escreve sua obra e realiza uma campanha de imprensa nos EUA pedindo pela livre navegação no Amazonas. Campanha essa que tem ressonância no governo de seu país, que envia um representante para a corte do Rio de Janeiro com instruções de abrir a navegação no rio Amazonas para seus compatriotas (SANTOS, 2002).

Some-se a esses fatores a forte presença de comerciantes dos EUA na bacia amazônica além das missões científicas enviadas pela região, inclusive pelo próprio maury. Assim,

> Foram os EUA a principal fonte de pressões para a abertura da Bacia Amazônica à navegação internacional, despertando nas autoridades brasileiras o temor de que a abertura aos interesses estrangeiros daquela região desabitada pusesse em risco a soberania nacional. (SANTOS, 2002, p.68).

Ao fim e ao cabo "(…) Maury esperava que os sulistas colonizassem, transplantassem suas instituições, transferissem seus escravos e na prática se tornassem uma colônia do vale do Mississipi" (HORNE, 2010, p.168) tornando a região amazônica em um prêmio a ser conquistado, tal qual o território mexicano conquistado na década anterior. Havia ainda mais um elemento ideológico nesse contexto, que permeava e norteava fortemente a relação dos EUA com a América Latina: a doutrina do destino manifesto. Doutrina essa que colocava o povo dos EUA como exemplo e eleito por deus para comandar o mundo.

Com estes elementos em vista, vemos que a obra de Maury pode ser compreendida como uma peça do jogo político estadunidense acerca dos destinos da escravidão e demonstra o pensamento político compartilhado em seu país com relação à América Latina como um espaço a ser ocupado e civilizado, algo que fica evidente em sua obra. O perigo à soberania brasileira na Amazônia fica, assim, evidente, gerando preocupação no governo imperial. Tal pressão dos EUA arrefece a partir de 1857 com o acirramento das tensões internas que resultarão na guerra civil naquele país. A Guerra de Secessão tira a atenção dos EUA da região amazônica e, com o fim da guerra e derrota dos interesses escravistas, o governo imperial sente-se mais seguro pra liberar a navegação no Amazonas (SANTOS, 2002).



**A obra de Maury**

O livro *O Amazonas e as costas atlânticas da América Meridional* foi publicado em 1853 com o claro objetivo de incutir a ideia de que a livre navegação no Amazonas, terras riquíssimas e que poderiam produzir abundantemente, traria prosperidade para a região. Trazia também a ideia de que manter o rio fechado à navegação era uma atitude anti-civilizatória e que o engenho anglo-saxão poderia fazer florescer a região. Interessante notar que seu primeiro parágrafo traz a seguinte frase: “A política do commercio, e não a da conquista, é a política dos Estados-Unidos” (MAURY, 1853, p.3). Ora, dado o histórico recente da Guerra Mexicano-Americana onde o país do autor tomou uma grande parte do território mexicano e ocupou sua capital, essa advertência se faz deveras interessante, visto que os EUA mostraram que a soberania dos países latinos estava em perigo frente aos seus interesses. A doutrina do Destino Manifesto, com sua carga racial, joga aqui um grande papel, como em toda a relação dos EUA com a América Latina, como dito anteriormente.

Maury tem uma visão quase idílica das terras amazônicas afirmando que “seria capaz de sustentar  com seus productos a população inteira do mundo” (p.3). Para tanto seria necessário civilizar a região que, mesmo após trezentos anos de ocupação do homem branco, permanece “no estado de perfeito ermo” (p.4). Tal concepção traz consigo a ideia de colonização das terras selvagens, o que traria o progresso e a riqueza. Ora, tal procedimento foi exatamente o que ocorreu no

Texas, região mexicana praticamente desabitada que foi ocupada por fazendeiros estadunidenses, processo que culminou com a separação da região e subsequente anexação aos EUA, numa clara violação da soberania mexicana. Tal exemplo tão próximo não escapava à atenção do governo imperial.

Além desse discurso econômico e civilizatório, Maury articula o discurso científico. Ele é considerado o fundador da "geografia física do mar", o que conhecemos hoje como oceanografia e suas obras tiveram grande difusão no século XIX, tendo sido traduzido em oito idiomas (HORNE, 2010, p.155). Após traçar uma descrição geográfica do continente e da bacia Amazônica, o autor afirma: "(…) e então poderemos melhor julgar que linha política mais conviria ser adoptada pelas nações commerciaes em relação a elle." (p.4) Observa-se aqui que a questão da soberania territorial de um Estado estava subordinada aos interesses comerciais em relação a determinado território. A partir daí fica evidente os motivos pelos quais ele apela diversas vezes em seu texto para que o Brasil aceite a livre navegação e comércio no Amazonas como forma de desenvolvimento. Nesse ponto Maury dialoga diretamente com o liberalismo de John Locke quanto à propriedade, à produtividade a ao direito de conquista (ARIAS NETO, p.2). As descrições científicas trazem a reboque análises econômicas e populacionais, sempre buscando as potencialidades agrícolas, minerais e comerciais das regiões analisadas como, por exemplo, nesse trecho: "(...) e os seus fazendeiros e commerciantes poderão suprir os mercados do norte, durante seis mezes do anno, sem concurrencia." (p.7) Maury critica a "quase japônica politica" dos governos sul-americanos, fazendo referência à política japonesa de fechamento ao mundo externo que perdurou até o ano de 1853, quando uma esquadra da marinha dos EUA forçou a abertura dos portos japoneses ao comércio. Essa definição trazia um caráter negativo, dado que tal postura, o fechamento ao comércio, seria anti-científica e anti-civilizacional, mais uma vez dialogando com Locke, pois o exclusivismo seria prejudicial e a todos e como um "estado de guerra" (ARIAS NETO, p. 2).

As respostas brasileiras à obra de Maury vieram na obra do Coronel João Batista de Castro Moraes Antas chamada *O Amazonas: breve resposta à Memória do tenente da armada americana-inglesa F. Maury sobre as vantagens da livre navegação do Amazonas* e, na *Revista Marítima Brasileira*, periódico militar, foi publicado com o título "O Amazonas" um artigo dividido em três partes, criticando a

obra de Maury. Essas obras refutavam o conhecimento do tenente estadunidense sobre a região e sobre a América e o Brasil e enfatizavam a ação conquistadora dos EUA (ARIAS NETO, p. 3).

## Conclusões

A obra de Maury mostra claramente o pensamento estadunidense do século XIX ao articular os interesses escravistas com os ideias e valores de sua sociedade, como o liberalismo e o comércio como gerador de riqueza, a crença no progresso e na ciência como ferramentas civilizadoras e o destino manifesto dos EUA como impulsionadores desses valores civilizatórios. Ele usa também de sua posição como respeitado cientista e elenca argumentos científicos, como a ligação natural entre as bacias do Amazonas e do Mississipi.



Seu discurso, no seu entendimento, baseia-se nos mais altos valores de seu tempo, sendo o livre comércio, propiciado pela livre navegação, o carro chefe do desenvolvimento social e econômico da rica região amazônica, que permanecia subexplorada e incivilizada, mesmo depois de trezentos anos de ocupação luso-brasileira. E o fechamento ao livre comércio é considerado nocivo e mesmo um "estado de guerra".

No seu texto subjaz os ideais de superioridade racial anglo-saxônica sobre os latinos americanos, dado que o primeiro seria puro e os latinos um povo mestiço, por isso, inferior. Tal superioridade seria evidenciado pelo maior desenvolvimento econômico alcançado pela república do norte e, por isso, seu povo teria o direito de ocupar as terras americanas para seu desenvolvimento, sendo essa base da doutrina do destino manifesto. Além dessas questões, a ocupação da Amazônia traria benefícios aos escravocratas do sul dos EUA, podendo expandir sua atuação em uma região em que a escravidão estava em vigor. Assim, suas instituições não trariam estranhamento e, ainda por cima, haveria a vantagem de levar os afro-americanos para um outro país, livrando assim os EUA de terem que lidar com uma população negra, que seria indesejável nas concepções dos grupos representados por Mathew F. Maury.

## Referências bibliográficas

ARIAS NETO, José Miguel. A conquista do Amazonas: dimensões da política defesa brasileira no oitocentos. In **Fuerzas Armadas, fronteras y territorios en sudamérica del siglo xx. perspectivas y experiencias desde Argentina y Brasil**. La Plata: Universidade Nacional de La Plata ( no prelo).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010

GOES FILHO, Synesio Sampaio. As fronteiras do Império. In: GOES FILHO, Synesio Sampaio. **Navegantes, bandeirantes, diplomatas:** Um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Cap. 10. p. 201-252.

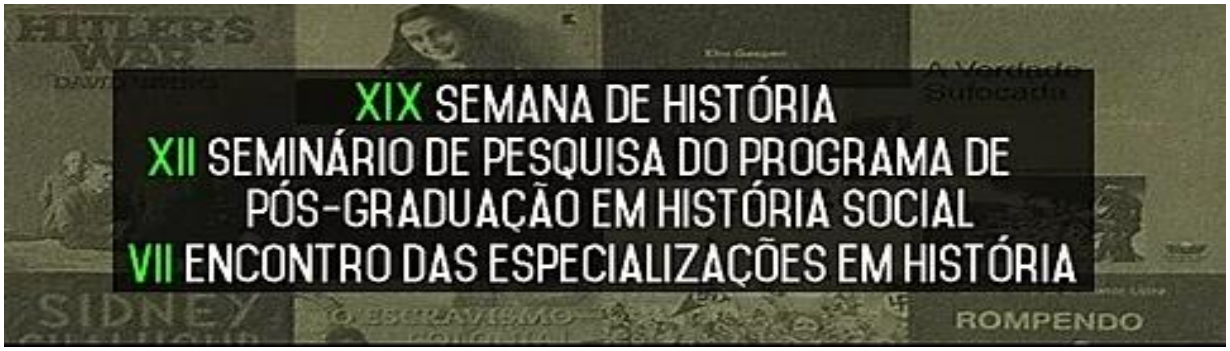


HORNE, Gerald. Os Estados Unidos vão tomar a Amazônia? In: HORNE, Gerald. **O sul mais distante:** Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Cap. 6. p. 154-183.

KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** Contribuição semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2006. Cap. 5. p. 97-118.

MAURY, Mathew. **O Amazonas:** As costas atlânticas da América Meridional. Rio de Janeiro: Typographia de M. Barreto, 1853

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes. A consolidação da política externa do Império e o prenúncio da hegemonia chilena no Pacífico (1850-1861). In: SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes. **O Império e as Repúblicas do Pacífico:** As relações do Brasil com Chile, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia (1822-1889). Curitiba: Editora da UFPR, 2002. Cap. 3. p. 63-86.






## A MOBILIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARANÁ NA GUERRA DO PARAGUAI

Matheus Pelaquim Silva
(Universidade Estadual de Londrina)

**RESUMO:**

Durante todo o século XIX os principais países, como o Brasil; Uruguai; Paraguai e Argentina, estavam ou em formação ou em consolidação de seus Estados Nacionais. Eles buscam expandir suas influências, acessar rotas fluviais, a exemplo a Bacia do Prata, entre outras coisas que geraram tensões e desembocaram na Guerra do Paraguai. Pela dimensão de tal guerra, houve uma intensa movimentação de todas as províncias do Brasil, e é aqui que este trabalho se encaixa, a intenção é realizar um estudo acerca da mobilização para a guerra na Província do Paraná.

A escolha deste assunto para o trabalho, foi devida a uma leitura do livro “O Paraná na Guerra do Paraguai” do autor David Carneiro, onde um dos pontos é que ele afirma que a Guarda Nacional paranaense não havia sido convocada para fazer parte das ações da guerra, entretanto, o presidente da província, Fleury, realizou um árduo trabalho para organizar suas forças e fazer com que fossem à batalha, isso nos levanta hipóteses de quais eram os interesses destas pessoas em tal tomada de decisão de se envolver desta maneira em um conflito de tal porte. Também podemos afirmar que todos esses estudos são de importância no que se refere a uma ideia de criação de identidade, pois o povo paranaense teve sim seus feitos notáveis em vários aspectos do conflito, e isso deve ser entendido por todos; além de que, existem poucas bibliografias no mundo acadêmico que partem desta abordagem, logo, a intenção é poder agregar mais ainda neste tema.

Será utilizado como principais fontes primárias, os relatórios provinciais, ou seja, fontes oficiais. O foco é analisar o discurso dos presidentes da província do Paraná, para compreender melhor os interesses da elite local em se mobilizar de tal forma. Além disso, relatórios ministeriais imperiais, do ministro de guerra, da marinha, serão utilizados para compreensão de um aspecto mais amplo dos ocorridos durante o embate da tríplice aliança e de que maneira os paranaenses são retratados em tais documentos. Para analisar essas fontes, será usado a noção de análise de discurso de Carlo Ginzburg, em seu livro “Mitos Emblemas e Sinais. Já no que se refere a crítica de fontes, o que também auxiliará na discussão dos próprios discursos, será trabalhado a “história dos conceitos” presente na obra

“Futuro Passado” de Koselleck. Outras fontes trabalhadas serão os jornais da época como o “19 de dezembro” e o jornal “Diário do Paraná” do século XX, almejando analisar as representações na mídia dessa guerra.
Assim, podemos afirmar que este é um trabalho que busca pelo entendimento de como ocorreu todo o engajamento e o papel do povo paranaense para entrar na guerra. A intenção também é de entender quem era esta elite local tão influente neste processo, de que maneira e sobre quais aspectos buscavam tirar proveito deste conflito, passando entre questões econômicas como a produção de erva mate e o impacto do conflito sobre o mercado deste produto, entre outras coisas; de que modo a província do Paraná instaurava-se na dinâmica dos embates e quais as consequências disso para o Império brasileiro.



**Palavras-chave:** Guerra; mobilização; Paraná; elite; discurso.

## INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O presente artigo se refere a uma iniciação científica, que tem seu começo datado no mês de agosto do ano de 2019, logo aqui será feito um relatório de pesquisa, já que a mesma consta em andamento. A intenção é realizar um estudo acerca da guerra ocorrida no século XIX, travada entre a Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina) contra a República do Paraguai, com especificidade na questão da província do Paraná, visto que este conflito mobilizou o império todo, e essa província em questão há uma importância estratégica muito grande. Esta pesquisa surgiu a partir da leitura da obra do historiador David Carneiro “*O Paraná na Guerra do Paraguai”;* redigida no século passado; essa obra possui uma leitura bem sistemática, basicamente o autor apenas aponta ocorridos como o recrutamento para a guerra, o feitio dos soldados paranaenses em campo de batalha, alguns empecilhos que ocorreram no período militar e bem superficialmente o saldo desta guerra para a recente província do Paraná. Devido ao fato que o autor vem de tradição mais positivista, é perceptível vários “furos” no decorrer da leitura, como por exemplo, o fato de que o autor não faz um panorama mais completo da situação socioeconômica do Paraná, não reflete acerca de como a província reagiu com a declaração e a sua consequente entrada na guerra, quais eram os interesses de cada camada social paranaense sobre o conflito.

Todas essas reflexões, que não se fazem presentes no livro, levantaram muitas questões que serão trabalhadas neste trabalho, entretanto, um ocorrido retratado por Carneiro levantou hipóteses diversas e foi de suma importância para a inicialização desta pesquisa. O fato em questão é de que a província era muito

recente quando se deu o estopim do conflito (havia se emancipado em 1853), logo, algumas ferramentas administrativas não estavam totalmente preparadas, como também o exército e a guarda nacional, e esta última não havia sido convocada para servir o Império na guerra que acabara de iniciar a partir do Decreto Nº 3.3371 do mês de janeiro de 1865, devido o contingente muito reduzido da província e de toda desorganização militar. Entretanto, o então presidente do Paraná Pádua Fleury fez um apelo para a Coroa através de um outro decreto, onde neste documento ele afirma toda a capacidade e disciplina que o povo paranaense possuía para servir na guerra, não só em trabalhos de guarnição, como também para atividades mais pesadas, e até no teatro da guerra, assim a Guarda Nacional do Paraná havia sido convocada



> O Paraná não estava compreendido nas leis citadas. Não estava na primeira, porque a esse tempo ainda não existia. Não estava na segunda, porque o governo imperial se esquecera da província nova. Mas o presidente da Província, ao iniciar-se a guerra, reclamou contra o esquecimento, e pediu que novo decreto fosse feito, mais amplo, incluindo o Paraná. (CARNEIRO, 1995, p.63)

Isso nos levanta perguntas como: qual era o interesse dos políticos em entrar tão ativamente num conflito deste porte? A elite local se encaixa ou não com esses interesses? Tudo isso será alvo do estudo. O problema central que foi apontado para esta análise é o debate da erva-mate paranaense, que era o carro chefe da economia da província, e sentia dificuldades com a concorrência do bom e tradicional mate paraguaio, então se levanta uma última problemática que é: a possibilidade de derrotar militarmente um inimigo comercial agradou estes homens da elite local que produziam a erva-mate?

A temática foi escolhida por alguns motivos: o primeiro já explicado aqui é a de que a leitura abre margem para muitas questões não respondidas, e que também são muito importantes para que seja possível traçar uma explicação mais aprofundada da situação do Paraná naquele período. Outra razão é de que justamente os trabalhos acerca da província paranaense neste período, e sobretudo a sua participação na Guerra do Paraguai, são muito reduzidos, fora o livro de David Carneiro, pouquíssimos trabalhos foram encontrados com está temática específica, desta forma, este trabalho visa incrementar esta área de conhecimento tão importante e tão pouca explorada, até então, pela historiografia. E por fim podemos afirmar que este tipo de iniciativa gera um sentimento de identificação, muitas

famílias e até personagens históricos paranaenses surgiram ou se moldaram neste período, sendo assim, esta pesquisa buscaram abarcar toda essa temática para que cada vez mais a ideia de representação e identidade se consolide.

**OBJETIVOS**

Esta pesquisa tem como objetivo principal entender como se deu a mobilização da província paranaense nos primeiros anos do conflito contra a República do Paraguai, logo o trabalho haverá um recorte voltado para os anos iniciais da guerra, de 1864 até 1867, quando ela toma outros rumos com o resultado de algumas batalhas e a entrada e saída de personagens importantes nos exércitos de ambos os lados. O foco são os interesses da elite político-local que adentrou no conflito da Tríplice Aliança de forma muito acentuada, levando em consideração o pequeno contingente paranaense, as dificuldades de se mobilizar uma população inteira, fora a guarda nacional, que como a tradição historiográfica nos mostra, não era fácil de convencê-la a participar de grandes conflitos.



Os objetivos específicos deste estudo são compreender e explicar de que maneira a economia do mate influenciou nas decisões de todos os paranaenses na guerra, visto que a concorrência com o adversário no conflito, a República do Paraguai, era extremamente acentuada e o Paraná enfrentava dificuldades econômicas devida ao baixo rendimento de sua pecuária. Sendo assim, pode se levar em conta que enfrentar um de seus principais concorrentes, tendo em vista que caso saíssem vitoriosos, a elite teria grandes chances de se consolidar como o número um do mercado, não é um total absurdo levantar a hipótese que a guerra pode ter agradado estes comerciantes do mate.

Visto esses dois objetivos, a abordagem principal será feita sobre os relatórios provinciais, eles serão lidos ao decorrer do trabalho visando encontrar os interesses, principalmente, da classe política administrativa sendo assim, ao ler os relatórios será utilizado a base teórica de Ginzburg, com seu conceito de paradigma indiciário, apresentado na obra "*Mitos, Emblemas e Sinais",* nesta obra, o autor realiza inúmeras comparações e relações entre figuras como o historiador da arte Giovanni Morelli, o pai da psicanálise Freud e até os personagens fictícios Holmes e Watson do escritor Arthur Conan, tudo isso pois em suas práticas de trabalho eles têm contato com técnicas que avaliam aquilo que é minucioso, que está quase imperceptível a olho nu "Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica:

a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos leigos"(GINZBURG,1989, p.151). Vemos então que o paralelo com a medicina, a relação do uso do microscópio para ir mais a fundo é bem clara e relevante na fala do autor.

A intenção é clarear, através do discurso desses presidentes da província, suas intenções, sua relação com a elite local e também com a elite localizada na capital do Império, Rio de Janeiro (visto que muitos presidentes provinciais ocupavam cargos políticos que os colocavam em contato com estes cariocas), explicitar a mobilização das áreas militares, com foco na guarda nacional, mas também abarcando a população no geral, levando em conta a força que o movimento dos recrutas da pátria obteve durante esta guerra. Além dos relatórios provinciais, será trabalhado outras fontes primárias como: Relatórios ministeriais do Império, do ministro da guerra e da marinha; estas fontes serão analisadas para buscar maiores referências sobre o papel do Paraná nos feitos da guerra e também alguma correlação entre membros da elite ou os próprios políticos paranaenses com outras camadas socialmente elevadas, e que eram influentes na guerra, fora da província. Por fim tiraremos proveito de jornais que circulavam tanto na época, como periódicos do século posterior ao conflito como: o Jornal 19 de Dezembro, principal jornal do século XIX e o Diário do Paraná, muito circulado no século XX; a intenção é obter informações de quais eram as perspectivas repassando aos paranaenses sobre a guerra e sua influência nas tomadas de decisão.



## RESULTADOS

Partindo para os resultados obtidos até então, devemos primeiro ponderar quais foram as perspectivas metodológicas utilizadas. Foi usado aqui a perspectiva de Koselleck da história dos conceitos, no que se refere a crítica de fontes. Sendo assim, toda a perspectiva do historiador alemão acerca dos usos da linguagem, aquilo que remete e se configura como um conceito histórico, e todas suas variações a partir dos conceitos de sincronia e diacronia explicitados por ele em sua obra "Futuro Passado", está sendo usada para que seja possível gozar de um maior entendimento sobre as fontes primárias selecionadas para o trabalho, pois uma vez que este trabalho visa trabalhar com discursos, a perspectiva de Koselleck é muito interessante para se pensar esse lado filológico da pesquisa, de que maneira certos

conceitos estavam sendo usados no decorrer da guerra da Tríplice Aliança, como eles se configuram como conceitos em si, tudo isso foi e está sendo abordado

Assim iniciemos este tópico expondo o que foi extraído do relatório provincial, do ano de 1865, redigido pelo próprio Presidente Pádua Fleury. Nesta fonte quero destacar duas questões levantadas pelo presidente, a primeira é que em sua fala fica muito claro como ele buscou uma rápida mobilização geral dos paranaenses, ele afirma:



> Em execução do Decreto n.3.383 de 21 de Janeiro que chamou a serviço de corpos destacados 14.796 guardas nacionaes, tendo o Paraná de concorrer com 416, dividi este contingente, conforme o numero de praças de cada comando, dando... e ordenei que com urgencia se reunissem os conselhos de qualificação e de revista, para fazerem a designação, segundo as prescripções da Lei. (1865, p.9)

Vemos como ele trata com tom de urgência essa discussão da convocação dos conselhos, ou seja, vemos que ele está empenhado nesta mobilização, além do mais ele afirma várias vezes que os paranaenses estão dispostos e querem servir de melhor forma possível a coroa nesta guerra. A segunda questão é que neste mesmo relatório ele concede mais forças a hipótese de que o Paraná se envolveu na guerra muito por causa da situação da erva mate, ele diz:

> Essa concurrencia afrouxará com a guerra, que ímos levar á Assumpção; mas, ainda assim, é conveniente que aquelle excellente chá procure algures um consumidor mais numeroso e garantidor de larga e generosa indemnisação. (1865, p.50)

Sendo assim, fica claro que Fleury via a possibilidade de seu grande concorrente, o Paraguai, perder força devida a guerra, mas também demonstra uma espécie de preocupação de que eles ainda possam estar fortes para dominar um outro mercado. Prosseguindo ele diz mais um pouco sobre o peso do mate e suas projeções para o futuro da planta e de sua comercialização:

> A questão de estender o uso desta planta, para usar como bebida, é uma das de maior interesse para o Brasil.[...] Se o mate podesse tornar-se agradavel ao paladar, não ha duvida que poderia contar-se com a boa venda delle entre os habitantes da Europa [...]. (1865, p.50)

Aqui se faz presente em seu discurso uma visão para o futuro, ele deixa claro que sua intenção é que a erva-mate seja agradável a todos, não só na américa latina, mas até nos paladares europeus; também podemos afirmar que isso reforça

a hipótese trabalhada até aqui, pois Fleury coloca que esse é o interesse do Brasil como um todo, e a província do Paraná, neste caso, poderia ser o pilar essencial para o mate brasileiro ser conhecido por todos, mas primeiro teria que vencer os paraguaios na disputa pelo domínio do mercado latino.

Em seguida, a próxima fonte primária que fora analisada é a do mesmo ano, de 1865, porém foi escrita pelo vice-presidente Manoel Alves de Araújo. Esta fonte possui menos páginas em sua composição, entretanto vemos claramente que o discurso de ágil mobilização, e principalmente o rápido atendimento as convocações do ministro da Guerra e de outros ministérios, se mantém. "Depois que fiz seguir para a côrte uma companhia, encorporada nesta província, deliberei à 9 de Abril organisar um batalhão com 4 companhias e 485 praças" (1865, p.4). Esta passagem se refere a formação de companhias de voluntários da pátria, e fica evidente que anterior a essa formação citada no documento, ele já havia mobilizado outros praças , mostrando como Manoel estava empenhado nessas formações de companhias a mando da Coroa.



Prosseguimos para as bibliografias consultadas, comecemos com o capítulo de Vitor Izecksohn "*Recrutamento militar no Rio de Janeiro durante a Guerra do Paraguai"* na obra, também organizada por ele, "*Nova história militar brasileira".* Aqui o autor expõe duas perspectivas de como era a província carioca durante a guerra, e será buscado compreender se algumas dessas coisas ocorreram no Paraná. A primeira é de que havia um problema para os presidentes da província do Rio de Janeiro, pois eles precisavam equilibrar as necessidades da Coroa, visto que eram a capital do Império, logo precisavam ceder muitos homens, recursos durante o decorrer do conflito, mas do outro lado, a elite proprietária carioca não via com bons olhos a chance de familiares e amigos, ou até eles mesmo, serem enviados ao campo de batalha, então Vitor afirma que era necessário um certo "jogo de cintura" por parte dos presidentes. Em consequência disso, a segunda questão é referente a pressão direta sofrida por eles através do ministro da guerra, que enviava pedidos oficiais para que mais homens fossem enviados, sejam civis, participantes da Guarda Nacional, quem fosse, eles precisavam de homens. Estas duas questões foram recorrentes em outras províncias, e buscará conhecer se isso ocorreu no Paraná também.

Dando seguimento, chegamos a obra que mais foi utilizada até o presente momento, do autor Edilson Pereira Brito intitulada "*A serviço da pátria: o*

*recrutamento militar na Província do Paraná durante a Guerra do Paraguai (1865-1870) "* O historiador inicia seu trabalho fazendo um panorama político-econômico; o Paraná era composto por quatro comarcas: Castro, Guarapuava, Paranaguá e a capital Curitiba e compreendia em torno de 172.552 habitantes durante esta segunda metade do século XIX. Já na economia, a pecuária se localizavam nos campos gerais, em Castro e Guarapuava, que iniciaram seus trabalhos com a invernagem e depois evoluíram e tornaram-se mais lucrativas e não só realizando a invernagem; os proprietários possuíam cargos políticos e até mesmo na Guarda Nacional, porém eles não se beneficiaram nem um pouco com a guerra. Já no litoral se encontrava o foco da produção da erva-mate, alguns também apareciam na capital, porém o ponto principal é que os produtores se beneficiaram com o estourar da guerra, a exportação aumentou em números tremendos.



Outro ponto que o historiador mostra é a composição da Guarda Nacional, que em sua maioria, era composta por lavradores pobres e que detinham a função principal de guarnição; estas pessoas viam na Guarda a sua chance de ascensão social, pois muitos homens de classes mais baixas ganhavam respeito ao conquistar altos cargos na Guarda Nacional. Um exemplo que podemos dar aqui é de uma figura marcante para a história do Paraná, que é o Visconde de Guarapuava, e na obra de Zeloi Aparecida que realiza toda a trajetória dele, ela afirma: " prestar serviço na guarda nacional e demais cargos que assumiu, conjuntamente, deu condições para Antonio de Sá e Camargo tornar-se um homem de influência" (2007, p.149). Podemos ver como ela nos mostra que o trabalho na Guarda Nacional tinha esse potencial de dar surgimento à um homem de importância.

Em contrapartida, a elite local via na guerra uma maneira de conseguir seus tão sonhados prestígios, reconhecimento, títulos, tudo isso fora almejado pelos paranaenses mais abastados, sua contribuição, em maioria, era feita de financiamentos e em outros casos a liberação de escravos para o campo de batalha, e em outros mais raros ainda, os próprios iam para o teatro da guerra.

Em suma, para finalizar este tópico, sobre o recrutamento, podemos tecer alguns paralelos com todas as províncias imperiais, como a condição precária a priori dos soldados, a maior valorização da Guarda Nacional, o entusiasmo gigantesco com os primeiros meses da guerra e com a campanha dos Voluntários da Pátria e por fim tudo isso indo por água a baixo com a longevidade da guerra, os

casos de cóleras e também alguns resultados desastrosos em certos momentos para o lado da Aliança. Vemos então que estes principais aspectos paranaenses, segundo o próprio Edilson, estão de comum acordo com a lógica do recrutamento brasileiro neste período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



As considerações finais que coloco aqui são que, mesmo que este estudo seja muito recente, os resultados até então obtidos foram muito satisfatórios, a base concedida pelo livro de David Carneiro deu uma base interessante para que muitos pontos fossem analisados, permitiu muitos levantamentos, e cada vez mais as teses principais, referentes a erva-mate paranaense e a mobilização da província na entrada, estão sendo explicadas com clareza. O estudo é visto com importância devida a precariedade de obras específicas tamanha a importância do Paraná na guerra, pensando esta província como estratégica para a logística do conflito, já que antes mesmo do comércio armado, já havia uma batalha no campo econômico com o Paraguai, e sua proximidade não só com o inimigo, mas também com aliados como a Argentina torna a situação paranaense muito importante e que deve ser estuda até para entender os caminhos que a província tomou, desde as decisões de guerra, o saldo final do conflito até chegarmos nos dias atuais, ou seja, a pesquisa pode ter uma influência no entendimento do funcionamento do Paraná em seu cotidiano.

## REFERÊNCIAS

Relatório do presidente da província do Paraná - André Augusto de Pádua Fleury-1865. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=44>

Relatório do vice-presidente da província do Paraná- Manoel Alves de Araújo-1865. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=44>

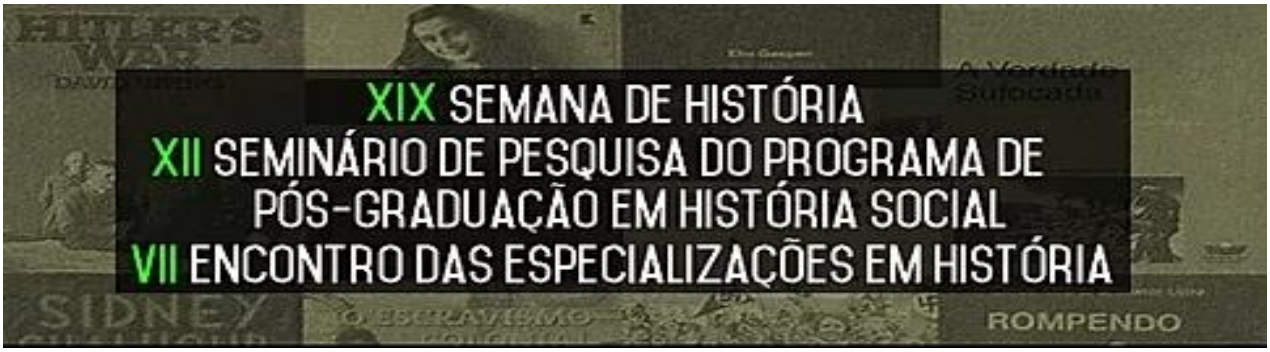
BITRO, Edilson. **A serviço da pátria:** o recrutamento militar na Província do Paraná durante a Guerra do Paraguai (1865-1870). Florianópolis. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2011

CARNEIRO, David. **O Paraná na guerra do Paraguai.** Curitiba. Fundação Cultural. 1995.

SANTOS, Zeloi. **Visconde de Guarapuava:** personagem na história do Paraná. Guarapuava: Unicentro, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos emblemas e sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhias das Letras, 1989.

KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio deJaneiro: Contraponto, 2012, p. 97-118.






# MEMÓRIA, IDENTIDADE E FRONTEIRA: NARRATIVAS MUSICAIS SOBRE A TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL / PARAGUAI / ARGENTINA (1960-2017)

Emilio Gonzalez[1]
(UTFPR/Campo Mourão)

**Resumo.** Este trabalho busca discutir aspectos sobre a formação histórica, social, discursiva e identitária da chamada *tríplice fronteira*, situada na confluência entre os rios Paraná e Iguaçu, unindo Brasil, Paraguai e Argentina a partir da cidade de Foz do Iguaçu. Nossa hipótese implica pensar que essa *tríplice fronteira* foi sendo historicamente estruturada e narrada, construída e significada ao longo do século XX, sendo assim palco de ações e conflitos entre os três Estados Nacionais ali envolvidos (Brasil, Paraguai e Argentina). Em diferentes momentos históricos - e por motivos igualmente variados -, estes Estados buscaram construir seus próprios espaços de influência e controle sobre aquelas barrancas, trazendo como consequência disputas pela elaboração de novas identidades nacionais, ora apelando ao conflito e a xenofobia, ora apelando ao discurso da união e integração transnacional. Nosso estudo, concluído recentemente através de um estudo de Doutorado em História Social, buscou enfocar a produção de narrativas e memórias feitas por músicos que desde a década de 1960 passaram a chegar em massa a essa região, seja para trabalhar, seja para fugir de perseguições políticas (exílio), ou mesmo se estabelecer a partir do mercado que se abria para eles com a emergência do turismo (notadamente a partir dos anos 1980); ou simplesmente como zona de passagem pelo interior dessas linhas de fronteira enquanto realizavam processos mais amplos de deslocamentos de/para outros centros, tais como Asunción (Paraguai), Buenos Aires, Posadas (Argentina), Curitiba, Porto Alegre e São Paulo, entre outros. Compreendemos que, ao inserir-se neste espaço transnacional, estes músicos também passaram, ao seu modo, a disputar os sentidos dessa memória e inserir-se na elaboração de propostas para se pensar marcos sob os quais se deveria fundar a(s) identidade(s) a serem vividas e/ou assumidas pelos moradores da tríplice fronteira.

**Palavras-chave:** Música popular; Memória; Identidade; Tríplice Fronteira

---

[1] Doutor em História Social pela PUC/SP. Professor do DAHUM - Departamento Acadêmico de Humanidades – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – campus Campo Mourão.

Em 2014, o historiador e professor da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana, de Foz do Iguaçu) lançou um livro bastante sucinto e de caráter paradidático sobre a história de Foz do Iguaçu, cidade localizada no extremo Oeste do Estado do Paraná, e encravada na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.[2] A publicação deste livro[3] coincidia com a comemoração do centenário da emancipação política de Foz do Iguaçu (1914-2014). Na ocasião, Silva concedeu uma série de entrevistas a meios de comunicação e mídias locais. Em uma destas entrevistas, o autor referiu-se a existência de uma memória bastante difundida entre a população local, e que atribuiria a essa cidade um passado supostamente *hispânico,* notadamente ligado ao Paraguai, cujo território teria sido tomado daquele país após a guerra contra o Paraguai (1864-1870). O autor problematiza essa memória, lembrando que este tipo de afirmação não encontra sustento em qualquer corpus documental ou evidência histórica, permanecendo apenas na própria oralidade. Em suas palavras:



> Um boato que existe, que é um boato forte, que eu encontrei até em livros didáticos, que as pessoas na rua dizem isso, que é o fato de que Foz do Iguaçu até Cascavel pertencia ao Paraguai até a guerra contra o Paraguai. Bom, esse boato é forte, ele existe, mas eu nunca encontrei nenhuma referência histórica a esse fato. E eu fui pesquisar um pouquinho mais a fundo, porque isso estava me incomodando um pouco. Eu precisava escrever um parágrafo sobre isso, e eu precisava… e aí eu fui nos Tratados. (...) Nenhum tratado dá conta de que essa região em algum momento pertenceu ao Estado paraguaio. Em nenhum momento. Inclusive a guerra contra o Paraguai não se passou neste espaço; passou num outro espaço, que hoje é Mato Grosso do Sul, por exemplo. Então, isso não é verdade: nunca pertenceu, até Cascavel nunca pertenceu ao Paraguai. Agora, uma outra coisa que incomoda o historiador também é por que que isso não é verdade, porque que é uma coisa que persiste há tanto tempo? A minha hipótese é de que isso deve-se ao fato da herança espanhola que tem essa região.[4]

Embora o autor não incorra em nenhum erro de imprecisão histórica – a

---

[2] A tríplice fronteira entre Brasil/Argentina/Paraguai é constituída pelas seguintes cidades (respectivamente, também países): Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazu (Argentina), ligadas através da ponte internacional Tancredo Neves (construída sobre o rio Iguaçu); e as cidades paraguaias de Hernandárias (ligada a Foz do Iguaçu através da Itaipu Binacional), Ciudad del Este (ligada a Foz do Iguaçu através da ponte internacional da Amizade), e Puerto Presidente Franco (que faz divisa fluvial com Foz do Iguaçu e Puerto Iguazu, através do rio Paraná).

[3] O livro a qual nos referimos foi publicado sob o título: *Breve História de Foz do Iguaçu*. (SILVA, 2014).

[4] Micael Alvino da Silva, entrevista concedida à *Revista 100 Fronteiras,* de Foz do Iguaçu (PR) (vídeo), outubro de 2014. Disponível para visualização em: https://www.youtube.com/watch?v=9pswc9Hh2uU , acessado em 22/11/2019. O trecho que transcrevemos situa-se entre os minutos 05'25s até 07':04s.

região de Foz do Iguaçu, de fato (e desde a emancipação política do Brasil, em 1822) sempre esteve formalmente ligada ao Estado Brasileiro -, ele parece ousar pouco quando tenta interpretar as razões desse "boato". Ao atribuir vagamente esse tipo de memória popular e discursos a uma distante *herança hispânica,* o autor coloca a questão em termos demasiadamente acadêmicos e formais (os *Tratados* que desmentiriam os tais "boatos") para responder a um problema que, em nosso compreender, possui natureza identitária e memorialística bem mais complexa, porque inscrita na memória social local cultivada e vivida como uma "verdade" para uma parte da população da cidade. Pelo próprio relato feito por Micael Silva, esse tipo de memória social vem perpassando gerações de moradores dessa fronteira, e encontra sua origem nas próprias vivências experimentadas no seu cotidiano.



Uma das questões iniciais para pautar o debate passa pela constatação de que, pelo menos a década de 1930, a fronteira onde se situa atualmente a cidade de Foz do Iguaçu era *brasileira* apenas no papel, já que na prática, observada sua dinâmica social, econômica, cultural e até geográfica, ela se apresentava muito mais *paraguaia* e *argentina,* do que brasileira propriamente dita. (WACHOWICZ, 1987, pp. 129-130).

Este quadro só irá começar a ser lentamente modificado a partir da década de 1930, com as políticas nacionalizantes levadas a cabo a partir da ascensão do governo Vargas (1930-45); e ainda, intensificando-se e consolidando-se a partir da década de 1960. Foi apenas a partir disto que é possível observar e fato a presença do Estado brasileiro, o que levou a fronteira a sofrer um "abrasileiramento" forçado, com reflexos profundos sobre a estrutura urbana, social e as dinâmicas culturais de Foz do Iguaçu. Essa presença do Estado brasileiro também passou a redefinir as próprias relações bilaterais entre os três Estados nacionais ali envolvidos, especialmente após o início das obras de construção da mega-usina de Itaipu Binacional, em 1973-4 (FERRES, 2004, p. 663).

O reforço da presença do Estado brasileiro na região deu-se a partir da mudança no pólo hegemônico do Brasil em direção ao CONESUL, sobretudo em sua relação com o Paraguai. A partir dessa mudança, essa fronteira passou a sofrer uma nova "reinvenção", surgindo as bases que estruturam a sociedade ali atualmente estabelecida. Importa observar que para além da infraestrutura urbana e paisagística, nessa reconfiguração, modificou-se principalmente os discursos e a *função* atribuída a essa fronteira. Até meados do século XX, a visão consolidada

dentro do Estado brasileiro, embasado por relatos de cronistas, autoridades, chefes militares e viajantes, tratava os países vizinhos (Paraguai e Argentina) como perigosos inimigos a ameaçar a soberania nacional brasileira, predando e saqueando as riquezas naturais existentes na região, sobretudo erva-mate e madeira, além do aproveitamento dos próprios recursos hídricos, especialmente para navegação e transporte de turistas e mercadorias, sob hegemonia de capitalistas argentinos e mão de obra predominantemente paraguaia (obrages). (MISKYW, 2009, p. 57).



Mesmo com o início da ocupação agrária de parte deste território a partir do governo Vargas, as desconfianças persistiram. Foi apenas a partir de meados da década de 1950 em diante que o Estado brasileiro começa a se fazer presente de maneira mais incisiva na região, tendo em vista seu interesse em construir uma hegemonia regional a partir do estreitamento de suas relações bilaterais com o Paraguai. A *Marcha Al Leste* (1956) foi um dos primeiros atos nesta diretriz, assim como a construção da Ponte da Amizade entre Brasil e Paraguai (1961-65). Estava dado o interesse do Estado brasileiro em ocupar política e militarmente a fronteira, e aproveitar seus recursos hídricos e seu potencial econômico. Neste sentido, começa a se estruturar na cidade uma atividade turística e um tipo de comércio de importados, com importantes impactos na estrutura urbana e nos ciclos econômicos vividos pela população local nas décadas seguintes. (SOUZA, 2009, p. 148). Deste momento em diante, novos discursos são estruturados, onde começa a parecer noções como “integração” e “cooperação” entre os três países. É desta complexa e contraditória fórmula que nasceu o que hoje se convencionou chamar *tríplice fronteira.*

Tentativas de construção de memórias sociais, nacionais e homogêneas, constituem processos problemáticos, arriscados e sempre muito questionáveis. Michel Pollak observou, em uma pertinente e conhecida reflexão acerca do tema, que toda memória que se propõe como “coletiva” - incluindo as identidades, mitos e heróis -, ainda mais em se tratando de iniciativas de caráter oficiais, e/ou com vistas à construção da nação ou da identidade de um determinado grupo social, só se realiza com base no silenciamentos de outras “memórias” e vozes discordantes. Nessa perspectiva, a identidade coletiva da nação será sempre um projeto de poder, mas jamais se construirá como um fato acabado, aceito por todos, e menos ainda, harmonioso. Sublinha Pollak que:

> [A existência de memórias marginalizadas] acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. (...) Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória. (POLLAK, 1989, p. 4-5.)



Numa linha semelhante, Benedict Anderson aponta que a construção de discursos sobre a nação e sua unidade – a qual ele chama de *comunidades imaginadas* – passa não apenas por enfatizar aquilo que um grupo de pessoas tenham em comum, mas, justamente, na capacidade de se produzir esquecimentos coletivos: "É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão, nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão", para concluir, citando Renan: *"Ora, a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido bastante coisas"* (ANDERSON, 2008, p. 32).

A pesquisa que realizamos observou a ocorrência de um processo de desconstrução e posterior apagamento de uma "sociedade platina" que havia surgido no entroncamento dos rios Paraná e Iguaçu entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Tal desconstrução, como já adiantamos, começou a ocorrer de maneira incisiva já na década de 1930, através de políticas nacionalistas – como a colonização e ocupação agrária dessa linha de fronteira – levado à cabo durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (GREGORY, 2002, pp. 89-90). A pesquisa identificou ainda que um processo mais importante de "desconstrução" no âmbito historiográfico ocorreria quatro décadas depois, quando um conjunto de narrativas produzidas dentro e fora da academia buscaram suplantar, no âmbito da memória social, o passado *platino* do lado brasileiro dessa tríplice fronteira. De lá pra cá, num espaço de 30 ou 40 anos, modificou-se radicalmente a relação dos moradores da cidade de Foz do Iguaçu com seu rio fundante (Paraná), transformando o velho "Paranazão"[5] de símbolo de sobrevivência e vida, progresso e comunicação (WACHOWICZ, 1987, p. 38; e

[5] Um dos nomes populares pelo qual é carinhosamente conhecido o rio Paraná, no trecho brasileiro.

FAGNANI & MACHADO, 2014, pp. 85, 98), em símbolo da barbárie e crime, do contrabando ao tráfico de armas e drogas, conforme propala-se fartamente na imprensa nacional e internacional, caracterizando essa tríplice fronteira como espaço onde prospera a criminalidade, marginalidade e ilicitude.

Ainda do ponto de vista historiográfico, é importante sublinhar que temos observado, nos últimos anos, a emergência de um conjunto significativo de trabalhos que, sob os mais diferentes ângulos e perspectivas, vêm buscando entender e avaliar o tipo de sociedade se formou na confluência dos rios Paraná e Iguaçu desde seus primórdios, notadamente nas últimas décadas do século XIX. É bem verdade que na raiz de parte destas narrativas, estão textos e crônicas de memorialistas que sucumbiram à excessiva idealização deste espaço geográfico e sua natureza exuberante, chegando mesmo a propor uma espécie de "vocação turística" para explicar o tipo de sociedade que originou Foz do Iguaçu e a tríplice fronteira.



Este assunto foi tema de investigação da pesquisa de doutoramento da historiadora Aparecida Souza (2009), que percebeu uma estreita vinculação entre este tipo de discurso, e a busca pela legitimação de uma classe empresarial local que surgiu e se formou na cidade associando-se ao epíteto da imagem do "pioneiro". Essa autora avalia que a produção deste tipo de memória se deu justamente num contexto em que o Estado brasileiro (governo federal), através da chegada de Itaipu, passou a intensificar sua presença na fronteira, estruturando uma nova elite de tecnocratas que passaram a colocar em risco a hegemonia política destas elites locais:

> Num contexto marcado por tais características, é possível compreender as iniciativas dos setores dominantes tradicionais da cidade de Foz do Iguaçu, na direção de produzir uma memória capaz de assegurar a importância dos grupos locais, diante dos novos grupos que surgiam a partir do início da construção da hidrelétrica de Itaipu. Os esforços dos grupos tradicionalmente hegemônicos dirigiram-se à produção de uma memória cujo conteúdo fosse capaz de moldar uma visão histórica de Foz do Iguaçu como uma cidade que, desde sua fundação, estava destinada a ser um centro de atração turística, para legitimar-se e, assim, consolidar seus projetos e interesses econômicos, no tempo presente, por meio do passado, mais especificamente, de um passado que articulasse a história dessas elites com a história da própria cidade." (SOUZA, 2009, p. 80)

Como se depreende das observações da autora, essas narrativas acabaram por construir uma espécie de "memória oficial" sobre a fronteira (Vide: ALENCAR &

CAMPANA, 1997). Para confrontá-las, a partir da década de 1980, passou a disputar espaço outras narrativas que buscavam mostrar um lado mais conflituoso, desigual e contraditório dessa fronteira. Nestes trabalhos, os discursos sobre o "progresso" e a "integração" harmoniosa, pinçados através das memórias oficiais, desaparecia, para dar lugar à temas como destruição do meio natural, exclusão e segregação social, e caos urbano, como características indeléveis dessa região fronteiriça (Ver: CATTA, 2003; MAZZAROLLO, 2003).



Ainda que reconhecendo a legitimidade e necessidade da crítica construída por este último grupo de autores, é preciso superar tais reducionismos sob o risco de não perceber neste peculiar espaço geográfico algo que vá além das polarizações e idealizações. Assim, compreendemos ser necessário dar visibilidade a outros temas e sujeitos, como aqueles que estão no centro das relações de alteridade e estranhamentos entre seus moradores, incidindo decisivamente nas ações de *integração,* seja a integração "real" - vivida e construída por sua própria população no cotidiano da fronteira -; seja a integração "planejada" - buscada artificialmente a partir de projetos e discursos oficiais entre governos. É preciso destacar que na atualidade, um conjunto significativo de autores tem colocado em pauta as mais diferentes problemáticas que têm lugar – ponto de partido, resolução ou chegada – essa região de fronteira, incluindo temas como imigrações e deslocamentos, problemas agrários (com especial ênfase sobre a questão dos *brasiguaios*[6]*),* o contrabando e a criminalidade, os conflitos sociais, as relações de trabalho, o estabelecimento de grupos étnicos (como a comunidade árabe e paraguaia), entre outros.

Embora nenhum dos temas listados acima tenha constituído diretamente o nosso problema de pesquisa, o simples mencioná-los é uma pequena amostra da variedade de temas e sujeitos possíveis de serem estudados e trabalhados neste espaço geográfico, ajudando a construir a importante noção de que tratamos não de uma fronteira reducionista e polarizada entre o idílico e a crise social e econômica; e sim de uma fronteira multicultural e multifacetada, que precisa ser vista para além dessas idealizações e estereótipos traçados acima. Dito de outra maneira, tais idealizações e reducionismos, em determinados contextos, tomam a diversidade cultural como um jargão tratado inclusive de maneira empobrecedora e

[6] Agricultores de origem brasileira que se estabeleceram no leste do Paraguai, nessa zona de fronteira, a partir dos anos 1960/70.

esvaziada de sentidos concretos para a compreensão do próprio cotidiano dessa fronteira. No dizer da antropóloga Nara Oliveira:

> A diversidade cultural é indiscutivelmente um importante traço identitário da cidade. Presentes nos discursos locais artísticos, culturais, midiáticos, políticos e acadêmicos, essa característica de Foz do Iguaçu tornou-se um jargão. Transformado em algo trivial, ponto de vista elementar, parcial e superficial, a multiculturalidade de Foz não escapou às simplificações e tendências banalizantes.
> A sentença – *inúmeras culturas vivendo em paz* – é recorrente nos discursos veiculados na mídia local oferecendo à população a ideia de que se trata de um fato consolidado, dificultando a percepção de que este é um cenário em permanente construção. (...)
> Sem dúvida, a condição de civilidade e cordialidade é um importante atributo distintivo desta região comparada a outros territórios que vivem conflitos armados decorrentes da intolerância, do nacionalismo agressivo, do terrorismo e da violência contra minorias étnicas. Entretanto, observa-se que este ambiente pacífico interétnico muitas vezes limita-se ao uso partilhado do território geográfico, pouco estimulando contatos interculturais. (OLIVEIRA, 2012, p. 54, grifos no original)



Com efeito, assiste-se a produção de discursos oficiais que idealizam uma "integração" muitas vezes irreal, porque tratada entre governos a partir de grandes projetos de cooperação bilateral, mas que não necessariamente produzem "integração" na prática – apesar da forte propaganda a este respeito. O historiador German Ocampo Sterling, autor de um estudo de mestrado sobre os museus mantidos pela empresa Itaipu Binacional no Brasil (*Ecomuseu de Itaipu*, em Foz do Iguaçu) e Paraguai (*Museo de la Tierra Guarani*, em Hernandárias), observou e analisou tal contradição ao estudar o papel atribuído à empresa Itaipu Binacional, elevada à categoria de símbolo maior da "integração" entre dois Estados ali representados – Brasil e Paraguai. O autor observou que a forte propaganda a respeito "integração" supostamente promovida pela empresa Binacional nos dois lados da fronteira contrasta com a quase ausência absoluta de ações práticas visando a integração de fato. Para Sterling:

> Entretanto, a integração ambiental (...) não ocorre como indicado neste informe, como tampouco, *a posteriori*, aconteceu a integração cultural ou das memórias, como notaremos, nos centros culturais que constituem os museus. A empresa é binacional no nome e na gestão técnico-administrativa e financeira, mas nas questões ambientais e culturais a gestão é notadamente nacional, como percebemos nos museus, a não ser, escassos e insignificantes momentos de diálogo ao longo de suas trajetórias, se comparados com o marketing institucional feito em cima da integração, e contrastados com os diversos meios de comunicação que a empresa utiliza na região para divulgar suas políticas de responsabilidade, como outdoors espalhados nos principais acessos à região, em jornais e

outras mídias de comunicação. (STERLING, 2011, p.32).

É importante perceber que a limitada e artificial “integração de outdoor” que o autor sugere em seu texto, não apaga a possibilidade de outras formas de encontros e estranhamentos presentes nessa fronteira, e que operam como possibilitadores ou potencializadores de encontros, sociabilidades e hibridações, mas também tensões e estranhamentos. São conhecidas as constantes escaramuças envolvendo a próspera comunidade de agricultores brasileiros radicados no leste do Paraguai (chamados de brasiguaios) em razão de algumas atitudes consideradas por muitos paraguaios como segregacionistas, realizadas contra cidadãos nativos daquele país. Neste ambiente, muitos paraguaios acusam os brasileiros de serem preconceituosos e de discriminarem os paraguaios em seu próprio país. Como resposta, alguns paraguaios acabam evocando memórias e ressentimentos históricos, como aqueles relacionados às memórias populares difundidas no vizinho país acerca de episódios envolvendo a Guerra do Paraguai.



Aqui, o problema deixa de ser visto como algo restrito a um grupo específico de agro capitalistas brasileiros fixados naquele país, para se tornar uma disputa entre dois entes coletivos nacionais, duas nações. Foi o que concluiu o estudo de Jayme Benvenuto, professor da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), e que trabalhou com depoimentos orais tomados de moradores das três fronteiras. Neles, o autor identifica a insistência dos paraguaios em retomar o tema da Guerra do Paraguai em momentos de crise e de tensões vividas no espaço da fronteira:

> A pesar del discurso de hermandad en la región de la frontera, los entrevistados paraguayos hablan en casi todas las entrevistas realizadas en el país del resentimiento nacional-paraguayo relacionado las marcas del pasado: la Guerra de la Triple Alianza o Guerra del Paraguay, ocurrida hace cerca de 150 años, apareció en las entrevistas con los paraguayos como una herida abierta, con repercusiones en las relaciones con los vecinos y en el dimensionamiento del sentimiento de aislamiento en la relación con los otros tres países. (BENVENUTO, 2016, p.22)

Conforme já destacado por Micael Alvino da Silva logo no início deste texto, a guerra do Paraguai sequer ocorreu nessa região de fronteira. Porém, é notável a construção de uma potente memória a seu respeito, e que ao longo do século XX transpassou as mais diferentes correntes do pensamento político, historiográfico e identitário do Paraguai. Mesmo não tendo ocorrido nessa tríplice fronteira, a

retomada da memória sobre a da guerra contra o Paraguai opera como fator a potencializar as tensões vividas na região. A ela, somam-se outras, originadas no dia a dia da fronteira, conforme identificou, por exemplo, o estudo de José Lindomar Albuquerque:

> Os paraguaios se sentem mais próximos e amigos dos brasileiros, ainda que seja uma relação de amizade geralmente não horizontal, pois os paraguaios fronteiriços geralmente admiram o Brasil, os brasileiros e à língua portuguesa, enquanto os brasileiros da fronteira veem os paraguaios como inferiores, dificilmente se interessam pelas línguas paraguaias (espanhol e guarani) e atribuem aos paraguaios à condição de "chirú ou xirú"[7] e não adaptados à "cultura do trabalho". (ALBUQUERQUE, 2016, p. 42)



A retrospectiva que fizemos neste breve texto contempla apenas uma parte da imensa gama de possibilidades e de campos de estudo que possibilitam compreendermos e qualificar processos sociais e outras dinâmicas históricas que tiveram lugar nessa tríplice fronteira. O que importa pensar é que, mais do que objeto das preocupações de atores estatais e políticos, a tríplice fronteira tem sido também alvo de apropriações de memorialistas, acadêmicos, artistas, trabalhadores, empresários etc, que, por motivos e objetivos distintos, produzem seu próprios discursos para demarcar sua presença neste mosaico multicultural e multifacetado. Um mosaico que não se produziu apenas como o espaço idílico da *integração,* mas também como palco de disputas entre Estados nacionais, grupos sociais e econômicos, e paisagem de memórias e práticas sociais de trabalhadores e imigrantes.

À guisa de conclusão, podemos dizer que o estudo sobre essa peculiar fronteira indica que, ao invés de reduzir e aprisionar seus múltiplos sentidos a apenas este ou aquele conjunto de elementos selecionados de sua realidade cotidiana, torna-se necessário estar atento ao leque de possibilidades que ela oferece. A tríplice fronteira é também lugar de sociabilidades e contatos diários, de reconstruções identitárias constantes, território onde se opera um privilegiado

[7] De acordo com José Albuquerque, "A palavra deriva de 'Che iru' na língua guarani, que significa 'meu amigo, meu companheiro'. Mas os brasileiros (especialmente do sul do Brasil) usam com um sentido negativo, geralmente associado à condição indígena ou mestiça dos paraguaios, que ainda falam uma língua de herança indígena e gostam de alimentos bastante associados à tradição dos índios, como a mandioca. Há inclusive a expressão 'xirú mandioqueiro' ao se referir ao paraguaio de uma maneira depreciativa no contexto dos conflitos agrários no Paraguai." (ALBUQUERQUE, 2016, p. 42)

laboratório de práticas sociais e experiências interfronteiriças múltiplas, que reconfiguram identidades sociais e imaginários, como chama a atenção Albuquerque (2016), para quem:

> Esta região de fronteiras é um laboratório privilegiado de experiências sociais e de imaginação intelectual. Espaço de encontros, mesclas, disputas, conflitos, assimetrias e diferenciações entre povos e nacionalidades distintas que foram se concentrando aqui durante estas décadas e foram produzindo outras tantas fronteiras. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 34)



Ou seja, compreender essa fronteira significa ir muito além dos conflitos vividos e gerados em âmbito macroestrutural (governos, forças de repressão, imprensa, fazendeiros). A fronteira constitui um espaço aberto à dialética do encontro, da alteridade, do conflito e de novas construções identitárias (OLIVEIRA, 2012, p. 37)

Nos textos discutidos anteriormente, percebemos que diferentes autores apontam uma diversidade de acepções possíveis de serem trabalhadas a partir da fronteira. Ela é, ao mesmo tempo, local de novas reelaborações identitárias, ponto de chegada e ponto de partida, lugar de contato, irmandade e estranhamentos; enfim, espaço de construção da “integração”, e ao mesmo tempo, de reforço de estereótipos e até mesmo discursos e práticas xenófobas e nacionalistas. Essas possibilidades irão ganhar também vitalidade entre os músicos com os quais estamos dialogando aqui; cada qual, construindo sentidos diferentes para narrar o que a fronteira representa para eles, e de que maneira experimentam e interpretam seus próprios deslocamentos neste território.

O trabalho que realizamos no presente estudo propõe dialogar com essas dinâmicas sociais e culturais, identitárias e memorialísticas, a partir de um determinado tipo de produção musical existente neste espaço, por se tratar de uma zona de passagem, encontro e confluência de distintas nacionalidades, especialmente daquelas pessoas – artistas, ativistas políticos, imigrantes, trabalhadores – oriundos de países latino-americanos, e que, ao passar pela fronteira, deixam marcas de sua memória e identidade na fronteira, e também reelaborando-se artística e identitariamente a partir dela. Dito de outra forma, estes músicos passam a disputar o debate público acerca de sentidos possíveis de serem apreendidos e construídos como forma de narrar suas vivências e experiências

nessa fronteira, tomando-a como cenário de suas narrativas, mas ao mesmo tempo, conferindo novos significados e sonoridades à sua paisagem, memória e identidade(s).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ALBUQUERQUE, José Lindomar. Morar na fronteira e pensar a integração. In: BENVENUTO, Jayme. (Org.). **Somos todos irmãos? Somos todos hermanos?** Foz do Iguaçu: GEDAI, 2016, v. 1, p. 33-58.

_____**.** A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos 'brasiguaios' entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, v. 15, 2009, p. 137-166.

ALENCAR, Francisco; CAMPANA, Silvio. **Foz do Iguaçu: Retratos.** Foz do Iguaçu: Prefeitura Municipal; Fundação Cultural; Secretaria Municipal de Comunicação Social, 1997.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CATTA, Luiz Eduardo Pena. **O Cotidiano de uma Fronteira:** a perversidade da modernidade. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2003.

FAGNANI, José Paulo; MACHADO, Heriberto Ivan. **Foz do Iguaçu – 100 anos.** Curitiba: Natguraf, 2014.

FERRES, Virginia Perez. A solução do conflito de Itaipu como início da cooperação política argentino-brasileira na década de 80. **Projeto História**, São Paulo, n. 29 tomo 2, p dez. 2004, p. 661-672.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial:** migrações no Oeste do Paraná *(1940-1970).* Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.

MAZZAROLLO, Juvêncio. **A Taipa da Injustiça:** esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. São Paulo: Editora Loyola; CPT/PR, 2003.

MYSKIW, Antônio Marcos. *A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Tese (Doutorado em História). Niterói, RJ. UFF, 2009.

OLIVEIRA, Nara. **Foz do Iguaçu intercultural:** cotidiano e narrativas da alteridade. Foz do Iguaçu, PR.: Epígrafe, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol . 2. n. 3, 1989.

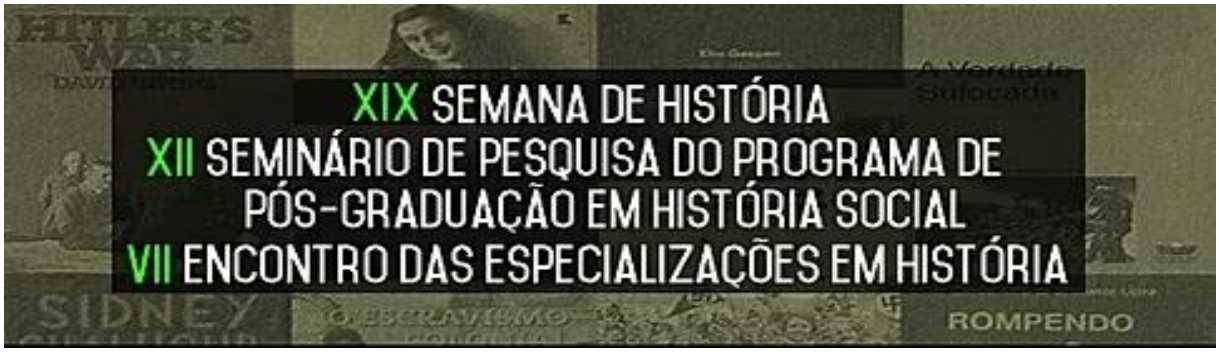
SILVA, Micael Alvino. **Breve História de Foz do Iguaçu.** Foz do Iguaçu: Editora Epígrafe, 2014.

SOUZA, Aparecida Darc. **Formação Econômica e Social de Foz do Iguaçu:** um

estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: USP, 2009.

STERLING, German A. O. **Representações Museográficas Na Fronteira:** Museo de la Tierra Guarani (Hernandárias / Paraguai) e Ecomuseu (Foz de Iguaçu / Brasil). Dissertação (Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 2011.

WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageros, Mensus e Colonos.** História do Oeste do Paraná. (1ª. Ed: 1982) Curitiba: Vicentina, 1987.






# VIVÊNCIAS POLÍTICAS NO BRASIL DE 1924 A 1933 A PARTIR DOS ENSAIOS AGRARISMO E INDUSTRIALISMO DE OCTAVIO BRANDÃO E EVOLUÇÃO POLÍTICA DO BRASIL DE CAIO PRADO JR.

Marcelo de Gois Barbosa
(Unesp/Assis)

**Resumo:** O objetivo desta comunicação é apresentar alguns elementos das vivências políticas de Octavio Brandão (1896-1980) e Caio Prado Júnior (1907-1980) para, a partir de suas representações, memórias e interpretações do marxismo e da história brasileira, propor um debate da conjuntura política e social brasileira entre os anos de 1924 e 1933. Observando as estratégias discursivas e políticas dos ensaios Agrarismo e Industrialismo (1924) e Evolução Política do Brasil (1933) para, assim, narrar as rupturas na teoria e na ação política do PCB e da cultura de oposição aos grupos dominantes da política nacional. Em um primeiro momento, encontramos um partido de oposição às classes dominantes brasileiras, o PCB, que atuava na ilegalidade entre fugas e perseguições da polícia política de Arthur Bernardes (1922-1926), penúltimo presidente da Primeira República (1889-1930), em uma conjuntura em que o Brasil se encontrava em estado de sítio e no domínio das oligarquias agrárias. Vemos nesse momento a importância teórica de Octavio Brandão e Astrojildo Pereira (1890-1965) em orientar ideológica e estrategicamente o primeiro grupo dirigente de um partido declaradamente marxista e de orientação bolchevista no Distrito Federal. Em um segundo momento, apresentaremos algumas importantes rupturas políticas dentro do PCB, da Komintern e na política Brasileira. Algumas indicações da época da publicação de Evolução Política Brasil mostram importantes mudanças no seio da política nacional e nas organizações e partidos de oposição às oligarquias e ao partido republicano, como também modificações importantes nas orientações da Komintern para América Latina, que por sua vez já se encontrava sob o predomínio do stalinismo. Além disso, o PCB começou a ser organizado por dirigentes que tinham a posição conhecida por “obreirismo”, e já se destacava o papel importante de Luiz Carlos Prestes que se filia ao PCB em 1934. O Brasil, do início de virada de década, estava vivendo a organização imposta pelo Governo Provisório (1930-1934) de Getúlio Vargas. Assim, partimos da premissa de que as experiências político sociais como as orientações teóricas e suas representações formuladas por Octavio Brandão, década de 1920, e Caio Prado Júnior, década 1930, são reveladoras fontes de informação para os historiadores e demais pesquisadores das Humanidades.

**Palavras-chave:** Octavio Brandão; Caio Prado Jr.; História do Brasil; Marxismo

Financiamento: CNPq.



## Introdução

Esta comunicação tem sua origem em uma pesquisa de mestrado sobre a trajetória e a memória de Octavio Brandão Rego (1896-1980), e também nas memórias, representações e interpretações feitas sobre sua militância e produção intelectual como parte do grupo dirigente do PCB[1] na década de 1920. O interesse da pesquisa é perceber as diferentes abordagens e leituras feitas sobre esse intelectual, escritor e militante alagoano tanto pelos seus camaradas e críticos do PCB como pelas pesquisas da historiografia universitária, isto é, se atentar para as diferentes apropriações e leituras construídas sobre esse indivíduo.

Em minha fala irei apresentar alguns apontamentos gerais sobre a discussão historiográfica da história dos comunistas e da Revolução Russa, que nos dão algumas diretrizes, paralelos e conexões para pensar a história dos comunistas brasileiros, a partir de Hobsbawm (2013), Bianchi (2012), Kevin Murphy (2008) e Carlos Zacarias da Senna Júnior (2017). Depois disso, irei fazer alguns comentários sobre as experiências de vida de Octavio Brandão e Caio Prado Júnior como chaves de leitura para interpretação histórica das questões sociais e políticas do Brasil dos anos 1920, assim como as questões relativas aos comunistas, marxismo, militância e movimento operário.

## "É possível escrever a história dos comunistas?"

O nosso ponto de partida é um texto de Eric Hobsbawm, escrito e apresentado em 1996, que se encontra em *Sobre história* (2013), e se chama "É possível escrever a história da revolução russa?". Nele Hobsbawm faz um balanço crítico e generalizante das historiografias e das abordagens feitas após os 80 anos da revolução com a abertura dos Arquivos de Moscou, tecendo críticas,

[1] Optou-se pela sigla PCB e não pelo nome do partido em extenso para evitar confusão. Da fundação do partido em 1922 até 1960, o nome usado era Partido Comunista do Brasil, e depois Partido Comunista Brasileiro. Isto se deve ao fato de o partido, na década de 60, buscar a volta da legalidade, e dessa forma querer enfatizar sua característica nacionalista. Um grupo dissidente vai dar origem ao PCdoB e adotar o antigo nome (Partido Comunista do Brasil).

principalmente, à abordagem contrafactual que até aquele momento foi uma tendência metodológica sobre as revoluções ocorridas na Rússia em 1917. Sua crítica tem como alvo as produções de economistas, que escrevem história, e historiadores liberais, além dos historiadores simpáticos da Revolução de Outubro e, nesse sentido, não deixa de ser também uma autocrítica.

O grande problema da história contrafactual apontada por Hobsbawm é que ela se baseia nas possibilidades do que poderia ter sido, resumida na famosa pergunta “e se?”, e não em evidências documentais e em discussões baseadas em provas e refutações, nem mesmo nas diversas narrativas e visões dos sujeitos históricos. O pano de fundo, na verdade, são as próprias projeções que os historiadores fazem. Contrafactuais como, por exemplo:



> Era inevitável uma revolução na Rússia? O czarismo podia ter se salvado? Estaria a Rússia a caminho de um regime capitalista liberal em 1913? Uma vez ocorrida a revolução, dispomos de um conjunto ainda mais explosivo de contrafactuais. E se Lênin não tivesse voltado para a Rússia? A Revolução de Outubro teria sido evitada? O que teria acontecido na Rússia se ela tivesse sido evitada? Mais centrais aos marxistas: o que levou os bolcheviques a decidirem tomar o poder com um programa de revolução socialista obviamente irrealista? Deviam ter tomado o poder? E se a revolução europeia – ou seja, a revolução alemã, na qual apostavam suas fichas – tivesse acontecido? Os bolcheviques poderiam perder a Guerra Civil? Mas não fosse a Guerra Civil, como teriam se desenvolvido o Partido Bolchevique e a política soviética? Vencendo-a, havia alternativas para o retorno a uma economia de mercado sob a NEP (“Nova Política Econômica”)? O que poderia ter acontecido se Lênin tivesse continuado em plena atividade? A lista não tem fim, e apenas mencionei algumas das questões contrafactuias óbvias do período até a morte de Lênin (HOBSBAWM, 2013, p. 335).

Esse tipo de pergunta influencia diretamente as análises sobre a história dos comunistas e marxistas brasileiros e as percepções e projeções políticas. Por exemplo, quando algum comentarista diz que os comunistas do início do século XX estavam errados, ou que poderiam ter se posicionado de maneiras diferentes se Brandão ou Caio Prado tivessem lido Rosa Luxemburgo, ou Antonio Gramsci, ou Georg Lukács, não teriam assim errado em determinada aplicação do método dialético ou do conceito de luta de classes, ou de qualquer outra abordagem teórica. Esse tipo de análise ignora quase que por completo as necessidades concretas, as condições materiais, a mentalidade, o imaginário e os recursos linguísticos de uma época, isto é, como aqueles sujeitos históricos leram o seu próprio tempo.

Hobsbawm ao tratar da Revolução Russa divide essas contrafactuais entre algumas consideradas inúteis e outras mais criteriosas que podem ser pensadas

como chave de leitura para os pesquisadores. Durante o texto, ele tece ainda uma série de considerações, as quais não será possível explanar nesta comunicação, mas cabe destacar o esforço do historiador britânico em criar entendimentos e pontos de consenso entre os historiadores especialistas do tema, sejam eles progressistas, liberais ou conservadores. Basicamente, o grande postulado dessa fala, que é importante para pensar nas mudanças da memória e da história dos comunistas brasileiros e que inaugurará uma série de artigos posteriores sobre a temática, é: “cada geração faz suas próprias perguntas novas sobre o passado” (HOBSBAWM, 2013, p. 332), sendo que esse postulado é importante para pensar, não somente o objeto tratado por Hobsbawm, mas também as próprias condições que o levaram a chegar nas conclusões expostas em sua fala.



Entre as principais conclusões de Hobsbawm está a diferenciação entre a história da Revolução Russa e a história de seu impacto no mundo. E é nesse sentido que, embora possam haver paralelos e influências diretas de Moscou, a história dos comunistas e marxistas brasileiros é própria e se dá de maneira autônoma e independente dos governos soviéticos, mesmo que esses tenham exercido forte influência em determinados momentos, como nos dirigentes obreiristas e estalinistas da década de 1930. Dito de outra forma, a história dos comunistas brasileiros é a história do impacto e das apropriações e leituras da revolução e dos governos bolcheviques.

Fazendo conexão com o nosso objeto, o primeiro grupo dirigente do PCB, que funda o partido em 1922 e permanece até o final de 1929 e início de 1930, é marcado por uma episteme própria, em condições históricas específicas na conjuntura dos últimos anos da Primeira República. Esse primeiro momento tem suas práticas e representações além de um horizonte de expectativa específicos, muito diferente do grupo dirigente que irá assumir a partir de 1930, que é um outro momento histórico, uma outra episteme, marcado pela Era Vargas na conjuntura nacional e pelo stalinismo nas diretrizes da Internacional e da URSS. É verdade que é possível identificar muitos elementos em comum ou que tiveram a sua continuidade nas décadas posteriores a 1920, entretanto, também há uma série de elementos conjunturais que indicam que tanto as estratégias de luta política e social, organização interna do partido, as relações com a Internacional e a URSS, quanto as leituras e apropriações do marxismo (logo as concepções de revolução, luta de classes, dialética, militância, entre outros), se deram de diversas maneiras e em

diferentes momentos.

Nesse sentido, como será apontado mais à frente, consideramos que uma análise que observe as ideias políticas de dois intelectuais comunistas, no nosso caso Octavio Brandão e Caio Prado Júnior, que militaram com maior destaque em dois momentos diferentes podem nos dar diversos indícios importantes de uma época, como também podem abrir diversos campos para pesquisas: ideias políticas, trajetórias e vivências, apropriações e representações, circulação de obras e ideias, militância, práticas políticas, periódicos e editoras marxistas, a atuação de intelectuais orgânicos, entre outros temáticas. Michel Winock, em um artigo sobre o trabalho do historiador com as ideias políticas, diz:



> Já que a finalidade da história das ideias políticas não é mais oferecer os elementos quase intemporais de uma "cultura política", e sim conhecer melhor os sistemas de representações das sociedades, o estudo desses sistemas tornou-se inseparável do dos aparelhos de produção e de mediação: não é apenas a ideia que age, é também o lugar de onde ela vem (WINOCK, 2003, p. 185).

A fala de Hobsbawm de 1996 terá uma forte repercussão, incentivando o debate em outros textos sobre a temática. Em 2008, foi escrito um texto com o mesmo título e com o subtítulo "Uma resposta tardía a Eric Hobsbawm" pelo historiador estadunidense Kevin Murphy. Em 2012, é publicado o artigo "É possível escrever a história recente do trotskismo brasileiro?" pelo cientista político e sociólogo da Unicamp Alvaro Bianchi, e em 2017 é publicado o artigo "Podemos escrever uma história dos comunistas brasileiros?" do historiador Carlos Zacarias de Sena Junior. O que todos esses artigos têm em comum é o interesse em pensar nas possibilidades de abordagens e métodos de se fazer a história dos comunistas, além de mapear as dificuldades que os historiadores do tema encontram no percorrer de suas pesquisas, e, ademais, como estas pesquisas se dão com o momento histórico de suas elaborações.

Peguemos como exemplo o artigo de Carlos Zacarias, pois ele faz uma síntese desse debate historiográfico. Ele chama a atenção para o fato de que não há uma história-tradição dentro do PCB, isto é, não há uma história oficial e institucional-partidária, não há uma história única dentro do próprio partido. O que de fato existe são relatos de experiências particulares, memórias, autobiografias, escritas-de-si, e esparsas tentativas de histórias-síntese do partido, como por exemplo os textos de Octavio Brandão, Astrojildo Pereira, Everardo Dias, Leoncio

Basbaum, entre tantos outros.

O próprio Astrojildo Pereira, o principal dirigente e organizador do partido na década de 1920 e também secretário-geral nessa época, não se empolgava com a perspectiva de escrever uma história do PCB. Mesmo tendo escrito textos-síntese sobre a temática, Astrojildo acreditava que as condições adversas, os longos períodos de ilegalidade, como também a perda e a prisão de documentos, colocava os comunistas em uma posição em que o melhor seria aguardar que se elaborassem monografias sobre períodos específicos, além de coletâneas de documentos, depoimentos pessoais, memórias e reportagens (SENA JÚNIOR, 2017, p. 182).



Isto ocorreu até o final da década 1970 e início de 1980, quando trabalhos sociológicos (como os de Francisco Weffort, Luiz Werneck Vianna, e Leôncio Martins Rodrigues) e historiográficos começam a surgir de maneira sistemática e organizada. Houve também um esforço de algo parecido com uma "história-tradição" com os textos de Nélson Werneck Sodré e José Antonio Segatto sobre a história do PCB, além de coletâneas de documentos sobre o movimento operário e o PCB organizados por Edgard Carone e Moisés Vinha.

Houve na década de 1980, portanto, uma motivação política e social no espírito dos pesquisadores da época, principalmente, devido às expectativas existentes com o fim ditadura e a reabertura política, com o retorno de militantes, artistas, políticos e demais anistiados e com o surgimento do novo sindicalismo, sobretudo com a figura de Luis Inácio Lula da Silva. Uma série de novos estudos surgem, sobretudo pela história social do trabalho e pela renovação da história política, inspiradas por novas abordagens como a thompsoniana. Cito como exemplo o programa de pós-graduação da Unicamp e a organização do GT Mundos do Trabalho na Anpuh ambas criadas em 1999 (SENA JÚNIOR, 2017, p. 189).

É nesse período que o fundo Octavio Brandão é criado no Arquivo Edgard Leuenroth[2]. Ocorre, nessa mesma época, o retorno da documentação do fundo Astrojildo Pereira e do PCB, conhecido por ASMOB[3] (Archivio Storico Del

[2] Ver mais sobre o Fundo Documental Octavio Brandão no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) em: https://www.ael.ifch.unicamp.br/noticias/fundo-documental-octavio-brand%C3%A3o-no-arquivo-edgard-leuenroth-ael. Acessado em 30/11/2019.

[3] O ASMOB inicialmente foi formado pela documentação de Roberto Morena (sindicalista, membro da CGT e da Federação Sindical Mundial), e posteriormente a documentação relativa de Astrojildo Pereira e o PCB, Luiz Carlos Prestes, Oscar Niemeyer, Jorge Amado, entre outros doadores. O ASMOB retorna para o Brasil após 17 anos de exílio como propriedade do Instituto Astrojildo Pereira,

Movimento Operaio Brasiliano), que haviam sido enviadas para a Itália na década de 1970, na época da Ditadura Militar, como uma estratégia de preservação da história dos comunistas e do movimento operário, pois era uma documentação considerada como “subvertores da ordem e da segurança nacional brasileira”. É importante destacar que até esse momento não havia uma dissertação, tese ou biografia sobre Octavio Brandão e Astrojildo Pereira feita por qualquer historiador ligado a uma instituição acadêmica.



Astrojildo teve seu lugar resguardado na memória dos militantes do PCB. Costuma ser lembrado por ser o principal fundador do partido em 1922 e por ser um importante crítico literário e leitor de Machado de Assis. Já o alagoano Octavio Brandão, o primeiro a traduzir o Manifesto do Partido Comunista para o português, o primeiro na América Latina a utilizar a expressão “marxismo-leninismo” e autor do ensaio Agrarismo e Industrialismo de 1924, considerado a primeira interpretação marxista da realidade brasileira, antes mesmo do ensaio Evolução Política do Brasil de Caio Prado Júnior de 1933, foi deixado no ostracismo pela memória partidária e pela historiografia.

Octavio Brandão Rego é expulso do partido em 1930, mesmo tendo sido um importante intelectual orgânico do PCB no percorrer da década de 1920. Foi acusado de “desvios direitistas” devido às mudanças das diretrizes ideológicas na Internacional e no Bureau Sul-Americano ocorridas com a ascensão do estalinismo. E em 1931 foi deportado sendo o primeiro preso exilado do regime de Getúlio Vargas, passou 15 anos na Europa, lutou na Segunda Guerra Mundial ao lado dos soviéticos. Sua esposa, a poetisa Laura Brandão, morre na guerra e mesmo assim cai no ostracismo da memória partidária.

Quando lembrado por alguns de seus críticos sãos destacados os erros teóricos de sua apropriação do marxismo. Ele é caracterizado por alguns, como Leandro Konder e Basbaum, por ter um jeito asceta e por falar em nome da revolução. Todos os seus 65 anos de luta, sendo 58 anos de militância no PCB, 17 prisões, 15 anos de exílio, e mesmo com o seu retorno ao Brasil ainda enfrentou 11 anos de ostracismo partidário, nunca se afastou da militância e nem deixou o partido, mesmo assim não atraiu o interesse dos pesquisadores acadêmicos pelo

---

e em 1994 é cedido para a custódia da UNESP. Ver mais em ASMOB – Archivio Storico Del Movimento Operaio Brasiliano. In https://www.cedem.unesp.br/#!/acervo/asmob/. Acessado em 30/12/2019.

menos até as décadas de 1990 e 2000 (AMARAL, 2003, p. 13). Somente com as renovações das pesquisas acadêmicas, principalmente com a História Social do Trabalho e a Nova História Política pós 1980 e 1990, é que Brandão e os seus textos são restabelecidos como interesse e objeto de pesquisa.

No caso do paulistano Caio Prado Júnior nós temos um intelectual acadêmico reconhecido por comunistas, marxistas, e liberais, mesmo passando por períodos de perseguição política, ganhou grande reconhecimento de sua obra que qualquer outro membro do PCB da década de 1920 e início de 1930 não obteve. Caio Prado é oriundo de uma família aristocrática de São Paulo, bacharel em direito pela Faculdade do Largo de São Francisco em 1928. Também militou pelo Partido Democrático, participou da Revolução de 1930, mas logo depois se desapontou com os rumos tomados por Getúlio Vargas.



Caio Prado entra para o PCB somente em 1931, isto é, quase dez anos após a fundação do partido em um período de transição ideológica e de transição do grupo dirigente. Seu livro *Evolução Política* de 1933, que inaugura Caio como escritor e historiador, ganhou grande destaque mais entre o mundo universitário e na crítica social e literária da época do que nas próprias fileiras do PCB naquele momento, sobretudo pela sua crítica ao olhar dos seus camaradas sobre a temática da Revolução, a leitura teleológica determinista, e as estratégicas política. *Evolução Política do Brasil* costuma ser mencionado ao lado de outros importantes ensaios analíticos da realidade histórica e social brasileira como *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (1933) e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda (1936), reforçando a ideia de que esses três ensaios são pilares das leituras que impactaram as gerações de intelectuais a partir daquele momento.

Para termos de comparação, temos dois importantes textos sobre Caio Prado Júnior publicados recentemente, a tese de doutorado do professor Paulo Henrique Martinez, publicada em 2008 pela editora EDUSP e a FAPESP, muito rica em informações sobre a formação do que poderíamos chamar de um “jovem” Caio Prado Júnior, e a biografia política escrita por Luiz Bernardo Pericás publicada em 2016 pela editora Boitempo, acompanhando toda a carreira política fugindo dos estereótipos do “intelectual de escritório”. Ainda não há uma tese qualquer de doutorado sobre a vida ou a obra de Octavio Brandão, embora duas dissertações de mestrado tenham sido publicadas em formato de livro até o momento.

Para concluir, os avanços do novo sindicalismo e dos novos movimentos

sociais após 1980 e 1990 e as vitórias eleitorais da esquerda na América Latina no decorrer da década de 2000 foram elementos que deram um novo impulso e interesse à continuidade das pesquisas sobre a história dos movimentos sociais e políticos. Incluindo nessa lista de interesses também os movimentos comunistas, as histórias da vida política e privada de militantes e as produções teóricas que ainda não eram observadas nos meios acadêmicos, mesmo que esses temas e objetos sejam tratados por vezes de maneira mais particularizadas, fragmentadas e diluídas por conceitos da antropologia e da chamada história cultural.



Na década de 2010, viu-se o aumento de uma historiografia conservadora, revisionista, liberal e negacionista que surgiu com uma nova fase de difusão do neoliberalismo e da expansão de governos de direita e movimentos neoconservadores da última década, que passaram praticamente despercebidos pela comunidade acadêmica. Essas questões, que são relativas ao tempo presente, só estão ganhando a atenção e a seriedade devida somente a partir do golpe que levou ao impeachment da presidenta Dilma Rousseauf e à eleição de Bolsonaro, além é claro dos atuais contingenciamentos e cortes na pesquisa científica. E mais uma vez nos encontramos diante do postulado de Hobsbawm: “cada geração faz suas próprias perguntas novas sobre o passado” (HOBSBAWM, 2013, p. 332). É nesse momento que a história das esquerdas e dos sindicatos, comunistas, anarquistas, do marxismo, e dos movimentos operários e sociais demonstram a sua atualidade e importância.

## Bibliografia

AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma memória silenciada. Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octavio Brandão:** (1917-1980). Dissertação de mestrado, ICHF/Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

BATALHA, Claudio H. M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In FREITAS, Marcos Cezar de (org.). 4. ed. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001.

BIACHI, Alvaro. É possível escrever a história recente dos trotskismos brasileiros? **Perseu**. 8, n.6, p. 361-380, 2012.

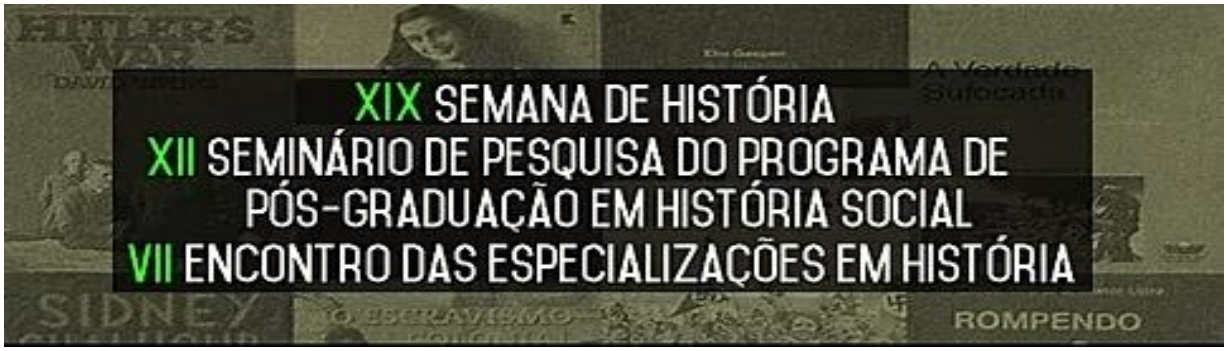
_____. Octavio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. In: **Crítica Marxista**, n. 34, 2012, p. 133-149.

HOBSBAWM, Eric. Podemos escrever a história da Revolução Russa?. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MURPHY, Kevin. Podemos escrever a história da Revolução Russa? Uma resposta tardia a Eric Hobsbawm. **Revista Outubro**, n. 17, p. 41-65, 2008.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Podemos escrever uma história dos comunistas brasileiros?. In **Revista Outubro**, n. 29, novembro de 2017.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In RÉMOND, Réne (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp. 271-294.






# A QUESTÃO AMBIENTAL E OS DESDOBRAMENTOS DA REVOLUÇÃO VERDE NO BRASIL: INOVAÇÕES, TRANSFORMAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS

Danilo de Longhi Tessaro[1]

(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** O ano de 2019 ficará marcado na história do Brasil pelas queimadas que assolaram a Amazônia entre os meses de junho e setembro. Boa parte dessa tragédia é decorrente de uma nova expansão da fronteira agrícola para o norte do país, atingindo o bioma amazônico. Porém, para compreendermos esta nova realidade, necessitamos entender em todos os seus aspectos o início da modernização do campo durante a segunda metade do século XX. A Revolução Verde, como ficou conhecida, foi decorrente da ampla produção industrial e de inúmeras políticas públicas que tinham a intenção de aumentar a produção de alimentos e erradicar a fome no mundo. Desencadeada nos países de forte poder industrial do pós-guerra como os EUA, o ideal da Revolução Verde chegou ao Brasil no final da década de 1960 por intermédio do Governo Militar. Após o Golpe de 1964, o novo governo adotou uma forte política para a industrialização do campo. A intenção era transformar o país à condição de provedor de alimentos. Como o leitor irá se deparar ao longo deste texto, essa revolução tecnológica do campo trouxe inúmeros benefícios mas também diversos malefícios ao meio ambiente, como os decorrentes da expansão da fronteira agrícola que também podem ser percebidos nos dias atuais. Todas as questões aqui elencadas são apresentadas por meio de um breve levantamento bibliográfico acerca do tema.

**Palavras-Chave:** História Ambiental; Meio ambiente; Expansão da Fronteira Agrícola; Revolução Verde; Industrialização do campo.

## Introdução

Atualmente notamos que a questão ambiental ganhou um novo enfoque no cenário brasileiro, principalmente com as políticas adotadas pelo novo governo que

[1] Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); Graduando no curso de Direito da Faculdade Paranaense (FACCAR); Pós-Graduando em Direito Constitucional pela FACCAR.

vem impulsionando a expansão da fronteira agrícola para a região norte do país. Basta uma olhada rápida diária nos noticiários para presenciarmos as políticas nocivas ao meio ambiente adotadas pelo Governo Bolsonaro juntamente com sua Ministra da Agricultura Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias e o Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles.

O Ministério da Agricultura, por exemplo, vem liberando uma série de agrotóxicos nocivos ao meio ambiente e proibidos no mundo todo, muitos inclusive, prejudiciais à saúde humana. Conforme dados apresentados pelo Greenpeace (2019)[1], somente nos primeiros cem dias do ano de 2019 foram liberados mais que o triplo de agrotóxicos que nos últimos dez anos. Se não bastasse isso, o Ministério do Meio Ambiente vem promovendo um desmonte sistemático dos órgãos governamentais responsáveis pela fiscalização ambiental (SISNAMA, IBAMA, ICMBio, entre outros)[2] em todo o país, com o intuito de promover a expansão desenfreada e inconsequente do agronegócio.



Aliado a esses fatores, devemos ressaltar que atualmente o mundo assim como o Brasil estão vivendo uma nova etapa da industrialização da agricultura, marcada por novos implementos agrícolas, investimentos tecnológicos na área científica, melhoramento genético, biotecnologia, e principalmente, pela expansão da terras agricultáveis. Contudo, para compreendermos esses problemas atuais, sobretudo no que diz respeito a expansão da fronteira agrícola na região amazônica, devemos fazer uma análise de como foi o processo de industrialização do campo brasileiro na década de 1960 e 1970.

Portanto, o objetivo deste artigo é lançarmos uma luz sobre essas

[1] Segundo os dados apresentados pela ONG Internacional, até o dia 10 de abril de 2019 foram liberados cerca de 152 novos agrotóxicos, dos quais 41% são nocivos ao meio ambiente e a saúde bem como proibidos no mundo todo (GREENPEACE. 2019).

[2] O Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), foi criado a partir do estabelecimento da Política Nacional do Meio Ambiente por meio da lei nº 6.938/1981. É formado por uma rede de órgãos e instituições ambientais responsáveis pelo cumprimento da matérias ambientais dispostas na Constituição Federal e legislações inferiores. Ou seja, tem o dever de efetivar a Política Nacional do Meio Ambiente.

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) é um órgão Federal que foi criado em 1989 pela Lei nº 7.735/89, com o objetivo de garantir o pleno desenvolvimento econômico por meio do uso sustentável dos recursos naturais. Deste modo atua na preservação, melhoria e recuperação do meio ambiente. Com isso, o IBAMA tem como função primordial executar a Política Nacional do Meio Ambiente estabelecida pela lei nº 6.938/81.

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), foi criado em 2007 com a finalidade específica de atuar na administração das áreas federais protegidas que representam cerca de 9% do território nacional (MENDES, 2016).

transformações ocorridas no campo, apontando os benefícios e, principalmente, as consequências dessa política adotadas durante a Ditadura Civil-Militar brasileira. Com a implementação de uma política que visava industrializar o campo através da adoção de medidas que já faziam parte do programa adotados por grandes países agroexportadores, como os Estados Unidos da América e alguns países da Europa. O objetivo e abordar os principais ideias da Revolução Verde da década de 1970 e, assim, fazer um balanço dessas transformações econômicas, políticas, sociais e ambientais através dos projetos de modernização agrária no mundo e no Brasil.



Porém, antes de adentrarmos as questões centrais deste texto temos que compreender a situação econômica e rural brasileira até o Golpe de 1964, quando houve uma guinada na política interna e externa brasileira.

**O Brasil até a década de 1960**

Apesar de sua extensa área territorial abrangendo cerca de 8.514.876 km², a quinta maior extensão territorial de um país no mundo, o Brasil até a década de 1960 era conhecido pelo modo de produção agrícola rudimentar, com pouca tecnologia produtiva disponível onde o café era o principal produto da balança comercial. Tais fatores deixavam o Brasil aquém das novas demandas globais de produção de alimentos daquele período histórico.

Conforme mencionado por Marcio José Serinini e Sandra Terezinha Malysz (2015), até a década de 1960 a maior parte da população morava na zona rural vivendo da atividade agrícola (2015, p. 5). Contudo, esse índice demográfico (pesquisar o censo de 1960 e colocar em nota) não refletia no desempenho produtivo de alimentos do país. Até esse período histórico, o setor agrícola brasileiro era marcado por sua insuficiência produtiva, essa a principal responsável pelas diversas crises de abastecimento que o país passava. Essa realidade era proveniente da inexistência de políticas públicas voltadas para produtividade no campo, que fez com que o Brasil, por um bom tempo, necessitasse importar alimentos para prover a população (MASSUQUETTI; SOUZA; BEROLDT, 2010, p. 3-4).

A realidade brasileira e a de muitos outros países somente começou a ser transformada diante da conjuntura global das décadas de 1950 e 1960, na qual a fome mundial era o principal inimigo. Como mencionado por Albano e Dessá (2011),

a modernização do campo promovida durante essas décadas ficou conhecida popularmente na história e na historiográfica como Revolução Verde. Processo iniciado nos países desenvolvidos e atingindo posteriormente os subdesenvolvidos, como o Brasil, essa Revolução pode ser caracterizada pela mudança radical nas técnicas utilizadas na agricultura (2011, p. 129). O que impulsionou esse processo de evolução tecnológica no campo foi a adoção de diversas políticas públicas voltadas para a erradicação de problema crônico universal, à fome[3].



Diante deste contexto, a maioria das políticas públicas adotadas para a agricultura tinham como objetivo maior aumentar a produtividade de alimentos. Esses investimentos públicos propiciaram uma evolução jamais vista na história da humanidade. Dentre as principais inovações tecnologias estavam a substituição da tração animal pela mecânica com a adoção de tratores a diesel; novos implementos como plantadeiras, arados entre outros; utilização de insumos e adubos inorgânicos; desenvolvimento de sementes geneticamente modificadas; de agrotóxicos como fungicidas, herbicidas, pesticidas dentre outras tecnologias (ANDRADE; GANIMI, 2007, p. 44-45).

Deste modo, nos dizeres de Luciano Ricardio De Santana Souza (2011), esse processo de modernização agrícola:

> [...] é o movimento transformador da estrutura agrícola nacional baseado numa revolução de processos que instala um novo modelo centrado na tecnificação agrícola. Como estratégia principal, a modernização da agricultura deve ser alicerçada dentro das garantias de dependência financeira e integração com a indústria de bens de produção agrícolas (tratores e insumos), tornando-se o agricultor um consumidor extremamente subordinado (2011, p. 236).

Como versa Souza (2011), por ser um processo complexo em sua essência, o que se observa é que em sua maioria, os médios e grandes proprietários puderam investir na modernização de suas terras. A tríade soja-milho-trigo foi a aposta de muitos na época. Aposta que teve um retorno relativamente rápido, diferente do café que demorava em média cerca de 4 a 5 anos para dar uma safra boa, facilitando a compra de subsídios que ajudavam na produção desses cereais.

Essa modernização trouxe muitos benefícios, tanto para o campo quando a

[3] Esse pensamento começou a ser desenvolvido e a ganhar forma a partir da internacionalização dos Direitos Fundamentais propiciados pelo debate na ONU. Dentre esses direitos Universais estão o direito a uma alimentação de qualidade pelo menos três vezes ao dia (JESUS; OMMATI, 2017, p. 194-195).

agroindústria, mas, ela veio acompanhada de diversos problemas que ainda hoje são identificados em nossa sociedade. A questão da “modernização conservadora” e do êxodo rural que se seguiu a ela é motivo para grandes discussões ainda hoje. Este trabalho pretende fazer um balanço histórico e apontar os principais problemas causados pela industrialização do campo.

**Revolução Verde no Brasil**



O ideal da chamada Revolução Verde chegou ao Brasil em meados da década de 1960. A busca pela rápida modernização da agricultura era um dos projetos políticos do Governo Militar, que havia tomado o poder em abril de 1964. Com o golpe de Estado e consequentemente derrubada de João Goulart do poder, a ideia de modernização agrícola através da reforma agrária foi esquecida. No poder, os militares optaram pelo progresso do campo através da adoção de pacotes tecnológicos que mantivessem a estrutura fundiária. (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 48).

É um processo de profundas transformações política, econômicas e principalmente sociais. Segundo Rosane Balsan, a adoção dessas políticas no campo foram profundamente desiguais ao longo das últimas décadas, pois os pequenos produtores não conseguiram, e ainda hoje não conseguem, ter acesso a essas novas tecnologias como os médios e grandes produtores. (BALSAN, 2006, p. 125). Muitos dos quais, por não conseguirem manter suas propriedades, tiveram que vendê-las e migraram para cidades em busca de novos empregos, o que favoreceu o aumento da estrutura fundiária brasileira.

Portanto, pode-se dizer que o Estado brasileiro atuou constantemente na implementação da Revolução Verde, com várias medidas governamentais, como ressaltam Zamberlam e Froncheti (2001):

- Divulgação das propostas e investimentos;
- Concessão de espaços para os organismos internacionais;
- Envio de professores, técnicos e pesquisadores para o exterior a fim de serem treinados e vinda de técnicos desses centros internacionais para efetuarem treinamentos no Brasil;
- Atração de empresas transnacionais para o país a fim de produzirem insumos (químicos), máquinas e equipamentos e de indústrias processadoras de matérias-primas agrícolas. Chegaram a Ford, Shell, Ciba-Geigy, ICI, UNILEVER, Du Pont, Bayer, Basf, Stauffer, Dow Química, Pfizer, Unon Carbide, Monsanto, Rhodia, entre outras;
- Criação de centros e órgãos de pesquisa, no Brasil, para ‘adequarem os produtos’ à realidade do solo e do clima. Surge a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária), EMBRATER

(Empresas Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural), as EMATERs (Empresas Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural) e as cooperativas fundaram seus centros de pesquisa também com a mesma finalidade;

- Estímulo ao surgimento de cooperativas de comercialização agrícola para organizar os agricultores e introduzi-los às novas práticas;
- Reformulação do papel do Banco do Brasil, passando a ser um órgão financiador por excelência desse novo modelo (ZAMBERLAN; FRONCHETI, 2001, apud ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 49).



Uma das principais política do governo militar foi a da expansão da fronteira agrícola durante as décadas de 70 e 80, através da fusão da indústria com a agricultura, que mudaram as estruturas agrárias brasileiras. A indústria atua com a fabricação de novas tecnologias, mecânicas e químicas, e na escolha dos produtos a serem cultivados, como soja, milho, trigo, algodão e etc. (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 49). Assim, foi com o incentivo à monoculturas com finalidades comerciais, que a indústria e o governo aturam na modernização e na expansão da agricultura brasileira.

O incentivo à produção de soja atuo como fator fundamental para ocupação territorial do cerrado e de outras regiões do país. Foi através do incentivo da migração para essas regiões para o cultivo da soja que o governo deu o pontapé inicial para um de seus planos; o de ocupação do território nacional. (WARNKEN,1999, p. 8). Hoje, a nova expansão da fronteira agrícola ao norte do país, tem sido tema de profundos debates, principalmente no meio acadêmico. O avanço por reservas florestais e áreas indígenas são os principais problemas, que são esquecidos pelo congresso nacional, formado em sua maioria por ruralistas.

O incentivo à produção de trigo também foi uma das políticas do governo a partir dos anos 60. Desde 1962, o governo começou a buscar a ser autossuficiente na produção de trigo para o mercado nacional, como uma forma de economizar ao reduzir as importações. O estabelecimento de preços mínimos e linhas de créditos para cooperativas e produtores foram umas das alternativas. (WARNKEN, 1999, p. 8).

Sem dúvidas, as constantes geadas das décadas de 1960 e 1970, sobretudo a grande geada de 1975, aceleraram essas transformações no sul e sudeste do país. A geada negra[4], como ficou conhecida, atingiu diversos estados do país como

[4] Na noite do dia 17 para o 18, o termômetro atingiu temperaturas negativas em vários lugares do sul e sudeste, sendo a menor registrada em -6ºC. Na manha do dia 18, a maioria das lavouras de café do sul, principalmente do norte do Paraná, e sudeste do país estavam dizimadas. O gelo que cobriu boa parte dos pés de café dessas regiões queimando as plantas até a raiz. Muitos produtores

Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, sul do Mato Grosso (PA. 2003. p. 9). O dia 18 de julho de 1975, entrou para a história de muitas famílias que viviam no campo e estavam diretamente ligadas a produção de café.

Porém, é importante ressaltar que este processo de modernização da agricultura brasileira foi excludente em sua essência, à medida que pequenos produtores que perderam tudo após 1975, não tiveram condições e quase nenhum subsídio para adquirirem novos equipamentos mecânicos e químicos como outros produtores. (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 52). Como diz Silva:



> [...] o processo de modernização da agricultura e extremamente desigual e excludente visto que privilegia alguns poucos produtores, latifundiários, em detrimento de outros tantos pequenos produtores familiares (SILVA apud STÉDILE apud ANDRADES; GAMINI, 2007).

Assim, essa modernização não atingiu todos os produtores, aumentando à concentração fundiária em todo o país. Tudo isso levou a problemas maiores que ainda hoje são identificados, como o massivo êxodo rural, conflitos pela posse da terra e sérios problemas ambientais (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 53).

Segundo Souza (2011), essa industrialização do campo pode ser considerada como conservadora, pois, em sua essência, esconde diversas questões da lógica capitalista. A primeira delas, de acordo com o autor, seria de que a adoção de novas tecnologias no campo durante os anos da Ditadura Militar. A ideia de *modernização conservadora* [5]reside no fato, de acordo com Souza (2011), de que a adoção de novas tecnológicas no campo esconde um processo de concentração fundiária na qual acaba por excluir o pequeno produtor de certos benefícios propiciados pelas novas tecnologias (2011, p. 236-237).

Deste modo, conforme menciona o sociólogo Clive Ponting (1995), a Revolução Verde, como um todo, acabou acentuando as diferenças sociais já existentes visto que o processo de mecanização agrícola aumentou a concentração

---

optaram pelo corte e replantio do café, mas, a grande maioria arrancou suas plantações e preferiram pelo plantio de outras culturas, como soja, trigo e milho. (ANTONELI, D. Gazeta do povo, 2015).

[5] Fato observável nas décadas iniciais desse processo, a exclusão de pequenos produtores e algo perceptível nos dias atuais, visto que, diante das dificuldades financeiras e da falta de certos subsídios governamentais, muitos não conseguem manter o nível de produtividade exigida para continuar na atividade. Ou seja, por problemas financeiros não conseguem ter acesso as diversas tecnologias da agricultura de precisão para poderem aumentarem seus lucros. Assim sendo, essa adequação do campo as novas tecnologias, seja nas décadas iniciais da Revolução Verde ou nos dias atuais, esconde diversos problemas quanto a participação da pequena agricultura, expondo escancaradamente a falácia (SOUZA, 2011, p. 237).

fundiária (1995, p. 446). Tal mecanização foi responsável por um intenso fluxo migratório, o êxodo rural brasileiro, onde pequenos produtores, arrendatários e empregados tiveram que buscar uma nova vida nas cidades, sobretudo após a grande Geada de 1975.

**Consequências**



Uma das principais consequências da rápida modernização agrícola brasileira foi o massivo êxodo rural que se seguiu após a adoção dessas políticas e, principalmente após a grande geada de 1975. Para posseiros e assalariados, a migração para áreas da nova fronteira agrícola foi umas das alternativas para recomeçar na época. Porém, as cidades estavam mais próximas e, na grande maioria, foi a escolhida por muitos para recomeçar (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 580).

> A agroindústria se expandiu rapidamente, mas a produção *per capita* de alimentos básicos é menor de que o início da modernização. O número de postos aparentemente aumentou, mas grande parte deles são de natureza instável e mal remunerados. O campo se industrializou, se eletrificou e se urbanizou parcialmente, entretanto o êxodo rural também se multiplicou, levando ao inchamento das cidades (MARTINE, 1987, p. 10).

Segundo Guilherme Delgado, o fluxo migratório para as cidades aumentou significativamente entre 1970 e 1980. (DELGADO, 1985, p. 22). Esse crescimento urbano pode ser explicado pelos seguintes fatores:

> [...] o crescimento vegetativo da população urbana; as migrações com destino urbano e, ainda, a incorporação de população que por ocasião do censo de 1970 eram consideradas rurais. (DELGADO, 1985, p. 22).

Este processo de urbanização é acompanhado pelo rápido desenvolvimento industrial. O ciclo industrial iniciado em 1967, na transição presidencial do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) para o Marechal Arthur da Costa e Silva (1967-1969), manteve-se em constante crescimento até meados de 1974. Porém, durante o governo do General Ernesto Geisel (1974-1979), este índices de começam a decair rapidamente (DELGADO, 1985, p. 23). É principalmente durante esse período que o desemprego urbano atinge índices gravíssimos. Segundo Mello e Novais, ao invés da renda dos trabalhadores aumentarem, acontecia exatamente ao contrário, o que aumentou ainda mais os níveis de desigualdade de renda no país:

> [...] os rendimentos dos trabalhadores subalternos são comprimidos para lucros astronômicos e para a diferenciação das rendas, e do consumo dos

> funcionários do dinheiro [...] (MELLO; NOVAIS. 1998, p. 618).

Houve de fato alguma melhora, mas, ainda sim, a maior parte da população urbana vivia a margem da miséria. Para as pessoas que migraram do campo para as cidades, o fato de ter acesso a alguns serviços públicos já era de grande valor para quem não tinha quase nada, mesmo com a precariedades desses serviços. (MELLO; NOVAIS. 1998, p. 619-623).



O capital agroindustrial aumentou significativamente, porém, eles não se convertem em benefícios sociais como ressaltam Thiago e Rosângela (2007, p. 54).

> O modelo latifundiário, agroexportador que se perpetuou no processo de modernização da agricultura, apesar de atrair vultosas remessas de dólares, não as converte em benefícios sociais. Esse dinheiro que forma grande parte do superávit primário brasileiro está acordado ao pagamentos dos juros dos empréstimos auferidos junto ao FMI, portanto, a quantia destinada à melhoria da qualidade de vida, à geração de empregos, à infraestrutura produtiva, entre outras prioridades, é direcionada aos fundos de instituições supranacionais. (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 54).

Além desses fatores sociais, vários problemas ambientais são causados pela constante modernização do campo. A perda da biodiversidade é uma das principais consequências da expansão da fronteira agrícola, pois, com o desmatamento de áreas florestais para dar lugar à soja, acabou acentuando a extinção de várias espécies de animais e vegetais. (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 50).

O solo é um dos fatores que mais sofrem com este processo de mecanização. Como diz Balsan (2006), a falta de conhecimento do solo que se pretende utilizar, aliada às monoculturas, acelera o processo de erosão física e biológica do solo (2006, p. 143). As monoculturas acabam com a fertilidade e com a proteção natural do solo, expondo-o a processos erosivos em casos de chuvas constantes. A compactação do solo pelos maquinários agrícolas também são problemas desta rápida modernização (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 51).

São os agrotóxicos, os adubos químicos e os transgênicos, elaborados por multinacionais como, Bayer, Monsanto, Basf, Syngenta e outras, que são os causadores dos principais problemas ambientais. Sendo a água o fator que mais sofre com isso (BALSAN, 2006, p. 143). O uso intensivo de agrotóxicos está cada vez mais tornando as pragas mais resistentes, criando uma demanda e uma dependência ainda maior de venenos para a lavoura, que pode piorar ainda mais a situação da água nos lençóis, nascentes, rios, lagos e etc. Sua contaminação pode

levar os indivíduos a desenvolverem graves doenças a longo prazo, como o câncer, ou até mesmo a morte, nos casos em que o indivíduo mexe sem proteção alguma com o insumo (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 50-52).

## Considerações Finais

Atualmente estamos presenciando uma nova etapa no processo de expansão da fronteira agrícola no Brasil. Ela é seguida por uma nova etapa no processo de industrialização do campo com o desenvolvimento da ideia de agricultura de precisão intimamente ligada com a produção capitalista.



Nesses últimos meses podemos notar claramente como essa nova expansão para o norte vem devorando a floresta amazônica e todo o seu bioma, tudo em nome do poder, ganância e dinheiro. Já um problema amplamente discutido durante as décadas finais do século XX, o que vemos é que pouco foi apreendido quantos as consequências desenfreadas da expansão da fronteira agrícola e adoção de tecnologias prejudiciais ao meio ambiente e a saúde humana.

Boa parte deste descaso decorre do desinteresse do Governo Bolsonaro em prover um desenvolvimento agrícola sustentável, em prol dos agricultores familiares e do bem estar ambiental. Contudo, para compreendermos o que estamos vivenciando atualmente no país, principalmente após os incêndios criminosos que vêm ocorrendo na Amazônia[6], precisamos compreender como foi o processo de industrialização do campo, desde dos benefícios até as principais consequências como o desmatamento de áreas de preservação, a exclusão de pequenos produtores, o êxodo rural e as tecnologias nocivas ao ambiente como os agrotóxicos.

A vida no campo mudou profundamente ao longo do século XX, sobretudo após a 2º Guerra Mundial. Muitas transformações ocorreram durante este período de mais de 80 anos. A chamada Revolução Verde, iniciada por empresas norte-americanas e algumas espalhadas pelo mundo, revolucionou profundamente a maneira como o campo produzia. Suas principais mudanças foram com a

[6] De acordo com os dados apresentados pelo INEP o ano 2019 registrou o maior índice de desmatamento desde 2008. A média que é registrada anualmente de agosto a julho, sendo a 2019 medida de 1 de agosto de 2018 a 31 de julho de 2019 registrou um índice de desmatamento que ultrapassa uma área de 9.762 km2. Tal número apresenta um aumento de 25% no desmatamento da Amazônia legal em relação ao computado no ano de 2018. Segundo os dados do Instituto, p desmatamento vem crescendo desde o ano de 2012 (MADEIRO, 2019).

implantação da mecanização e quimificação no processo de produção de alimentos, que causaram uma série de alterações econômicas e sociais.

Como é possível observarmos, a Revolução verde chegou ao Brasil no final dos anos de 1960, como um projeto político do governo militar. Seu objetivo era a modernização do país. É importante notar o papel das indústrias neste período, que passaram a ser fundamentais nesse projeto político. A aliança da indústria com a agricultura provocaram várias alterações na estrutura agrária do país, e, com ela, uma série de problemas sociais, econômicos e ambientais. O êxodo rural, a concentração fundiária, inchamento da cidades, desemprego urbano, a miséria, perda da biodiversidade, contaminação da água e etc., são alguns desses problemas que ainda hoje estão presentes na realidade brasileira.



**Referências Bibliográficas**

ALBANO, Gleydson Pinheiro; DE SÁ, Alcindo José. Globalização da Agricultura: Multinacionais no campo brasileiro. **Revista Terra Livre**, São Paulo – SP, Ano 27, V1, n. 36, p. 126-151, 2011.

ANDRADES, Thiago Oliveira de; GANIMI, Rosângela Nasser. Revolução verde e a Apropriação Capitalista. In: **CES Revista,** v. 21. Juiz de Fora, 2007. p. 43-56.

ANTONELLI, Diego. O dia antes do fim: 40 anos da Geada Negra. Londrina. Julho de 2015. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/o-dia-antes-do-fim-0cq6bwgyf403z8w3q8e5k6ow5. Acessado em: 27 de agosto de 2019

BARROS, Antônio. **Os presidentes da ditadura militar.** 2006. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/97117.html. Acessado em: 27 de agosto de 2019.

BALSAN, R. Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira. In: **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2,** p. 123-151, ago. 2006.

DECHEN, Antonio Roque. O plantio direto acordou o Brasil para a sustentabilidade. Outubro de 2013. Disponível em: http://www.noticiasagricolas.com.br/artigos/artigos-geral/129169-o-plantio-direto-acordou-o-brasil-para-a-sustentabilidade--por-antonio-roque-dechen.html#.V6J2dvkrLIU. Acessado em: 28 de agosto de 2019.

DELGADO, Guilherme da Costa. Capital Financeiro e Agricultura no Brasil: 1965-1985. In: **Caracterização geral do desenvolvimento recente da agricultura**. São Paulo: UNICAMP, 1985. P. 11-43.

GREENPEACE. Liberação de Agrotóxicos nos primeiros 100 dias de Governo Bolsonaro. In: **www.greenpeace.org.br**, 2019. Disponível em: https://www.greenpeace.org.br/hubfs/agrotoxicos-bolsonaro-100dias.pdf. Acessado em: 29 de agosto de 2019.

JESUS, Alex Sander Silva de; OMMATI, José Emílio Medauar. Segurança alimentar e revolução verde: questionamentos atuais acerca da luta contra a fome no plano internacional. **Revista de Direito Público**, Londrina, v. 12, n. 3, p. 191-215, dez. 2017, DOI: 10.5433/1980-511X2017v12n3p191. ISSN: 1980-511X.

MADEIRO, Carlos. Amazônia registra o maior desmatamento anual desde 2008. **In: UOL/MEIO AMBIENTE**, nov. 2019. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas -noticias/redacao/2019/11/18/amazonia-registra-o-maior-desmatamento-anual-desde-2008.amp.htm. Acessado em: 20 de novembro de 2019.

MAZOYER, M; ROUDART, L. A mecanização do cultivo com tração animal e a Revolução dos transportes. _____ In: **História das agriculturas no mundo: Do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. P. 397-417.

_____. A segunda revolução agrícola dos tempos modernos. _____ In: **História das agrícolas no mundo: Do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. P. 419-487

MASSUQUETTI, Angelica; SOUZA, Osmar Tomaz de; BEROLDT, Leonardo Alvin.Instrumentos de Política Agrícola e Mudanças Institucionais. In: **48º Congresso SOBER**: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, p. 1-28, julho de 2010. Disponível em: http://www.sober.org.br/palestra/15/777.pdf. Acessado em 6 de setembro de 2019.

MENDES, Nathalia. Estrutura organizacional do Sistema Nacional do Meio Ambiente. **In: JusBrasil, 2016.** Disponível em: https://nathymendes.jusbrasil.com.br/noticias/315451463/estrutura-organizacional-do-sistema-nacional-do-meio-ambiente-sisnama. Acessado em> 14 de setembro de 2019.

MELLO, João Cardoso de & NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCWARCZ, Livia Moritiz. (org) **Histótia da Vida privada.** São Paulo: Cia das Letras, 1998. V 4. P. 561-658.

POINTING, Clive. Uma História Verde do Mundo. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 1995, p.

RODRIGUES, Luiz. **Revendo a modernização conservadora da agricultura.** Junho de 2012. Disponível em: http://perfildaagricultura.blogspot.com.br/2012/07/revendo-modernizacao-conservadora-da.html. Acessado em: 28 de agosto de 2019.

SAVIANI, Rodrigo. **'Geada Negra' que destruiu pés de café no Paraná completa 40 anos.** Julho de 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2015/07/geada-negra-que-destruiu-pes-de-cafe-no-parana-

completa-40-anos.html. Acessado em: 29 de agosto de 2019.

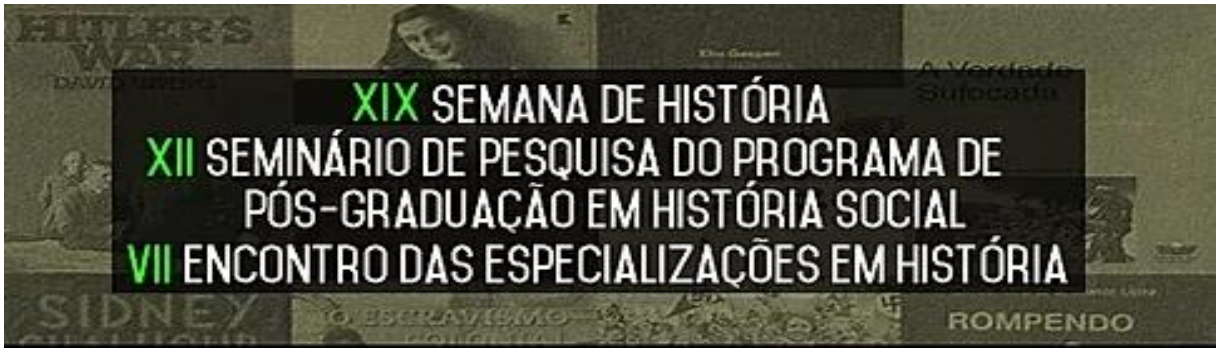
SERENINI, Márcio José; MALYSZ, Sandra Terezinha. A Importância da agricultura familiar na produção de alimentos**. In: GOVERNO DO PARANÁ: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor de PDE**. ISBN: 978-85-8015-080-3, p. 3-28, 2015.

SOUZA, Luciano de Santana. A modernização conservadora da agricultura brasileira, agricultura familiar, agroecologia e pluriatividade: diferentes óticas de entendimento e de construção do espaço rural brasileiro. En Cuad. Desarro. Rural. 8 (67), 2011, p. 231-249.



WACHOWICZ, Ruy Christovam. **XX Norte Pioneiro.** _____ In: História do Paraná. 9. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. P. 247-275.

WARNKEN, Philip F. A Influência da Política econômica na Expansão da soja no Brasil. In: **Artigos de Política Agrícola – Seção II**. Ano VIII - No 01 - Jan - Fev - Mar – 1999. Disponível em: https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/674/628. Acessado em: 28 de agosto de 2019.






## ESPORTE BRETÃO - A VOZ DO POVO

Matheus Barrientos Ferreira[1]

(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

**Resumo:** A proposta de trabalho pretende refletir e analisar a formação, estruturação e consolidação da ideologia anarquista perante a classe trabalhadora paulistana do início do século XX, repousando nas bagagens dos imigrantes italianos, tendo como foco a introdução deste anarquismo político/social dentro da classe trabalhadora. Com o pilar principal a cultura imposta e consolidada pela classe alta da sociedade paulistana, um paradigma a ser rompido, mas ao mesmo tempo sendo tal protegido pelo próprio trabalhador, surge o anarco-sindicalismo, na tentativa de recompor e formar a classe operária, conscientizar e instigar a lutar pela classe, e, pelos seus direitos. Essa luta e formação será transmitida através das palavras, linhas e páginas, do jornal A Plebe (1917-1949), de cunho anarquista, que circulava entre as “máquinas” das indústrias da capital paulista, na intenção da conscientização de classe, para assim promover a luta de classe em prol dos direitos de cada trabalhador e principalmente a retirada da cultura da elite local, que se empregava dentro dos bairros operários, entre diversas culturas estava o futebol, tão questionado pelo jornal, por representar para o mesmo uma submissão do operário aos seus patrões. Pretendendo assim desenvolver o entendimento do papel do periódico A Plebe dentro da sociedade operária e da elite, as críticas levantadas pelo mesmo, a sua grande influência, o quanto o mesmo sofreu “combates” diretos através das ações da elite e principalmente a batalha ideológica entre o periódico e a prática do futebol dentro da capital paulista, até chegarmos na formação na conscientização da classe operária, e, a utilização do futebol como meio de protesto da mesma. Por fim analisamos e investigamos em suas linhas tanto o seu poderio de influência ideológica, quanto o alcance e aceite por parte da sociedade, em um recorte temporal de 1910-1950.

**Palavras-Chave:** Anarco-sindicalismo; Futebol; Luta de classe; A Plebe.

### 1. Introdução/Justificativa.

[1] Mestrando Aluno Especial no Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). matheusbr65@hotmail.com.

O autor Alfredo Oscar Salun, em seu pensamento sobre a introdução do futebol na sociedade brasileira afirma:

> A origem do futebol no Brasil também é tema de discussão, na medida em que são apontadas diferentes trajetórias: a primeira e mais conhecida é a versão oficializadora que consta nos anais da Confederação Brasileira de Futebol e da Federação Paulista de Futebol, que considera Charles Miller o introdutor desse esporte no País.
> Outra vertente, da qual faz parte Roberto Mércio (1990), defende que, em 1864, o futebol teria sido jogado pela primeira vez no Brasil por marinheiros britânicos em algumas cidades do litoral brasileiro. Tanto esse autor, como Waldenir Caldas (1990), argumenta ainda a possibilidade de outra origem, como um jogo praticado por indígenas. Todavia, a tese mais aceita refere-se a uma escola no interior paulista, o Colégio São Luiz, onde os alunos, incentivados por padres, praticaram esse esporte entre 1872 e 1874. Afirmam que o futebol já vinha sendo jogado em escola jesuítas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, desde 1886.[2]



A historiografia em seu processo de construção da história do futebol brasileiro, mostra duas vertentes na linha de pensamento sobre a legitimidade de Charles Miller, e sua introdução do futebol aos brasileiros. Miller chega ao Brasil com os utensílios necessários para a prática, isso pode se afirmar através do trabalho de Wilson Roberto Gambeta:

> Charles Miller desembarcou no porto de Santos, em Novembro de 1894, trazendo na bagagem duas bolas de couro, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, duas camisas de times que ele defendera na Inglaterra e um livro de regras do association football.[3]

Porém, mesmo sem os utensílios britânicos para a prática do futebol oficial, se já houvesse no país alguém que chutasse um objeto de forma arredondada em direção a um gol, podia se afirmar que a prática do futebol já acontecia em território nacional, como afirma o autor OSCAR (apud MÉRCIO, 1990, p. 23), "[...] defende que, em 1864, o futebol teria sido jogado pela primeira vez no Brasil por marinheiros britânicos em algumas cidades do litoral brasileiro."[4]. O embate se localiza na questão de que a modalidade era praticada antes de Miller ou não. Entretanto, não pode se negar de que é de Miller a adequação do futebol para normas e regras utilizadas pelos britânicos, assim dando aspecto de seriedade ao esporte. O historiador José Moraes dos Santos Neto, contesta a vertente de que Charles Miller

---

[2] OSCAR, Alfredo Salun. **Palestra Itália e Corinthians:** quinta coluna ou tudo buonagente?. São Paulo, 2007. p. 23. Dissertação (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2007.
[3] ROBERTO, Wilson Gambeta. **A bola rolou –** O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895 – 1916. São Paulo, 2013. p. 8. Dissertação (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2013.
[4] OSCAR, Alfredo Salun. **Palestra Itália e Corinthians.** Op. Cit. p. 23.

foi o pai do futebol, em seu pensamento ele expõe as atividades do colégio jesuíta de Itu no interior de São Paulo:

> O futebol brasileiro teria raízes nas atividades educativas do colégio jesuíta São Luis, em Itu, a setenta quilômetros da capital paulista, entre os anos de 1880 e 1890. Alguns dos professores jesuítas haviam visitado colégios da Europa [...][5]



Duas vertentes que demonstram o enriquecimento da historiografia brasileira, contribuindo para o desenvolvimento de estudos sobre a introdução do futebol, a vertente oficial mostrando que Miller é o pai do futebol, deixando o entendimento de quem sem ele o futebol não teria desembarcado no Brasil no começo do século XX, porém o grande questionamento historiográfico está em, o que leva a ser considerado ser uma prática esportiva ou não? Uma chuteira? Uma bola de couro?

A nova historiografia repensa sobre a introdução do futebol, mostrando que o futebol sim era praticado aqui no Brasil, antes de Miller, de inúmeras maneiras, mesmo sem saber o nome daquela prática, as crianças chutavam suas bolas de meias ou de jornal pelas ruas entre dois lampiões, ali nasceu a paixão e a pensamento coletivo de classe (união), mostrando assim que a prática enaltecida pela elite paulistana, em sua grande verdade tem suas raízes dentro das classes mais baixas da sociedade, não se tendo noção daquela breve brincadeira como uma modalidade esportiva, mas também não podemos negar que foi da elite a responsabilidade pela formalidade da prática, por inserir no meio futebolístico da época, regras, e utensílios que designou a prática da elite paulista, da prática da classe operária, surgindo assim o futebol oficial (elite), e o não oficial (operários).

A elite paulistana foi a primeira a criar associações em prol do futebol, uma união de pessoas com interesses em praticar a modalidade e defender as cores de um time que os representaria dentro das quatro linhas. Segundo o autor Waldenyr Caldas, o futebol era uma tradição passada de pai para filho no início do século XX, como o próprio autor diz, “Por se tratar de um esporte elitizado, que dava status, os próprios pais de alunos faziam um tipo de pressão para que os colégios incluíssem o futebol nas práticas esportivas.”[6]

---

[5] ROBERTO, Wilson Gambeta. **A bola rolou –** O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895 – 1916. São Paulo, 2013. p. 8. Dissertação (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2013.

[6] CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, n. 22, p. 40-49, 1994.

A prática do futebol se transformou na capital paulista num símbolo de riqueza e classe, uma matéria dentro dos colégios e símbolo de nobreza dentro da elite paulistana. Os encontros entre a aristocracia paulistana no início do século XX, eram marcados por essa atividade desportiva, que era vista como encontro entre amigos[7], como é explicado por Plínio José Labriola de Campos Negreiros, "[...] Frequentemente, as partidas eram anunciadas por convites e incluíam em seu programa, bailes e jantares comemorativos que reuniam os dois times."[8]



O futebol em grande parte da historiografia é retratado como esporte elitizado, sim, em sua grande parte o viés da prática foi ligado a elite paulistana, entretanto o futebol era praticado com menos importância e relevância nos bairros operários, como um símbolo de união da classe, formando pequenos clubes que eram denominados de clubes de várzea, como explica René Duarte Gonçalvez Junior, "[...] o processo de popularização do futebol era irreversível [...]"[9], o futebol se torna para o operário do início do século XX uma maneira de unir a classe, o campo de futebol se torna um ponto de encontro das famílias operárias, e, assim a socialização e fortificação da classe trabalhadora.

Jorge Americano traz em seu depoimento, um contexto revelador de como era improvisado o futebol nas classes mais baixas da sociedade paulistana:

> O gol era marcado pelo lampião, de um lado, e por dois tijolos, do outro, no quarteirão da Rua Conselheiro Nébias, entre a Rua Helvetia e Alameda Glette. Não passava veículo senão de meia em meia hora. A bola era feita com enchimento de papel, revestida com meias velhas e amarrada com barbante. Ficava do tamanho de uma laranja.[10]

A "The São Paulo Tramway, Light & Power Co.", as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e as Indústrias Votorantim, se tornaram as três grandes empresas que na história de São Paulo contribuíram de forma significativa para o seu desenvolvimento, e tiveram uma expressiva presença na formação dos clubes operários em São Paulo, estes formados por trabalhadores dessas três grandes indústrias. O esporte era incentivado pelas empresas, chegando a revelar jogadores

---

[7] Nada que envolvesse uma árdua disputa, mas sim, um caráter muito mais de uma confraternização entre sócios e atletas dos clubes da elite paulistana do que uma disputa por gols e pontos em campeonatos.

[8] NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **Revista História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 39, n. 39, p. 121-151, 2003.

[9] DUARTE, René Gonçalvez Junior. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo:** o futebol e a vitória na fundação da metrópole. São Paulo, 2008. p. 35. Dissertação (Mestrando em História) – Universidade de São Paulo, 2008.

[10] AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo (1895-1915).** São Paulo: Carrenho/ Narrativa Um, 2004. p. 345.

talentosos que “brincavam” com a bola de futebol, desfigurando tudo aquilo já absorvido pelos praticantes da modalidade na elite paulistana.

Os jornais da época na capital paulista apresentavam características bem distintas em termos de público, sendo alguns mais voltados para a classe popular e outros direcionados para a elite. Nas informações a respeito da formação de novos clubes de futebol que eram anunciadas nas suas páginas, alguns eram tratados de forma muito simples e outros ao contrário, caso tivesse alguma influência dentro do contexto social da cidade, como política e cultura. Para exemplificar essa questão, Plínio José Labriola de Campos Negreiros apresenta-nos alguns exemplos, “[...] informando o nome do clube, sua diretoria eleita e o esporte que pretendia praticar [...]: em poucos casos, encontra-se o local do campo de [...] disputas e o nome do bairro do referido clube.”[11].



O Estado de São Paulo e O Comércio de São Paulo que recebem o pequeno time da seguinte maneira como é relatado pelo autor Plínio José Labriola de Campos Negreiros, “Sport Club Corinthians Paulista — Com esta denominação supra fundou-se, nesta capital, mais uma sociedade esportiva, com o fim de desenvolver o conhecido e apreciado esporte bretão [...]”[12], em uma outra visão totalmente elitizada o terceiro maior Jornal de circulação da cidade Correio Paulistano fazia alusão ao futebol oficial “elitizado”, como o próprio autor relata sobre o jornal em posição ao nascimento do Sport Club Corinthians Paulista, “[...] não noticiou a fundação do SCCP. Esse Jornal, no momento, só dava espaço para o futebol oficial.”[13]

O jornal A Plebe, de cunho anarquista, busca através destas lacunas deixadas por esses outros jornais, conscientizar a classe trabalhadora, principalmente retratando o poder de união que estava em posse de tal classe. Voltando olhares para o futebol, como símbolo elitizado, regredindo o avanço social de luta de classe por parte da classe operária, a busca por conscientização de cada trabalhador se engaja em afastá-lo do futebol, pois para tal meio jornalístico isso significava se rebaixar aos desejos e poderes da elite paulistana. Entretanto a raiz do futebol estava muito além do que se imaginava por parte do A Plebe, ao perceber

---

[11] NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e Rendição –** A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916. São Paulo, 1992. p. 63. Dissertação (Mestrando em História) – PUC-SP, 1992.
[12] NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos**. Resistência e Rendição.** Op. Cit. p. 63.
[13] NEGREIROS, 1992. p. 63.

tamanha importância, o jornal passou a buscar utilizar o meio desportivo para união e conscientização da classe trabalhadora, promovendo a luta de classe não somente em greves, mas sim em confronto direto, através dos campos de futebol. Mostra de força e poder de união, contra o poderio já construído e consolidado pela elite paulistana durante o início do século XX.

O futebol dentro do anarco-sindicalismo, adquiriu grande importância no desenvolvimento da luta de classe dentro da sociedade paulistana, sendo tal utilizado como objeto de quebra de paradigmas culturais. Pois em seus primórdios como desporto originário de uma classe dominante da sociedade local, o futebol vai ter o significado além da prática, como aquele que distinguia uma sociedade elitizada das classes trabalhadoras.



## 2. Objetivos

Estudar o contexto sociopolítico que envolveu o período de publicação do periódico A Plebe, os ideais anarco-sindicalistas entrelaçados dentro de cada linha do jornal, seu papel e suas lutas dentro da cidade de São Paulo, ligado diretamente ao futebol como uma paixão entre as massas operárias e, rejeitada pelos anarquistas. Analisando o papel do periódico A Plebe perante a sociedade operária.

## 3. Amor e Ódio

O anarco-sindicalismo uma ramificação do anarquismo, em que busca o bem-estar social da classe trabalhadora, e sua ascensão através da luta de classes, este que surge no começo do século XX, e muda toda a estrutura social do operário paulistano, procurando a união e conscientização da classe, como ressalva a autora Isabel Aparecida Bilhão, “[...] está além do mundo familiar, e que pretende contrapor-se ao espírito de seu tempo, isto é, à moderna sociedade capitalista.”[14], tendo como principal objetivo, retirar a cultura imersa dentro da classe operária que remetia a elite exploradora, assim explica melhor o que vem a ser esse anarquismo, a autora NASCIMENTO (apud WOODCOCK, 1983, p.1):

[14] BILHÃO, Isabel Aparecida. Família e o movimento operário. A anarquia dentro de casa. **Revista Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 195-210, 1996.

> O Anarquismo é um sistema de filosofia social, visando promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e, principalmente – pois esse é o elemento comum a todas as formas de anarquismo – a substituição do Estado autoritário por alguma forma de cooperação não-governamental entre indivíduos livres.[15]

Por muitos anos o desporto, suas regras e seus utensílios ficaram retidos dentro dos muros dos colégios da elite local, isso faz com que surge um grande interesse pela prática através dos operários, pois a elite era a detentora da cultura e à comandava então o respaldo da mesma e a influência sobre a classe operária era de grande expressão, e importância no contexto histórico. Nos deparamos com a problemática da rejeição e luta através do sindicalismo anarquista dentro da capital paulista, tanto para combater o desporto, quanto para proibir sua prática dentro dos bairros operários, como explica Michelle Nascimento Cabral:



> O anarco-sindicalismo, corrente mais conhecida por sua forte atuação no Brasil, situava-se numa posição classista, ou seja, a classe operária é predestinada a fazer a revolução social e conduzir as massas, dando fim à exploração do homem pelo homem.[16]

Estamos falando de um marxismo social moderno, em que busca a correção da exploração não somente ideológica da classe trabalhadora, mas também cultural. Esse processo moderno consegue vê nas entranhas de um sistema ideológico/social consolidado, mas com grandes franquezas, que a transformação social se daria através das mudanças do cotidiano do trabalhador, fazer nascer do ventre da sociedade operária uma cultura e costumes próprios, como exalta a autora Michelle Nascimento Cabral, “[...] o anarquista perceber a revolução como um processo construído a partir do cotidiano.”[17], a autora ainda exalta, assim citando, “Partindo dessa compreensão, o anarquista procura tornar “revolucionário” cada momento de seu cotidiano, a educação, o lazer, a família, a arte, enfim, todos os espaços são propícios à ação revolucionária.”[18]

Essa classe trabalhadora surge no final do século XIX, com a grande produção cafeeira, classe essa que se consolida e toma forma, sobre a base

---

[15] NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda:** tensões e contradições no âmbito do lazer. Rio de Janeiro, 2018. p. 57. Dissertação (Mestrando em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
[16] NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda.** Op. Cit. p. 57.
[17] NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda:** tensões e contradições no âmbito do lazer. Rio de Janeiro, 2018. p. 58. Dissertação (Mestrando em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
[18] NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda.** Op. Cit. p. 59.

ideologia/social imposto pela classe alta de uma sociedade, totalmente hierarquizada e enraizada nos moldes “feudais” de veneração aos grandes barões do café, que se transformam em um futuro próximo na elite dos grandes centro urbanos. A grande expansão que tomou conta pelos trilhos das ferrovias brasileiras, levou o trabalhador do campo para os grandes centros fabris, como por exemplo São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre muitos outros, como deixa claro o autor Boris Fausto:



> O avanço da economia capitalista de exportação gerou assim diretamente as condições para que se constituísse um núcleo de trabalhadores no setor de serviços. Indiretamente, preencheu os requisitos para o surgimento do proletariado fabril, concentrado em algumas poucas cidades.[19]

A grande imigração que se deu através da crise do sistema escravista, promoveu ao Brasil, ou melhor dizendo a sociedade brasileira, a introdução de ideologias sociais e principalmente trabalhistas, que passaram a mostrar para o trabalhador o seu lugar e como deveria vir a ser seu posicionamento. Entretanto o começo do século XX, a economia brasileira se mostrava ainda com traços ligados ao trabalho no campo, a fonte de todo o poderio da elite das grandes capitais, mas principalmente de São Paulo, estava nas plantações de café no interior de São Paulo, assim ficando o movimento revolucionário marxista e anarquista ilhados, como exalta o autor Boris Fausto:

> Mas, como o peso da urbanização era relativo e não só o eixo básico da economia como a fonte de poder das oligarquias se encontravam fundamentalmente no campo, a massa urbana dominada ficava ilhada nos muros ideais da cidade, com escassas condições de alterar a correlação de forças entre as classes.[20]

Nos questionamos, o fundamento desse movimento ocorrer diretamente nas cidades urbanizadas, e, não nos campos, onde na verdade se concentrava grande partes dos imigrantes, que já foram trazidos para o Brasil como mão de obra rural, para substituir os escravos, que tinham sido libertos poucos anos antes, o autor Boris Fausto assim explica essa grande motivação, desse grande movimento ter ocorrido no seio da capital paulista:

> Não obstante os vários fatores que entravaram a formação de um movimento operário, a cidade reuniu os requisitos mínimos para seu surgimento. Existia aí um quadro objetivo de exploração que podia ser

[19] FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social 1890-1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 32.
[20] FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social 1890-1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 40-41.

> interiorizado coletivamente, dada a facilidade de contatos; os ideólogos revolucionários e organizadores, apesar das restrições a sua atividade, não eram, no meio urbano, um peixe estranho. Desse modo, embora o núcleo estrutural da economia residisse no campo, o conflito social concentrou-se nos setores secundário e de serviços. O primeiro tinha pequena importância do ponto de vista econômico, enquanto o segundo era estrategicamente relevante para o desempenho do núcleo estrutural.[21]

Neste exato ponto do texto, entraremos em um mundo anarquista, que proporcionará mudanças irreversíveis dentro da sociedade operária, por meio do jornal A Plebe, onde o questionamento, as críticas e até mesmo as ordens diretas as grandes massas, eram feitas através deste periódico. O jornal anarquista A Plebe, um jornal destinado a classe operária, com objetivos de informar e conduzi-la a grande revolução pregada pelo próprio periódico, interligando assim o grupo anarquista que se preocupava com os direitos dos operários e tentava defender seus ideais com a grande massa populacional. Utilizamos um recorte temporal histórico de 40 anos que transformaram a sociedade paulistana e principalmente a classe trabalhadora, o periódico A Plebe desenvolveu sobre a luta de classes, construiu seu embasamento, e proporcionou ao operário do início do século XX na capital paulista, sua consciência de classe e união, buscando principalmente não deixar essa classe se entregar aos caprichos sociais e culturais de dominação da elite local.



Michelle Nascimento Cabral explica o que era o periódico dentro da capital paulista onde foi fundado, “A Plebe foi o periódico que teve uma importante participação na política de propaganda anarquista. Tinha forte penetração no meio operário, principalmente nas cidades de São Paulo [...]”[22]. Uma sociedade dividida em duas:

> [...] a plebe que ocupava as ruas e cortiços com seu comércio de subsistência; do outro, a elite que freqüentava a rua do ouvidor e desfilava por ela as últimas novidades da moda européia. Ambas compõem dois lados de uma mesma face.[23]

LOPES (apud GROSSMAN, 1998, p. 8-9), assim cita sobre A Plebe:

> Ali encontramos apelos à solidariedade, balanços sobre a coleta de fundos, avisos sobre as chamadas de greve, ao boicote e a outras manifestações operárias. Anúncios, propagandas e publicidades sobre outras publicações de caráter militante em favor do proletariado, anúncios de brochuras, panfletos e livros publicados separadamente, enfim, todos os tipos de

[21] FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social 1890-1920.** Op. Cit. p. 40.
[22] NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda:** tensões e contradições no âmbito do lazer. Rio de Janeiro, 2018. p. 13. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
[23] NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda.** Op. Cit. p. 43.

informação ali figuravam. As atividades e notícias que concerniam às manifestações operárias no mundo inteiro apareciam ao lado de notícias de acontecimentos de outros estados do ainda em formação, Rio de Janeiro e São Paulo, seja do meio rural e de plantações isoladas. Os periódicos eram também distribuídos nos lugares os mais distantes, constituindo muitas vezes e desta maneira, o único meio de conhecimento e de contato do qual dispunham os colonos, fossem eles imigrantes ou brasileiros.[24]



**Figura 1: Capa do Jornal**

**"A Plebe" – 16/061917**

**Fonte:** Arquivo Pessoal

## 4. Futebol Anarquista

O futebol representou muito mais que um simples toque na bola ou um chute, a sua relevância e influência era além das "quatro linhas"[25], e submergia dentro da sociedade, de ambas as faces, a elite querendo o controle através da cultura e assim ter a classe operária como sua marionete, e, a classe operário direcionada pelo sindicalismo querendo um "lugar ao sol"[26], lutando assim pelos seus direitos e mostrando seu poderio dentro de campo.

O anarco-sindicalismo, no início de seu movimento vê o futebol como um desporto elitizado, sendo os membros do movimento se colocando totalmente

[24] LOPES, Zélia Silva. A caricatura política na concepção libertária do periódico A Plebe (1947-1949). **Antíteses**, Londrina, v. 6, n. 11, p. 261-287, 2013.
[25] Figura de linguagem utilizada no meio desportivo para designar o futebol, devido o mesmo ser disputado em um retângulo.
[26] Figura de linguagem utilizada no meio desportivo para designar o futebol, devido o mesmo ser disputado em um retângulo.

contra a prática deste por meio dos operários, seguindo a linha de pensamento de libertação da correntes que rodeiam e prendem o operário a elite paulistana, como explica a autora Lúcia Silva Parra, ”Os bailes e esportes, como o futebol que haviam sido criticados por membros do movimento anarquista, no início do século XX, terminam por ser incorporados aos piqueniques e as festas libertárias.”[27].

NASCIMENTO (apud A Plebe, 1917, p. 4) assim cita:



> [...] as sociedades dançantes e os clubes de foot-ball pululam nos bairros suburbanos, onde é grande a população proletária. (...) o foot-ball atrai igualmente milhares de rapazes que exercitam no funesto jogo de um selvagismo atroz. (...) o foot-ball é uma diversão violenta, além de produzir o mal físico, produz também o mal moral.[28]

A justificativa para todo esse ódio vem da propagação que o futebol tornou dentro dos bairros operários, promovendo não uma vida saudável ao olhar do anarco-sindicalismo, mas sim uma ruptura estrutural na formação da classe operária e principalmente o seu desfoque do principal objetivo que era a ascensão da classe, o futebol ao ver do anarquismo paulista promoveu em um primeiro momento o retrocesso do operário aos primórdios do homem em suas cavernas, em outras palavras, o futebol tornou aquele homem, em um brutal selvagem. A leitura e o desenvolvimento do trabalhador fora esquecido pelos próprios, assim explica a autora Lúcia Silva Parra, quando ela cita a opinião do anarco-sindicalismo sobre a prática do futebol em seus primórdios:

> [...], o discurso do anarquista apresenta o esporte e, em especial o futebol como um instrumento dos exploradores para tornar a classe trabalhadora ainda mais alienada e “brutalizada”, pois os operários envolviam-se de tal foram com o referido esporte que deixavam de interessar-se por outros assuntos.[29]

Porém o processo de disseminação da cultura futebolística dentro da classe operária da capital paulista era irreversível, já tinha tomado conta das entranhas do bairro operário e circulava na corrente sanguínea de cada trabalhador, não era mais uma simples atração, tinha se tornado uma paixão, a empolgação se tornado em

---

[27] SILVIA, Lúcia Parra. **Leituras libertárias:** cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930. São Paulo, 2014. p. 83. Dissertação (Mestrando em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 2014.
[28] NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda:** tensões e contradições no âmbito do lazer. Rio de Janeiro, 2018. p. 76. Dissertação (Mestrando em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
[29] SILVIA, Lúcia Parra. **Leituras libertárias:** cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930. São Paulo, 2014. p. 83. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 2014.

arrepios, o futebol não era mais uma incerteza, mas sim o que motivava o operário. Não havia o que fazer por parte dos anarquistas, temos então uma reviravolta na história de ódio e paixão entre, o futebol e o anarquismo, visto que não poderia ser combatido, o anarquismo então decide através das páginas do A Plebe, promover o futebol como pilar de unificação do classe operária e promovendo ali dentro do campo a ascensão social, como tudo isso? Começando pela simples ação de introduzi-lo às festividades e convivência do operário, como demonstra o cartaz a seguir de uma das festividades promovidas pelo periódico:



**Figura 2: Anúncio, convite para o Piquenique da "A Plebe" – 29/09/1934**

A PLEBE

S. PAULO, 29 de Setembro de 1934

O Pique-Nique de "A Plebe" no Parque Jabaquara

O Pique-nique de "A PLEBE" foi uma bela demonstração de simpatia ao nosso jornal.

Neste cliché vêem-se varios aspectos dessa festividade no Parque Jabaquara, tiradas por fotografos amadores.

**Fonte:** Arquivo Pessoal.

## 5. Considerações Finais.

Considero que a relação do anarco-sindicalismo com o operário, foi necessário para que o mesmo conseguisse liberta-se da influência elitista, e, assim proporcionar a luta de classes dentro da sociedade paulistana, para que houvesse melhorias tanto dentro, quanto fora das fábricas, essa luta dará principalmente dentro dos campos de futebol, através do afrontamento da cultura elitizada, que lutava em renegar a força e o papel importante que havia se tornado o operário, os

anarquistas foram de extrema importância para retirar o pensamento dentro de cada família operária, em tempos que somente o que era proporcionado pela elite tinha grande valia, sendo os anarquistas responsáveis por mostrar para cada operário, que há dentro de si sua própria cultura.

Através das questões levantadas dentro deste trabalho, podemos concluir que sem o papel do jornal anarquista A Plebe, a elite paulista daria prosseguimento a sua alienação social dentro e fora de suas fábricas, e, que o meio de comunicação proporcionou o surgimento e afirmação de uma classe social até então sem “rosto”, sem “corpo”, acentuando assim a importância de cada trabalhador na luta pela causa, aprendendo através da conscientização proposta pelo jornal, que a cultura da elite pode ser transformada em cultura popular, entra em cena o futebol, deixando o papel de vilão para o papel de revolucionário.



Podemos compreender também que o início do século XX na capital paulista, é visto por uma elite consolidada e com grandes poderes, tanto político, quanto econômico, atribuindo uma grande alienação a classe trabalhadora, visando promover grande controle social e, assim tendo livre o caminho para colocar em pauta seus desejos, sobretudo o de exploração da mão-de-obra do operário paulistano, outro ponto principal levantado aqui, é o choque cultural do jornal A Plebe, ao se deparar com as raízes profundas, e, com o desejo do operário de não perder estas raízes, entra em ação o papel de conscientização e construção da consciência social de classe, respaldando a importância de união da classe. Entretanto os estudos proporcionados para este artigo se deparam com o “jogo sujo” da elite paulistana, em utilizar todas as suas ferramentas econômicas e sociais para desmontar e calar as palavras constituídas pelo A Plebe, uma questão acentuada que perturba o orgulho e poderio de uma classe que se acostou com o passar das décadas se esplandecer sobre o suor de cada trabalhador.

## 6. Bibliografia.

ARTUR, Jorge dos Santos. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947).** São Paulo: USP, 2000.

BATALHA. Claudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na primeira república.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Família e o movimento operário. A anarquia dentro de casa.** Porto Alegre: PUC-RS, 1996.

BILHÃO. Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: Análise da construção identitária dos operários Porto-Alegrenses (1896-1920).** Porto Alegre: UFRGS, 2005.

CALDAS, Waldenir. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro.** São Paulo: Revista USP, 1994.

DA MATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUARTE, René Gonçalvez Junior. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole.** São Paulo: USP, 2008.

ENRIQUE, Miguel Stédile. **Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação.** Cascavel: UNIOESTE, 2014.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social 1890-1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANÇA, João Paulo Streapco. **"Cego é aquele que só vê a bola." O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894 – 1942).** São Paulo: USP, 2010.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938).** São Paulo: Editora DP&A, 2003.

LOPES, Zélia Silva. **A caricatura política na concepção libertária do periódico A Plebe (1947-1949).** Londrina: Revista Antíteses, 2013.

MARTIN, Fatima Rodrigues Ferreira Antunes. **Futebol de Fábrica em São Paulo.** São Paulo: USP, 1992.

MARTIN, Fatima Rodrigues Ferreira Antunes. **O futebol nas fábricas.** São Paulo: Revista USP, 1994.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil: 1894—1950.** São Paulo: USP, 1950.

NASCIMENTO, Michelle Cabral. **Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda: tensões e contradições no âmbito do lazer.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional.** Curitiba: UFPR, 2003.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e Rendição – A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916.** São Paulo: PUC-SP, 1992.

OSCAR, Alfredo Salun. **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?.** São Paulo: USP, 2007.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol.** Campinas: Unicamp, 2000.

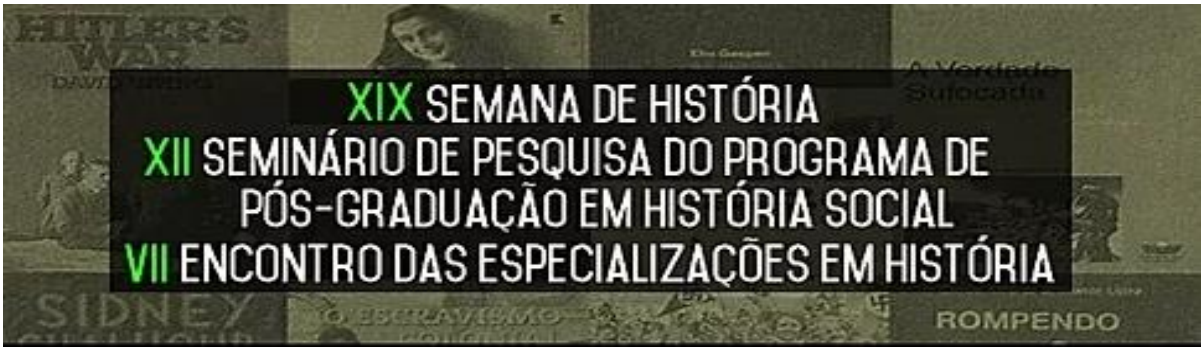
RIBIEIRO, N.B. et al. Pedreira Prado Lopes: **Becos da memória, desenhos da cidade. A vila no trajeto de sua história oral.** Belo Horizonte: UNI-BH, 2001.

ROBERTO, Wilson Gambeta. **A bola rolou – O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895 – 1916.** São Paulo: USP, 2013.

SILVIA, Lúcia Parra. **Leituras libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930.** São Paulo: USP, 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.




# TORTURA E REPRESSÃO DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA – AS MEMÓRIAS POR MEIO DAS CANÇÕES DE GONZAGUINHA



Leandro dos Santos Fernandes
(UEL – Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** O presente trabalho tem como principal objetivo analisar memórias referentes a repressão contra a sociedade civil, explicitadas em crimes e torturas, perpetrados pelo estado durante o período da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964 – 1985). Para demonstrar tais práticas, utilizamos como fontes de análise, as letras de algumas canções do compositor e cantor Luiz Gonzaga Jr., conhecido como Gonzaguinha. Neste sentido, as músicas de Gonzaguinha analisadas neste trabalho, pertencentes ao álbum “De volta ao começo” (1980), serão aqui tratadas por meio do conceito de memória coletiva e memória individual de Maurice Halbwachs (1990). O fator para seleção em específico das canções pertencentes a este álbum, está relacionado ao período em que foi lançado, no período final da Ditadura civil-militar, devido a este aspecto, as letras das canções selecionadas possuem um caráter memorialístico quanto ao período. De forma secundária e conclusiva, este artigo abordará sobre o revisionismo e negacionismo sobre o tema, que nos últimos anos tem tomado proporções maiores, e aplicado para fins diversos. Compreendemos que tais memórias apresentadas através de canções, observadas sobre o prisma histórico, possam auxiliar a um aprofundamento sobre o tema, ao mesmo tempo, apresentar alternativas para uma visão menos deturpada sobre os acontecimentos do período.

**Palavras-chave:** Ditadura; Gonzaguinha; Memória; Música.

## Introdução

A música como fonte de pesquisa dentro do campo historiográfico é algo recente no Brasil, porém, o número de trabalhos relacionados a esse tipo de fonte tem crescido em relevância, e um dos motivos para esse aumento se deve, sobretudo, à utilização dessa fonte como base para compreender diversos temas relacionados à História do Brasil (NAPOLITANO, 2002). Neste sentido, este trabalho tem como objeto de estudo as letras das canções do cantor e compositor Luiz Gonzaga Jr., conhecido como Gonzaguinha.

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945 – 1991), nasceu no Rio de Janeiro – RJ, popularmente conhecido como Gonzaguinha. Considerado um dos grandes nomes da MPB durante os anos 1970 e 1980, lançou seu primeiro álbum em 1973 intitulado “Luiz Gonzaga Jr.”, que continha canções com críticas diretas ao governo ditatorial militar (Por exemplo “Comportamento Geral”), incomodando os agentes de censura do governo. Durante sua carreira as letras de suas canções foram alternando-se entre as questões políticas e sociais e aspectos sentimentais e do cotidiano (LOPES, 2009).



Em “De volta ao começo” (1980), álbum as quais pertencem as canções abordadas nesta pesquisa, Gonzaguinha traz temáticas diversas em suas letras, para a realização deste trabalho, foram selecionadas as canções que abordam sobre a memória das práticas arbitrárias do estado durante o período ditatorial, mais especificamente, a utilização das repressões, torturas e assassinatos. Portanto foram selecionadas três canções, todas de autoria de Gonzaguinha, “Amanhã ou depois”, “Achados e perdidos” e “Pequena memória para um tempo sem memória”.

**Objetivo**

O objetivo da presente pesquisa é analisar os relatos memorialísticos, quanto ao período da Ditadura Civil-Militar brasileira, instaurada em 1964, nas letras das canções de Gonzaguinha, tendo como foco dentro deste contexto histórico, as práticas de perseguições, torturas e assassinatos cometidos pelo estado nesse período. Um segundo ponto deste trabalho é refletir quanto aos usos e abusos das memórias, referentes a este período da história brasileira, para fins políticos e de poder, muitas vezes através da descaracterização sem embasamentos de fatos devidamente comprovados.

**Brisas de liberdade em tempos de repressão – O contexto de ‘’De volta ao começo”**

O álbum a quais estão inseridas as músicas abordadas nesta pesquisa, estão dentro do contexto político e social do Brasil no período entre o fim do chamado processo de distensão e o início da abertura política da ditadura civil-militar, portanto em uma primeira análise é perceptível que o nível de censura estava mais brando,

devido a temática das letras das canções, nas mesmas estão explícitas críticas diretas sobre os chamados “anos de chumbo[1]” onde as torturas, prisões e assassinatos foram intensos e ao governo do período em que o álbum foi lançado.

O fim da década de 1970 no Brasil trazia no âmago da sociedade sentimentos contrastantes, por um lado, sentia-se finalmente os primeiros resultados do chamado “Projeto de Distensão”, de outro, ainda era presente a repressão a meios de imprensa e cultura através de aparatos de censura, além disso, o fim do chamado “Milagre econômico[2]”, e a retomada de uma realidade econômica penosa, não criava um cenário de muita euforia com a chegada do novo decênio.



Segundo Mathias (1995) a chamada “Abertura lenta e gradual” proposta pelos militares no início do governo Geisel em 1974, seria realizada em três etapas, sendo a primeira nomeada de “distensão”, seguida da “abertura” e finalmente a “democratização”. O projeto de distensão, tinha como principal objetivo afrouxar as tensões existentes entre Estado e Sociedade, assim restabelecendo alguns direitos individuais e coletivos, criando um clima propício para a chamada “abertura”, que consistiria na participação maior da sociedade em prol das liberdades individuais, no qual ocorreria no início da década de 1980, no governo de João Figueiredo.

Durante o governo de Geisel, o projeto de distensão foi colocado em prática, tendo o General Golbery do Couto e Silva como um dos mentores do processo, seu papel foi fundamental para conseguir acalmar os generais da chamada “linha-dura”, os quais eram a favor da permanência dos militares no poder a qualquer custo, tendo como objetivo a manutenção da “Revolução de 1964”. Outra função

---

[1] Os “anos de chumbo” é um período compreendido pela maioria dos historiadores e cientistas sociais como os anos entre 1968 a 1974, em que Emílio Garrastazu Médici estava na presidência e a promulgação do ato institucional nº 5 em 1968. O governo Médici é considerado o mais violento de todos os ditadores que estiveram no poder durante o período da Ditadura civil-militar, onde nitidamente o uso dos aparatos repressores foram intensificados, dessa forma, aumentando o número de assassinatos, torturas e prisões. O “milagre econômico” foi um fator importante para que parte da sociedade legitimasse as atitudes mais atrozes por parte do regime, pois a atmosfera “favorável” economicamente auxiliava na criação de uma imagem positiva do governo (FERNANDES, 2010).

[2] O período entre os anos de 1967-1973 foi caracterizado por um crescimento econômico no Brasil com taxas que superavam as expectativas, tal período foi denominado como milagre econômico. Dois fatores são primordiais para compreender os elevados números da economia brasileira neste período, a política econômica adotada pelo então ministro Delfim Netto e uma conjuntura internacional favorável para tais práticas adotadas pelo governo neste período (VELOSO et.al., 2008). Tal política consistia em aumento de crédito estimulando a produção para o mercado interno, porém, tal desenvolvimento foi desigual para os diversos segmentos da sociedade brasileira, aumentando o poder de compra de um setor da classe média em detrimento a um arrocho no salário das classes trabalhadoras de menor poder aquisitivo, aumentado a desigualdade social no país (GENTILLI, 2004).

importante de Golbery, foi a de estabelecer contato com as principais entidades da sociedade civil, por exemplo, realizando reuniões com a CNBB (Conferência nacional de bispos do Brasil), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e ABI (Associação brasileira de imprensa), portanto, estabelecendo linhas de diálogos mais abertas para que o projeto fosse colocado em prática, tendo como principal preocupação a realização do mesmo, porém, dentro do prazo e parâmetros estabelecidos pelos militares (SCHWARCZ e STARLING, 2014).



O prazo a qual foi estabelecido pelo governo Geisel e sua equipe, seria o tempo suficiente para que não houvesse a erupção de movimentos radicais contrários ao regime e os mesmos assumissem o poder, e evitar o desgaste da imagem tanto dos ideais da “Revolução de 1964” quanto da classe militar brasileira ao final do período ditatorial, por isso todo processo deveria ser cauteloso e lento (NAPOLITANO, 2014).

De acordo com Resende (2014) para isso eram necessários os diálogos com setores da sociedade civil, citados acima, mais do que isso, era necessário o trabalho em duas vertentes, em um ponto realizar as desvinculações de práticas extremas de repressão dos governos ditatoriais anteriores, por exemplo, a utilização do AI-5, que seria somente revogado em 1978, porém, em compensação o número de desaparecidos no ano de 1975 haviam aumentado, e no mesmo ano ocorre o emblemático caso do assassinato de Vladimir Herzog[3]. Portanto, criava-se a imagem de um presidente moderado, mas que ao mesmo tempo, demonstrava que as liberdades seriam promovidas de acordo com os limites impostos pelo governo.

## “Memória de um tempo onde lutar por seus direitos é um defeito que mata” – As memórias da ditadura por meio das letras de Gonzaguinha

Gonzaguinha viveu intensamente os anos de 1970, em suas canções estão verdadeiros retratos do quadro social brasileiro do período, principalmente quanto a realidade das grandes cidades, em suas canções ficam expostas o sentimento do compositor quanto ao período de um regime de repressão dos direitos individuais e coletivos.

[3] Vladimir Herzog foi um jornalista brasileiro (De origem Iugoslava), assassinado em 1975 dentro do DOI-CODI de São Paulo – SP, na época de sua morte, era o diretor da equipe de jornalismo da TV Cultura de São Paulo.

Na canção “Amanhã ou depois” de curta duração (Não alcançando dois minutos de duração), Gonzaguinha destaca na letra a percepção de estar aguardando o fim de um tempo onde há muita dor e lástima, neste caso compreendemos tal momento sendo o regime ditatorial civil-militar, iniciado em 1964 no Brasil. A espera de “novos dias” nas letras do músico são um dos pontos nevrálgicos de seu trabalho, porém, no caso da canção analisada neste trabalho, além deste ponto, destaca-se que mesmo chegando ao fim o período de perseguições, torturas e desaparecimentos, as marcas não poderiam ser apagadas, como é perceptível no trecho: “(...) conta os amigos nas pontas dos dedos pra ver quantos vivem e quem já morreu, amanhã ou depois...(GONZAGUINHA, 1980). Um sentimento dúbio, o ciclo autoritário demonstrava sinais de aproximar-se do fim, portanto, há uma percepção de “novos tempos”, porém, para Gonzaguinha faz-se necessário rememorar todos aqueles que de alguma forma tiveram suas vidas afetadas pelas agruras do regime de exceção.



Nas letras das canções de Gonzaguinha, podemos analisar que há um registro de certa forma testemunhal do compositor, de alguém que esteve presente e fez parte daquele período, assim como em “Amanhã ou depois”, onde o autor nos remete a percepção de alguém que teve pessoas próximas, amigos, familiares, mortos ou torturados. Por meio da concepção de memória coletiva de Halbwachs (1990) podemos considerar as letras de Gonzaguinha como testemunhas do período em que foram escritas, onde as memórias, por se tratarem de memórias de um grupo a qual o compositor estava inserido. Neste sentido Halbwachs (1990) demonstra que as experiências podem ser compartilhadas por determinado grupo de pessoas:

> Lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 1990).

Desta forma Halbwachs, por meio de sua obra, abriu novas possibilidades para a historiografia trabalhar com o aspecto memorialístico dos fatos, ou melhor, com relatos, a história oral adquire um novo impacto, portanto, é possível se aproximar quanto a um contexto histórico, social do período em que se relata.

Os relatos memorialísticos presentes nas canções de Gonzaguinha, tornam possível uma imagem do sentimento das pessoas próximas daqueles que foram

atingidos pelo regime ditatorial, familiares que não tiveram a oportunidade ao menos de saber o destino final de seus entes queridos: “Quem me dirá onde está aquele moço fulano de tal (Filho, marido, irmão, namorado que não voltou mais), insiste os anúncios nas folhas dos nossos jornais, achados perdidos, morridos, saudades demais (GONZAGUINHA, 1980).

Assim como a canção “Amanhã ou depois”, o trecho acima pertence a uma canção de pouca duração, “Achados e perdidos”, traz em seu título o tema da canção, mas além da questão dos desaparecidos durante a ditadura, o compositor faz uma crítica ao período da chamada “Abertura”: “E quem souber algo acerca do seu paradeiro, beco das Liberdades estreita e esquecida, uma pequena marginal dessa imensa avenida Brasil” (GONZAGUINHA, 1980). “Liberdade estreita e esquecida”, Gonzaguinha demonstra o quanto a repressão de um governo ditatorial se fazia presente no país, mesmo com o projeto de abertura para a democracia já estivesse ocorrendo durante o governo de Ernesto Geisel.



Mathias (1995), aborda que desde a posse de Geisel em 1974, as ordens eram explícitas para que os órgãos de segurança abrandasse seus métodos, porém como relata a autora, o ano de 1975 foi extremamente violento, salientando o mês de setembro, como recordista em desaparecimentos, o que fez com que Geisel tomasse atitudes mais enérgicas para conter a ala do exército mais violenta e repressiva. Porém em 1976 a morte do operário Manoel Fiel Filho no DOI-CODI[4] de São Paulo, em circunstâncias semelhantes ao do jornalista Vladimir Herzog, criou novamente o sentimento de que o aparato repressivo estava totalmente em voga. Geisel então, determina a exoneração do comandante do II Exército, General Ednardo D'ávila, como forma de demonstrar controle sobre a situação e continuar o processo de abertura.

“As passagens, as coragens, são sementes espalhadas nesse chão, de Juvenais e de Raimundos, tantos Júlios de Santana, uma crença num enorme coração (...) (GONZAGUINHA, 1980). Nomes comuns e populares, no trecho de “Pequena memória para um tempo sem memória”, uma forma de Gonzaguinha homenagear todos os que lutaram contra o regime ditatorial e de enfatizar que a repressão não foi algo restrito a uma pequena parcela da população, mas algo que atingiu todas as camadas sociais. O nome Júlio de Santana que aparece na canção

[4] Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna.

pode referir-se a dois importantes personagens do período ditatorial. O maranhense Júlio de Santana, uma espécie de assassino de aluguel, contratado pelo exército para perseguir e eliminar combatentes na guerrilha do Araguaia (CAVALCANTI, 2006), ou, um dos líderes da chamada Liga Camponesa[5], pernambucano, preso em 1963, considerado um dos primeiros presos políticos, antecedendo o golpe de 1964 (SANTOS, 2016).



Halbwachs (1990) expõe a importância da escrita na preservação da memória de um certo grupo, ou sociedade, no caso, o autor acredita que esta é uma forma de manter viva tais memórias, por mais que os indivíduos que vivenciaram as mesmas não estejam presentes para relatá-las:

> Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo que em que esteve engajada, ou que dela suportou as consequências, em que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 1990).

Portanto, a canção “Pequena memória para um tempo sem memória’’, como o próprio nome da composição indica, tem como função demonstrar a memória de um período, neste caso, Gonzaguinha indica também a questão do esquecimento, por isso, a necessidade de expressá-las, por meio de suas composições:

> “São cruzes sem nomes, sem corpos, sem datas
> Memória de um tempo onde lutar por seu direito
> É um defeito que mata...
> E tantos são os homens por debaixo das manchetes
> São braços esquecidos que fizeram os heróis
> São forças, são suores que levantam as vedetes
> Do teatro de revistas, que é o país de todos nós
> São vozes que negaram liberdade concedida
> Pois ela é bem mais sangue
> Ela é bem mais vida (...)” (GONZAGUINHA, 1980).

A letra da canção exprime a necessidade que o autor encontrou de expressar um período de extrema violência, de perseguições, crimes contra a vida, porém,

[5] As ligas camponesas eram associações, organizações de pequenos produtores do campo, que tinha como um dos principais objetivos a luta pelo direito à terra e melhores condições de trabalho, tinha grande influência do PCB (Partido Comunista Brasileiro), aumentando o vínculo com estes trabalhadores, em um país, que no período dos anos 1960 possuía grande parcela da população vivendo no campo (SANTOS, 2016).

também faz questão de recordar, que existiram pessoas que combateram o regime ditatorial, ou mesmo, não estiveram envolvidas mas perderam suas vidas, por isso o trecho “São cruzes sem nomes, sem corpos, sem datas”, traz à tona novamente a ideia de Halbwachs (1990), onde a escrita assume um papel preponderante para o estabelecimento de uma memória, ou talvez, mais do que estabelecer, Gonzaguinha busca não deixar perder-se, pois como demonstra, nem o caráter físico, os corpos, ou o caráter civil/jurídico como nomes e datas, estão presentes, faz-se necessário expor os personagens e suas memórias por meio de sua canção.



Sobre a necessidade dos relatos memorialísticos quanto a ditadura civil-militar, em contraposição ao esquecimento dos fatos ocorridos neste período, Padrós (2004) destaca que houve um processo a qual ele denomina como instrumentalização do esquecimento, onde setores da sociedade civil que apoiaram as ditaduras no cone sul-americano (Empresas nacionais e estrangeiras, segmentos religiosos entre outros), iniciaram um distanciamento destes governos já nos períodos finais dos mesmos, e implementaram diversos mecanismos para impedir que investigações quanto aos crimes cometidos pelo estado fossem realizados no período recente de redemocratização. Eis um outro aspecto, que requer a preservação das memórias quanto ao regime ditatorial, o esquecimento e possíveis punições aos crimes cometidos durante este período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias quanto aos mais de 20 anos de governo ditatorial no Brasil, ainda geram intensos debates, tomou uma conotação a qual temos o questionamento quanto a fatos comprovados, não somente dentro da academia, na esfera do conhecimento científico, mas também no debate público, nos mais diversos âmbitos da sociedade. Tal questão torna-se ainda mais preocupante, ao verificarmos um revisionismo sem embasamento e movido a sentimentos passionais, utilizado por figuras em cargos públicos, que distorcem contextos históricos para criar uma atmosfera propícia para interesses pessoais.

Por meio da análise das músicas de Gonzaguinha, percebe-se o sentimento de amargura de anos de repressão política e social, a necessidade de expor de forma simples e aberta todas as recordações de um período um tanto quanto obscuro na história do país. Mas talvez, o maior interesse do compositor ao criar

essas canções, não fosse somente uma forma de exibir seus anseios e amargor, mas levar à tona, a necessidade de utilizar essas recordações como forma de conscientizar a população brasileira quanto a regimes autoritários ou mesmo o excesso de arbitrariedades e delimitação de liberdades e direitos individuais e coletivos por parte do governo.

Quando verificamos as diversas manifestações durante o início dos anos 1980, no sentido de uma redemocratização do país, e o apoio popular quanto a tais mudanças, podemos supor que as investigações e apurações, e claro, possíveis julgamentos e punições quanto aos inúmeros crimes cometidos contra a sociedade brasileira no período da ditadura civil-militar, ocorressem neste contexto, teríamos um cenário diferente quanto aos abusos cometidos referentes ao uso das memórias desse período.



**Referências**

CAVALCANTI, Klester. **O nome da morte.** São Paulo: Planeta, 2006.

FERNANDES, Ananda Simões. A política externa da ditadura brasileira durante os "anos de chumbo" (1968-1974): as intervenções do "Brasil Potência" na América Latina. **História Social**, Campinas, n. 18, p. 157-176, 2010.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: "Milagre econômico", repressão e censura. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 87-99, 2004.

GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Jr. **De volta ao começo**. São Paulo: EMI, 1980. 1 compact disc. (ca. 47min 38s).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Revista dos tribunais: São Paulo, 1990.

LOPES, Andrea Maria Vizzotto Alcântara. **Sensibilidades e engajamentos na trajetória musical de Gonzaguinha e Ivan Lins (1968- 1979)**. Curitiba, 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MATHIAS, Suzeley Kalil. **Distensão no Brasil: O projeto militar (1973-1979).** Campinas: Papirus, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: história cultural da música popular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

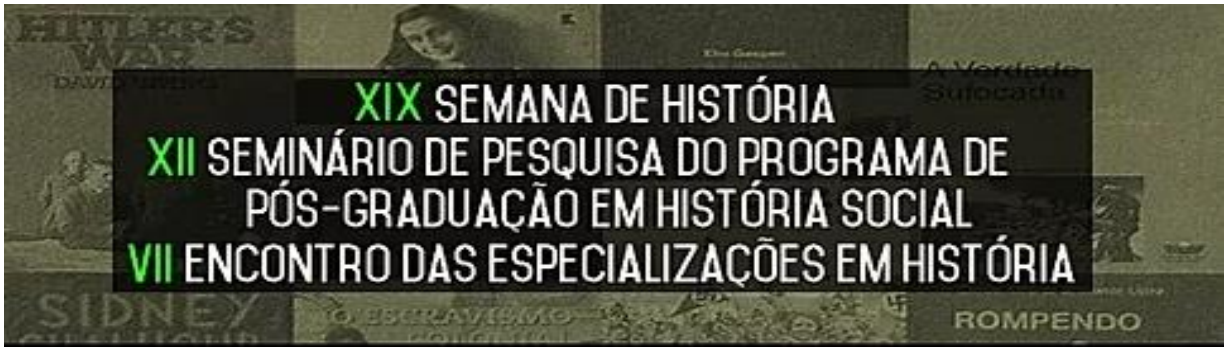
PADRÓS, Enrique Serra. Memória e esquecimento das ditaduras de segurança nacional: os desaparecidos políticos. **História em revista**. Pelotas, v. 10, p. 1-16, 2004.

RESENDE, Pâmela de Almeida. Da abertura lenta, gradual e segura à anistia ampla, geral e irrestrita: A lógica do dissenso na transição para democracia. **Revista sul-americana de Ciência Política**. Pelotas, v. 2, n. 2, p. 36-46, 2014.

SANTOS, Izabel. **Relações, conflitos e repressão: A atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros, Rio Formoso e Serinhaém frente às disputas políticas no campo (1960-1966).** Recife, 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SCHWARCZ, L; STARLING, H. **Brasil: Uma Biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VELOSO, F.; VILLELA, A.; GIAMBIAGI, F. Determinantes do “milagre” econômico brasileiro (1968 – 1973): uma análise empírica. **Revista brasileira de economia**. Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 221-246, 2008.






# JUSTIFICADORES DA REPRESSÃO NO REGIME MILITAR BRASILEIRO: A OBRA DE COUTO E SILVA E A LEI DE SEGURANÇA NACIONAL

Daniel Sartori Borges
(Mestrando-UEL)

**Resumo:** O seguinte trabalho analisa dois dos principais textos que fundamentaram a repressão perpetrada pelo Regime Militar Brasileiro, que atingiu tanto opositores como diversas pessoas que foram consideradas uma ameaça aos olhos do governo. Em um primeiro momento a discussão se concentra na obra *Geopolítica do Brasil*, escrita pelo general Golbery do Couto Silva. Nela, o general elabora uma análise da situação geopolítica do Brasil no cenário mundial da Guerra Fria, ao mesmo tempo em que sugere a forma como o país deveria se comportar diante daquele contexto. De grande expressão não apenas nos setores militares, o livro é considerado um dos principais textos formadores da mentalidade militar da época. Em seguida é investigada a Lei de Segurança Nacional que entrou em vigência a partir de 1969 por meio do Decreto Lei nº 898. Decretado após o AI-5 e com base nele, o texto tinha por função definir os crimes contra a segurança nacional e a ordem política e social, estabelecendo os devidos procedimentos legais para seus julgamentos. De teor bastante amplo, o texto abriu espaço para que inúmeras ações fossem criminalizadas e apreciadas por mecanismos jurídicos amplamente severos. Por meio de tais análises o trabalho possibilita perceber as ideias e mecanismos formais norteadores das ações repressivas do regime militar que tornaram qualquer cidadão uma vítima em potencial do Estado.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar, Repressão, Couto e Silva, Lei de Segurança Nacional

## INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O Regime Militar brasileiro, que vigorou de 1964 até 1985, é caracterizado como o período em que o poder institucional foi tomado pelos militares e em que estes, por sua vez, organizaram uma intensa repressão a seus opositores. Essas formas de agir justificariam, portanto, a terminologia “ditadura” para representar o período. Essa nomenclatura é tão naturalizada e aceita nas discussões historiográficas sobre o regime que pode parecer aos mais desavisados e leigos que o regime sempre foi compreendido como uma organização autoritária, ilegítima e antidemocrática. É de se imaginar que em um Estado de Exceção, repressor, autoritário e que justifica grande parte de sua existência no combate a um suposto inimigo nacional[1] negue o ideal democrático, afinal de contas se existe a necessidade de perseguir determinados tipos sociais, os antagonistas da tradição, a democracia não poderia ser defendida. Contudo os paradoxos do homem no tempo nos mostram que as coisas não são tão simples.



Se por um lado a Ditadura Militar no Brasil trabalhou para suprimir duramente toda e qualquer forma de manifestação contrária ao regime, contraditoriamente, a democracia surgiu nos discursos dos generais como uma bandeira a ser defendida, sendo o ideal democrático a finalidade do regime que havia se imposto por meio de um golpe militar. Foi defendendo um conceito pouco fundamentado de democracia e se esquivando de debates teóricos sobre o tema que o grupo liderado pelos militares orquestrou tanto o movimento de 1964 como coordenou o regime de exceção que se seguiu. O discurso de Castello Branco, primeiro general presidente da Ditadura, deixa isso claro quando ele afirma em sua posse cumprir

> plenamente os elevados objetivos do movimento vitorioso de abril, no qual se irmanaram o povo inteiro e as Forças Armadas na mesma aspiração de restaurar a legalidade, revigorar a democracia, restabelecer a paz e promover o progresso e a justiça social[2].

[1] O inimigo danação é caracterizado como o comunismo. Logo no primeiro Ato Institucional os “chefes da revolução vitoriosa” justificam a tomada forçada do poder devido à incapacidade de os processos constitucionais anteriores não funcionarem para destituir o governo que “deliberadamente se dispunha a bolchevizar o país”. As novas formas de organização visariam então “drenar o bolsão comunista” do país. Ver Ato Institucional Nº 1, de 9 de abril de 1964.

[2] REZENDE, M J, 2013, p. 68

Outro famoso pronunciamento que possibilita uma melhor compreensão da estranha noção de democracia defendida pelos militares foi o do general Newton Cruz em 1983. Então responsável pelo Comando Militar do Planalto, o general ao ser questionado pelo repórter de rádio Honório Dantas sobre possíveis retrocessos democráticos do regime afirmou que “democracia é a aplicação da lei”[3].

Essa obscura ideia de que democracia não pressupunha necessariamente a participação popular nas decisões do Estado, muito menos a liberdade de expressão e crítica dos cidadãos, foi a base na qual o regime militar buscou justificar suas ações. Por mais que houvesse declaradamente perseguição e censura no governo – além de torturas e mortes, ocultas nos porões – essas ações eram justificadas pelo regime como forma alcançar a democracia.



Para fazer a defesa de tais práticas, enquanto forma democrática de ação, o grupo no poder utilizou de algumas ferramentas. Dentre as ferramentas podemos citar a manutenção da Constituição de 1945 após o golpe, a permanência do funcionamento do Congresso Nacional durante a maior parte do período militar, a criação do bipartidarismo e até mesmo a tolerância à produção cultural das classes médias – em especial na música e no teatro – que teciam críticas ao regime, especialmente em seus primeiros anos. Os exemplos acima citados foram, de maneira geral, utilizados para demonstrar uma certa intenção de abertura à oposição e ao diálogo, pedras fundamentais de regimes democráticos.

Contudo, o véu democrático utilizado pela ditadura se alongava até os agentes da repressão. Mesmo os dispositivos persecutórios e violentadores eram banhados em uma justificativa de defesa da democracia. Dois deles serão discutidos ao longo do texto: um primeiro, de teor ideológico, a obra do general Golbery Couto e Silva, cujo principal propósito foi fundamentar dentro de uma perspectiva de estratégia geopolítica a repressão enquanto necessidade para garantir os objetivos nacionais; e um segundo, de teor instrumental, a Lei e Segurança Nacional cuja intenção foi criar um mecanismo legislativo que pudesse fornecer, dentro do texto normativo objetivado, as bases para que a violência irrestrita do Estado aos seus cidadãos fosse compreendida como necessária, também, para garantir a consecução dos objetivos nacionais. Os elementos estão

[3] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=IWuggz3aWhw >. Acesso em 29/09/2019

estritamente ligados entre si, tendo o primeiro servido de justificativa teórica para a idealização, elaboração e efetivação (teórica e prática) do segundo.

## OBJETIVOS

Compreender de que forma a obra *Geopolítica do Brasil*, de Couto e Silva, bem como a Lei de Segurança Nacional de 1969 foram utilizadas como instrumentos legitimadores da repressão generalizada ocorrida durante o Regime Militar Brasileiro.



## RESULTADOS

### A obra *Geopolítica do Brasil*

Golbery do Couto e Silva é um dos principais nomes do governo militar no tocante à construção intelectual e ideológica. Seu pensamento foi uma das principais bases da Doutrina de Segurança Nacional (DSN) elaborada pela Escola Superior de Guerra (ESG) em meados do século XX. As ideias centrais de seu pensamento se encontram na obra Geopolítica do Brasil (1967) em que analisa a situação do Estado brasileiro diante do mundo e da conjuntura nacional e internacional.

Golbery escreve em meio à Guerra Fria. Nesse sentido, a polarização ideológica que marcou o período ganha grande relevância em sua análise, uma vez que o autor compreende a conjuntura internacional como uma divisão de forças antagônicas entre o que ele chama, em um primeiro momento, de “Ocidente Cristão e Oriente Comunista”, forças essas que a qualquer momento poderiam dar início a um conflito de ordem global, afetando o planeta todo. Além disso essa polarização também preocupa o autor quanto às questões internas de cada país, havendo em seu entender uma instabilidade interna diretamente relacionada às questões internacionais. Diante dessa conjuntura, o militar deixa claro que no mundo está instaurado um clima em que o medo da guerra e a insegurança governam.

> A insegurança do cidadão dentro de cada nação e a insegurança de uns Estados em face dos outros, a visão onipresente da guerra-guerra civil ou guerra subversiva ou guerra internacional- dominam o mundo de nossos

> dias e explicam, por si sós, essa ânsia neurótica com que os indivíduos – desamparados, as multidões-em pânico, os povos-desiludidos e aflitos, a humanidade, enfim, se ergue e se lamenta e se debate, disposta até a escravizar-se a quaisquer senhores e a quaisquer tiranias desde que lhe ofereçam, num prato de lentilhas, um pouco de segurança e de paz.[4]

Por meio da citação acima é possível notar o clima de instabilidade, medo e neurose que, de acordo com Golbery, tomava o mundo. A argumentação do autor parte então para a ideia de que nesses momentos os cidadãos se mostram dispostos a aceitar situações até mesmo "escravizantes", desde que seus senhores oferecessem de alguma forma um pouco de paz e segurança.



Dentro desse cenário, o Brasil, assim como os demais Estados, seria o protagonista no cenário internacional que representa as aspirações e interesses de seus correspondentes grupos sociais, mesmo que fossem governados por uma pequena parcela desses grupos, as elites, por assim dizer. Esses interesses, por sua vez, seriam representados naquilo que Golbery chama de Objetivos Nacionais: um núcleo de aspirações mais ou menos definidos com precisão num complexo hierárquico de Objetivos. Dentro de tais objetivos da nação cabe destaque, diz o autor, *à persistência do grupo social; a sobrevivência no espaço e no tempo; sua autonomia em relação aos demais e o próprio desenvolvimento*. Alcançar os objetivos nacionais, portanto, surge como a razão de existência e permanência de todo e qualquer Estado. Em uma conjuntura de guerra, ou iminência de guerra global, para que os objetivos nacionais fossem garantidos a segurança deveria ter posição central.

O raciocínio de Golbery é bastante claro. Ele parte do pressuposto de que todos os Estados têm interesse primordial em sua própria sobrevivência, se valendo para isso dos recursos humanos e naturais que possui em seu próprio território. Dessa forma, é natural que Estados tenham interesses conflitantes entre si, seja por conta de disputa de recursos, seja porque um Estado ameaça a sobrevivência do outro. A segurança, portanto, sempre seria uma questão central para qualquer Estado. Contudo, no mundo de alta tensão da Guerra Fria não só a segurança nacional ganha mais destaque do que em tempos de paz, mas também, em um país subdesenvolvido como o Brasil, seria necessário que a nação abrisse mão de muitos dos valores que pautam uma vida em sociedade – a busca por uma vida

[4] SILVA, G, 1967, p.9

tranquila, livre e com certo conforto no que diz respeito à bens de consumo, por exemplo - para que fosse garantida a Segurança Nacional. A paranoia da guerra iminente do general passou a justificar a renúncia do bem-estar da população, significando até mesmo abrir mão do anseio por uma melhoria de vida. Nas palavras do general

> E, na verdade, não há como fugir à necessidade de sacrificar o Bem-Estar em proveito da Segurança, desde que esta se veja realmente ameaçada. Os povos que se negaram a admiti-lo aprenderam, no pó da derrota, a lição merecida.[5]



Após analisar o posicionamento dos Estados em meio a essa situação caótica, em que uma guerra global estaria prestes a acontecer, Golbery busca compreender de que forma o Brasil, especificamente, deveria se posicionar frente ao conflito global para impedir o avanço do "império universal que pretende aniquilar toda a civilização ocidental".

O primeiro passo seria o reconhecimento do Brasil enquanto um país fora do protagonismo global, sendo dependente, assim, das grandes potências. Em seguida, seria necessário então que o país focasse suas forças, assim como os demais, em sua Segurança Nacional. Contudo, diferentemente dos países protagonistas da tensão global, nos países periféricos a segurança deveria ser direcionada não para um possível ataque dos antagonistas[6] vindos do exterior, mas de possíveis ações arquitetadas sorrateiramente dentro do próprio território nacional.

Essa forma de atuação, dos inimigos vindo da civilização soviética, estaria pautada na capitalização dos descontentamentos locais, das frustrações, da miséria e da fome, nos ressentimentos e ódios anticolonialistas gerados pela opressão sofrida no passado. Por meio de tais aspectos, seria então insuflada a erupção de violentos focos de perturbação e desordem, culminando até mesmo em golpes de Estados ou então em guerras subversivas de terrorismo e de guerrilhas. Dessa forma, como em toda a América latina, a Segurança Nacional no Brasil, em meio à iminência da guerra total entre ocidente e oriente, deveria ser voltada às questões

---

[5] Idem, p. 13

[6] Ao longo da obra Golbery divide os antagonismos como sendo de um lado o que ele chama de "ocidente democrático cristão" em oposição ao "imperialismo ideológico da civilização materialista que tem seu fulcro esteado no coração maciço da Eurásia".

internas no intuito de impedir que houvesse uma invasão comunista paulatina, que aos poucos poderia conquistar os corpos e as mentes da população carente e desigual. Nesse cenário o combate não deveria ser voltado à possibilidade de um conflito armado direto com a URSS, mas voltado à contenção de uma possível guerra subversiva.

É com base nas ideias formuladas por Golbery - de que um inimigo sorrateiro, implantado pela ideologia comunista nos países subdesenvolvidos da América Latina, iria aos poucos organizar uma rebelião de dentro pra fora - que a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento toma corpo no Brasil. Ela, portanto, será pautada na necessidade de desenvolver economicamente o país para impedir que as condições desfavoráveis fizessem crescer a influência socialista no país, ao mesmo tempo em que aponta o dever do combate a um inimigo interno pouco identificável, porém presumível. Essa paranoia marcante do pensamento militar brasileiro teve reflexos nos mais diversos âmbitos da vida brasileira. Principalmente durante o Governo Médici, ápice da repressão do governo àqueles que considerava serem seus opositores, a abertura para que qualquer um fosse enquadrado enquanto inimigo da nação foi cada vez mais dilatada. O principal instrumento que justificou essa dilatação dos mecanismos de repressão, foi a Lei de Segurança Nacional.



**A Lei de Segurança Nacional**

Grosso modo, uma Lei de Segurança Nacional consiste em um documento organizado pelos mecanismos do próprio Estado para regular as regras referentes a segurança do território nacional, a ordem nacional e contra os distúrbios sociais em seu território. No Brasil, da proclamação da República até 1935, não havia texto legislativo que diferenciasse crimes comuns de crimes contra o Estado. Ambos os tipos criminais eram organizados de acordo com o Código Penal de 1890, promulgado por meio do Decreto nº 847 daquele mesmo ano.

Somente após o Governo Constitucional de Getúlio Vargas é que surgiu a Primeira Lei de Segurança Nacional. Por meio da Lei nº 38 de 4 de abril de 1935 ficaram definidos os “crimes contra a ordem política e social” e as respetivas sanções. A principal finalidade da lei era transferir para um texto especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime rigoroso, sendo

abandonadas as garantias processuais (JÚNIOR, 2013). Dessa forma, desde seu surgimento a LSN demonstra caráter autoritário. O teor da lei era fundamentado na ideia de que determinadas pessoas, ou grupos de pessoas, poderiam trazer riscos ao funcionamento do Estado e á ordem. Além disso, o mecanismo fazia com que os indivíduos enquadrados na lei fossem apreciados por um tribunal de justiça especial, composto por indicações diretas do presidente da República. Essa medida concentrava poderes nas mãos do Executivo Federal e possibilitava que uma série de pessoas, sem um critério bem estabelecido, pudessem ser perseguidas e tidas como inimigas da nação. Bastava que aos olhos do regime parecessem uma ameaça ao *status quo*.



Ao final do Estado Novo as diretrizes sobre a segurança nacional foram amenizadas. Contudo, com a tomada de poder por parte dos militares logo se restabeleceu uma atenção central à segurança nacional, sendo a Lei de Segurança Nacional retomada enquanto mecanismo legitimador da repressão. Organizada e formulada pela Escola Superior de Guerra (ESG) as Leis de Segurança Nacional vigentes durante a ditadura militar foram fundamentadas na Doutrina de Segurança Nacional, principalmente sob a justificativa da necessidade de um combate ao inimigo subversivo interno. Dentre as LSN vigentes durante o regime militar, merece destaque aquela que vigorou durante o período de maior repressão do regime, os anos de chumbo.

Durante o governo Médici, a Lei de Segurança em vigência havia entrado em vigor em 1969, por meio do Decreto Lei nº 898, decretado pela junta militar responsável pelo governo da transição entre Costa e Silva e Médici. Logo nos dois primeiros artigos do decreto fica explícito a ideia de que o estado das coisas no país deveria ser de constante vigilância. No primeiro artigo consta “toda pessoa natural ou jurídica é responsável pela segurança nacional”, já o segundo artigo afirma que a segurança nacional “é a garantia da consecução dos objetivos nacionais contra antagonismos, tanto interno quanto externo.” Dessa forma toda pessoa deveria fazer vigilância para garantir a segurança, e isso consistia em identificar os inimigos da pátria. Uma vez que esse inimigo não era objetivamente identificável isso poderia implicar a espionagem da vizinhança e das pessoas do convívio cotidiano. Um clima de constante vigilância e paranoia era estimulado por conta da LSN. Pequenas desavenças pessoais poderiam ser motivadoras para denúncias de crime contra a segurança nacional.

Embora todo o corpo do texto da LSN seja amplamente autoritário, principalmente quando faz referência a associações de classe e veículos de comunicação, o que mais se chama atenção são os artigos 25, 27, 28 e 29. Por meio de tais artigos qualquer ato desviante poderia ser enquadrado como crime de Segurança Nacional. Além de previsões vagas - como o artigo 25 que diz ser crime "praticar atos destinados a provocar guerra revolucionária ou subversiva" - que abre margem para que ações como simples panfletagens pudessem ser consideradas crimes – algumas previsões como a do artigo 27 enquadrava como crime contra a segurança nacional "assaltar, roubar ou depredar estabelecimento de crédito ou financeiro, qualquer que seja sua motivação". Os demais artigos apontados seguem a mesma lógica, legitimando que a menor ação desviante, ou presunção de ação desviante, fosse tratada por mecanismos extremamente severos, chegando ao ponto de a pena de último grau ser a pena de morte.



A Lei de Segurança Nacional, especialmente a posta em vigor a partir de 1968 possibilitava, enquanto instrumento legal e normativo, que qualquer pessoa, independente de ser ou não opositor do regime militar fosse tratada como inimiga da nação e ficasse sujeita às mais severas ordens punitivas. Toda e qualquer pessoa poderia ser enquadrada como inimiga do Estado. Um mero ato de dificultar o funcionamento de serviços essenciais, administrados pelo Estado ou não, como aponta o artigo 29, seria enquadrado como crime contra a nação. Greves, passeatas e demais manifestações populares, cujo objetivo é obstaculizar o funcionamento corriqueiro da sociedade para assim chamar atenção para suas causas, seriam tidas pela legislação como crime cuja pena máxima seria a perda da própria vida dos envolvidos. O mecanismo legal se organizava de maneira a impedir qualquer manifestação contrária ao regime e, além disso, elencava como inimigo da pátria qualquer um que do sistema fosse acusado de discordar.

## Considerações Finais

A Ditadura Militar brasileira, como demonstrado, não se instaurou no poder sob a alcunha de um regime autoritário. No sentido contrário procurou, desde seu estabelecimento, formas de pintar as ações repressivas como medidas protetoras da sociedade democrática. Por meio de um discurso tão elaborado quanto paranoico, as ideias de Golbery serviram de arcabouço teórico para sustentar a

necessidade de vigilância e perseguição de todo cidadão. Se de um lado esse pensamento do general serviu de base teórica, de outro foram elaborados mecanismos formais e objetivados de legitimação, em especial a Lei de Segurança Nacional, para de fato vigiar e perseguir todos os cidadãos. A repressão generalizada, abrangendo desde opositores políticos do regime até as desavenças pessoais dos agentes da lei, passou a poder ser justificada pelos algozes como ação de “cumprimento da lei” e, portanto – dentro de uma lógica escusa a toda e qualquer abordagem teórica ou histórica – democrática.



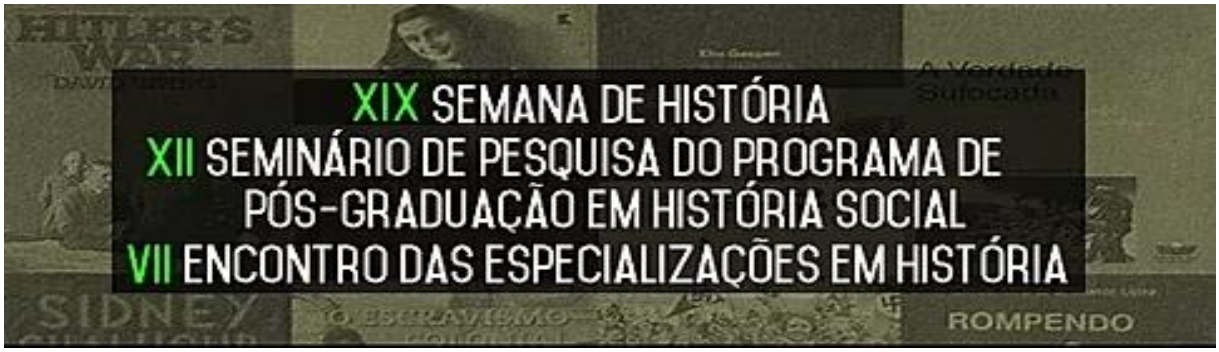
**REFERÊNCIAS**

JÚNIOR, A. O conceito de segurança nacional na doutrina jurídica brasileira: usos e representações do Estado Novo à Ditadura Militar Brasileira (1935-1985). **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, v. 14, p. 525-543, 2013

REZENDE, M. **A Ditadura Militar no Brasil:** Repressão e Pretensão de Legitimidade. Londrina: Eduel, 2013

SILVA, C. **Conjuntura política nacional:** o Poder Executivo & Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981

BRASIL. **Decreto-lei nº 898, de 29 de Setembro de 1969**. Lei de Segurança Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-898-29-setembro-1969-377568-publicacaooriginal-1-pe.html >






# O ZAPATISMO CHIAPANECO E A MEMÓRIA INDÍGENA E REVOLUCIONÁRIA EM 1994: A PRIMEIRA DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA E A CRIAÇÃO DE SENTIDOS

Igor Marconi

(Universidade Estadual de Maringá – UEM)

**Resumo:** O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é um movimento social tornado público em 1994 no extremo-sul mexicano, em Chiapas, que entrou em conflito com o governo federal e estabeleceu uma disputa política, jurídica, narrativa e memorial sobre a história mexicana, a cultura política e a compreensão social das comunidades indígenas. Neste trabalho, quer-se explorar a condição da memória coletiva e das identidades na formulação de uma lógica expressa na forma de se perceber, compreender e rememorar o passado indígena, na formulação de uma linha mental contínua entre o passado colonial e de conquistas, o movimento de independência e a Revolução de 1910. Para este fim, analisa-se a Primeira Declaração da Selva Lacandona, documento publicado em 1º de janeiro de 1994 e que tem como característica ser uma aglomeração heterogênea do movimento e também uma declaração de guerra, aportando, em um mesmo espaço, a complexidade das vinculações históricas da guerrilha marxista-leninista com cunho foquista e as comunidades indígenas, formando uma expressão memorial que abarca os sentidos históricos e a lógica de criação de sentido condensados no momento de início do conflito com o Estado mexicano, isto é, a percepção coletiva dos membros do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI) enquanto hierarquia militar na expressividade e legitimação da rebelião levada a cabo pelo movimento.

**Palavras-chave:** memória; EZLN; zapatismo; Chiapas; México.

## INTRODUÇÃO

Em primeiro de janeiro de 1994 o mundo passa a conhecer o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), um movimento social formado por

indígenas da região de Chiapas, no sul do México e em fronteira com a Guatemala, de etnia Tzeltal, Tzotzil, Tolojobal e Chol, principalmente. A tomada de sete cabeceiras municipais[1] em San Cristóbal de Las Casas, Las Margaritas, Ocosingo, Altamirano, Chanal, Oxchuc e Huixtán foi o primeiro passo de uma insurreição que está presente até os dias atuais na região chiapaneca.

O levante armado, a promulgação das *Leys Revolucionarias*[2] e da Primeira Declaração da Selva Lacandona[3] foram impactantes para a política nacional mexicana, levando o Partido Revolucionário Institucional (PRI) a uma crise jamais vista[4]. Neste contexto o Partido perde seu longo período de permanência no poder a partir da eleição de Vicente Fox do Partido da Ação Nacional (PAN) ao posto de presidente no ano 2000. Mais que apenas um episódio que marcou a vida política nacional, o levante se organizou como um movimento que, até doze de janeiro de 1994, reafirmou a luta armada como única via para alteração da ordem estabelecida, estando em conflito direto com o Estado Mexicano e o Exército Nacional. Doze dias que marcaram baixas de ambos os lados e também o cessar-fogo e a busca por um diálogo de paz, pautado expressivamente por manifestações por todo o país, a notável diferença bélica entre os combatentes e a imagem internacional do México (LE BOT, 1997, p. 33.).



Entretanto, além de um marco político na história nacional do México contemporâneo, o surgimento e expressão do EZLN enquanto ator presente no sul do país, na região da Selva Lacandona, Estado de Chiapas, representa também uma parcela importante da significação histórica dada ao presente pela apresentação, por mais paradoxal que pareça ser, da nacionalidade ou *mexicanidade* da parcela indígena da população, isto é, apesar de mais de 25 milhões de pessoas se reconhecerem como indígenas[5], as taxas de marginalização dessa população eram (e de certa forma ainda o são) constantemente altas[6].

---

[1] Locais onde se encontram as sedes administrativas de um município (prefeituras).
[2] Conjunto de regulações com a intenção de serem colocadas em prática nos territórios controlados pelos zapatistas.
[3] Documentos oficiais expedidos pela cúpula do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o Comando Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI). São divididas em seis declarações: janeiro de 1994, junho de 1994, 1995, 1996, 1998 e 2005.
[4] Partido que ficou no poder mais de 70 anos no México. Criado em 1929 com o nome Partido Nacional Revolucionário, passando para, em 1938, Partido da Revolução Mexicana e, por fim, Partido Revolucionário Institucional em 1946.
[5] Maior país de população indígena em termos absolutos. Encuesta Intercensal 2015, Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI), 2018.
[6] Em classificação dada pela Comisión Nacional para el Desarollo de los Pueblos Indígenas (CDI),

Dessa forma, neste trabalho, quer-se explorar as condições da formação de uma identidade e representação dos grupos envolvidos na formação do EZLN através de sua memória expressa, neste caso, por meio de uma coletividade do movimento quanto à história nacional, ao vínculo étnico de exclusão[7] e sua relação presente no processo histórico. Para isso, propõe-se uma discussão teórica sobre os aspectos de memória e história, identidades e etnicidade, passando ainda pelas políticas públicas do Estado Mexicano.



Como fonte será analisada a Primeira Declaração da Selva Lacandona, documento oficial redigido pelo Comite Clandestino Revolucionario Indígena – Cuartel General (CCRI-CG) e publicado em 1º de janeiro 1994 que promulga as características mais basilares e iniciais do movimento quanto aos processos históricos nacionais e uma representação étnica importante, já que os membros desse comitê são indígenas. Na medida do possível, também, objetiva-se estabelecer leitura de relatos de membros do movimento, através do porta-voz do EZLN, Subcomandante Marcos, levado pela expressão midiática a ícone[8].

Quer-se fazer uma interlocução entre as memórias e os contextos, estabelecendo vínculos que permitem conceber a presente perspectiva coletiva do movimento sobre a história, o passado, os fatos, interesses e objetivos inseridos na forma de se entender as heranças culturais e sociais como fator de ação histórica[9].

## MEMÓRIA

em 2006 os municípios indígenas, os quais se determinavam pela presença de mais de 70% da população que fala uma língua local, 82,6% de tais regiões apresentam taxas de *alta* ou *muy alta marginalización.* Essas taxas são constantes para certas regiões do México as quais a presença indígena é relevante. Como conclui o documento da comissão, “este fenómeno tiende a persistir en el sur del país”. NIGRI, 2009, p. 28-40; INEGI, 2018, p. 73.

[7] Ao menos como política pública presente nas propostas indigenistas das décadas de 1940-1980 das quais algumas alterações só foram possíveis a partir do emblemático levante de Chiapas. Conforme afirma Pablo Davalos (2005, p. 10-21), o estopim de um força de questionamento em favor da “diferença na igualdade” que toma boa parte da América Latina.

[8] Há uma condição crítica do Subcomandante sobre essa espetacularização do processo e que leva, a partir dos anos 1998, a formação das Juntas de Bom Governo e dos Caracóis Zapatistas em 2003. Algumas pesquisas ressaltam, além disso, uma formulação messiânica na imagem de Marcos quanto ao papel de estudante/professor de classe média que abandona a vida na cidade para lutar pelos oprimidos. Para mais detalhes, ver: ASSIS, 2013.

[9] Ou seja, enquanto conceber que as representações e a cultura são formadores de uma experiência e perspectivas históricas, moldando, assim, através das mentalidades, as ações e projetos de futuro. BOURDIEU, 2002.

Estabelecer condições socioculturais de compreensão das ações individuais e coletivas são partes importantes do processo de construção da ação humana como base da história. Dessa forma, contundentemente as formulações memoriais sobre os processos passados, como representação da condição do presente, organizam possibilidades que se imprimem sobre o atual, sobre o possível, aquilo que se pode ser feito a partir dos estabelecimentos humanos em um espaço e tempo. A condição lógica desse processo é largamente teorizado em termos analíticos, mas passíveis de empiricidade nos processos históricos. A compreensão do motor que envolve a sociabilidade e as práticas dos sujeitos perpassa, de forma importante, os estudos sobre as memórias, seus usos e métodos, que abrangem uma ampliação do campo de pesquisa historiográfico de meados do século XX, especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial (TRAVERSO, 2007).



Entretanto, como objeto e parte estruturante da disciplina História, as pesquisas sobre a memória apresentam-se sobre algumas problemáticas de definição. O primeiro aspecto relevante é a condição de ciência que diferencia a memória e a história. Enquanto a história se aprimora pelo objetivo, pelas regulações de um ofício que, como parte científica, elabora uma interpretação por meio de metodologia e lógica específica[10], a memória trata-se de uma parte e objeto da história enquanto relato, expressão e parte da História Oral, que remete a uma subjetividade. É dado pela disciplina, assim, uma referenciação *matricial*, originária, da memória. Ambos se conformam sobre uma leitura do passado através do presente, de uma narrativa, mas se diferenciam enquanto processo constitutivo, enquanto objetividade e subjetividade (TRAVERSO, 2007, p. 73-75).

Assim também se percebe a diferença entre as temporalidades da história e da memória. Enquanto a memória busca estabelecer uma temporalidade contínua, uma linha de observação própria que constitui uma proximidade entre o passado, mesmo longínquo, e o presente, numa espécie de ligação íntima e não mecânica dos espaços temporais, a história se estabelece de forma linear, cronológica, científica, que dispõe de uma distância entre a análise do passado e o presente, mesmo que a partir do olhar do pesquisador e das problemáticas que o envolvem a atualidade (TRAVERSO, 2007, p. 81-83).

[10] Apesar de ser uma discussão densa, refiro-me aqui à conceitualização dada por Thompson, 1981, p. 47-61.

Por fim, a constituição da memória enquanto aspecto fundamental da vivência dos sujeitos e da lógica que baseia a ação histórica, isto é, enquanto a interpretação do passado na perspectiva do presente dá sentido político e ideológico que se expressa nas marcas da história. Essa condição do *habitus*[11] reforça o sentido expresso na memória enquanto legitimação, estruturação das leituras de mundo, das percepções sobre a identidade e o ser, seu coletivo, cultural e social, pautando o reflexo de uma vontade social e coletiva que se reforça nas narrativas memoriais ao estabelecer sentidos que, por exemplo, estabelece o ato de "esta[r]mos prontos para lutar, para estripar o vizinho em nome da experiência anterior de seus ancestrais" (ROBIN, 2016, p. 31).



Dessa forma, a memória movimenta os corpos e os sujeitos sobre aquilo que os convém enquanto compreensão de seu presente para as perspectivas futuras por meio do passado à medida que este é significado e narrado pelas ferramentas de transmissão da memória e da lembrança. Ainda, todavia, é preciso estabelecer uma ligação entre a memória que se inscreve na identidade e a expressa a partir da pergunta: mas quem está a se lembrar?

## IDENTIDADE

Quando se fala em memória é importante pensar que mesmo que estabelecido por certos ritos e processos sociais, é mantida por indivíduos e sujeitos, além de monumentos, nas palavras de Pierre Nora (1993, p. 21-28), museus ou "lugares", nem sempre materialmente estabelecidos. Essa condição de sujeitos quanto à memória é dada, também, através das criações de identidades e alteridades, isto é, na visão de um "nós" como grupo social e um "eles" enquanto expressividade do exterior, diferente tanto em termos de classificação em classe, nacionalidade ou diferenciação política, por exemplo que se exemplifica na formação da modernidade enquanto proposta de encontros culturais.

Não é de se estranhar a fundamentação de séculos de encontros entre mundos tão diferentes quanto o europeu e o indígena pré-colombiano na América desde 1492 que formalizam, ao menos para a leitura de Enrique Dussel (1994, p. 8), a modernidade dentro da construção das identidades que se expressa de

[11] Expresso como conceito tanto na filosofia aristotélica, mas também na sociologia moderna como em Elias (1994) e Bourdieu (2002).

maneira muito proeminente no decorrer da colonização e que vincula a cultura e a sociedade nativa a um grupo de tutorados, subdesenvolvidos e inferiores enquanto seres humanos de uma ordem naturalmente imposta de darwinismo social. Essa proposta *moderna*, que abarca todas as condições de existência, trata de aprofundar-se através das políticas de Estado neoliberal, condição de aplicação de uma vontade autoritária, impositiva e violenta de incorporação do diferente, neste caso expresso pelos povos originários ou indígenas (DAVALOS, 2005, p. 18).



Essa fundamentação identitária, para além da mera estruturação dos chamados “novos” movimentos sociais, isto é, no tangenciamento de subgrupos que extrapolam a compreensão puramente econômica de classe, também se dá como observação da realidade e das leituras elaboradas pelos sujeitos nos processos políticos. Dessa forma, a rebelião de parte dos indígenas chiapanecos em 1994 expressam, talvez de forma mais radical que nos movimentos anteriores, a percepção da impossibilidade de convivência com as políticas públicas mexicanas que estabelecem o “problema indígena” como tentativas de incorporação em uma *mexicanidade* que exalta os povos pré-colombianos mas ignora os descendentes desse povo (GONÇALVES, 2008, p. 30).

As lutas existentes e em continuidade do EZLN são formuladas a partir de processos políticos que envolvem a significação de uma história de resistências para com as perpetuações das violências de aculturação e inclusão sociais que buscavam, na prática pública, homogeneizar os cidadãos através da condição do ser mexicano, grosso modo, mestiço que fala espanhol. As memórias indígenas, assim, expressam uma necessidade de resistência ante os avanços e construções discursivas que impelem um sentido trágico ao viver comunitário/coletivo e não consumista/individual dos povos, uma memória que se vincula à identidade e à consideração do ser mexicano também indígena, isto é, da quebra do paradigma moderno através da aceitação da igualdade na diversidade (CANDAU, 2011, p. 11).

A consubstanciação da memória e da identidade, a rigor, organiza relações de retroalimentação e significação ao conceber trajetórias, continuidades históricas e características culturais. Nesse processo, portanto, o EZLN, na organização de seu arquivo histórico, seleciona e cria um dispositivo memorial e de identidade enquanto movimento social dentro das limitações da heterogeneidade que o envolve e estabelece como primeiro documento a Primeira Declaração da Selva Lacandona, fonte que dispõe sobre o processo de início do conflito entre Governo

e zapatistas, reconstituindo as observações do processo e a carga de memória que dá corpus, assim, ao projeto rebelde.

## ¡YA BASTA!

Durante a organização do EZLN, mostra-se claro o desenvolver de uma unificação entre três grupos distintos: “un grupo político-militar, un grupo de indígenas politizados y muy experimentados, y el movimiento indígena de la Selva” no qual o primeiro grupo advinha de uma célula guerrilheira da Frente de Libertación Nacional (FLN)[12] em Chiapas que se estabelece na região da Selva Lacandona em 1983 e era formado principalmente por membros da classe média, professores e universitários; o segundo de um grupo organizado de indígenas chiapanecos com larga experiência nos movimentos sociais de defesa dos *ejidos*[13] e de questionamento das aplicações das políticas neoliberais; e por fim, as comunidades indígenas (LE BOT, 1997, p. 52).



Essa constituição social seria responsável pela articulação de fatores-chave para o levante de 1994, no qual há, durante os onze anos de comunicação entre tais grupos diversos, processos de aculturação, aprendizagens e formação de uma cultura política que se expande (e sofre alterações) no decorrer da década de 1990 a partir da atuação do movimento organizado em Chiapas. Assim, a Primera Declaración de la Selva Lacandona, o documento oficialmente publicado pelo EZLN em primeiro de janeiro de 1994 e que estabelece o conflito que se estende nos doze primeiros dias do ano, traz indícios de uma compreensão memorial da coletividade indígena expressa pela organização militar:

---

[12] Com características marxista-leninista e estratégia foquista, a FLN tinha como base fomentar a luta armada como processo revolucionário. Inseridos no contexto de formação da década de 1960 e de atuação até inícios de 1990, o movimento guerrilheiro chega a enviar a célula que será parte do EZLN. Todavia, as relações que são estabelecidas pelos membros da guerrilha na Selva e em contato com as comunidades acaba por desenvolver uma nova orientação e atuação política que se demonstra mais como braço armado do movimento indígena que uma vanguarda, aos moldes de Lukács, que guiaria os proletários à liberdade. ROJAS, 2017, cap. II; ALMEIDA, 2017, p. 90-98.

[13] O tipo de propriedade *ejidatária* foi legalmente estabelecido a partir da Constituição de 1917 apesar de a prática de cessão das terras do Estado para comunidades indígenas ser comum desde a colonização espanhola. Estabelece, assim, uma formação territorial comunitária na qual a posse é coletiva e, principalmente, indígena. Somente com a reforma do art. 27 da Constituição mexicana proposta pelo então presidente Salinas de Gortari (1988-1994) em 1992 altera e transforma os *ejidos* em propriedades passíveis de posse particular sendo, inclusive, um dos estopins do conflito em Chiapas. HARVEY, 1998, p. 50-51.

> Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin importarles que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos. (PRIMERA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA, 1994)



As referências a uma identidade indígena e mexicana permeiam todo o decorrer da declaração. Processos que se vinculam a colonização e a fatos históricos da nação remetem a uma posição que sempre foi frente do movimento: estabelecer-se enquanto mexicanos, o reconhecimento dos indígenas e de sua condição do presente enquanto parte fundamental da nação, em uma ato de precaução, pode-se dizer, da narrativa prontamente criada pelo Estado mexicano de que o levante era influenciado por estrangeiros[14], inserido no contexto de fim das guerras revolucionárias da América Central, e que tinha como objetivo a separação territorial de Chiapas do México[15].

O uso dessa memória oficial, coletivamente estabelecida no território mexicano, estrutura questões de importante indagação quanto ao sentido prático da rebelião. É interessante notar que as narrativas que envolvem a identificação dos povos originários na criação da alteridade branca/estrangeira/do governo se estabelecem enquanto legitimação da guerra e do conflito, aspectos presentes na história nacional. A *modernidade* do pensamento liberal, homogeneizante, reflete as dificuldades e lutas historicamente travadas pelos explorados e que, ainda assim, passam a dar força ao explorador. O caso emblemático é a consideração em torno da Revolução Mexicana de 1910.

---

[14] O discurso oficial do governo tinha, inclusive, percepções clássicas quanto ao aspecto *infantil* dos grupos indígenas que logo é rechaçado pelo EZLN e a expressividade do CCRI-CG, este formado unicamente por indígenas. Essa reprodução do preconceito e violência étnica é, justamente, a base da luta zapatista em Chiapas. NIGRI, 2009, cap. III.

[15] Essa disputa quanto ao caráter nacional do movimento vai decorrer toda a década de 1990, na qual a acusação de implantação de uma autonomia, partindo da resolução 169 da OIT, para o governo era visto como um ataque à territorialidade nacional. Em diversos outros momentos o EZLN reafirma seu caráter nacional e mexicano como retórica e prática, até mesmo no estabelecimento das autonomias *de fato* no início da década de 2000. CRUZ, 2017, cap. IV.

Até o ano 2000, o México foi liderado por um tipo de democracia *sui generis* que manteve no poder o Partido Revolucionário Institucional desde 1929[16]. Para este partido, a vinculação do processo revolucionário de 1910 aos seus feitos foi essencial para a manutenção do controle político por mais de 70 anos. A consolidação do poder institucional, dessa forma, se dá principalmente através das ações populistas de Lázaro Cárdenas durante seu governo de 1934-1940, no que se estabeleceu de forma trivial[17] como a finalização do processo iniciado em 1910.



Todavia, a Primeira Declaração surge com uma contraproposta: os mais populares atores da revolução são “hombres pobres como nosotros”, nascidos do povo e que deram a vida pela dignidade da terra e pela liberdade. A aproximação entre as realidades de 1910 e de 1994 são base da construção memorial do movimento, na qual a exploração e a precariedade da vida, representada tanto no governo de Porfírio Díaz quanto em Chiapas, destacam o sentido lógico da ação bélica, do conflito, da organização da guerra contra o Estado, lutas que tem como motor o reconhecimento dos direitos à vida, terra, saúde, eleições democráticas e trabalho.

A exploração a qual os chiapanecos se viam submetidos integram nas mentalidades do movimento a aproximação, por um viés dicotômico, do governo neoliberal de 1980-1990 às ações dos mexicanos que apoiaram a Espanha colonizadora, os Estados Unidos expansionista e o porfiriato em contraste com os indígenas chiapanecos do EZLN e os independentistas Hidalgo, Morelos e Guerrero e os revolucionários Emiliano Zapata e Francisco “Pancho” Villa.

> “Somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidad, los desposeídos somos millones y llamamos a todos nuestros hermanos a que se sumen a este llamado como el único camino para no morir de hambre ante la ambición insaciable de una dictadura de más de 70 años encabezada por una camarilla de traidores que representan a los grupos más conservadores y vendepatrias. Son los mismos que se opusieron a Hidalgo y a Morelos, los que traicionaron a Vicente Guerrero, son los mismos que vendieron más de la mitad de nuestro suelo al extranjero invasor, son los mismos que trajeron un príncipe europeo a gobernarnos, son los mismos que formaron la dictadura de los científicos porfiristas, son los mismos que se opusieron a la Expropiación Petrolera, son los mismos que masacraron a los trabajadores ferrocarrileros en 1958 y a los estudiantes en 1968, son los mismos que hoy nos quitan todo, absolutamente todo.” (PRIMERA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA, 1994)

[16] Manteve-se no poder por aproximadamente 70 anos através de ações clientelistas e institucionalização, como o nome sugere, da política partidária. BARBOSA, 2016, p. 138-139.
[17] Apesar de ainda gerar discussões no âmbito historiográfico. BARBOSA, 2016, p. 101-102.

A disputa da memória revolucionária dada no decorrer da década de 1990, ainda, ressalta o renascimento, por parte dos chiapanecos, do mito da Revolução Mexicana e da via armada como solução para os impasses sociais. A exploração da herança de Emiliano Zapata e do Exército Libertador do Sul quanto à tomada de terras, expropriação de latifúndios e defesa das propriedades coletivas indígenas são presentes no momento em que o EZLN se prostrava como antagonista do Estado mexicano. A Primera Declaración se conforma, ainda, como declaração de guerra.



A criação de identidades, portanto, não apenas enquanto rememoração e estabelecimento de vínculos com o passado memorial, articula sentidos à rebelião ao estabelecer projetos e perspectivas de alteração/manutenção das condições políticas, econômicas e sociais vigentes. Portanto, um projeto que vincula, inicialmente, fatores institucionais e jurídicos, como o Art. 39 da Constituição Nacional Mexicana[18] e a Convenção de Genebra, para, pelas armas, depor o "dictador" Carlos Salinas de Gortari.

O projeto é desenvolvido ao longo dos demais documentos publicados pelo movimento ao longo de sua existência. Todavia, logo na Primeira Declaração, percebe-se a intenção de alterar o controle político longínquo do Partido Revolucionário Institucional (PRI) a partir do questionamento da legalidade da eleição de Gortari, referenciando-se ao pleito de 1988 e as acusações de fraude[19].

## CONCLUSÃO

O processo inicialmente dado em primeiro de janeiro de 1994 altera-se com as particularidades que a história produz. Enquanto os zapatistas esperavam uma ação violenta e de aniquilação vinda do governo, com esperança da participação popular enquanto levante[20], as respostas dadas pelo contexto de fim da Guerra Fria

[18] "La soberania nacional reside esencial y originalmente en el pueblo. Todo el poder público dimana del pueblo y se instituye para beneficios de éste. El pueblo tiene, en todo tiempo, el inalienable derecho de alterar o modificar la forma de su gobierno". PRIMERA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA, 01 enero 1994.

[19] Durante o processo de contagem dos votos, quando todas as estatísticas demonstravam a possível vitória de Cuahuatemóc Cárdenas, o sistema teve um "pane" e voltou a apresentar os resultados com uma diferença considerável de votos a favor de Gortari. O escândalo gerou protestos e desentendimentos que, entretanto, logo foram abafados pela repressão estatal. Foi nesse mesmo ano que as fileiras do EZLN tiveram crescimento exponencial. ASSIS, 2013, 63-64.

[20] Próximo ao que teria acontecido na Nicarágua em 1979 quando a população apoiou de forma ativa a ação das guerrilhas, levando à queda de Somoza. Esperava-se, dessa forma, que houvesse ou

e dos conflito na América Central logo mostraram uma *sociedade civil*[21] que se pautava nos diálogos de paz e, assim, trouxe mudanças da estratégia zapatista para a busca de formas favoráveis de negociação e de legitimação política de ação, explorando, como se mostrou já desde a Primera Declaración, a memória revolucionária e indígena mexicana.

Dessa forma, experiências e significações são formuladas para a legitimação e criação de sentidos para a rebelião. O processo se marca enquanto vinculação de uma passado-herança, instituído como continuidade da resistência indígena e de lutas sociais como a Revolução Mexicana, de um presente-identidade enquanto formulação da característica étnica, nacional e de *dignidade* como ética, percebido na constituição de uma narrativa filosófica sobre a política mexicana, e de um futuro-experiência como projeto de alteração do *status quo* que parte das construções políticas e culturais dos grupos sociais zapatistas, isto é, dos indígenas chiapanecos e guerrilheiros latinos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **América Latina:** transnacionalização e lutas sociais no alvorecer do século XXI – da luta armada como política (o caso EZLN). Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos:** novas leituras. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

ASSIS, Frederico Souza de Queiroz. **Para além do Cachimbo de Magritte:** Messianismo e Utopia na Construção da Figura do Subcomandante Marcos. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. Carrossel de Revoluções: a Revolução Mexicana. In: _____ (org.). **As Revoluções Contemporâneas Paradigmáticas.** Maringá: UEM-PGH-História, 2016.

um apoio forte ou total rechaço/ignorância quanto ao ocorrer de Chiapas. A resposta da sociedade civil, todavia, foi diferente do esperado pelo comando militar do EZLN. CRUZ, 126-142.

[21] Compreende-se o termo sociedade civil como uma representação da antinomia entre grupos sociais diversos, permeados por classes e disputas de poder de um lado e o aparato estatal do outro. Não se entende que a dicotomia em si seja excludente, já que os dois pólos apresentam diversas relações entre si. Vale ressaltar, em todo caso, que sociedade civil não é uma estrutura unívoca, pautada pela homogeneidade, mas arena de disputas políticas, de poder, econômicas, sociais e culturais. ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR (orgs.), 2000, p. 39-40.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Coord.). **Para uma história cultural.** Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CRUZ, Júlia Melo Azevedo. **Armas, Palavras, Autonomias:** o complexo repertório de confronto do Exército Zapatista de Libertação Nacional (1983-2005). 2017. 242 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.



DAVALOS, Pablo (comp.) **Pueblos Indígenas, Estado y Democracia.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DUSSEL, Enrique. **1492, el encubrimiento del Otro:** hacia origen del mito de la modernidad. La Paz: Plural Editores, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Vol. 1. Ed. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GONÇALVES, Alyne dos Santos. **As Autonomias Zapatistas:** uma construção rebelde de novos sujeitos políticos (1994-2008). 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

HARVEY, Neil. **The Chiapas Rebellion:** the struggle for land and democracy. Durham and London: Duke University Press, 1998.

INEGI. **Encuesta Intercensal 2015:** marco conceptual. México: INEGI, 2018.

LE BOT, Yvon. **El Sueño Zapatista:** entrevistas con el subcomandante Marcos, el mayor Moisés y el comandante Tacho, del Ejército Zapatista de Liberación Nacional realizadas por Yvon Le Bot con la colaboración de Maurice Najman. Barcelona: Plaza y Janés, 1997.

NIGRI, Sarah Domingues da Rocha. **"¡Nunca Más un México sin Nosotros!": Um estudo sobre as novas representações do indígena construídas pelo movimento zapatista mexicano (1994-1996)**. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Política) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História.** São Paulo, dez. 1993. p. 7-28.

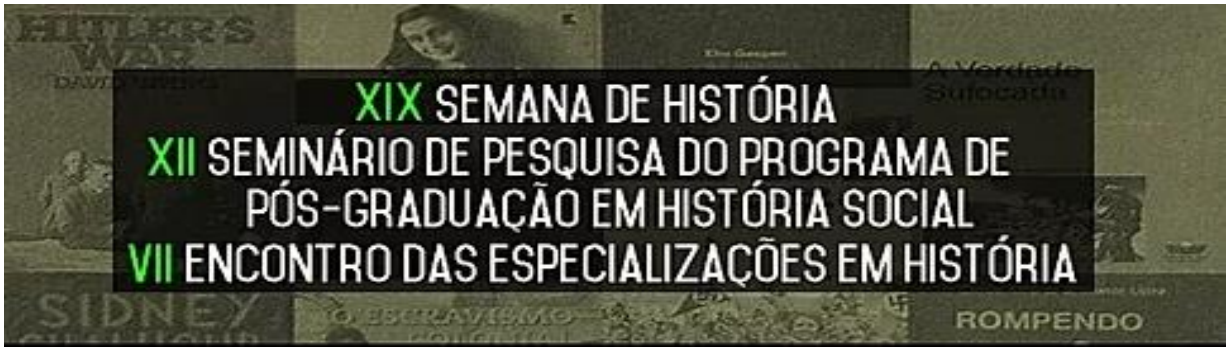
ROBIN, Régine. **A Memória Saturada.** Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **La tierna furia:** Nuevos ensayos sobre el neozapatismo mexicano. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. L'Histoire politique et culturelle. **Sciences Humaines**, Paris, n. 15, p. 157-164, out. 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

TRAVERSO, Enzo. Historia y Memoria. Notas sobre un debate. In: LEVIN, Florencia; FRANCO, Marina. (comp.). **Historia Reciente:** perspectivas y desafios para un campo en construcción. Ed. 1. Buenos Aires: Paidós, 2007. p. 67-97.






# ENTRE A HISTÓRIA E O FANATISMO: A CONCEPÇÃO PERONISTA DA HISTÓRIA EM MUNDO PERONISTA (1951-1955)

Raquel Fernandes Lanzoni
PPGHIST (UNESP/Assis)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar a concepção de história desenvolvida por Eva Perón na revista *Mundo Peronista*, publicada entre os anos de 1951 e 1955. Como órgão de difusão da Escola Superior Peronista, a publicação se apresentou como uma importante fonte histórica para o entendimento de como se operou a disseminação da doutrina peronista por intermédio dos meios de comunicação. Para além de se consolidar como força política na esfera pública, entendemos que o peronismo estendeu-se também para as esferas privadas, a fim de obter maior controle da sociedade. Igualmente, o desenvolvimento de uma visão peronista da história argentina até aquele momento evidenciava mais uma maneira de *peronizar* o país e criar uma "nova Argentina". Por meio da seção *Escuela Superior Peronista*, a revista publicou os artigos *Historia del Peronismo*, referentes às aulas lecionadas por Eva Perón nas dependências da escola e que explicavam a história argentina e a mundial a partir do peronismo. Assim sendo, nosso trabalho se insere no campo da nova história política, pois concebemos o peronismo como movimento político amplo que abrangeu diversos setores da sociedade argentina, não se restringindo à política vigente enquanto Perón esteve à cargo da presidência do país. Por conseguinte, ainda que *Mundo Peronista* seja considerado um meio de comunicação oficial pela bibliografia, a inclusão das massas populares como personagens protagonistas em suas páginas e a ampla circulação da revista em quiosques e nas Unidades Básicas, presumimos distingui-la dos documentos ditos "oficiais" utilizados pela História Política tradicional.

**Palavras-chave**: peronismo; Mundo Peronista; história, Eva Perón.

## PERONISMO E A PROPAGANDA POLÍTICA: INCULCAR A DOUTRINA E PERONIZAR AS MASSAS

O peronismo, movimento político argentino da década de 1940, imprimiu uma marca indelével na história argentina. Militar e líder do movimento, Juan Domingo Perón surgiu no cenário político em meados do ano de 1943 por meio do golpe

militar do Grupo de Oficiais Unidos (GOU). Assumindo o cargo de Ministro do Trabalho e da Previdência, J. Perón empenhou-se em modificar a legislação trabalhista, aproximando-se da classe trabalhadora e conquistando sua confiança. Reconheceu o direito à greve, realizou reajustes salariais e criou uma rede de proteção social aos trabalhadores (BEIRED, 1996). Eleito presidente da República pela primeira vez em 1946 e depois em 1952, o governo de Perón teve como alicerce o justicialismo, doutrina política do peronismo, que objetivava alcançar três principais pontos para a Argentina: a independência econômica, a soberania política e a justiça social.



Para difundir o peronismo e buscar ampliar sua base de apoio, bem como a legitimação de seu governo, Juan Perón fez uso dos meios de comunicação. De acordo com Maria Helena Rolim Capelato (1996, p. 342), “a propaganda peronista insistia nos feitos de Perón: ele acabara com a injustiça social e salvara o país de muitos perigos provocados pelos inimigos [...] que impediam o bem-estar e ameaçavam a ordem”. Ademais, Pablo Sirvén (2012) destaca que o Perón formou sua própria rede de periódicos, rádio e televisão e assim começou a contestar as fontes de informação que lhe eram opositoras. Ainda que a Constituição assegurasse a liberdade de expressão, o governo expropriou editoras, censurou e fechou jornais, além de controlar o acesso aos insumos necessários para a propaganda, como o papel (VARELA, 2007).

A principal característica da propaganda política peronista era, portanto, a sedução, “elemento de ordem emocional de grande eficácia na atração das massas” (CAPELATO, 2009, p. 39). Inspirada na maquinaria propagandística nazi-fascista, a propaganda peronista não servia apenas “para difundir a doutrina peronista e neutralizar o poder opositor, mas também é condição indispensável para estabelecer uma civilização tecnológica moderna. Trata-se de usar a propaganda para educar os trabalhadores na tecnologia e para que entendam que agora o Estado tem um projeto industrial e social o qual o trabalhador pode se identificar” (SORIA, 2010, p. 31). Desse modo, a articulação da propaganda por Perón se deu a partir do “uso de insinuações veladas e ameaçadoras, simplificação das ideias para atingir as massas incultas, apelo emocional, repetições [...]” (ARENDT, 1978 apud CAPELATO, 2009, p. 73-74).

Depreende-se, portanto, as duas dimensões da propaganda política peronista: a difusão e a pedagogia. Para Virginia Morales (2017, p. 73):

> Perón apelou a ela [propaganda política] para difundir a doutrina peronista e neutralizar a oposição, enquanto, por outro lado, era uma das condições para construir uma nação moderna, [...] Deste modo, a "nova nação peronista argentina" emergiu como um sistema de significações que é construído, disseminado e aprendido através da linguagem da propaganda[1]. (tradução nossa).



*Mundo Peronista*, fonte desse trabalho, foi uma revista foi publicada entre 15 de julho de 1951 e 1º de setembro de 1955 e era órgão de propaganda da Escola Superior Peronista (ESP). De periodicidade quinzenal, a revista totalizava uma média de 50 páginas por edição e era composta por diversas seções impressas em cor sépia direcionadas a públicos diferentes. Para além de conteúdos textuais, a revista apresentava também uma quantidade significativa de fotografias e ilustrações. As seções variavam entre as de cunho informativo, doutrinária, humorísticas, espaço para a publicação de cartas enviadas pelos leitores e entretenimento para o público infantil.

Juan e Eva Perón eram as figuras centrais em *Mundo Peronista* e assinavam artigos que ocupavam mais de uma seção. Neste trabalho, o cerne da análise se localizará nos artigos *Historia del peronismo*, assinados por Eva Perón, publicados a partir da segunda edição da revista (01/08/1951) até a sua décima primeira edição (15/12/1951). Os dez artigos inseriram-se na seção *Escuela Superior Peronista*, destinada exclusivamente para a publicação das aulas e palestras ministradas por Juan e Eva Perón na ESP. As versões taquigrafadas eram impressas juntamente com fotografias das aulas e também com fotografias diversas, relacionadas com o tema do artigo. Ademais, frequentemente eram inseridos esquemas explicativos para facilitar a apreensão do conteúdo, já que os artigos eram continham bastante informação e eram extensos.

## O PERONISMO NA HISTÓRIA

Para Eva Perón, o peronismo era o “extraordinário capítulo” de uma história a qual os cidadãos argentinos ainda estavam vivendo. Tendo participado dos sete anos de história do movimento, Eva admitia ser uma honra poder falar sobre “os

[1] “Perón apeló a ella para difundir la doctrina peronista y neutralizar a la oposición, mientras que por el otro, fue una de las condiciones para construir una nación moderna […]. De este modo, la “nueva nación argentina peronista” emergía como un sistema de significación que se construye, difunde y aprende a través del lenguaje de la propaganda”.

difíceis momentos, a gestação, os triunfos e a culminação de suas realidades" (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 02, p. 45). Observa-se que a primeira-dama fez questão de imprimir juízos de valor e traços subjetivos em suas aulas. O fanatismo era considerado uma característica positiva e constantemente presente nos artigos *Historia del Peronismo*. Eva esclarece que a história a ser contada por ela não estará isenta do fanatismo e de traços pessoais e subjetivos e assume estar ciente que os "críticos da história" não assentem com esse tipo de escrita da história.



> Eu não quero, na realidade, fazer história, ainda que a matéria se chame assim. Eu não poderia jamais negar meu fanatismo apaixonado pela causa de Perón. Eu apenas quero fazer aqui o que disse no dia em que inauguramos esta Escola: que aprendamos, se é possível, que aprendamos a querer ainda mais o general Perón. Isso é que vou fazer, e o confesso honradamente pensando em Perón, em sua doutrina e no movimento. Partindo daqui eu tratarei de fazer a história do peronismo (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 2, p. 50, tradução nossa)[2].

A história do movimento peronista precisava ser divulgada, mas para isso deveria estar atrelada à história nacional e também à "história do mundo", pois era necessário fazer um paralelo entre "os grandes homens e o general Perón". Tanto na história universal quando na história peronista, os dois únicos personagens históricos são o povo e o líder. Os líderes são grandes homens, bons por natureza e nascem destinados à liderança. Já os povos sentem por natureza a necessidade de serem conduzidos, porém só serão liderados por grandes homens à medida que se tornem mais cultos. Quanto maior o nível cultural de um povo, maior a chance que ele terá de ser conduzido por um "grande gênio". Eva Perón assume que a história presenciou grandes líderes e grandes povos, mas que nenhum deles supera a grandeza de Perón e do povo argentino.

> Por isso nós, os argentinos, e, sobretudo os peronistas, que temos o privilegio de ter um gênio, como eu o qualifico desde agora o general Perón, não podemos nos deter à baixa política de servir a um caudilho, de querer "levantar" homens, porque apareceu na República Argentina um gênio, e os gênios nascem, não se fazem! (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 2, p. 48-49, tradução nossa)[3].

---

[2] "Yo no quiero, en realidad, hacer historia, aunque la materia de llame así. Yo no podría renegar jamás de mi fanatismo apasionado por la causa de Perón. Yo solamente quiero hacer lo que dije aquí el día que inauguramos esta Escuela: que aprendamos, si es posible, que aprendamos a querer aún más al general Perón. Eso es lo que voy a hacer, y lo confieso honradamente pensando en Perón, en su doctrina y en el movimiento. Partiendo de aquí yo trataré de hacer la historia del peronismo".

[3] "Por eso nosotros, los argentinos, y sobre todo los peronistas, que tenemos el privilegio de tener un genio, como yo lo califico desde ahora el general Perón, no nos podemos detener en la baja

Por conseguinte, Eva tece considerações acerca dos precursores do peronismo. Para isso, discorre antes sobre três categorias de homens na história: os homens medíocres, os superiores e os extraordinários. Os medíocres seriam aqueles acomodados, que "andam sobre as coisas já feitas" e não se comprometem, são avessos a ideias novas em nome da prudência e da cautela e negam todo tipo de sentimento e espiritualismo. Em contraposição, os homens superiores eram aqueles que sempre buscavam caminhos novos, acreditavam que o envolvimento com uma causa era sinal de sabedoria e eram capazes de "amá-la até o sacrifício". Por fim, os homens extraordinários seriam aqueles que "apontaram caminhos e marcaram a história", ou seja, os filósofos e condutores políticos que pensaram e executaram maneiras de melhorar a vida de seu povo (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 3, p. 46).



Apesar de admitir a importância de outros líderes e pensadores, Eva indica, mais uma vez, que era Perón quem melhor realizava as ideias de filósofos e condutores do passado. Destaca, ainda, o primeiro precursor do peronismo: Licurgo, legislador espartano. Para ela, a partir da premissa de que "a terra deve ser de quem nela trabalha", Licurgo tornou-se o primeiro justicialista da história. Por conseguinte, Eva expõe aos leitores os precursores do peronismo, isto é, homens que aspiravam ao bem comum – viviam com um "sentido justicialista" –, mesmo que por vezes "errassem o caminho". São eles: Confúcio (filósofo chinês), Alexandre (rei da Macedônia), São Tomás de Aquino, Jean-Jacques Rousseau, Napoleão e Karl Marx (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 3, p. 47). Em suma, o peronismo condensava todas as características boas das filosofias e doutrinas anteriores e, por isso, havia as superado (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 4, p. 45).

## A HISTÓRIA GERAL PARA O PERONISMO

Além de ressaltar a importância do peronismo para a história e discorrer sobre a história do próprio movimento, os artigos se dedicavam também em apresentar ao leitor como o peronismo interpretou os acontecimentos históricos de outros países e de outras épocas.

---

politiquería de servir a un caudillo, de querer "levantar" hombres, porque ha aparecido en la República Argentina un genio; ¡y los genios nacen; no se hacen!"

Em um primeiro momento, Eva Perón concentrou-se na “história dos povos”, uma enumeração de esforços pelos quais as massas humanas se empenharam para se converterem em povos. Desenvolveu-se, então, uma dicotomia entre as categorias “massas” e “povos”. Os primeiros diziam respeito à aglomerados de indivíduos que não possuíam consciência coletiva e social e, por isso, eram facilmente manipuláveis. Em contrapartida, os *povos* eram grupos que possuíam “consciência social, personalidade social e organização social”, além de estarem dispostos a se sacrificarem por uma causa. Os peronistas eram, para Eva, o melhor exemplo de *povo*, pois eram coerentes em sua causa. A história do peronismo representava, portanto, a história de luta de uma *massa* sofrida que se transformou em *povo* em 17 de outubro de 1945, por ocasião à concentração de trabalhadores na Praça de Maio pedindo a libertação do líder peronista (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 4, p. 46).



Ademais, Eva acreditava que todo movimento popular era, de alguma maneira, precursor do peronismo. A Revolução Francesa e a Revolução Russa foram usadas como exemplos para tal afirmação. Ambas representaram uma “tentativa das massas em se tornarem povos” e ainda que não tenham sido exitosas, contribuíram para a construção da consciência social dos povos. De acordo com a autora, os líderes das revoluções não souberam dotar de consciência social a massa conduzida, ocasionando a desorganização dos movimentos (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 4, p. 47).

O mundo bipolarizado da Guerra Fria também serviu de temática para as aulas da primeira-dama. O “espírito oligarca”, marcado pela vaidade, soberba, orgulho e ambição, era a marca indelével das oligarquias capitalista e comunista, pois submetiam o povo à exploração. A exploração capitalista, cujo centro era Wall Street nos Estados Unidos, era *individualista*, pois “o homem com capital explorava o homem sem capital”, enquanto a exploração comunista, liderada pela Rússia, era *coletivista*, ou seja, “o Estado explorava o homem”. Como alternativa a essas duas ideologias até então predominantes no mundo, o peronismo surgia como uma terceira opção, trazendo o equilíbrio necessário entre o indivíduo e o Estado. A doutrina justicialista centrava-se na *justiça social*, essencial para que os homens fossem dignificados e deixassem de ser explorados. A ascensão de Perón representava, então, a primeira real vitória do povo sobre o espírito oligarca na história (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 5, p. 47).

Ao tratar da dicotomia capitalismo/comunismo, Eva Perón reafirmava a superioridade do peronismo como o modelo ideal não só para a Argentina, mas para qualquer outro país que compartilhasse das ideias justicialistas. Juan Perón, ao criar o peronismo ainda quando era Ministro do Trabalho e da Previdência em 1943, ofereceu uma alternativa aos imperialismos dominantes no mundo após o término da Segunda Guerra Mundial.



> Para anular o capitalismo, Perón concebeu a Independência Econômica, e a realizou; porque o grande de Perón é não ser um teórico, mas um professor realizador;
> Para anular a ação comunista concebeu a Justiça Social, y também a realizou.
> Isso é o grande de Perón.
> Salvou o país de duas forças poderosíssimas que oprimiam as nações e exploravam o homem (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 7, p. 45, tradução nossa)[4].

Atentando-se ao caso do comunismo, Eva Perón reconheceu a importância que a filosofia marxista teve para o movimento operário, porém salientou que Karl Marx “apenas interpretou a rebeldia dos trabalhadores”. Essa interpretação – o comunismo – possuía seus aspectos positivos, porém Marx não se fez entender para a grande parte do proletariado. Dessa forma, muitos dos que seguiam o comunismo não o compreendiam na sua totalidade, mas o reproduziam por rebeldia. Outrossim, Eva elucida que comunismo foi construído mais pela premissa do que iria destruir, do que pela promessa de construção de “algo novo”. Surgiu como resposta ao capitalismo, pois a exploração da classe proletária causou revolta e originou o comunismo. Entretanto, a falta de um “grande líder” e de um povo organizado enfraqueceu o ideal de bem comum da classe popular, levando o movimento a se tornar outro tipo de imperialismo, antagônico ao capitalista, mas que praticava a exploração do homem através do Estado (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 7, p. 46).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[4] “Para anular al capitalismo, Perón concibió la Independencia Económica, y la realizó; porque lo grande de Perón es no ser un teórico, sino un maestro realizador.
Para anular la acción comunista concibió la Justicia Social, y también la realizo.
Eso es lo grande de Perón.
Ha salvado el país de dos fuerzas poderosísimas que oprimían a las naciones y explotaban al hombre” (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 7, p. 45).

Os quatro últimos artigos publicados centraram-se na exaltação do movimento peronista e de Juan Perón. Eva Perón reafirmava a importância do peronismo para o povo argentino e continuou exprimindo sua admiração pelo presidente. Na oitava edição da revista, uma nota ao leitor explicou que "em essa mesma aula a senhora Eva Perón antecipou a seus alunos da Escola Superior Peronista algumas lembranças de sua vida, que agora integram as páginas deste maravilhoso compêndio de amor ao Povo que é 'A Razão de minha Vida'"[5] e que a aula referente ao artigo havia sido ministrada em 8 de junho de 1951, antes mesmo da criação da revista (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 8, p. 45, tradução nossa). Curiosamente, as últimas edições do ano de 1951 coincidem com o agravamento da saúde de Eva Perón, que em 26 de julho do ano seguinte viria a falecer. Em sua nona edição, a revista relatou que Eva havia passado por uma cirurgia no Policlínico Presidente Perón (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 9, p. 28). Acreditamos que, devido ao quadro de saúde da primeira-dama, os últimos artigos publicados eram referentes a aulas anteriores que não necessariamente seriam sobre a história do peronismo, como as primeiras edições.



A análise dos artigos intitulados *Historia del Peronismo* evidenciam que o peronismo era o modelo ideal a ser adotado pelos argentinos e por outros países que se partilhassem dos ideais justicialistas. A história da "revolução peronista", como era chamada o governo de Juan Perón, era indispensável para o estudo da história nacional, pois os movimentos populares representavam acontecimentos obrigatórios para o entendimento da história em geral. O sentido do peronismo era a felicidade do povo, diferentemente das ideologias capitalista e comunista, cujo foco promover a exploração da classe popular.

Ademais, os processos históricos contados indicam a manipulação da história para a legitimação do peronismo. A cátedra *Historia del Peronismo* foi marcada pelo "mais sincero, emocionante e vibrante relato oral que se conhece sobre o processo histórico do Movimento Peronista" (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 11, p. 45). Eva Perón, ao contar uma história parcial e carregada de juízos de valor, visou a exaltação de Perón e de seu movimento. Apesar de compreender que a história que se propôs a contar não era verossímil à história escrita por

[5] "en esta misma clase la señora Eva Perón anticipó a sus alumnos de la Escuela Superior Peronista algunos recuerdos de su vida, que ahora integran las páginas de ese maravilloso compendio de amor al Pueblo que es 'La Razón de mi Vida'".

historiadores, Eva entendia não ser possível apreender a história do peronismo sem reconhecer as melhorias que Perón trouxera para a Argentina.

> A esta altura de nossa matéria, posso dizer com absoluta certeza, que a História do Movimento Peronista já entrou nos extensos caminhos da história universal. O Movimento Peronista já não nos pertence com exclusividade. O Justicialismo de Perón é uma solução realizada no mundo e não pode ser negado ao mundo, que já entediado do capitalismo e não quer se afundar na etapa cruel do comunismo (MUNDO PERONISTA, 1951, n. 11, p. 46, tradução nossa)[6].



À luz de Maria Qués (2008), constata-se que figura discursiva predominante nos artigos estudados é o pleonasmo, forma retórica da redundância. A reafirmação dos argumentos justicialistas resulta-se conceitualmente redundante, mas retoricamente nutritiva no marco do discurso político da época, pois não era acidental. Ao repetir os postulados peronistas, a revista confirmava seu objetivo de inculcar a doutrina às massas. A repetição dos conteúdos e conceitos era feita para que o público leitor apreendesse indubitavelmente as ideias de *Mundo Peronista*. Discorrendo sobre a história do peronismo ou a história universal, Eva Perón destacava constantemente a superioridade do peronismo e seu "fanatismo apaixonante" por Juan Perón era um aspecto permanente em suas aulas.

## REFERÊNCIAS

### FONTE

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 02, 1º de agosto de 1951, p. 45-50.

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 03, 15 de agosto de 1951, p. 45-49.

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 04, 1º de setembro de 1951, p. 45-50.

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 05, 15 de setembro de 1951, p. 45-49.

[6] "A esta altura de nuestra materia, puedo decir con absoluta certeza, que la Historia del Movimiento Peronista ya ha entrado en los anchos caminos de la historia universal. El Movimiento Peronista ya no nos pertenece con exclusividad. El Justicialismo de Perón es una solución realizada en el mundo y no puede ser negado al mundo, que está ya hastiado del capitalismo y que no quiere hundirse en la etapa cruenta del comunismo".

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 06, 1º de outubro de 1951, p. 44-49.

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 07, 15 de outubro de 1951, p. 44-49.

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 08, 1º de novembro de 1951, p. 45-49.

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 09, 15 de novembro de 1951, p. 44-49.



PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 10, 1º de dezembro de 1951, p. 46-49.

PERÓN, Eva. Escuela Superior Peronista: Historia del peronismo. **Mundo Peronista**. Buenos Aires, n. 11, 15 de dezembro de 1951, p. 45-49.

**BIBLIOGRAFIA**

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e peronisrno. Campinas: Papirus, 2009.

_____. Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 16, n. 31/32, p. 328-352, 1996.

MORALES, Virginia. Mundo Peronista. Una mirada “desde abajo” a la constitución de la identidad peronista durante el primer peronismo (1945-1955). **Questión**. La Plata: Univerdad Nacional de La Plata, v. 1, n. 53, pp. 72-88, 2017. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/3769>. Último acesso em: 22 nov. 2019.

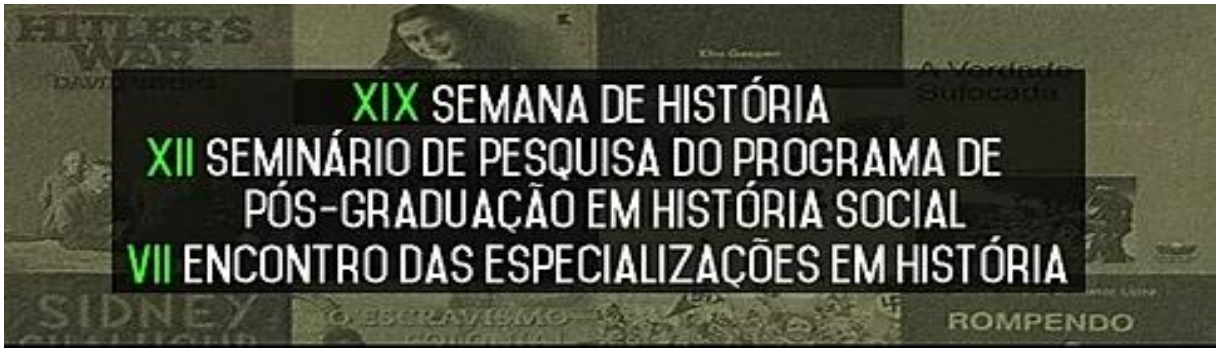
QUÉS, Maria Elena. Estrategias persuasivas durante la campaña electoral de 1951: el caso de la revista Mundo Peronista. In: I Congreso de Estudios sobre el Peronismo: la primera década. **Anais do I Congreso de Estudios sobre el Peronismo: la primera década**. Buenos Aires, 2008. Disponível em: <http://redesperonismo.org/archivos/CD1/SC/ques.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SIRVÉN, Pablo. **Perón y los medios de comunicación**: la conflictiva relación de los gobiernos justicialistas con la prensa 1943-2011. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

SORIA, Claudia; ROCCA, Paola Cortés; DIELEKE, Edgardo. **Políticas del sentimiento**: el peronismo y la construcción de la Argentina moderna. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

TORRES, Juan Carlos (Org). **Los años peronistas (1943-1955)**. Tomo VIII da Coleção Nueva História Argentina. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002.

VARELA, Mirta. Peronismo y medios: control político, industria nacional y gusto popular. **ReHiMe – Red de Historia de los medios**, 2007. Disponível em: <http://www.rehime.com.ar/escritos/documentos/idexalfa/v/varela/Mirta%20Varela%20-%20Peronismo%20y%20medios.pdf>. Último acesso em: 22 nov. 2019






# *ESCRITORES FRENTE A LA REALIDAD:* O IMPACTO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA NO CHILE DE SALVADOR ALLENDE A PARTIR DA REVISTA *LA QUINTA RUEDA* (1972-1973).

Amanda Beatriz Riedlinger Soares
PPGHIST – UNESP /Assis

**Resumo:** Salvador Allende venceu as eleições presidenciais do Chile em 1970 sustentado pela Unidade Popular, coalizão política que comportava diferentes partidos de esquerda do período. A plataforma política do governo Allende pretendia lançar as bases para que o socialismo fosse conquistado no país, objetivo compartilhado por todos os partidos que compunham a Unidade Popular. Neste sentido, política, economia, cultura, dentre outros âmbitos que compõem a totalidade social, passaram por transformações radicais a partir do estabelecimento de um governo declaradamente socialista. Neste estudo, pretende-se analisar as relações estabelecidas entre literários e o governo de Salvador Allende, a fim de compreender como o cenário de efervescência política e cultural impactou a produção escrita do Chile no início da década de 1970. Para tanto, o estudo busca orientação no artigo *Escritores Frente a la Realidad,* presente na revista cultural *La Quinta Rueda* (vol. 2, pág. 5), que circulou no Chile entre outubro de 1972 e agosto de 1973. No artigo destacado, escritores de relevância no cenário literário do Chile e da América Latina apresentam suas perspectivas referentes ao impacto do governo Allende em suas produções literárias. Em um contexto de mudanças radicais, a literatura também foi pensada, proposta e desenvolvida a partir de novos princípios e novas condições.

**Palavras-chave:** Chile; Salvador Allende; Literatura; *La Quinta Rueda*.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Em setembro de 1970 Salvador Allende venceu as eleições presidenciais do Chile sustentado por uma coalizão complexa, que envolvia o centro e a esquerda do período, reunindo em um único agrupamento diversos partidos e movimentos. Esta coalizão, denominada Unidade Popular, surgiu em 1969 e incluía a princípio o Partido Comunista (PC), Partido Socialista (PS), Partido Radical (PR), Partido Social

Democrata (PSD), Partido de Ação Popular Independente (API) e o Movimento de Ação Popular Unitária (MAPU). (AGGIO, 2002, p.15). A plataforma política de Salvador Allende e da coalizão que sustentou a sua candidatura, a Unidade Popular, se pautava na proposta de conquista do socialismo no Chile através dos meios legais e democráticos, aspecto que configura a peculiaridade e exceção da proposta chilena, uma vez que não é possível indicar antecedentes históricos de conquista do socialismo nestes termos. Seu governo pretendia ser um momento de transição entre as antigas estruturas capitalistas e a nova sociedade socialista.



Após o triunfo da Revolução Cubana em 1959, a perspectiva corrente na América Latina nos anos subsequentes se pautava na conquista e manutenção do poder a partir da adoção da via armada, perspectiva compartilhada por amplo espectro da esquerda do período. Daí a novidade que a experiência chilena imprimiu ao adotar os meios legais e democráticos, propondo um processo revolucionário a partir de novos termos.

As novas propostas para um Chile que se pretendia socialista não se limitaram ao campo político. Neste sentido, novas propostas econômicas e culturais foram percebidas e podem ser destacadas no curso do governo Allende. Neste contexto de efervescência política, o âmbito cultural do país também vivenciou uma nova e frutífera experiência.

As décadas de 1960 e 1970 marcaram na América Latina um momento de intensa politização da arte e de seus produtores. Neste novo contexto, a produção artística e cultural assumiu uma nova postura, de caráter político, com preocupações que não se limitavam às questões estéticas e mercadológicas dos produtos. O período também marcou o desenvolvimento do chamado *boom* da literatura latino-americana, com títulos literários produzidos na região em quantidade e qualidade nunca percebido antes. Foi no contexto do *boom* literário que o escritor passou a assumir a sua condição de latino-americano e que houve o desenvolvimento de uma produção centrada na (1) identidade latino-americana e (2) nas posições políticas da esquerda. (COSTA, 2009, p. 132 apud NASCIMENTO, 2017, p. 35).

No Chile, o envolvimento de escritores e intelectuais ao processo político revolucionário, desencadeado com a vitória eleitoral de Salvador Allende, foi inquestionável. Em dezembro de 1970 veio a público o documento *Politica cultural*: por la creación de una cultura popular y nacional, produzido pelos autointitulados

“escritores da Unidad Popular”, publicado na revista *Cormorán*[1] e assinado por um conjunto de 14 escritores,[2] todos reunidos em torno da proposta de pensar o momento cultural – especificamente literário – do país neste contexto singular. No documento, os escritores firmam compromisso com a nova realidade cultural do Chile e com a Unidade Popular que, a partir do triunfo nas eleições presidenciais, poderia auxiliar de forma significativa o segmento cultural do país. Afirmam ser imprescindível o desenvolvimento de uma cultura popular e nacional, e chamam a atenção para o papel que caberia ao escritor neste processo:



> Cabe destacar que frente à penetração cultural das empresas multinacionais dependentes do imperialismo norte-americano, bem como das instituições educacionais e culturais amparadas por este em todo o mundo, mediante a exportação de modelos culturais destinados a estabelecer uma conduta subordinada aos seus interesses – em última instância econômicos –, devemos consolidar uma posição vigilante e ativa, denunciando, em cada oportunidade, as intervenções que atentem contra o interesse nacional.[3]

Com o intuito de discutir o impacto do governo Allende na produção literária dos escritores, a revista cultural *La Quinta Rueda*[4] publicou em novembro de 1972, em seu segundo volume, o artigo *8 escritores frente a la realidad,* desenvolvendo uma reflexão quanto às novas condições de criação que o triunfo eleitoral da Unidade Popular possibilitou e a expressão desta nova realidade política nos produtos culturais, sobretudo na literatura.

---

[1] “*Cormorán* foi uma revista mensal dedicada à arte, literatura e as ciências sociais. Seu primeiro número foi publicado em agosto de 1969 e o último em dezembro de 1970. Foi dirigida por Enrique Lihn e abordou temas distintos da cultura nacional, da criação literária e das perspectivas ideológicas da sociedade na época”. (Memória Chilena, 2018, não paginado, tradução nossa).

[2] Os escritores que assinaram o documento foram: Alfonso Calderón; Poli Délano; Luis Domínguez; Ariel Dorffman; Jorge Edwards; Cristián Huneeus; Hernán Lavín; Enrique Lihn; Hernán Loyola; Germán Marín; Waldo Rojas; Antonio Skármeta; Federico Schopf; Hernán Valdés.

[3] Cabe señalar que ante la penetración cultural de las empresas multinacionales dependientes del imperialismo norteamericano, como asimismo de las instituciones educacionales y culturales amparadas por éste en todo el mundo, mediante la exportación de modelos culturales destinados a establecer una conducta subordinada a sus intereses – en última instancia económicos –, debemos consolidar una posición vigilante y activa, denunciando, en cada oportunidad, las intervenciones atentatorias contra el interés nacional. (Taller de escritores de la Unidad Popular, Revista Cormorán, 1970, p. 7 e 8, tradução nossa).

[4] *La Quinta Rueda* foi uma revista publicada mensalmente no Chile entre outubro de 1972 e agosto de 1973, pela editora nacional Quimantu. Em seus 9 números publicados, *La Quinta Rueda* promoveu um intenso debate referente ao momento cultural do Chile e da América Latina. Em suas páginas são encontradas discussões sobre temas diversos que se inserem no âmbito cultural, sendo apresentadas e comentadas questões referentes ao esporte; ao teatro; à música; literatura; televisão; arte mural; etc. Todas estas questões culturais foram trabalhadas pela revista em perspectiva dialógica às questões políticas que marcaram o Chile do início da década de 1970.

No artigo, 8 escritores de carreira consolidada no campo literário chileno expõem suas opiniões sobre o impacto do governo Allende em suas criações.[5] A nova realidade do Chile baixo uma proposta inovadora, que previa a conquista do socialismo pelas vias democráticas, não pode – e nem poderia ser – desvinculada das criações artísticas e culturais daqueles anos. Neste sentido, os escritores chamam a atenção para o fato que:



> As mudanças revolucionárias que se estão operando no Chile colocam a necessidade de revisar o processo criativo. Por um lado, reavivar em toda sua dimensão a discussão teórica que suscitam os problemas relacionados à cultura; por outro, o imperativo que sente o artista e o escritor de revisar muitos conceitos que pareciam de uma solidez inalterável.[6]

Uma discussão corrente entre os literários que escreveram no artigo destacado se pauta na reflexão sobre a necessidade destes escritores se distanciarem temporalmente dos acontecimentos para poder escrever sobre eles. Em outros termos, poderia o escritor escrever sobre o que estava acontecendo no "aqui e agora" no Chile de Allende ou seria necessário esperar um intervalo que separasse o acontecimento da escrita?

No eixo desta discussão, o poeta e ensaísta Braulio Arenas, que escreveu no artigo referido, afirma que para a produção da narrativa literária é imprescindível que escritor e acontecimento estejam separados temporalmente. Desta forma, segundo o autor:

> Naturalmente, todo escritor possui um compromisso com seu país e com o momento histórico. A obra literária é a constância deste compromisso. Há escritores que escrevem sobre o que está em andamento; outros esperam distância. O primeiro se dá mais na poesia que na narrativa. [...] O compromisso dá-se na participação direta do escritor. [...] Em contrapartida, feitos tão complexos [...] necessitam distância para captar-se literariamente. É necessária a sedimentação do acontecimento na arte.[7]

---

[5] Os escritores que escreveram neste artigo foram: Braulio Arenas; Poli Délano; Guilhermo Atías; German Marin; Armando Cassigoli; Manuel Miranda Sallorenzo; Alfonso Alcalde e Luiz Dominguez.

[6] Los cambios revolucionarios que se están operando en Chile plantean la necesidad de revisar el proceso creativo. Por una parte, reavivar en toda su dimensión la discusión teórica que suscitan los problemas relacionados con la cultura; por otra, el imperativo que siente el artista y el escritor de revisar muchos conceptos que parecían de una solidez inalterable. (AGUIRRE, Mariano. 8 escritores frente a la realidad. *La Quinta Rueda,* nov. 1972, p. 5, tradução nossa).

[7] Naturalmente, todo escritor tiene un compromiso con su país y con el momento histórico. La obra literaría es la constancia de ese compromiso. Hay escritores que escriben sobre la marcha; otros esperan una distancia. Lo primero se da más en la poesia que en la narrativa. [...] El compromiso se da en la participación directa del escritor. [...] En cambio, hechos tan complejos [...] necesitan distancia para captarse literariamente. Es necesario la sedimentación del acontecimento en el arte. (ARENAS, Braulio. 8 escritores frente a la realidad. *La Quinta Rueda,* nov. 1972, p. 5, tradução nossa).

Em perspectiva oposta, o escritor Poli Délano afirma que o escritor poderia escrever sobre o seu próprio presente. A inserção do escritor no tempo do fenômeno escrito não afetaria a riqueza de sua produção. Segundo ele, a escrita referente aos fenômenos recentes estaria sob responsabilidade do escritor, ao passo que a escrita sobre o passado estaria sob responsabilidade do historiador. Otimista com as possibilidades abertas pelo processo revolucionário no país, Délano afirma:



> Agora é necessário apreender uma realidade complexa e rica. Algo que pareceu interessante tem se transformado em algo apaixonante. Não importa a distância frente ao processo. Se pode escrever agora do que está passando agora. Ao escritor servem outros elementos que ao historiador. Há que tomar as coisas em andamento. A análise posterior é para o historiador.[8]

O período em que o artigo *8 escritores frente a la realidad* veio a público foi marcado por uma intensa polarização política no Chile. Com o segundo ano do governo Allende, as reações da direita ao governo que pretendia lançar as bases do socialismo no país se acentuaram. Cabe ressaltar que em 11 de setembro de 1973 é imposto um fim ao governo Allende a partir da articulação das forças armadas do país.

O contexto exigia a amplos setores da sociedade a adoção de uma posição política específica, e os escritores e intelectuais do Chile não foram isentos desta responsabilidade. De fato, esta posição política foi assumida por esses literários, que em maioria cederam um apoio crítico ao governo da Unidade Popular e se colocaram em oposição às forças contrarrevolucionárias do Chile, forças estas que atuavam a fim de desestabilizar e enfraquecer o governo Allende. A posição *à esquerda* de grande parte dos escritores e o compromisso firmado com o processo revolucionário pode ser demonstrado em uma afirmação de Délano: “os escritores possuem um dever fundamental junto a todos os artistas: a denúncia permanente do fascismo. É necessário realizar atos permanentes que o desmascarem”.[9]

---

[8] Ahora es necesario aprehender una realidad compleja y rica. Algo que pareció interesante se há transformado en algo apasionante. No importa la distancia frente al proceso. Se puede escribir ahora de lo que está pasando ahora. Al escritor le sirven otros elementos que al historiador. Hay que tomar las cosas sobre la marcha. El análisis posterior es para el historiador. (DÉLANO, Poli. 8 escritores frente a la realidad. *La Quinta Rueda,* nov., 1972, p. 5, tradução nossa).

[9] “Los escritores tienen un deber fundamental junto a todos los artistas: la denuncia permanente del fascismo. Es necesario realizar actos permanentes que lo desenmascaren”. (DÉLANO, Poli. 8 escritores frente a la realidad. *La Quinta Rueda,* nov. 1972, p. 5, tradução nossa).

Os escritores que se envolveram diretamente com a política e declararam apoio ao governo da UP produziram o que podemos chamar de “literatura de trincheira”, utilizando os recursos deste meio para participar do conflito político e social desencadeado no Chile de Allende. Neste sentido, Guilhermo Atías, novelista que também colaborou no artigo, afirma que se colocou em combate em defesa do processo revolucionário a partir de suas produções, a fim de “fazer algo antes que a direita feche as cortinas”.[10] O livro e a produção escrita em geral assumiu, neste contexto específico do Chile, a posição de arma política. O novo arranjo desta produção literária pode ser ilustrado na sequência da fala de Atías, que afirma: “saio às ruas com meus livros na luta que se dá agora”.[11] No mesmo artigo, o escritor Armando Cassigoli afirma ser necessário aproveitar, em toda sua potencialidade, todos os meios de comunicação disponíveis. Desta forma, a circulação dos títulos literários possibilitaria a circulação de ideias, aspecto que poderia interferir diretamente no curso do conflito político que o Chile viveu naqueles anos. (CASSIGOLI, 1972, p. 6).



Os primeiros anos da década de 1970 marcou um momento florescente para as letras chilenas sob o governo da Unidade Popular. Neste sentido, de acordo com Alberto Alcalde, poeta que contribuiu no artigo *8 escritores frente a la realidad,* sob o governo Allende “as possibilidades têm se aberto de maneira extraordinária. Agora tudo é possível, apesar das dificuldades. O trabalho o demonstra. Às mudanças políticas segue-se a revalorização da obra literária”.[12]

Embora as potencialidades culturais e políticas da produção escrita fossem percebidas e utilizadas para a construção do “homem novo”, portador de uma consciência política revolucionária e capacitado para construir e manter o novo Chile socialista, diversos fatores dificultavam – quando não impediam – o pleno acesso das massas a essa produção literária. A restrição ao acesso destes produtos culturais reduzia significativamente as suas potencialidades criadoras de uma nova cultura e de uma nova consciência política. Neste sentido, é possível indicar três

[10] “Hacer algo antes que la derecha fascista nos cierre el telón”. (ATÍAS, Guilhermo. 8 escritores frente a la realidad. *La Quinta Rueda,* nov. 1972, p. 5, tradução nossa).
[11] “Salgo a la calle con mis libros en la lucha que se da ahora”. (ATÍAS, Guilhermo. 8 escritores frente a la realidad. *La Quinta Rueda,* nov. 1972, p. 6, tradução nossa).
[12] Las posibilidades se han abierto de manera extraordinaria. Ahora todo es posible, a pesar de las dificultades. El trabajo lo demuestra. A los cambios politicos ha seguido una revalorización de la obra literaria. (ALCALDE, Alfonso. 8 escritores frente a la realidad. *La Quinta Rueda,* nov. 1972, p. 6, tradução nossa).

aspectos que dificultavam o acesso a esses títulos: (1) o alto custo dos livros devido às tiragens reduzidas; (2) a localização das livrarias (75% localizadas em Santiago, aspecto que dificultava o acesso àqueles que residiam nas províncias do país) e (3) o horário de funcionamento destas livrarias, geralmente sendo o período que o trabalhador se encontrava nas fábricas. (VARGAS, 2013, p. 11).

A fim de contornar estes obstáculos que dificultavam o acesso ao livro no Chile, em fevereiro de 1971 o governo de Salvador Allende adquiriu a antiga editora Zig-Zag, que sob responsabilidade da Unidade Popular passou a se chamar Editora Nacional Quimantú. A editora adquirida constituiu-se como parte de um projeto cultural proposto para o país sob as novas condições políticas. Quimantú possuía um maquinário de ponta, com amplas condições de autossuficiência, tendo herdado mais de 800 funcionários da antiga Zig-Zag que apresentavam larga experiência em administração, marketing e distribuição. (VARGAS, 2013, p. 10). O objetivo da Unidade Popular ao comprar a editora se mostrava categórico: baratear as suas produções para que estas conseguissem chegar às classes mais baixas do país, o que seria conseguido a partir de tiragens massivas e do auxílio do governo para o setor. Desta forma, os livros, cartazes e revistas produzidos pela editora Quimantú estariam ao acesso de todos:



> Assim como Juan Pérez costuma comprar todos os dias seu meio quilo de pão, o leite, a carne e os ovos, hoje pode incorporar um livro em seu pedido de rotina. Um pedaço de cultura que descobriu no quiosque da esquina de sua casa, pelo valor de 12 escudos.[13]

A passagem demonstra como o livro passou a ser incorporado na vida chilena a partir da nova lógica de produção Quimantú. No entanto, conforme assinalado, em 11 de setembro de 1973 o governo Allende foi derrubado pelas forças armadas do país, conjuntura que levou a Editora Nacional Quimantú a cessar suas atividades. A ditadura que se seguiu no Chile levou grande parte dos escritores a se exilarem em outros países, sobretudo aqueles que assumiram uma postura militante durante o governo Allende e produziram a chamada “literatura de trincheira”. Desta forma, cerca de 150 escritores deixaram o Chile. Com a ditadura

[13] Así como Juan Pérez acostumbra comprar todos los días su médio kilo de pan, la leche, la carne y los huevos, hoy día podrá incorporar a su pedido de rutina un libro. Un pedazo de cultura que descubrió en el quiosco de la esquina de su casa, por el valor de 12 escudos. (Revista Ahora, 1971 p. 45 apud VARGAS, 2013, p. 12).

de Pinochet, desenvolveu-se no país uma “campanha do terror” contra aqueles que possuíam os produtos Quimantú em casa, livros taxados pelos militares como “literatura subversiva a serviço de interesses forasteiros”. (VARGAS, 2013, p. 17). Vale destacar que, fogueiras públicas foram realizadas pelos militares a fim de destruir os livros considerados subversivos. Nestas fogueiras, os produtos Quimantú constituíam grande parte do volume.

É possível concluir que houve no Chile de Allende um processo de valorização da literatura e de toda produção escrita em geral. Governo e escritores perceberam as potencialidades desta produção e firmaram um compromisso mútuo, a fim de renovar os horizontes culturais e políticos do país. A partir de um olhar sensível, estes escritores perceberam a nova realidade e permitiram – ou não puderam impedir – que esta nova conjuntura imprimisse suas formas em toda produção cultural da época.



**FONTES:**

8 Escritores frente a la realidad. **La Quinta Rueda**. Santiago: Ed. Nacional Quimantú, 1972, p. 5-6.

Politica cultural: por la creación de una cultura popular y nacional. **Cormorán**. Santiago: Editorial Universitaria, 1970, p. 7-8.

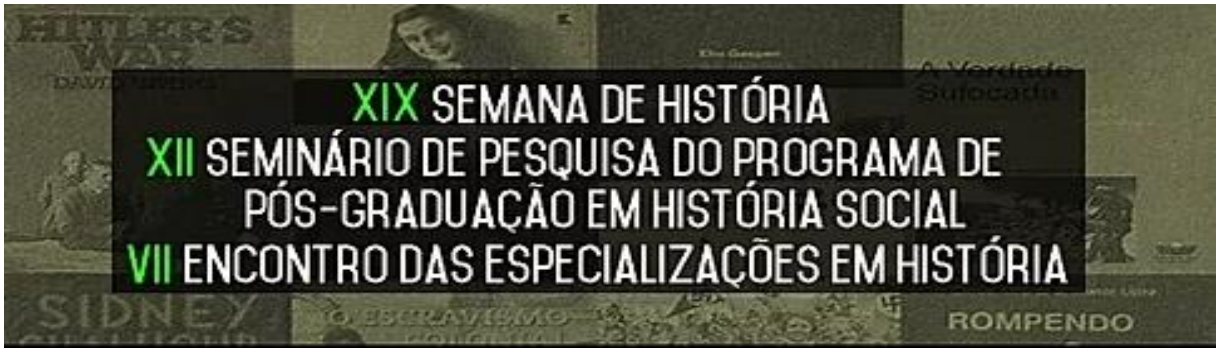
**REFERÊNCIAS:**

AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo:** a experiência chilena. São Paulo: Annablume, 2002.

NASCIMENTO, Maíra Máximo. **Cultura, intelectuales y política en la vía chilena al socialismo.** Debates en las revistas *Chile Hoy*, *La Quinta Rueda* y *Punto Final*. Concepción-Chile, 2017. Tesis para optar al grado de Magíster en Historia (Dpto. de Historia, Facultad de Humanidades y Arte) – Universidad de Concepción.

Revista Cormorán. **Memória Chilena**. Santiago, 2018. Disponível em <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-97514.html>. Acesso em: 27 de nov. 2019.

VARGAS, Viviana Bravo. Quimantú: palabras impresas para la Unidad Popular. **Revista de História Internacional.** n. 54, México, 2013, p. 1-20.






# A EXALTAÇÃO DA REVOLUÇÃO: INTERTEXTUALIDADES ENTRE O MURAL *LA NUEVA DEMOCRACIA*, DO MURALISTA MEXICANO DAVID ALFARO SIQUEIROS, E O QUADRO *A LIBERDADE GUIANDO O POVO*, DE EUGÈNE DELACROIX

Bruna Nunes de Souza[1]
Daiane Aparecida da Rocha
(Graduandas UEM-CRV)

**Resumo:** Este trabalho desenvolve uma análise do mural *La nueva democracia*, do pintor mexicano David Alfaro Siqueiros, como uma possível intertextualidade com a pintura icônica da era revolucionária francesa, *A liberdade guiando o povo*, do pintor Eugène Delacroix.
A obra de Siqueiros foi realizada entre os anos de 1944 e 1945 como parte das comemorações oficiais do aniversário da Revolução Mexicana de 1910. Nela a "nova democracia" trazida pela Revolução é representada como uma mulher forte, com os seios à mostra – tal qual a representação da liberdade carregando a bandeira francesa no quadro de Delacroix –, que quebra as correntes da opressão que quer aprisioná-la. Além disso, a cabeça dessa mulher está adornada com um barrete frígio, um dos mais importantes símbolos visuais da liberdade desde a "era das revoluções" inaugurada pela Revolução Francesa.
Nossa proposta é mostrar que essa obra do pintor mexicano pode ser visual e politicamente relacionada com a obra referida do pintor francês como representações que carregam um discurso político de exaltação da liberdade e da democracia em seus respectivos contextos pós revolucionários, na França e no México.
A abordagem teórico-metodológica que usamos para desenvolver a análise é a da história visual. Nessa abordagem, como propõe Ulpiano Bezerra de Meneses (2003), as imagens não são os focos da análise em si mesmas, mas são tomadas como "vetores" para a compreensão de aspectos históricos mais amplos. No caso deste trabalho, as imagens são analisadas enquanto expressões de discursos políticos formulados pelos pintores.

**Palavras-chave:** Arte, política, Revolução Francesa, Revolução Mexicana, David Alfaro Siqueiros.

[1] Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária.

**Introdução/justificativa**

Buscamos em nosso trabalho, desenvolver uma análise intertextual iconográfica onde pretendemos abordar semelhanças que vão para além da forma como as obras de arte se apresentam. Para essa análise utilizamos duas obras de arte, o mural *La nueva democracia* (1944-1945), do pintor mexicano David Alfaro Siqueiros e a famosa tela *A liberdade guiando o povo* (1830), do pintor francês Eugène Delacroix.

Propomos que a obra do muralista mexicano contém um discurso visual e político relacionado com a obra do pintor francês. Ambas as representações se relacionam com contextos revolucionários e com ideais de liberdade e democracia. A partir disso, buscamos desenvolver nossa análise a partir da perspectiva da intertextualidade; como propõe Ana Claudia Menezes Araújo: “os estudos sobre intertextualidade ultrapassam hoje os limites do texto verbal e perpassam também pelo texto imagético, demonstrando que as imagens dialogam entre si no processo de produção do sentido. ” (ARAÚJO, 2014, p. 1).

A tela de Eugène Delacroix, *A liberdade guiando o povo,* é uma obra identificada com o romantismo, um movimento que perpassa temas históricos, literários, e até aqueles ligados ao discurso político. Uma característica da arte romântica é a necessidade de comunicar um conteúdo narrativo sólido, suscitando no público participação e emoção. Uma das características marcantes da obra de Delacroix era justamente reproduzir cenas literárias de autores do passado, mas também de seus contemporâneos, além das referências às fontes e as pinturas clássicas. A consolidação do pintor veio em 1822, com a apresentação da tela *A Barca de Dante,* em 1822, no Salão de Paris (GRANDES MESTRES: DELACROIX, 2011)

A obra do pintor francês utilizada em nosso trabalho foi produzida após a Revolução de 1830 na França, que derrubou a monarquia reacionária e significou a retomada dos ideais de liberdade e igualdade que vinham sendo reivindicados desde a Revolução de 1789. Nesse sentido, a tela traz esses significados e os personagens atuantes nesse movimento.

Já o movimento muralista mexicano, no qual se insere a obra de David Alfaro Siqueiros, surge no México na década de 1920, após a década da guerra civil da

Revolução Mexicana, num período em que o país passava por um momento de reconstrução material e ideológica. Siqueiros fez parte do importante dos chamados “três grandes” do muralismo mexicano, juntamente com Diego Riveira e José Clemente Orozco. Apesar de ligados às esquerdas políticas, eles buscaram se distanciar do realismo socialista e reivindicaram a liberdade dos artistas em suas expressões estéticas. (ACEVEDO, 2010; JAIMES, 2003)



**Objetivos**

Temos por objetivo central em nosso trabalho mostrar que a obra do pintor mexicano pode ser visual e politicamente relacionada com a obra referida do pintor francês e que ambas são representações que carregam um discurso político de exaltação da liberdade e da democracia em seus respectivos contextos pós revolucionários, na França e no México. Buscamos alcançar esse propósito através das seguintes ações:

- Investigação das obras com uso da intertextualidade/intericonicidade que propõe a relação entre as mesmas através da forma e função;
- Tomada das imagens como vetores para compreensão de aspectos históricos mais amplos que a própria fonte imagética;
- Análise das imagens enquanto expressões de discursos políticos formulados pelos pintores.

**Resultados**

Como afirma Araújo (2014), segundo o dialogismo bakhtiniano todo texto estabelece uma relação com outros, pois um discurso é sempre permeado por outrem. Nesse sentido, podemos dizer que ocorre o mesmo com as imagens, que são considerados textos visuais, não verbais, e que também podem manter relações com outras que a precederam.

Para trabalharmos com a ideia de intertextualidade – também chamada de intericonicidade no caso de imagens –, precisamos destacar dois pontos básicos. Um deles diz respeito à forma, ou seja, a comparação de cada uma das imagens citadas, por meio da descrição das características estéticas das obras, para

verificação das marcas explícitas ou implícitas do texto-fonte. Isso significa destacar as características físicas da obra, como as cores, a disposição e a forma de apresentação dos personagens, os objetos envolvidos nos cenários, etc.

O outro ponto diz respeito à função que a obra exerce, que se configura enquanto a descrição do modo como os enunciadores do texto ou imagem dialogam com o texto-fonte para produzir seus efeitos de sentido, para verificação da função desempenhada pela intertextualidade, ou seja, se há aproximação ou distanciamento da voz discursiva. (ARAÚJO, 2014).



Na obra do pintor Eugènie Delacroix, *A liberdade guiando o povo,* podemos observar os seguintes pontos: o artista optou por oferecer um grande impacto, unindo realidade e fantasia. No primeiro plano se distribuem os cadáveres de maneira realista: o revolucionário à esquerda e dois soldados à direita; à esquerda vemos os participantes do motim: o operário, o burguês e o agricultor. No centro, em destaque, vemos a figura da Marianne representando a liberdade, com os seios à mostra como um signo de vigor, e empunhando na mão direita a bandeira da França. Ao fundo, vemos a fumaça no horizonte. (Imagem 1)

Acreditamos que a representação da democracia no mural de Siqueiros*, La Nueva Democracia,* apresenta uma intertextualidade visual com a representação da liberdade na tela de Delacroix, com destaque para o elemento visual dos seios à mostra. Além da simbologia do vigor relacionada aos seios, a “nova democracia”, filha da Revolução Mexicana, é representada com uma mulher com braços fortes, musculosos, cujas mãos arrebentam os grilhões que tentam prendê-la. E ela ainda traz na cabeça um barrete frígio, um símbolo clássico das lutas libertárias do século XIX, com suas propostas de uma democracia mais ampla, que incluísse a justiça social. (Imagem 2)

**Imagem 1**

***A liberdade guiando o povo*, do pintor Eugène Delacroix, 1830.**
Tinta a óleo – 260 x 325, Museu do Louvre, Paris – França.
Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eug%C3%A8ne_Delacroix_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg

O mural de Siqueiros é pintado em comemoração à Revolução Mexicana, mas também é finalizado em 1945, ano que marca o fim da Segunda Guerra Mundial. Portanto, essa “nova democracia” também pode ser relacionada à vitória das forças democráticas sobre o nazi-fascismo na Segunda Guerra, mesmo porque Siqueiros se envolveu pessoalmente na Guerra Civil Espanhola nos anos 30, indo lutar ao lado dos republicanos contra as forças do general Franco.

**Imagem 2**

***Mural La nueva democracia*, do pintor mexicano David Alfaro Siqueiros, 1945.**
Palacio de Bellas Artes, México-DF. Tamanho real: 5,50m x 12m.
Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Mexico_por_la_Democracia_y_la_Indepencia.JPG



A obra de Delacroix foi produzida em 1830 e expressava a consolidação do processo iniciado em 1789; ela trazia para o cenário público, através da obra de arte, o ideário de liberdade representado pela Revolução Francesa. A obra de Siqueiros foi produzida entre 1944 e 1945 para marcar a comemoração da Revolução de 1910; ela também trazia para o cenário público, através da expressão artística, um ideário político da democracia.

Ao trabalharmos com a intertextualidade/intericonicidade, precisamos ter em mente que essa é uma noção complexa, pois trata-se de uma noção complexa porque:

> [...] ela supõe a relação entre imagens externas, mas também entre imagens internas, as imagens da lembrança, as imagens da rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo. (COURTINE, 2011, *apud* ARAÚJO, p. 6, 2014).

Como a tela de Delacroix é uma obra muito conhecida e icônica da era revolucionária europeia, acreditamos que Siqueiros utilizou-se conscientemente da intertextualidade para construir sua própria imagem democracia de meados do século XX, valendo-se da representação da mulher com os seios à mostra.

## Considerações finais

Consideramos, a partir do uso do conceito de intertextualidade/intericonicidade, que ambas as obras utilizadas nas reflexões acima dialogam entre si, funcionando como um discurso político exaltador da liberdade e da democracia, cada um em seu contexto histórico.



*A liberdade guiando o povo* foi produzida em um momento em que a arte ainda se encontrava muito ligada ao mundo aristocrático e era exposta para um público específico. Isso fica claro se relembrarmos que Delacroix expunha suas obras no salão de Paris, local que costumava ser frequentado por um público seleto. É preciso também reconhecer que a o processo histórico da Revolução Francesa culminou na ascensão do grupo burguês na sociedade. É nesse contexto histórico que o quadro está inserido e, logo, também seu ideal de democracia.

Já o muralismo que surgiu a partir da Revolução Mexicana de 1910 inseria-se num contexto em que a democracia tinha conotações mais populares. Inclusive a da arte mural – pinturas em tamanho enorme e em prédios públicos – estava identificada com o projeto político de popularização das artes. Como expõe o Manifesto dos Técnicos, Pintores e Escultores do México, de 1923:

> Repudiamos a chamada pintura de cavalete e toda arte de cenáculo ultra intelectual e, por isso mesmo, aristocrática; exaltamos as manifestações da arte monumental por ser de utilidade pública. [...] Nosso objetivo fundamental encontra-se em socializar as manifestações artísticas. (ACEVEDO, 2010, p. 34).

Assim, apesar de as obras de Delacroix e Siqueiros estarem inseridas em contextos históricos e estéticos muito diferentes, pensamos que o uso possivelmente consciente da intertextualidade feito pelo muralista mexicano trazia em si um sentido político. Ao lançar mão do ícone da mulher com os seios à mostra representando a liberdade, é como se o pintor mexicano mostrasse, através dessa intertextualidade, a origem da democracia na Revolução Francesa e a necessidade de sua atualização e da luta constante por ela através do tempo.

## Referências

Abril Coleções, **Grandes Mestres: Delacroix**. São Paulo: Editora abril. 2011.

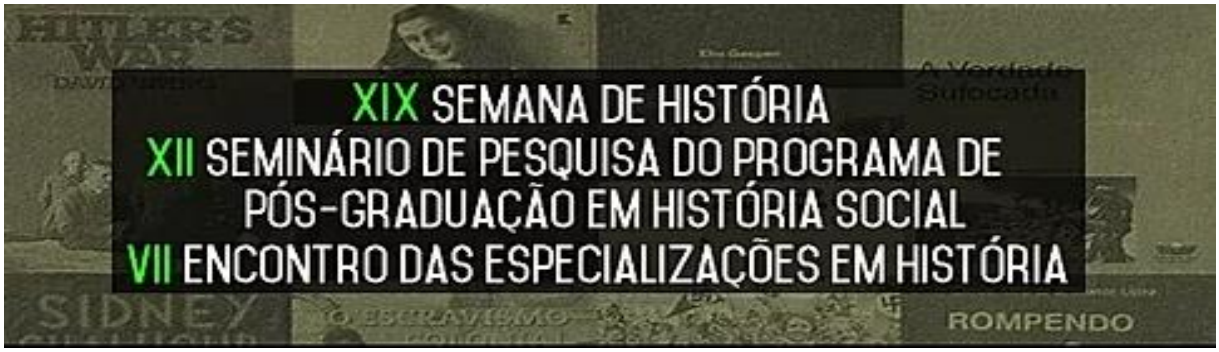
ARAUJO, Ana Claudia Menezes. **A intertextualidade imagética**. Maranhão: Littera Online, n. 08, 2014.

ACEVEDO, E. (coord.). **México y La invención del arte latinoamericano (1910-1950).** México: SER, 2010.

ARMIJO, Mercedes de Vega (coord.). **La búsqueda perpetua: lo proprio y lo universal de la cultura latinoamericana.** México: Secretaria de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático. 2011.

JAIMES, Héctor. **Filosofía del muralismo mexicano: Orozco, Rivera y Siqueiros.** México: Plaza y Valdés Editores, abril de 2012.

**Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 23, nº 45, p. 11-36, 2003.






# *TOGATUS* E *LORICATUS*: A SUCESSÃO DE NERVA POR TRAJANO NAS MOEDAS ROMANAS

André Luís Belletini
(Unesp – Assis)

**Resumo:** Instaurado por Augusto ao fim das guerras civis, o Principado representou a hegemonia do princeps perante a aristocracia senatorial romana, sob um pano de fundo republicano. Não se tratando, porém, de uma monarquia tradicional, os Césares deveriam figurar no cenário político como magistrados da *Res Publica*, aos moldes estabelecidos pelo primeiro imperador. Destarte, ocupando uma ambígua posição no cenário político-social, os imperadores procuravam legitimar seu poder através de uma série de meios que difundissem o discurso imperial. Consolidando-se ao longo do primeiro século, o novo regime passou por transformações político-sociais, dentre as quais se destacam a ascensão das elites provinciais e o destaque cada vez maior do setor militar, fatores que culminariam na ascensão de Trajano à púrpura. Sua adoção por Cocceio Nerva, respeitável e idoso senador, proclamado imperador pelo Senado por ocasião do assassinato de Domiciano, tratou-se de um ato político em vista às constantes dificuldades enfrentadas por Nerva e garantiu uma sucessão pacífica. Tal fato foi celebrado por escritores e também em diversas moedas. Estas, circulando até as mais longínquas fronteiras, e mais além, não poderiam deixar de constituir uma grande ferramenta na tentativa de legitimar tal decisão. Portanto, procuramos compreender, através da análise da iconografia e inscrições de duas moedas, uma cunhada em Roma e uma em Cesareia da Capadócia, algumas das nuances que permeiam a adoção de Trajano por parte de Nerva e a posterior sucessão deste por aquele.

**Palavras-chave:** Nerva; Trajano; numismática; sucessão; Império Romano.

Financiamento: CAPES.

## Introdução/justificativa

Tendo governado o império romano entre 98 e 117 da Era Cristã, *Marcus Ulpius Traianus* ficou marcado na historiografia latina como um dos mais

importantes personagens da história romana e cuja figura passara a ser um exemplo a ser seguido ou mesmo superado. Neste momento, o império vivenciou importantes campanhas militares e a anexação de territórios ao norte do Danúbio e ao leste do Eufrates, levando-o à sua máxima extensão territorial. O imperador levou a cabo, também, um grande projeto de construção de obras públicas e reformas de estradas, aquedutos, portos, além da realização de grandes espetáculos, do pagamento de dívidas e projetos sociais, em grande parte financiados pelo butim das conquistas. No campo político, Trajano adotou uma postura conciliatória com o Senado, empregando proeminentes senadores em diversas funções administrativas e evitando animosidades e perseguições.



Apesar da importância atingida pelo principado de Trajano na história romana, é visível a escassez de fontes escritas a respeito do período. Muitos dos autores contemporâneos escreveram sobre governos anteriores, fazendo apenas algumas poucas citações indiretas ao governo de Trajano. Tal fato torna compreensível a utilização de autores posteriores, como Cássio Dion ou Aurélio Victor, para o estudo deste momento. Todavia, mesmo as obras destes autores nos chegaram fragmentadas ou em forma de epítome. A fim de preencher diversas lacunas, recorre-se, não poucas vezes, às fontes materiais, como a Coluna de Trajano ou o Arco de Benevento, cuja riqueza, sobretudo iconográfica, auxilia em muito na compreensão de diferentes questionamentos (SETTIS; ANDREAU; BONAN; SCHNAPP, 1985, p.1152).

Dentro dessa perspectiva que, em nossa pesquisa de mestrado, nos propomos a estudar algumas dessas fontes, com destaque para algumas moedas cunhadas no período trajânico. As moedas cunhadas no período imperial, em geral, trazem uma imagem do busto do imperador reinante em seus anversos e diferentes temáticas em seus reversos, como por exemplo, divindades, obras públicas, virtudes, vitórias militares. Nossa escolha pelas moedas se dá devido a sua quase onipresença no mundo romano. De fato, essas pequenas peças de metal eram produzidas em grandes quantidades em tempo relativamente curto. Segundo Kenneth Harl (1996, p. 83), algumas estimativas sugerem a cunhagem anual de centenas de milhões de denários – uma das tantas moedas em circulação no mundo romano – durante os governos de Domiciano e Marco Aurélio, mesmo em momentos de grandes dificuldades na fronteira danubiana, o que dificultava muito a exploração das minas de metais preciosos presentes nessa região.

A circulação das moedas, porém, não ficava restrita às fronteiras do império, mas chegavam a longínquas regiões como a Escandinávia ao norte e o Sri Lanka ao leste. Por outro lado, como bem destacaram Carlan e Funari (2012, p. 23), as moedas não eram apreciadas apenas por seu valor monetário, mas pelo próprio conteúdo metálico, chegando, às vezes, a ser usadas como adorno. O autor chega a estabelecer uma série de relações simbólica em que a moeda estava imbuída com relação às leis (*nomos* – *nomisma*) ou ao divino, como no ato de "pagar Caronte" durante os rituais fúnebres.



Os dois últimos séculos do período chamado "República" foram bastante conturbados, registrando-se uma série de agitações, rebeliões, guerras longínquas e civis. Esses acontecimentos demandavam maior autonomia dos generais que precisavam tomar rápidas decisões nos *fronts* de batalha, sem poder esperar pelas deliberações do Senado. Entretanto, isso levou à grande concentração de poder na mão destes generais. Alguns, como Pompeu, recebiam mandatos extraordinários temporários, através dos quais poderiam recrutar novas legiões, criar ou desfazer acordos com outras nações, distribuir prêmios, em suma, agir como um verdadeiro soberano (CORNELL; MATTHEWS, 1996, p. 68).

Com o fim das guerras civis após a batalha de Áccio (31 a.C.), Otaviano, proclamado Augusto, encontrava-se sem concorrentes no governo da *res publica*. Para manter sua posição hegemônica, Augusto gradativamente concentrou uma série de encargos que lhe permitiram conduzir os rumos do Estado romano. Monopolizou para si o título de *imperator*, atribuído temporariamente a generais vitoriosos durante a República, que passara a fazer parte de sua nomenclatura oficial, o que demonstrava ser ele o supremo comandante das legiões. Por outro lado, lhe foi concedido o título de *princeps senatus*, que lhe garantia maior campo de ação frente aos demais senadores. Como pontífice máximo podia controlar a religião cívica. Somavam-se ainda o poder tribunício e o império proconsular maior. Com esses poderes pôde conduzir uma série de reformas que buscavam reafirmar os valores antigos (*mos maiorum*) e restaurar a ordem. De fato, seu poder só tornou aceitável perante a elite romana devido a este discurso conservador (GIACOMO, 2015, p. 36).

Como nos adverte Paul Veyne (2007, p. 7-8), o príncipe "ocupava o trono não como proprietário, mas como mandatário da coletividade" o que significa que seu poder não era imune à contestação e mesmo à rebelião aberta, representando um

sério risco àqueles governantes que se distanciassem dos ideais estabelecidos por Augusto. De acordo com Wallace-Hadrill (1981, p. 298), o imperador poderia ser classificado segundo o conceito weberiano de “líder carismático”, uma vez que seu poder se devia à crença dos cidadãos em suas qualidades para governar a *res publica* e não em seu direito para tal. Torna-se lícito, ainda, observar que o império era constituído por uma multiplicidade de etnias, línguas e culturas diferentes e, assim, refletir como concebiam essas diferentes populações a figura do imperador e como seu poder era legitimado frente a elas. Essas diferentes nuances que perpassavam a figura do governante do mundo romano nos conduziriam então aos dois grandes questionamentos deste trabalho: a questão da legitimidade da sucessão no Principado e como as moedas apresentavam tal legitimidade.



**Objetivos**

A fim de compreender como se buscou representar, através das moedas, o processo da sucessão de Nerva por Trajano, selecionamos duas peças datadas de 98 d.C., primeiro ano de governo deste último, a saber, Syd 172, cunhada em Cesareia da Capadócia, e RIC 28, cunhada em Roma. Observando o contexto histórico que envolvera tais acontecimentos, buscamos identificar rupturas e continuidades com os padrões até então estabelecidos de imagem e legenda das moedas e, consequentemente, como esses modelos refletiam as questões pertinentes a sucessão imperial desde a fundação do novo regime.

**Resultados**

O regime instaurado por Augusto ainda necessitava consolidar-se e poderia não subsistir a seu fundador. A saúde frágil do príncipe complicava a situação e não ter um sucessor poderia mergulhar o império novamente em guerra civil. Entretanto, como apresentar um sucessor se o regime não era uma monarquia? Augusto procurara associar ao poder possíveis sucessores, seu amigo Agripa, seu sobrinho Marcelo, os netos Gaio e Lúcio e por fim o enteado Tibério, nomeando-os a diversos cargos públicos através dos quais pudessem demonstrar suas virtudes ao escalar os degraus da carreira política (*cursus honorum*). Tibério, o único a não falecer antes de Augusto, foi adotado pelo imperador e o sucederia após sua morte em 14

d.C. Foram cunhadas moedas por todo o império demonstrando essa associação (FIGURAS 1 e 2).

FIGURA 1: RIC 24. Disponível em:
<http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s1781.html#RIC_0024> acesso: 15/10/2019.

FIGURA 2: RPC 5090. Disponível em:
<http://www.wildwinds.com/coins/ric/tiberius/RPC_5090.jpg> acesso: 15/10/2019.

Em RIC 24 vemos a imagem de Augusto com a legenda *DIVOS AVGVST[us] DIVI F[ilius]* e a de Tibério cuja legenda diz *TI[berius] CAESAR DIVI AVG[usti] F[ilius] AVGVSTVS*. Por outro lado, em RPC 5090, os mesmos personagens vêm acompanhados das legendas gregas *ΤΙΒΕΡΙΟΣ ΚΑΙΣΑΡ ΣΕΒΑΣΤΟΣ* (*Tibérios Kaísar Sebastós)* e *ΘΕΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ* (*Theós Sebastós*). Ambas fazem alusão à divindade dos personagens (*divos/θεός*) através da linhagem de Augusto, e, embora RPC 5090 não mencione a questão da filiação de Tibério (*Augusti filius*), ambas apresentam-no como novo *Augustus* (*σεβαστός*). Apresenta-se então o seguinte impasse: a adoção de Tibério e sua ascensão à púrpura não acusariam o Principado de ser justamente o que procurava negar: uma monarquia hereditária?

Inicialmente, convém compreender que durante todo o período republicano, a família constituiu-se como um campo de ação político. De fato, as diferentes *familiae* ou *domus* aristocráticas disputavam espaços políticos e os conflitos, os acordos matrimoniais, o patronato e mesmo a adoção faziam parte de um *ethos* aristocrático que visava não apenas a conservação da família, mas o aumento de seu prestígio.

O próprio Augusto havia sido adotado por seu tio-avô, Júlio César, como seu herdeiro. Ygor Belchior (2012, passim) destaca, ao longo de sua dissertação, que, com o advento do Principado, o que passou-se a observar fora a proeminência da *Domus Caesaris* sobre as demais *domus* senatoriais e equestres. Estas, porém, continuavam muito ativas no cenário político e poderiam mesmo apresentar concorrentes ao trono imperial.



É interessante notar que, em um contexto político muito diferente do Principado, em fins do quarto século, o imperador Teodósio escreveria a seu filho Honório uma carta na qual o alertaria que se o nascimento bastava para a dominação no Oriente, o mesmo não se dava com o povo romano, sendo necessário ao governante a detenção de um grande número de virtudes que lhe permitissem governar o império (BORN, 1934, p. 27). Destarte, pertencer a família do imperador precedente, naturalmente ou por adoção, legava certa legitimidade a imagem do novo soberano, embora não bastasse para a detenção do poder.

Tornando às moedas, a representação iconográfica da associação entre imperador e seu sucessor e, posteriormente, deste com o antecessor, com alguma variação, manteve os modelos já existentes durante toda a dinastia júlio-claudiana. As revoltas contra Nero levaram ao seu suicídio e às guerras civis de 68-69, durante as quais os pretendentes não tardaram em cunhar moedas buscando legitimar suas reivindicações. Após a vitória, Vespasiano apressou-se em associar os dois filhos ao poder, nomeando-os “Césares” e dividindo o consulado com Tito, o filho mais velho, enquanto Domiciano, o mais novo, era nomeado pretor, como observado pela legenda no reverso de RIC 15 (FIGURA 3): *CAESAR AVG[usti] F[ilius] CO[n]S[ul] CAESAR AVG[usti] F[ilius] PR[aetor]*.

FIGURA 3: RIC 15. Disponível em:
<http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s2394.html#RIC_0015> acesso: 13/10/2019.

Diversas são as moedas de Vespasiano que apresentam os dois filhos de diversas maneiras, como RIC 1395, que os apresenta em vestes sacerdotais, ou

RIC 143, em trajes militares. Muito mais importante à nossa pesquisa se relevou RIC 162 (FIGURA 4), cunhada por Tito, e cuja iconografia apresenta a passagem do poder imperial, simbolizado por uma esfera, representação do globo terrestre, sendo recebido por Tito, à esquerda, de seu pai, à direita.

FIGURA 4: RIC 162. Disponível em:
<http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s2529.html#RIC_0162> acesso: 13/10/2019.



No anverso podemos busto de Tito e sua titulatura enquanto no reverso temos a legenda *PROVIDENT[ia] AVGVST[i]*, seguida de *SC* (*senatus consultum*), significando que a moeda fora votada pelo Senado. Segundo Stadler (2010, p. 125), a *providentia* era associada a *prudentia*, sendo que "a preservação do poder através da *providentia* supunha dois pontos: a proteção por parte dos deuses e a manutenção das forças por meio de uma linha sucessória […]".

Notemos, ainda, que na imagem do reverso os dois personagens portam a toga, a vestimenta típica em que são representados os cidadãos romanos em suas funções civis. A morte prematura de Tito, após dois anos de governo, levou a ascensão de seu irmão, Domiciano que seria assassinado 15 anos depois, em uma conspiração palaciana, após um governo autocrático e grandes embates com a classe senatorial. Sem um sucessor, o Senado nomeou imperador *Marcus Cocceius Nerva*, um proeminente e idoso senador. Entretanto a situação política seguiu-se tensa. Como escreveu Angelozzi (2003, p 65)

> Apesar de ter ascendido ao trono sem derramamento de sangue, a ascensão de Nerva não foi totalmente pacífica, isto porque ele fora escolhido contra a vontade dos soldados, que só muito dificilmente aceitaram reconhecer sua autoridade. O que se manifestou em Roma por perturbações no pretório, mas também nas províncias, onde os exércitos, na Germânia Superior e na Síria, foram reticentes em prestar o devido juramento ao imperador.

Segundo Julian Bennett (1997, p. 35), não havia consenso sobre a morte de Domiciano: o povo parecia indiferente, o Senado não podia disfarçar sua euforia e a guarda pretoriana exigia sua deificação e a punição dos assassinos. As medidas conciliadoras de Nerva não surtiram grande efeito e, após a descoberta de uma conspiração para removê-lo, o imperador apenas exilou os conspiradores, o que lhe valeu as críticas de muitos senadores. O ponto crítico se deu quando a guarda pretoriana, liderada por Aeliano, encarcerou o imperador em seu palácio, forçando-o a ordenar a execução dos envolvidos na morte de Dominiano, além de agradecer publicamente aos pretorianos por livrar-se daqueles "homens perversos" (BENNETT, 1997, p. 42).



A avançada idade do imperador e o fato de não ter filhos revelavam o grande perigo que o império corria de uma nova guerra civil. Sem escolhas, com sua autoridade bastante reduzida, cabia a Nerva adotar um sucessor que gozasse da aprovação popular, "tivesse a lealdade das legiões, pudesse intimidar os pretorianos e restaurar a autoridade do Principado". A escolha recaíra sobre Trajano que recebera o título de César e Germânico, este devido a sua vitória na guerra contra os suevos que acabava de ser anunciada em Roma (Ibidem, p. 49). Nerva e Trajano ocuparam o consulado conjunto em 98, mas o imperador faleceu ainda em janeiro. O novo Augusto cunhou diversas moedas em referência a seu antecessor, empregando, às vezes, os mesmos modelos do pai adotivo, como pode ser percebido nas moedas RIC 3 (FIGURA 5), cunhada por Nerva, e Syd 172 (FIGURA 6), cunhada por Trajano.

FIGURA 5: RIC 3. Disponível em:
<http://www.wildwinds.com/coins/sear5/s3003.html#RIC_0003,Aureus> acesso: 05/10/2019.

FIGURA 6: Syd 172. Disponível em:
<http://www.wildwinds.com/coins/ric/trajan/Syd_172.1.jpg> acesso: 05/10/2019.



A moeda de Nerva (RIC 3), apresenta-o como “Imperador Nerva César Augusto, Pontífice Máximo, Tribuno da Plebe, Cônsul duas vezes, Pai da Pátria”,[1] tendo no reverso a inscrição *CONCORDIA EXERCITVVM*, que circunda uma imagem de duas mãos apertadas, em sinal de acordo. Esta inscrição, usada pela primeira vez desde as guerras civis de 68-69 buscava demonstrar a aliança e harmonia entre o imperador e os exércitos, através dos donativos aos soldados e a confirmação dos generais no comando, na tentativa de conciliação geral de Nerva (BENNETT, 1997, p. 38). Já no anverso de Syd 172, temos a imagem de Nerva embora a inscrição grega se refira a Trajano, apresentado como “Imperador César Nerva Trajano Augusto Germânico, Tribuno da Plebe, Cônsul duas vezes”.[2] No reverso observa-se a mesma imagem das mãos apertadas em sinal de acordo, possivelmente procurando demonstrar ideia de continuidade entre os dois governos. Note-se, porém, que em Syd 172 não consta nenhuma alusão à inscrição *concordia exercituum*.

Por outro lado, RIC 28 (FIGURA 7), apresenta a passagem do poder entre os imperadores de maneira bastante interessante. Nela, pode-se observar a titulatura de Trajano: “Imperador Nerva César Trajano Augusto Germânico, Pontífice Máximo, Tribuno da Plebe, Cônsul duas vezes, Pai da Pátria”.[3] Vê-se no reverso o mesmo modelo utilizado por Tito (em RIC 162), com algumas alterações. Temos aqui Trajano, à esquerda, recebendo o globo das mãos de Nerva, à direita e a alusão à *Providentia*.

---

[1] *IMP[erator] NERVA CAES[ar] AVG[gustus] P[ontifex] M[aximus] TR[ibunus] P[lebis] CO[n]S[ul] II P[ater] P[atriae].*
[2] *ΑΥΤ[οκράτωρ] ΚΑΙΣ[αρ] ΝΕΡ[ουα] ΤΡΑΙΑΝΟ[ς] ΣΕΒ[αστός] ΓΕΡΜ[ανικός] ΔΕΜ[αρχικὴ] ΕΧ[ουσία] ΥΠΑΤ[ος] Β.*
[3] *IMP[erator] NERVA CAES[ar] TRAIAN[us] AVG[gustus] GERM[anicus] P[ontifex] M[aximus] TR[ibunus] P[lebis] CO[n]S[ul] II P[ater] P[atriae].*

FIGURA 7: RIC 28. Disponível em:
<http://www.wildwinds.com/coins/ric/trajan/RIC_0028.jpg> acesso: 05/10/2019.



Entretanto, diferentemente da moeda de Tito, observamos uma clara oposição entre as figuras dos imperadores. Enquanto Tito e Vespasiano são retratados vestindo a toga, percebemos aqui Nerva vestido com toga enquanto Trajano está em vestes militares. A representação dos imperadores em vestes militares não era algo novo, e eram empregadas sobretudo para demonstrar vitória militar. A novidade aqui se dá em relação a tal representação no momento da ascensão ao trono. Cecília Ames (1999, p. 61) destaca que o próprio título *imperator* já revelava que o Principado era, na verdade, uma monarquia militar. Entretanto, havia o cuidado de observar a "constitucionalidade" do regime e assumir-se como *princeps civilis*. Convém, porém, recordar que Trajano seguira uma extensa carreira militar, algo incomum aos imperadores do primeiro século, sendo Tibério e Vespasiano exceções (CORNELL; MATTHEWS, 1996, p. 81).

Ao assumir a púrpura imperial, um dos primeiros atos de Trajano, estando ainda na Germânia, foi convocar Aeliano e seus partidários que se amotinaram contra Nerva e executá-los devido suas ações contra o falecido imperador, a quem deveriam proteger (BENNETT, 1997, p. 52). Através deste ato, o novo imperador demonstraria sua intolerância com a insubordinação dos quadros militares. Vale lembrar que, como *legatus* de Domiciano, fora um dos encarregados de lidar com a rebelião de Saturnino e suas legiões. Embora seu governo não tenha visto outra ação do gênero, é possível que esta demonstração inicial de força objetivasse dissuadir qualquer foco de indisciplina militar.

Outro fator a ser notado é que Trajano foi o primeiro imperador de origem provincial. Ele e boa parte de seus apoiadores mais próximos eram homens provenientes das elites locais das províncias hispânicas, que ascenderam no *cursus honorum* através da ocupação de diversos cargos militares. Em decorrência da estabilidade proporcionado pela *pax romana*, as elites provinciais prosperaram

economicamente ocasionando em sua ascensão social e política que culminava com muitos de seus membros adentrando o Senado, devido a ocupação de importantes cargos públicos.

Por outro lado, em um interessante estudo sobre a imagem imperial no segundo século, Matteo Cadario (2012, p.105-106) ressalta que Trajano, recorrendo aos modelos de grandes generais do período republicano, inaugurava uma nova forma de representação, na qual os militares aparecem como coprotagonistas, sendo imperador em si um "imperador soldado". Consideramos que esta perspectiva possa muito bem ser observada em moedas como RIC 28. O momento pelo qual Roma passava exigia que um *imperator*, um reconhecido *vir militaris*, assumisse o comando da *res publica* e, através da iconografia das moedas, Trajano buscava apresentar-se como o homem ideal para esta missão.



**Considerações Finais**

Percebemos que o Principado se constituiu como um regime político caracterizado pela concentração do poder na figura hegemônica dos *principes*. Contudo, estabelecido sob as bases do sistema republicano, o regime necessitava adaptar-se constantemente a novas questões que surgiam. O processo de integração econômica das províncias durante o período da *pax romana* abriu espaço político às famílias das elites provinciais, que passaram a fornecer membros ao Senado romano. Nesse período os exércitos estacionados nas fronteiras passaram a desempenhar cada vez mais uma força política, chegando a proclamar seus próprios imperadores em momentos de crise. Esses dois processos culminaram na ascensão de Trajano, um militar de origem provincial, ao trono imperial.

Consideramos que as moedas, apesar de seu pequeno porte, estão repletas de conteúdo político, podendo auxiliar na compreensão de muitas nuances que, por vezes, não são contempladas nas fontes escritas. Justamente por eu parco espaço físico, as mensagens ali contidas podem ser consideradas como muito relevantes para o período. Destarte, é possível observar como, através da cunhagem de moedas, o imperador Trajano claramente procurava passar a ideia de continuidade com seu antecessor, de maneira a estabelecer nova dinastia no poder ao representar aspectos iconográficos de Nerva. Por outro lado, observam-se também

algumas rupturas ou adaptações de modelos anteriores que revelam que o Principado passava por transformações e assumira novas configurações que necessitavam, elas também, de legitimidade. A passagem de poder de um Nerva togado para um Trajano loricado marca o início de um período de estabilidade e prosperidade, mas era também o prenúncio de um tempo em que já não era o poder civil a legitimar a posição do imperador, mas o arbítrio dos exércitos.



**Referências**

AMES, Cecilia. El título imperial romano y la problemática del Principado. **Estudos Clasicos**, Córdova, Tomo 41, n° 116, p. 49-64, 1999.

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. **A Águia e a Cruz**: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C. Niteói, 2003. 221 p. Dissertação – Universidade Federal Fluminense, 2003.

BELCHIOR, Ygor Klain. **Tácito e o principado de Nero**. Mariana, 2012. 156 p. Dissertação – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

BENNETT, Julian. **Trajan**: Optimus Princeps: a life and times. London: Routledge, 1997.

BORN, Lester K. The perfect prince according to the Latin panegyrists. The **American Journal of Philology**, Baltimore, v. 55, n°1, p. 20-35, 1934.

CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A. **Moedas: a numismática e o estudo da história**. São Paulo: Annablume, 2010.

CORNELL, Tim; MATTHEWS, John. **Grandes Impérios e Civilizações: Roma**: Legado de um Império. V. 1. Madrid: edições del Prado, 1996.

GIACOMO, L.H.S. **A 'restauração' republicana de Augusto**: discurso romano, alteridade oriental e teatrocracia política. São Paulo, 2015. 148 p. Dissertação – Universidade de São Paulo, 2015.

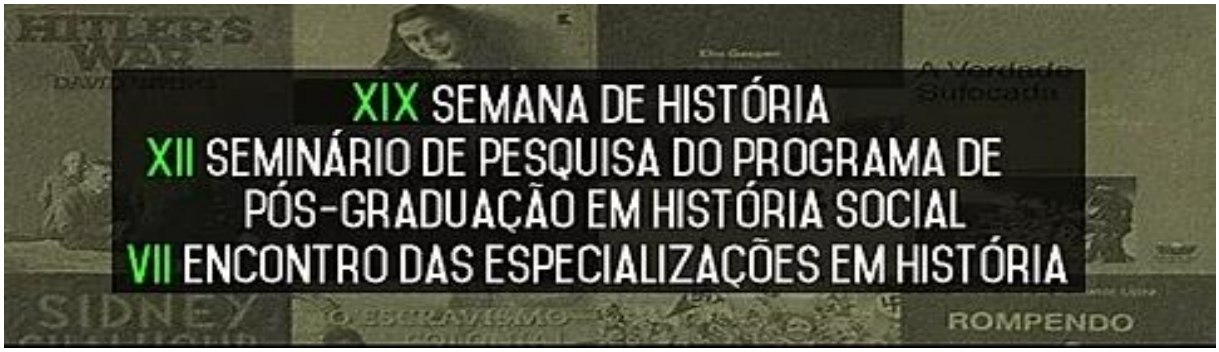
Harl, Kenneth W. **Coinage in the Roman Economy, 300 B.C. to A.D. 700**. Londres: The Johns Hopkins University Press, 1996.

SETTIS, Salvatore; ANDREAU, Jean; BONAN, Elsa; SCHNAPP, Alain. La colonne Trajane: invention, composition, disposition. **Annales. Économies, Sociétés, Civilizations**, [S.L], 40e Année, n° 5, p. 1151-1194, 1985.

STADLER, Thiago David. **O poder das palavras na idealização de um príncipe** – Epistolário cruzado entre Plínio, o jovem e Trajano (98-113 d.C.). Curitiba, 2010. 175 p. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, 2010.

VEYNE, Paul. **O Império Greco-Romano**. Tradução: Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

WALLACE-HADRILL, Andrew. The emperor and his virtues. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, [S.L.], n° 3, p. 298-323, 1981.






# A PROMESSA DE SALVAÇÃO INDIVIDUAL APÓS A MORTE: CULTOS DE MISTÉRIO NA CORINTO ROMANA

Alaína Garcia Margiotti

(Mestranda em História Social, UEL)

**Resumo:** Em meio ao sincretismo religioso característico da época romana, os cultos de mistério prometiam a salvação individual no mundo pós-morte aos seus iniciados. Na cidade de Corinto, já no início da época imperial, conviviam entre si uma diversidade desses cultos de caráter secreto, mas não exclusivista, em honra a divindades de origem grega ou oriental. Para conhecermos um pouco deste dinamismo religioso da cidade, podemos recorrer aos registros arqueológicos, como as ruínas de templos e santuários, bem como às inscrições e objetos com referência a alguma divindade. Além da cultura material, temos acesso à obra do geógrafo antigo Pausânias, que descreve, em um minucioso relato, suas abstrações da Corinto do século II da Era Comum. Com base nestas fontes históricas, discorreremos sobre cultos de mistério que provavelmente existiram na cidade de Corinto, especialmente a devoção à Ísis e a Dioniso. Estes cultos, de caráter iniciatório, envolviam ritos de morte, vida e renascimento, desempenhando um alcance soteriológico individual ao garantir a imortalidade no além.

**Palavras-chave:** Salvação após a morte; Cultos de mistério; Corinto romana.

## Introdução/Justificativa

Os cultos de mistério não se configuram em uma inovação do período helenístico, pois já ocorriam nas *pólis* gregas. No entanto, foi neste contexto que tais práticas ganharam maiores proporções e características próprias ao combinarem atributos gregos e orientais. É neste universo que observamos o desenvolvimento e a repercussão de uma forma de culto voltada exclusivamente para assistir ao indivíduo, à pessoa comum que ansiava por privilégios que só seriam obtidos pelos adeptos dos chamados *mistérios.* Ao proporcionar trocas

culturais intensas entre Oriente e Ocidente, o período helenístico ficou caracterizado, nas palavras de Koester (2005, p.167), como “o tempo do sincretismo religioso”, o que também se verifica, ainda que com as particularidades próprias do contexto, no período romano imperial.

No grego, o termo *μυστήριον* (mistério) se traduz por “*segredo, ensino secreto, mistério”,* algo desconhecido que se revela. Para além disso, o termo se desdobra no verbo *μυέω,* que se traduz por “*iniciar (aos mistérios)* [...] *aprender o segredo*”.[1] Dessa forma, aquele que se tornava adepto dos mistérios era tido como um iniciado, ou seja, teria passado por ritos secretos onde ocorreria a revelação de segredos divinos. Quando revelado, este segredo teria o poder de transformar o indivíduo, dando-lhe acesso aos benefícios prometidos pelo deus ou deusa – sobretudo a salvação da morte definitiva.



De origem oriental (com exceção do dionisismo[2]), no período helenístico e romano os mistérios não possuíam caráter étnico, mas universalista, o que implicava em uma nova comunidade. Como destaca Eliade (2011, p.248), para se tornar um membro, na iniciação o aspirante participava de uma liturgia envolvendo a morte e o renascimento de uma divindade que já teria vencido a morte, conforme sua narrativa mitológica. Assim, em uma espécie de *imitatio dei,* o neófito passaria pelos mesmos eventos da divindade, e assim mudaria radicalmente sua condição de mortal ao equiparar-se ao deus ou deusa. A imortalidade, portanto, viria como consequência dessa transformação.

Todavia, em meio à variedade de divindades existentes no mundo helenístico e romano, apenas algumas delas eram cultuadas em forma de mistério. Eliade (Ibid., p.247) destaca a devoção ao deus grego Dioniso, a Cibele e Átis, da Frígia, a Adônis, da Fenícia, a Mithra, da Pérsia e a Ísis, do Egito, como cultos de mistério populares no mundo romano imperial. Como ressalta Koester (op. cit., p.195), os mistérios não exigiam exclusividade, o que permitia a pertença a mais de um culto, mas isso desde que a pessoa estivesse disposta a arcar com os custos da iniciação,

---

[1] Definição conforme Gingrich; Danker, 1984, p.138, grifo dos autores.

[2] Como ressalta Brandão, (1987, p.117), até o século XX, muitos pensavam que Dioniso não era um deus grego, mas importado da Trácia por volta do século IX a.EC. Mas, em 1952, Michael Ventris decifrou uma parte de hieróglifos creto-micênicos demonstrando que pelo menos desde o século XIV ou XIII a.EC. o deus já estaria presente entre os helênicos. O autor ainda argumenta que causas políticas teriam impedido menções anteriores ao século IX a.EC. Já de acordo com Koester (op. cit., p.187), o culto ao deus teria adquirido caráter de mistério apenas no século V, quando entrou em contato com os conceitos órficos de pós-vida.

seguir os preceitos morais estabelecidos, obedecer às regras fixas entre os membros e oferecer ajuda mútua entre eles. Além disso, os membros deveriam estar presentes nos encontros regulares, não apenas nos templos, mas também nos locais secretos onde ocorriam as iniciações.

Tratando-se mais especificamente da cidade de Corinto, nos primeiros séculos do período imperial, podemos recorrer aos escritos do geógrafo helênico Pausânias, que faz uma densa descrição da Grécia no século II EC. Por meio do testemunho do autor antigo, chegamos às descrições de templos, santuários e imagens na cidade com referência a variados deuses, dentre eles, o deus grego Dioniso e a deusa egípcia Ísis. Pausânias ainda menciona outras divindades cultuadas em Corinto que também teriam, em sua mitologia, relação com o tripé morte-vida-renascimento, como é o caso de Asclépio, Apolo e Deméter e sua filha Core.[3] Neste trabalho, no entanto, vamos nos ater apenas ao culto a Ísis e a Dioniso que, além de estarem presentes em Corinto, provavelmente coexistiram também na condição de mistérios – a forma pela qual essas divindades eram famosas no mundo greco-romano.



**Objetivos**

Por meio do relato de Pausânias, buscamos dimensionar o universo simbólico dos coríntios do início do período romano imperial, a fim de identificar a forma que os cultos de mistério exteriorizavam a velha esperança humana em viver eternamente. Compreendemos tais modalidades de culto como uma forma de organizar simbolicamente uma expectativa que se encontra presente nas diferentes épocas da História, que não se repete, mas que se edifica mediante as exigências de cada contexto. Essa preocupação se desdobra em crenças, filosofias ou concepções que se transformam ao longo do tempo, demonstrando sua historicidade.

[3] Conforme Grimal (op. cit., p.83), embora ocorressem nas pólis gregas desde pelo menos o século VIII a.EC., os ritos agrícolas em honra à Deméter e Core, em Elêusis, passaram a significar a vitória sobre a morte e o renascimento. Complementa Koester (op. cit., p.184) que, mesmo não podendo ser exportado para fora da cidade, essa forma de culto influenciou profundamente os mistérios do mundo helenístico e romano.

No período em questão, os cultos de mistério ocupavam “o lugar de resposta” a esta expectativa ao prometerem a salvação individual aos seus iniciados. Como salienta Eliade (op. cit., p. 245), “a promessa da salvação constitui a novidade e a principal característica das religiões helenísticas. Trata-se, certamente e em primeiro lugar, da salvação individual [...].” O autor se refere à uma preocupação voltada especificamente ao indivíduo, à pessoa comum que procurava, por meio dos cultos mistéricos, traçar seu próprio destino. Essa inquietação passaria a contribuir para o desenvolvimento de uma noção de si mesmo que prioriza os aspectos individuais, pessoais e próprios do sujeito.



**Resultados**

Depois de ter sido conquistada e destruída pelos romanos no século II a.EC., Corinto foi reinaugurada como colônia por Júlio César em 44 a.EC. e povoada, sobretudo, por veteranos de guerra e escravos libertos vindos de Roma. Porém, como ressalta Bookidis (2005, p.141), mesmo com a destruição de Corinto pelos romanos, a identidade grega da cidade não foi totalmente esquecida. Quando visitou a cidade, Pausânias provavelmente presenciou a integração de novos cultos, mas também teria testemunhado muitas das crenças tradicionais de Corinto, que foram restabelecidas na recém conquistada colônia romana.

A cultura grega vinha se difundindo de Ocidente a Oriente desde a época de Alexandre, na construção de templos e teatros, na instrução da elite e em relações comerciais. No entanto, as identidades étnicas de cada localidade subjugada pelos impérios que se seguiram não deixaram de existir, sobretudo em suas normas culturais, como na sua forma de cultuar deuses locais ou de enterrar seus mortos. Como destaca Guarinelo (2009, p.158), um movimento de integração se constituiu, no mundo romano,

> [...] numa multiplicidade de identidades étnicas praticamente irredutíveis e apenas parcialmente integradas [...] a partir da construção, forçosamente artificial, de dois campos identitários distintos, o latino e o grego, definidos basicamente pela aderência a certas provas e padrões culturais de caráter elitista.

Corinto, desse modo, combinava características gregas, mas também recebia as influências orientais. Ísis teria desempenhado grande influência no mundo greco-romano a partir do século II a.EC., ainda que referências à deusa já

sejam atestadas séculos antes. No mundo greco-romano, a deusa egípcia foi assimilada a Deméter, no que tange à maternidade, à fertilidade e também ao renascimento. A fertilidade do solo, neste sentido, se relacionaria com o ciclo da natureza de morte-vida-renascimento, pois ambas as deusas proporcionariam a fertilidade da terra e, consequentemente, a vida humana.

Pausânias (1918, p.271) se refere a recintos erguidos em devoção à Ísis na subida do Acrocorinto. Segundo ele, tratam-se de diferentes menções à Ísis: dois locais à Ísis chamada *Pelagian* (Marinha) e outro à Ísis Egípcia. O autor antigo ainda menciona outros dois locais, mas em devoção a Serápis, sendo um deles associando o deus à estrela Canopus.



Serápis, comumente cultuado junto à Ísis, foi elevado à categoria de deus nacional no Egito helenizado do século IV a.EC., por Ptolomeu I Soter, a fim de unir gregos e egípcios. Mesmo o deus se tratando da junção de duas divindades egípcias (Osíris e Ápis), Serápis era representado com características de Zeus, devido à influência grega presente no Egito. Os mistérios de Ísis e Serápis se popularizaram no mundo romano, comportando festas públicas ao longo do ano, culto diário e também ritos secretos, de caráter iniciatório.

Mas o culto egípcio passou por alguns percalços com o domínio romano. Como salienta Silva (2001, p.02), Augusto, quando lutava contra a "ameaça orientalizante" de Marco Antônio e Cleópatra, proibiu o culto egípcio, repressão continuada com Tibério. A partir de Calígula, no entanto, não ocorreram mais perseguições. Este último, a propósito, não apenas permitiu, mas incentivou o culto e, nos governos seguintes, não ocorreriam mais perseguições brutais contra os devotos de Ísis.

Todavia, Fantacussi (2006, p.41) alega que as características do culto isíaco teriam incomodado o governo romano em alguns momentos, sobretudo pela autoridade extra romana que exercia dentre os iniciados, promovendo uma espécie de segregação social em relação aos não-iniciados, já que os adeptos do culto se viam separadamente em relação aos demais habitantes do império.

Por outro lado, a distinção social quase nula dentre os membros do culto atrairia principalmente mulheres e libertos, que poderiam adquirir papeis importantes na liturgia. Esta significativa presença das mulheres, desempenhando papeis de destaque e estando presentes em grande quantidade, acabou levando a

sociedade romana a se preocupar com as proporções que tomavam as procissões, festivais e principalmente os mistérios, que fugiam a qualquer vigia.

Tanto as atividades diárias como os festivais em datas específicas faziam parte do cotidiano romano. Fantacussi analisa a narração de Apuleio do *Navuigium Isidis*, festival ocorrido em março, onde se formava uma procissão, composta por homens e mulheres vestidos de linho, de diferentes idades e estratos sociais, seguindo em coro e carregando objetos específicos, que poderiam indicar o nível da iniciação de cada um. No entanto, nem todos devotos de Ísis eram iniciados, pois a iniciação dependeria do chamado onírico da deusa. Além disso, os instrumentos necessários tinham altos custos, deixando-a inacessível para boa parte das pessoas.



Na iniciação, o neófito morreria e renasceria, em uma identificação com o deus Osíris, que fora morto por Seth, mas ressuscitado por sua irmã e esposa Ísis. A deusa, dessa forma, ressuscitaria também seus iniciados. Como salienta Koester (op. cit., p.193)., depois da morte, estes seriam elevados à qualidade de estrelas, passando a pertencer ao mundo eterno. O iniciado, então, morto para a vida antiga, seria ressuscitado pela deusa para uma nova existência que se culminaria no pós-morte. No entanto, o iniciado não precisaria esperar a morte para sentir os efeitos do contato com a deusa: após a iniciação, o neófito já estaria morto para a vida anterior e já se encontrava renascido para uma nova existência. Assim, conforme Alvar (1995, p.492), esta união mística com a divindade levaria o iniciado a conhecer a ordem cósmica e o significado da existência, desvendando, desse modo, o mistério.

O culto a Dioniso também teria caráter soteriológico em sua dimensão mistérica. Grimal (2005, p.123) relata a versão do mito de Dioniso em que Sêmele, ainda grávida, teria morrido fulminada por não ter suportado o esplendor de Zeus. Para salvar seu filho, Zeus o teria retirado da barriga da mãe para fecundá-lo em sua coxa, o permitindo renascer. O deus, que pertence à segunda geração dos olimpianos, crescera se escondendo de Hera, enciumada esposa de Zeus, que o perseguia desde antes de seu nascimento.

Já adulto, antes de subir para o Olimpo, Dioniso teria descido ao submundo para resgatar sua mãe, que se encontrava nas profundezas do mundo dos mortos. Mas Hades só permitiria que Dioniso levasse a sombra de Sêmele se lhe deixasse algo que lhe fosse muito caro. Dioniso, então, consegue levar sua mãe ao deixar o

mirto para Hades. Além da ressurreição de sua mãe, Dioniso também conseguira trazer sua futura esposa, Ariadne, de volta do Hades. Eliade (op. cit., p.248) destaca que ela simbolizava a alma humana, que seria libertada da morte por Dioniso, além de ser unida em núpcias místicas com o deus.

Pausânias relata a existência de diversos monumentos, estátuas, templos e santuários Dioniso na região de Corinto. Tudo isso certamente estaria presente, também, nas sociedades de artistas dionisíacos e, sobretudo, em locais reservados, como as residências, onde se realizariam as iniciações. Pausânias (op. cit., p.419) relata a referência a Dioniso como salvador, ao ser chamado pelo sobrenome *Saotes* em um altar erguido próximo ao templo de Ártemis. O autor antigo ainda ressalta a execução de ritos noturnos em homenagem ao deus, ocorridos todos os anos perto do rio Alcyonian,[4] nas redondezas de Corinto, que não deveriam, nas palavras do autor, "ser divulgados ao mundo em geral". (Ibid., p.453).



Segundo Eliade (op. cit., p.248), Dioniso era o deus mais popular tanto na época helenística quanto na romana. Já Koester (op. cit., p.184-185) defende que os mistérios de Dioniso eram os mais proeminentes, mas o deus seria o segundo mais venerado no mundo grego, ficando atrás apenas de Asclépio. No entanto, ainda segundo o Koester (Ibid., p.187), o crescimento cada vez maior dos adeptos do dionisismo teria incomodado o governo romano no século II a.EC., levando o senado a proibir os Bacanais em 186 a.EC. Neste momento, foram adotadas medidas severas contra seus praticantes, inclusive execuções em massa.

A prática, no entanto, não deixou de ocorrer nas casas particulares, no âmbito individual. Koester ainda argumenta que a medida teria sido dada devido à preocupação dos governantes em perceber o crescimento de uma organização com ideias revolucionárias, que desafiavam a ordem estabelecida ao ignorar distinções de nível social e por dar regência às mulheres.

Porém mais tarde, segundo Grimal (op. cit., p.123), César provavelmente restaurou as cerimônias báquicas, uma vez que Dioniso ocupou um importante papel no período romano – ainda que as iniciações mistéricas continuassem no âmbito secreto.

## Considerações Finais

[4] Pausânias (op. cit., p.453) reitera que foi por meio deste rio que Dioniso trouxera de volta do Hades sua esposa Sêmele.

O conforto da “garantia” de uma existência no pós-morte. Talvez a popularidade dos cultos de mistério se deva, sobretudo, à sua capacidade em preencher anseios pessoais. As intensas trocas culturais, características do período helenístico e romano, proporcionaram uma diversidade que não se contentava mais com o silêncio em relação ao além ou às sombras sem vida do Hades homérico.



Os romanos passaram a se preocupar fortemente com essa questão, o que gerou um ambiente mais que propenso ao desenvolvimento e à repercussão dos mistérios. Devido ao seu caráter secreto, os mistérios usufruíam da liberdade dos locais privados ao escaparem à subordinação da política romana. Além disso, tais cultos garantiam um contato íntimo com a divindade ao se preocuparem não apenas com a existência terrena, mas principalmente com a transcendência da morte.

Essa mentalidade individualizante passaria a conceber os homens como “senhores de seu próprio destino”, o que se distanciava da tradicional concepção greco-romana de vulnerabilidade humana frente aos desígnios dos deuses. A obtenção da imortalidade elevaria o homem a uma condição divina, lhe garantindo conforto espiritual ao destiná-lo a um local de bem-aventuranças junto à divindade cultuada. Dessa forma, os deuses, ao se aproximarem dos seres humanos intimamente, transformariam a natureza dos outrora mortais, superando-se, assim, a matéria, a morte e o destino – o fatalismo astral da Túchê/Fortuna, que determinava o destino tanto das cidades quanto dos homens.

Entretanto, a popularidade dos mistérios daria lugar a outra forma de culto que ganhava cada vez mais adeptos no mundo romano desde o século I EC. No século IV da nossa era, o conflito identitário entre as religiões de mistério e o cristianismo terminou por favorecer o segundo, que gradualmente foi ganhando espaço não somente no âmbito popular, mas também entre as elites provinciais, inclusive o próprio imperador. Tudo isso contribuiu para o desaparecimento gradual dos mistérios.

Neste século, portanto, os mistérios passaram a perder prestígio consideravelmente ao serem combatidos pelas autoridades cristãs, que se esforçavam para deixarem claras as diferenças do cristianismo dos mistérios – mesmo que ambos se assemelhassem em alguns aspectos (como a soteriologia); ainda que se diferenciasse radicalmente em outros (como o caráter secreto dos mistérios e o evangelizador do cristianismo).

## Referências


ALVAR, Jaime. Los cultos egipcios. In: ALVAR, Jaime, et al. **Cristianismo primitivo y religiones mistéricas.** Madri: Ediciones Cátedra, 1995, p.470 – 498.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega, volume II.** Petrópolis, Vozes: 1987.

BOOKIDIS, Nancy. Religion in Corinth: 146 B.C.E. to 100 C.E. In: SHOWALTER, Daniel N., FRIESEN, Steven F. (Org). **Urban Religion In Roman Corinth:** Interdisciplinary Approaches. Cambridge: Havard University Press for Havard Theological Studies Havard Divinity School, 2005, p. 141-164.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas, volume II:** de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FANTACUSSI, Vanessa A. **O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II:** representações nas *Metamorfoses* de Apuleio. Assis, 2006, 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2006.

GINGRICH, F. Wilbur. DANKER, Frederick W. **Léxico do N.T. Grego/Português.** Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova,1984.

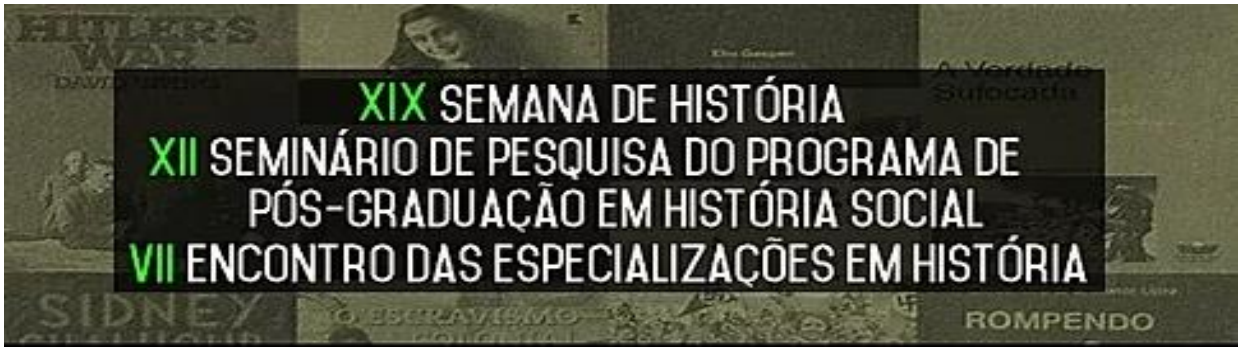
GUARINELO, Norberto L. Império Romano e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro P. et. al. **Política e Identidade no Mundo Antigo.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009, p. 147-161.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana.** Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao novo testamento, volume I:** história, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.

PAUSANIAS. **Pausanias:** descripition of Greece. v.1. English translation by W. H. S. Jones, M. A. Cambridge: Catherine's College, 1918.

SILVA, Gilvan Ventura. Um exemplo de polêmica religiosa no século II a.C.: a oposição Ísis X Atargatis nas Metamorfoses de Apuleio. **Revista Semestral do Departamento de História da Ufes, nº09.** Vitória: CCHN/EDUFES, 2001, pp.27-39.






# CONCEPÇÕES DE LEGITIMIDADE REAL NA FORMAÇÃO DO IMPÉRIO CAROLÍNGIO

Guilherme Tavares Lopes Balau
(Graduando em História pela Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** No trabalho apresentado intenta-se compreender a maneira em que a legitimidade do poder real é tornada aspecto fundamental no estabelecimento do poder político carolíngio, bem como na posterior coroação de Carlos Magno enquanto imperador, e de que maneira se deu tal processo histórico. Ao longo do desenvolvimento do poder político nos primeiros séculos após a queda do Império Romano (476 E.C.), diferentes relações de poder floresceram na reorganização dos territórios pelos reis germânicos. Conflitos com a contraparte oriental na figura do Império Bizantino, embates ardentes de conceituações religiosas que traduziam a lutas de ideologia política e o surgimento da terceira grande religião monoteísta abraâmica do Islã são apenas alguns dos aspectos que participaram da mutação do *status quo* diretamente pós-romano, confluindo na organização merovíngia que resultará, em uma perspectiva diacrônica, na entronização do poder político da dinastia carolíngia e consequentemente na coroação de Carlos Magno como imperador. Palco de intenso debate historiográfico acerca da interpretação de fenômenos do período e vítima da fragmentação documentária característica do período, a ascensão do império carolíngio é entendida, no presente estudo, como um longo processo de acomodação das práticas políticas e aspectos de constituição e legitimação do poder germânicas em fusão com as romanas católicas. Essa junção de tradições em uma realidade histórica específica do ambiente formativo carolíngio terá reflexos na história das ideias políticas que permearão todo o processo da história do ocidente medieval, a notar pelas posteriores continuidades e reapropriações litúrgicas e legitimadoras do poder político da realeza e seus conflitos inerentes com o poder eclesial. Reflexos deste 'ambiente formativo' são as produções de teóricos do período que revelam suas ideias em relação àquilo que compreendiam enquanto mera realidade. Na pesquisa aqui empreendida, o papel da historiografia e dos 'espelhos de príncipes' escritos em contemporaneidade com a formação da mentalidade secular evidenciarão essa legitimação no discurso de representação da figura de poder, pois a percepção dos eventos históricos na narrativa documental leva em conjunto as conceituações específicas de sujeitos históricos, e estudar seus conceitos e a necessidade expressa em seus registros daquilo que entendiam como fatos importantes relacionáveis à sua história apresenta à historiografia contemporânea aspectos chave para entendimento das ideias e teorizações sobre o poder político durante a formação do império carolíngio.

**Palavras-chave:** Espelhos de príncipes; Poder e legitimidade; Império Carolíngio; Historiografia medieval.



## Introdução e justificativa

Após a queda do Império Romano do Ocidente, com a deposição de Rômulo Augusto por Odoacro (476 d.C.), a composição elementar do poder político toma nova forma a partir da junção de elementos da tradição romana, germânica e cristã, que sintetizam conceitos que trazem a legitimidade que ostenta a figura de um governante. Na pesquisa, as características da representação da figura de Carlos Magno na sua principal biografia, *Vita Karoli*, escrita por Einhard, cortesão carolíngio, denotam a concepção de poder e a mentalidade que legitimam a figura do rei franco, coroado imperador dos romanos no ano de 800. Para tanto, é necessário compreender os desdobramentos do século VIII, especialmente a associação entre as duas esferas de poder, secular e eclesial, produto da associação entre a corte carolíngia de Pepino, o Breve, com o bispo de Roma. Até Pepino, a posição de poder carolíngio mantinha-se tradicionalmente na categoria de mordomos do palácio merovíngio. Com o auxílio da Igreja Católica, o rei merovíngio Childerico III é deposto e Pepino é ungido rei dos francos, naquilo que Eric Voegelin denominaria o "precedente para a arbitragem papal em questões internacionais" (2012, p. 67). A associação entre as duas esferas para legitimação e proteção mútuas garantiu desenvolvimentos sociais baseados nessa estrutura política, bem como uma forma de legitimação política que inaugura o lugar-comum das relações à posteridade medieval.

Através da contextualização das noções representadas na fonte com a realidade dos sujeitos históricos, é possível se aproximar das teorizações do poder político que se formavam no ocidente, e, com isso, compreender a importância da representação atrelada à conceituação sócio-política legitimadora para entronização do poder carolíngio. Nesse sentido, justapor o conceito de história com a visão de mundo do período é essencial, pois a historiografia no período medieval como um todo é parte da visão de mundo cristã, atrelada à teologia, e, portanto, revelada na representação do passado enquanto o agir da providência divina (GOETZ, 2006). Dessa maneira, a representação da história carolíngia por Einhard é tida de maneira lógica, providencial, de maneira que a herança do reino e a coroação de Carlos Magno são um direito claro passado de seu pai. "Para os

contemporâneos da coroação, a transferência do império não foi um ato do papa, nem do rei franco, nem do povo de Roma, mas um ato de Deus. A providência divina mostrou suas intenções por meio do curso que a história tomou [...]" (VOEGELIN, 2012, p. 61). Essa representação da história é, também, uma seleção de fatos a serem narrados para serem concebidos – a consciência histórica (*Geschichtsbewußtsein*) é produto de uma imagem da história (*Geschichtsbild*), e essa percepção do passado por sua vez é determinada pela conceituação dos sujeitos que a interpretam à luz de sua realidade (GOETZ, 2006). Portanto, a representação da figura de Carlos Magno também denota a autoridade da dinastia carolíngia aos seus contemporâneos, construindo e monumentalizando a si como legítima representante da esfera secular no poder político.



A pesquisa, ainda em desenvolvimento, busca introduzir aspectos que podem ser ainda mais explorados em relação à ascensão do Império Carolíngio, período focal para o estabelecimento posterior das relações políticas ocidentais. Também, a perspectiva adotada segue a linha teórica de historiadores alemães, especialmente a *Vorstellungsgeschichte*, história das concepções/representações, esboçada principalmente por Hans-Werner Goetz quando trata do conceito de *construção da história* no período medieval, devidamente esquematizada no tratamento da fonte aqui trabalhada, que pode colaborar ao adotar novas perspectivas de se pensar a escrita e representação da história em sua relação com a experiência histórica no tempo e no espaço.

**Objetivos**

O objetivo geral da pesquisa propôs demonstrar a importância da construção da história para a representação da legitimidade do poder político na constituição do Império Carolíngio.

Os objetivos específicos buscaram compreender a estrutura de poder que se forma na reorganização do poder político ocidental após a queda do Império Romano, bem como apresentar a importância de compreender o papel da junção de duas esferas de poder político na realidade medieval, e analisar de maneira geral as circunstâncias do Renascimento Carolíngio, contexto histórico do período aqui tratado, que se mostra produto das relações políticas entre a igreja e o império.

**Resultados**

Através da apresentação da pesquisa no evento, foi possível demonstrar, através da aplicação do método de análise esboçado, reflexos da realidade política na concepção da legitimidade do poder do autor da biografia de Carlos Magno. Exemplos dessa constatação foram apresentados na apresentação da coroação de Pepino, pai de Carlos Magno como um direito hereditário, bem como na contraposição dos carolíngios contra seus principais inimigos, especialmente os Saxões, mas também contra sujeitos que se revoltaram perante a centralização política, como Tássilo, duque da Bavária. Ademais, os efeitos da homogeneização social e política e do fomento à cultura das letras do renascimento carolíngio também estão representados e denotam a importância que o fenômeno teve para o desenvolvimento social e cultural do período, pois o 'humanismo carolíngio' produto das reformas estruturais foi um responsável sem igual ao legado da tradição latina até os dias de hoje – em uma carta enviada a Carlos Magno, Alcuíno, monge envolvido nas reformas intelectuais, escreveu: "se muitos se convencessem das vossas intenções, surgiria em França uma nova Atenas, uma Atenas mais bela do que a antiga, digo-vos eu. Porque, enobrecida pelos ensinamentos de Cristo, a nossa excederia a ciência da Academia" (ALCUÍNO *apud* WOLFF, 1973, p. 58). A figura de Alcuíno, neste sentido, representa uma importância focal às ações intelectuais do renascimento carolíngio, pois esteve à frente de decisões que envolveram a permanência de autores da tradição clássica latina, permitindo sua adaptação à realidade dos sujeitos contemporâneos.



Um aspecto implícito à representação dos feitos por Einhard, mas latente no anseio político de sua obra é a consolidação do corpo de uma cristandade latina. A característica que fica presente à cristianização dos povos saxões é a necessidade de união em uma só identidade. O renascimento carolíngio acaba por ser, em sua essência, uma ação de homogeneização em torno da identidade comum, auxiliado por projetos como a Exortação Geral [*Admonitio generalis*], de 789, que possuiu papel preponderante no estabelecimento da força política dos carolíngios, mas também do lastro de coesão que foi a Igreja Católica. Com isso, a análise propôs a importância da constituição de fenômenos exteriores ao entendimento da realidade social estudada, o que permite compreender as causas paralelas e sincrônicas da obra composta por Einhard.

**Considerações Finais**

O estudo das representações das figuras históricas permite adentrar à concepção que traduz a realidade dos sujeitos históricos no contexto trabalhado, e com isso colaborar com o progresso dos estudos sobre as concepções políticas e sociais no tempo e no espaço. A representação de uma figura traz um ideal a ser alcançado para seus contemporâneos, de maneira que os conceitos legitimadores do poder podem ser entendidos através das obras que se caracterizam por 'espelhos de príncipes'. Entender a figura de Carlos Magno na obra de Einhard é, antes de tudo, entender uma imagem que contrasta com o tempo em que a obra foi escrita. Precisado em meados da década de 20 do século IX, é composta no reinado de Luís, o Pio, que sucede a seu pai como imperador dos romanos. Nessa perspectiva posta, Carlos Magno torna-se um governante ideal, imbuído das características legitimadoras que são representadas de maneira a construir a história da vida do soberano como resultado de suas decisões e conduta, o que o torna símbolo do poder idealizado na concepção da comunidade da cristandade ocidental.



Para a continuidade da pesquisa mais fontes serão analisadas, principalmente a biografia do governante escrita por Notker, o Gago, já meio século após Einhard, e os Anais do Reino dos Francos, com dados anuais sobre os principais eventos do período, abrangendo de 741 a 829, principal fonte documental para os autores do período. Essas obras permitirão uma explanação mais abrangente sobre o significado do conceito de história do período para seus contemporâneos, bem como permitirão uma pesquisa mais extensa e inclusiva das realidades do período, contribuindo para o estudo das relações de poder e ao estado da arte do período abordado.

## Referências Bibliográficas

EINHARD. Life of Charlemagne. in GANZ, D (org). **Einhard and Notker The Stammerer:** Two Lives of Charlemagne. Londres: Penguin Books, 2008. E-Book.

FAŁKOWSKI, Wojciech. The carolingian speculum principis – the birth of a genre. Tradução de Agnieszka Kreczmar. **Acta Poloniae Historica**, n.98, p.5-27, 2008.

GOETZ, Hans-Werner. Constructing the past. Religious dimensions and historical consciousness in Adam of Bremen's Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum. In: MORTENSEN, Lars Boje (org.). **The Making of Christian Myths in the Periphery of Latin Christendom.** Copenhague: Museum Tusculanum Press, Universidade de Copenhague, 2006, p. 17-51.

KOSELLECK, R.; ENGELS, O.; GÜNTHER, H.; MEIER, C. **O conceito de história.** Tradução de René E. Gertz. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.

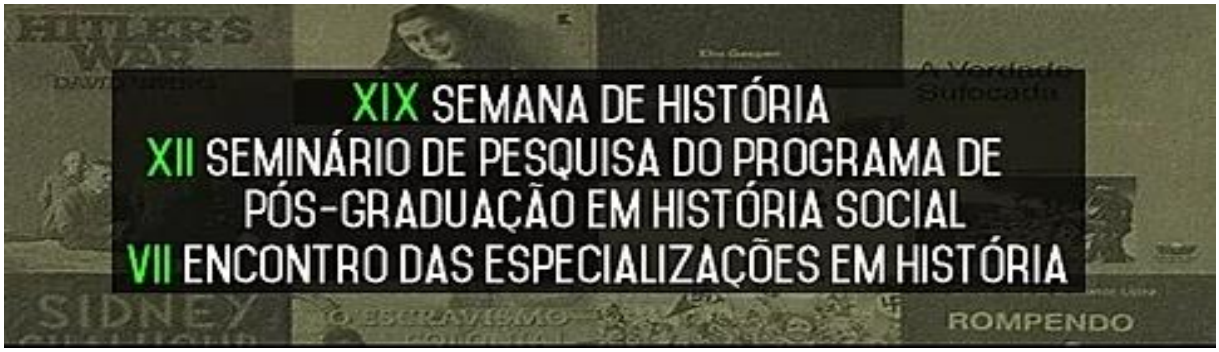
MIETHKE, Jürgen. **Las ideas politicas de la edad media**. Tradução de Francisco Bertelloni. Buenos Aires: Biblos, 1993.

OAKLEY, F. **Empty Bottles of Gentilism**: kingship and the divine in Late Antiquity and the Early Middle Ages (to 1050). New Haven: Yale University Press, 2010.

VOEGELIN, E. **História das ideias políticas – volume II**: Idade Média até Tomás de Aquino. Tradução de Mendo Castro Henriques. São Paulo, SP: É Realizações, 2012.

WICKHAM, C. **The Inheritance of Rome**: illuminating the Dark Ages 400-1000. Londres: Penguin Books, 2009. E-Book.

WOLFF, Philippe. **O despertar da europa**. Tradução de António Gonçalves Mattoso. Lisboa: Ulisseia, 1973.






# O ALÉM E A CULPA À LUZ DE AGOSTINHO DE HIPONA

José Walter Cracco Junior[1]

**RESUMO:** Estudamos variados *Sermões* de Agostinho de Hipona e compreendemos uma preocupação recorrente do bispo: repreender os vícios do indivíduo. Tais repreensões foram empregadas através de práticas discursivas que pretendiam moldar o caminho correto a ser seguido pelo indivíduo. No entanto, junto a essas indicações estavam outras, com caráter de culpabilização pelos atos cometidos e atreladas às consequências imaginárias na vida após a morte. “É melhor carecer de um inimigo do que ter que vencê-lo”, escreveu o bispo de Hipona. Interpretando a alegoria utilizada na frase, entendemos que o inimigo em questão seria o Diabo e seus lacaios, responsáveis por atentar contra o homem no mundo. Portanto, seguindo a conduta indicada pela Igreja o indivíduo não precisaria vencer quaisquer inimigos, posto que não se desviaria de seu caminho em busca de uma vida afável. Assim sendo, na literatura patrística de Agostinho de Hipona interpretamos o engendramento de um imaginário sobre o Além. Esse Além descrito por Agostinho aparece como um lugar de tormento, especialmente para aqueles que caem nas emboscadas do Diabo, podendo essas emboscadas serem entendidas como alavancas para o pecado e o rompimento das condutas. À vista disso, exploraremos a ligação entre a construção de um Além por meio do sentimento de culpa do indivíduo que viria a legitimar um projeto moral maior.

**Palavras chave:** Além; Culpa. Agostinho de Hipona.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte de nossa pesquisa de mestrado em fase inicial, nossas primeiras leituras e interpretações acerca dos escritos filosóficos de um dos homens mais notórios e influentes no que hoje denominamos Antiguidade

[1] Mestrando em História na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp-Assis. E-mail: josecracco@outlook.com

Tardia e Idade Média: Agostinho de Hipona. Interpretamos seus escritos a partir da análise crítica de discurso, haja vista que entendemos a linguagem como parte da vida social, nos permitindo compreender elementos sociais, culturais e religiosos (FAIRCLOUGH, 1992;1997). Assim sendo, investigar a filosofia da culpa instituída discursivamente pelo bispo de Hipona a partir de seus *Sermões* nos permite avançar na compreensão sobre um imaginário cultural e religioso que permeou o Norte da África dos séculos IV e V d.C.



A trajetória intelectual de Agostinho é vastamente conhecida e explorada pelos mais diversos ramos do conhecimento, haja vista que a sua envergadura intelectual e as variadas questões que demandaram sua atenção. Portanto, não iremos nos ater a sua infância católica, seus contatos com maniqueus, neoplatônicos, estóicos até sua conversão ao cristianismo católico; tomaremos como ponto de partida Agostinho convertido, tendo o maniqueísmo como apoio contestatório e o neoplatonismo como influência considerável. Dessa forma, esse estudo estará organizado seguindo um breve encaminhamento teórico atrelado ao contexto do bispo de Hipona. Desse modo, podemos perceber a problemática que nos guiará: a representação discursiva e o imaginário do Além enquanto lugar de tormento. Desenvolvendo a problemática, averiguar a forma como a conduta foi proposta alarga o entendimento sobre o que Agostinho de Hipona considerou como conduta ideal e/ou diretrizes de comportamento. Com isso, interpretamos as implicações punitivas do rompimento da conduta, de um lado a interiorização da culpa e de outro a indicação do tormento eterno.

## ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS

Antes de adentramos o cerne de nossa problemática é necessário deixarmos claro os pressupostos teóricos-metodológicos adotados em nossa narrativa, haja vista que tal reflexão é basilar ao ofício do historiador e “eximir-se de levá-la a efeito é uma forma de evitar, por um lado, perder seu tempo e, por outro, expor-se às críticas dos pares” (PROST, 2008, p.9). Sendo assim, longe da noção de perda de tempo, e com o intento de dialogar com nossas problemáticas, levaremos a cargo essa empreitada.

No bojo deste trabalho realizamos o diálogo entre História e Filosofia, posto que são basilares para o entendimento dos escritos de Agostinho de Hipona. Assim

sendo, mais do que entender o seu pensamento precisamos compreender as representações que foram adotadas pela Igreja Católica, pois influenciaram o cotidiano ordinário das pessoas, operando nas razões sensíveis, no imaginário e na moralidade. Assim,

> Compreendemos, pois, uma e outra, não somente como disciplinas, mas como categorias do saber que, unidas de tal forma, constituem-se mais do que em conhecimentos disciplinados, em um conhecimento tendencialmente unívoco, inclusive por cuidarem e contemplarem conceitos que são nevrálgicos para uma e outra disciplina, como os de tempo, sagrado, política, humano e humanidade (AMARAL, 2016, p.11).



Nesse sentido, entendemos que a filosofia é basilar à vista que nos possibilita uma reflexão abstrata do contexto intelectual de Agostinho de Hipona, isto é, pensa não somente Agostinho, mas sim o pensamento que pensou esse objeto naquele momento e em tempos vindouros (AMARAL, 2016, p.16). Dessa forma, podemos avançar a compreensão e concordar com Georges Duby (1995, p.136) sobre o fato de que “os documentos só esclarecem diretamente as ideologias que respondem aos interesses e às esperanças das classes dirigentes”. Com isso, o historiador deve lançar mão de teorias e métodos que o munem para interpretar as intencionalidades do autor, porta voz de uma instituição, e do contexto desse documento, posto que, bem como sustentou Michel de Certeau (1982, p.43), um documento sempre é produzido a partir de um lugar social, político e econômico.

## BREVE CONTEXTO DE AGOSTINHO E O INÍCIO DA PROBLEMÁTICA

Os séculos IV e V d.C. são marcados por mudanças estruturais na sociedade romana e “romanizadas”, tendo em vista a reorganização diante dos saques germânicos e as próprias contradições internas do Império. O Norte da África romana guarda singularidades em relação aos grandes centros do Império Romano.

> A África do Norte é, de todas as regiões do Ocidente romano, aquela que durante mais tempo manteve as tradições cívicas e o urbanismo em sua forma clássica. Embora suas cidades tivessem sido privadas, ao longo do século IV, de muitos de seus recursos e de parte de sua autonomia, elas ainda mantinham, no início do século V, uma vigorosa vida municipal (OLIVEIRA, 2013, p.387).

Todavia, a situação política de Roma não predispunha aos seus governantes e a população um aproveitamento cívico naquele momento, visto que o saque de Alarico causou agitação enorme em todas as estruturas baixo imperiais. No sentido

religioso-político, Agostinho não eximiu em defender o Império Romano e o cristianismo de ataques teóricos-retóricos. Em defesa do cristianismo escreveu uma obra intitulada *Cidade de Deus* em que apontou o "declínio" do Império vindo desde o paganismo antigo e não como fruto da adoção do cristianismo pelo Império. Tendo em vista que autores pagãos, ou melhor, os acadêmicos defendiam essa tese.

Posto isso, mesmo no tempo do bispo de Hipona o cristianismo estava em igualdade de condições com as demais religiões, mas lidava com variadas oposições dos romanos, principalmente dos camponeses, pois tinham "uma visão particular da religião" (GARRAFFONI, 2012, p.56), visto que o politeísmo era dominante na cultura religiosa romana. No norte da África dos séculos IV e V d.C. é possível notar uma pluralidade de religiosidades: judaísmo, cristianismo católico e "donatista", maniqueísmo, cultos berberes e cartagineses. De tal forma, como calcar o catolicismo agostiniano nesse berço fecundo de práticas e crenças religiosas? Investigaremos as dificuldades de Agostinho em lidar com tal empreitada e a relação com os indivíduos já cristianizados, no que diz respeito às suas condutas.



## A CONDUTA E A CULPA EM AGOSTINHO DE HIPONA

A adoção do cristianismo implica em uma dedicação moral e física pelo fiel, posto que como toda religião ele possui diretrizes de comportamentos. Sendo assim, caberia questionarmos: quais seriam as diretrizes cristãs em meados dos séculos IV e V d.C. e como os padres da Igreja, em especial Agostinho de Hipona, lidou com a implementação dos dogmas? É preciso notar que as religiosidades estavam calcadas em todos os estratos sociais, sobretudo nas práticas cotidianas ditas pagãs ao longo dos séculos. Assim sendo, como converter essas pessoas ao catolicismo num curto período temporal? Sem dúvidas seria uma tarefa impraticável, porém, ao assumir a exequibilidade dessa tarefa, a Igreja adota em seu discurso oficial a rápida conversão das populações, desprezando o enraizamento das religiosidades populares, alicerçadas a séculos. Igualmente, mesmo diante de tal contradição, como iriam estabelecer a "nova" religiosidade?

Estudamos variados sermões de Agostinho cuidando de repreender os vícios humanos, sempre indicando o caminho correto a ser seguido, porém em conjunto com a indicação da culpa pelos atos cometidos e mesmo as consequências

imaginárias na vida após a morte. “É melhor carecer de um inimigo do que ter que vencê-lo” (AGOSTINHO, 1983, p.380) escreveu o bispo de Hipona. Interpretando a alegoria utilizada na frase, entendemos que o inimigo em questão seria o Diabo e seus lacaios, responsáveis por atentar contra o indivíduo no mundo e vencer este inimigo seria aflitivo sob o ponto de vista moral e sensível.

Portanto, seguindo a conduta indicada pela Igreja, o indivíduo não precisaria vencer inimigos, posto que não se desviaria de seu caminho. De tal forma, podemos notar uma gama de advertência na frase acima, dado que além de indicar o caminho mais “viável” a ser seguido, ele estaria propondo um tormento a aqueles que não seguissem tal perspectiva, afinal, vencer o Diabo não seria uma tarefa fácil, sobretudo aquelas propostas carnais em que ocupam boa parte da atenção do bispo em seus sermões. Agostinho argumenta que é melhor não ouvir os desejos da carne, mas cumprir o que a lei ordena. Os sermões de Agostinho são fortes e direcionados para que o indivíduo deixe de seguir o caminho desviante e seja duro com seus pensamentos. Desta maneira,



> **Podemos ver que a ética agostiniana é concomitantemente teleológica, porque há um fim a ser alcançado que norteia a conduta humana, o qual é justamente Deus, criador de todas as coisas e a própria Beatitude.** Como também uma ética do amor, pois não basta ter um fim último almejado que oriente o homem, é preciso igualmente saber como devo me posicionar perante os seres em geral, na vida presente. A ordem do amor deve reger a vida humana, já que ela ajuda o homem a amar cada coisa por meio do amor com que deve ser amada e a ver o mundo e seus seres como sinal do invisível e meio para se atingir a vida feliz, ou seja, o próprio Deus uno e trino. **Entretanto, sem a devida humildade ensinada pelo Verbo encarnado, o homem continua com o rosto inchado, isto é, permanece dominado pelo orgulho que o cega e o impossibilita de viver essa ordem do amor e, por conseguinte, de atingir a pátria da bem-aventurança e o repouso tão almejado** (GRACIOSO, 2012, p.27, grifos nossos).

Porém, quando tratamos a perspectiva da vontade em Agostinho é basilar nos atentarmos a edificação de um conceito inaugurado pelo próprio bispo, seja no sentido de memória e inteligência, seja no sentido de liberdade e livre-arbítrio (CUNHA, 2000, p.7). A apreensão da vontade aqui nos interessa, pois está interligada com a moral e pode ser entendida no aspecto bom ou ruim, ou seja, o indivíduo pode ter vontades boas e vontades ruins. Tomemos a perspectiva de o indivíduo ter vontades mundanas, portanto, degradantes do ponto de vista moral. Assim, a vontade passa a ser entendida como alavanca para o rompimento da conduta ideal, logo levando ao pecado, pois a vontade humana está decaída desde

o episódio do pecado original, de acordo com Agostinho.

Conforme Agostinho (2014, p.26), é preciso desejar e materializar vontades boas, que aproximem o indivíduo a Deus e faça bem para sua alma, posto que vontades más somente contribuem para o rompimento da vida terrena; algo terrível sobre seu ponto de vista, uma vez que considera o *modus vivendi* como basilar para adquirir méritos para a vida futura, tendo, dessa forma, um Além afável (1983, p.823). Caso contrário, o indivíduo e sua alma sofreriam os tormentos num lugar desprezível e tormentoso. Portanto, cabe o questionamento: qual a conduta ideal colocada por Agostinho e/ou qual a sua justificativa para instituir uma lei sobre a conduta ideal?



A discussão sobre a vontade se interliga com a da Lei de Deus, visto que é a partir da Lei que se fundamenta e institui o comportamento moral. Assim,

> Sin la ley, en efecto, el pecado está muerto, es decir, está oculto, no se manifiesta. En algún tiempo yo viví sin la ley; mas con la llegada del precepto (ensinamento), el pecado revivió […] Por lo tanto, dijo, **la ley es ciertamente santa, y santo, justo y bueno el precepto.** ¿Lo que es bueno se convirtió para mí en muerte? De ningún modo. **No es la ley la muerte, sino el pecado**. […] ¿Por qué dudamos de que la ley se dio para que el hombre se encontrara a sí mismo? Mientras Dios no prohibía el mal, el hombre se desconocía; no descubrió la languidez de sus fuerzas **hasta que no recibió la prohibición de la ley. Se encontró a sí mismo y se encontró envuelto en males** (AGOSTINHO, 1983, p.418, grifos nossos).

Podemos analisar os termos de Agostinho sob dois vieses interpretativos: o primeiro é a busca pela justificação teológica e filosófica do cristianismo católico no Norte da África e o segundo é o alicerçamento de diretrizes de comportamento e a instituição da culpa a aqueles que não seguissem a Lei de Deus. Ora, se Deus é quem criou o mundo e os seres, como, naquele momento, explicar a propósito de as pessoas que viveram fora dos ensinamentos dele e num mundo marcado pelo pecado? Ou melhor, como considerar essas pessoas pecadoras sendo que as mesmas desconheciam a Lei de Deus? Mais do que isso, de que forma apresentar a Lei a essas pessoas e as colocar no caminho “correto”?

Ao justificar a Lei, Agostinho articula um discurso acerca da culpa, tendo em vista que santifica a Lei e romper com ela é o mesmo que romper com os ensinamentos de Deus, é assumir o orgulho humano e negar a luz divina, ou melhor, o indivíduo se afasta de Deus e de sua Lei por cobiça, em busca de uma falsa liberdade mundana. Como o próprio bispo de Hipona instituiu, não é a Lei a morte, mas sim o pecado, sendo ele consequência da quebra da Lei. Assim, ao pecar, o indivíduo atenta contra sua alma, pois quebra a diretriz de comportamento. Além

disso, a Lei de Deus mostra ao indivíduo todo mal existente no mundo e, portanto, acaba se justificando na medida em que apresenta um caminho seguro e que o livra de todos os males, tanto nessa vida como na futura. Todavia, ela também apresenta ao indivíduo o sentimento de culpa e medo por romper com ela, logo, a obediência é a máxima expressão que o indivíduo deveria dedicar nessa vida (GILSON, 2006, p.285).



## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Entendemos que Agostinho de Hipona desempenhou um papel basilar na edificação da Igreja Católica, tanto no sentido institucional como no sentido dogmático, sobretudo na formação de parâmetros de conduta moral e de “diretrizes” de comportamentos em que o cristão deveria se orientar.

Nesse viés, entendemos que adaptou para a tradição cristã representações imaginárias acerca do Além enquanto lugar de castigo e punição a aqueles que rompessem com a estrutura dogmática. Portanto, é preciso refletir sobre a filosofia agostiniana percebendo as suas conotações históricas e como ela cunhou um imaginário da culpa e do medo personificado em seres e lugares fora deste mundo, no Além. Além esse utilizado como mecanismo moral e como princípio de crença pelo bispo de Hipona. Com isso, nos aproximamos da compreensão do cristianismo de culpabilização instituído por Agostinho no norte da África entre os séculos IV e V d.C.

## REFERENCIAIS

## FONTES

AGOSTINHO DE HIPONA. **La ciudad de dios.** Obras de San Agustín. Edición bilingüe (Latín-Español) tomo XVII y edición preparada por el padre FR. Jose Moran. Madrid: BAC, 1958. T.13

AGOSTINHO DE HIPONA. **Las confesiones.** Obras de San Agustín. *texto bilingüe*. edición crítica y anotada por el padre Ángel Custodio Vega. *Séptima edición*. (8.ª del autor). BAC. Madrid, 1979. Cap. XII, P.288

AGOSTINHO DE HIPONA. **Sermones.** Obras Completas de San Agustín *(2.A)* 51-116 Sobre Los Evangelios Sinópticos. Traducción De Lope Cilleruelo, Moisés Mª Campelo, Carlos Moran Y Pió De Luis Notas De Pió De Luis. Biblioteca Madrid:

BAC, 1983.

AGOSTINHO, Santo. **Sobre a vida feliz.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

**BIBLIOGRÁFICOS**

AMARAL, Ronaldo. Filosofia e História: um diálogo necessário. **Roda da Fortuna.** Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo 2016, Volume 5, Número 1, pp. 08-17. ISSN: 2014-7430



BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia.** Rio de Janeiro: Record, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DUBY, G. História social e ideologia das sociedades. In: LE GOFF, J; NORA, P. (Dir). **História:** Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change.** Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. Discurso, mudança e hegemonia. In: Pedro, R. M. (org.). **Análise crítica do discurso:** uma perspective sociopolítica e functional. Lisboa; editorial Caminho, 1997.

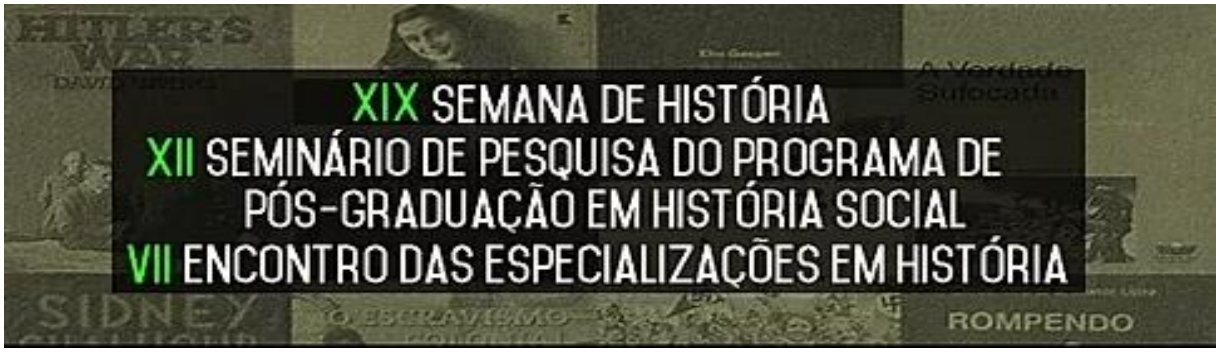
GARRAFFONI, Renata Senna. Romanos. In: **As religiões que o mundo esqueceu:** como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. (Org) Pedro Paulo Funari. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** São Paulo: Paulus, 2006.

GRACIOSO, Joel. A dimensão teleológica e ordenada do agir humano em Santo Agostinho. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 35, p. 11-30, 2012.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães De. O “clamor do pobre” e o “poder do povo” pobreza, cidadania e ação coletiva nas cidades da África Romana Tardia. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 50,2013, p.383-393.






# ALGORITMOS COMO TECNOLOGIA DE VIGILÂNCIA DO "SISTEMA DE FÁBRICA"

Camilla Voigt Baptistella[1]

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Bolsista pela Capes

**Resumo:** Da revolução científica aos dias atuais, a ciência e a técnica foram assumindo um espaço cada vez maior na influência cultural e política do mundo ocidental. Não apenas a técnica e sua documentação passaram a ter uma relevância cada vez maior, mas o homem, nesse processo, tornou-se parte essencial da tecnologia do controle. Dessa forma, o presente artigo parte da concepção que o modo de produção capitalista está intimamente ligado ao desenvolvimento de uma tecnologia do controle e da vigilância que, nos moldes apresentados por Foucault (2011), desenvolveram e propiciaram o refinamento do "sistema de fábrica" (DECCA, 2004). Este sistema, não tem sua tecnologia ligada à mecanização, mas ao controle e a subordinação de um conjunto de forças de trabalho que, aglomeradas e segmentadas pela divisão do trabalho, propiciaram a otimização e eficiência da produção capitalista. Com o aprimoramento das tecnologias digitais, esse sistema de vigilância se fortaleceu com a inclusão, ainda mais sutil e refinada, do controle pelos dispositivos móveis e, logo, pelos algoritmos que estão discretamente operando junto aos próprios usuários uma vigilância constante dos trabalhadores.

**Palavras-chaves:** História da Tecnologia; Algoritmo; Trabalho; Vigilância; Controle.

## Introdução

[1] É graduada em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e, atualmente, mestranda no Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: camilla.vbap@gmail.com.

O presente artigo busca retratar alguns aspectos que compõem o monitoramento, que do panóptico de Jeremy Benthan[2], culmina hoje no sistema composto por algoritmos de gerenciamento nos aparatos digitais. O foco principal está no mundo do trabalho e nas transformações que vem sofrendo no decorrer dos séculos com o aprimoramento das tecnologias da vigilância.

O principal objetivo é analisar o conhecimento da ciência e da tecnologia que o período do Renascimento funda com a ciência natural e o método experimental, os quais ultrapassam os níveis da experimentação curiosa de Leonardo Da Vinci para promover a sistematicidade como uma das principais características da Modernidade (FOUCAULT, 2011). Por sistematicidade compreende-se o interesse que conduziu as análises com base em um *corpus* de conhecimento organizado e transformado em método de forma que fosse transmissível, explicável e possível de verificação.



Assim, as subdivisões, a vigilância e as classificações, que ocorreram após o século XV, estabelecem um mecanismo funcional e hierárquico que ao mesmo tempo que fixa os elementos e sujeitos também permite que eles circulem de forma flexível. A realização e imposição das operações de sistematização pela individualização é fundamental para a promoção com sutileza das relações de vigilância, logo, controle dos corpos. Portanto, a individualidade marca as posições, os valores e garante a obediência, a economia do tempo e dos gestos. Os ideais por meio da classificação racional criam a conexão entre o singular e o múltiplo e promovem o poder a nível celular. Dessa forma, quanto maior a decomposição e a subdivisão, maior o controle e a aceleração da operação.

É uma transformação importante, pois deixa de haver a apropriação dos corpos, passando ao seu adestramento pela disciplina. Ao fabricar o indivíduo, a disciplina tem nele tanto seu objeto de ação como seu próprio instrumento de perpetuação. Então, ela utiliza mecanismos simples para modificar e impor seus processos. Como consequência, “a vigilância se torna um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de

[2] O panóptico de Jeremy Benthan é um mecanismo arquitetônico de vigilância que visava controlar os corpos dentro de um determinado espaço. Constituído de um edifício em anel que se dividia em celas tem no seu centro uma torre de vigilância. Tem como princípio de que o prisioneiro tenha a sensação de vigilância permanente. Ou seja, a certeza de ser visto é o que garante que o próprio indivíduo retome aos limites do poder.

produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar" (FOUCAULT, 2011, p. 169).

Nesse contexto, o "sistema de fábrica" (DECCA, 2004) é constituído como a substituição das técnicas de sujeição, por uma técnica ideologicamente compreendida como natural. A concentração dos trabalhadores tem no controle dos corpos, como afirma Foucault (2011), sua finalidade para a organização do trabalho que ocorre sob o olhar da gerência. O reflexo desse sistema é a vigilância como elemento central e de importância para o controle e condução dos corpos.



O desenvolvimento das tecnologias informacionais e da comunicação após a segunda metade do século XX possibilita que mecanismos mais sutis de monitoramento sejam desenvolvidos, propiciando, ao que tudo indica, um maior controle dos trabalhadores. Tais mecanismos são os algoritmos, os quais se tornam fundamentais para a promoção de uma vigilância delicada e quase invisível.

**Ciência e técnica como sistematização**

Para compreender melhor esse movimento, e suas conexões, partimos do que o autor Allen Debus (2002) considera como período da "Revolução Científica". Ela ocorreu entre meados do século XV e o final do XVIII e se refere principalmente ao aumento da influência cultural e política da Europa ocidental sobre outras regiões pela relevância das ciências e das tecnologias. Estas, nesse momento, possuem a magia como um elemento de peso e relevância na sua discussão. É importante compreender que era a magia que buscava a verdade divina na natureza; era por meio da magia que ocorria a tentativa do século XVI de unir ciência e religião (DEBUS, 2002). Portanto, o misticismo, a ciência e a tecnologia tinham uma combinação importante para o período.

Com isso em mente, compreende-se a Revolução Científica ou o Renascimento como o movimento de retorno do conhecimento, que possibilita o desenvolvimento de uma nova ciência. O interesse pela natureza permite a observação como um novo instrumento para entender os fenômenos naturais com intuito de aperfeiçoar a moral. Há uma crescente confiança, dessa maneira, na observação e na experimentação testável da teoria. Com isso, o interesse pela tecnologia propicia a instrumentalização, como pode ser verificado no aparecimento de compêndios das operações manuais: "contrastando com períodos anteriores, os

cientistas e os médicos reconheciam agora, abertamente, que o estudante deveria aprender com o homem comum" (DEBUS, 2002, p. 10). Assim, o foco vai para os artesãos e camponeses que conheciam na prática, e não no discurso, os processos das operações manuais.

As artes mecânicas eram uma forma de conhecimento e revelavam os processos da natureza, as quais eram desenvolvidas sobre si mesmas de forma progressiva e colaborativa. Dessa forma, os registros das técnicas começaram a ser um importante elemento da cultura (ROSSI, 2001). Nesse contexto, críticas surgiram referentes ao discurso e à prática; o discurso abstrato era separado até então da matéria, da prática, o que resultava, a partir de então, em uma nova concepção em que a prática estava conectada ao conhecimento.



Os séculos XV e XVI produziram, tratados técnicos que, de acordo com Paolo Rossi (2001, p. 69), "(…) é fácil concluir que as universidades e conventos deixaram de ser os únicos lugares onde se produz e elabora cultura", pois era uma bibliografia escrita por engenheiros, artistas e artesãos. Isso possibilitou o surgimento dos saberes relacionados às máquinas, que eram marcados pela arte manual que provinha direto dos que a praticavam. Os escritos passaram a mostrar, então, a consideração pelo trabalho manual e o seu saber como uma construção progressiva, o que representou uma grande alternativa histórica ao saber dos mágicos, alquimistas e hermenêuticos (ROSSI, 2001).

É, portanto, a partir desse período que a sistematização da ciência e técnicas modernas vão ser configuradas como característica importante. O ambiente em que ciência e as artes se compenetravam de forma real deixam de ser dominante para a imposição de um *corpus* sistemático de conhecimento, da sua transmissão, explicação e verificação como relevância.

**Controle como tecnologia**

Os movimentos produzidos no Renascimento foram resultados de processos que não ocorriam de uma única vez e que eram distintos em suas dimensões, formas e situações. São acontecimentos que, imitados, recordados e muitas vezes repetidos, se converteram em um processo de continuidade e aprimoramento. Aos poucos, eles passaram a definir um método mais geral (FOUCAULT, 2011).

Com isso em mente, o Renascimento alterou a escala dos processos ao prover os instrumentos que estabeleceram um método pela racionalização utilitária que produziu uma contabilidade moral e um controle político (FOUCAULT, 2011). A observação do detalhe, que o período do Renascimento promoveu, foi o que possibilitou o controle pela utilização das técnicas desenvolvidas com os saberes, os processos, as descrições e os dados, as quais produziram o homem moderno.



Assim, é possível compreender como o corpo, já na segunda metade do século XVIII, é objeto de poder pela manipulação, modelação, treinamento, obediência e habilidade. Pela coerção constante, os treinamentos progressivos e a docilidade automática dos indivíduos e dos coletivos, os corpos passam a ser "as engrenagens cuidadosamente subordinadas de uma máquina" (FOUCAULT, 2011, p. 162). Esse corpo está submetido à sistematização e seu controle é, então, realizado para a economia e eficácia dos seus movimentos que pela disciplina passa a ser em escala tanto nas operações como na sua dominação (FOUCAULT, 2011).

A disciplina, além de aumentar as habilidades e a sujeição, funciona como um mecanismo que relaciona o aumento da obediência com o da utilidade que não visa unicamente a realização de uma operação, mas o "como" esta operação é realizada, ou seja, quais técnicas, qual tempo e qual eficácia.

O tempo, então, "é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta" (THOMPSON, 1998, p. 272). Se impõe uma nova disciplina de trabalho que faz os trabalhadores disputarem o tempo, sendo os relógios usados não para medi-lo, mas como um disfarce para oprimir (THOMPSON, 1998).

Nas manufatura, os trabalhos não admitiam cronogramas, pois estavam envolvidos com outras tarefas conforme a necessidade. O modo de produção capitalista, por sua vez, não aceita o ciclo irregular da semana de trabalho que intercalam as atividades intensas de trabalho e a ociosidade. A disciplina garante, então, a adequação do tempo pelo controle do movimento e a vigilância garante sua imposição.

O indivíduo se torna um elemento que é, ao mesmo tempo, móvel e articulável a outros elementos. Ele deve ser treinados individualmente para as operações determinadas e depois articulados com outros corpos para formar um mecanismo de outro nível, mais complexo. O corpo é a peça de uma máquina, a qual "são também peças as várias séries cronológicas que a disciplina deve

combinar para formar um tempo composto" (FOUCAULT, 2011, p.158). A combinação visa a maior eficiência, sem desperdício de tempo.

Dessa forma, o capitalismo se caracteriza, inicialmente, pela substituição do trabalho artesanal e tradicional por um trabalho subdividido em tarefas e séries e realizado por trabalhadores que estão fragmentados em atividades, onde pouco importa o modo de produção, mas sim a organização do trabalho (BRAVERMAN, 1987).



O "sistema de fábrica", conforme abordado por Edgar S. De Decca (2004), estabelece uma relação de poder, que pela divisão social do trabalho, impõe uma disciplina aos trabalhadores ao retirar os saberes técnicos dos mesmos. Ele aparece como tecnologia que tem como finalidade a organização do trabalho, que impõe condutas a concentração dos trabalhadores. A inovação tecnológica aqui é pela domesticação e docilização do trabalhador, garantindo uma continuidade da produção e sua regularidade.

> As relações sociais, produzidas a partir da expansão do mercado capitalista – e o sistema de fábrica é seu 'estagio superior' – tornaram possível o desenvolvimento de uma determinada tecnologia, isto é, aquela que supõe a priori a expropriação dos saberes daqueles que participam do processo de trabalho. Nesse sentido, foi no sistema de fábrica que uma dada tecnologia pode se impor, não apenas como instrumento para incrementar a produtividade do trabalho, mas, muito principalmente, como instrumento para controlar, disciplinar e hierarquizar esse processo de trabalho (DECCA, 2004, p. 40).

A acumulação capitalista e a produtividade têm em suas bases a tecnologia como imposições disciplinares para controlar o trabalhador ao retirar dele o controle da sua atividade de trabalho que passa, então, a ser responsabilidade da gerência. O "sistema de fábrica" é composto por um conjunto de relações sociais que acontece em diversas instituições que, ao legitimar o controle e a disciplina, permite a apropriação dos saberes e conhecimentos (DECCA, 2004).

Ele é a produção de uma tecnologia que opera na apropriação de um conhecimento pela coerção, onde a vigilância é um dos elementos necessários a sua imposição, pois não se vigia mais apenas a produção em sua qualidade e quantidade, mas os próprios indivíduos em suas atividades, conhecimentos, comportamento e habilidades (FOUCAULT, 2011). O trabalhador é vigiado constantemente, mesmo quando não o percebe.

## Algoritmos como parte do “sistema de fábrica”

Com as transformações tecnológicas até então mencionadas, o final do século XIX e o início do século XX é marcado pela produção e pelo desenvolvimento de novos recursos, os quais confundem e desorientam. Recursos que aceleram o movimento, causam estranhamento e reorientam as percepções humanas. É o período de transformação do próprio homem como resultado da industrialização (SEVCENKO, 1998).



A Modernidade se relaciona com a tecnologia e com uma atitude individualista que deriva da disciplina. Ambas estão associadas aos símbolos cosmopolitas da Europa e dos Estados Unidos. É um período de incertezas e relutâncias, em que as mudanças da tecnologia trazem consigo alterações comportamentais. Elas difundem: velocidade, precaução, intensidade e ansiedade.

> (…) é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano. As filosofias da ação, os homens de ação, as doutrinas militantes, os atos de arrebatamento e bravura se tornam os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar. (…) Era a eletricidade passando para os corpos, imprimindo-lhes a compulsão do movimento, da ação, fosse espontânea, fosse mecânica, fosse em coordenação de massas (SEVCENKO, 1998, p. 569).

Conforme já trazido, o corpo que havia se transformado em espaço de análise do detalhe passa a ser instrumento de controle. Os próprios indivíduos em suas atividades, conhecimentos, comportamento e habilidades se monitoram. O aumento da divisão do trabalho e sua complexificação exigem também um controle e uma vigilância mais complexa, que passam a ser parte da produção.

A Modernidade altera os elementos principais da sociedade que eram a comunidade e a vida pública para centrar-se nos indivíduos privados e no Estado (FOUCAULT, 2011). É uma sociedade da vigilância:

> sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, processa-se o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo de sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos. (…) [estamos] na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens (FOUCAULT, 2011, p. 205).

O desenvolvimento de maquinários que alteram os instrumentos de trabalho, transformam a própria gestão pela análise tanto da força de trabalho quanto dos seus materiais e produtos. Todas as mudanças visam ao aumento da produtividade. Do desmonte do ofício com a fragmentação das tarefas do trabalhador, as análises da gerência almejam controlar cada elemento das funções. Como melhor exemplo disso, temos a gerência científica iniciada por Frederick W. Taylor que "(…) significa um empenho no sentido de aplicar os métodos da ciência aos problemas complexos e crescentes do controle do trabalho nas empresas capitalistas em rápida expansão" (BRAVERMAN, 1987, p. 82).



A lógica desenvolvida por Taylor nunca foi totalmente abolida da racionalidade do sistema de produção contemporâneo, sendo que as tecnologias da informação e comunicação que são desenvolvidas na segunda metade do século XX ajudam a reforçar tal necessidade de forma mais sutil.

A conexão em rede mundial de computadores, conhecida popularmente como internet, permite a coleta e a classificação de todas as ações cotidianas dos usuários, os quais geram bancos de dados armazenáveis das atividades de cada um. Dentro do ambiente de trabalho isso não poderia ser diferente. Como aponta a estudiosa Fernanda Bruno (2013, p. 130): "por parte das corporações, ao mesmo tempo em que costumam restringir o uso de redes sociais no ambiente de trabalho, utilizam estas mesmas redes para inspeção ou recrutamento de seus empregados".

Os algoritmos aparecem como os mecanismos responsáveis por essa captura, seleção e categorização dos dados, tornando-os analisáveis e gestores das condutas. Os algoritmos são sequências de prescrições para resolver um problema previamente compreendido, ou seja, são procedimentos para a realização de uma operação com intuito de solucioná-la automaticamente. Como são desenvolvidos por organizações, carregam valores sociais e éticos e não são neutros.

Como foi trazido, é pela observação dos detalhes que são produzidos os instrumentos de controle e a imposição de condutas sobre os corpos. Dessa forma, os algoritmos são integrantes importantes dos diversos sites e plataformas da internet que permeiam as relações de trabalho no mundo contemporâneo, carregando os valores e preceitos dos livros de administração e gestão. Eles são sistemas que permitem a acumulação de informação sobre o detalhe, processando-os de acordo com os anseios estabelecidos.

Compreende-se que “a modernidade faz o indivíduo entrar não apenas num campo de visibilidade, mas também num campo de informações, notações e descrições” (BRUNO, 2013, p. 146). Não mais apenas os gestos e os movimentos são passíveis de análise, mas as próprias intenções subjetivas são apropriadas com intuito de gerar um conhecimento preditivo. O objetivo é a possibilidade de intervenções que conduzam condutas e prediga comportamentos futuros. Portanto, são o estabelecimento de padrões em grupos sociais de acordo com um contexto de variáveis (BRUNO, 2013).



Considerando as plataformas digitais que não mais necessariamente concentram os trabalhadores em um local físico, podemos entender que elas reproduzem o já mencionado “sistema de fábrica” em um ambiente digital pela concentração dos trabalhadores que é realizada na própria plataforma pela gestão dos algoritmos. Trazemos aqui como exemplo o estudo de Alex Rosenblat e Luke Stark (2016) sobre a plataforma *Uber* e seus motoristas. Nesta pesquisa é demonstrado que os algoritmos são empregados na gerência dos trabalhadores pela utilização das informações assimétricas que esses mecanismos coletam e processam. Os motoristas são conduzidos a realizarem determinadas ações de determinadas formas pela denominada “gerência algorítmica”, ou seja, pela intervenção constante dos algoritmos nas atividades diárias dos motoristas. Assim, as plataformas digitais, ao que tudo indica, perpassam a sensação de liberdade e flexibilização, mas, na realidade, acabam por induzirem comportamentos e condutas de forma silenciosa e sutil.

Como nos moldes trazidos por Foucault (2011) e Decca (2004), a vigilância do detalhe e a concentração dos trabalhadores subordinados ao capitalista permanecem vivos e amplificados pelas tecnologias da informação e da comunicação, as quais reforçam a intensificação do trabalho e sua submissão a geração de valor.

## Apontamentos finais

O Renascimento com a criação de uma nova ciência que possibilita a sistematização pelo método, pela organização, promove o detalhe, o registro e, logo, a vigilância como importantes elementos para a consolidação do capitalismo,

o qual tem como uma das suas principais características a subsunção do trabalho ao capital.

A individualização corrobora com a coerção dos trabalhadores ao sistema ao promover o detalhe. Afinal, como aborda Foucault (2011, p.185): “o indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a ‘disciplina’”. Ao que parece, as tecnologias da informação e da comunicação reforçam, com seus mecanismos, a vigilância e o controle desses indivíduos por meio da atuação dos algoritmos que medeiam as transações digitais, reforçando o “sistema de fábrica” como tecnologia central da acumulação capitalista.



Essa acumulação do capital e a concentração dos trabalhadores são processos que estão conectados. Juntos eles se fazem mutuamente possíveis e se influenciam. O que o capitalismo tem como diferença dos outros períodos históricos é o fato de que a tecnologia passa a desempenhar um papel central, trazendo consequências que afetam a integração da técnica e da força de trabalho na exploração do ser humano e da natureza. As consequências não são apenas ideológicas, mas também na própria ciência e tecnologia que atuam sobre os trabalhadores como mercadorias.

**Referência Bibliográfica**

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Tradução Nathanael C. Caixeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

DEBUS, A. G. **O homem e a natureza no renascimento**. Tradução Fernando Magalhães. Portugal: Porto Editora, 2002.

DECCA, E. S. de. **O nascimendo das fábricas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

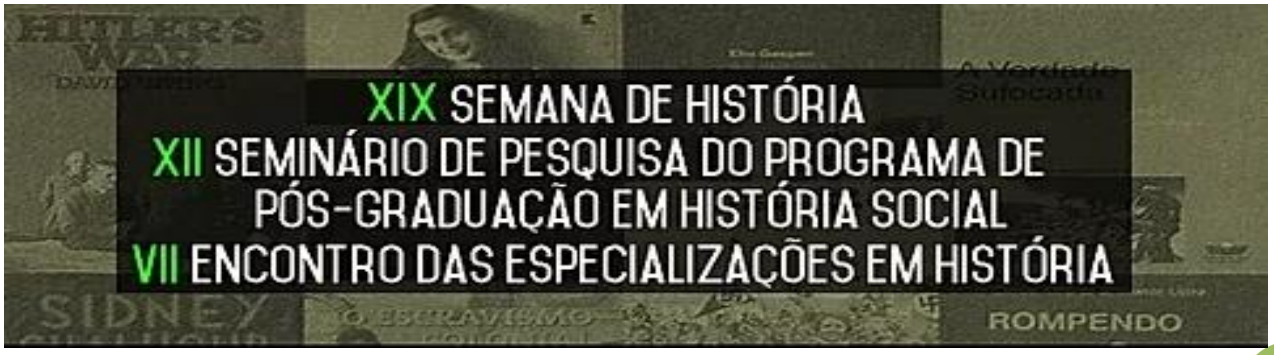
ROSENBLAT, A.; STARK, L. Algorithmic Labor and Information Asymmetries: A Case Study of Uber’s Drivers. **International Journal of Communication**, [s. l.], v.

10, p. 3758–3784, 2016. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/4892/1739>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ROSSI, P. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Tradução Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil 3** – República: da Belle Époque à Era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**. Tradução Rosaura Eichemberg. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.






# CONCEPÇÕES DE DEMOCRACIA EM PERSPECTIVA COMPARADA: UM ESTUDO SOBRE OS GOVERNOS MICHEL TEMER E MAURICIO MACRI (2015-2018)

Bruno Natan Lima

(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo.** Este trabalho de História do Tempo Presente, ainda em processo de desenvolvimento, se propõe a discutir, de forma comparativa, as concepções sobre democracia inscritas nas culturas políticas argentina e brasileira. Seu recorte privilegia os governos Mauricio Macri e Michel Temer: de forma mais específica, os discursos direcionados à República Bolivariana da Venezuela, a representação de sua crise e o desenrolar de sua política interna. O início do século XX assistiu a uma progressiva aproximação entre as três nações. A ascensão de Mauricio Macri (PRO), em dezembro de 2015, seguida pela subida de Temer (PMDB) ao poder – após o início do controvertido processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff (PT) -, em maio de 2016, marcou, contudo, uma mudança de tom por parte de ambos, Argentina e Brasil, com relação ao país andino. O mesmo Protocolo de Ushuaia Sobre Compromisso Democrático no Mercosul, utilizado pelo referido bloco para suspender o Paraguai em 2012, no contexto dos governos Cristina Kirchner (PJ) e Dilma Rousseff (PT), foi utilizado para suspender a Venezuela durante os governos Macri e Temer. Busca-se, assim, realizar aproximações e distanciamentos entre as culturas políticas de duas nações distintas, sem que se abra mão, por exemplo, de elementos importantes, tais como a influência de um país com relação ao outro e conjunturas mais amplas sobre as quais ambos se inscrevem.

**Palavras-chave.** Argentina; Brasil; Venezuela; Democracia; História Comparada.

## Introdução

Em dezembro de 2015, como consequência de sua vitória eleitoral sobre o justicialista Daniel Scioli, Mauricio Macri tomou posse como novo presidente da República Argentina. A *Propuesta Republicana (PRO)*, seu partido, era a força dominante do *Cambiemos*, uma coalizão que, compreendendo a *Unión Cívica*

*Radical (UCR)*, a *Coalición Cívica* (CC) e outros partidos menores, interrompeu a continuação de 12 anos de governos peronistas kirchneristas.[1] Pouco tempo depois, em maio de 2016, Michel Temer, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB),[2] vice da então presidenta Dilma Rousseff, tornou-se presidente de forma interina com o início de seu processo de impeachment e de forma efetiva no dia 31 de agosto de 2016. Com a saída de Dilma Rousseff, interrompeu-se um período que, desde o início do Mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, foi marcado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) no poder.



Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento, ocupa-se de apenas uma das facetas decorrentes das transformações políticas sofridas em ambos os países. Na mudança das relações, nos campos prático e discursivo, entre os governos Argentino e Brasileiro para com a República Bolivariana da Venezuela, encontramos o pretexto para investigar as concepções de democracia inscritas nas culturas políticas de ambos. Nossas fontes são fundamentalmente artigos e discursos oficiais dos presidentes da república e seus ministros das relações exteriores extraídos dos endereços eletrônicos de órgãos oficiais: No caso da Argentina, acessamos o acervo da *Casa Rosada* e do *Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto*, enquanto no brasileiro, recorremos sobretudo aos sites do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) e do Palácio do Planalto. Alguns dos documentos, por outro lado, foram extraídos da Secretaria do Mercosul.

**Discussão Teórico-metodológica:**

Este trabalho se apoia sobretudo em três campos da historiografia: A História Comparada; a História do Tempo Presente e a História Política. O que se busca aqui é a realização de uma comparação entre duas culturas políticas distintas na América Latina do tempo presente. Para começar, utilizamos como referencial o conceito de Cultura Política tal qual empregado por Serge Berstein, para quem esta pode ser definida como uma linguagem comum simplificada dos membros de uma formação que, sem correrem o risco de serem incompreendidos, professam determinada ideologia sem que haja a necessidade de exprimi-la de forma explícita.[3] O nosso débito para com a História Comparada também é evidente. A

[1] VOMMARO, Gabriel. 2019. “De la construcción partidária al gobierno: PRO-Cambiemos y los límites del ‘giro a la derecha’ en Argentina”. Colombia Internacional (99), p. 93.94.
[2] Hoje Movimento Democrático Brasileiro (MDB).
[3] BERSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René (Org.). **Por Uma História Política**. 2.ed. Rio

historiadora Maria Ligia Coelho Prado, logo no início de seu artigo Repensando a História Comparada da América Latina, chama a atenção para a fertilidade desse exercício historiográfico em um recorte que compreenda a nossa região:

> Comparar o Brasil com os demais países da América Latina sempre me pareceu um desafio estimulante. Na medida em que a história de cada país latino-americano corre paralelamente às demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes – a colonização ibérica, a independência política, a formação dos Estados Nacionais, a preeminência inglesa e depois a norte-americana, para ficar nas temáticas tradicionais – não há, do meu ponto de vista, como escapar às comparações. Em vez de manter os olhos fixos na Europa, é mais eficaz, para o historiador, olhar o Brasil ao lado dos países de colonização espanhola.[4]



A História Comparada da qual nos servimos não é senão aquela sistematizada inicialmente por Marc Bloch, embora muito tenha sido escrito desde que o historiador dos *Annales* publicou o seu famoso artigo *Pour Une Histoire Comparée des Sociétés Européenes*, em 1928. Trata-se, portanto, de uma tradição que José D'Assunção Barros bem denominou de uma História-problema Comparada.[5] Quando comparamos os governos Macri e Temer, o fazemos a partir de um problema específico. Nos interessamos pelas possibilidades e pelos limites dessa comparação, pelo que a análise de seus discursos oficiais e artigos pode evidenciar de suas culturas políticas e suas concepções sobre a democracia.

Embora tenha admitido a possibilidade de sua aplicação entre sociedades distantes tanto no espaço quanto no tempo, é com um segundo tipo de comparação, a partir do qual Bloch argumenta ser possível chegar a conclusões "menos hipotéticas e muito mais precisas"[6], que dialogamos. Estudamos sociedades vizinhas no espaço e sincrônicas no tempo. Mauricio Macri iniciou seu governo em dezembro de 2015 e deve terminar seu mandato no final deste ano, enquanto Temer assumiu a Presidência da República interinamente já em maio do ano seguinte, saindo do poder em dezembro de 2018. Além disso, a proximidade que as duas nações têm no espaço se evidencia desde o estreito contato comercial e o não incomum impacto das mesmas influências externas até, ao longo das últimas

---

de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 88-89.

[4] PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. Revista de História, São Paulo, v. 2, n. 153, 2005, p. 12.

[5] BARROS, José D'Assunção. História Comparada. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p. 52-61.

[6] BLOCH, Marc. "Por uma história comparada das sociedades europeias". In: Idem. História e Historiadores. Lisboa: Teorema, 1998, p. 123.

décadas, as cada vez mais próximas relações diplomáticas, das quais a criação do Mercosul, em 1991, é um dos maiores produtos.

> (...) estudar paralelamente sociedades a um tempo vizinhas e contemporâneas, incessantemente influenciadas umas pelas outras, cujo desenvolvimento está submetido, precisamente por causa da sua proximidade e do seu sincronismo, à ação das mesmas grandes causas e que remontam, pelo menos em parte, a uma origem em comum.[7]



Quando se trata de colocar as fontes sob interrogatório, Bloch cita alguns exemplos do que se pode conseguir com a utilização do comparatismo. É possível, em primeiro lugar, utilizar determinada realidade para iluminar outra que lhe é contemporânea. A ação de determinados fatos, por assim dizer, menos perceptível em uma sociedade - pelo estado da documentação, constituição social ou política – do que em sua vizinha, pode ser detectada graças à comparação.[8] Para ele o serviço mais evidente, a possibilidade de discernir as influências que sociedades vizinhas exercem umas sobre as outras, nos é também extremamente cara: as relações comerciais e diplomáticas entre Argentina e Brasil se estreitaram sensivelmente após a redemocratização. É de se esperar que sociedades próximas e interdependentes se influenciem, que crises econômicas, mudanças políticas e discursos ecoem na carne e nos espíritos que se encontram além de suas próprias fronteiras.[9]

Nos casos em que as semelhanças não implicam aproximações, isto é, não são redutíveis à imitação, o historiador, para Bloch, tem pela frente uma tarefa ainda mais interessante: “a busca apaixonante das causas”.[10] Considerando que um fenômeno geral deve ter causas gerais, tal situação permite ao pesquisador se servir do comparatismo tanto para apontar o caminho que pode conduzir às suas causas verdadeiras quanto desviar-se das pistas enganosas.[11] Não obstante, se por um lado entendemos que uma relativa semelhança entre os discursos e ações dos governos Temer e Macri levem necessariamente à busca por analogias, seja através do estudo das já aludidas influências que uma cultura política pode exercer sobre a outra, seja através da procura pelas causas gerais, também é verdade que o comparatismo não se define apenas pelas semelhanças. Como afirma Bloch, muito longe de forçar analogias, a História Comparada não pode abrir mão de um

[7] BLOCH, 1998, p. 122-123.
[8] Ibid., p. 123-124.
[9] Ibid., 1998, p. 126.
[10] Ibid., 1998, p. 128.
[11] BLOCH, 1998, p. 128-129.

especial interesse pela “percepção das diferenças”, pelo “dever de distinguir a ‘originalidade’ das diferentes sociedades”, devendo assim, “desembaraçar o terreno das falsas semelhanças”.[12]

Uma vez que nossa comparação não prescinde de seu recorte temporal, como não poderia deixar de ser, nos servimos das ferramentas legadas pela História do Presente. Antes de tudo, reconhecemos a relação necessariamente especial que temos com nosso objeto. A máxima expressa por Chauveau e Tétart, não menos verdadeira por ter sido exaustivamente replicada, aponta que é sobretudo na imersão do historiador do presente em seu tema que se distingue a sua operação daquela constituída pela relação natural do historiador com seu objeto, o que vai além da passionalidade, uma vez que há aí a necessidade de “recompor uma realidade que lhe escapa”.[13] Indo além, François Dosse argumenta que, estando sob a constante vigilância de testemunhas que podem contestar seus registros, a História do Presente pressupõe uma necessária articulação entre História e Memória.[14]



Dosse diz ainda que, se na década de 1990 a utilização de fontes orais ainda estava no centro de seu debate, atualmente a História do Tempo Presente se preocupa sobretudo em desembaraçar os problemas relacionados ao “aumento das fontes imagéticas”, aos “recursos relativos à informática” e ao “excesso de documentos” produzido pela “inflação arquivística”.[15] Os dois últimos pontos nos são muito sensíveis: as redes sociais, por exemplo, têm sido cada vez mais palco para manifestações políticas de toda a sorte, multiplicando os trabalhos que se ocupam de estudar os discursos propagados por esse meio, o que não exclui partidos, presidentes da república e demais políticos. Nossas fontes, embora majoritariamente oficiais, são extraídas de endereços eletrônicos, possuindo, portanto, uma organicidade que lhes é própria, e se encontram em meio a diversos outros discursos e outros documentos oficiais.

## Um Olhar Preliminar Sobre as Fontes

Em abril de 2015, seu último ano como mandatária da Argentina, Cristina Kirchner discursou na VII Cúpula das Américas. Parte significativa de sua fala teve

[12] Ibid., p. 131-132.
[13] CHAUVEAU; TÉTART, 1992, p. 31.
[14] DOSSE, François, 2012, p. 15.
[15] Ibid., p. 06.

como objeto os Estados Unidos e a Venezuela. Nela, mostrava sua indignação pelo decreto americano que qualificava o país andino, definido por ela como um país irmão, como ameaça à segurança nacional dos americanos. Em uma analogia entre a contenda em torno das Ilhas Malvinas entre argentina e o Reino Unido, comparava a discrepância entre o orçamento dos dois países - o que tornava impossível uma ameaça real à maior potência militar do planeta. Hostil e de cunho anti-imperialista, seu discurso fez ainda alusão ao financiamento e à "terceirização" de golpes em países da América Latina, incluindo o seu, por parte dos Estados Unidos na segunda metade do século XX. De acordo com Kirchner, a lógica de interferência na soberania de outros países teria sido atualizada no presente:



> Pero también es cierto que han surgido nuevas formas más sutiles de intervención e influencia en nuestros gobiernos a través de lo que se conoce como "los golpes suaves". Golpes suaves donde se utilizan medios masivos de comunicación multinacionales, denuncias falsas, asociaciones caprichosas de Estados con otros Estados para hacer no sé qué cosas y que conspiraciones. Son más sutiles, son más sofisticadas, pero no por ello dejan de ser intervenciones y siempre encuentran su origen en nuevas organizaciones bajo el nombre de ONGs.[16]

A presidenta concluiu sua argumentação dizendo que os países normalmente acusados de serem antidemocráticos são justamente aqueles que mais fizeram pela igualdade, educação e inclusão social. Esses, portanto, seriam de fato merecedores de crédito:

> Yo creo en las palabras de los que dicen que quieren un mundo más justo, donde los chicos vayan al colegio, donde todos tengan derechos, donde puedan estudiar, donde haya salud. Pero entonces, ¿por qué se combate y de tilda de populistas precisamente a los gobiernos que en América del Sur, que en la América latina, han sido los que mayores logros en materia de derechos humanos, de equidad, de inclusión, de educación, de salud han logrado? ¿Por qué apoyaban o apoyan a gobiernos que plantean políticas neoliberales que excluyen ciudadanos? ¿O por qué combaten a los gobiernos que por allí pueden tener diferencias y es lógico que las haya, pero que podemos mostrar certificado de haber sido en esta década los que más compatriotas hemos incluido y le hemos robado al hambre, a la miseria y a la pobreza?[17]

O discurso de Kirchner é ilustrativo do contraste entre as suas posições – especialmente quando se trata dos Estados Unidos e da Venezuela - e as de seu sucessor, Mauricio Macri. O governo Macri não apenas manteve uma relação mais

[16] KIRCHNER, Cristina Fernández de. VII Cumbre de las Américas: palabras de la Presidenta de la Nación. 2015. Disponível em: https://www.casarosada.gob.ar/informacion/archivo/28559-vii-cumbre-de-las-americas-palabras-de-la-presidenta-de-la-nacion. Acesso em: 21 set. 2019.
[17] KIRCHNER, 2015.

amigável com os Estados Unidos, como os discursos do mandatário chegaram a aludir negócios entre seu pai e Donald Trump, além de partidas de Golf entre ele próprio e o republicano. Ele, em mais de uma ocasião, ao contrapor as características de sua gestão com a de sua predecessora, afirmou que as mudanças levadas a cabo a partir do voto dos argentinos, principalmente a escolha pela verdade, teriam impedido seu país de se ver na mesma situação em que se encontrava a Venezuela naquele momento.[1819] Em seus discursos ou quando perguntado sobre o país andino, como a seguir, no Centro de Estudos Estratégicos Internacional de Washington, o presidente argentino tendeu a defini-lo como antidemocrático, criticar prisões políticas e violações aos direitos humanos perpetradas pelo governo e se solidarizar com a população venezuelana:



> En primer lugar, cuando por primera vez tomé contacto con este tema, hace muchos años, muchos me dijeron que la cosa no podía empeorar. Pero el tiempo pasó y las cosas, realmente, empeoraron, así que lo que creo es que en Venezuela no se tiene ningún respeto por los derechos humanos, eso no es una democracia, no está funcionando, tenemos presiones los políticos, no se está respetando la independencia del Congreso, así que creo que tenemos que seguir exigiendo elecciones, la liberación de los prisioneros y me alegro mucho que hayamos logrado un acuerdo en el seno del Mercosur para expresar eso justamente; y ahora, la OEA también ha emitido una declaración en ese sentido, así que yo creo que hay que seguir trabajando. Yo creo que a todos aquí nos preocupa lo que está pasando en Venezuela, tenemos amigos, recibimos inmigrantes de Venezuela como nunca antes en Argentina, están desesperados tratando de encontrar un lugar para poder recuperar su vida, y obviamente esa no es la solución. Necesitamos lograr que Venezuela vuelva a tener un gobierno democrático y hay mucho trabajo para hacer en ese sentido, porque el día después va a ser muy, muy duro.[20]

No caso brasileiro, a discrepância entre a postura do governo Dilma Rousseff e o de Michel Temer logo se fez sentir, o que se evidenciou, por exemplo, desde cedo no ministério de relações exteriores. Em 26 de março de 2016, Mauro Vieira, então ministro das relações exteriores de Dilma Rousseff, publicou simultaneamente nos principais jornais dos países que compunham o Mercosul um

---

[18] MACRI, Mauricio. **Mensaje del presidente Mauricio Macri tras la reunión de coordinación de Gobierno.** 2018. Disponível em: https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/42818-mensaje-del-presidente-mauricio-macri-tras-la-reunion-de-coordinacion-de-gobierno. Acesso em: 30 set. 2019.

[19] MACRI, Mauricio. **El presidente Macri recibió en Nueva York el premio "Ciudadano Global 2018".** 25 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/43701-el-presidente-macri-recibio-en-nueva-york-el-premio-ciudadano-global-2018. Acesso em: 30 set. 2019.

[20] MACRI, Mauricio. **El presidente Mauricio Macri en el Centro de Estudios Estratégicos Internacional de Washington.** 27 de abril de 2017. Disponível em: https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/40636-el-presidente-mauricio-macri-en-el-centro-de-estudios-estrategicos-internacional-de-washington. Acesso em: 30 set. 2019.

artigo de comemoração aos 25 anos do bloco.[21] Nele, após discorrer sobre seus êxitos, dizia que o maior deles era o pressuposto da democracia, nascido, no seio da instituição, através do desejo de "superar o autoritarismo". Poucos meses depois, em julho do mesmo ano, José Serra, primeiro ministro das relações exteriores do governo Michel Temer, publicou no jornal O Globo um artigo sobre o mesmo tema, o aniversário do Mercosul.[22]



"25 Anos e Muito por Fazer", título do artigo de Serra, já é uma amostra da divergência de seu conteúdo com relação ao artigo de Vieira, cujo título "Os 25 Anos do Mercosul: momento de reconhecer os ganhos", é muito mais otimista. O tucano, diferente de Vieira, que sequer citou o país, utilizou quase a totalidade de seu texto para discutir a situação política da Venezuela e sua relação com o Mercosul. Serra defendeu a postergação da transmissão da presidência pró-tempore da instituição para o país de Nicolás Maduro, dizendo se preocupar com os "desdobramentos da crise política, econômica e humanitária na Venezuela", cujo funcionamento de sua democracia, marcado pelo "conflito entre o Executivo e o Congresso" e a questionável "ação do Judiciário", refletiria um contexto de "polarização e acirramento retórico de difícil superação".

> Evidências de que setores ligados ao governo querem o fechamento da Assembléia Nacional dão a medida da turbulência. Há denúncias de prisões arbitrárias, crescente violência nas ruas e uma gravíssima crise de desabastecimento de alimentos e remédios, que vem castigando duramente a população, sobretudo a mais pobre. O Brasil aposta no diálogo entre as principais forças políticas venezuelanas para o encaminhamento dos impasses. Mas é forçoso reconhecer que, hoje, o cenário é de grande instabilidade e de falta de vontade política para levar adiante a construção de pontes para uma saída democrática da crise.[23]

O também tucano Aloysio Nunes, sucessor de José Serra no comando do ministério, compartilhou das ideias do ex-governador de São Paulo. Em junho de 2017, chegou a publicar um artigo no jornal O Estado de S. Paulo intitulado "Por

---

[21] VIEIRA, Mauro Luiz Lecker. **Os 25 anos de Mercosul**: momento de reconhecer os ganhos (Folha de S. Paulo, 26/03/2016). 2016. http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/13627-os-25-anos-de-mercosul-momento-de-reconhecer-os-ganhos-folha-de-s-paulo-26-03-2016. Acesso em: 21 set. 2019.

[22] SERRA, José. **Vinte e cinco anos e muito por fazer** (O Globo, 10/07/2016). 2016. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/14420-vinte-e-cinco-anos-e-muito-por-fazer-o-globo-10-07-2016. Acesso em: 21 set. 2019.

[23] SERRA, José. **Vinte e cinco anos e muito por fazer** (O Globo, 10/07/2016). 2016. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/14420-vinte-e-cinco-anos-e-muito-por-fazer-o-globo-10-07-2016. Acesso em: 21 set. 2019.

uma Venezuela Novamente Democrática".[24] Nunes, definindo o governo venezuelano como arbitrário e cerceador das "liberdades fundamentais dos cidadãos", o acusou de "destruir a independência do Judiciário", ignorar "a voz do Legislativo", sufocar a oposição e se negar a realizar eleições. A "convocação pelo governo venezuelano de uma assembleia constituinte" – responsável pelo acirramento das tensões entre países como Argentina e Brasil e a Venezuela – aparece em seu texto como sua principal preocupação. No mesmo período, o presidente Michel Temer, menos incisivo quanto à crise política venezuelana - tratada no início de seu governo com preocupação mas como uma questão que deveria ser resolvida internamente – também elevou o tom de suas críticas:



> Nessa perspectiva, é com grande preocupação que acompanhamos a situação na Venezuela. Somos profundamente sensíveis à deterioração do quadro político-institucional, às carências sociais que, nesse país amigo, ganham contornos de crise humanitária. Já não há mais espaço, na América do Sul, para prisões arbitrárias, para medidas de repressão política, para atitudes e atos incompatíveis com os preceitos democráticos. Já não há mais espaço para governos indiferentes à própria sorte do povo.[25]

## Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar a problemática de nossa pesquisa, seu referencial teórico-metodológico e uma análise preliminar de algumas das fontes utilizadas. De maneira geral, nos servimos, como demanda nosso objeto, dos campos da História do Tempo Presente, visto que os desdobramentos daquilo que estudamos estão ainda em desenvolvimento, suas consequências ainda não são claras e a nossa imersão no tema é irremediável; da História Comparada, tal como sistematizada por Marc Bloch tendo em vista as sociedades europeias e encorajada pela historiadora Brasileira Maria Ligia Coelho Prado para as sociedades da

---

[24] FERREIRA FILHO, Aloysio Nunes. **Por uma Venezuela novamente democrática** (O Estado de S. Paulo, 06/06/2017). 2017. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/16424-por-uma-venezuela-novamente-democratica-o-estado-de-s-paulo-06-06-2017. Acesso em: 21 set. 2019.

[25] LULIA, Michel Miguel Temer**. 21-07-2017-Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante Sessão Plenária dos Senhores Presidentes dos Estados Membros do Mercosul, Estados Associados, México e Convidados Especiais** - Mendoza/Argentina. 2017. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-sessao-plenaria-dos-senhores-presidentes-dos-estados-membros-do-mercosul-estados-associados-mexico-e-convidados-especiais-mendoza-argentina-1. Acesso em: 30 jul. 2019.

América Latina; e da História Política, em especial o conceito de Cultura Política tal como empregado por Serge Berstein.

Nossa pesquisa ainda carece de conclusões mais consistentes, que deverão ser obtidas através de uma análise mais pormenorizada das fontes à disposição. Observa-se, a princípio, uma mudança de paradigma na posição de Argentina e Brasil com relação ao governo Venezuelano que ocorre com a passagem dos governos Kirchner e Dilma para os governos Macri e Temer. Entende-se que os novos governos adotam desde o início uma postura crítica que se aprofunda conforme se intensificam os conflitos dentro da própria Venezuela, representada, especialmente após convocação de uma Assembleia Constituinte por parte do governo, como um país dotado de um governo não democrático e violador dos direitos humanos. Os motivos de tal postura, o que pode ser explicado pelas influências mútuas de um país sobre o outro e o que pode ser explicado pela cultura política de cada um, bem como as possíveis falsas semelhanças, deverão ser desenvolvidos em trabalhos subsequentes.



**Referências Bibliográficas:**

BARROS, José D'Assunção. História Comparada. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, 181 p.

BERSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René (Org.). **Por Uma História Política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 57-98.

BLOCH, Marc. "Por uma história comparada das sociedades europeias". In: Idem. História e Historiadores. Lisboa: Teorema, 1998, pp. 119-150.

CHAUVEAU, A; TÉTART, P. Questões Para a História do Presente. In: CHAVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões para a História do Presente.** Bauru: EDUSC, 1992. p. 8-37.

DOSSE, François. **História do Tempo Presente e historiografia.** Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, v. 4, n. I, p. 5 – 22, jan/jun. 2012.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. **Revista de História**, São Paulo, v. 2, n. 153, p. 11-33, 2005.

VOMMARO, Gabriel. 2019. "De la construcción partidária al gobierno: PRO-Cambiemos y los límites del 'giro a la derecha' en Argentina". ***Colombia Internacional*** (99): 91-120.

**Fontes:**

FERREIRA FILHO, Aloysio Nunes. **Por uma Venezuela novamente democrática** (O Estado de S. Paulo, 06/06/2017). 2017. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/16424-por-uma-venezuela-novamente-democratica-o-estado-de-s-paulo-06-06-2017. Acesso em: 21 set. 2019.

LULIA, Michel Miguel Temer**. 21-07-2017-Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante Sessão Plenária dos Senhores Presidentes dos Estados Membros do Mercosul, Estados Associados, México e Convidados Especiais** - Mendoza/Argentina. 2017. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-sessao-plenaria-dos-senhores-presidentes-dos-estados-membros-do-mercosul-estados-associados-mexico-e-convidados-especiais-mendoza-argentina-1. Acesso em: 30 set. 2019.

MACRI, Mauricio. **Mensaje del presidente Mauricio Macri tras la reunión de coordinación de Gobierno.** 2018. Disponível em: https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/42818-mensaje-del-presidente-mauricio-macri-tras-la-reunion-de-coordinacion-de-gobierno. Acesso em: 30 set. 2019.

MACRI, Mauricio. **El presidente Macri recibió en Nueva York el premio "Ciudadano Global 2018".** 25 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/43701-el-presidente-macri-recibio-en-nueva-york-el-premio-ciudadano-global-2018. Acesso em: 30 set. 2019.

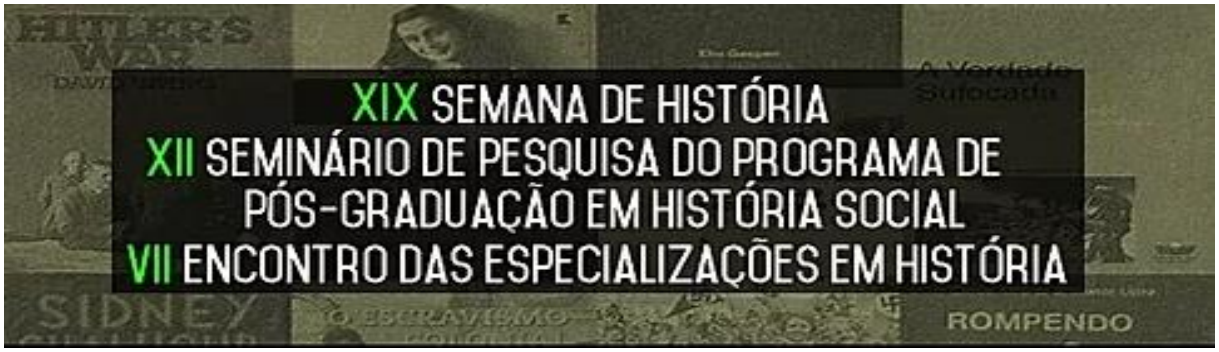
MACRI, Mauricio. **El presidente Mauricio Macri en el Centro de Estudios Estratégicos Internacional de Washington.** 27 de abril de 2017. Disponível em: https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/40636-el-presidente-mauricio-macri-en-el-centro-de-estudios-estrategicos-internacional-de-washington. Acesso em: 30 set. 2019.

SERRA, José. **Vinte e cinco anos e muito por fazer** (O Globo, 10/07/2016). 2016. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/14420-vinte-e-cinco-anos-e-muito-por-fazer-o-globo-10-07-2016. Acesso em: 21 set. 2019.

VIEIRA, Mauro Luiz Lecker. **Os 25 anos de Mercosul**: momento de reconhecer os ganhos (Folha de S. Paulo, 26/03/2016). 2016. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/13627-os-25-anos-de-mercosul-momento-de-reconhecer-os-ganhos-folha-de-s-paulo-26-03-2016. Acesso em: 21 set. 2019.

KIRCHNER, Cristina Fernández de. VII Cumbre de las Américas: palabras de la Presidenta de la Nación. 2015. Disponível em:

https://www.casarosada.gob.ar/informacion/archivo/28559-vii-cumbre-de-las-americas-palabras-de-la-presidenta-de-la-nacion. Acesso em: 21 set. 2019.






# NEOLIBERALISMO, REPRESSÃO E TEMPO PRESENTE: A DITADURA CHILENA NAS PÁGINAS DE O ESTADO DE SÃO PAULO

Vinícius Augusto Pontes de Carvalho
(Mestrando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina- PPGH)

**Resumo.** O presente trabalho pretende realizar uma investigação histórica sobre como o jornal O Estado de S. Paulo, cujos proprietários reivindicavam-se defensores da democracia e das liberdades individuais, portadores de valores oriundos de uma espécie de liberalismo clássico, posicionou-se em relação às plataformas econômicas do neoliberalismo durante o processo de redemocratização brasileiro, por meio da mobilização de símbolos da ditadura chilena, reconhecidamente violenta e repressora. Pretendemos examinar o comportamento do periódico entre o recorte histórico de 1973 e 1988, na cobertura a partir do processo de golpe do Chile e a sua consequente implantação do receituário neoliberal naquele país, que foi concomitante ao início do período de distensão política no Brasil e se fez uma importante peça a ser ouvida por segmentos da sociedade durante as convenções políticas do contexto. Desconfia-se que O Estado de S. Paulo operou uma narrativa que envolvia a constituição de fronteiras políticas por meio da seleção de formadores de opinião e de interlocutores entre a sociedade-civil. Desta forma, o diário qualificava-se para o debate que envolvia as alternativas econômicas ao regime autoritário brasileiro, tida por eles como estatista. O trabalho pretende efetuar a pesquisa no referido diário demarcando-o sob os limites da História do Tempo Presente, especialmente devido a conveniência de alguns temas aqui inseridos, como neoliberalismo, mídia e autoritarismo, que tem sido demandados para ampliar a compreensão dos fenômenos ocorridos no Brasil atual. Portanto, a partir desta perspectiva, pretendo analisar as novas maneiras de se narrar a história política e o papel da mídia de massas nas sociedades modernas. Portanto, a partir desta perspectiva, visamos analisar as novas maneiras de se narrar a história política e o papel da mídia de massas nas sociedades modernas, de acordo como os estudos propiciados pelo historiador François Dosse, o espaço de experiência e horizonte de expectativas, como caracterizado pelo historiador Reinhart Koselleck, contido na escrita dos documentos coletados nos impressos, o conceito de neoliberalismo tal qual compreendido pelo historiador Perry Anderson e pelo geógrafo David Harvey, e o processo de relativização da violência extremada como preço a ser pago pela concretização da implantação do modelo econômico neoliberal de acordo com as

análises da socióloga e economista Naomi Klein, alcunhado por ela como "doutrina de choque.

**Palavras-chave:** Ditadura; Neoliberalismo; Chile; O Estado de S. Paulo; História do Tempo Presente.

Agência Financiadora: CAPES



## Introdução

O historiador francês Henry Rousso na sua obra “A última catástrofe” instilando uma observação sobre a História do Tempo Presente, disserta sobre as problemáticas encontradas pelos historiadores para manusear tal aporte teórico. Uma das provocações por ele levantadas é o cuidado de efetuar um certo afastamento entre o pesquisador e objeto pesquisado, pois, segundo o autor, a História do Tempo Presente “se interessa por um presente que é o seu, em um contexto em que o passado não está nem acabado, nem encerrado” (ROUSSO, 2016, p. 18). Todavia, a inserção do objeto pesquisado no presente não implica, necessariamente uma impossibilidade de reflexão histórica acerca do mesmo, mas faz-se necessário compreendê-lo dentro de uma lógica temporal a ser analisada e complexificada em um “acontecimento em uma duração (...) uma ordem de inteligibilidade que tenta escapar à emoção do instante” (ROUSSO, 2016, p. 237).

Desta maneira, torna-se instigante pesquisar o enleado de temas que perpassam a ditadura militar chilena (1973 - 1990) como objeto de trabalho que se fez influenciar o pensamento econômico no Brasil através de simbologias trabalhadas e retrabalhadas no periódico *O Estado de S. Paulo*, neste cenário de acontecimentos. De uma forma geral, faz-se importante analisar que estamos lidando com uma ditadura que contou com particularidades e nuances que geram desdobramentos pelo mundo até o tempo presente. Não é menos instigante utilizar como principal fonte de pesquisa o já mencionado jornal *O Estado de S. Paulo,* que segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta “professava um liberalismo restrito aos direitos individuais, às instituições clássicas (parlamento, judiciário, partidos) e à economia de mercado” (MOTTA, 2017, p. 368).

Quando uma onda de protestos irrompeu as ruas de Santiago, capital do Chile em outubro deste ano, rapidamente levando o país uma crise sem

precedentes no século XXI, vários questionamentos permearam os analistas de política e economia da imprensa. Os principais questionamentos giravam em torno de uma questão específica: como pode isso acontecer?

O Chile era, até então, apregoado como modelo inexorável de sucesso econômico no continente. E, segundo muitos analistas e articulistas, este modelo de sucesso era decorrente de um tema que trabalharemos neste trabalho, uma égide econômica que ficou conhecido por *neoliberalismo*, conceito que trabalharemos mais abaixo e um dos temas centrais desta pesquisa. Um tema que nesta dissertação será o elo entre a ditadura militar chilena, o jornal *O Estado de S. Paulo*, Tempo Presente e o período de redemocratização brasileiro.



Em recente visita oficial ao Chile, o atual Ministro Chefe da Casa-Civil do Brasil, Ônyx Lorenzoni, um dos cargos mais importantes no nosso atual desenho republicano, deu uma entrevista veiculadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* podem dar pistas dos motivos pelos quais compreendemos a importância de abordar os temas, neoliberalismo, Chile, Augusto Pinochet para o tempo presente.

No dia 21 de março de 2019, o jornal *O Estado de S. Paulo* divulgou duas matérias na sua versão web categóricas sobre o assunto, “Onyx vê mérito em reformas de Pinochet e diz que ditador 'teve que dar banho de sangue’” e "Bolsonaro diz que o governo se inspira em modelo de Previdência do Chile". Nelas, Lorenzoni daria a seguinte declaração "O Chile lá atrás teve que dar banho de sangue para mudar princípios macroeconômicos (...) é uma coisa curiosa até do ponto de vista histórico. No Chile uma coisa sangrenta, e o Chile se rearrumou” e prossegue fazendo um vínculo entre violência, regime Pinochet, e uma pauta bastante cara ao modelo neoliberal (que adentraremos logo abaixo), o sistema previdenciário, “mas a gente está propondo caminho muito similar ao do Chile (em relação ao modelo previdenciário) (...) a turma da esquerda se incomodou por ter reconhecido algum mérito no governo Pinochet". [1]

As declarações acima citadas agora no ano de 2019, pode nos facilitar a compreender como determinados aspectos fazem que a ditadura militar chilena tragam algumas figuras: o ditador Augusto Pinochet Ugarte e o elevado grau de violência empregado pelo exército chileno no processo de repressão e perseguição às oposições do país durante a ditadura (PADRÓS, 2012, p. 13) e a sua

[1] Ônyx Lorenzoni, **"Onyx vê mérito em reformas de Pinochet e diz que ditador 'teve que dar banho de sangue'"**. São Paulo, 21 de março de 2013, versão online.

peculiaridade econômica, designada pelo historiador Perry Anderson como, “o verdadeiro pioneiro do ciclo neoliberal da história contemporânea” (ANDERSON, 1996, p. 15).

Cabe pensar que esta característica de ‘vanguarda neoliberal’ referida por Perry Anderson implementada pela ditadura chilena, contaria com o protagonismo de outro personagem, o economista monetarista estadunidense Milton Friedman, promovendo consultorias para implantação desta nova teoria econômica aos economistas do regime também conhecidos como *Chicago Boys*[2] (VALDES, 1995, p. 265) e também aconselhando pessoalmente o ditador Augusto Pinochet (KLEIN, 2005) ou dando respaldo e legitimando a implementação destas políticas[3] através do que a jornalista Naomi Klein denominou como “doutrina de choque”.



**Justificativa**

Sob esta perspectiva, analiso as notícias de violência explícita sobre os protestos que vem ocorrendo no Chile, com os devidos recuos e aproximações da violência praticada naquele mesmo país durante o período ditatorial. Falando sobre a ditadura no Brasil, mas ainda assim numa perspectiva que pode ser contextualizada com a ditadura militar chilena, Rodrigo Patto Sá Motta coloca a respeito da importância da imprensa na construção da narrativas do presente, “o impacto político das representações da imprensa é tema atual, por razões óbvias. Compreender isso melhor no período da ditadura poderá, talvez, ser útil para pensar os dilemas de hoje” (MOTTA, 2007, p. 369)

Jacques Le Goff reflete que os eventos estabelecidos como “acontecimentos históricos” são interpostos pela alcunhada “grande imprensa”, de forma que todo o

---

[2] *Chicago Boys* foi uma alcunha dada para cerca de 25 jovens economistas formados e/ou influenciados pela Escola de Economia de Chicago e pelo professor Milton Friedman. Os mesmos foram responsável por instrumentalizar a implementação do modelo neoliberal no Chile e tinham em comum a utilização da Universidade Católica do Chile como laboratório de seus estudos e prática docente. (VALDES Juan G. **Pinochet's Economists: The Chicago School in Chile** (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995), p. 265.)

[3] **O Estado de S. Paulo.** São Paulo, 6 de abril de 1975, p. 12. O conceito de “tratamento de choque” apresentado por Milton Friedman aparecia no jornal pela primeira vez nesta edição, na matéria intitulada “Chile tenta vencer a crise econômica”: “"O debate econômico deve ser por muito tempo, ao que parece, a principal preocupação dos chilenos. Nos dias que precederam a Semana Santa, os economistas Milton Friedman, Arnold Harberger e Carlos Lagoni reiteraram uma vez mais o diagnóstico e a proposição de tratamento que a escola de Chicago oferece ao Chile. A solução, "um tratamento de choque", de acordo com Friedman, foi ouvida com interesse e até mesmo "com devoção"".

arcabouço de memórias sociais imbricam-se com o “discurso da informação” e a sucessão de eventos incorporam-se a uma história fixada que inicia a ser escrita (LE GOFF, 1994, p. 142). Não se trata tão somente de registrar a história, porém, também, de passar a ser um intermediário pertinaz na construção social dos acontecimentos. Desta maneira, os vestígios apurados nas matérias que abordem a temática aqui esboçada no periódico *O Estado de S. Paulo,* formarão uma série de eventos que possuem diálogo com a conjuntura posta, tendo em vista que a unicidade de um vestígio, uma coluna, um editorial, ou uma matéria especial *“*não se constitui em um objeto único e isolado” (LUCA, 2005, p. 111 - 113), todavia, consideramos estar relacionado numa composição discursiva.



A direção teórica de manuseio das fontes buscará correlacionar a sua leitura histórica inserida no *espaço de experiência* absorvido na escrita das matérias, editoriais e colunas imaginado com o *horizonte de expectativas* de quem a escrevia ou da linha editorial que o jornal professava naquele período. Acreditamos que tal método entreposto no recorte temporal abordado ajudaram a formar discursos consideráveis para o período de distensão política na ditadura militar brasileira e em todo o processo de redemocratização. A perspectiva mencionada será induzida como estratos históricos, de acordo com a reflexão filosófica do historiador alemão Reinhart Koselleck, que ponderava não existir expectativa sem experiência e não haver experiência destituída de expectativa, de maneira que estas seriam “duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro”, que subentende-se redefinir o tempo histórico de acordo com o entrelaçamento de dois dispositivos de direcionamentos opostos, porém convergentes (KOSELLECK, 2006).

**Objetivo**

A perspectiva aqui empregada é a de que o impresso *O Estado de S. Paulo*, através de editoriais, colunas de opinião e reportagens especiais, foi capaz de operar na esfera política, pressionando os círculos do poder militar e as instituições da sociedade para amealhar posicionamentos oportunos que viriam ao encontro dos seus interesses ideológicos.

Para falar sobre a legitimidade que por vezes o discurso midiático por criar, é bom fugir de algumas armadilhas e tentar compreender melhor o conceito. Para

o filósofo alemão Jürgen Habermas, “legitimidade”, a despeito de tal semântica ter sido pensada para contextos não autoritários, o filósofo refletiu o conceito de legitimidade política em sociedades democráticas, o que não era o caso do Brasil e tampouco do Chile no recorte temporal analisado (HABERMAS, 2003). Todavia, *O Estado de S. Paulo* foi um diário que almejou dar uma conotação de normalidade institucional ao período ditatorial brasileiro e apresentá-lo assim à sociedade civil brasileira, além de pleitear um amplo diálogo com os próceres do regime (MOTTA, 2017).



## Resultados

Buscamos analisar a construção de uma necessidade urgente e presente operado pela redação do *Estado de S. Paulo* de produzir um consenso narrativo: produzir uma permanente ideia de recuperação rápida no Chile pós-golpe e vinculá-la ao neoliberalismo, independente da repressão que estivesse ocorrendo no país, manusear o seu noticiário de uma forma cada vez mais presentista e ajustar tal urgência para a realidade brasileira.

Sob o comando do general Ernesto Geisel (1974-1979), o Brasil iniciava seu período de distensão (MATHIAS, 1995), e o periódico visava aprimorar a instrumentalização do alcance do seu poder de influência num círculo de legitimação nas decisões político-econômicas do Brasil (MOTTA, 2017). Enquanto na perspectiva chilena, já no pós-golpe o ditador Augusto Pinochet iniciava um processo de aproximação de um destacado e excêntrico professor de economia da Escola de Chicago, que passara no decorrer dos anos anteriores professando ideias econômicas pouco convencionais, para a transmutação do liberalismo tradicional e do keynesianismo por uma espécie de liberalismo mais moderno e vinculado às ideias monetaristas dele próprio e filosóficas do Hayek, o já conhecido pelo jornal do *O Estado de S. Paulo,* Milton Friedman.

Tal contexto foi fundamental para que o periódico delineasse e passasse a submeter um posicionamento acerca de quem seriam suas figuras ‘eleitas’ e ‘desafetos’. No dia 16 de setembro de 1973, uma matéria delineando o perfil de Augusto Pinochet efetuado pelo diário estadunidense *The New York Times* foi divulgada pelo *O Estado de S. Paulo*, sem, contudo, aludir os crimes que o seu governo já estava praticando em pouco menos de sete dias no poder,

> Pinochet é considerado pelos que vêm observando a sua carreira militar um homem inteligente, ambicioso e competente. Ele ainda é descrito como uma pessoa calma e diligente e um oficial de infantaria bastante experiente, possuidor de grande iniciativa. Um oficial, antigo aluno do general quando este lecionava Artilharia e Geografia Militar, lembra dele como um indivíduo cheio de energia muito disciplinado, detentor de um certo senso de humor e muito obstinado.(...) Ele prometeu na última terça-feira, que a junta militar que preside tem como meta "exterminar o marxismo[4]



Em matéria de 1975, o noticiário a respeito do Chile começava a aplicar essa espécie de discurso presentista acerca da economia, um jogo de ideias que pontuava a necessidade do 'remédio ser amargo' para que 'exista um futuro'. Em chamada denominada como "Economia chilena deve mudar pouco", assinada pelo correspondente do *Estadão* no Chile, Abraham Santibañez, na qual, apesar do título parecer pessimista, havia a indicação de mudança:

> Esta semana, segundo informou em Concepción o general Augusto Pinochet, será anunciada a série de medidas econômicas que vem sendo estudada desde o início do mês.
> O presidente da República reconheceu que "o sistema que aplicamos atualmente é doloroso". Segundo declarou, tem filhos e amigos que o informam sobre as dificuldades que a maioria do país enfrenta, mas insistiu, mais uma vez, que não haverá modificações fundamentais. [5]

## Considerações finais

A forma como o neoliberalismo se confunde com o presente e, defendemos aqui, com o Chile permeia o tempo vivido de narrativas características que podem ser enriquecidas pelo discussões da História do Tempo Presente. Sobre este campo de estudos da História, Paul Ricoeur coloca que é "aquela onde esbarram uma na outra a palavra dos testemunhos ainda viva e a escrita em que já se recolhem os rastros documentários dos acontecimentos considerados" (RICOEUR, 2007). O jornal *O Estado de S. Paulo* mais do que narrar, produziu expectativas posicionadas naquele presente e visou operar uma influência num futuro ainda desconhecido, porém desejado. Construir o presente do futuro.

Devido à crise do Estado pelo qual o Brasil passava da década de 1980, com elevados índices de inflação e uma máquina pesada deixada de legado pela

[4] ***O Estado de São Paulo.*** São Paulo, 16 de setembro de 1973, p. 22
[5] ***O Estado de São Paulo.*** São Paulo, 18 de março de 1975, p. 13

ditadura militar, findada em 1985, uma das proposições propostas pelo trabalho foi a de que o jornal almejou direcionar a classe política brasileira às vésperas da promulgação da Constituição Federal de 1988, e os trabalhos da Assembléia Constituinte formada para tal objetivo, para a adoção de preceitos neoliberais na constituição e para isso lançou mão de exemplos de um suposto sucesso econômico da ditadura chilena nas suas páginas. Mesmo que para isso a violência exacerbada do regime chileno fosse relativizada. E acreditamos que tal resultado foi atingido. O *Estado de S. Paulo* não se furtou de exemplificar o Chile como exemplo de sucesso e, inclusive reconheceu, que a *doutrina de choque* foi, até certo ponto necessária.



**Referências**

**Jornais**
*O Estado de S. Paulo,* São Paulo, 1970 - 2019

**Internet**
**"A doutrina do choque". O tema do novo livro da ativista Naomi Klein.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/176-noticias/noticias-2007/562784-a-doutrina-do-choque-o-tema-do-novo-livro-da-ativista-naomi-klein> Acesso em 1 de Outubro de 2019.

**"Histórico Grupo Estadão"**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti6.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2019.

**"Protestos no Chile são advertência para o Brasil".** Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,protestos-no-chile-sao-advertencia-para-o-brasil,70003078956> Acesso em 18 de novembro de 2019.

**"Guia para entender os confrontos no chile".** Disponível em: https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,guia-para-entender-os-confrontos-no-chile,70003058123 Acesso em 15 de novembro de 2019.

**"Protestos no Chile levantam discussões que vão de história à biologia".** Disponível em: https://educacao.estadao.com.br/blogs/estadao-na-escola/2019/10/24/protestos-no-chile-levantam-a-discussoes-que-vao-de-historia-a-biologia/ Acesso em 17 de novembro de 2019.

**"Manifestantes chilenos resgatam músicas de Victor Jara e Violeta Parra".** Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/blogs/bootleg-alexandre-bazzan/manifestantes-chilenos-resgatam-musicas-de-victor-jara-e-violeta-parra/ Acesso em 16 de novembro de 2019.

**“Justiça do Chile investiga policiais que crucificaram manifestantes”.** Disponível em: https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,justica-do-chile-investiga-policiais-que-crucificaram-manifestantes-em-antena-de-delegacia,70003062663 Acesso em 20 de novembro de 2019.

**"Onyx vê mérito em reformas de Pinochet e diz que ditador 'teve que dar banho de sangue'".** Disponível em https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,onyx-ve-merito-em-reformas-de-pinochet-e-diz-que-ditador-teve-que-dar-banho-de-sangue,70002763624 Acesso em 1 de novembro de 2019.

**"Bolsonaro diz que o governo se inspira em modelo de Previdência do Chile".** Disponível em: https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-brasil-se-inspira-em-modelo-de-previdencia-do-chile,70002763838 Acesso em 10 de novembro de 2019.

**Bibliografia**

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E. & GENTILI, P. (Orgs). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p.9-23.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia: entre facticidade e validade. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler**. 2a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

KLEIN, N. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994, p. 142-143

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MATHIAS, Suzeley K. **Distensão no Brasil. O projeto militar. Campinas (SP):** Papirus, 1995, p.37

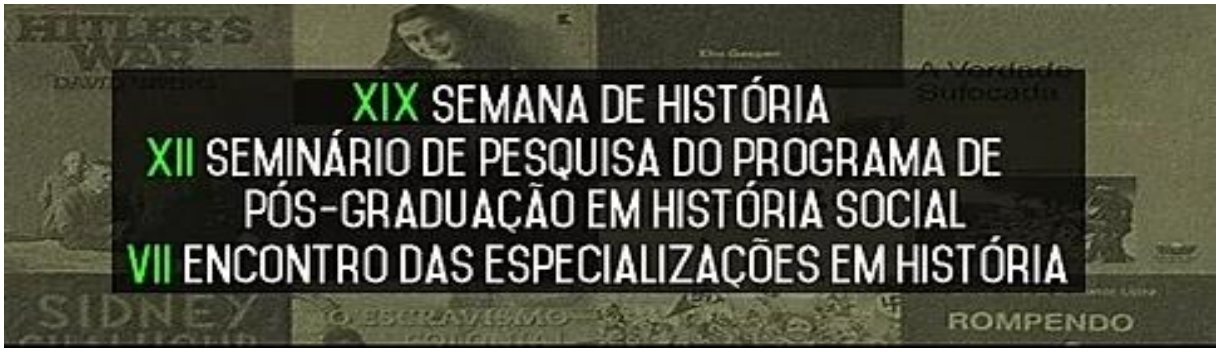
MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Entre a liberdade e a ordem: o jornal O Estado de S. Paulo e a ditadura (1969-1973).** Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v.43, n.2, p.367 - 379, maio/ago. 2017.

PADRÓS, Enrique. Enterrados vivos: a prisão política na ditadura uruguaia e o caso dos reféns. In: **Espaço Plural. Ano XIII**, No. 27, jul-dez 2012, p. 13-38

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp 2007

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016, p. 18.

VALDES Juan G. **Pinochet's Economists**: The Chicago School in Chile (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995), p. 265.






# AEROMOÇAS EM REVISTAS: MODA E ELEGÂNCIA SOB O OLHAR DA IMPRENSA

Felipe Bastos Maranezi
Universidade Estadual de Maringá - UEM

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo proporcionar alguns pontos alçados pela pesquisa em desenvolvimento no Doutorado de História da UEM que tem como tema: “Moda e os uniformes das comissárias de bordo brasileiras: Era de ouro da aviação – décadas de 1950 a 1970”. As construções epistemológicas acerca do fazer Moda foram estabelecidas por meio dos uniformes, condutas e símbolos presentes nas aeromoças, onde através da imprensa, buscaremos contextualizar fatos comportamentais e culturais existentes na sociedade do período e que são retratadas nas propagandas publicitárias realizadas pelas revistas brasileiras Manchete e O Cruzeiro.

**Palavras-chave:** aeromoças; revistas; moda; elegância.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

*Uma vez que você prove o voo, nunca mais caminhará sobre a terra sem olhar para os céus, pois já esteve lá e para lá sua alma deseja voltar.*

*Leonardo Da Vinci*

## Introdução

Para Pinsky (2014), tradicionalmente, especialmente no mundo ocidental, o papel desempenhado pela mulher foi de subalternidade e de restrição à esfera da vida privada, do governo da casa e do trabalho doméstico, enquanto o homem foi se destinando e sendo destinado socialmente para a esfera da vida pública, ocupando-se do trabalho externo e dos ganhos financeiros para o sustento da casa,

para onde se voltava em momentos de descanso: o eterno “descanso do guerreiro”. Desta forma, de um modo geral, tendo o homem controlado a economia familiar e garantido a sua segurança, este tipo de organização social foi criando uma série de estereótipos, sendo o mais arraigado aquele que identifica a mulher como um ser sensível, delicada e inapta para exercer atividades que até então era somente pensadas para os homens.



Segundo Vasconcelos (2010), o principal objetivo das primeiras empresas de aviação comercial era o transporte de mala postal e de poucos passageiros que corajosamente procuravam o setor aéreo para se locomover de um local a outro. A tripulação se restringia a pilotos, em um território totalmente masculino. Com a criação de aeronaves maiores, as empresas perceberam a necessidade de adicionar mais homens a tripulação com o intuito de ajudar a embarcar as bagagens, acomodar passageiros e servir pequenos lanches.

Conforme relata Fay (2010), é no ano de 1911 que o primeiro comissário de bordo é contratado, um homem, que trabalhou a bordo do zepelim alemão LZ-10 Schwaben. Vasconcelos (2010), ainda relata que no final da década de 1920, a Pan American Airways solicitou aos seus comissários que até então eram chamados de “couriers” (mensageiros), por serem os responsáveis pela carga postal – um treinamento de primeiros socorros e de conhecimentos náuticos.

A primeira mulher comissária foi uma enfermeira americana de 25 anos de idade, Ellen Church, que assinou contrato com a United Airlines em maio de 1930, daí o motivo de se comemorar o Dia da Aeromoça e do Comissário de bordo em 31 de maio. Foi com ela que surgiu o termo aeromoça, usado durante muito tempo porque as companhias de aviação preferiam contratar mulheres jovens, na faixa dos 20 anos, para este serviço (FAY, 2010).

## Objetivo

Traçar alguns pontos acerca das aeromoças, onde através da imprensa, buscaremos contextualizar fatos comportamentais e culturais existentes na sociedade brasileira de 1950 a 1970 e que são retratadas nos anúncios publicitários realizadas pelas revistas brasileiras “Manchete” e “O Cruzeiro”.

## Desenvolvimento/Justificativa

De acordo com Farias (2011, p.66): “Elas (comissárias de bordo) deveriam ser jovens, enfermeiras, solteiras, sem filhos, possuir um padrão de peso e altura, além de serem belas, charmosas, elegantes, amáveis e sorridentes”. (CEAB, 2008).

Os artifícios que envolviam a aparência dessas profissionais levaram à substituição da imagem do “anjo da guarda” pela do glamour. Assim, o uniforme tornou-se o principal símbolo do encanto da aviação e repercutiu em todo o mundo.

Imagem 01: Aeromoças com seus uniformes. Revista Manchete, 1955, edição: 185.
Acervo: Hemeroteca N. Digital

Para Fay (2010), o trabalho das comissárias de bordo consistia de início: A socorrer e prestar auxílio a passageiros que “corriqueiramente passavam mal nas alturas”, garantir a segurança do vôo; como também em prover de alimento, bebidas; confortar a todas as pessoas que com eles compartilham daquele espaço.

Chamadas popularmente de “enfermeiras-aladas”, tal apelido remete ao seu início, onde um dos principais requisitos era a mulher ter como primeira ocupação, ser enfermeira, para que pudesse prontamente, auxiliar e prestar socorro aos passageiros da aeronave.

O principal ícone de artifício que envolveria a aparência dessas profissionais, vestimenta que se transformaria no maior símbolo de glamour da aviação, cujo episódio se refletiria em todo o mundo de maneira muito positiva (FARIAS, 2010).

## Uniformes e a moda

Segundo Suzuki (2011) a raiz etimológica da palavra moda, introduzida na língua italiana em torno de 1650, é derivada do latim, que significa uso, costume, hábito, tradição, boas maneiras, moralidade e ainda, lei, tipo, regra. Entretanto, dicionários de moda, definem a moda como: o uso ou hábito, geralmente aceito, variável no tempo, resultante de determinado gosto ou idéia e das interferências do meio. A moda torna-se um fenômeno social e cultural à medida que se refletem os costumes e os valores da sociedade em um determinado espaço de tempo, consistindo na mudança constante de estilo vinda da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social e demonstrar a própria personalidade, por isso apesar das tendências o que sobressai é o estilo próprio.



Lipovetsky (2001) afirma que a moda atingiu uma posição de centralidade nas sociedades contemporâneas, dotada de potencial força econômica e social. Essa força é por ele percebida em determinados espaços geográficos e de tempo.

Procurando sempre refletir a sociedade de sua época, entre outras coisas, o ser humano cria padrões de beleza e estética. Assim, sendo, o conceito de moda é um sistema de valores que serve para explicar a efemeridade das manifestações estéticas, podendo ser considerado um objeto, que nunca é consumido por seu valor de uso, mas sim pelo prestígio que ele possa atribuir ao seu proprietário, principalmente em se tratando de um “instrumento de hierarquia social” (LIPOVETSKY, 2001).

> A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo do seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira a sua imagem: era periférica, agora é hegemônica (LIPOVETSKY, 2001, p. 12).

Desta forma, somos capazes de analisar o contexto da mulher comissária de bordo, que ascendeu na profissão e na moda ao ter seu uniforme cada vez mais explorado por empresas aéreas e seus estilistas, em um momento onde ser mulher era sinônimo de ser classificada em categorias como “boa esposa”, a “moça de família”, a “rainha do lar” conforme destaca Pinsky (2014) em sua obra “Mulheres dos Anos Dourados”.

Imagem 02: Aeromoças, seus uniformes e a moda. Revista Manchete, ano: 1966, edição: 724. Acervo: Hemeroteca N. Digital.

Em relação às mulheres de meados do século XX, para Pinsky (2014) as transformações no tocante aos avanços industriais no Brasil, pós Segunda Guerra, têm reflexos importantes no status socioeconômico das mulheres. A eliminação de várias ocupações artesanais ou domésticas, expulsando um número significativo de mulheres do mercado de trabalho, contudo, surgem para elas novas oportunidades em conseqüência do aumento de empregos no setor terciário. Neste momento, cresce também a demanda por trabalhos considerados femininos, como secretária, professora, enfermeira.

> As moças ganharam mais autonomia, o que implicava, por sua vez, um nível maior de responsabilidade com relação ao próprio corpo, sua virgindade, aquilo que se definia como seu comportamento moral, enfim. Papai, mamãe ou titia, com exceção dos "antiquados", não acompanhavam mais a garota ao cinema, à lanchonete, às boates e festas dançantes, aos passeios (de automóvel!) com o namorado. "Segurar vela" para a amiga ou a prima também começava a cair de moda (PINSKY, p.480, 2018).

Contudo, já a profissão de comissária de bordo não era vista com bons olhos neste momento apesar da crescente procura pelas viagens no meio do transporte aéreo, pois a mulher dessa profissão tinha sua imagem associado a beleza, sensualidade, sexualidade, atrativos vistos como impróprios para as jovens moças que se preparavam para serem futuras "donas de casa" "esposas ideais" (PINSKY, 2014).

Na figura a seguir, podemos observar através da chamada com a qual a revista “Manchete” do ano de 1967 faz ao retratar das comissárias de bordo ao dizer; “A beleza supersônica”;

Imagem 03: Aeromoças em frente a aeronave. Revista Manchete, ano 1967, edição: 794. Acervo: Hemeroteca N. Digital.

Diante de tais abordagens, ao tratar da imagem dessas mulheres, sua beleza é colocada como centro dos assuntos, motivo pelo qual a profissão deveria ser evitada pelas jovens moças que deveriam se preocupar em serem boas esposas e mães de família como Pinsky (2014) relata ao citar sobre as novas profissões do setor terciário.

**Imprensa e a relação com as comissárias de bordo;**

Já no tocante a imprensa dos “Anos Dourados”, a pesquisadora De Luca (2018) relata que os assuntos das revistas destinadas ao público feminino compartilham temas como: casamento, filhos, moda, beleza, culinária, prendas domésticas, crônica social, etiqueta e publicidades.

Para Pinsky (2014) tratavam-se de uma gama de temas cujos referenciais obrigatórios eram os papéis domésticos tradicionalmente reservados às mulheres e as características consideradas “próprias da mulher”. Todas as revistas promoviam e valorizavam a “família proposta como modelo para toda a sociedade, e da mulher como “boa esposa”, “boa mãe”.

Em relação às revistas analisadas, “O Cruzeiro”, com publicação de interesse geral, também teve textos e matérias destinados especialmente às mulheres, onde as leitoras encontravam contos e páginas dedicadas a moda, aparência, crônica social, culinária, humor e conselhos e respostas a cartas de leitoras. (PINSKY, 2014).

A Revista “Manchete” foi uma revista semanal de grande circulação, lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 1952, tendo circulado regularmente até 2000. A publicação se estabeleceu como principal concorrente da então extremamente bem-sucedida revista O Cruzeiro. Discursos recorrentes nas revistas analisadas, como: “Ser uma boa dona de casa e uma boa mãe fazia parte da essência das mulheres”. De Luca ainda afirma que o marido era considerado o chefe da casa e, sendo assim era o responsável por prover a família materialmente. Ao homem caberia o sustento da esposa e dos filhos enquanto às mulheres deveriam ocupar-se de obrigações domésticas e o cuidado com os filhos e marido (DE LUCA, 2018).



Já em relação às profissionais da aviação, a vida das aeromoças no decorrer da era de ouro da aviação (décadas de 50 a 70) estavam envolvidas por um prestígio que alcançara o imaginário de muitas jovens aspirantes à profissão, seu status era semelhante ao das modelos ou estrelas de cinema tais como: Brigitte Bardot, Jayne Mansfield, Sophia Loren, Grace Kelly, Audrey Hepburn e Marilyn Monroe. Toda essa influência da mídia, incentivada pelas respectivas empresas aéreas proporcionou uma feminilidade idealizada na figura da comissária de bordo que aparecia constantemente em anúncios publicitários das revistas “Manchete” e “O Cruzeiro” como podemos observar logo abaixo, na imagem 04, que a empresa aérea, ao caracterizar os benefícios do seu serviço de bordo, enfatiza que os passageiros sempre poderão contar com a figura simpática, bela e sempre cortês da comissária de bordo. (FAY, 2010).

Imagem 04: Publicidade da empresa aérea Iberia. Revista Manchete, ano 1970, edição 953. Acervo: Hemeroteca N. Digital.

Imagem 05: Publicidade da empresa aérea Pluma. Revista Manchete, ano: 1978, edição: 1393. Acervo Hemeroteca N. Digital.

## Resultado e Considerações Finais

Os anúncios apresentados nas revistas “Manchete” e “O Cruzeiro”, percebeu-se uma forte delimitação de gênero na sociedade no período de meados do século XX. Discursos como: “Ser uma boa dona de casa e uma boa mãe fazia parte da essência das mulheres”. De Luca ainda afirma que o marido era considerado o chefe da casa e, sendo assim era o responsável por prover a família materialmente. Ao homem caberia o sustento da esposa e dos filhos enquanto às mulheres deveriam ocupar-se de obrigações domésticas e o cuidado com os filhos e marido, fazendo com que os estudos e profissão fora do lar não fossem visto com bons olhos para as mulheres. (DE LUCA, 2018).



As propagandas e anúncios das revistas sobre as empresas aéreas e que continham as aeromoças como figura central nas revistas estudadas (Manchete e O Cruzeiro) não tinham o intuito de instigar jovens moças a seguir a profissão de comissária de bordo, mas sim, instigar a um público específico ao consumo de um meio de transporte que estava em fase de crescimento e expansão, ao público, sendo ele masculino (ao compreender que na aeronave, ele teria jovens e belas mulheres para o servirem e atenderem) . No entanto, em relação ao público feminino, a dona de casa que ao viajar com a família, poderia sempre ficar tranquila, pois possuiria uma pessoa de confiança (aeromoça) para lhe ajudar com os filhos e com todo o conforto a bordo como vimos na imagem 05 da propagando da empresa aérea Pluna, ao colocar a comissária de bordo como sendo semelhante a figura de uma amiga próxima, alguém com quem aquela mãe possa contar neste momento longe de casa e que lhe ajudaria a se sentir bem e a proteger a sua prole.

Sob esta perspectiva, Bassanezi (2004, p. 610) descreve que conservadores brasileiros questionavam sobre a possibilidade de influências negativas que eram abordadas pelo cinema americano e por certas profissões que estavam surgindo naquele momento e que poderiam servir como exemplo negativo para as jovens brasileiras. Destacando o comportamento das moças americanas como algo a ser evitado, como o desrespeito aos pais e a irreverência apresentada por elas durante o namoro seja em lugares impróprios ou mesmo dentro do carro, assim, profissões como atriz de cinema, cantoras, modelos, aeromoças, deveriam ser evitadas pelas jovens cuja a família almejavam bons casamentos e uma vida dedicada ao lar e aos cuidados com marido e filhos.

**Referências Bibliográficas**


BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. PRIORI,Mary Del (org). História das mulheres no Brasil. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.

DE LUCA, Tania Regina. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); PEDRO, Joana Maria (org). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **"Uniforme de trabalho e a emancipação feminina: das companhias aéreas à siderurgia."** In: BONADIO, Maria e MATOS, Fátima. História e Cultura de Moda, São Paulo, 2011, p. 60-81.

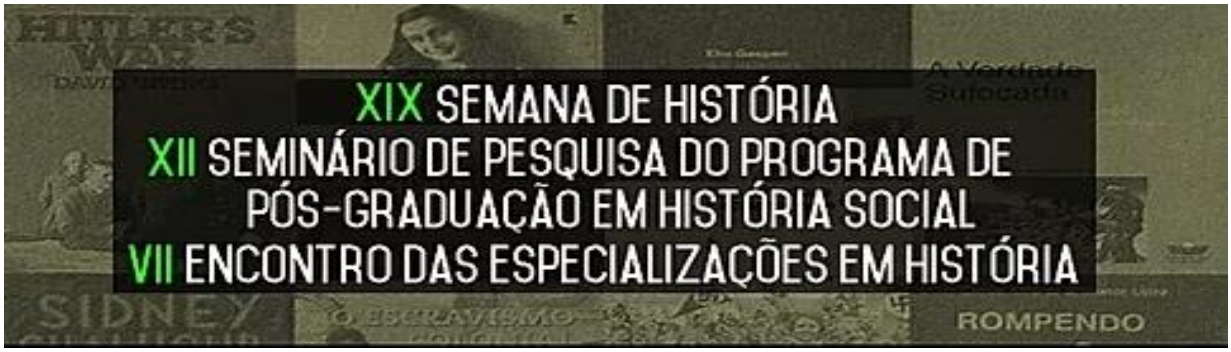
FAY, Claudia Musa; DE OLIVEIRA, Geneci Guimarães**. Pilotos e comissários: profissão de homem e profissão de mulher?.** VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. 2010.

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero:** a moda e seu destino nas sociedades modernas, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

SUZUKI, K. M. S. **Um mercado em expansão,** 2011. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/411/1/AP_CODEM_2011_2_10.pdf. Acesso em: 10/04/2019.

VASCONCELOS, Cláudia. **Estrela Brasileira**, 2010. Edição Digital, [consult. 02 julho. 2019]. Disponível na internet – Amazon.






# CULTURA E POLÍTICA NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA (*1978-1981)

Higor Braen da Silva[1]
(Bolsista CNPq)
(Universidade Estadual de Maringá)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa histórica referente ao jornal de imprensa alternativa Lampião da Esquina (LE), surgido, em 1978, no contexto de abertura política no Brasil. Seu lugar de origem é o Rio de Janeiro, tendo sido produzido por um grupo de homens ligados ao movimento homossexual da época, que viveram no exílio político durante o período de repressão mais intensa da ditadura militar. Quando retornam ao país, surgem com a iniciativa de fundar um jornal que tivesse como foco, a princípio, denunciar as formas de violência que os sujeitos homossexuais sofriam por parte do Estado e da sociedade, assim como os problemas de marginalização, não reconhecimento de cidadania, dentre outras formas de opressão. Embora já existam trabalhos acadêmicos sobre o jornal, a abordagem que pretendemos utilizar na pesquisa ainda não é trabalhada. Propomos analisar os aspectos políticos envolvidos no jornal, juntamente com seus elementos culturais, tendo em vista que se tratava de um jornal publicado por intelectuais. A proposta é entender sua crítica político-cultural que passava pela crítica aos próprios movimentos do espectro político progressista como negligentes em relação às chamadas pautas identitárias das minorias.

**Palavras-chave:** História e gênero; imprensa alternativa; história intelectual; história cultural; história social

Financiamento: CNPq

## Introdução

O trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa referente ao jornal de imprensa alternativa Lampião da Esquina (LE), surgido, em 1978, contexto de abertura política no Brasil. Seu lugar de origem é o Rio de Janeiro, tendo sido

[1] Graduando em História pela Universidade Estadual de Maringá e bolsista de iniciação científica pelo CNPq

produzido por um grupo de homens ligados ao movimento homossexual da época, que viveram no exílio político durante o período de repressão mais intensa da ditadura militar. Quando retornam ao país, surgem com a iniciativa de fundar um jornal que tivesse como foco, a princípio, denunciar as formas de violência que os sujeitos homossexuais sofriam por parte do Estado e da sociedade, bem como os problemas de marginalização, não reconhecimento de cidadania, dentre outras formas de opressão.



A equipe editorial do LE era composta por intelectuais de diferentes formações, tais como jornalistas, artistas plásticos, cineastas , literatos, cientistas sociais e etc. Muitos já possuíam atuação relevante na área da imprensa alternativa, com iniciativas ligadas ao chamado ”movimento guei [*sic*]”, como aparecem descritos na edição experimental 00 do jornal:

> Adão Acosta – jornalista, ex terapeuta ocupacional e pintor. Aguinaldo Sila – jornalista especializado m assuntos policiais, escritor ( com 10 livros publicados, até 1978), tem uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com o *Opinião* desde os primeiros números, e foi um dos fundadores de *Movimento.* Antônio Crysóstomo – jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários shows, foi um dos mais polêmicos críticos do país. Clóvis Marues – jornalista e tradutor, fez crítica de cinema, foi sub-editor do Gia Filmes publicado pela Embrafilme, foi correspondente, no Brasil, de Filme Dope, de Londres. Darcy Penteado – artista plástico e escritor, foi uma das figuras mais importantes do front cultural paulista. Foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra discriminação e o preconceito e relação aos homossexuais, seu primeiro livro “A Meta” , conta as histórias que abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano de 1977. Francis Bittencourt – poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas, foi membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil) e colabora como crítico em vários jornais. Gaspirino Damata – jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia, organizou duas antologias “História do Amor Maldito” e Poema do Amor Maldito, que tinham a homossexualidade como tema. Jean- Claude Bernadert- crítico de cinema, foi um dos teóricos do Cinema Novo, possuiu também uma longa experiência na imprensa alternativa, foi um dos colaboradores mais ativos do Opinião  um dos fundadores de movimento. João Antônio a burocratice [*sic*] DOS MINISTÉRIOS DA Educação e da Agricultura para formar a cadeia de “gente boa” que resultou na ideia de se publicar o *Lampião.* João Silvério Trevisan, cineasta e escritor, é autor de um dos livros de contos mais elogiados em 1977, Testamento de Jônatas deixado a Davi, escreveu um romance destinado ao público juvenil, fruto de suas andanças pela América Latina. Peter Fry, nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou a Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou como professor. Em 1970 veio para o Brasil contratado pela Universidade de Campinas . Pesquisa as religiões afro-brasileiras e sexualidade no Brasil. (LE, 1978, n°00, p.2)

O jornal não foi pioneiro na abordagem da homossexualidade no Brasil. Outros grupos de ativistas da causa já haviam criado jornais da imprensa alternativa desde o começo da década de 1960 no Brasil, como é explicado por Coelho (2014):

> No que se refere ao processo de construção da imprensa homossexual brasileira, vale mencionar que em 1961 surge o *Snob*, considerado o primeiro jornal brasileiro voltado para o público gay, foi criado por Agildo Guimarães. A partir de então, há uma produção, mais alargada para esse público. Ainda nas décadas de 1960 e 1970 encontramos *Snob de Gilka Dantas, Le femme, Sub´rbio á noite, Gente Gay, Aliança de ativistas homossexuais, Eos, La Saison, O centro, O Galo, Os Felinos, Opinião, O Mito, Le Sophistique, Fatos e Fofocas, Zéfiro, Baby, Little e Darling, Ello, Eros e Entender.* (COELHO, 2014, p.42)



Entretanto, LE demonstra êxito no alcance do público alvo, o qual se estabeleceu uma maior proximidade de comunicação, a partir das formas de divulgação da primeira edição, enviada gratuitamente a diversos endereços, que permitia ao leitor corresponder da maneira que desejasse, com identificação u anonimamente. Até mesmo aquele que não se encontrava em condições financeiras de adquirir o jornal, tinha conhecimento de sua existência e tinha a oportunidade de escrever para a redação para solicitar algum tipo de ajuda, uma vez que um dos principais objetivos da iniciativa era dar visibilidade ao gueto homossexual, seja como uma subcultura ou como uma população segregada de espaços que assegurem seus direitos básico, sofria com as constantes invasões e violência por parte do aparato policial. Assim o jornal destaca um de seus principais aspectos, que é o alinhamento com a reportagem investigativa presente nas edições, por meio do recolhimento de depoimentos e entrevistas de homossexuais e travestis que viviam na prostituição e relatavam as condições que se submetiam como forma de sobrevivência.

A partir das áreas de atuação de cada membro da equipe editorial, o jornal estabelecia relações com seus grupos, como o autor Peter Fry, um precursor da discussão acadêmica sobre a temática na área de Humanidade em meados dos anos 70.

Os onze homens que formavam a equipe editorial do LE, já possuíam uma trajetória relacionada a projetos a fim de inserir ideias de liberação sexual no Brasil, inspirados por movimentos de mesma iniciativa existentes nos Estados Unidos, onde enfrentavam políticas ultraconservadoras de perseguição a minorias sexuais. A organização desses grupos passava, muitas vezes, pela publicação de impressos periódicos, como o jornal mais conhecido na época “*Gay Sunshine*

Press” , como relata um dos membros da equipe editorial do LE, João Silvério Trevisan, a respeito de sua ligação com jornal estadunidense e a ideia de implementar a mesma iniciativa editorial no Brasil:

> Foi nesse contexto de ebulição que, no fim de 1977, alguns intelectuais, jornalistas e artistas de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, a propósito de uma antologia de literatura guei [sic] latino-ameriana, organizada por Winston Layland, fundados da Gay Sunshine Press, de São Francisco (Califórnia) [...] Nesse encontro surgiu a ideia e se formar um Coletivo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista dos homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país [..] Lampião vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se nu projeto m que temas tratados eram aqueles considerados “secundários”, tais como a sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. (TREVISAN, 2018, p. 316/317)



A configuração de LE, desde a primeira edição n° 0, continha sempre um título de reportagem exclusiva sobre a população homossexual, divulgação de eventos e espaços de entretenimento voltados a esse público. A capa possui sempre uma margem colorida que envolver todo o as imagens em preto e branco. Na parte interna há colunas intituladas “Esquina” , “Opinião” , “Reportagem” e “Cartas na mesa” sempre no final. Os artigos variavam de autoria e alguns eram escritos por convidados que não faziam parte da equipe editorial. A partir da quinta edição, o jornal ganha uma coluna fixa, chamada “Bixórdia”. Essa coluna surge como uma espécie de glossário do dialeto gay a fim de reverter o significado pejorativo de termos utilizados em discurso de ódio contra homossexuais.

**Justificativa**

Embora já existam trabalhos acadêmicos sobre o jornal, a abordagem que pretendemos utilizar nessa pesquisa ainda não é muito trabalhada. Propomos analisar os aspectos políticos envolvidos no jornal, juntamente com seus elementos culturais, tendo em visa que se tratava de um jornal publicado por intelectuais. A proposta é entender sua crítica político-cultural que passava aos próprios movimentos do espectro político progressista como negligentes em relação às chamadas pautas identitárias das minorias.

**Objetivos**

Analisar o jornal LE em seus aspectos culturais e políticos buscando:

- compreender como cultura e política se relacionam jornal

- identificar e analisar as críticas feitas aos segmentos políticos institucionalizados (dos vários espectros políticos)

- destacar suas ações de antagonismo contra veículos da grande imprensa que representava uma imagem estereotipada do homossexual.

**Resultados**

Embora a pesquisa se encontre em fase inicial, é possível constatar algumas informações a respeito de suas características gerais, bem como a criação do *Lampião da Esquina* e seus objetivos enquanto imprensa de segmento homossexual.



O jornal que teve sua primeira edição publicada em Abril de 1978, como edição experimental número zero. Ao todo existiram 37 edições incluindo 4 edições extras, que circularam até 1981. As primeiras edições, possuem em torno de 16 páginas e posteriormente esse número se estender para 20 páginas e também há o aumento das colunas que dividem os assuntos tratados no jornal.

A edição 00 apresenta formalmente os membros do conselho editorial e área de formação e ossada de estudos das quais cada um se dedicava, bem como o que produziam com relação a trabalhos artísticos, e intelectuais, sendo estes homossexuais publicamente assumidos. Há uma importante manchete nessa edição de estreia referente a um processo que um jornalista , chamado Celso Curi sofreu pelo Ministério Público ao publicar textos sobre homossexualidade no jornal de grande imprensa em que trabalhava “Correio da Manhã”.

REPORTAGEM

# Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri?

*Colunista mais lido da Última Hora de São Paulo, responsável direto pelo aumento de vendagem do jornal, Celso Curi, o rapaz da "Coluna do Meio", foi demitido em novembro de 1977 sob o pretexto de "contenção de despesas". A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal um tema até então considerado tabu: o homossexualismo. Por causa disso ele também foi incurso no Art. 17 da Lei de Imprensa – "ofender a moral e os bons costumes" – e, processado, poderá ser condenado a um ano de prisão.*

"O Papa diz que è pecado. Os anjos não dizem amém." (Celso Curi)

*A 5 de fevereiro de 1976, começou a sair diariamente nas páginas do jornal paulista* Última Hora *uma nova coluna de cunho informativo, social e burlesco. O nome, com muito humor, foi emprestado da loteria esportiva:* Coluna do Meio.

está podre? *"O que acha desta coluna?* F. R. – Ela é um bom sinal para o Brasil. É sinal de que ainda há esperança." Publicavam-me também as frases do dia, um dos grandes sucessos da Coluna:

prosseguiu por mais de um ano. Até que a partir de novembro de 1977, os personagens Dodô Darling, Izildinha a Sabichona, Baby Portland e Morocha Martinez deixaram de circular. Celso Curi foi despedido

**Imagem 1 –** Página 6 da edição n°00 de *Lampião da Esquina*

O conteúdo externo da edição contém uma das colunas que será permanente nas edições seguintes, a coluna “Opinião” a qual é publicado um texto de apresentação do LP em que o conselho editorial justifica a criação do jornal e quais são seus objetivos a longo prazo, dos quais o que se destaca é a proposta de levantar discussões a fim de pensa a auto aceitação de seu público com a sexualidade, estabelecer contatos com a chamada cultura do gueto homossexual e o rompimento com as restrições que os homossexuais enfrentam ao estarem restritos a sua vivência à esse espaço, de forma clandestina.



Na coluna “Cartas na mesa” embora fosse parte de um conteúdo incipiente, se propõe como o meio de comunicação em que se espera poder saber das impressões de seu leitores, visto que era possível escrever para o endereço da equipe editorial e comentar a respeito do conteúdo e publicações d jornais, bem como fazer críticas e sugestões. Como se tratava de uma edição experimental, foi enviada gratuitamente a endereços aleatórios e esperavam após envio, respostas sobre a iniciativa editorial e as formas de aquisição do jornal que passaria a ser comercializado.

CARTAS NA MESA

*A idéia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, fotos, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação.*

## Nos becos escuros

*Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, para ver se minha carta saía ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem rondas no local guei denominado "Buraco da Maisa", no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no "Buraco", até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso?*
*Jenifer*
*Rio de Janeiro*

*Resposta: Um dos objetivos de LAMPIÃO é não apenas fazer com que as pessoas possam sair do "buraco", mas, também, garantir a todas elas o direito de entrar lá, quando queiram. Se o sistema não estivesse realmente interessado em manter vielas escuras, ele simplesmente as iluminaria, não é? Seria uma solução bem mais fácil que mandar policiais prender as pessoas que as frequentam. Já nesse número zero falamos de um assunto parecido — o Cinema Iris. Não se preocupe: voltaremos a abordá-lo.*

## Homens nus

Achei divina a idéia do Lampião.

Resposta: *Eliza Doolitle (por que*

## Pintou o bode

... Há dias em que tenho vontade de me matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando a minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando eu passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho vontade de fugir, mas não tenho meios. Além disso sou menor, tenho 17 anos. Sinto-me a última das pessoas. Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo. Agora, estou escrevendo, mas nem sei para que. Será que vocês podem me ajudar?

Resposta: LAMPIÃO, meu caro Infante, se recusa a servir de muro de lamentações. Tudo o que você tem que fazer é se livrar de toda essa auto-piedade, dessa auto-flagelação. Ninguém pode ser tão execrado quanto você pensa que é. Em nenhum momento de sua carta você diz o que realmente é, ou seja, que é homossexual. A nosso ver, o problema está em você mesmo, que não se aceita. De qualquer modo, você frequenta livrarias, pelo menos isso. Pois leia, que isso em muito o ajudará. Se quiser, nós lhe mandamos uma lista de livros através dos quais você poderá descobrir o que realmente está acontecendo em torno de você (Deboche? Ódio? E por que não fascínio?). Informe-se, ache uma maneira de atuar no mundo em que vive, e deixe de ter pena de si mesmo. Há tanta coisa para ser feita no mundo, e você fica nessa de "ah, como eu sou

**Imagem 2-** Página 14 da edição nº 00 do *Lampião da Esquina*

A publicidade contida no jornal, como se dividiam as seções/colunas, demonstram quais eram seus conteúdos de cunho político cultural. Dividem seus textos em análises e reflexões políticas acerca do movimento homossexual no Brasil, apontando problemas no que se refere à sua organização política, essa tendência estará presente na edição n° 1. Ainda na edição experimental, está presente, lugares, que funcionavam como uma espécie de “point” de encontro entre os homossexuais e demais identidades ligadas ao universo queer da época. Esse local constantemente mencionado é chamado de “Cinema Irís” o qual será sempre apontado em roteiros de lugares voltados aos grupos de minorias sexuais.

REPORTAGEM

**Cinema Iris: na última sessão, um filme de terror**

Na porta do cinema Iris (Rua da Carioca, no Rio) a fila para a última sessão já está formada. São 21h20min e o cartaz, ao lado porta, anuncia dois filmes: **A Volta de Trinity**, um **bang-bang** italiano cheio de violência, e **A Espiã que Caiu do Céu**, com as promessas eróticas – jamais cumpridas – de Rachel Welch. Na bilheteria, junto ao horário das sessões, o preço dos ingressos: inteira Cr$2, estudantes Cr$1, e o aviso que garante a presença feminina: "damas pagam meia".

Quem estiver na fila e arriscar uma olhada em volta, terá que escolher entre a Rua da Carioca, àquela hora sem muito movimento, sempre escura e feia, e o **hall** do cinema, que se pode devassar amplamente através de suas portas abertas. As escadarias de ferro, as frigamas dos caminhões, as cortinas de um veludo cuja cor o tempo consumiu, os espelhos (alguns quebrados)

o primeiro **desocupado**. Cercado pelos policiais, ele diz que é trabalhador autônomo, pinta paredes. Mas não pode exibir o cartão do Imposto Sobre Serviços, na verdade, ainda não se inscreveu. Protesta, diz que tem mulher e filhos, dá um vago endereço onde podem comprovar que ele trabalha. Mesmo assim é levado para o carro e trancafiado.

A operação se processa com a mesma lentidão. As "damas que pagam meia" são as que mais protestam, usam contra os policiais argumentos impublicáveis, mas nem assim conseguem comovê-los. Quando o décimo desocupado é trancafiado na chamada **viatura**, parece impossível que ali caiba mais alguém. Mesmo assim, os policiais continuam. Um rapaz, cujos gestos funcionam como uma espécie de bandeira – trata-se de um homossexual –, informa que é advo-

**Imagem 3 –** Página 09 da edição n° 00 do *Lampião da Esquina*

Buscando problematizar a estrutura do sistema hegemônico que provoca a realidade de violência e injúria praticada contra essas minorias sociais, e outros grupos marginais, estavam alheios ao direito à cidadania, assim como as mulheres com relação a autonomia e o corpo, machismo, misoginia, o que se estendia a discussão das identidades sexuais que se submetiam muitas vezes a realidade da prostituição, como era o caso dos michês e as travestis. Portanto, um dos maios para se tratar questões políticas referentes a população homossexual, era pelo meio de reportagem investigativa, que denunciava publicamente crimes em grande parte cometidas pelo aparato policial, contra esses grupos, além dos roubos e extorsões por partes dessas autoridades que invadiam estabelecimentos frequentados por essas pessoas.

REPORTAGEM

CINELANDIA-ALASKA-SÃO JOÃO

# Os caubois, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação

Onze e meia da noite de uma sexta para sábado. O local tanto pode ser a Cinelândia ou Galeria Alaska, no Rio, quanto a Avenida São João, em São Paulo. Desde as seis da tarde – horário de saída dos escritórios das imediações – que o movimento não pára –, e não vai parar até três, quatro horas da manhã de domingo. É o conhecido triângulo da badalação **entendida**, para uns; para outros, da prostituição masculina no Rio e em São Paulo: Cinelândia-Alaska-São João, onde se amontoa uma população **diferente**, de homossexuais de todos os tipos, de um lado, aos que vivem às custas desse gueto tropical, do outro.

Não há propriamente **lados** entre uns e outros. Apenas para efeito de narração, pode-se dizer que a escala, entre homossexuais, vai do folclore bravio das bichas marginalizadas, que usam roupas de mulher – nem sempre caracterizadas como verdadeiros travestis, compondo, neste caso, tipos híbridos entre homem e mulher –, aos viados distintos, indivíduos bem postos, quando não magnificamente localizados na escala social, componentes da base econômica sobre a qual se movimenta este meio quase sempre divulgado apenas no que tem de mais superficial e evidente.

Entre os que giram – e sobrevivem – em torno dos últimos, há desde os mais reles meninos de programa, michêzinhos de 40 a 100 cruzeiros por pernoite, até os profissionais competentes, fisicamente atraentes, capazes



"Gaúcho", antes do crime: "Tá tudo muito preto mesmo..."

do?"/ "É, vendo as modas"./ "Você é daqui?"/ "Não. De São Paulo. Tou no Rio tem

ou nenhum dinheiro, aos infectos cubículos de hospedarias das ruas Morais e Vale, Ri-

por ser a de J.A.M., com a ressalva, ao final do texto, de que "o rapaz está entre as pessoas procuradas pela polícia, para esclarecer certos aspectos do crime".

NUM SÁBADO QUALQUER

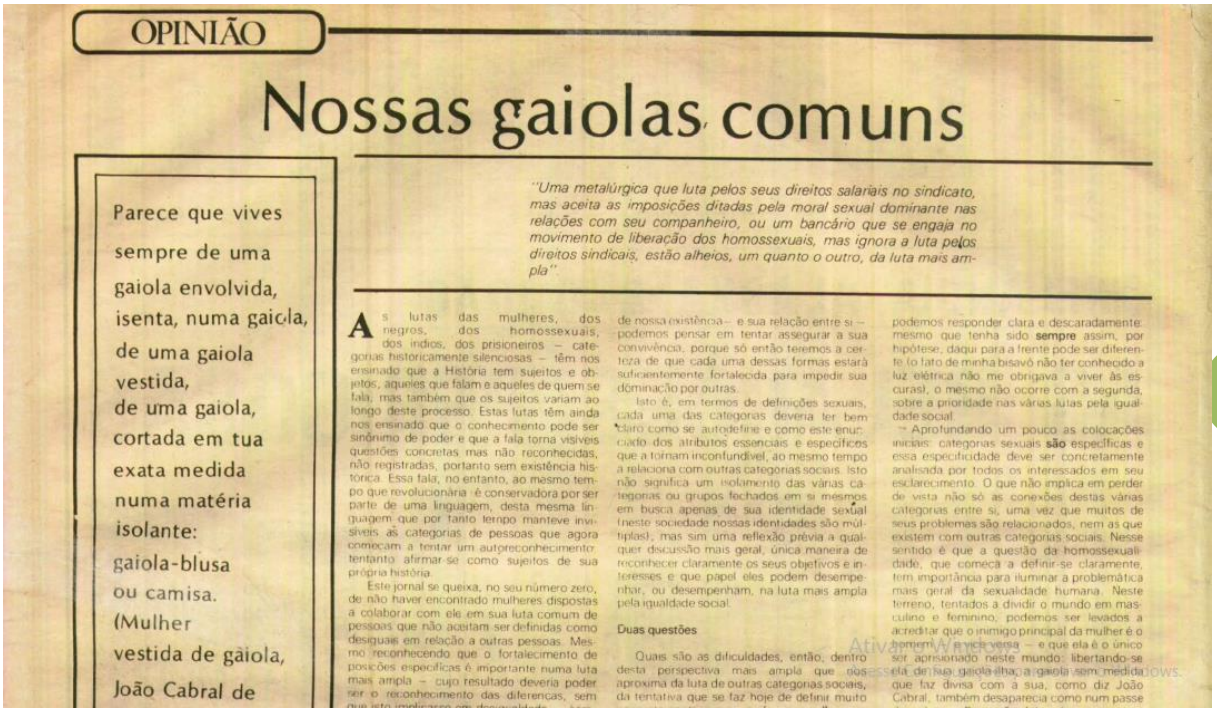
Dez da manhã, praia de Copacabana. O rapaz forte, moreno, com sotaque de sulista, vem pela areia e me pede um cigarro, outro estilo clássico de puxar assunto. Jogo rápido: quer saber se me interesso em sair com ele, se tenho apartamento, etc. É direto. Está no Rio há mais de ano, com o irmão. Precisa de dinheiro. Se me interessar, "tudo bem". Se não, vai agora mesmo prá frente do hotel Copacabana Palace, "onde tá assim de gringo cheio de dólar e atrás de garotão". Acho graça no seu jeito desinibido, até simpático, de malandro escolado. Me diz o nome: Luis Carlos. E vendo que eu queria só conversar, vai em frente, em busca dos seus gringos endinheirados. Um amigo, que viu nossa conversa, me chama a atenção. O rapaz se chama mesmo Luis Carlos, apelidado "Gaúcho". E o amigo aconselha a não lhe dar mais conversa em outros possíveis encontros. "Esse cara é pinta brava, ladrão e traficante de tóxico".

O tempo passa e não me lembro mais de "Gaúcho". Outro fim de semana e me encontro com ele no centro da cidade, mais exatamente no Passeio Público. Me reconhece e vem conversar. Pode ser mesmo perigoso. Mas tem sua dose de simpatia, até um certo encanto, mistura de cinismo e

**Imagem 4 –** Página 4 do *Lampião da Esquina* n°1

Esse trabalho era realizado por meio de entrevistas e depoimentos recolhidos das vítimas ou enviados pelos próprios leitores na coluna “Cartas na mesa”, seção do jornal em que o público leitor escrevia sobre suas impressões a respeito do conteúdo do jornal, mas também escrevia com intuito de expor um fato ou denunciar algo.  A coluna era sempre dividida entre jornalismo investigativo e as questões do universo homoerótico nas artes plásticas, literatura e cinema.

Em textos posteriores, como na edição n°01, o jornal buscava dialogar entre os homossexuais de diferentes classes e realidades sociais, com gay da periferia ao da classe média. Assim, o jornal era publicado a cada dois meses, com essa tiragem, disponibilizando em bancas ou mediante assinatura. Na edição 02 de 1978, a coluna “Opinião é publicado o artigo intitulado “Nossas gaiolas comuns” e narra o seguinte problema na organização fragmentada dos movimentos sociais no Brasil.



OPINIÃO

# Nossas gaiolas comuns

Parece que vives
sempre de uma
gaiola envolvida,
isenta, numa gaiola,
de uma gaiola
vestida,
de uma gaiola,
cortada em tua
exata medida
numa matéria
isolante:
gaiola-blusa
ou camisa.
(Mulher
vestida de gaiola,
João Cabral de

*"Uma metalúrgica que luta pelos seus direitos salariais no sindicato, mas aceita as imposições ditadas pela moral sexual dominante nas relações com seu companheiro, ou um bancário que se engaja no movimento de liberação dos homossexuais, mas ignora a luta pelos direitos sindicais, estão alheios, um quanto o outro, da luta mais ampla"*

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala; mas também que os sujeitos variam ao longo deste processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas mas não reconhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autoreconhecimento, tentando afirmar-se como sujeitos de sua própria história.

Este jornal se queixa, no seu número zero, de não haver encontrado mulheres dispostas a colaborar com ele em sua luta comum de pessoas que não aceitam ser definidas como desiguais em relação a outras pessoas. Mesmo reconhecendo que o fortalecimento de posições específicas é importante numa luta mais ampla – cujo resultado deveria poder ser o reconhecimento das diferenças, sem

de nossa existência – e sua relação entre si – podemos pensar em tentar assegurar a sua convivência, porque só então teremos a certeza de que cada uma dessas formas estará suficientemente fortalecida para impedir sua dominação por outras.

Isto é, em termos de definições sexuais, cada uma das categorias deveria ter bem claro como se autodefine e como este enunciado dos atributos essenciais e específicos que a tornam inconfundível, ao mesmo tempo a relaciona com outras categorias sociais. Isto não significa um isolamento das várias categorias ou grupos fechados em si mesmos em busca apenas de sua identidade sexual (neste sociedade nossas identidades são múltiplas), mas sim uma reflexão prévia a qualquer discussão mais geral, única maneira de reconhecer claramente os seus objetivos e interesses e que papel eles podem desempenhar, ou desempenham, na luta mais ampla pela igualdade social.

**Duas questões**

Quais são as dificuldades, então, dentro desta perspectiva mais ampla que nos aproxima da luta de outras categorias sociais, da tentativa que se faz hoje de definir muito

podemos responder clara e descaradamente, mesmo que tenha sido **sempre** assim, por hipótese, daqui para a frente pode ser diferente. (o fato de minha bisavó não ter conhecido a luz elétrica não me obrigava a viver às escuras), o mesmo não ocorre com a segunda, sobre a prioridade nas várias lutas pela igualdade social.

Aprofundando um pouco as colocações iniciais: categorias sexuais **são** específicas e essa especificidade deve ser concretamente analisada por todos os interessados em seu esclarecimento. O que não implica em perder de vista não só as conexões destas várias categorias entre si, uma vez que muitos de seus problemas são relacionados, nem as que existem com outras categorias sociais. Nesse sentido é que a questão da homossexualidade, que começa a definir-se claramente, tem importância para iluminar a problemática mais geral da sexualidade humana. Neste terreno, tentados a dividir o mundo em masculino e feminino, podemos ser levados a acreditar que o inimigo principal da mulher é o homem, a vice-versa – e que ela é o único ser aprisionado neste mundo: libertando-se ela de sua gaiola-filha, a gaiola sem medida que faz divisa com a sua, como diz João Cabral, também desaparecia como num passe



**Imagem 5 –** Página 02 da edição n°01 do *Lampião da Esquina*

> Uma metalúrgica que luta pelos seus direitos salariais no sindicato, mas aceita as imposições ditadas pela moral sexual dominante nas relações com seu companheiro, o um bancário que se engaja no movimento de liberação dos homossexuais, mas ignora a luta pelos direitos sindicais, estão alheios um quanto outro, da luta mais ampla (LAMPIÃO, 1978, p. 2)

A partir do excerto é possível perceber a preocupação que apontam para o problema da separação de diferentes anseios por diferentes pautas, que acaba por comprometer o potencial de força social que detém todos os segmentos, de classe, gênero, sexualidade e etnia. . As demandas sociais, portanto devem buscar um caminho de equidade entre as causas para assim promover de fato o rompimento com o sistema hierárquico e vertical, pois apontam que o mesmo está relacionado a hegemonia de dominação patriarcal do chamado hetero capitalismo.

Em outro ponto marcante é a abordagem da homossexualidade no âmbito religioso, especificamente o catolicismo predominante no Brasil e outros países de cultura Ocidental. O que é observado pelos editores de LP nesse sentido são os problemas de privação que líderes religiosos como a categoria clerical costuma praticar pelo rejeição e demonização que a chamada mitologia judaico-cristã é capaz de provocar. Na edição n°1 é realizada uma reportagem a respeito

de um padre que está enfrentando um dogma de sua religião e reivindicando o direito de viver sua homossexualidade.

ENSAIO

# Confissões de um Carmelita Descalço

Em fins do ano passado um livro tomou de assalto as livrarias espanholas e transformou-se, em poucos dias, num grande sucesso editorial. Seu título: Todos los parques no son un paraíso. Nele, seu autor, Antônio Roig Roselló, o Padre Antonio, da Ordem dos Carmelitas Descalços, confessava publicamente o seu homossexualismo, e reivindicava o direito de -- inclusive enquanto padre -- viver de acordo com sua própria sexualidade.

Mas os problemas logo começaram a surgir, em conseqüência da publicação do livro. Várias sanções foram feitas contra ele, até que, em janeiro deste ano, Padre Antonio foi suspenso a divinis pelo Arcebispo de Valência. No convento onde morava ele passou a ser evitado pelos outros padres e, impedido de rezar missa, pregar, ou ouvir confissões, Padre Antônio, sob ameaça de expulsão, foi também proibido de falar sobre o seu homossexualismo.

Isso certamente explica o tom reticente dessa entrevista, dada por ele, logo após a suspensão, a uma revista espanhola. Mesmo assim, ela vale como um documento sobre a posição da Igreja em relação aos homossexuais. Antônio Roig nasceu em Ibiza em junho de 1939. Ordenado sacerdote em1963, foi mestre de

Padre Roig ousou demais, foi suspenso pela Ordem

sonalidade. O aspecto psicológico dos personagens do livro são interessantes, o mais rico. Isso teve um grande valor para mim. Agora me preocupa a capacidade de construir a partir da homossexualidade. Estava chegando a um beco sem saída. Entendi, a partir da fé, que não há porque renunciar a mim mesmo ou à minha natureza.

— Vão cassá-lo como cura, vão suspendê-lo "a divinis", lhe tirarão as licenças...

— Pretendem fazer isso, tentarão. O normal é que venha um processo. Não quero falar, porque pesa sobre mim uma proibição expressa de qual-

## Cristo também está conosco

"Nós acreditamos que os homossexuais são membros do corpo místico de Cristo, englobados entre as pessoas de Deus".

Assim se inicia a declaração de posição e propósitos do movimento religioso Dignity, uma organização nacional norte-americana de homossexuais católicos, fundada em 1968 em San Diego, Califórnia, e atualmente

foram criados de acordo com a Sua vontade. Negar é negá-lo e à Sua grandiosa obra da qual faz parte o nosso mundo e que aqui está -- concordemos que bastante avariado, poluído e caótico, mas desse jeito pela ação do próprio homem, não pela Dele.

A exigência de direitos dos homossexuais americanos e a participação na legalidade da Igreja, sem precisar negar a sua verdade nem contrariar hábitos inerentes à sua natureza é assim expressa na declaração da Dignity: "Nós temos uma dignidade inata porque Deus nos criou, Cristo morreu por nós e o Santo Espírito nos santificou pelo batismo, fazendo-nos Seu Templo e o caminho pelo qual o amor da força divina existe. Por esta razão, esta é a nossa certeza, nosso privilégio e nosso direito, para viver de acordo com os sacramentos da Igreja, porque assim poderemos nos tornar um instrumento útil do amor de Deus, em benefício da coletividade. Acreditamos que os homossexuais possam expressar a sua sexualidade da maneira que seja concernente com os ensinamentos de Cristo. Acreditamos que toda sexualidade possa ser praticada com moralidade responsável e desinteressada. Trabalhamos pela justiça e pela nossa aceitação social, através da



**Imagem 6 –** Página 7 n°1 do *Lampião da Esquina*

## Considerações finais

As conclusões que são possíveis chegar a partir do levantamento das fontes e bibliográfico, é que a consolidação do movimento LGBT enquanto organização política esteve estreitamente vinculada à construção de uma imprensa alternativa, de caráter singular, a chamada Imprensa homossexual, que tem uma longa trajetória iniciada na metade do século XX. Uma pauta identitária que assim como o feminismo e movimento negro se legitima como tal, pela garantia de cidadania e combate à discriminação e seus estigmas.

## Referências

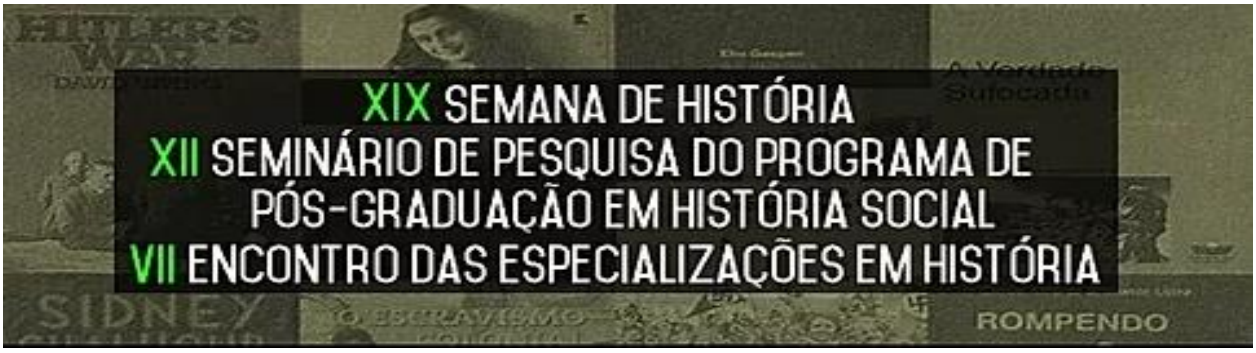
COELHO, Vinicius**. Lampião da Esquina**: Porta voz dos homossexuais (1978-1981). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

GREEN, James. **Homossexualidade no Brasil**: Uma bibliografia anotada. São Paulo: AEL, 2003

**Lampião da Esquina**. (Abril de 1978). Edição experimental- Número zero

**Lampião da Esquina**. (Maio de 1978). Edição – Número 1°

TREVISAN, João. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. São Paulo: Record, 2018






# O MOVIMENTO ABOLICIONISTA PELO JORNAL A REDEMPÇÃO: UMA ANÁLISE ACERCA DO PERIÓDICO

Maykon da Silva Justino Ferreira[1]
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** O presente texto tem por objetivo apresentar o periódico *A Redempção* como objeto de pesquisa para estudar o movimento abolicionista dos caifazes. A presente pesquisa busca apresentar os aspectos que permeiam esse jornal, no qual, evidenciam suas seções, editoriais, folhetins entre outros elementos. Sob a liderança de Antonio Bento o *A Redempção* configura-se como fonte importante para aqueles que desejam conhecer e estudar mais sobre este período de grande efervescência política no final do século XIX, sendo a maior relevância, por partir de um movimento que defende a radicalização na luta pela emancipação dos escravos. Por este motivo, o presente texto visa mostrar ao leitor a forma como este jornal comunicava-se com os leitores, analisando estas seções e periodicidade de publicação que elas possuem no periódico. Para isto entendemos ser necessário a apresentação do contexto político que envolve a criação do jornal, no qual, remete o ano de 1887; à figura de Antonio Bento redator-chefe do jornal e alguns elementos presentes no jornal analisando assim o seu início de circulação, apresentando assim a quantidade de jornais publicados, a tiragem, qual a frequência de publicação semanal, valores de venda e quem escrevia nas sessões do jornal.

**Palavras-chave:** Jornal; A Redempção; Movimento Abolicionista; Antonio Bento.

## INTRODUÇÃO

Trabalhar com jornais e revistas pela perspectiva da História realmente torna-se fascinante, principalmente quando pensamos que através destes podemos retirar inúmeros acontecimentos e as formas pelos quais determinados grupos encaram a sua realidade e traçam opiniões sobre elas.

[1] Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (2009-2012), possui especialização em Patrimônio e História (2014) pela mesma instituição. Atualmente é aluno regular do curso de Mestrado em História Social pela Universidade Estadual de Londrina e aluno de graduação em Arquivologia pela mesma instituição. E-mail para contato: maykonsf@uol.com.br

No século XIX isso se torna ainda mais fascinante, pois temos através da imprensa impressa a possibilidade de perceber as mudanças que ocorreram e os processos que envolviam as mesmas. A partir do século XVI o Brasil vem passando por grandes mudanças, não apenas na esfera política; econômica, mas também na social, quando estas três não ocorrem em processo simultâneo interligando uma a outra.



A relação entre a história e a imprensa vem ganhando cada vez mais amplitude dentro dos debates historiográficos, partindo da premissa de que a tão sonhada "isenção" de fato não existe, e que sempre há uma intencionalidade naquilo que se escreve e principalmente publica-se, podemos perceber que a imprensa do século XIX se torna uns dos canais por quais determinados grupos evidenciam suas opiniões e lutam para "conquistar corações e mentes" expressão trazida por Maria Helena Capelato[2].

Ainda que a historiadora Maria Helena Capelato esteja retratando de uma imprensa já do século XX, sua análise também se torna importante ao olharmos os jornais dos séculos anteriores, pois como dissemos, nestes séculos a imprensa impressa exercia uma grande influência sobre os seus meios. Isso pode evidenciar-se pela constante presença de grandes escritores em jornais e revistas, no quais, eram comuns suas estórias virem antes nos jornais, do que em livros, como o escritor Machado de Assis e Lima Barreto, entre outros.

Essa imprensa tornou-se ainda mais audível ou lida se assim podemos dizer, principalmente a partir dos anos de 1868, quando vemos a formação das agremiações abolicionistas que lutaram pela liberdade dos escravos, em um processo de abolição se assim podemos dizer "lento e gradual". Que na realidade não remetia à liberdade de fato de negros, mas sim, a transição de um sistema exploratório por outro, talvez mais aceitável aos olhos do sistema. Neste ensejo de movimentos sociais e políticos, juntamente com a imprensa impressa vemos a emersão de várias publicações abolicionistas que lutam por essa emancipação dos negros escravizados.

---

[2] Ver CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: 2ª. Contexto/EDUSP, 1994.

A socióloga Angela Alonso[3] (2016), nos mostra que este movimento abolicionista social e político, viveu três fases distintas, a primeira de flores; a segunda de votos e a terceira e mais contundente de balas. Este panorama trazido por Alonso (2016), faz com que possamos perceber, que este movimento abolicionista não é de forma alguma homogêneo e durante a sua existência houve momentos de maiores tensões, como também houve momentos de acomodações as realidades ali presentes, ou melhor, ao jogo que estava sendo jogado.



Alonso (2016) em seu livro nos apresenta que uma das maiores características desses movimentos é a falta da presença de negros escravizados neles, sendo na maioria das vezes, aqueles que se aglutinavam em movimentos de resistência, ficando um tanto distante da parte política da luta pela emancipação. Neste ponto a socióloga apresenta que entender o movimento abolicionista é de extrema importância:

> O abolicionismo brasileiro aconteceu quando se inventava o próprio fenômeno *movimento social*. Todavia, a variedade de estratégias, a estruturação em rede e as alianças internacionais denotam sua notoriedade. Soa contemporâneo também porque restam heranças suas. O impacto de um movimento transcende sua ocorrência, perdura nas práticas políticas de um país. Entender o abolicionismo, seus antagonistas e o andamento do processo político da abolição importa porque o fim da escravidão dividiu águas em nossa história, e porque a natureza de seu remate ainda reverbera nas formas contemporâneas da desigualdade no Brasil. (ALONSO, 2016, p.20)

Com este panorama acreditamos que estudar esse período abolicionista seja de importância fundamental, pois ainda somos resultados das lutas ali travadas e das discussões ali empreendidas, lembrando uma célebre frase de Lilia Moritz Schwarcz, “que ainda temos uma tendência de perpetuar o racismo no Brasil e consequentemente outras formas de escravidão”.

Partindo deste ponto analisar os movimentos é compreender como os mesmos se organizaram na luta pela emancipação dos escravos, não pretendemos aqui abordar todo o movimento abolicionista, algo que realmente não seria possível, mas darmos destaque a um movimento em específico o do grupo dos caifazes liderado por Antonio Bento, proprietário e redator-chefe do jornal abolicionista *A Redempção* que circula entre os anos de 1887 a 1899, que traz consigo nos dois primeiros anos, a forma de como esse movimento militou pela emancipação dos

[3] ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas:** o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

escravos e quais os discursos se assim podemos dizer estão presentes nessa folha abolicionista.

A pesquisa que está sendo realizada sobre este jornal encontra-se em fase inicial, sendo que aqui, apresentaremos alguns dos elementos que perpassam o jornal, a princípio iremos aqui apresentar esse grupo dos caifazes material esse composto na dissertação de mestrado de Alexandre Otsuka[4] e do sob orientação da professora Maria Helena Machado apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo e o livro de Lilia Moritz Schwarcz[5] (2017).



## OS CAIFAZES

Como já dito anteriormente os grupos ligados ao movimento abolicionista eram heterogêneos e suas ideias partiam desde aqueles que defendiam a abolição dentro do processo legal, como os que defendiam um processo mais radical, no qual, faziam incitações de fuga de escravos e o total desrespeito a ordem pública do período. Alonso (2016) em seu livro já nos demonstra que a partir dos anos finais que antecederam a abolição o período de votos havia passado, esses movimentos romperam com o governo após a entrada de um gabinete conservador, que tentou de certa forma paralisar o processo abolicionista.

Devido a essa radicalização por parte do governo imperial, parte dos grupos abolicionistas entendeu que o tempo de luta havia chegado e que naquele momento a abolição deveria ser feita a força. Nesse contexto começamos a compreender o grupo dos caifazes liderados por Antonio Bento, que pregará um movimento atípico, no qual, define a luta como sendo radical e que esta abolição não poderia ser mais esperada pela via legal, mas sim imposta pelas mãos do povo.

Antonio Bento era uma figura ligada desde cedo ao partido republicano PRP (Partido Republicano Paulista), participava da ala mais radical desse partido, que

---

[4] OTSUKA, Alexandre Ferro. **Antonio Bento**: discurso e prática abolicionista na São Paulo da década de 1880. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2016.tde-19082016-135642. Acesso em: 2019-08-25.

[5] SCHWARCZ, Lilia M. **Retrato em Branco e Negro:** Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. 2.ed. São Paulo, Companhia das Letras. 2017

não apenas fazia oposição ao sistema monárquico, mas também lidava com a questão da abolição conforme nos demonstra Lilia Moritz Schwarcz:

> Antonio Bento fazia parte do grupo denominado “republicanos radicais”, que, como vimos, compunha a ala mais avançada do PRP nos primórdios de sua fundação (Suplemento Centenário, nº 22, 31.5.1975). Ou seja, por irmãos Campos, Luiz Gama e Antonio Bento, além de lutarem no interior do partido republicano e federalista, atuavam também com relação a questão da abolição da escravidão. (SCHWARCZ, 2017, p. 100)



Esse grupo do qual Antonio Bento era integrante, logo rompeu com PRP, sendo o principal motivo o advento da Lei do Ventre Livre de 1871, fazendo com que muitos fazendeiros escravocratas retirassem apoio ao império, partindo para uma oposição não apenas ao imperador, mas também a instituição monárquica. Segundo a historiadora e antropóloga Schwarcz (2017), fez com que houvesse uma mudança na república defendida pelo PRP, no qual, não apenas tornou-se conservador, mas pouco discutiu sobre a abolição da escravidão. Segundo a autora, Antonio Bento aliado aos irmãos Campos e a Luiz Gama, fizeram frente a ala mais progressista do ideário de república, defendo o fim da escravidão, como nos aponta neste trecho:

> Em 3 de maio de 1871, no entanto, com a emissão da Lei Rio Branco (Lei do Ventre Livre), vários conservadores e grandes proprietários, já desgastados com o Império, voltaram-se contra ele, engrossando as fileiras do novo partido (como forma de contestação direta ao regime). Com a adesão desse novo grupo, o PR começou a se desfigurar, pois o motivo que marcava a entrada desses elementos no partido era justamente a não concordância com essa lei (apesar de seu caráter claramente paliativo), que vinha no sentido de reativar a “já inerte” questão da escravidão. A partir de então o PRP começara a adotar atitudes de total contemporização, fazendo inclusive colocações inteiramente simplistas quanto ao problema da escravidão afirmando na imprensa, por exemplo, que a “questão não nos pertence exclusivamente porque é social e não política”. (SCHWARCZ, 2017, p.100-101)

Segundo Schwarcz (2017), isto foi um dos principais fatores que levaram:

> A reação interna não poderia ser outra, ou seja, os republicanos radicais retiravam-se para atuar diretamente enquanto abolicionistas: Bernardo de Campos foi para Amparo, Luiz Gama voltou-se somente para a questão dos escravos e Antonio Bento, que durante um pequeno período ficou desaparecido perante a opinião pública, em 1883, com a morte de Luiz Gama (24 de agosto de 1882), tornou-se o principal “ativista” da causa dos escravos. (Na verdade, Américo de Campos foi o único que se conservou com atividade ligadas ao Clube Republicano, sendo que, todos os outros romperam radicalmente com o partido.) (SCHWARCZ, 2017, p.101)

Neste momento:

> Antonio Bento, juntamente com o seu grupo, começou a atuar com grande frequência, incentivando fugas e criando todo um sistema de proteção de escravos evadidos. Havia inclusive uma hierarquia montada, já que alguns elementos eram responsáveis pela fuga de escravos das fazendas, patrocinando as próprias evasões, e outros incumbiam-se de colocá-los em abrigos seguros.
> A maioria dos escravos era levada para Santos ou São Paulo, sendo recolhida também no Quilombo do Jabaquara, que se localizava em Santos e que resultava da ação e organização de elementos brancos. (SCHWARCZ, 2017, p.101)



Como podemos perceber o distanciamento de Antonio Bento juntamente com seus outros companheiros, fizeram com que o mesmo partisse para uma abordagem radical abandonando a ideia de uma abolição feita dentro da esfera institucional, aliando a ideia da socióloga Angela Alonso (2016), no qual, afirma que nos últimos anos a partir principalmente de 1884, teremos uma radicalização do movimento com incitação de fugas e rebeliões dentro das fazendas escravocratas. Essa radicalização influenciou o movimento, assim como também as linhas pelas quais o jornal *A Redempção* fez a defesa da abolição da escravidão.

Conforme podemos perceber o grupo dos caifazes, ainda que não tenha tido a participação de Luiz Gama que infelizmente falecerá em 1882, constitui-se como uma importante agremiação na luta pela emancipação dos escravos não apenas na província de São Paulo, mas também em outras províncias como noticiado no *A Redempção* durante o período pré-abolição.

## O JORNAL: *A REDEMPÇÃO: FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA*

A existência do jornal *A Redempção: folha abolicionista, comercial e noticiosa* não deve ser desconexa em nenhum momento da atuação e da ideia de concepção do grupo dos caifazes, partindo do ponto em que seu líder é o chefe de redação, o jornal em muito mistura a luta com seu cunho jornalístico, partindo muitas vezes para o ataque que vão desde personalidades do Império até a própria instituição monárquica.

Durante os últimos anos que antecederam a abolição Antonio Bento e o grupo dos caifazes se organizaram em entidade que visava a abolição dos escravos, partindo deste ponto e aliados há uma ala da igreja, os caifazes utilizaram-se de todas as formas possíveis visando a abolição da escravidão.

Em seu primeiro folhetim o *A Redempção* mostra ao leitor que a luta dos escravos por sua liberdade já havia chegado ao ápice, e que o momento era o de

reunião de forças para que o império reconhecesse, que nas condições em que se encontrava o país não havia mais a possibilidade de continuidade. É fato que este processo vai aos poucos se desencadeando por todos país com algumas províncias já declarando extinta a escravidão, não restando tempo para que o império pudesse reorganizar-se em questões dos interesses ali colocados.

Neste ponto o jornal abolicionista assim como outros tantos periódicos, serviu como principal “voz” em relação aos ideários defendidos, além, é claro, como veículo de uma propaganda republicana, no qual, aponta que o modelo monárquico ainda reinante não aspirava as ideias de um Brasil novo que esperava-se emergir. Nota-se que em um primeiro momento, ainda não há uma defesa em relação a situação do negro liberto como podemos constatar nos anos que seguiram o pós-abolição, obviamente esta não se trata de uma visão conceitual entre todos abolicionistas, ainda há aqueles que defendam a continuidade do império, mesmo com o final da escravidão, como podemos perceber em relação ao abolicionista André Rebouças, amigo da princesa Isabel e de Conde D’Eu.



Enquanto historiadores, direcionamos nosso olhar sobre a forma como o jornal *A Redempção* quais são as formas em que se realiza a militância abolicionista. Quando analisamos a data em que periódico circulou podemos perceber que ele nasceu em um momento conturbado, sendo em 02 de janeiro 1887 – e que seu término acontece em 13 de maio 1899. Com todo esse dilema e como já dito anteriormente, o jornal torna-se uma testemunha ocular de seu tempo, no qual, precisa ser indagado sobre as formas de representatividade dessa militância abolicionista.

O jornal em seu seio militante aborda a questão dos movimentos populares abolicionistas, com ênfase sobre o grupo dos caifazes e a forma como as esferas do poder reagem ao movimento abolicionista, como no caso citado no primeiro número acerca as críticas ao mistério conservador e ao imperador, como nos mostra esse trecho a seguir como saudação do jornal:

> O título do nosso jornal já indica nossa missão na imprensa. Divergimos completamente tanto, dos liberais resistentes, como os escravocratas, não concordamos com as idéas conservadoras e detestamos aqueles que, trazendo o capacete phrygio na cabeça, trazem na mão o bacalhau com que quotidianamente surram os seus míseros escravos. Nós queremos a libertação immediata, sem praso; para conseguir aceitamos a propria revolução...[sic] (A REDEMPÇÃO, 1887, p.1)

Como podemos perceber a oposição a escravidão presente no jornal será intensa, como lê-se claramente ao final do primeiro texto “Comtudo, promettemos que a nossa linguagem, se bem que severa e energica, será polida e conveniente[sic]” (A REDEMPÇÃO, 1887, p.1).

O *A Redempção* nos oferece um arcabouço enorme para compreendermos umas das formas de propagação dos ideais abolicionistas, sendo ainda constante as inúmeras comemorações de alforrias dadas aos escravos, e a missão estipulada pelo jornal de alguns que saem em busca de recolher doações para libertar os escravos.



Portanto torna-se imprescindível sua análise no campo da História para que como testemunha de um passado não muito distante, para que possamos compreender e lembrar segundo Peter Burke “aquilo que homem luta por esquecer e renegar”, trazendo consigo muitas vezes a diferenciação de raça como atual, no qual, negros ainda ocupam lugares de menores prestígio na sociedade. Como nos mostra Alexandre Otsuka (2015):

> A coleção do jornal, afinal, configura documentação privilegiada para observarmos o modo como, nos estertotes da escravidão, uma pluralidade de projetos visando o fim do cativeiro encontrava-se na arena pública nacional. O jornal *A Redempção,* nesse sentido, surge como um verdadeiro quebra-cabeças, composto por uma diversidade de apreciações acerca de como se deveria caminhar a abolição da escravidão. Durante a análise da coleção dos periódicos, foi ficando clara, pouco a pouco, a ausência de uma linha editorial definida e restrita, revelando-se, pelo contrário, a orientação heterodoxa e múltipla da publicação, que agregava em suas páginas projetos discordantes – por vezes refratários à ordem vigente e, por outas aproximando-se dos desejos escravistas. A única ideia consensual do periódico, que agregava e respaldava todos os seus artigos, era da necessidade urgente do encerramento do cativeiro no Império do Brasil. Essa era a premissa básica para a publicação no jornal. (OTSUKA, 2015, p.139)

O jornal *A Redempção* assim como qualquer outro da sua época trazia consigo elementos textuais de grande prestígio na sociedade, para que possamos ter uma ideia, ainda que sua visão não fosse a de ser um periódico de “elite” se assim podemos dizer, não faltava neste aquilo que era tão comum, como a presença dos folhetins, o editorial por vezes ácidos e porque não, as propagandas que davam o tom comercial ao jornal.

É interessante notarmos que por ser um jornal e conforme já demonstrado por Otsuka (2015) o *A Redempção* terá seu contexto grupos que vão em diferentes momentos em zonas extremas do pensamento abolicionista que deposita ora em

determinados momentos suas esperanças de acontecimentos dentro da vida pública, quando se acelera os debates, como em outros como seu primeiro número a defesa de uma luta mais aguerrida. Embora essas contradições fossem presentes no jornal, todos almejavam o mesmo objetivo o fim do cativeiro, entretanto ao analisarmos com mais profundidade esse objetivo, cada qual, ou melhor cada grupo a sua maneira.



Quando nos deparamos com o *A Redempção* seus números ainda que pareçam tímidos nos demonstram uma certa linearidade em sua vinculação, circulando todos os domingos e quintas-feiras como nos demonstra Schwarcz (2017):

> *A Redempção* pertencia a uma associação que circulava aos domingos e quintas-feiras. Possuía quatro páginas e tinha um formato bem menor que os dos grandes jornais da época. As notícias, poesias e folhetins, que ocupavam três páginas, eram dispostos de forma bastante anárquica, sem uma diagramação mais coerente. A escassa propaganda, que indicava, como vimos, a pouca prosperidade de um jornal, ocupava folgadamente (devido ao pequeno número de anúncios) a quarta página. (SCHWARCZ, 2017, p.104)

Ainda que possamos ver que algumas das características já presentes em outros jornais como a diagramação, isso não o torna o jornal menos importante, muito pelo contrário, pois temos aí elementos que podem nos indicar a pressa de este jornal está em constante sincronia com a questão da abolição.

Outro ponto bastante interessante a suscitar e conforme já apontados nas pesquisas aqui citadas é que no escopo do jornal, ainda que essa desorganização seja aparente, os textos e poesias ali inseridas são condizentes com a causa da abolição. Aqui ainda reiteramos uma crítica a Schwarcz (2017), pois ainda que “a pouca prosperidade de um jornal” esteja à vista, esse jornal circulou ainda que em outro contexto de circulação até os anos de 1899, não sendo, pouco próspero como dito anteriormente.

Sobre a circulação do periódico o que podemos destacar é que no primeiro ano do jornal a mesma ocorria bissemanal, sendo que após a data de 1888, o *A Redempção* só foi publicado anualmente na data de 13 de maio em comemoração a abolição da escravidão, com estes dados segundo o Arquivo Público do Estado de São Paulo temos 149 exemplares, disponíveis todos de maneira on-line. Outro dado que infelizmente ainda não conseguimos é a tiragem dele, já que ela não é

informada. A precificação dele é em torno Rs 60 réis em edição avulsa e Rs 500 réis em assinatura mensal.

Na lista de contribuições com o jornal em relação a participações de textos, Schwarcz (2017) nos apresenta os seguintes dados:

> Além de Antônio Bento de Souza e Castro (responsável pelos artigos de maior popularidade) escreviam também em *A Redempção* o padre Francisco Barbosa (vice-presidente da associação abolicionista) e o tenente coronel Macedo Pimenta (tesoureiro da associação abolicionista, cujo presidente era o próprio Antônio Bento). (SCHWARCZ, 2017, p.104)



Estes ligados diretamente ao movimento dos caifazes contribuíram para circulação do jornal e propaganda abolicionista dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme podemos perceber o *A Redempção* torna-se um jornal em meio a muitos, mas o mesmo tempo singular em sua estrutura e formas de apresentar seu abolicionismo, ainda que, tenha sido plural em algumas ideias da abolição em nenhum momento o deixa de ser um veículo ligado ao grupo dos caifazes.

Ainda devemos considerar que a forma como ele lida com seu público em muito já nos remete a cunho popular dele, querendo ser mais entendível se assim podemos dizer, entretanto menos formal. A que se perceber que seus folhetins ilustram estórias bem elaboradas que era uma forma de entretenimento do leitor, que acompanhava através destes a tendências

O jornal *A Redempção* torna-se interessante para estudarmos esse movimento e suas diretrizes, pois é através dele que os caifazes comunicam suas lutas e conquistas, dialogando também com outros movimentos abolicionistas.

## REFERÊNCIAS

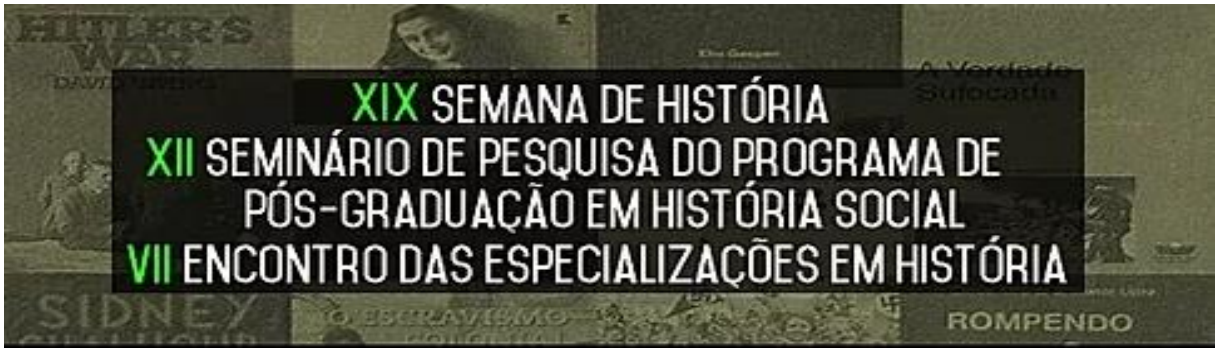
ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas:** o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CAPELATO, Maria Helena Rolim & PRADO, Maria Lígia. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: 2ª. Contexto/EDUSP, 1994.

OTSUKA, Alexandre Ferro. **Antonio Bento**: discurso e prática abolicionista na São Paulo da década de 1880. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo,

São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2016.tde-19082016-135642. Acesso em: 2019-08-25.

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em Branco e Negro:** Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. 2.ed. São Paulo, Companhia das Letras. 2017






# O JORNAL *QUILOMBO* E O DEBATE SOBRE A DEMOCRACIA RACIAL

Thayrine Tayran Mendes
Graduanda em História
Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar a coluna *Democracia Racial* presente nas dez edições do jornal *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro (1948-1950), fundado por Abdias Nascimento com o objetivo de realizar denúncias de discriminação racial, além de outras lutas como as pela regulamentação do trabalho das empregadas domésticas, pela igualdade entre os brasileiros, independentemente da cor, e pela defesa da candidatura de negros a cargos políticos. Apesar do pouco tempo de circulação, o periódico trouxe importantes debates para seus leitores, além de ter sido um instrumento de visibilidade para os negros. Para esta seção do jornal contribuíram regular ou esporadicamente importantes intelectuais como Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roger Bastide, e Raquel de Queiroz. Por meio dos artigos por eles publicados na coluna, é possível notar as diferentes formas como foi tratado o tema da democracia racial naquele contexto, sendo estes diferentes olhares que procuraremos analisar no nosso trabalho.

**Palavras-chave:** História; imprensa negra; jornal *Quilombo*; democracia racial.

## Introdução

O jornal *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro, foi a forma pelo qual o Teatro Experimental do Negro (1944-1961) utilizou-se para relembrar a necessidade de luta constante do negro pelos seus direitos, bem como um espaço para discussão dos problemas e dificuldades, além de ser utilizado para a divulgação de notícias de seus interesses, como bailes, a luta da regularização das empregadas domésticas, entre outras coisas. Esse jornal tornou um importante veículo de resistência dos negros.

Figura 1 - Capa do jornal *Quilombo:* vida, problemas e aspirações do negro. Ano I, n. 1, 09 dez. de 1948
Disponível em: http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2018/12/download.jpeg

O *Quilombo* foi publicado entre os anos de 1948 e 1950, e a intenção inicial era que fosse publicado mensalmente, porém, devido ao fato que o jornal funcionava por meio de assinaturas e não dispunha de anúncios comerciais, o periódico enfrentou problemas financeiros, o que podemos observar que a primeira edição foi publicada em dezembro de 1948 e a segunda em maio de 1949. A partir da segunda edição é possível notar o aparecimento de anúncios comerciais, impulsionando no acréscimo de 4 páginas do periódico nas edições seguintes.

No jornal é possível notar a aparição de algumas colunas fixas em todas ou na maioria as edições, sendo elas: Arquivo, Democracia Racial, Fala a Mulher, Música, Cinema e Cartas, e outras colunas publicadas de forma esporádicas como Tribuna Estudantil, Escolas de Samba, Negros na História, entre outros. O *Quilombo* contava com a colaboração dos autores, que deveriam enviar suas produções datilografadas ou em letra legível para o endereço da redação, ficando os autores responsáveis por suas próprias criações.

Nessas colunas é possível perceber importantes debates como a luta contra a discriminação racial, a dificuldade dos negros em ter acesso à educação, a regularização do trabalho das empregadas domésticas, entrevistas e informações a respeito dos concursos de beleza Boneca de Pixe e Rainha das Mulatas.

**Um breve relato sobre a democracia racial no Brasil**

> Afinal, o que é a democracia racial brasileira? Depois de denunciada como mito e transformada, nos anos de 1980, no principal alvo dos ataques do movimento negro, como sendo uma ideologia racista, a "democracia racial" passou na última década a ser objeto de investigação mais sistemática de cientistas sociais e historiadores[1].

A citação apresentada é um excerto do artigo de Antônio Sérgio Guimarães, publicado em 2006, na revista *Tempo Social*, e traz de forma simples o que eu pretendo analisar, isto é, entender a trajetória da democracia racial no Brasil.



Nos 1940 e 1950, a democracia racial foi amplamente utilizado pelo governo Vargas como um meio de "congregar" todas as diferentes etnias presentes no país, de uma forma harmoniosa e pacífica com o objetivo de se obter uma homogeneização política e social que desse condições de levar a cabo os objetivos de seu governo.

É possível entender o surgimento da expressão pois o Brasil seria uma sociedade sem "linha de cor" no século XIX, entre abolicionistas americanos e europeus, que serviu para demarcar as supostas diferenças entre Estados Unidos e Brasil, sendo a escravidão neste último mais "amena"[2]. Segundo Célia Marinha de Azevedo, numa palestra proferida em Nova York em 1858 o abolicionista norte-americano Frederick Douglas diria que

> mesmo um país católico como o Brasil – um país que nós, em nosso orgulho, estigmatizamos como semibárbaro – não trata as suas pessoas de cor, livres ou escravas, do modo injusto, bárbaro e escandaloso como nós tratamos. (...) A América democrática e protestante faria bem em aprender a lição de justiça e liberdade vinda do Brasil católico e despótico[3].

Durante a década de 1930, as realidades políticas, econômicas e sociais contribuíram para transformar a atmosfera social do país, marcando, também, um período de disseminação de uma consciência racial negra, de um engajamento político mais efetivo e de uma transição no pensamento racial brasileiro.

É nesse contexto que surge no Brasil os movimentos negros e a imprensa negra, como meio de denunciar o racismo e com o objetivo de realizar "a denúncia do que era chamado 'preconceito' (ou seja, do racismo e da discriminação racial) e para superar a exclusão do negro do mercado de trabalho, do sistema de ensino, da atividade política e da sociedade civil"[4].

---

[1] GUIMARÃES, 2006, p. 270
[2] GUIMARÃES, 2001, p. 2
[3] AZEVEDO, 1996, p. 150.
[4] NASCIMENTO, 2003, p. 224.

O Teatro Experimental do Negro surge em 1944 no Rio de Janeiro com o objetivo de resgatar a cultura negra e seus valores e uma função social. Para isso, a educação seria prioridade, e cursos de alfabetização foram ministrados, sendo seus principais alunos de origem humilde. Segundo relato de Abdias Nascimento,

> [...] surgiu, em 1944, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro, ou TEN, que se propunha a resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana europeia, imbuída de conceitos pseudocientíficos sobre a inferioridade da raça negra. Propunha-se o TEN a trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte[5].



A necessidade de criar um espaço para a comunidade negra no Brasil, aberto para dar voz aos problemas e às notícias relevantes, foi o motivo que levou à criação em dezembro de 1948 do jornal *Quilombo:* vida, problemas e aspirações do negro, sob direção de Abdias Nascimento. Abordaremos a seguir a coluna *Democracia Racial* com o objetivo de mostrar como a questão racial foi debatido nas páginas do periódico.

## A discussão sobre raça, mestiçagem e democracia racial no jornal *Quilombo*

Na primeira edição da coluna *Democracia Racial* no jornal *Quilombo:* vida, problemas e aspirações do negro, datado em 09 de dezembro de 1948, a abordagem do tema foi feita pelo sociólogo Gilberto Freyre, que deu a seu artigo o título de “A atitude brasileira”. Nesse artigo, Freyre afirma que no Brasil estava sendo definido uma democracia étnica, apesar de existir discriminação racial, porém diferente do que acontecia em outros países, não havia ódio entre as raças. Para reforçar sua opinião, Freyre argumentava que os negros de origem africana no Brasil não se identificavam como negros, mas sim como brasileiros, “efeito do processo de democratização das relações entre pessoas e grupos”[6].

No fim de seu artigo, Gilberto Freyre convida todos os brasileiros a serem vigilantes contra qualquer tipo de separação entre os brasileiros, sejam eles brancos, africanos, vermelhos ou amarelos. Freyre afirma que cada um deve

---

[5] NASCIMENTO, 2004.
[6] FREYRE, Gilberto. A atitude Brasileira. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 09 dez. de 1948, p.8.

conservar da sua cultura materna valores que possam ser agregados a cultura brasileira, através disso a miscigenação seria a base de um novo modelo de convivência pacífica entre raças, neutralizando conflitos e diferenças[7].

Na segunda edição do jornal *Quilombo*, publicado em 09 de maio de 1949, a coluna *Democracia Racial* recebe o prefácio do livro *Le Métissage au Brésil* escrita pelo antropólogo, médico, etnólogo e folclorista Arthur Ramos inicia esse artigo apresentando a formação da nação brasileira, iniciada pela presença da população nativa dos índios, depois com a chegada dos lusitanos que trazem consigo os negros africanos para o trabalho escravo, e no período pós-abolição, com a vinda de novos imigrantes europeus e orientais.



Apesar dessa mistura de culturas, Ramos afirma que houve uma distribuição desigual pelas regiões do Brasil, podendo ser percebida uma grande concentração de índios no extremo norte e oeste brasileiro, ou no Sul com um aglomerado de imigrantes europeus, especialmente italianos e alemães. O autor afirma que mesmo com essa distribuição da população, a base da nação brasileira está na mistura dos primeiros grupos existentes: índios, lusitanos e negros.

Através dessa obra o autor apresenta para o público estrangeiro o argumento de que seria possível a convivência entre as diferentes raças após o fim da Guerra; reproduzir a análise das opiniões estereotipadas de escritores estrangeiros e brasileiros sobre mestiçagem, e mostrar que

> não havia nenhum inconveniente no resultado dessas misturas. Inferioridades do produto mestiço, quando surgem, não estão ligadas ao fenômeno da mistura, mas a outros fatores deficitários de meio, como desigualdades de oportunidades de educação, miséria econômica, vícios ou falhas alimentares etc.[8]

Vê-se, assim, que Arthur Ramos concordava com Freyre numa visão positiva da mestiçagem. As discussões sobre mestiço, mestiçagem, negro e raça eram acaloradas nos anos 1930, sendo bastante influenciadas por Franz Boas e os novos estudos que, então, surgiram. Segundo Luana Tamano, “Ramos rejeitava a hierarquia racial, na qual os não-brancos estavam na base por sua suposta incapacidade biológica, embora seu discurso ainda se pautasse na polaridade superioridade/inferioridade”[9].

---

[7] Ibidem
[8] RAMOS, Arthur. A mestiçagem no Brasil. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 9 mai. 1949. Democracia racial, p.8.
[9] TAMANO, 2013, 86.

Em fevereiro de 1950, mês de lançamento da 6º edição de *Quilombo*, a coluna *Democracia Racial* recebe o artigo do polonês formado em direito Dr. Estanislau Fischlowitz, intitulado "Século da questão racial", no qual o autor afirmava que o século XXI seria voltado para discussões sobre a questão racial, assim como o século XIX foi voltado para as questões sociais.

Fischlowitz faz tal afirmação com base nas mudanças que estavam acontecendo no mundo, desde o declínio europeu até a ascensão da hegemonia da raça ariana defendida por Adolf Hitler. Através da independência dos países colonizados, é possível notar o surgimento de sociedades racialmente mistas, como no caso do Brasil, considerado "porta-voz mundial da democracia racial"[10].



O autor traz um relato presenciado por ele na Conferência Internacional do Trabalho em Genebra no verão de 1933, sobre um ataque feito ao Brasil pelo então ministro de Hitler, Robert Ley, ao afirmar que:

> [...] o inimigo nº1 da nossa corrente nacional-socialista é, justamente, o Brasil. É esse país, e alguns outros da América Latina, que constituem a própria antítese da nossa ideologia racista com sua mesclagem pragmática, com suas ideias malucas de democracia racial. Temos de acabar com esse maior perigo para com o nosso conceito de supremacia da raça branca, raça pura, raça líder.[11]

Através dessa produção de Fischlowitz é possível notar como a questão racial estava sendo discutida no mundo, e principalmente a ideia da democracia racial. Fischlowitz não foi o único autor estrangeiro a assinar para a coluna *Democracia Racial*, outros importantes intelectuais apresentaram suas produções no jornal *Quilombo*, como o caso de Ralph Bunche, um diplomata estadunidense negro agraciado com o Nobel da Paz de 1950, e Roger Bastide, sociólogo francês que chegou ao Brasil em 1938 para ser professor da Universidade de São Paulo (USP), recém-inaugurada, juntamente com outros professores europeus. Esses autores foram responsáveis para apresentar ao público brasileiro como a questão racial estava sendo tratada em seus respectivos países, em especial a mistura entre as diferentes raças.

## Considerações Finais

[10] FISCHLOWITZ, Estalinau. Século da Questão Racial. **Quilombo:** vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano II, n. 6, fev. 1950, p.3.
[11] Ibidem

Por meio desta resumida análise elaborada sobre os artigos da coluna *Democracia Racial* é possível notar as diferentes formas como o tema raça e democracia racial foi abordado no período, e de como o jornal *Quilombo* se abriu a ouvir essas diferentes opiniões sobre o assunto, sem assumir uma opinião geral sobre o tema. Em nenhum momento o jornal expressa sua contrariedade sobre o tema democracia racial, apesar do diretor-geral Abdias Nascimento ter opinião oposta à ideia de que no Brasil não havia discriminação racial.



É possível observar também os diferentes convidados que escreveram especialmente para a coluna, no qual é possível observar a aparição de nove autores, dentre esses quatro eram estrangeiros. Entre as profissões dos autores podemos observar escritores, poetas e jornalistas, enfim, intelectuais de grande importância para sociedade brasileira e de seus países.

Este trabalho procurou analisar algumas edições do jornal *Quilombo* para perceber como foi tratado os principais temas pertinentes ao negro do período, conforme afirma Cunha os debates dentro do jornal acabavam por mostrar os dois lados da questão, e cabe ao pesquisador/historiador trabalhar esses embates de forma a compreender estes discursos presentes neste período de grande importância para o Brasil[12].

## Referências

### Fontes

*Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 09 dez. de 1948, 8 p. Disponível em: https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/. Acesso em: 04 fev. 2020

*Quilombo:* vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 9 mai. 1949, 8 p. Disponível em: https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-02/. Acesso em: 04 fev. 2020

*Quilombo:* vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano II, n. 6, fev. 1950. 12 p. Disponível em: https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-06/. Acesso em: 04 fev. 2020

### Bibliografia

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Abolicionismo e memória das relações raciais**. Estudos Afro-Asiáticos, n. 26, 1994.

[12] CUNHA, 2002, p. 296.

CEVA, Antonia Lana de Alencastre. **O negro em cena**: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro (1944-1968). Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9659/9659_6.PDF. Acesso em: 12 ago. 2019

COSTA, Guilherme Souza. **Uma leitura sócio crítica do Jornal *Quilombo***: vida, problemas e aspirações do negro (1948-1950). Disponível em: http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000203896. Acesso em: 13 ago. 2019.



CUNHA, Vanessa Lima. **Quilombo**: a voz do Teatro Experimental do Negro (Rio de Janeiro, 1940/1950). Cadernos de Clio. Curitiba, n.º 3, 2012. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/clio/article/viewFile/40401/24646. Acesso em: 10 abr. 2019

GOMES, Nilma Lino**. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf. Acesso em: 31 mai. 2019

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, ed. 34, 2002. 232p.

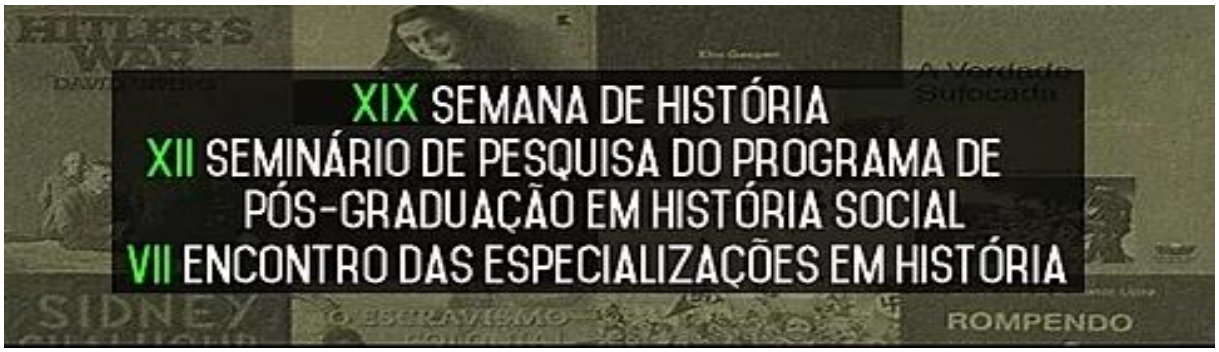
GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Depois da democracia racial**. Tempo Social. revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019. Acesso em: 05 fev. 2020.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003. 412p.

SILVA, Joselina da. **A união dos homens de cor**: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2003000200002. Acesso em: 18 ago. 2019.

TAMANO, Luana Tieko Omena. **O PENSAMENTO E ATUAÇÃO DE ARTHUR RAMOS FRENTE AO RACISMO NOS DECÊNIOS DE 1930 E 1940**. Crítica Histórica, v. 4, n. 8, 2013.






# AS ATUALIZAÇÕES DO DEBATE ABOLICIONISTA NO JORNAL PAULISTANO *A REDEMPÇÃO* NOS ÚLTIMOS ANOS DA ESCRAVIDÃO (1887-1888)

Jônatas Filipe de Paula
Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** O movimento abolicionista predominantemente urbano, a partir da década de 1880, caminhou por diferentes setores sociais e políticos, colocando em evidência um conjunto de propostas, ideias e ações que ora divergiam-se e ora assemelhava-se em torno da abolição da escravidão. Seguindo uma lógica radical ou conservadora, a atuação inicial dos abolicionistas no meio político acabou dando espaço para que o debate do fim do cativeiro tomasse ainda mais as páginas dos periódicos como um todo. O jornal *A Redempção* levou-o a ser um ambiente não só de expressão de seus posicionamentos políticos acerca da escravidão, mas deu espaço para publicização do debate mais amplo que ocorria no parlamento e na imprensa. Neste sentido o periódico delineava um lugar sociopolítico de intervenção na atuação do movimento abolicionista brasileiro de fins do século XIX, ressaltando um pensamento abolicionista reparatório que dialogava por mudanças estruturais, mas que ao mesmo tempo seus projetos–moderado ou conservador– endossaram uma concepção de inferioridade dos escravos já que reivindicavam uma propaganda imigratória que refletia na exclusão dos escravos e libertos, resultando-se assim em sua marginalização. Sendo assim, chama-se a atenção para ver de que maneira essas ideias atrelados a um modelo de atraso brasileiro, direcionaram próximo à abolição, uma gama de discursos que lançavam no jornal *A Redempção,* os modos em como a sociedade do final do século XIX lidava com essa temática que reflete até os dias atuais. Deve ser o mesmo que foi apresentado na inscrição.

**Palavras-chave:** Periódicos; *A Redempção;* Abolicionismo Brasileiro; São - Paulo; Antônio Bento

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar de que maneira se desenvolveu o espaço de interlocução do jornal *A Redempção* no interior do movimento abolicionista, entre 1887 e 1888. Liderado por Antônio Bento de Souza e Castro o jornal *A Redempção* levou-o a ser um ambiente não só de expressão de seus posicionamentos políticos acerca da abolição, mas deu espaço também à

publicização do debate mais amplo que ocorria no parlamento e na imprensa sobre a abolição da escravidão. Neste sentido, o periódico delineou um lugar sociopolítico de intervenção na atuação do movimento abolicionista brasileiro de fins do século XIX, destacando um pensamento abolicionista reparatório que dialogava por mudanças estruturais, amparados por projetos que endossaram a inferioridade dos homens de cor, fruto de um discurso que inviabilizou a introdução destes libertos na sociedade como livres. Isto posto, esta monografia pretende mostrar como as ideias atrelados a um modelo de atraso brasileiro, direcionaram *A Redempção* a redigir, próximo à abolição, várias colunas escritas sob pseudônimos, as quais registravam as últimas impressões de como esta sociedade do final do século XIX lidava com a liberdade autônoma dos escravos frente às liberdades concedidas pelos antigos escravocratas sem o aval abolicionista propriamente dito



## A Retórica da mudança no jornal *A Redempção*

Com os rumores do fim da escravidão, teremos na imprensa paulista, uma elite letrada que debatia como deveria ocorrer "a extinção do comércio de carne humana" colocando as "leis sociológicas e a evolução do progresso"[1] como regimento deste ato de liberdade a fim de evitar um desequilíbrio na estrutura da sociedade.

*A Redempção* com a missão de abrir o caminho dos cativos para a liberdade, idealizou nas primeiras páginas do periódico, que a civilização só seria alcançada caso este feito fosse realizado através da ordem.

Na edição de 6 de fevereiro de 1887, uma pequena nota, na primeira página levantava o seguinte:

> Vamos encetar uma curta série de artigos, em que, descrevendo a marcha do maior atentado que se possa imaginar contra o direito humano, o roubo da liberdade, do trabalho, da felicidade, em resumo, o roubo da pessoa. Apontaremos também as vantagens que têm refletido sobre as sociedades que aboliram a escravidão, e mesmo algumas que nós mesmos já temos experimentado pela substituição do homem ao escravo.[2]

De acordo com Lilia Schwarcz, o pensamento antiescravista no Brasil seguia um estilo moderado, pois ao mesmo tempo em que era exaltado a liberdade dos

[1] Este tema foi abordado nas edições de 6 marc. 1887 a 20 mar. 1887 com a coluna *Evolucionismo*.
[2] A Redempção, "*O Escravo"*, 6 de fev. de 1887 p.1.

cativos, havia também o receio de uma revolução, que tornava a liberdade lenta e gradual. Este pensamento moderado em relação a liberdade do negro no final do século XIX, desenvolveu-se no jornal A *Redempção* – especialmente nos seus primeiros três meses de publicações – uma série de artigos intrigantes para entender sobre quais perspectiva o fim da escravidão e a abolição foi imaginada e construída por uma elite letrada na cidade de São Paulo[3].



O abolicionismo brasileiro, segundo Ângela Alonso , utilizou em suas bases discursivas a favor do escravo, uma retórica de mudança, ou seja, debatia contra o escravagismo de circunstância[4], utilizando em suas bases discursivas, um pensamento que pudesse desenvolver: "uma nova sensibilidade, nova moralidade e nova cognição com respeito à escravidão, transformando-a em indignidade, injusta e atraso". Este discurso ficou evidente no jornal a *Redempção*, no qual tudo indicava que a utilização desta retórica de mudança, tinha como objetivo sensibilizar seus leitores que estavam enraizados em uma sociedade que, segundo Ângela Alonso:

> A escravidão era uma segunda natureza. Bom negócio em si e base de todos os rentáveis, tinha a seu favor a racionalidade econômica. Partidos e eleitores eram majoritariamente proprietários de escravos. A posse de escravos estruturava um hábito e a hierarquia de prestígio. Força econômica, organização política, estilo de vida, a escravidão esparramou suas sombras por toda a vida social. Tão grande era seu o peso que se plasmou no modo de ser, invisível porque natural. Centralidade que dificultou sua tematização.[5]

Como veremos adiante o jornal assumiu uma postura "civilizatória" porque via em si mesmo uma missão de sensibilizar a sociedade daquele período, que para o êxito da abolição, primeiramente julgaram que seria necessário refutar a ideia de

---

[3] Em um primeiro momento o tema colocado em questão nessa coluna no mês de janeiro foi o negro como sujeito da sociedade frente a sua liberdade. Já em fevereiro o debate levanta questões como a agricultura, imigração e crescimento do movimento abolicionista. Por último, no mês de março a questão levantada é sobre as "leis sociológicas e a evolução do progresso" em uma coluna intitulada evolucionismo. Portanto, assim iremos agora detalhar os principais projetos políticos e ideológicos nessas colunas.

[4] A escravidão era vista como algo condicionado aquele tempo. Seu lugar na sociedade o acompanhava por uma essência natural, acreditando na impossibilidade de extirpá-lo. Assentavam na escravidão todas as atividades sociais, políticas e econômicas. Segundo (Ângela Alonso 2010, p. 29) a escravidão era defendida por uma instituição estruturada, seja através dos seus estilos de vida, seja pelo enraizamento de seus tentáculos na cultura, que definiam identidades, possibilidades e destinos para retardá-la.

[5] ALONSO, Ângela, Escravismo de Circunstância: *o repertório moral do escravismo e do abolicionismo brasileiros*. Texto produzido para discussão no Seminário Sociologia, Política e História, PPGS-USP, em 30 de maio de 2011.

que a escravidão era como uma ordem natural das coisas, já que esta, estava enraizada dentro de uma racionalidade econômica, que refletia tanto na hierarquia social como política, ou seja, uma “segunda natureza”.

### *A Escravidão*: O pensamento abolicionista reparatório



*A Redempção,* nas edições entre 9 de janeiro de 1887 e 27 de janeiro de 1887, publicou seis colunas com o tema *A Escravidão.* Seu objetivo era “apontar as vantagens que tinha refletido sobre as sociedades que aboliram a escravatura como também os possíveis caminhos para a substituição do escravo no trabalho servil, pelo homem livre”.

De início teremos a apresentação de um discurso econômico, onde afirmavam que o trabalho escravo além de imperfeito era improdutivo, já que precisavam apenas de um homem livre para fazer o trabalho de dois cativos. Além de impedir o desenvolvimento da indústria, diminuía o patriotismo e gerava um “acúmulo de encargos que futuramente iram pesar sobre as províncias”. Com estes artigos o jornal “esperava que os artigos publicados pudessem transmitir aos seus leitores a boa causa da abolição para a humanidade e a pátria”[6].

É interessante notar que o discurso apresentado no artigo *A Escravidão*, dá luz a um pensamento abolicionista reparatório. A justa causa humanitária carrega em seus anseios mudanças estruturais, moderadas e conservadoras. Quanto mais se afunila o pensamento libertário, o negro desaparece dela. Ele permanece apenas na base de uma ideia construída por uma elite branca, que ancora seus ideais de civilidade e progresso, com a eliminação do seu trabalho cativo. Nos esboços das ideias abolicionistas, a objetificação do negro aumenta e o discurso inventado passa ver o antes “escravo’’ agora como um negro. Problema a parte, ele entra num discurso reparador, dando espaço para os “homens do trabalho justo” levar o Brasil para o “verdadeiro desenvolvimento’’.

---

[6] O artigo é finalizado com uma citação de Molinari que diz o seguinte: “Lançando os olhos sobre um curto período da história da humanidade, achar-se-á talvez que a escravidão apressou o desenvolvimento da riqueza material entre certos povos; mas abrangendo um período mais vasto, ficar-se à convencido que ela retardou os progressos da riqueza e da civilização geral. No ponto de vista dos interesses gerais e permanentes da humanidade, a escravidão aparece, pois, como um fato prejudicial, [ao] mesmo tempo que é iníquo, e a economia política está de acordo com a filosofia e a moral para bani-la”. A Redempção, *O escravo VI*, 27 jan. 1887, p.2.

## *A Agricultura* - Conscientização da sociedade sobre os *Parasitas de Negros*

A defesa abolicionista era necessária. Em 27 de janeiro de 1887 o jornal *A Redempção*, rebateu críticas contra a lavoura paulista. Na coluna *Parasita de Negros*, o jornal demonstrou seu repúdio contra os fazendeiros "que ficavam de olhos fechados, sonhando com a eterna escravidão".

Por todas as esquinas da cidade de São Paulo se escutava:



> Os abolicionistas são pintados como agitadores de senzalas, papadores de pecúlio, perturbadores da disciplina do bacalhau, incendiários dos grandes interesses do país, petroleiros e socialistas que nada tendo a perder. Querem reduzir a lavoura a andar de tanga, a pedir esmola, uma vez que lhe falhe—o grande instrumento do trabalho. O mísero escravizado.[7]

A moral caminhava ao lado dos que combatiam a escravidão. Para *A Redempção,* os *Parasitas de Negros* eram as pessoas que ainda infelizmente "comem do pão quotidiano amassado pelo suor do negro". Querendo evitar a continuidade disso, os abolicionistas eram chamados de perturbadores da ordem, socialistas e anarquistas. A lavoura temia que as ideias radicais de liberdade resultar em uma revolução que desestruturaria a sociedade, tornando o escravo mais rebelde e deixando a mão de obra da lavoura, estagnando-a. *A Redempção* alertava a lavoura que a revolução seria muito vantajosa caso feita de fora para dentro, já que uma insurreição escrava era algo que nenhum dos dois lados queria.

Assim a *Redempção* alertava a lavoura:

> É, portanto, necessário que a lavoura não se vingue nos quadrados da propaganda que fora deles estamos agitando. Reflitam bem que o chicote será o melhor condutor da liberdade para a consciência dos escravizados. E se a agitação começa lá dentro, a lavoura será a grande prejudicada.[8]

Para isso, um novo discurso seria apresentado com o título *Agricultura I,* no dia 30 de janeiro de 1887. Dando sequência da coluna *A escravidão*, o tema apresentado, buscava mostrar os benefícios que a substituição do escravo pelo trabalho livre, traria para o desenvolvimento da lavoura e da indústria do Brasil.

---

[7] A Redempção, *Os parasitas do negro*, 27 jan. 1887, p. 2.
[8] ibidem, 27 jan. 1887, p. 3.

Segundo Célia Maria Marinho de Azevedo, o período final da escravidão acabou desenvolvendo nos “homens bons”, projetos e sugestões para um Brasil que aos poucos “buscava” regularizar-se gradualmente em suas relações sociais[9]. Seja entre brancos e negros, proprietários e não-proprietários, o objetivo de preparar o País para um futuro de trabalho livre, ordem e progresso, requereu-se diálogo com um grande inimigo dos abolicionistas, a lavoura.



Este debate não ficaria apenas em torno de ataques, já que era necessário mostrar soluções favoráveis para a substituição do lucrativo trabalho escravo. E mais, não cabia apenas convencer os grandes proprietários, era necessário conscientizar uma sociedade. Assim colocado:

> Registrando todo um imaginário em que se sobressai a percepção de um país marcado por uma profunda heterogênea sócio-racial, dividido entre uma minoria branca, rica e proprietária e uma maioria não-branca, pobre e não-proprietária.[10]

Para a periódico seriam “esses os homens que iriam velar não somente para a redenção dos cativos, mas também no melhoramento da agricultura e das políticas que iriam encaminhar o Brasil para o seu engrandecimento”.

O atraso no desenvolvimento da agricultura, a todo o momento foi citado como resultado de um trabalho escravo inferior, já que devido às grandes exigências dos seus senhores, “os cativos acabavam realizado um serviço de menor produtividade.

Sendo assim, não teriam pensamento ou tempo para aperfeiçoarem suas “técnicas de trabalho para serem mais produtivos”.

Prosseguem:

> A grande lavoura, regida pelo braço escravo, concordamos, que é um mal e que tem sido a causa de nosso atraso rural, porque, além do senhor exigir maior soma de serviço bruto e entregar a fazenda à direção de ignorantes, não há ali o interesse do trabalhador, que por ser reduzido à besta de carga, não pensa e não inventa nada que possa, economizando tempo e trabalho, pudesse produzir mais.[11]

---

[9] AZEVEDO, op. cit. p. 33.
[10] Ibidem., p.36.
[11] A Redempção, *A Agricultura II,* 3 fev. 1887, p.2.

Nesse ponto a questão levantada era a seguinte: como desenvolver uma exploração com maior vantagem e menos trabalho? E mais, a partir disso poder contribuir para a civilidade brasileira e/ou nacionalidade?

Este papel caberia ao imigrante que se fixando no país, não estaria apenas substituindo o trabalho do cativo, mas também teria a função, de introduzir e ser agente de um progresso de civilização que se forjava de uma identidade nacional afora.



**A imigração: um projeto civilizatório**

Segundo Azevedo o projeto de imigração começou a ser praticado em São Paulo em fins da década de 1840, quando em meio às pressões externas e internas contra o tráfico africano, iniciaram-se as primeiras experiências com imigrantes europeus. Junto dessas propostas os negros no Brasil passaram longe, justamente pelo fato de que os imigrantista:

> Consideravam negros e mestiços incapazes de interiorizar os sentimentos civilizados sem que antes as virtudes étnicas dos trabalhadores brancos os impregnaram, quer por seu exemplo moralizador, quer pelos cruzamentos inter-raciais.[12]

*A Redempção* na sua coluna *Imigrante* seguiu o mesmo raciocínio. Suavizaram seus leitores que a abolição imediata não iria causar uma desordem na sociedade e nem muito menos criar uma leva de vagabundagem com os recém-libertos.

Para eles “o liberto que não quisesse trabalhar, preferindo a vadiação e a mendicidade, iria ser coagido ao trabalho, sob as mais severas penas”.

Entre 17 de Fevereiro de 1887 e 27 de fevereiro de 1887, teremos a publicação de três colunas com o intuito de expor as vantagens que iriam se decorrer por todas as classes da sociedade e, sobretudo, para a lavoura ganhos não somente moral, mas também materiais.

Portanto, para trilhar o “país rumo a civilização” era necessária que a escravidão — o grande empecilho para atrair os imigrantes — deveria ser abolida

[12] AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Op. cit. p. 62.

imediatamente. Exemplificando o sucesso que a imigração havia beneficiado a Europa, as colunas seguintes rapidamente retiram qualquer menção a negros ou escravos. Nesta altura, o escravo acaba ficando apenas na base da construção desse pensamento, já que agora cede espaço para se pensar a melhor forma de integrar os imigrantes na sociedade brasileira.

Para a *Redempção*, era necessário desenvolver políticas e propostas para atraírem os imigrantes. Na coluna *A Imigração III* o jornal questiona o desinteresse dos políticos em relação a tal causa. Para eles eram necessários que as associações protetoras de imigrantes se organizassem para que a boa recepção no Brasil desses trabalhadores, pudessem refletir na província de São Paulo, uma maior procura por "colaboradores na obra do progresso de nossa pátria".



Segundo *A Redempção*, os motivos que faziam os imigrantes europeus preferirem os Estados Unidos do que os outros países se davam ao fato de que eles tinham:

> 1º As possibilidades que lhes dão as leis de naturalização de participar prontamente dos direitos de cidadãos americanos
> 2º As facilidades que eles acham na lei de alienação territorial para obter terra imediatamente e barato.[13]

Dar apoio aos imigrantes tanto com cidadania e terras era fundamental para atingir a instrução do trabalho livre. Espelhando-se na corrida imigrantista, Norte América em direção ao oeste, o jornal menciona que o imigrante conseguiria um pedaço de terras de "40 geiras[14], 70 braças quadradas, pela quantia de 266,50 francos, rs. 106$600".

Para o jornal, era desta maneira que se construía uma nação. As propostas por uma organização social a partir das condições sociais vigentes, colocava as ideias abolicionistas da época pautadas fora de uma utopia revolucionária. Por mais que estivessem ao lado da liberdade dos escravos seria necessário envidar todos os esforços para manter o poder da grande propriedade, ou, mais precisamente, o poder do capital em jogo[15].

## Considerações Finais

[13] A Redempção, *A Imigração III*, 27 fev. 1887, p. 1.
[14] Antiga medida agrária ou porção de terreno, em que podem semear-se quatro alqueires de trigo.
[15] Azevedo, Célia Maria Marinho de. Op. cit. p .89.

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou abrir uma breve discussão, a partir do jornal A *Redempção* e propriamente sobre a atuação de seus colaboradores, na maneira como eles trataram a escravidão e a abolição. O eixo, central da pesquisa, portanto, foi acompanhar como foi delineando-se as variações de posicionamentos políticos frente ao tema da abolição encetado por um grupo de letrados que fazia parte do jornal, o qual reivindicava um espaço na imprensa paulista a fim de debater a princípio, acontecimentos centrais que envolviam as relações escravistas de seu tempo. A *Redempção* defendia que para retirar o "germe" da escravidão na sociedade de fins do século XIX, as colunas da redação da *Redempção* estariam à disposição de todas as pessoas que com "heroísmo" pretendesse "defender a grande causa da atualidade, a abolição". Num primeiro momento, o objetivo destas colunas era apontar as vantagens que havia surtido nas sociedades que aboliram a escravatura como também os possíveis caminhos para a substituição do trabalho escravo pelo homem livre. Estes temas foram tratados numa série de colunas com os títulos: *A escravidão, A Agricultura, e* A imigração. A partir da discussão desses temas presentes nos artigos, *A Redempção* almejava transmitir aos seus leitores a boa causa da abolição para a "humanidade e a pátria". Nesse sentido, para tratar sobre estas temáticas, primeiramente o jornal precisou-se fazer uma releitura da escravidão vigente naquele momento. Ou seja, no intuito de projetar um ideal de abolição, a escravidão foi analisada a partir da superação que outras sociedades, tiveram dela, como os Estados Unidos e a Inglaterra. Com isso seu objetivo era reconhecer que com o fim da escravidão (e por sequência, o trabalho livre) estaria introduzindo nessas sociedades enraizadas pela raça negra – como a brasileira –, não apenas a superação deste sistema, mas também o germe evolutivo do cidadão europeu. Como notado, o jornal garantia que este papel caberia ao imigrante que se fixando no país, não estaria apenas substituindo o trabalho do cativo, mas também teria a função, de introduzir e ser agente de um progresso de civilização que buscava forjar uma identidade nacional, esquecendo seu passado escravista, não apenas pela instituição em si, mas também na desintegração do negro dela, vendo-se assim os primeiros sinais da tentativa de branqueamento dessa sociedade.



**Referências**

ALONSO, Ângela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro**

(1868-88) / Ângela Alonso. - 1 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALONSO, Ângela. **Escravismo de Circunstância**: o repertório moral do escravismo e do abolicionismo brasileiros. Texto produzido para discussão no Seminário Sociologia, Política e História, PPGS-USP, em 30 de maio de 2011, disponível em: https://www.academia.edu/2280825/Escravismo_de_circunstancia_-_paper



AZEVEDO, Célia Maria Marinho de **Onda negra, medo branco; o negro no imaginário das elites** — século XIX / Celia Maria Marinho de Azeredo; prefácio de Peter Heisenberg — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

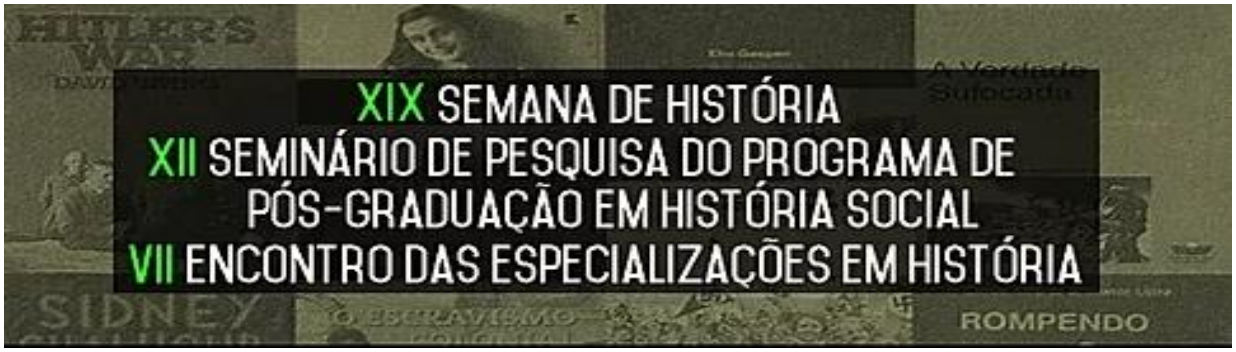
OTSUKA, Alexandre Ferro. Título*:* ***Antônio Bento*: discurso e prática abolicionista na São Paulo da década de 1880.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São - Paulo- SP.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo, **O Plano e o Pânico: Os Movimentos Sociais na Década da Abolição** / Maria Helena Pereira Toledo Machado. - 2. ed. rev. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010

SCHWARCZ, Lilia Moritz **Retrato em branco e negro; jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX** / Lilia Moritz Schwarcz. - 2ª ed.- São Paulo: Companhia de Letras, 2017.

**FONTE**

BENTO, Antônio. Redempção, A: folha abolicionista, commercial e noticiosa 1887-1899 - São Paulo. Disponível no site do Arquivo de São Paulo em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/






# O FIGURINO CINEMATOGRÁFICO COMO EVIDÊNCIA HISTÓRICA NO FILME TANGA *(DEU NO NEW YORK TIMES?)*, FILME DE HENFIL

Thais Blanco[1]
Márcia Neme Buzalaf[2]

**RESUMO:** Este artigo analisa o figurino do filme *Tanga (Deu no New York Times?)*, filme de Henfil, a partir da construção visual das personagens (HENFIL, 1987); do conceito de imagens como evidências da História (BURKE, 2004); das relações entre o cinema de ficção e a pesquisa histórica (KAMINSKI, 2013) (DUTRA, 2000) e a desilusão de Henfil em Tanga (BUZALAF, 2018). O objetivo é analisar o figurino cinematográfico como elemento narrativo direto e suporte visual para o discurso político da obra, assim como fonte ficcional que contribua com a historiografia acerca da produção audiovisual no período da ditadura no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Figurino, cinema, Henfil, ditadura

**ABSTRACT:** This article analyzes the costume design from the movie *Tanga (Deu no New York Times?)*, Henfil film, from the visual construction of the characters (HENFIL, 1987); from the concept of images as evidences of History (BURKE, 2004); and the relations between fiction cinema and historical research (KAMINSKI, 2013) (DUTRA, 2000) as well as Henfil's disillusion in Tanga (BUZALAF, 2018). The objective is to analyze the cinematographic costume designs as a direct narrative element and visual support for the political discourse of the work, as well as a fictional source that contributes to the historiography involving the audiovisual production during the dictatorship period in Brazil.
**KEYWORDS:** Costume design, cinema, Henfil, dictatorship

## INTRODUÇÃO

Tanga (Deu no New York Times?) é um longa metragem brasileiro de ficção, do gênero de comédia, lançado no ano de 1987. A trama se passa em Tanga, uma ilha fictícia do Caribe, onde a população constituída por 99% de analfabetos é

governada por um ditador que extinguiu a imprensa e utiliza um único exemplar do jornal The New York Times, entregue diariamente em suas mãos, como principal ferramenta de manutenção do regime. Sete grupos guerrilheiros, cada qual com apenas um integrante, articulam-se para tentar interceptar o jornal, já que tê-lo em mãos significa ter o comando sobre Tanga.

O filme foi escrito e dirigido pelo cartunista, quadrinista, jornalista e escritor Henrique de Souza Filho, o Henfil, que tornou-se conhecido por seu humor crítico, satírico e de caráter político, exercido especialmente durante o período do golpe civil-militar. Essa característica, apresentada em publicações autorais e colaborações em jornais como O Pasquim, também dita o tom da narrativa e construção visual do filme Tanga, utilizando metáforas e representações cartunescas para comunicar uma visão ácida e politizada sobre o Brasil de seu tempo.



O figurino, assinado por Maria Helena Salles, caracteriza-se como o objeto de análise deste artigo, cuja pergunta fundamental é: como a caracterização das personagens de Tanga constitui um elemento narrativo direto, servindo como recurso para a análise contextualizada da obra e também como fonte de pesquisa histórica a respeito do cenário sociopolítico do Brasil da ditadura e do período de redemocratização?

Para responder a essa questão, o texto analisa o figurino das personagens habitantes da ilha de Tanga, utilizando o próprio filme como fonte. O aporte teórico contempla o conceito de *imagens como evidências da História* em Peter Burke, as relações interdisciplinares entre o cinema de ficção e a pesquisa histórica em Rosane Kaminski, em diálogo com Roger Andrade Dutra, assim como o artigo *Entrecruzamento de narrativas históricas e ficcionais: a desilusão de Henfil em Tanga*, de Márcia Neme Buzalaf. De forma geral, o artigo analisa o figurino de algumas personagens de Tanga individualmente, considerando elementos que contribuam com a interpretação aprofundada da obra a partir do ponto de vista imagético. Em termos metodológicos, esta pesquisa se pauta na análise fílmica e na revisão bibliográfica.

## ANÁLISE DO FIGURINO DE TANGA

Para a análise do figurino de Tanga como elemento narrativo direto e objeto de pesquisa como evidência histórica, o texto toma como aporte a obra *Testemunha Ocular*, do historiador Peter Burke (2004). Segundo o autor, ao considerar uma obra audiovisual como evidência histórica (assim como em qualquer análise historiográfica de imagens), é importante investigar o contexto sociocultural da época e local onde o material foi executado, não para que a imagem sirva como ilustração do período, mas para que seja possível extrair informações para além da iconografia, considerando evidências históricas isentas dos problemas da interpretação subjetiva e descontextualizada. Burke também afirma que "as imagens dão acesso não ao mundo social em si, mas a uma visão contemporânea daquele mundo". No caso de Tanga, tratando-se de uma comédia ficcional e satírica de temática política, o Brasil da ditadura é o ponto de partida para a análise da obra. Além disso, o histórico profissional do diretor Henfil como cartunista também contextualiza a linguagem visual utilizada como diretriz para a análise de seu figurino. O regime militar brasileiro não é mencionado no roteiro de maneira literal, mas está presente na narrativa como alvo e referência para as metáforas e críticas presentes na obra.



> Tanga, escrito e dirigido por Henfil em 1987, apresenta personagens nada verossímeis, além de uma construção estética tão caricata quanto a própria trama. Entretanto, não há como negar a narrativa histórica que o filme fomenta, justamente por ser um relato feito no fim do regime militar e por alguém que vivenciou o período dentro do jornalismo. [...] Henfil não poupa ninguém da sua perspectiva sátira e ridiculariza tanto o ditador quanto os militares, o "povo" e os guerrilheiros de esquerda. Ninguém se salva em Tanga, um país sem heróis, nem em Tanga, uma narrativa não-maniqueísta. A desilusão do cartunista em relação à chamada abertura democrática fica evidente na construção fílmica e na sua crítica aos grupos que compuseram a esfera pública durante a ditadura civil-militar brasileira. (BUZALAF, 2018, p.3)

A ambientação espacial da película é situada a partir de duas referências: a ilha fictícia de Tanga, no Caribe, e também a cidade de Nova York. Alguns indícios de localização temporal estão presentes no filme, como a citação de que a imprensa foi extinta em 1945 (Tanga, 19:50); a informação de que o Ditador Herr Walkyria von Mariaemblauque está no comando da ilha há 37 anos (Tanga, 32:01); e também as imagens da cidade de Nova York, que exibe características visuais (edifícios, carros, roupas e bancas de jornal) correspondentes à década de 1980. A narrativa

visual do filme, entretanto, desconsidera a fidelidade histórica ou geográfica como elemento relevante, no que tange à representação da ilha de Tanga. Sobre o caráter simbólico da linguagem audiovisual ficcional e sua utilização como fonte de pesquisa no campo da história, mesmo quando desconsidera a fidelidade histórica de tempo, espaço e representação visual realista, Rosane Kaminski (2013) afirma que “a condição de corporeidade de um produto final do trabalho implica sempre um processo de seleção e organização de signos partilhados por um dado grupo social”. A ancoragem da linguagem, deliberadamente desprovida da preocupação em representar a realidade de maneira realista, também chama a atenção justamente para o contexto histórico, político e geográfico, já que a produção da obra ocorreu durante o processo de abertura democrática do regime militar no Brasil.

**Figura 1:** Guardas do Palácio do Governo.
**Fonte:** Tanga (Deu no New York Times?), Henfil, 1987. (0:9:00)

O figurino Simbólico[1] dos habitantes de Tanga demonstra uma construção baseada na acentuação, distorção e cruzamento de referências facilmente reconhecíveis por seu peso simbólico, pertencentes ao imaginário coletivo. São os chamados *schematas*[2], referidos por Dutra (2000) como “o acúmulo histórico de que todos somos necessariamente depositários”. A escolha de priorizar o simbolismo

[1] “Seguindo a classificação adotada por Marcel Martin e Gérard Betton, os figurinos podem ser classificados em três categorias: 1) figurinos realistas, comportando todos os figurinos que #retratam o vestuário da época retratada pelo filme com precisão histórica; 2) para-realistas, quando “o figurinista inspira-se na moda da época” para realizar o seu trabalho, “mas procedendo de uma estilização” onde “a preocupação com o estilo e a beleza prevalece sobre a exatidão pura e simples”, e 3) simbólicos, quando a exatidão histórica perde completamente a importância e cede espaço para a função de “traduzir simbolicamente caracteres, estado de alma, ou ainda, de criar efeitos dramáticos ou psicológicos”. COSTA, Francisco Araújo. O figurino como elemento essencial da narrativa.

[2] Termo cunhado por David Bordwell, Narration of the Fiction Film, (1990)

em detrimento de uma narrativa visual baseada na fidelidade histórica é compatível com o teor cartunesco e metafórico da obra, ferramenta que permite ao espectador assimilar analogias e reconhecer os alvos de sátira sintetizados nas personagens do filme, como nota-se também nas ilustrações de Henfil. Sobre a constituição dos *schematas*, ou "acervos mentais", afirma Dutra, 2000, p. 134:



> Papéis sociais, profissões, "ideologias", imaginários, relações sociais, costumes, tudo faz parte do nosso acervo mental de imagens. Cada um deles é um schemata, ou seja um esquema básico que tem ao mesmo tempo as informações gerais e específicas de tudo o que observamos. [...] Assim, uma imagem mental está também relacionada com os sentimentos que possa suscitar, com os juízos de valor que possa mobilizar. E também os sentimentos e juízos de valor são imagens mentais, são schematas.

## A DITADURA

**Figura 2**: O Ditador Herr Walkiria na sala do trono.
**Fonte**: Tanga (Deu No New York Times?), Henfil (1987) (0:16:30)

O figurino principal do ditador, assim como de todos os seus oficiais de exército, faz alusão direta ao uniforme da Schutzstaffel ou SS, divisão de elite do exército nazista. Além da modelagem da farda, verifica-se a semelhança na utilização da braçadeira (onde a suástica foi substituída por um W de "Walkyria") e o cinto com alça transversal, característica exclusiva das imponentes vestimentas da SS, desenvolvidas originalmente pelo estilista alemão Hugo Boss[3]. A alusão ao militarismo nazista no figurino, reforçado por palavras em alemão incluídas nos diálogos, caracterizam o governo de Tanga como uma ditadura militar. Já o aspecto

[3] KÖSTER, Roman. "Hugo Boss, 1924-1945." The History of a Clothing Factory During the Weimar Republic and Third Reich. ", CH Beck of Munich, Germany, 2011.

de sátira, ou cruzamento de *schematas*, nesse caso, expressa-se pela cor rosa chiclete dos uniformes do exército, que contradiz o aspecto de autoridade e intimidação contidos na representação das fardas.

**Figura 3:** Herr Walkiria, ditador de Tanga **Fonte:** Tanga (Deu No New York Times?) 18:26
**Figura 4:** Josias, Príncipe hereditário do Principado de Waldeck e Obergruppenführer da Allgemeine SS.
**Fonte:** https://i.imgur.com/b0y5I3j.jpg

Herr Walkyria diferencia-se de seus subalternos através do uso de farda preta. Entretanto, em seus aposentos privados, veste um roupão de seda cor de rosa por cima da casaca militar (Figura 2), reforçando o caráter de escárnio da representação e ridicularização da ditadura. O fato de o ditador usar o roupão por cima da farda, mantendo o quepe e as botas, também sugere a crítica de que os ideais fascistas dominam e silenciam a humanidade, arraigando-se aos seus seguidores no âmbito ideológico pessoal, para além das disputas políticas.

Ainda sobre os trajes militares: a escolha da farda nazista como modelo referencial imagético e ponto de partida para a sátira, além dos sentidos simbólicos abordados acima, também aponta uma escolha segura por parte da equipe que, caracterizando os militares com elementos de fácil reconhecimento e origem européia, minimizam drasticamente as chances de terem sua caricatura diretamente relacionada ao aparelho repressor da ditadura brasileira, ainda responsável pela censura na imprensa e na produção artística.

**Figura 5**: Comandante e soldados de Tanga **Fonte**: Tanga (0:23:36)
**Figura 6:** Goebbels condecorando jovem soldado. **Fonte:** German Federal Archives



## O POVO

O figurino do povo de Tanga, por sua vez, é sempre branco e remete aos tempos de escravatura no Brasil. Turbantes, túnicas e simplicidade nas composições também são reforços a essa alusão. A cor branca padroniza as vestimentas e caracteriza a população como uma unidade, desprovida de individualidade e condições favoráveis ao desenvolvimento pessoal. Transmite a imagem de subserviência e a prisão a um referencial do passado, uma comunidade que não evolui, reforçada pela informação transmitida no filme de que 99% da população é analfabeta, sobrevive da pesca, mas possui a alimentação restrita: peixes para o povo e crustáceos e frutos do mar para a família do ditador ( 0:31:32).

**Figura 7**: Silmara **Fonte**: Tanga (0:07:23)
**Figura 8:** Recebimento da maleta com edição do The New York Times **Fonte**: Tanga (0:06:56)
**Figura 9**: População de Tanga **Fonte**: Tanga (0:07:21)

**Figura 10**: 'Negra Quitandeira' de Antonio Ferrigno
**Fonte**: Rebelião Escrava no Brasil - A História do Levante dos Malês em 1835. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/05/09



Próximo ao final da narrativa, entretanto, fica visível a relação direta entre as vestimentas e a reconfiguração da posição social de determinados integrantes do povo, onde o figurino configura-se como símbolo da representação de poder. Nos últimos minutos de filme, é retratada uma insurgência popular que destitui o poder dos guerrilheiros no palácio, logo após a queda do ditador Herr Walkyria. No meio da multidão, nota-se que Silmara, antes a empregada pessoal da Primeira Dama Frau Regine, agora veste-se de maneira semelhante a ela, com um vestido branco bufante e requintado para os padrões populares de Tanga, sugerindo a conquista não de liberdade política, mas dos parâmetros sociais antes almejados pela população oprimida.

**Figura 12:** Silmara e Frau Regine **Fonte:** Tanga (0:22:00)
**Figura 13:** Insurgência **Fonte:** Tanga (1:34:17)

Ainda nessa mesma representação, na última cena do filme, vemos um membro do povo em Nova York, vestido exatamente como Miguel Kubanin (sobrinho do ditador e até então responsável pelo envio diário de um exemplar do jornal The New York Times para Tanga). A escolha destes figurinos expressa valores que caracterizam a desilusão do próprio Henfil em relação à abertura política

em discussão no Brasil à época da realização do filme e à mudança no papel da imprensa dentro das engrenagens do poder.

> A premissa imaginativa de Tanga é: o que deu no New York Times é a verdade e precisa acontecer, mesmo que não tenha ocorrido. Os fatos só acontecem em Tanga depois de serem publicados no NYT. A inversão do papel do jornalismo, de originar um fato ao invés de reportá-lo após ocorrido, traz um estranhamento que faz sentido ao longo do filme: um acontecimento só se torna um fato a partir do momento em que se torna público – ou seja, a partir da mediação jornalística. Henfil caricaturiza esta premissa jornalística ao mostrar que este poder da imprensa pode ser, inclusive, levado ao extremo da criação de um fato e até da derrubada de governos. (BUZALAF, 2018, p.4)

**Figura 14**: Miguel Kubanin a caminho da banca. **Fonte:** Tanga (0:01:33)
**Figura 15**: Novo responsável pelo envio do jornal. **Fonte:** Tanga (1:35:35)

## GRUPOS GUERRILHEIROS

Sobre o figurino dos grupos guerrilheiros de Tanga, segue uma análise comparativa entre duas caracterizações de cada personagem, tomando como ponto de referência a sequência em que se executa a única ação direta articulada pela união das guerrilhas: o sequestro mal sucedido de Frau Regine, primeira dama do regime ditatorial. Nessa ocasião, os guerrilheiros se apresentam no que poderiam ser considerados seus trajes de guerra, escolhidos cautelosamente para a aparição em público. Essa passagem, com sua troca de figurino, concretiza a crítica de Henfil à atuação dos grupos de esquerda durante o período pré abertura democrática do país: uma postura onde o discurso não condiz com a realidade, e onde os ideais cegam e impossibilitam a concretização do que está ao alcance.

O guerrilheiro “Pentelho Luminoso”, cujo nome faz alusão ao Sendero Luminoso[4], é retratado ao longo do filme com trajes que lembram o de um escoteiro,

[4] Também conhecido como “Partido Comunista do Peru”. Organização de inspiração maoísta

condizentes com sua postura infantilizada e constante problematização. Motes como “O povo unido jamais será vencido” são aplicados com frequência e seu foco de maior clamor é a relacionado à luta de classes. Confuso e desmoralizado pelos outros guerrilheiros por conta de seu discurso ferrenho e “pentelho”, tem seus anseios e postura idealizada representados, na ocasião da tentativa de sequestro, na figura de um estereotipado “comunista russo” (TANGA, 1:36:48), onde destacam-se o traje de extremo inverno coberto por neve, arma de fogo com baioneta onde tremula uma bandeira com o símbolo do comunismo, e um cinturão que acomoda livretos ao invés de munição, fazendo referência satírica à ideia do discurso inflamado como principal arma de combate.

**Figura 16**: Pentelho Luminoso **Fonte**: Tanga (0:41:26)
**Figura 17:** Pentelho Luminoso no sequestro **Fonte:** Tanga (1:06:37)

“A Liga da Mulher ideal”, único grupo guerrilheiro representado por uma mulher (como o nome já indica), é representada no decorrer da trama através de trajes domésticos, compostos por uma camisola e um roupão matelassado. Entre os jargões que costuma utilizar, estão reclamações acerca do comportamento machista de seus companheiros, expressos através de manifestações metafóricas sobre clichês como não levantar a tampa do vaso sanitário (1:11:09), ser ela a pessoa a atender a porta, entre outros. No momento de sua atuação no sequestro, sua representação idealizada consiste em um uniforme de copeira cor de rosa, proposta que contradiz o discurso de emancipação feminina e explicita a descrença de Henfil também nos movimentos feministas da época.

fundada na década de 1960 pelos corpos discentes e docentes de universidades do Peru.

**Figura 18**: Liga da Mulher Ideal **Fonte**: Tanga (1:11:08)
**Figura 19**: Liga da Mulher Ideal no Sequestro. **Fonte**: Tanga (1:06:22)

"Vanguarda da Vodka Sectária", por sua vez, faz alusão à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e caracteriza-se através de um estereótipo intelectual, munido de óculos de grau, cabelos desalinhados e um inseparável copo de vodka nas mãos. Discorre a respeito de seu papel histórico e reforça sua posição de boêmio e intelectualizado perante os colegas de guerrilha. Já sua versão para o momento decisivo, em contraponto ao discurso anterior, é representada por um traje de gala branco, gravata borboleta, cabelos penteados com gel e, além do copo de bebida, um balde de gelo, expressando a ligação com a burguesia e o reforço do *status quo*.

**Figura 20**: Vanguarda da Vodka Sectária **Fonte**: Tanga (1:36:19)
**Figura 21**: Vanguarda da Vodka Sectária no sequestro. **Fonte**: Tanga (1:07:34)

"Ação Paranóica Radical" sente-se perseguido, age realmente de modo paranóico e seu figurino padrão é munido de um cachecol, que é utilizado como uma venda em simulações de interrogatórios, aplicadas por si próprio. O mesmo figurino é mantido no momento do sequestro, exceto pela inserção de uma "máscara" com o rosto do ditador Herr Walkyria (figura 3). O mesmo cachecol é utilizado como cobertura para a cabeça, e seu disfarce perfeito é elogiado pelo colega "Paralelo Zero", em tom de ironia (TANGA, 1:03:23).

**Figura 22:** Ação Paranóica Radical **Fonte:** Tanga (0:11:10)
**Figura 23:** Ação Paranóica com disfarce de Herr Walkyria **Fonte:** Tanga (1:03:23)

"Ação Insurrecional Democrática Sexual (AIDS)", personagem homossexual que defende a liberdade sexual e atribui sua homossexualidade ao machismo de seu tempo, é retratado em um pijama hospitalar com bandagens nos pulsos, referenciando a sigla atrelada à imunodeficiência que faz analogia ao nome do grupo guerrilheiro. Também é retratado com rolinhos nos cabelos, atrelando sua imagem a elementos caracterizados como pertencentes ao universo feminino. Em sua participação na ação direta do sequestro, "AIDS" é representado em trajes carnavalescos e extravagantes, feitos de tecido reluzente, adereço de cabeça com plumas, salto alto, capa e batom. Ao deparar-se com um soldado, pede clemência de maneira sensualizada, mas ganha tempo e atira algumas vezes em seu oponente, que ao mesmo tempo em que tomba ao chão, comemora a atitude "de homem" de AIDS. O filme, de 1987, com estereótipos explorados nessa personagem através dos diálogos e figurino, fornecem dados históricos não apenas a respeito do momento político do país, mas também sobre o imaginário popular brasileiro no tocante à suposta relação da AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida) com a homossexualidade. Um dado importante para contextualizar as críticas e sátiras exploradas na figura da "Ação Insurrecional Democrática Sexual" é o fato de que o diretor Henfil era soropositivo, tendo contraído o vírus HIV em uma transfusão de sangue, devido a sua condição de hemofílico, vindo a falecer em decorrência da AIDS em 1988, um ano após o lançamento de Tanga. (*Irmãos de Sangue*, 2006)

**Figura 24**: “AIDS” **Fonte**: Tanga (0:45:25)
**Fgura 25**: “AIDS” no sequestro. **Fonte**: Tanga (1:03:30)

O “Partido Comunista Tanganês” é considerado como um líder pelo restante do grupo, mas não diz uma palavra sequer até o momento de sua posse como novo representante máximo do governo, apoiado pelos outros grupos de guerrilha e após a fuga de Herr Walkyria. A representação catártica, adormecida e pouco combativa da personagem é desenvolvida no figurino através de um pijama clássico, com aspecto antigo para a época. O Partido Comunista não participa ativamente da ação de sequestro, “ressurgindo” e mostrando-se intensamente eloquente apenas a partir do momento em que há uma situação confortável e aparentemente estável de poder. Seu figurino, a partir desse momento, é exatamente a mesma farda utilizada pelo ditador Herr Walkyria von Mariaemblauque.

**Figura 26:** Partido Comunista **Fonte**: Tanga (0:12:18)
**Figura 27**: Partido Comunista no poder **Fonte**: Tanga (1:24:35)

Paralelo Zero, em contraste com os demais, é o único que não bate o cartão ponto na base das guerrilhas, além de passar considerável tempo em campo. Suas vestimentas também não se alteram durante a tentativa de sequestro e ainda menos após a tomada de poder passiva por parte dos grupos de guerrilha, que aproveitam

a fuga do ditador para assumir o palácio do governo. É ele quem planeja o sequestro a Frau Regine e instiga os demais grupos a uma tentativa de ação direta. Mesmo não obtendo sucesso na missão, Paralelo Zero coordena a operação e assume a posição de liderança nesse momento da narrativa. Seu ponto fraco, porém, é o contato com as emissoras de TV, tornando-se uma espécie de porta voz da guerrilha. Seu figurino remete à figura clássica e estereotipada de um guerrilheiro da América Latina, eternizada pela imagem de Che Guevara.

**Figura 28:** Paralelo Zero **Fonte:** Tanga (1:32:35)
**Figura 29**: Paralelo Zero dá entrevista **Fonte**: Tanga (1:02:43)
**Figura 30**: Che Guevara **Fonte**: InfoEscola

A configuração desse conjunto, assim como na representação dos membros do povo e da ditadura, utiliza os estereótipos cartunescos de maneira consciente e interligada entre as narrativas dramática e visual, realizando, como define Dutra (2000) a "produção de entendimento", situação proporcionada pelo audiovisual através da absorção de todos os aspectos que envolvem sua execução, entre a imagem e o som, para que se obtenha a compreensão interpretativa do filme. No caso da linguagem de humor satírico, como supracitado, essa "produção de entendimento" se dá também no campo da distorção e ressignificação de estereótipos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto ao longo do texto, a análise do cinema ficcional como evidência histórica, tratado como objeto e fonte, está atrelada não só à determinação de um método de pesquisa historiográfica para a análise das obras, mas também à inserção, nessas análises, do contexto externo e da produção de

entendimento gerada pelos elementos audiovisuais do filme, elementos potentes e interligados para além da esfera dramática.

> Construir novas realidades, estereótipos e padrões estéticos, não são coisas propriamente novas na história da arte; literatura, fotografia entre tantas outras formas artísticas já o fizeram. Porém, características associadas à natureza comercial do cinema fizeram com que o alcance social de tais imagens fosse maior, e mais eficiente, do que tinha sido, por exemplo, o da literatura até então. (DUTRA, 2000, P.127)



No caso de Tanga, a interdisciplinaridade presente na dinâmica narrativa de Henfil em seu trabalho como cartunista foi transposta para o cinema dentro da mesma linguagem simbólica, metafórica e pautada na crítica humorada de seus quadrinhos, permitindo que os recursos imagéticos assumam papéis de elementos narrativos diretos, criando e comunicando significados para além do explícito no texto dramático. A análise do figurino, recorte deste artigo, é uma tarefa que merece aprofundamento, já que sua construção simbólica em uma narrativa irônica, embasada no imaginário coletivo da época e pautada na distorção de referências realistas (através da perspectiva da análise historiográfica de uma obra ficcional), é capaz de fornecer informações que contribuam com o entendimento não somente da visão do cineasta Henfil, mas de um grupo social e de um fazer artístico marcados pela repressão do regime militar. A análise do figurino simbólico de Tanga como objeto de estudo historiográfico, justamente por não tratar de uma representação ou ilustração realista de determinada época, é capaz de revelar códigos e aprofundar o entendimento a respeito da expressão artística e política da época, dos próprios mecanismos de censura (mesmo que oficialmente extintos à época de produção e lançamento do filme) e também dos modos de vida, das ferramentas para driblar e sobreviver à ditadura militar. A imagem, representada neste artigo pelo figurino, desvendada pelo olhar historiográfico e analisada sob o aporte das referências e processos de construção dessas imagens (o trabalho do figurinista em si), apresenta-se como documento histórico riquíssimo, especialmente por dar voz a pessoas e narrativas em um momento em que só se era permitido calar.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

BUZALAF, **Márcia Neme. Entrecruzamentos de narrativas históricas e ficcionais: a desilusão de Henfil em Tanga (1987).** In: Marcelo Pereira da Silva. (Org.). A influência da comunicação. 1ed.Ponta Grossa/PR: Atena Editora, 2019, v. 1, p. 78-86.

COSTA, Francisco Araujo. **O figurino como elemento essencial da narrativa**. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/775/8 973. Acesso em: 21/086/17



DUTRA, Roger Andrade. **Da historicidade da imagem à historicidade do cinema**. Projeto História 21: história e imagem. São Paulo, Educ, v. 21, Nov. 2000, p. 121-141.

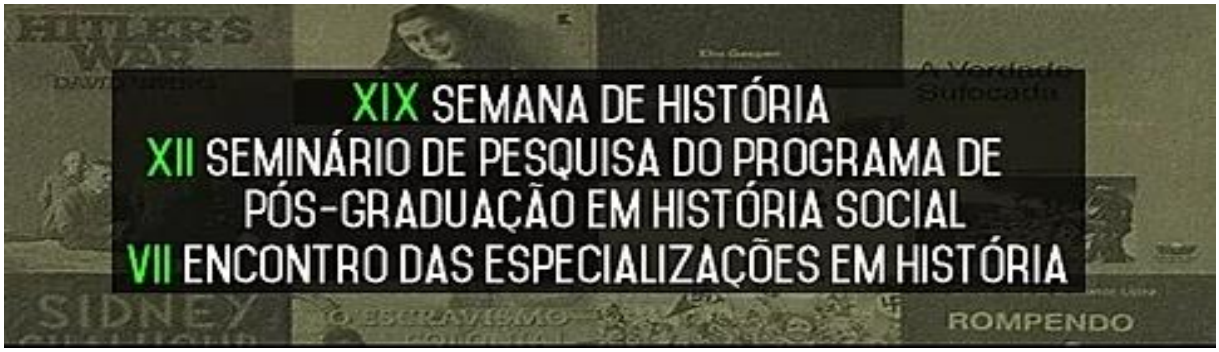
FREITAS, Artur. KAMINSKI, Rosane. **História e Arte: encontros disciplinares. Cap: *Reflexões sobre a pesquisa histórica, a ficção e as artes***. São Paulo; Intermeios, 2013.

VALENTIN, Daiane Maiara. **A imprensa no olhar de Henfil: narrativas humorísticas e desilusões no filme Tanga – *Deu no New York Times?* (1987)**. 2017.

**PROFISSÃO Cartunista** – Henfil. Direção: Marisa Furtado e Paulo Serran. Produção: TV Brasil. Brasília – DF, 2002. 52 min.

**TANGA – Deu no New York Times?** Direção: Henfil. Produção: J.N. Filmes, Quanta Centro de Produção. Rio de Janeiro – RJ, 1987. 90 min.

**TRÊS Irmãos de Sangue**. Direção: Ângela Patrícia Reiniger. Produção: No Ar Comunicação. Brasil, 2006. 103 min.






# HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES: A ESTRADA BOIADEIRA, SEUS SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS DO SUL DE MATO GROSSO AO NOROESTE PAULISTA (1906 A 1940)

Natalia Scarabeli Zancanari

Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Maringá

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas considerações a respeito de como a memória, representação e oralidade enquanto metodologia pôde contribuir na construção do conhecimento, da referida pesquisa sobre a Estrada Boiadeira, do qual podemos destacar o conceito de memória e história oral de modo a compreender as práticas culturais dos sujeitos que vivenciaram a passagem da Estrada Boiadeira e o de representação para se entender a significação de práticas estabelecidas a partir de laços sociais, procurando compreender a maneira de como determinado grupo compõem visões sobre determinadas épocas e as compartilha, e o de memória para analisar como as representações estabelecem laços de continuidade em um dado grupo.Deste modo, procura-se caracterizar o trabalho de produção das fontes orais e a atitude do historiador frente a elas, afirmando a importância da metodologia da história oral como instrumento eficaz para os estudos dos processos históricos. Pretende-se, nesta pesquisa, mostrar as possibilidades e avanços no que toca a produção metodológica da história oral por meio da memória.

**Palavras - chave:** História Oral; Memória; Representações.

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas considerações a respeito de como a memória, representação e oralidade enquanto metodologia pôde contribuir na construção do conhecimento, da referida pesquisa sobre a Estrada Boiadeira, do qual podemos destacar o conceito de memória e história oral de modo a compreender as práticas culturais dos sujeitos que vivenciaram a passagem da Estrada Boiadeira e o de representação para se entender a significação de práticas

estabelecidas a partir de laços sociais, procurando compreender a maneira de como determinado grupo compõem visões sobre determinadas épocas e as compartilha, e o de memória para analisar como as representações estabelecem laços de continuidade em um dado grupo.

Deste modo, procura-se caracterizar o trabalho de produção das fontes orais e a atitude do historiador frente a elas, afirmando a importância da metodologia da história oral como instrumento eficaz para os estudos dos processos históricos. Pretende-se, na produção desse texto, mostrar as possibilidades e avanços no que toca a produção metodológica da história oral por meio da memória.



**História oral, memória e representação**

A relação da Estrada Boiadeira[1] com a atividade de conduzir os animais em comitivas aproximou as localidades possibilitando a chegada de informações para a população local, formada ao redor do traçado da Estrada, produzindo “um tipo de trabalho, linguajar, vestimentas, expressões, práticas e denominações singulares” (SENA, 2011, p.45). Assim a circulação de gado nos caminhos terrestres interligando as regiões do Brasil criava condições necessárias para a integração humana e territorial.

Deste modo, os caminhos da Estrada Boiadeira ligavam não apenas uma propriedade a outra, mas também entrelaçavam vidas e histórias nas regiões brasileiras onde a pecuária se encontrava presente. Assim, a identificação dos homens como categoria representativa de uma condição econômica e cultural entre os estados já citados, particulariza a contribuição da Estrada Boiadeira como elemento firmador da presença humana da região em estudo marcando a integração da pecuária com as atividades de trabalho desenvolvidas com o gado.

Nesse embate de viagens com o gado surge no cotidiano às histórias que provém de narrativas do homem do campo, ressaltando os hábitos e costumes, conversas no ponto de pouso, o dia a dia nas fazendas; um panorama da vida envolto da Boiadeira que começa a se modificar com a chegada dos trilhos do trem no Noroeste paulista e consequentemente um aumento populacional, fazendo erigir

[1] O termo Estrada Boiadeira é utilizado para mencionar a estrada construída no Noroeste paulista, cujo traçado se inicia no Porto do Taboado e segue até a cidade de Barretos.O percurso da Estrada Boiadeira é o lugar de análise do tema de estudo. A expressão “estradas boiadeiras”se refere a estradas de outras localidades, mas que também serviram de passagem para o gado.

cidades que antes eram pequenas vilas estabelecidas próximo ao traçado da Estrada. Neste processo, modificam-se os modos de vida da população local, como também a relação do homem com o meio em que vive no que concerne às mudanças ambientais geradas pela pecuária.

Entretanto, mesmo diante desse quadro de transformações profundas é possível notar que a população do Noroeste paulista aprendeu a cultivar sua memória em pequenos sinais da vida cotidiana que podem estar traduzidos em elementos culturais como a cavalgada que ocorrem todos os anos até a cidade de Barretos, repetindo o percurso dos peões de boiadeiro seguindo o antigo traçado da Boiadeira, nas festas de peão e montarias, assim como as antigas modas de viola ainda entoadas lutam em permanecer vivas na memória da população.



Neste cenário que a história oral abre perspectivas ao inserir os relatos como fontes para a pesquisa histórica. Neste sentido, o recontar da memória na busca de percepções e vivências dos personagens que moldaram o espaço do Noroeste paulista[2], envolve a interpretação que tecemos sobre o mundo rural, segundo as narrativas de experiências ocorridas nessa região ao longo dos séculos XIX e XX, as quais suscitam “reflexões acerca da memória estabelecidas sobre esses espaços e sua gente” (PERINELLI, 2009, p.17).

Assim, os caminhos da Estrada Boiadeira ligavam não apenas uma propriedade a outra, mas também entrelaçaram vidas e histórias nas regiões brasileiras onde a pecuária se encontrava presente. A construção desse cotidiano na Boiadeira se torna possível por meio da memória, como também, a partir de músicas caipiras, entre outras fontes, reconstruir histórias do cotidiano do lugar, em que medos, incertezas, experiências e crenças iam remontando as histórias vividas.

Neste contexto a representação tem a intenção de refletir sobre determinado grupo de pessoas e situações de vida que, como afirmou Chartier, constituem o foco da abordagem da história cultural. Para o autor, o objetivo principal deste projeto de escrita da história era “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, Roger, 1990, p. 16-17).

[2] Segundo Perinelli, H; Nardoque, S; Moreira, V: o Noroeste Paulista abrange uma ampla área do Estado deSão Paulo, com inúmeros municípios situados entre as bordas de Catanduva até Santa Fé do Sul e de Riolândia a Novo Horizonte. Tal região trata-se da última fronteira devastada em solo paulista (2010, p. 18).

Deste modo, a utilização do conceito de *representação* é proposto como referente à elaboração de sentidos para o mundo, para os outros e para si mesmo, estando associado também à construção de identidades. Fruto de relações sociais historicamente datadas, as representações orientam a comunicação e os comportamentos e traduzem posições, interesses e valores daqueles que as produzem (CHARTIER, 1990). As noções complementares de "práticas" e "representações" têm sido bastante úteis aos historiadores culturais, por meio delas, podemos examinar os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e os receptores de cultura, como também as relações de usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada.



Deste modo, Stuart Hall nos fala como a representação e a linguagem produzem sentido, pois por meio da linguagem fazemos uso de signos e símbolos, ou seja, é através do uso que fazemos das coisas , o que dizemos, pensamos e sentimos que damos significados aos objetos mediante a estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte damos significados por meio da forma como a utilizamos e as integramos em nossas práticas do cotidiano. Assim, "a linguagem é um dos meios através do qual pensamentos, idéia e sentimentos são representados numa cultura"(HALL, p.18).Neste contexto, a "representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma mesma cultura"(HALL, p.31).

Recolocar a noção de discurso no centro da linguagem e as práticas discursivas que constituem o principal da vida social, dos modos de vida de determinados grupos, embasam uma noção mais ampla de cultura, pois comunicar é produzir cultura, desta forma, o uso da cultura oral e cultura escrita, permite ao historiador colocar o leitor próximo a realidade vivida, alcançando detalhes que apenas com documentos escritos não seriam possíveis. De modo que a comunicação também pode ser feita por meio dos gestos, da vestimenta, do corpo e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu modo de vida.

Neste caso, as narrativas aparecem entremeadas pelas descrições da memória, pela imaginação, pelo vivido nas estradas boiadeiras. As interações entre o visto e o vivido pelos sujeitos contribuem na construção de sua imagem e de seu valor carregado de sentimento e memória. Para Alessando Portelli "o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que

elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem" (2016, p.18).

Assim, trabalharemos com a definição de história oral como um conjunto de técnicas que possibilitam a elaboração das fontes históricas baseadas na memória de sujeitos que participaram ou testemunharam determinado acontecimento por meio das entrevistas. Para Verena Alberti, a história oral é explicada da seguinte forma:



> Mas o que vem a ser, afinal, esse método-fonte-técnica tão impreciso? Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a História Oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (1990, p. 1).

Essas definições contribuem para esclarecer o que se denomina história oral, metodologia que abre perspectivas para o estudo de um grupo ou povo por meio de entrevistas, apresentando os relatos dos entrevistados como fonte para a pesquisa histórica.

De modo que, a entrevista é uma troca de olhares, de observações entre o entrevistado e entrevistador, resultado de um trabalho comum de uma pluralidade de diálogos. Assim podemos compreender como a história oral organiza junto com a memória o diálogo entre ambos:

> (...) Mas a narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador (PORTELLI, 2010, p.19).

Neste âmbito, podemos compreender que as análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade. Ao se interpretar a história vivida a memória exclui, relembra, num resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Assim, a multiplicação dos objetos que podem interessar a história produzida pela história oral, implica indiretamente a questão da sensibilidade, de

modo que a história oral nos obriga a levar ainda mais a sério a crítica das fontes, aumentando a exigência técnica e metodológica.

É importante frisar que, ao optar por trabalhar com fontes orais na história oral, não se está abrindo mão do trabalho com documentos escritos como os de arquivo. A perspectiva assumida inclui o diálogo necessário com outras fontes, além das orais.

Sobre a ética da pesquisa em história oral, lembra Portelli que:



> "Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas "erradas" são ainda psicologicamente "corretas", e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis" (1997, p.32).

O autor ainda ressalta que "constantemente, documentos escritos são somente a transmissão sem controles de fontes orais não identificadas" (1997, p.32). Deste modo, podemos pensar na memória e na história oral como processo de fonte histórica.

> "Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada às fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada como tal e qual ela se apresenta (...)". (POLLAK, 1992, p.8)

Os relatos produzidos pela história oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar. De modo que, a crítica das fontes deve problematizar a produção das mesmas (quem as produziu, onde e quais interesses as produziu). Assim, as fontes com os quais os historiadores lida em seu ofício expressam sempre evidências de experiências de sujeitos históricos inseridos em relações sociais como conteúdo expresso nas fontes.

A história oral deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento.

Assim, a memória tem que ter uma ligação com o indivíduo, ou seja, ela precisa estar em contato com quem presenciou o passado ou que tem experiências

em comum, mantendo raízes com o acontecimento passado. Assim, a lembrança pode sobreviver no presente, e pode ser retomada por meio de entrevistas com a técnica da história oral.

É muitas vezes na imprecisão, na fluidez e nos lugares de distorção que se instalam as experiências expressivas e reveladoras práticas discursivas, trazendo por meio da memória os silêncios reveladores, as representações e ressignificações dos acontecimentos. A questão da memória como ligada a uma dialética da lembrança e esquecimento deixa de ser uma limitação para o campo da pesquisa e passa a ser um fator de perspectivas em que os estudos desta, no âmbito da historiografia em geral são de forma interdisciplinar com a antropologia, sociologia que tem auxiliado na compreensão de temporalidades e experiências a partir de como o cotidiano configura-se em uma construção social, por meio de formas simbólicas e representações, sendo assim, neste estudo da memória dos sujeitos ligados a Estrada Boiadeira está diretamente ligado as significações, representações e identidades entre o grupo social em que faz parte.



Para Alessandro Portelli, a história oral é a articulação íntima da história dos eventos, com a história da memória e com a história da interpretação dos eventos através da memória. Esta é concebida e tratada não como mero depósito de informações, mas como um processo contínuo de elaboração e de reconstrução de significados (2016, p.18). A memória deve ser entendida como algo em movimento, segundo o autor:

> “(...) mais do que um armazém de dados, a memória é um trabalho constante de busca de sentido, que filtra os vestígios da experiência entregando ao esquecimento aquilo que já não tem significado na atualidade - mas também aquilo que tem significado demais (...)” (p.47)

A memória passa a ser descrita como verdade pelo sujeito narrante, refletindo o passado como uma construção a partir de um complexo de relação com as representações e significações do grupo de quem narra.

Desse modo, a memória tem como função contribuir para o sentido de pertencimento a um grupo de passado comum, garantindo o sentido de identidade do indivíduo presente tanto no campo histórico quanto no campo simbólico. Dessa forma, a memória guarda informações relevantes para os sujeitos, tendo na oralidade seu veículo privilegiado.

Neste caso, busca-se retratar o uso da história oral como recurso metodológico, a fim de nos aproximar do cotidiano dos sujeitos que compõem o universo cultural da Estrada Boiadeira. Esta trajetória metodológica procura-se, inicialmente, a partir de interrogações voltadas à compreensão do cotidiano desses sujeitos, suas práticas e costumes. De modo que, por meio das histórias narradas, será possível compreender o universo cultural acerca da Estrada Boiadeira, de acordo com a temporalidade da pesquisa.



Neste caso, as narrativas aparecem entremeadas pelas descrições da memória pela imaginação, pelo vivido nas estradas boiadeiras. As interações entre o visto e o vivido pelos sujeitos contribuem na construção de sua imagem e de seu valor carregado de sentimento e memória.

Sobre essa questão, Alessandro Portelli nos faz refletir como pesquisadores a noção temporal e espacial utilizada para utilizar a história oral nos termos da pesquisa:

> "A história oral, em essencial, é uma tentativa de reconectar o ponto de vista nativo, local, vindo de baixo, e o ponto de vista científico global, visto de cima: de contextuar aquilo que é local e de permitir que o global se reconheça. A história oral, então, junta a história vinda de cima e a história vinda de baixo em um mesmo texto – em uma mesa de negociação – criando um diálogo igualitário entre a consciência que os historiadores têm dos padrões espaciais e temporais mais amplos e a narrativa pessoal, mais pontualmente focada, do narrador local". (PORTELLI, 2016, p.150).

Essas definições contribuem para esclarecer o que se denomina história oral, metodologias que abre perspectivas para o estudo de um grupo ou povo por meio de entrevistas, apresentando o relato dos entrevistados como fonte para a pesquisa histórica. Desta forma, a possibilidade de trabalhar com fontes orais, pela história dos cidadãos comuns, explicaria a estrutura social da vida individual, mas também coletiva de gerações que viveram no presente, o que se torna um desafio. De modo, que a história oral é envolvida com a dimensão de subjetividade que se encontra presente no funcionamento da linguagem, na memória.

Portanto, buscamos retratar o uso da história oral como recurso metodológico, a fim de nos aproximar do cotidiano dos sujeitos que fizeram parte da Estrada Boiadeira. Esta trajetória metodológica se deu, inicialmente, a partir de interrogações voltadas à compreensão do cotidiano em suas práticas e costumes durante as viagens, dos fazendeiros na compra e venda de gado, comerciantes e a

população local em formação que mantiveram a relação do ambiente rural no traçado da Boiadeira.

Partindo da pressuposição de que todo objeto historiográfico entretece-se no cruzamento de alguns campos histórico que ajudam a constituí-lo, há que salientar que este trabalho busca estabelecer o diálogo com a antropologia e a etnografia como meio de conhecer a vida desses sujeitos e compreender sua cultura que corresponde ao ofício imposto pela profissão. Dessa maneira, com base nesses pressupostos teóricos, é possível analisar as dimensões do espaço visando a compreender o processo de elaboração do valor simbólico dos lugares percorridos no traçado da Estrada Boiadeira.



## Considerações finais

A memória ligada a uma dialética da lembrança e esquecimento passa a ser um fator de perspectivas ligadas a interdisciplinaridade auxiliando na compreensão de temporalidades e experiências, tornando legítimas as fontes orais, os relatos pessoais e os testemunhos.

Neste sentido, o pesquisador pode compreender o mundo social, os sentidos que os sujeitos atribuem a si, as coisas e as outras pessoas na cena em que atuam. Pela metodologia da história oral podem-se compreender quem são as pessoas, como elas vivem, como pensam e sentem.

Assim, as narrativas possibilitam observar a relação do homem com o seu meio e tempo, onde narrador descreve os detalhes de seu cotidiano, incluindo as paisagens, os instrumentos de trabalho e costumes, emergindo uma identidade sociocultural. De modo que, esse estudo enfatiza a contribuição desses sujeitos não apenas na configuração social e econômica, mas também cultural da região Noroeste paulista.

Essa trajetória metodológica escolhida foi no sentido de trazer detalhes de uma história que sobrevive na memória desses sujeitos, revelando uma diferente perspectiva sobre seu universo. Compreendendo que a partir do instante em que se reconhecer a sua identidade adquire um caráter representativo e práticas que vão sendo re-vividas e ressignificadas por meio da oralidade.

## Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *História oral; a experiência do CDPOC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1990.

CHARTIER, R. Introdução. In: *A história cultural*. Lisboa: Difel, 1990.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Ed. PUC – Rio: Apicuri, 2016.

PERINELLI NETO, H.; NARDOQUE, S.; MOREIRA,V. J. (Org). *Nas margens da Boiadeira territorialidades, espacialidades, técnicas e produções no Noroeste paulista.* São Paulo. Editora: Expressão Popular, 1° edição, 2010.



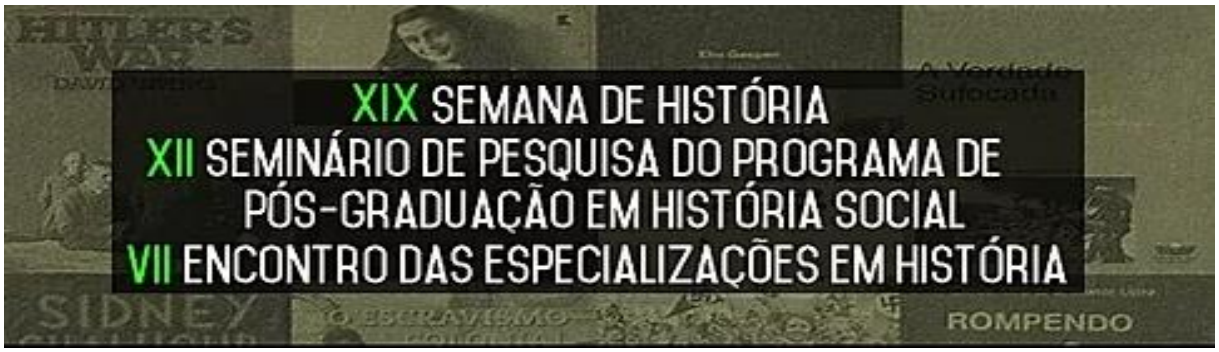
POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992, p.200-2012.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. São Paulo, 1997.

SENA, Divino Marcos. *Tropas e condutores em Mato Grosso: camaradas e arrieiros(primeira metade do século XIX).* In, Revista Brasileira de História & Ciências Sociais,vol.3, n°5, julho de 2011.






# GÊNERO, DESIGUALDADE E ENSINO: COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES JOVENS ACERCA DAS ASSIMETRIAS ENTRE HOMENS E MULHERES

Samanta Botini dos Santos
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

**Resumo.** O presente trabalho se refere as reflexões realizadas no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL), na linha de pesquisa em História e Ensino sob orientação da Profª Drª Marlene Cainelli, com o objetivo de compreender as ideias históricas de alunos da educação básica sobre o Movimento Feminista. A pesquisa, que ainda se encontra em andamento, trabalha com a perspectiva metodológica da Educação Histórica. A Educação Histórica é um campo de pesquisa que investiga questões referentes ao raciocínio histórico de alunos e professores, agindo no ambiente de ensino, a escola. Dessa forma, o trabalho em questão tem buscado compreender quais as noções históricas de alunos adolescentes acerca do Movimento Feminista, suas demandas e seus impactos. Para obtenção dos dados, foram utilizados questionários como forma de compreender os conhecimentos prévios, em um primeiro momento e posteriormente será aplicado um segundo questionário que tratará do trabalho com fontes históricas, a fim de perceber ideias mais elaboradas desses estudantes sobre a temática. Dessa forma, esse trabalho apresentará questões que apareceram no primeiro estudo exploratório, analisando como os estudantes entendem as desigualdades entre homens e mulheres e como essas questões se encontram no imaginário dos adolescentes. Como aporte teórico utilizamos autores importantes para as discussões acerca do ensino de história e da teoria feminista como Jorn Rüsen, Isabel Barca, Maria Auxiliadora Schmidt, Joan Scott, Flávia Biroli, Heloísa Buarque de Hollanda, Céli Regina Pinto entre outros. A pesquisa conta com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Palavras-chave:** feminismo, educação histórica, juventude, ensino de história.

## 1. INTRODUÇÃO

A temática da desigualdade é uma pauta política assumida há bastante tempo no debate social. Desde a produção de autores como Marx e Engels (1985) se compreende que os indivíduos socializados na sociedade capitalista vivem em

desigualdade uns com os outros. Os tipos de desigualdades são das mais diversas: de ordem social, econômica, política e de gênero.

O debate acerca da desigualdade de gênero se insere na ótica brasileira por volta dos anos 1970 e 1980, denunciado pelo Movimento Feminista que participou ativamente para construção de ações que impactassem nas questões visando a igualdade para as mulheres, como a Constituição Federal de 1988.



As desigualdades para as mulheres se configuram em diversos aspectos, na divisão desigual de tarefas que se somam, no trabalho, na política, na educação, no acesso a bens e afins. Essa perspectiva pode ser assumida devido aos esforços de pesquisadoras e pesquisadores que atuam em áreas como Ciência Política, Teoria Feminista, e tantas outras áreas do conhecimento, mas em suma pela criação de um campo dedicado aos Estudos de Gênero e aos Estudos Feministas.

A atuação do Movimento Feminista se deu majoritariamente frente a um projeto político de ordem patriarcal que fez com que mulheres tivessem como destino uma vida doméstica, os cuidados com a casa e com os filhos. Somente a movimentação das mulheres, pura e simplesmente, já significou abalos na configuração das sociedades. A arena de debate político não foi projetada para que houvessem participações de mulheres, menos ainda que elas ocupassem o debate público.

Dessa forma, o Movimento Feminista age contra a maré de como a sociedade foi organizada, e mesmo com uma agenda que chega a 30 anos de mobilizações, formou imaginários de como os papeis sociais devem ser organizados na sociedade até a atualidade.

Nesse trabalho, aborda-se as narrativas de estudantes de Ensino Médio de dois colégios da cidade de Londrina visando analisar a compreensão que jovens trazem acerca da desigualdade de gênero frente a atuação de movimentos sociais como o movimento feminista. O estudo se deu mediante um questionário com afirmações em que os estudantes deveriam concordar ou discordar, bem como se posicionarem sobre como compreendem acerca da temática.

## 2. As mulheres: entre o público e o privado

As discussões sobre as dimensões do público e do privado foram amplamente debatidas pelo viés econômico liberal. Contribuições que advém desde pensadores

como John Locke a Adam Smith pensam a ótica do público e do privado pela compreensão de distinguir as competências do Estado, da Economia com a vida comum dos indivíduos. Por influência do pensamento liberal os espaços públicos foram compreendidos como os ambientes em que a política, a cidadania, as discussões acontecem. Enquanto que o ambiente privado diz respeito ao espaço doméstico, da intimidade (ABOIM, 2012).



O espaço familiar por ser entendido como um ambiente do crivo particular, singular e pessoal, esse mesmo local se faz como o lugar onde ocorrem as violações aos sujeitos subalternizados ao sistema patriarcal familiar. Flávia Biroli (2018) ao tratar da relação da Família em um contexto de desigualdades afirma que "o espaço das relações familiares é feito de afetos, cuidado e apoio, de explorações do trabalho, do exercício da autoridade e da violência (BIROLI, 2018 p. 91).

Os papeis de gêneros atribuídos pela modernidade a partir de concepções universalizantes resultaram em danos a vida das mulheres. As definições de público e privado geraram a ideia de que a feminilidade seria expressa por traços de docilidade e submissão, acarretando em dificuldades para as mulheres atuarem e se desenvolverem na esfera pública (MIGUEL; BIROLI, 2014).

O protagonismo das mulheres se concentrava exclusivamente ao ambiente doméstico, por essa razão se desenvolveram com uma série de desigualdades em relação aos homens, que sempre ocuparam os espaços públicos e obtiveram acessos culturais e financeiros. Nesse contexto, no final do século XVIII já era possível observar a organização das mulheres contra essa ótica opressora.

## 2.1 Gênero e Cidadania: um marcador de desigualdade

A discussão sobre o trabalho e família se inseriu nos debates feministas e de gênero norte-americanos na década de 1980, no Brasil em 1970 o cenário para as mulheres se altera com a presença feminina economicamente, ampliação da escolarização e inserção no mercado de trabalho. Com a inserção das mulheres enquanto forças produtivas de trabalho, juntamente com o acesso a ciência e a criação de um campo teórico, a divisão sexual do trabalho se torna uma pauta sensível e latente. De acordo com Flávia Biroli (2018) "a divisão sexual do trabalho é um lócus importante da produção de gêneros" (BIROLI, 2018).

De acordo com Flávia Biroli (2018) a separação entre casa e trabalho, advindos da distinção entre público e privado, justificam as hierarquias que compõe as desigualdades de gênero. As hierarquias de gênero dentro do ambiente doméstico se dão de forma que colocam as mulheres como encarregadas das atividades domésticas enquanto que uma figura de pai-provedor daria conta de cuidar financeiramente do lar (BIROLI, 2018).



Os trabalhos domésticos possuem um traço se distingue das outras manifestações de trabalho, que é a gratuidade. Com a forma gratuita de exercer os cuidados com atividades importantes da vida comum, como limpar, lavar, arrumar, garantir segurança ao cuidar das crianças e afins, os homens foram isentos desse tipo de trabalho e puderam exigir que as mulheres o executassem. Como salienta Flávia Biroli (2018):

> Diferenças codificadas como “naturalmente” femininas ou masculinas, imprimindo às vivências uma concepção dual e binárias de gênero, decorrem da vida de mulheres e homens. Essas diferenças não se estabelecem da mesma forma para elas e para eles, uma vez que presumem normas masculinas e são mobilizadas para justificar as desvantagens econômicas das mulheres (BIROLI, 2018 p. 35).

A abordagem dos cuidados domésticos também se pensa no debate acerca da maternidade, pois as dimensões do privado se dão pela formação da familia, assim pelo modelo patriarcal de família, o papel feminino comportaria a função de esposas e mães. Os modelos de família e maternidade são discutidos a partir de um modelo heterossexual e idealizador.

O movimento feminista pautou questões que se entrelaçam com o debate acerca da instituição familiar, pois o modelo patriarcal de família dá autoridade ao homem para se impor dentro do ambiente privado, incluindo o acesso irrestrito ao corpo da mulher. A resposta dada pelas mulheres feministas foi de que queriam o direito a sexualidade, ao corpo e ao prazer. Foi no final da década de 1960 e início de 1970 que o lema “o pessoal é político” lançando luz aos problemas da esfera do privado (PEDRO, 2015).

Quando se pensa o trabalho doméstico como forma de sustento, é necessário pensar pela perspectiva que inclua elementos de classe social e raça. As opressões de gênero não são vivenciadas da mesma forma, dessa forma, as mulheres negras e/ou pobres experenciaram outra forma distinta a política de divisão sexual do trabalho. Como o trabalho doméstico é desvalorizado, as funções do cuidado são

mal remuneradas, um exemplo material disso é que somente em 2015 que as empregadas domésticas conseguiram conquistar direitos trabalhistas (BIROLI, 2018).

Dessa forma, os anos 1990 contaram com a 3ª onda feminista em que houveram preocupações com as discussões de classe e raça, rejeitando a forma dominante de compreender as mulheres, pensando nas trabalhadoras, mães, negras e pobres que necessitam de ações especificas para sua atuação numa conjuntura política. O tempo das mulheres dedicados aos cuidados são anulados pelo traço da gratuidade de suas ações, e enfraquecendo a possibilidade de conseguirem se engajar em ações políticas ou exigir direitos numa sociedade desigual.



Portanto, homens como são isentos de participação nos cuidados domésticos podem livremente se organizarem e defenderem ações políticas, uma vez que possuem mais tempo. Assim, a arena política foi organizada para que os homens pudessem possuir tempo hábil para candidaturas, debates políticos e afins, bem como para o lazer (BIROLI, 2018).

O Movimento Feminista nasce para trazer protagonismo as questões das mulheres, e discutir as naturezas das desigualdades. A intencionalidade desse trabalho é de apresentar como estudantes jovens compreendem as desigualdades de gênero, entre homens e mulheres em diversos âmbitos, pauta discutida amplamente pelo feminismo até os dias atuais.

## 3. EDUCAÇÃO HISTÓRICA E O PENSAMENTO HISTÓRICO DOS ESTUDANTES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.

O campo de pesquisa da Educação Histórica atua na cognição histórica. Por meio da epistemologia da Teoria da História, na metodologia investigativa das Ciências Humanas e a Historiografia, são elaboradas investigações para se compreender questões acerca do raciocínio histórico de estudantes e professores (GERMINARI, 2011).

O desenvolvimento de pesquisas desse ramo se intensificaram inicialmente na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Portugal e Brasil. No Brasil, os estudos da Educação Histórica trabalham com a aprendizagem histórica de alunos e sobre a função social da História. Seu contexto de formação se dá pela ocorrência de

eventos históricos como: o fim da Guerra Fria, desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a queda do muro de Berlim. Nesse período houve um projeto de apagamento da história da Alemanha Ocidental e uma adequação do ensino pois suas características eram baseadas em competências distintas (GERMINARI, 2011).

As ideias foram categorizadas foram inspiradas no modelo de progressão de ideias como proposto por Peter Lee (2003), categorizando-as em: ideias limitadas; ideias intermediárias e ideias mais elaboradas acerca do assunto.



A escolha das respostas dos alunos buscou compreender como os alunos entenderem as desigualdades entre os gêneros e foi possível levantar que percebem e relatam essas assimetrias em aspectos como: poder econômico, direitos civis e políticos, direito ao corpo, sexualidade e afins. Não buscamos atrelar juízo de valor as respostas, muito pelo contrário. A intenção aqui é de compreender como esse assunto conversa com a realidade dos alunos atualmente.

### 3.1 O questionário

O estudo exploratório ocorreu em dois colégios da cidade de Londrina, do âmbito público e privado, com base em um questionário onde continham afirmações e os estudantes deveriam se posicionar contrários ou favoráveis a afirmação colocada, bem como, justificarem suas respostas. As afirmações colocadas para os estudantes foram:

> Você sabe o que é o movimento feminista? Já ouviu falar? O que sabe?
> Sobre as afirmações a seguir: Qual sua opinião?
> “Mulheres são mais delicadas e possuem mais aptidão aos cuidados do lar”
> “Mulheres devem ganhar menos porque engravidam”
> “Homens e mulheres já possuem os mesmos direitos atualmente, então o feminismo seria desnecessário”.

A partir das narrativas obtidas pode-se analisar as respostas dos estudantes com a intenção de compreender as noções históricas dos estudantes sobre o Movimento Feminista.

### 3.2 Narrativas sobre o Movimento Feminista.

As ideias dos estudantes sobre a questão referente ao movimento feminista, sua definição se atrelaram muito a busca por igualdade. Ora, o feminismo busca igualdade para as mulheres, podemos compreender que os sujeitos vivem em regime de desigualdade perante os gêneros. As respostas obtidas foram:

> "Feminismo é um "projeto" de defesa das mulheres e também para luta dos direitos iguais". (Estudante do sexo feminino, 14 anos, Colégio Público)
>
> "Sim, eu sei e já fiz um estudo sobre. Sei que é um movimento social e político em que seus participantes dizem pregar a igualdade entre os gêneros" (Estudante, 16 anos, Colégio Privado)
>
> "Sim, sim. A busca por igualdade e equivalência de direitos e de espaços na sociedade, como por exemplo a igualdade salarial para homens e mulheres que possuem a mesma função" (Estudante, 18 anos, Colégio Privado)
>
> "A luta das mulheres buscando igualdade de gêneros na sociedade opressora em que vivemos" (Estudante sexo masculino, 15 anos Colégio Público)



Essas concepções por si só, já apresentam um cenário de conhecimento acerca da temática. Uma vez que a noção de que o movimento feminista busca igualdade para as mulheres na sociedade. As narrativas dão a dimensão de que os alunos compreendem as desigualdades entre homens e mulheres no Brasil, podendo hipoteticamente conhecerem por meio da História que a construção dos direitos das mulheres passou por um processo de lutas que segue para a contemporaneidade.

### 3.3 Ideias explicativas sobre Divisão Sexual do Trabalho

A questão de número 2 consiste em uma afirmação que exige posicionamento dos estudantes sobre partilha de tarefas domésticas. A divisão sexual do trabalho foi um tema recorrente no feminismo dos anos 1970 inaugurando as preocupações acadêmicas e criando um campo de pesquisa acerca dos estudos feministas.

Obtivemos os seguintes exemplos de narrativas dos estudantes:

> "Para mim, as mulheres são de um gênero mais delicado por isso, devem pegar trabalhos com menos "impacto" e volume. E não devem trabalhar

> como pedreiros, trabalhos pesados em geral" (Estudante do sexo masculino, 15 anos, Colégio Público).
>
> "Minha mãe tem mais conhecimento de cuidado de casa do que meu pai" (Estudante do sexo masculino, 16 anos, Colégio Privado)
>
> Pois acho que as mulheres são bem mais cuidadosas, porém nem todas são delicadas" (Estudante do sexo masculino, 17 anos Colégio Privado)
>
> "O físico da mulher é mais delicado, mas não significa que são mais aptas a cuidados domésticos" (Estudante do sexo feminino, 14 anos Colégio Público)



As narrativas dos estudantes indicam para uma compreensão de gênero onde estabelecem as conexões do pensamento sob a lógica binária de que os homens estão ligados as noções de público e privado. De acordo com Flávia Biroli (2018) existem diferenças que foram construídas com o tempo, de que as diferenças de homens e mulheres são naturais, como se as mulheres nascessem mais delicadas e dessa forma deveriam pautar por atividades mais sensíveis. Para que esse entendimento fosse possível foram aliadas teorias das Ciências Biológicas para reforçarem tal conhecimento. Para a autora "a opressão política e civil lhes vedava envolver-se em assuntos coletivos a levaria a um sentimentalismo romântico que reforçava a ideia que a tarefa preponderante feminina era agradar. (BIROLI, 2018 p. 97).

As ideias melhor elaboradas sobre divisão sexual do trabalho foram analisadas e compreendidas como o conjunto de narrativas que tratam do problema pela perspectiva da histórica, como pode-se observar nas seguintes declarações:

> As mulheres eram deixadas para cuidar e ficar em casa desde muito tempo atrás com isso os homens nunca tiveram que cuidar dizem que elas são melhores e consequentemente mais sensíveis" (Estudante do sexo masculino, 14 anos, Colégio Público)
>
> "A ideia de que mulheres devem cuidar somente do lar é algo construído historicamente. Todo esse padrão de feminilidade é algo construído. Mulheres são livres para fazerem o que quiserem, e tem tanta capacidade quanto os homens" (Estudante do sexo feminino, 15 anos Colégio Público)
>
> "Pra mim, as mulheres levam mais jeito com os cuidados devido a criação que passa entre as gerações" (Estudante do sexo feminino, 17 anos Colégio Privado)

As narrativas indicam que os estudantes compreendem as mudanças históricas de percepção das mulheres enquanto agentes históricos, que possuem

suas histórias através do tempo, bem como a forma de que as mulheres foram educadas dizem respeito a um contexto histórico. De acordo com Biroli (2018) a forma de socialização das meninas é marcada pela obediência, pela dependência e pela obrigação de agir para agradar os demais.

### 3.4 Ideias explicativas sobre maternidade



A penetração das questões sobre maternidade no movimento feminista surge em meados dos anos 1990, com a expansão das pautas feministas com a inclusão das demandas das mulheres trabalhadoras. A afirmação que solicita a opinião dos alunos diz respeito a mulheres não poderem trabalhar devido a possibilidade de engravidarem. Obtivemos as seguintes narrativas:

> “Discordo porque mulher foi feita para gerar filhos! E isso não deve ser motivo para mulher ganhar menos” (Estudante, 16 anos, Colégio Público)
>
> “Isso deveria fazer com que elas fossem mais valorizadas, querendo ou não, a mulher carrega no útero a geração que vai sustentar o mundo num futuro” (Estudante do sexo feminino, 14 anos, Colégio Privado).
>
> “Isso é biológico, necessário para a reprodução, as mulheres deveriam ter mais tempo a maternidade e melhores ajustes salariais” (Estudante do sexo masculino, 17 anos. Colégio Público)

Aparecerem ideias menos elaboradas acerca da temática que fazem referência a responsabilização da mulher como única responsável pela gravidez, uma vez que são as mulheres que cumprem o papel de gestar. De acordo com Biroli (2018) pela responsabilização da mulher pelos cuidados com os filhos, e demais compromissos que a divisão de gênero atribui, a responsabilização desigual também recai sobre as mulheres, pois o debate sobre maternidade e as dimensões do cuidado sofrem com a dicotomia de: o espaço privado não permitiu que além das atividades remuneradas elas cuidassem de seus lares e ainda se engajassem na política institucional, dessa forma, como as pautas das mulheres não possuem expressividade política os problemas advindos de ações que em suma maioria elas executam não foram debatidos e rearranjados socialmente (BIROLI, 2018).

O segundo conjunto de ideias, dos estudantes se colocam na defesa dos direitos das mulheres, porém visam ainda defender os lucros possuindo o

argumento de que a ausência das profissionais pode gerar prejuízos de capital. Dessa forma, após o parto e sua ausência, devem ter descontos salarias.

> “Nº 1 nem toda mulher engravida; nº 2 o salário deve estar acordado com o cargo e aptidões, não as condições físicas” (Estudante do sexo feminino, 16 anos, Colégio Público)
>
> “A gravidez não interfere totalmente no trabalho” (Estudante do sexo feminino, 16 anos, Colégio Privado)
>
> “Acho que isso é um direito da mulher” (Estudante do sexo masculino, 15 anos, Colégio Público)
>
> “Não, pois elas podem trabalhar até quando ela aguentar” (Estudante do sexo feminino, 15 anos, Colégio Público)



Acerca da temática da maternidade, Adriana Kollontai em 1914 já apresentava as dissidências sobre a questão das mães. Sua análise focou na experiência maternal com quatro mulheres de classes sociais distintas e constatou que a gravidez para as mulheres trabalhadoras não a faz especiais, como o ideal maternal prega, e nem que seus patrões adaptem suas jornadas de trabalho nem mesmo em momentos mais delicados como o final da gestação (BIROLI, 2018).

Dessa forma, a importância de leis trabalhista que zelem pelas mulheres trabalhadoras contribui na permanência das mulheres na execução de atividades produtivas, bem como, a existência de uma legislação que pensa as trabalhadoras nas suas situações maternais, como a licença maternidade.

O terceiro conjunto de ideias versam sobre as narrativas sofisticadas sobre as concepções de maternidade, onde os estudantes trabalharam de forma mais concisas suas respostas, de acordo com as respostas abaixo:

> “A mulher não engravidou sozinha, então porquê ganhar menos. Isso é um direito de ganhar salário normal que não deve ser tirado” (Estudante do sexo feminino, 17 anos, Colégio Público)
>
> “A causa disso é porque os homens tem menos tempo na licença paternidade, se tivesse o mesmo tempo que a licença maternidade iria ficar mais igualitário” (Estudante do sexo masculino, 16 anos, Colégio Privado)

Esse cenário aponta a um pensamento mais crítico aos dados de maternidade solo também, mesmo não sendo apresentados nessa pesquisa aos estudantes. As respostas também apresentam a questão dos direitos reprodutivos,

na escolha da mulher ser mãe ou não, não naturalizando o aspecto biológico da maternidade.

### 3.5 Ideias explicativas sobre desigualdade de direitos

A maioria das respostas abordam questões de um campo esperançoso sobre o entendimento dos direitos das mulheres. Os estudantes em sua maioria apontam conhecer a desigualdade entre homens e mulheres e se posicionarem contrários frente as desigualdades de gênero.



> “Compara o salário da Marta e do Neymar, Marta joga melhor e ganha menos” (Estudante do sexo masculino, 14 anos, Colégio Ateneu)
>
> “Muitos fatores ainda não estão equilibrados” (Estudante do sexo feminino, 16 anos, Colégio Ateneu)
>
> “Os direitos das mulheres por mais que já progrediram, ainda há muito a ser feito” (Estudante do sexo feminino, 14 anos Colégio Privado)
>
> “O feminismo é importante porque sem ele perdemos nossos direitos” (Estudante, 15 anos, Colégio Público)

Os estudantes nas narrativas mencionadas apresentam conhecimento acerca das assimetrias de gênero se utilizando da própria experiência e das compreensões atuais para realizem o balando, concluindo que homens e mulheres não possuem ainda os mesmos direitos, porém, consideram a luta histórica das mulheres como um avanço.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das narrativas dos estudantes pode-se perceber que as ideias liberais compõem o imaginário de estudantes jovens acerca das pautas feministas e de gênero. A compreensão acerca da atuação de movimentos sociais, como o movimento feminista, ainda pouco explorada nas narrativas, os estudantes ainda compreendem como um assunto de cunho pessoal e particular, se colocando como neutros muitas vezes.

As hipóteses que incorrem acerca das narrativas são as de que os estudantes responderam analisando as próprias experiências de gênero, onde as

mulheres que vivem com esses jovens que executam desde sempre as atividades domésticas da casa. Além das questões particulares, a influência do contexto neoliberal na sociedade brasileira também pode ser um agregador na difusão das ideias obtidas. Outro reflexo da contemporaneidade diz respeito ao crescimento do fundamentalismo religioso na política institucional brasileira. Setores contrários as demandas democráticas, aliados ao ideal conservador, possuem reflexos que podem ser entendidos nas respostas dos estudantes, como não compreensão do fato ou em forma de ideias preconceituosas sobre o tema.



A herança das problemáticas de gênero, que foram bases da exploração de mulheres nas sociedades ocidentais, dificultou e continua dificultando o acesso da população feminina a democracia. A ausência de politização acerca das dimensões do cuidado, que são atividades executadas majoritariamente por mulheres, fazem parte de um projeto de subjugação e desvalorização feminino. As análises acerca das concepções históricas que os estudantes possuem faz parte de um esforço de compreensão do movimento feminista enquanto um movimento social, democrático, revolucionário, que luta pelo direito a cidadania plena das mulheres.

## 5. REFERÊNCIAS:

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de género sobre uma dicotomia moderna. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 20 vol. 1 p. 344, jan-abr. 2012 Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n1/a06v20n1 Acesso em: 13 de nov. 2019.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil**. 1ed. São Paulo: Editora Boitempo,2018.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GERMINARI, Geyso. Educação Histórica: constituição de um campo de pesquisa. **Revista HISTEDBR** online. Campinas, n. 42 p. 54-70, jun. 2011.

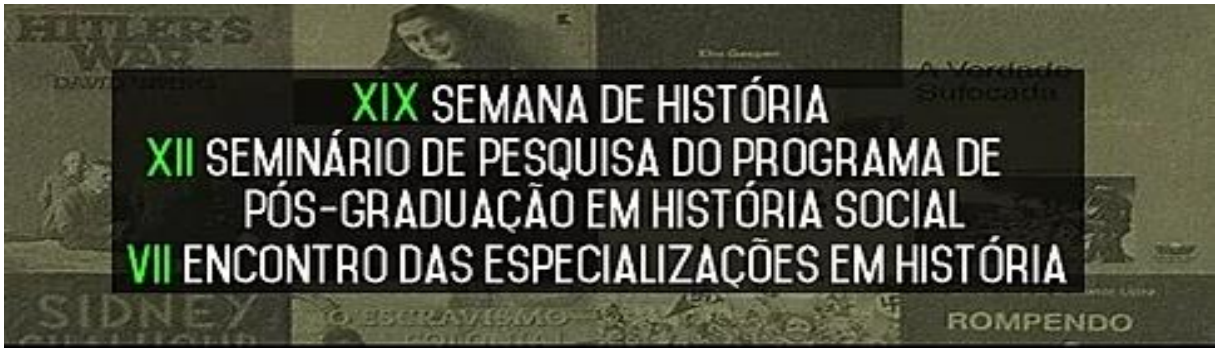
LEE, Peter. “Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: Compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, Isabel. **Educação Histórica e Museus Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Universidade do Minho: Centro de Investigação em Educação, 2003.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. 1 ed. São Paulo, Boitempo, 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Breve História do feminismo no Brasil**. São Paulo – SP. Editora: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORE, Mary del. **Histórias e conversas de mulher**. 2ª edição. São Paulo: Planeta, 2014.

RÜSEN, Jorn. **Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasilia: Editora Universidade de Brasilia, 2001.






# A DUPLA MILITÂNCIA DO FEMINISMO BRASILEIRO N'*O BRASIL MULHER* (1975-1980)

Izabele Vila Real Diamante (UEL)

Orientadora: Profª Drª Célia Regina da Silveira (UEL)

**Resumo.** O presente trabalho tem como objetivo discutir a questão da dupla militância do movimento feminista brasileiro da década de 1970 por meio dos editoriais e das matérias publicadas no jornal alternativo feminista *Brasil Mulher.* Esse jornal nasceu em Londrina-Pr e foi o primeiro periódico feminista do País pós-golpe de 1964. Nesse sentido, torna-se relevante para esta comunicação, perceber a atuação das mulheres feministas e como, em meio ao período de exceção, viam o feminismo. Para tal, analisaremos os editoriais – que mostram a visão do grupo à frente do jornal sobre o feminismo – bem como as escolhas das matérias realizadas pelo grupo a frente do jornal, pautada na discussão realizada por Tania de Luca a respeito dos periódicos, que não são vistos como obras individuais, mas coletivas, que expressam as ideias, as crenças e os valores do grupo de pessoas envolvidas. Assim, ganha destaque nas páginas *d'O Brasil Mulher* as matérias que enfocam a mulher trabalhadora, uma vez que para o jornal as lutas feministas estariam vinculadas às necessidades gerais da sociedade. Por essa ótica será possível observar que ganha centralidade no movimento feminista brasileiro as ideias que vão ao encontro do pensamento marxista da época. Isso traz para as mulheres a frente do jornal o papel de dupla militância, na qual acreditava-se que primeiro havia a necessidade de acabar com a exploração dos trabalhadores pelo capitalismo e com isso a mulher deixaria de ser explorada, ao mesmo tempo que o jornal tenta chamar a atenção para problemas específicos do universo feminino. Compreendendo essa característica do movimento feminista brasileiro é possível refletir, assim, sobre o contexto político social da época, as dificuldades de se assumir feminista e os caminhos tomados pelo movimento para lutar pelos seus ideais acreditando em uma sociedade mais igualitária.

**Palavras-chave:** jornal *Brasil Mulher;* feminismo; dupla militância.

## Introdução

Lutas contra a opressão das mulheres e pela busca de direitos, coletivas ou individuais, sempre aconteceram no decorrer dos tempos. Entretanto, ao estudarmos o feminismo como um movimento social organizado, refere-se com maior frequência – no ocidente – ao século XIX como período inicial[1]. A "primeira onda" do movimento feminista – como também é referenciada essa primeira maior organização do movimento – foi marcada pela busca do direito ao voto feminino, a busca por educação para as mulheres e pelo direito de trabalharem em determinada profissões. Na segunda metade do século XX ocorre a chamada "segunda onda" do movimento feminista. A partir da década de 1960 se destaca a busca pela liberdade sexual das mulheres, o direito sobre o próprio corpo, ou seja, essa "segunda onda" feminista questionará não só a opressão patriarcal, mas também os modelos de comportamento impostos pela sociedade capitalista de consumo.



No Brasil destaca-se no início do século XX a luta das feministas anarquistas que possibilitou que questões de opressão e exploração da mulher ganhasse espaço no âmbito público. Antecipando as lutas e ideais que se desenvolveriam no fim do século, as feministas anarquistas buscaram melhores condições de trabalho e a possibilidade das mulheres se instruírem[2]. Posteriormente, nos anos 1960/1970, enquanto Europa e Estados Unidos viviam uma efervescência político social de contestação, o Brasil vivia uma realidade de forte repressão e perda de direitos a partir de 1964 com o golpe militar. Dessa forma, o movimento feminista brasileiro voltou suas lutas não só para questões específicas das mulheres – como direito ao corpo, liberdade sexual – mas também para questões tidas como gerais na sociedade, como a luta pela anistia de presos políticos, a exploração dos trabalhadores, a críticas a eleições indiretas, a questão da censura, etc.

A partir das particularidades do movimento feminista brasileiro da década de 1970 verificadas no jornal feminista *Brasil Mulher* este artigo pretende discutir como o feminismo brasileiro se desenvolveu num contexto de exceção.

## Jornal *Brasil Mulher*

[1] Louro, 2003, p. 14.
[2] Pinto, 2003, p. 34/35.

O jornal *Brasil Mulher* foi criado em 1975, em Londrina no Paraná, pela jornalista Joana D'arc Bizzotto Lopes em parceria com Therezinha Zerbini. Com 16 edições normais, com 16 páginas em média – podendo variar para menos – e quatro edições especiais em comemoração ao dia internacional da mulher, com 7 páginas cada, o *Brasil Mulher* era editado sempre em preto e branco no formato tablóide; também apresentava em suas edições fotos e charges e sua circulação era nacional. Suas matérias poderiam aparecer em meia página ou menos que isso, porém, para as matérias que se achava de grande interesse do público era reservado páginas duplas, assim, a diagramação do jornal era pensada para que o transformasse num jornal mural. O BM, como era conhecido, pretendia ter periodicidade mensal, entretanto, devido a dificuldades financeiras, principalmente, sua periodicidade foi bimestral, às vezes, chegando a se estender por períodos maiores de uma edição para outra.



Considerado o primeiro jornal feminista pós 1964, o Brasil Mulher teve grande importância não apenas por inaugurar a imprensa alternativa feminista do período, mas por trazer em suas páginas o início do debate entre as mulheres feministas e as mulheres militantes de esquerda; representava "a situação clássica de dupla militância do movimento feminista do período de 1975-1980."[3].

O *Brasil Mulher* foi um marco nas lutas feministas e na luta contra o regime militar, suas pautas chegaram a vários estados brasileiros e também a países como França, Portugal e Espanha. As discussões trazidas por ele provocavam debates importantes para a toda a sociedade, sendo exemplo para outros jornais feministas tanto como inspiração quanto para emitir críticas a seu trabalho.

**Objetivo**

Discutir a questão da dupla militância do movimento feminista brasileiro da década de 1970 por meio dos editoriais e das matérias publicadas no jornal alternativo feminista Brasil Mulher.

**Resultados**

[3] Cardoso, 2004, p. 83.

Segundo Céli Regina Jardim Pinto, na década de 1960/1970 destacavam-se no Brasil três grandes tendências no movimento feminista: o feminismo liberal, o marxista e o radical[4]. O feminismo liberal, segundo Pinto, tinha um caráter mais voltado para a busca de direitos individuais para as mulheres. Nessa linha, as feministas lutavam por direitos como o de as mulheres casadas deixarem de ser consideradas civilmente incapazes e por reformas sociais na educação, no trabalho. Destaca-se que parte das participantes era da elite e das camadas médias da sociedade. O feminismo liberal é colocado por algumas autoras como a vertente mais conservadora do movimento por valorizar mais a emancipação da mulher do que a sua libertação. O feminismo marxista colocava a luta das mulheres vinculadas às lutas de classes, o que deixava as questões específicas das mulheres quase esquecidas. As feministas dessa vertente, em geral, não faziam parte das camadas populares, elas pertenciam predominantemente às camadas médias da sociedade. Já o feminismo radical colocava a condição da mulher como centro das discussões. Esse feminismo estaria voltado para as questões específicas das mulheres, tendo como foco a luta contra o sistema patriarcal.



No contexto de repressão militar, junto às mudanças políticas, econômicas e sociais da década de 1970, as lutas feministas brasileiras acabavam por se voltarem mais para questões socioeconômicas, inserindo a questão da mulher nessas esferas, tidas como gerais e por isso, prioritárias. Nesse sentido, o *Brasil Mulher* se relacionava com maior ênfase com o feminismo marxista por entender que libertando toda a população do autoritarismo e do capitalismo os problemas das mulheres seriam em grande parte solucionados. A esse respeito, é notório que a primeira matéria da edição de estreia do jornal tratava sobre a igualdade perdida das mulheres e dizia em seu subtítulo que: “É impossível desvincular a luta pela emancipação da mulher de uma luta geral pela libertação do ser humano”. A matéria ainda continuava:

> [...] Em termos brasileiros, segundo as participantes do seminário organizado pelo Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil e Associação Brasileira de Imprensa, qualquer discussão sobre **Mulher** deve partir do princípio de que vivemos num país subdesenvolvido e dependente, dividido em classes sociais e onde o desenvolvimento econômico defronta-se com os graves problemas da fome, do desemprego, da mortalidade infantil e da desigualdade da distribuição de renda.[5]

[4] Pinto, 2003, p. 46-60.
[5] Brasil Mulher, nº zero, out 1975, p. 3. Grifo da edição.

Também, em seu editorial nº6, de 1976, o jornal reafirma o seu posicionamento de entender a luta feminista dentro da luta contra uma opressão mais geral – em especial a opressão de classe –, marcando com isso, uma dupla militância do periódico:

> Um jornal feminista não é só aquele que tem como pauta exclusiva a mulher. O é, também, o jornal que, tendo como objetivo a mulher, preocupa-se em não distanciá-la de um amplo programa de trabalho pela emancipação, incluindo em suas propostas oferecer informação de todos os campos, da política à educação. Portanto para o Brasil Mulher, os acontecimentos nacionais devem ser abordados e principalmente aqueles que no contexto geral tragam, particularmente, a questão a violência ao ser humano, aos direitos da mulher.[6]



Entretanto, por mais que boa parte das femininas se identificasse mais com as correntes marxistas ou radicais, isso não significa que não existissem articulações entre feministas marxistas e liberais, das liberais com as radicais, etc. Sobre isso Pinto explica que:

> [...] ao mesmo tempo em que a questão feminista é um tema progressista por excelência, pois atinge o que há de mais tradicional na sociedade – o poder patriarcal –, ela obrigatoriamente não é perpassada pela questão política no sentido restrito do termo, o que possibilita um arco de alianças muito mais amplo do que o tradicional corte entre a direita e a esquerda, não sem razão muito presente na sociedade brasileira dos primeiros anos da década de 1970.[7]

Diluindo a questão da mulher nos problemas mais gerais da sociedade, o movimento feminista da época discutia, em especial, os problemas das mulheres trabalhadoras, uma vez que elas seriam atingidas tanto pela discriminação de classe quanto pela sexual. Daniela Manini completa:

> Para promover essa crítica, focaliza os problemas das mulheres trabalhadoras, duplamente oprimidas pela discriminação classista e sexual, e lança propostas voltadas basicamente para resolver os problemas socioeconômicos, como o salário menor que o do homem, a falta de creches, a dupla jornada de trabalho, o aumento do preço de alimentos, a situação de um bairro, entre outros. Em função disso, o movimento feminista acredita que são essas mulheres que devem conduzir a luta pela emancipação, pois sua condição lhes permite ter uma visão crítica da realidade brasileira.[8]

Entendendo a mulher trabalhadora como o ponto de encontro entre a militância feminista e a militância de esquerda marxista, o jornal trazia em suas

---

[6] Brasil Mulher, nº 6, 1976, p. 02.
[7] Pinto., 2003, p. 48.
[8] Manini, 1995, p. 50.

edições matérias com temáticas que destacavam os problemas enfrentados por essas mulheres.

Na edição nº1 destaca-se a matéria intitulada “Maria Salário Mínimo” onde abordou a questão da ocupação feminina no setor industrial trazendo a conclusão feita por P. Singer de que “a mulher acaba entrando pela porta dos fundos na divisão social do trabalho, movida pela necessidade”.[9] A matéria ainda continua afirmando que o trabalho feminino é encarado como complementar do trabalho masculino e por isso é desvalorizado, refletindo, assim, salários bem mais baixos para as mulheres.



Outro tema recorrente nas edições do jornal envolvendo a mulher trabalhadora é a questão do trabalho noturno feminino. Na matéria “Mulheres trabalhando sem registro, sem creche. Agora também à noite?” o BM discute a intenção do Ministro do Trabalho em derrubar a proibição do trabalho noturno para as mulheres. Ao mesmo tempo, chama a atenção para outras condições desfavoráveis enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho como a falta de creches e os salários menores trabalhando em funções iguais que homens:

> Para abrir o trabalho noturno à mulher seria necessária uma reformulação na CLT. Se há uma preocupação governamental nesse sentido, seria de se esperar que a legislação incluísse fiscalização quanto ao problema de creches – o empregador é obrigado a manter creches sob condição da existência de um mínimo de 30 mulheres a seu serviço – que assegurasse salário igual ao trabalho igual, que estabelecesse uma porcentagem equilibrada entre o trabalho de homens e mulheres a serem empregados. Enfim, uma legislação que se preocupasse em garantir efetivamente a proteção ao trabalho da mulher [...].[10]

## Críticas ao *Brasil Mulher*

Pelo seu posicionamento de colocar a questão da mulher junto às questões gerais, o BM foi criticado logo depois da publicação do número zero. A jornalista Elenice Mureato, do jornal *Opinião*[11], escreveu em 24 de outubro de 1975, sob o título “Um (falso) jornal feminino”, suas impressões a respeito do BM:

---

[9] Brasil Mulher, nº1, dez de 1975, pag. 8.
[10] Brasil Mulher, nº5, 1976, pag. 11.
[11] O *Opinião* foi o mais influente jornal de toda a imprensa alternativa dos anos de 1970, o semanário surgiu no apogeu do regime autoritário. Foi criado por Fernando Gasparian e por Raimundo Rodrigues Pereira em outubro de 1972 e durou até abril de 1977. (p. 161). KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários:** Nos tempos da imprensa alternativa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

> [...] um jornal mensal lançado neste mês em Londrina, Paraná, "não é um jornal da mulher", conforme afirma a primeira frase de seu editorial de apresentação e conforme poderíamos supor pelo título. De suas 16 páginas, apenas 5 realmente tratam diretamente da mulher. Todas as outras reportagens falam de assuntos gerais: da campanha da anistia aos irmãos Villas-Boas, passando por uma seleção de fatos de menor importância já citados na imprensa das últimas semanas. [...] Decepcionante, pois, que esse jornal – bem impresso e barato (Cr$ 2,00) coloque a mulher apenas como uma engrenagem do sistema sócio econômico – político em vez de procurar valorizá-la mais do que os outros órgãos de imprensa.[12]



Após a primeira crítica ao posicionamento do jornal, o BM não altera sua postura. Em abril de 1977, em edição especial em comemoração ao 8 de março – dia internacional da mulher – publica um comunicado em parceria com o jornal feminista *Nós Mulheres*[13] que inicia-se dizendo: "Nós acreditamos que a luta pela emancipação da mulher faz parte da luta pela libertação do homem"[14]. No número seguinte, em 1977, no nº7 reforça seu entendimento de luta feminista vinculada com lutas gerais:

> A luta pela emancipação da mulher não está em nenhum momento desvinculada da luta pelas soluções dos problemas mais gerais da sociedade. Por isso nos unimos à manifestação coletiva por melhores condições de vida, de trabalho, por uma anistia ampla e irrestrita, por liberdades democráticas.[15]

Mesmo recebendo críticas à sua militância o jornal não mudou seu posicionamento, pelo contrário, continuou ao longo das edições reafirmando os ideais de dupla militância, com um feminismo que se voltava tanto contra a opressão de gênero[16], quanto a opressão de classe.

---

[12] Debértolis, 2002, p. 61.

[13] O *Nós Mulheres* foi criado em São Paulo em 1976 por mulheres que voltaram do exílio e que já haviam vivenciado o feminismo fora do Brasil e também por estudantes. Estas mulheres preferiram criar outro jornal do que se vincularem ao *Brasil Mulher* porque assim poderiam manter sua autonomia de ideias. Para saber mais ver: TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista:** a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980). São Paulo: Intermeios, 2013. 312 p. Coleção entre gêneros.

[14] Brasil Mulher, edição especial, abr 1977, p. 02.

[15] Brasil Mulher, nº 7, jun 1977, p. 02.

[16] Entende-se por gênero as construções e práticas sociais que envolvem os sexos. Segundo Joan Scott, gênero refere-se "ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual". GROSSI, Miriam Pillar; HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. Entrevista com Joan Wallach Scott. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 114, jan. 1998. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12037/11314>. Acesso em: 12 mar. 2019.

Outra crítica recebida pelo BM foi do grupo do Círculo de Mulheres de Paris[17], que foi publicada na edição nº11 de março de 1978 na seção “Brasil Correio”. Com o nome de “Uma crítica de Paris” o Círculo de Mulheres de Paris questionava o jornal se a mulher por sofrer uma opressão específica não seria capaz de ser protagonista na luta por seus direitos sem a necessidade de se vincularem com as lutas gerais.



> Somos um grupo de Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e queremos expor nosso ponto de vista sobre o *Brasil Mulher*, especialmente no que se refere ao comunicado publicado em abril de 1977, onde vocês afirmam que a luta pela emancipação da mulher “faz parte da luta pela libertação do homem”. Compreendemos a libertação da mulher ligada à de todos os indivíduos. Mas será que não cabe à mulher um papel particular nessa luta? (...) Que só ela, sofrendo uma opressão específica saberá reivindicar seus verdadeiros direitos? (...) Questões que nos dizem respeito, como contracepção, aborto, tarefas domésticas, podem fazer parte de uma reivindicação de homens e mulheres? Achamos que não! Homens apoiarão eventualmente essas reivindicações. Mas elas são nossas e só nós poderemos conduzir a luta.[18]

É possível perceber assim, que durante toda sua existência – de 1975 a 1980 – o *Brasil Mulher* se posicionou de maneira que sua luta feminista fosse atrelada às lutas mais gerais da sociedade, que naquele período vivia um contexto de exploração e repressão, que por sua vez era o grande influenciador das matérias e ideias que o jornal transmitia.

## Considerações Finais

Ao ser o primeiro jornal alternativo feminista do Brasil pós 1964 o *Brasil Mulher* proporcionou o destaque para as questões das mulheres, fazendo com que fossem discutidas no âmbito público da sociedade. Também, ao colocar as questões das mulheres diluídas nas questões mais gerais da sociedade o movimento feminista da década de 1970 se fazia levando em consideração o contexto político-social da época. Ou seja, num espaço marcado profundamente pelas questões sociais e políticas e pela luta contra a repressão o movimento

---

[17] O Círculo de Mulheres de Paris era formado por feministas de esquerda integrantes, em sua maioria, de Debate, dissidência política que surge no exílio agrupando ex-militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e mulheres autônomas (p. 236): LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. **Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 11, n. 1, p.234-241, 2003. Disponível em: <periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 08 jun. 2017.

[18] Brasil Mulher, nº 11, mar 1978, p. 14.

feminista ainda tentava marcar a condição de dominação da mulher. Por isso, por mais que a dupla militância do jornal recebesse críticas ele não abandonou tal posicionamento. A partir da década de 1980 acontece a abertura política no País fazendo com que desenvolvesse uma nova fase do movimento feminista brasileiro.

Portanto, perceber o contexto político social da época nos ajuda a entender os caminhos tomados pelo movimento feminista brasileiro na década de 1970 e compreender seus meios de atuação para difundir seus ideais e lutas.



**Referências**

BRASIL MULHER. Londrina; São Paulo: Sociedade Brasil Mulher. 1975-1980. Bimestral.

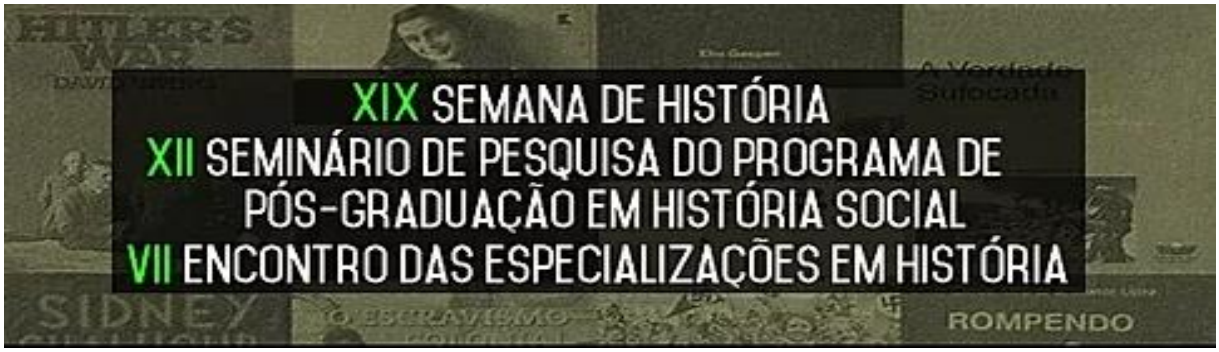
CARDOSO, Elizabeth da Penha. **Imprensa feminista brasileira pós-1974.** 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-17052004-165710/pt-br.php>. Acesso em: 08 out. 2018.

DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. **Brasil Mulher:** Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br>. Acesso em: 08 jun. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do "gênero". In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Cap. 1. p. 14-36.

MANINI, Daniela. **A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80**. *Cadernos AEL*, *n.*3/4, 1996/1997. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2613

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. Coleção História do Povo Brasileiro.






# A IDEIA DE TOLERÂNCIA NA OBRA *'COSMOS'* [1980] DE CARL SAGAN

Igor Henrique dos Santos
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** O presente trabalho a ser apresentado no evento, é fruto do meu trabalho de conclusão de curso, tendo como título *A ideia de Tolerância na Obra Cosmos [1980] de Carl Sagan*. Inicialmente, tive a liberdade de fazer reflexões sobre o conceito da Tolerância. Embora o conceito seja escrito no singular, sua realidade é plural, transitando entre a resignação e o combate. Com isso, temos a consequência sobre os limites da tolerância. Com uma breve genealogia, começo estudando a tolerância em sociedades pré-modernas, usando o exemplo de Anaxágoras, Protágoras e Sócrates.

Em seguida, temos a tolerância no âmbito religioso. Com uma obra prima de Voltaire sobre a tolerância, percebemos como foi uma época de grandes disputas religiosas. Com a consolidação da ciência, percebemos logo em seguida como ela perde a sua autenticidade. Vejamos, grandes verdades foram destronadas ao longo do tempo; incluindo a religiosa e a científica. Abrindo horizontes para uma tolerância cosmológica, apresentada por Carl Sagan.

Carl Sagan foi um dos grandes cientistas do século XX. Formou-se em física e concluiu o seu doutorado em 1960. Teve acesso à televisão com a série de TV Cosmos - que ganhou um livro do mesmo nome - e com isso adquiriu o status de cientista celebridade. Publicou diversos livros, incluindo uma obra de ficção científica intitulada *Contato*, Sagan recebeu um dos maiores adiantamentos da editora para a publicação do livro. Esta obra tornou-se filme um ano depois da morte de Carl, em 1997.

É notório que Carl Sagan, o cientista que inspirou gerações, tinha como missão destituir o ser humano da sua arrogância. Razão pela qual, optou por mostrar qual o lugar do ser humano no cosmos. Um planeta frágil, viajando pelo universo, tão minúsculo e insignificante.

**Palavras-chave:** Carl Sagan; Tolerância; História; Cosmos; Ceticismo

## Introdução/justificativa

Este trabalho tem como objetivo analisar a ideia de tolerância na obra *"Cosmos"* de Carl Sagan. O recorte temporal é concentrado no ano de 1980, época em que foi lançada a série de televisão *Cosmos - A Personal Voyager*, contendo treze episódios com duração de uma hora cada. Na mesma época foi lançado o livro com o mesmo nome e foi classificado pela Biblioteca do Congresso como um dos oitenta e oito livros que "moldaram os Estados Unidos". Segundo Newsday[1], "Sagan foi um astrônomo com um olho nas estrelas, outro na História, e um terceiro - em sua mente - na condição humana". Com isso, notamos como o nome de Carl Sagan é reconhecido por inspirar milhares de pessoas a estudar, com um método para divulgar a ciência.



Vale ressaltar que Carl Sagan nunca escreveu uma obra com o intuito de esclarecer sobre questões do conceito aqui tratado - a tolerância -, porém, é possível identificar resquícios ao longo das suas obras, sobre como temos lidado com o diferente. Portanto, neste trabalho tentei entender qual a ideia de tolerância que o autor propõe.

Para a realização deste trabalho, foi necessário dividi-lo em dois capítulos. O primeiro intitulado *Uma breve história da ideia de tolerância* e o segundo chamado *A tolerância numa perspectiva cosmológica*. Dando continuidade, caímos no poço das sociedades Pré-modernas do Ocidente, para analisar suas expressões de intolerância. Para isto, podemos citar os exemplos de Anaxágoras, Protágoras e Sócrates. No primeiro capítulo, um autor merece destaque no seio da bibliografia usada, que foi Hendrik Van Loon. Servindo como um interlocutor para com as ideias de Carl Sagan. Ambos chegam a usar exemplos parecidos nas suas obras, como o linchamento de Hipátia, a perseguição à Anaxágoras por inovações e a tolerância colocada em prática na Holanda do Século de Ouro, especificamente entre os séculos XVI e XVII. Na modernidade, a palavra tolerância ganha notoriedade pelas disputas religiosas, após a Reforma Protestante.

Portanto, nesta breve introdução, chegamos ao ponto nevrálgico deste trabalho, que é a ideia de Carl Sagan. Como intelectual e cientista, Carl gerou grande impacto na sociedade, seja com a série ou participações em programas de televisão. Sagan pode ser identificado como um agente desta sociedade, que identificou nossos problemas de comportamento, perante a escala do Cosmos e

[1] Um antigo jornal estadunidense.

tentou destituir a humanidade da arrogância, do egocentrismo e do fanatismo que assombram a espécie humana.

Carl Sagan irá alertar que a mistura da pseudociência e do fanatismo com o fervor da tecnologia, poderá ter um resultado catastrófico para a humanidade. Até o momento, não temos modos de fugir deste planeta e somos obrigados a nos aturar. Não apenas isso, o tempo da ação humana perante o universo - até mesmo no planeta Terra - é irrisório, diante da magnitude ainda incompreensível para nós humanos. Temos uma tendência a acreditar que foi tudo feito para nós e para a espécie humana. Sagan também irá analisar como seria o impacto de uma descoberta sobre a vida extraterrestre. Qual seria a reação da humanidade perante tal feito? Como seriam as reações de diversos grupos políticos e religiosos? Carl irá usar como "arma" o Ceticismo Científico, para identificar erros grotescos que nos conduzem à um caminho nebuloso.



O Pálido Ponto Azul[2], a análise da foto tirada do planeta Terra pela nave Voyager, nos impõe reflexões. Naquele minúsculo "píxel", está ocorrendo e ocorreu através da história, diversas atrocidades em nome de verdades que já foram destronadas. Por tanto, é necessário cautela, para fazer um diagnóstico sobre como estamos lidando com nossas diferenças.

## 0.1. Objetivos;  UMA BREVE HISTÓRIA DA IDEIA DE TOLERÂNCIA

Em um primeiro momento, minha visão sobre a tolerância[3] tinha o mesmo sentido do senso comum, que é a resignação. Podemos encontrar o motivo desta questão no cristianismo, como enfatiza Voltaire (2006, p. 81), "Pergunto agora se é a tolerância ou a intolerância que é de direito divino? Se quiserem assemelhar-se a Jesus Cristo, sejam mártires e não algozes" (Tradução Antônio Geraldo da Silva). O princípio de tolerância no ocidente ganhou fôlego após a Reforma Protestante,

[2] Carl Sagan usa esta metáfora para referir-se ao planeta Terra. Além de ter escrito uma obra com o mesmo nome.

[3] A Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 1945, decretou 1995 como o ano dedicado à tolerância. Preocupada com este contexto de intolerância, este documento retrata como a abolição ou o fim do reconhecimento do outro - em ações religiosas, ideológicas, filosóficas, políticas, etc - poderá trazer graves consequências para a humanidade. Considerando fundamental a liberdade de opinião e expressão. Este documento encontra-se disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000131524> acesso em 27 de Out. de 2019.

propagada por diversos grupos do cristianismo[4], que defendiam a premissa de que impor a religião cristã pelas armas e não pela ajuda de Deus, é algo que vai no sentido contrário à razão[5]. A tolerância demorou séculos para ter um sentido próximo do completo, somente após o Iluminismo no século XVIII e o pensamento político liberal no século XIX, tendo como característica o pluralismo nos costumes, filosófico, religioso, político, etc[6].



## EXPRESSÕES DE INTOLERÂNCIA NAS SOCIEDADES PRÉ-MODERNAS NO OCIDENTE

No caso da Grécia Antiga, que conseguiu produzir a base do pensamento ocidental, teve todos os elementos possíveis para realizar tal feito. Houve Anaxágoras, que foi um grande "astrônomo" e ousou dizer que o Sol era apenas uma bola vermelha muito maior do que a Grécia Antiga, ao contrário do pensamento de sua época, que colocavam os astros como deuses[7]. Vendo que não sofreu ameaças com seus argumentos, decidiu ir mais longe e afirmou que a Lua também tinha montanhas e vales. Ainda chegou a afirmar que existia uma espécie de "matéria original" que estava ligada ao começo e ao fim de todas as coisas, entretanto, existia apenas na nossa mente. Nessa situação, Anaxágoras foi longe demais para a sua época e violou os contos sagrados que eram ensinadas pelos mais velhos. Sua dúvida foi alvo de muitos pais que questionavam sobre a influência desse pensamento nos mais jovens, que poderiam duvidar dos mitos sagrados. Após a pressão de um sacerdote chamado Diofeites, uma lei foi estabelecida contra aqueles que questionavam as origens divinas. Com isso, Anaxágoras foi preso e só foi solto com o pagamento de uma multa. Nesse quesito temos uma aparição da intolerância[8].

Chegando ao exemplo mais notório da intolerância dos gregos antigos, temos o exemplo de Sócrates. Onde em praça pública, negava as divindades em

---

[4] É possível que neste contexto, a palavra tenha sido imposta pelos socinianos, um grupo de reformadores italianos.

[5] ABBAGNANO, Nicola, 1901-1990. Dicionário de filosofia / Nicola Abbagnano ; tradução da 1° edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi ; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. -5° ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2007. p. 961-962.

[6] Ibidem. p. 961-962.

[7] SAGAN, Carl. **Cosmos** / Carl Sagan ; tradução Paul Geiger. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017, p. 181-182.

[8] VAN LOON, H. Tolerância - Tradução de James Amado. São Paulo, 1942, p. 17-30.

troca do seu daemon. O homem feio e do nariz quebrado foi mais longe do que Protágoras, ao dizer que os homens são responsáveis pelo seu próprio destino e não os deuses. Além disso, Sócrates vivia em uma Atenas dividida. Diante dos grupos sociais, ele não era bem vindo em nenhum. Ele tinha críticas para ambos os lados e isso fez com que tivesse mais inimigos do que amigos. Em seu julgamento, foi observado como um homem que ousa citar os defeitos dos outros, de debater e brigar, além de causar muito incômodo. Sendo condenado com mais de setenta anos, escolhendo não fugir e partir do mundo material.[9]



## A TOLERÂNCIA NA MODERNIDADE

Durante a Reforma Religiosa, existiu uma ala radical chamada “Anabatista”. Segundo a opinião de Sebastião Frank[10], eles ensinavam o amor, a paciência, a humildade e a ajuda entre os irmãos. Porém, era uma época difícil por não ter a convivência dos católicos e dos protestantes. Os anabatistas recusaram segurar uma espada e partir para a guerra. Levaram os ensinamentos de Jesus Cristo a sério. Entendendo que o mundo de Cristo e o de César eram diferentes, recusaram participação política e gastavam tempo estudando as escrituras. Entretanto, no ano de 1534, na região de Münster, o alfaiate Jan Beukelszoon - que ficou conhecido na história como João de Leiden - ganhou notoriedade[11]. Após sofrer diversas represálias dos grupos religiosos dominantes da época, os anabatistas resolveram arriscar tudo em um golpe. Na cidade de Münster, após as “eleições”, o governo caiu nas suas mãos. Bernardo Knipperdollinck era o novo presidente do conselho. O jovem João de Leiden ficou para celebrar a vitória e assistir o governo justo dos anabatistas. No entanto, como enfatiza Hendrik, não foi o que aconteceu:

> [...] Os anabatistas eram destruidores. Transformaram as igrejas em montes de pedras; confiscaram os conventos em benefício dos desamparados; todos os livros, com exceção da Bíblia, foram queimados publicamente; e, para completar, aqueles que recusaram um novo batismo á moda dos anabatistas, eram mandados para o campo do bispo, que os mandava decapitar ou afogar, considerando-os hereges, e, como tal, de nenhum valor para a comunidade. (VAN LOON, 1942, p. 209).

## GUERRAS RELIGIOSAS

[9] Ibidem. p. 32 - 38.
[10] Um proibicionista, autor e residente na cidade de Ulm.
[11] Ibidem. p. 208.

Apenas o prólogo dos atos dos anabatistas nesta citação, ocorrido nesta cidade, que, segundo Hendrik, praticou o ato intolerante por natureza. Ou pensa igual, ou é inimigo. A cidade tornou-se um laboratório de sociologia, onde foi testado as lideranças. Até que João de Leiden assumisse o governo, colocando em prática o modelo teocrático do Velho Testamento. Casou-se com a viúva do seu antigo mestre e tomou para si algumas concubinas. Ouvindo as queixas da população sobre fome, ordenou que todos os bens entre ricos e pobres, fossem divididos igualmente. Houve a suspeita de que alguns ricos escondiam as suas riquezas, para não serem contadas. Um segundo decreto ordenava que seria decapitado, quem violasse alguma lei. Um governo marcado pela barbaridade, assassinatos, orgias e alucinações religiosas. João de Leiden mandou matar uma de suas rainhas. Tudo isso durou, até que dois cidadãos abriram as portas da cidade para os soldados católicos entrarem e aprisionar seu líder. Deste dia em diante, os anabatistas foram postos fora da lei[12]. Durante muito tempo, foram enxergados como inimigos. Podemos tomar parte disso no nosso mundo contemporâneo. Comunistas, capitalistas, anarquistas, conservadores, liberais. Toda representação do mundo econômico e costumes, carregam em si o peso de erros individuais cometidos por representantes em um tempo passado. Portanto, ocorre a intolerância no exato momento em que a pessoa de determinado grupo citado acima, não é aceita pelo seu grupo oposto: não existe diálogo e muito menos a compreensão de que, de certa forma tais denominações (inclusive os anabatistas) acrescentaram algo de bom neste mundo!



Em sua obra *Cartas a Respeito da Tolerância*, John Locke irá dizer que a tolerância é o principal distintivo entre os cristãos. É possível identificar como Locke assiste todo o movimento cristão usar e abusar da violência, contra o próprio movimento ou para forçar a conversão, sendo que é uma religião que tem como uma das suas principais características, espalhar o amor sem recompensa[13]. Para John Locke, os direitos civis deveriam ser respeitados, incluindo a subjetividade de cada um. Poderia usar de métodos violentos e jurídicos para ferir uma pessoa por pensar diferente sobre a sua religião, mas no fundo, não mudaria o espírito do ser[14].

---

[12] Ibidem. p. 210-211.
[13] LOCKE, John. Carta a respeito da tolerância. Tradução de E. Jaey Monteiro. Instituição brasileira de difusão cultural. - São Paulo, 1964, p. 5-8.
[14] Ibidem. p. 12.

Razão pela qual, os homens que diferem entre si e até mesmo as igrejas que têm suas diferenças; devem usar a caridade, bondade e a liberalidade! Além de respeitar a opinião da pessoa que tem consciência e escolheu livremente “não ir para o céu”, isto é, fazer um mal a si mesmo.

Embora pregar uma relativa tolerância no âmbito religioso - não excluindo pagãos, judeus, muçulmanos e a diversidade cristã -, Locke não deixa de exprimir a sua opinião para com os ateus. Segundo ele, não é possível tolerar os que negam a existência de Deus[15], pois concomitantemente a essas pessoas, está a sua característica de dissolução da sociedade humana[16]. Para John Locke, a diversidade de opinião é inevitável, porém a falta de tolerância sobre as opiniões diversas deu origem a todas as guerras envolvendo o mundo cristão[17]. Além de que os direitos naturais dos seres humanos não devem ser invadidos por motivos de religião.



## 0.2. A TOLERÂNCIA NUMA PERSPECTIVA COSMOLÓGICA

Adentrando para uma perspectiva mais ampla, a ideia da tolerância sob uma perspectiva cósmica será entendida a partir do pensamento de um dos maiores cientistas do século XX. Carl Sagan formou-se em física e em 1960 concluiu seu doutorado na Universidade de Chicago. Era um intelectual genial, ao mesmo tempo que dava uma conferência sobre molécula orgânica, poderia facilmente lançar uma discussão política, sem falar na facilidade para explicar coisas tão complexas. Portanto, entendemos Sagan como um agente da sociedade contemporânea que identificou as suas ambições quase doentias e nos alertou sobre um futuro catastrófico, mas também enxergou as qualidades que nossa espécie possui. Ele sentia ter a missão de melhorar a vida social disseminando o conhecimento do lugar dos seres humanos perante o universo, entre outros questionamentos.

## NÓS E OS OUTROS NO PLANO COSMOLÓGICO

[15] Mesmo as outras crenças acreditarem em diferentes deuses, como os pagãos, Locke acredita que é possível acreditar em alguém que tem alguma religião, do que alguém que não tem religião nenhuma, portanto, não é digna de confiança.
[16] Ibidem. p. 53.
[17] Ibidem. p. 61.

Toda posição em que acreditávamos estar foi quebrada ao longo do tempo, imaginávamos que a Terra estava parada e que todos os outros corpos celestes giravam ao seu redor. Depois, acreditamos que o nosso pequeno planeta foi criado há pouco tempo, especialmente no período em que os seres humanos habitam nele. Hoje sabemos que nosso planeta é muito mais velho e que a história da ação humana nele compreende apenas uma pequena parte do seu tempo. Mas nossas aspirações ainda não acabaram, agora acreditamos que somos os únicos seres vivos do universo e que possui inteligência, ainda é cedo para trabalhar com essa possibilidade, podemos estar errados mais uma vez.



## O VIAJANTE PÁLIDO PONTO AZUL

No entanto, nos encontramos isolados perante o universo, com uma perspectiva de que temos o universo inteiro para nós. Partindo da ideia de uma pequenez cósmica, Carl Sagan irá dizer sobre nossa falsa visão de sermos os privilegiados do universo, uma perspectiva de ignorância. Não apenas isso, nosso planeta ao longo dos bilhões de anos sofreu grandes impactos naturais vindo de cometas e asteróides. Contudo, um impacto de um cometa produz quase os mesmos efeitos de uma explosão nuclear. Uma catástrofe natural poderia ser confundida e gerar uma guerra? Seria espantoso a partir de um evento da natureza a nossa civilização se autodestruir[18]. Carl usa como exemplo de sua época o que um extremismo pode gerar (1980, p. 106) “Essas grandes paixões têm desgastado, de alguma forma, a tolerância da ambiguidade que é essencial à ciência”. Essa frase, que foi tirada de um exemplo no livro *Cosmos,* é clara. O respeito com diversas posições sobre diversos assuntos é muito melhor do que a ignorância de imaginar que existe apenas um meio de enxergar os fatos. Motivo que segundo Sagan, fez a Holanda do século XVI e XVII ser o lar de grandes intelectuais, observe o que o autor diz a respeito:

> [...] Pela sua tolerância com as opiniões heterodoxas, era um paraíso para os intelectuais que se refugiavam da censura e controle do pensamento existentes em toda a Europa — quase como os Estados Unidos que se beneficiaram enormemente na década de 1930 com o êxodo de intelectuais que fugiam da Europa dominada pelo nazismo. A Holanda do século XVII foi o lar do grande filósofo judeu Spinoza que Einstein

[18] SAGAN, Carl. Cosmos / Carl Sagan ; tradução Paul Geiger. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017, p. 76.

> admirava; de Descartes, um elemento-chave na história da matemática e da filosofia, e de John Locke, cientista político que influenciou um grupo de revolucionários de inclinações filosóficas chamados Paine, Hamilton, Adams, Franklin e Jefferson. (SAGAN, 1980, p. 141).

Pela sua liberdade de pensamento, a Universidade da Holanda ofereceu uma cadeira para Galileo, que estava sendo ameaçado pela Igreja Católica. Temos uma bagagem de conhecimento que vem de milênios, um conhecimento que vem acumulado e está disponível para nós. Sagan irá retornar à antiguidade, quando Demócrito inventou a palavra átomo e apresentou diversas ideias sobre política e religião, porém em sua época a tolerância já se encontrava desgastada[19]. Onde aparece a palavra tolerância com mais frequência nos livros de Carl, é no último capítulo do livro *Cosmos* chamado "*Quem responde pela Terra?*". Não por acaso, o capítulo de fechamento do livro mergulha de vez nas relações humanas e a sua própria visão perante o universo. Para Sagan e muitos outros, o planeta Terra está vagando por um oceano cósmico, um mundo pequeno e frágil que carrega minúsculos seres inteligentes que não conseguem suportar suas diferenças. O papel do intelectual foi alertar sobre a nossa sobrevivência, pois até o momento estamos nos tratando de uma forma perigosa. Carregamos conosco uma grande facilidade para a agressão, hostilidade com as diferenças e submissões a líderes perigosos. Mas também desenvolvemos amor pelos nossos filhos e temos uma rara inteligência, temos os ingredientes para sobreviver[20]. Carl não tinha a resposta de qual escolha podemos fazer, mas alertou de que todas as nossas visões e interpretações estão limitadas apenas à Terra. Sobre esta questão, Ginzburg salienta:

> [...]Diante da imensidão do cosmo, os tempos da história humana e as pretensões humanas são insignificantes. Se pudéssemos nos comunicar com um mosquito, descobriríamos que até o mosquito se acha o centro do mundo. Mas a pretensão do homem de conhecer a verdade, além de ser efêmera, é também ilusória. (GINZBURG, 2002, p.23).

Porém, com a imensidão do Cosmos, temos uma perspectiva muito mais ampla nos esperando. Sagan quer dizer com isso, que lá em cima nossas fronteiras nacionais, anseios religiosos e princípios éticos são difíceis de defender quando vemos nosso pequeno lar azul e abundante, pálido e solitário vagando pelo espaço,



[19] Ibidem. p.181.
[20] SAGAN, Carl. Cosmos / Carl Sagan ; tradução Paul Geiger. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017, p. 318.

quase imperceptível. Sempre destacando a raridade da vida perante o universo, somos muito afortunados.

Além disso, somos responsáveis pelo nosso planeta e por todos nós. Até o momento em que Sagan escreveu o livro *Cosmos* e fez uma breve atualização anos depois, temos escolhido o caminho da hostilidade e da agressão. Como ele enfatiza nesta obra, diante de um ser extraterrestre nós falhamos em cuidar de nós mesmos. A solução para isso seria uma reformulação em todos os pilares sociais[21]. Porém, mesmo isso sendo uma tarefa difícil, nas últimas décadas houve pequenos progressos. A escravidão está praticamente erradicada, diminuímos consideravelmente a fome e teve a ascensão econômica de diversos grupos sociais. Talvez um dia, por algum milagre, uma nova consciência pode ser estabelecida: a de ser um cidadão do cosmos. Sobre nossas aspirações, podemos ver como foi avaliado rigidamente por Sagan (1980, p. 333) “A cultura global atual é um tipo de recém-chegado arrogante. Chegou em um estágio planetário de quatro e meio bilhões de outros atos, e após olhar à volta por alguns milhares de anos declarou-se possuidora das verdades eternas”. Uma vez confrontado em um programa de TV sobre suas ideias políticas, Sagan não respondeu diretamente, mas enunciou os problemas[22].



Entretanto, segundo o livro *Cosmos* ele nega todas os sistemas econômicos, sociais e religiosos. Para ele nenhum grupo citado tem todas as respostas e é muito provável a existência de novos meios de funcionamento, só precisamos descobrir[23]. Portanto, comparável a um dos ensinamentos de Cristo sobre amar o próximo, com outras palavras podemos notar a perspectiva cósmica de Carl (1980, p. 339) “Se um ser humano discordar de você, deixe-o viver. Em cem bilhões de galáxias, não encontrará nenhum outro.” Com isso, quer dizer que nós respondemos pela Terra. Somos nós os responsáveis para preservar a futura habitabilidade do planeta. Quando a nave Voyager já estava nos confins do Sistema Solar, foi tirada uma fotografia da Terra. A partir desta fotografia, Sagan analisou ela filosoficamente. Pois não há sinais de seres humanos na foto, muito menos de sua política. Aquela distância, nosso planeta não aparenta ter nada de especial. No entanto, é ali que todas as pessoas de quem ouvimos falar viveu ou ainda vivem. Como houve sangue

[21] Ibidem. p. 330.
[22] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nT4gW6jXaWQ> acesso em 26/02/19
[23] Ibidem. p. 333.

derramado para que líderes políticos fosse os senhores de uma pequena parte desse pequeno ponto e por um breve tempo. Quantas maldades proferidas de habitantes por causa de diferenças.

**Resultados**

Por essa razão Sagan dedicou grande parte da sua vida, para que em algum dia possamos nos relacionar bondosamente com aqueles que amamos e aqueles que não gostamos, e acima de tudo preservar esse pálido ponto.[24] Uma visão que já vem sendo construída intencionalmente ou não, como podemos observar essa fala de Quintus, no século IV:



> [...]"Por quê não vivemos em paz e harmonia? Olhamos para as mesmas estrelas, somos companheiros de viagem no mesmo planeta e moramos sob o mesmo céu. Que importa saber qual o caminho que cada indivíduo segue para encontrar a verdade remota? O enigma da existência é demasiadamente profundo para haver apenas uma estrada que conduza a sua solução".[25]

É muito fácil e tentador acreditar que possuímos uma posição central no universo. Durante muito tempo nossos antepassados viam o céu inteiro se movendo. Até mesmo grandes nomes como Aristóteles, Platão, Santo Agostinho, dentre outros personagens famosos que ajudaram a moldar a cultura ocidental (e personagens do mundo todo) acreditou nessa ideia, que perdurou por muito tempo. Eles nasceram antes do tempo, não puderam acompanhar os grandes desenvolvimentos.[26] Esse é apenas um exemplo, mas que ainda pode acontecer na nossa história. Razão que a tolerância, o ato de suportar e admitir formas diferentes de pensamento é uma boa alternativa para lidar em diversas situações. Mais do que isso, o conceito de tolerância é o reconhecimento do outro, como um agente que utiliza o mesmo espaço, além de ter suas próprias perspectivas.

**Considerações Finais**

---

[24] SAGAN, Carl. Um Pálido Ponto Azul / Carl Sagan; São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 8-10.
[25] QUINTUS AURELIUS SYMMACHUS Apud., VAN LOON, H. Tolerância. Tradução de James Amado - São Paulo, Companhia Nacional, 1942, epígrafe.
[26] SAGAN, Carl. Um Pálido Ponto Azul / Carl Sagan; São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 12-13.

A análise da obra *Cosmos*, que foi escrita no ano de 1980, um livro que traz uma proposta ambiciosa de profundas reflexões sobre os acontecimentos da história - Sagan perpassa diversas eras - e como o autor não possui uma obra sobre o tema tolerância, foi necessário identificar nas “dobras do texto”. Para mim, esta expressão do Carlo Ginzburg foi extremamente relevante. Portanto, até a tolerância chegar em Carl Sagan foi preciso trilhar um caminho. Sobre as expressões de intolerância nas sociedades pré-modernas do ocidente, percebemos o conflito e a perseguição contra os pensamentos diferentes, que fogem do conformismo. Na modernidade, durante as disputas religiosas, podemos identificar um marco na historiografia como um grande movimento para canalizar as discussões sobre a tolerância. Analisei a ala radical dos anabatistas - algo que pretendo aprofundar-me no futuro - e as obras de John Locke e Voltaire trazem exemplos, assim como discussões, extremamente importantes sobre o conceito aqui tratado. Notamos o caminho da tolerância, que se expande. Até a Primeira Guerra Mundial sua discussão era predominantemente no campo religioso, porém, ela se expandiu para a ciência, a ideologia, política, filosófica, etc. Carl Sagan foi um cientista que sempre imaginou como seria um contato extraterrestre. Ao longo das suas obras, ele sempre especulou sobre este feito e também sobre como o ser humano poderia reagir diante de um evento como este. Sua obra ficcional *Contato* explorou bem esta hipótese. Porém, quando Carl Sagan analisa o pálido ponto azul - a Terra - e faz uma reflexão sobre este mísero ponto, tenta nos alertar sobre a nossa tolerância na convivência. Voltaire irá dizer sobre a tolerância universal, Nietzsche irá dizer em uma metáfora sobre o animal que descobriu o conhecimento perante o cosmos. Sobre a sua dificuldade de enfrentar a linguagem para adquirir a verdade. Porém, com Sagan, estamos diante de uma tolerância cosmológica, que olha para este pequeno astro e valoriza a nossa capacidade de reflexão, mas que também nos alerta sobre nossa arrogância e hostilidade contra os pensamentos diferentes, além do grande perigo de uma verdade inquestionável.



**Referências**

VAN LOON, H. **Tolerância** - Tradução de James Amado. São Paulo, Companhia Nacional, 1942.

SAHEL, Claude. **A tolerância: por um humanismo herético;** organização de Claude Sahel; tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1993.

MAZZOLARI, Primo. **Sobre a Tolerância e outros ensaios**; tradução de António Ramos Rosa. Livraria Morais Editora, 1965.

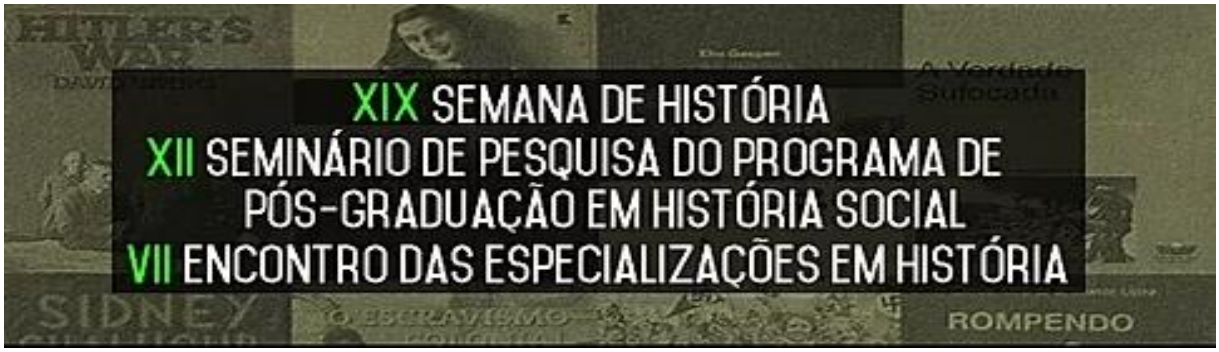
REIS, José Carlos. **História, a ciência dos homens no tempo**. / José Carlos Reis. - Londrina: EDUEL, 2009, p. 14.

SAGAN, Carl. **Um Pálido Ponto Azul** / Carl Sagan; São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 1-12.

FREYESLEBEN, Alice. **A atuação do "cientista-celebridade" – um olhar sobre a tradição intelectual de Carl Sagan**. Disponível em: <https://www.academia.edu/38003477/A_atua%C3%A7%C3%A3o_do_cientista_celebridade_um_olhar_sobre_a_tradi%C3%A7%C3%A3o_intelectual_de_Carl_Sagan> Acesso em 26 jan. 2019.

LOCKE, John. **Carta a respeito da tolerância**. Tradução de E. Jaey Monteiro. Instituição brasileira de difusão cultural. - São Paulo, 1964.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força : história, retórica e prova** / Carlo Ginzburg ; tradução Jônatas Batista Neto. - São Paulo : Companhia das Letras, 2002. p. 22-23






# O PROJETO EDUCACIONAL JESUÍTICO NO PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO: EXPLORANDO O *RATIO STUDIORUM*

ARGATI, Mariane Aparecida Viana
FAP
BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni
UEM/FAP

**Resumo:** A pesquisa traz um estudo sobre o ensino jesuítico, quando se originou a Companhia de Jesus, adquirindo a missão de espalhar a fé cristã, utilizando como principal instrumento o espaço escolar. Tem como foco principal identificar como foi o processo que os jesuítas utilizaram para desenvolver um método pedagógico eficiente e analisar como o Ratio Studiorum desempenhou esse papel. Nesse contexto, realizaremos um estudo sobre a Companhia de Jesus que surgiu no período da Contrarreforma, com o intuito de recuperar o poder da Igreja Católica que havia enfraquecido. Esta instituição teve como objetivo levar a fé católica aos povos que habitavam territórios colonizados pela coroa Portuguesa, e com a necessidade de um documento que permeasse todo o processo de ensino dos jesuítas, foi elaborado o *Ratio Studiorum* em 1599, documento que norteou a atividade de todos os colégios jesuítas até o fim do seu sistema escolar. Os jesuítas utilizaram-se deste método, servindo duplamente aos interesses de colonização e o difusão da fé Cristã. Após alguns anos começaram a se dedicar também, ao ensino dos filhos dos colonos e demais membros da colônia, seu último estágio foi até a formação da burguesia urbana. O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, na qual se pretende uma busca pelo aprofundamento do tema elencado, com a obtenção de informações, em fontes documentais e obras clássicas expressivas do período analisado, e através de uma análise de uma fonte histórica: o *Ratio Studiorum*.

**Palavra-chave:** Educação Jesuítica; *Ratio Studiorum*; Companhia de Jesus; Contrarreforma;

## Introdução

Esse artigo pretende realizar uma análise do ensino jesuítico após a Contrarreforma, quando se originou as companhias de Jesus, os jesuítas foram os

grandes precursores da educação religiosa, pois após a criação da Companhia de Jesus, eles adquiriram a missão de espalhar a fé cristã, utilizando como instrumento a cultura letrada no espaço escolar, com esses aspectos os missionários, controlaram por muito tempo a rede de ensino, criando vários colégios para afirmarem seus dogmas (TOYSHIMA, 2011).

Segundo Saviani (2008) o fenômeno educacional não é um fenômeno independente e autônomo ou determinado pelo momento histórico, deve-se analisar o projeto jesuítico levando-se em conta o desenvolvimento social e produtivo da época colonial, ressalta o autor que o modelo educacional proposto pelos jesuítas, pretendia formar um modelo de homem, baseado nos princípios escolásticos, uma necessidades de uma sociedade em formação.



Considerando-se a importância histórica alcançada por essa ordem religiosa, o tema deste trabalho, é como era a proposta pedagógica dos jesuítas: analisando o documento o *Ratio Studiorum*, “um documento que se oficializou em 1599 após cinco décadas de elaboração, e que norteou toda a organização da educação dos colégios jesuítas” (UGUMA, 2009, p. 08).

A pesquisa visa uma análise do documento, tomando como referência a organização pedagógica, seus métodos e características, o estudo do *Ratio Studiorum*, foi elaborado pelo seu valor histórico, que marcou época por suas inovações e contribuições na organização pedagógica do período e de séculos depois.

## Justificativa

A problemática abordada neste estudo é dada para entender como ocorreu o processo de ensino dos jesuítas, e como foi a implantação de um método que contribuiria para formação do ser humano, com regras estabelecidas por um documento, que até então não teria nada parecido, entendendo assim os primor dês de uma educação que se modificaria ao passar os tempos, concretizando-se no ensino atual.

O período da modernidade foi marcada por várias mudanças na sociedade, dentre essas mudanças o religioso e o educacional foram os que mais repercutiram na sociedade, nesse momento histórico Deus era considerado a verdade e o centro de tudo, e que tudo que acontecia, era pela vontade Dele, cabendo a igreja ser a

intermediária nessa relação e impondo sua doutrina e seguindo seus dogmas (UGUMA, 2009).

Entretanto no século XVI começa a surgir o movimento da Reforma Protestante, questionando as doutrinas da igreja católica, o movimento foi "reivindicatório da sociedade contra a estrutura eclesiástica, seu poder e os abusos do clero, de modo a conclamar a adequação das estruturas eclesiásticas as necessidades espirituais dos fiéis católicos" (SHIGUNOV NETO, 2015 p.1).



A Reforma Protestante ocorreu oficialmente em 1517, no dia em que Martinho Lutero, fixou as 95 teses na Igreja Wittenberg na Alemanha, para combater o movimento indulgenciário (OLIVEIRA, 2014).

Gomes (2017) destaca que todo esse movimento deixou a Igreja Católica em alerta, com o consequente surgimento da reforma, organizada para conter o protestantismo e levar o catolicismo à frente, esta promove uma mudança interna na Igreja de Roma, dando início ao movimento chamado de Contrarreforma, cujo objetivo era corrigir os erros internos da Igreja e restaurar seu objetivo maior.

Gomes (2017) apresenta em sua obra que Paulo III idealizou uma resolução do impasse entre os protestantes, através da convocação do Concílio de Trento, em 1545 na cidade de Trento, na Itália, o concílio foi convocado para debater a reforma da Igreja e combater a ameaça constante dos protestantes, enfatizando os problemas que levaram a decadência da Igreja.

O Concílio despertou a Igreja para os novos rumos da evangelização e novos espaços de campo, os quais foram abertos através das Grandes Navegações, promovidas principalmente por Portugal e Espanha, frente à descoberta de novas culturas para serem evangelizadas e à necessidade urgente de renovação da Igreja (GOMES, 2017).

## Objetivos

Identificar como foi o processo histórico no qual os jesuítas desenvolveram um método pedagógico eficiente e analisar como o Ratio Studiorum desempenhou esse papel, foi principal objeto de análise da presente pesquisa.

Uma pesquisa científica pode ser classificada de diferentes modos, de acordo com os objetivos que foram definidos pelo pesquisador (CERVO; BERVIAN, 2002). No que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados para o

encaminhamento da pesquisa recorremos a pesquisa bibliográfica com análise em fontes históricas.

As missões jesuíticas na colônia tem o propósito da pregação da fé, o cristianismo, trabalho educativo, ensinar regras e a língua portuguesa, através da catequese os Jesuítas tinham livre circulação nas casas-grandes, senzala e nas aldeias indígenas (O'MALLEY, 2004).

Conforme apresenta Franca (1952), a divisão do ensino era rigorosamente composta por, Currículo Teológico, duração de quatro anos, com a grade curricular com Teologia Escolástica com dois professores, que teria 4 horas por semana, Teologia Moral com dois professores com aulas diárias ou um professor com duas horas por dia, Sagrada Escritura com aulas diárias, Hebreu com duas horas por semana.



## Resultados

No momento em que a educação está composta por diversas mudanças, a igreja Católica investe na criação da companhia de Jesus em 1534, uma ordem religiosa que por meio dos princípios da Reforma Protestante desenvolveu um sistema de instrução que permaneceu a maior parte do sistema de ensino dos séculos seguintes (ANDRADE, 2013).

Luzuriaga (1975) relata que a companhia não foi criada somente para fins educacionais mas também com outros propósitos, seu recurso principal era chamado de "exercícios espirituais" que exerceram uma grande influência entre os adultos, todavia pouco a pouco a educação foi se colocando em seu lugar de destaque na companhia.

Inácio de Loyola (1491-1556), foi um dos criadores da companhia de Jesus, ele sendo antigo militar, capitão na guarnição de Pamplona, ocorrendo neste período, a guerra com a França, em que Inácio se feriu e foi enviado para recuperar-se na terra natal, durante sua recuperação pediu literaturas de cavalaria para ler, como não encontraram lhe deram uma "Vida de Cristo" e um "Florilégio de Santos", assim se dedicando o resto da sua vida para pregar a evangelho (TOYSHIMA, 2011).

Das grandes contribuições e inovações que a Companhia de Jesus trouxe, destaca-se a questão educacional, cujos as funções metodológicas, curriculares e

organizacionais refletem de maneira decisiva no ensino, até os dias atuais (TOYSHIMA, 2011).

Sobre os estabelecimentos de ensino jesuíticos, Franca (1952, p.5) ainda afirma que “em 1750, poucos anos antes da sua supressão a Ordem de Inácio dirigia 578 colégios e 150 seminários, ao todo, 728 casas de ensino”, descreve O’Malley (2004), que nesse período, os jesuítas atuavam em mais de 800 estabelecimentos, inclusive em universidades. Costa (2007, p.32) ainda acrescenta que “o colégio não se restringia ao espaço da educação dada pelos jesuítas aos brancos cristãos ou aos filhos de escravos e nativos, pois ele era o centro administrativo da vida dos jesuítas, principalmente nas terras em missão”.



Segundo Toyshima (2011), no mesmo ano da chegada das Jesuítas em 1549 eles construíram em Salvador, com as próprias mãos, a primeira escola, o Colégio dos Meninos de Jesus, e o primeiro templo no Brasil, em Salvador, fundaram a Província, a sede da Ordem, em 1553, fundaram o Colégio dos Jesuítas da Bahia, que incluía um curso em humanidades e o noviciado para a formação de padres, formando a primeira instituição de nível superior no Brasil, se formaram nessa instituição os sacerdotes como, São José de Anchieta e Antônio Vieira.

Saviani (2008) relata que a primeira fase da educação Jesuítica no Brasil foi marcada pelo plano de instrução elaborado por Nobrega, iniciava o aprendizado com:

> [...] português (para os indígenas); prosseguia com a doutrina cristão, a escola de ler e escrever e, opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental; e culminava, de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e de outro lado, com a gramatica latina para aqueles que se destinavam à realização estudos superiores na Europa (Universidade de Coimbra) (SAVIANI, 2008, p. 42).

O referido autor conclui que esse plano não deixava de conter as preocupações da colônia e levando sempre em conta as condições específicas da mesma, contudo sua aplicação foi precária encontrado algumas contradições dentro da Ordem Jesuítica, formando através do plano algumas considerações para a formação do *Ratio Studiorum*.

Para se chegar à definição e organização do *Ratio Studiorum* foram desenvolvidos alguns planos de estudos, que serviram como norteadores para sua elaboração afirma Storck (2016). Storck (2016, p.150), ressalta que “Havia, portanto, iniciativas individuais na produção de documentos, mas não algo em

comum e de caráter permanente para toda a Ordem. Todos os documentos produzidos eram transitórios e aplicados em algumas obras educacionais específicas".

A formulação do Ratio Studiorum levou mais de 50 anos, sendo criadas inúmeras versões a fim de testar sua aplicabilidade em todos os colégios da ordem, visto a expansão da Companhia de Jesus pelo mundo (LIMA, 2008). Neste panorama, os Jesuítas foram cautelosos até sua publicação final em 1599, assim, Lima (2008, p.35), afirma que:



> O *Ratio Studiorum* é um símbolo que caracteriza a Sociedade de Jesus e a maneira como ela foi se construindo durante o século XVI. Levou cerca de 50 anos desde a fundação do colégio de Messina - e com isso a elaboração de um primeiro esboço das práticas pedagógicas até a publicação oficial do documento. Da redação inicial até sua publicação em 1599 passaram-se 15 anos. Diante disso, nota-se que o *Ratio* é fruto de muitas experiências e avaliações, não só de alguns padres, mas como também de numerosos jesuítas que estavam distribuídos pelos colégios da Companhia.

Aponta Saviani (2008, p. 50) que "está aí aquilo que se poderia considerar o primeiro esboço do *Ratio Studiorum* que foi enviado de Roma para as instituições que iam sendo fundadas nos diversos países visando uniformizar a organização e o funcionamento dos colégios".

Franca (1952) apresenta que o código representado pelo *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* caracteriza-se como um manual prático de métodos de ensino que orienta o professor na organização de sua aula.

Segundo Saviani (2008) o manual contém 467 regras, cobrindo todas as atividades dos agentes envolvidos ao ensino. A tabela a seguir foi retirada no autor e, tem como finalidade proporcionar um esboço das regras e normas instituídas no documento.

Saviani (2008) afirma que o plano foi construído com um conjunto de regras cobrindo todas as áreas do ensino, começava pelas regras de provincial, pelas do reitor, do prefeito de estudos, dos professores de modo geral de cada matéria, chegava a prova de escrita, de distribuição de prêmios, do bedel, para os alunos e acabava com as regras gerais da instituição.

As ideias escritas no *Ratio* correspondem ao que foi conhecido na modernidade como pedagogia tradicional (SAVIANI, 2008),

> Essa concepção pedagógica caracteriza-se por uma visão essencialista de homem, isto é, o homem é concebido como constituído por uma essência universal e imutável. A educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano (SAVIANI, 2008, p.58).

Depois de 50 anos com uma “experiência rica, ampla, variada, talvez constituía um caso único na história pedagógica” (FRANCA, 1952, p.23). E o Ratio Studiorum foi talvez, a proposta mais clara para traduzir a prática pedagógica dos colégios jesuítas como reconhece Durkheim (1995 apud SAVIANI, 2008, p.59).



## Considerações Finais

Esperamos que através deste artigo sobre o método pedagógico dos jesuítas, o Ratio Studiorum este no período colonial brasileiro, tenha possibilitado a compreensão de aspectos importantes da educação e organização dos colégios da Companhia de Jesus.

Dando conta que a história de educação é progressiva contudo à medida que o tempo passa é necessário adaptações, assim além de apresentar orientações sobre a metodologia e o conteúdo a ser trabalhado nos cursos, o Ratio Studiorum trata da responsabilidade de cada membro do colégio, contudo possuía certa flexibilidade para adaptações de acordo com as necessidades.

Mesmo utilizado nos diversos colégios que a Companhia fundou esteve presente em distintas regiões por quase dois séculos, o Ratio nos permite compreender que os colégios fundados pelos jesuítas não permaneceram estáticos durante esse período

Devemos lembrar que o documento estudado permite perceber que os jesuítas tiveram êxito nas atividades desempenhadas, seja na formação do bom cristão, que era uma preocupação própria da época, como na formação de profissionais capacitados.

Em suma, mesmo se tratando de um documento gestado em 1599, o Ratio Studiorum merece a atenção de nós educadores ainda hoje, pois além de conhecê-lo, devemos pensá-lo criticamente e a partir dele enriquecer nossa postura educativa.

## Referências

ANDRADE, José Cristóvão Carneiro de. **Ratio Studiorum, do ensino tutorial ao ensino em sala de aula.** 2013. 65f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Filosofia) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2013.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COSTA, Célio Juvenal. Educação jesuítica no império português do século XVI: o colégio e o Ratio Studiorum. In: PAIVA, José Maria de; BITTAR, Marisa; ASSUNÇÃO, Paulo de (Orgs.). **Educação, história e cultura no Brasil Colônia**. São Paulo: Arké, 2007. 29-43.



FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas.** Rio de Janeiro: Agir, 1952.

GOMES, Alessandro Martins. A reforma protestante como fator de mudança na missionação portuguesa. **Identidade.** São Leopoldo, vol.22, n°2, p.273-297, jul./dez. 2017. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/identidade. Acesso em: 02 de setembro 2019.

LIMA, Daniela Fernanda Cardozo Forster. **O Homem Segundo o Ratio Studiorum**. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista De Piracicaba, Piracicaba.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. Bauru: EDUSC, 2004.
OLIVEIRA, Fabio Falcão. **Educação jesuítica; século XVII: Alexandre Gusmão e o Seminário de Belém da Cachoeira.** 2014. 283f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

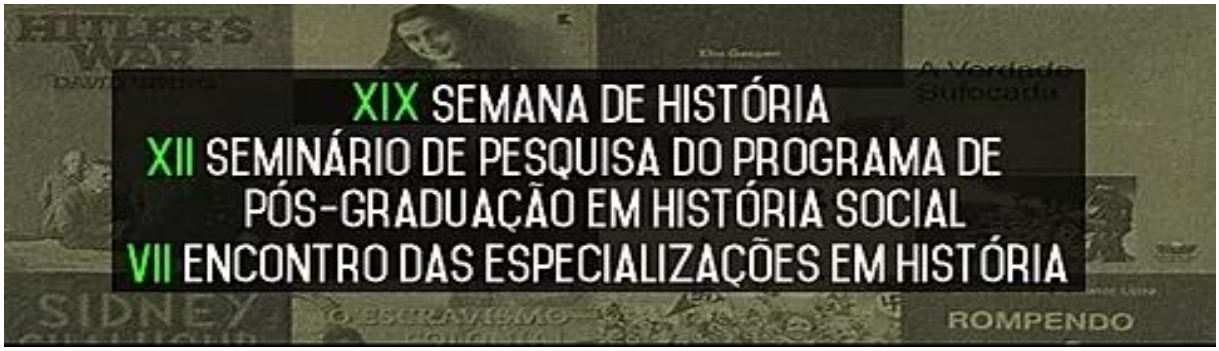
SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas SP: Autores Associados, 2008.

SHIGUNOV NETO, Alexandre. **História da educação brasileira:** do período colonial ao predomínio das políticas educacionais neoliberais. São Paulo: Atlas S.A., 2015.

STORCK, João Batista. Do Modus Parisiensis ao Ratio Studiorum: Os Jesuítas e a Educação Humanista no Início da Idade Moderna. **História Educação**. Santa Maria, vol.20 n°48, p.139-158, Jan./Abr. 2016.Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 27 março 2019.

TOYSHIMA, Ana Maria da Silva. **O Ideário Educacional Jesuítico: Explorando o Ratio Studiorum**. 2011. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Maringá.

UGUMA, Renata Kellen Nicolim. **Uma interpretação histórica do Ratio Studiorum**. 2009. 74f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.






# CAOS E CONFUSÃO MENTAL: A REPRESENTAÇÃO DO AMOR NOS SERMÕES DO PADRE TEODORO DE ALMEIDA (1722-1804)

Júnior César Pereira

(PPGHS-UEL-CAPES)

**Resumo:** O escopo do trabalho que segue é trazer à tona a representação do amor na parenética de Teodoro de Almeida (1722-1804). Padre da Congregação do Oratório de Lisboa, filósofo e escritor, esse homem foi um dos mais importantes arautos do iluminismo na cultura portuguesa. Pouco privilegiado pelos estudiosos, seu conjunto de Sermões publicado em 1787 apresenta peças pregadas entre as décadas de 1750 e 1780. Importante instrumento de doutrinação da igreja, os sermões tinham presença marcante no cotidiano português da modernidade. Seja no meio cortesão em presença de nobres ou ainda nas missões rurais perante muitos ignorantes, os pregadores tinham ocasião de mover os afetos de seus ouvintes. Para tanto, os ministros do púlpito deveriam auferir uma formação austera, teológica e intelectual, mas também sentimental. Além de dispositivos doutrinais, as peças parenéticas funcionavam como veiculadoras de propagandas políticas, admoestações moralizantes e sobretudo como lenitivo intelectual e espiritual para os fiéis. Por hora nos interessa verificar de que modo Teodoro de Almeida se apropriou da representação do amor em alguns de seus sermões e por meio de quais mecanismos retóricos pôs a funcionar essa representação. Para tanto nos servimos de um arcabouço teórico que compreende a religião como um sistema simbólico construído socialmente, sendo pertinente para a compreensão dos problemas do homem no seu cotidiano, e promovendo a organização do mundo social por meio de representações, veiculadas como práticas discursivas, tal qual vislumbrado nas prédicas. Se a religião age no sentido de disponibilizar lenitivo para os homens em situações de paradoxo moral, dor e perplexidade, mais que isso, atua fundamentalmente como educadora sentimental, e nesse sentido, torna-se relevante um estudo como esse que lança luzes sobre a atuação de um dos mais importantes pregadores portugueses do século XVIII. Mostraremos ao leitor que Teodoro de Almeida critica uma determinada acepção de amor em prol da devoção que propagava, e dessa forma nos disponibiliza uma notável figuração desse sentimento, nos colocando frente a uma esfera emocional própria daquele contexto.

**Palavras-chave:** Amor; Educação sentimental; Teodoro de Almeida; Sermões; Século XVIII.

## Teodoro de Almeida: um pregador filósofo



Nascido em Lisboa no ano de 1722, mesmo lugar onde faleceria em 1804, Teodoro de Almeida foi um homem conhecedor da cultura de seu tempo. Formado na Congregação do Oratório, gozou junto com essa instituição de grande fama na primeira metade do Setecentos, o século das Luzes. Nos laboratórios científicos do Oratório ministrou aulas de filosofia natural para importantes membros da corte, as quais ganhariam referência em seis tomos de sua obra principal, a *Recreação Filosófica* (1751-1800). De cariz enciclopédico, esta produção intelectual é considerada pela historiografia como um instrumento divulgador dos novos modos de se pensar o conhecimento, refletido no experimentalismo científico cujos pilares são encontrados em pensadores como John Locke, Leibniz e Newton (SANTOS, 2002, p.258).

Se os discípulos de Felipe Néri estiveram em seu auge na década de 1750, nos anos sessenta alguns desses homens se envolveram em querelas políticas com Sebastião José Carvalho e Melo, homem forte de D. José I. As divergências quanto às intenções regalistas do marquês de Pombal resultaram em severa perseguição. Entre os que tiveram que se exilar estava Teodoro de Almeida. O padre oratoriano passou dezessete anos exilado, sendo oito na cidade do Porto e nove entre Espanha e França. Após a morte do monarca, acompanhada da queda de Pombal e ascensão de D. Maria I em 1777, Almeida retorna à Lisboa no ano seguinte (SANTOS, 1980, pp.53-90).

Muito se produziu a respeito da vida e da obra do padre oratoriano. Teodoro de Almeida foi um agente incansável, sua obra é vastíssima. No entanto, o estabelecimento de zonas de conhecimentos sobre este homem lusitano é marcado pelo privilégio à sua face filosófica, e com grande razão, basta passarmos os olhos pelos índices dos dez tomos de sua obra magna, a *Recreação Filosófica* e teremos boa noção de seu lugar na história do conhecimento português. Da filosofia natural à ética, passando pela lógica, ontologia, metafísica, literatura entre outras áreas do saber, Teodoro se configura como arauto da ciência moderna em terras portuguesas.

Todavia, antes de ser escritor ou filósofo, Almeida era padre da Congregação do Oratório, e por isso mesmo devia cumprir os preceitos da instituição que o formou. Além de ensinar filosofia natural nos gabinetes científicos, confessava e pregava. Seu conjunto de sermões saiu dos prelos em 1787, e até o momento pouco interesse despertou nos investigadores, hipnotizados com as luzes da *Recreação Filosófica*.



No decorrer do período moderno, sobretudo após o Concílio de Trento, a oratória sagrada revestiu-se de notável relevância nas sociedades ocidentais. Prática cultural vincada no cotidiano das pessoas, dispositivo transmissor de modelos comportamentais ligados à doutrina cristã, além de instrumento de propagandas políticas, os sermões ocupavam lugar de destaque em um cenário no qual a palavra oral era importante devido ao enorme contingente de iletrados (BRAGA, 2001).

Conhecido pesquisador da parenética portuguesesa da época moderna, João Francisco Marques frisa a importância dos sermões como fontes de investigação para o trabalho do historiador nos seguintes termos:

> o sermão diz respeito à ideias e crenças que impregnam a visão dos acontecimentos, como a da prática cotidiana, do mundo, do destino humano e das nações. A atitude psicológica do homem e da comunidade a que pertence, face aos problemas concretos que se lhes põem é ditados por mitos coletivos e concepções religiosas padronizadas. Para se compreender a produção parenética em causa é necessário descobrir a mentalidade que lhe está na base e explica o tipo da argumentação utilizada. Os sermões são frutos do pensar, sentir e agir de quem os concebe e profere. Por isso, se eles podem acusar particularismos e intenções nem sempre claros, encontram-se também disponíveis para traduzir toda uma vivência coletiva que reflete e serve admiravelmente a atmosfera existencial da conjuntura histórica (MARQUES, 1989, p.33).

Dito de outra maneira, uma peça parenética funcionava, de modo geral, como um dispositivo pedagógico destinado a difundir e tornar cognoscível e persuasivo aos ouvintes um preceito religioso no âmbito dogmático, e portanto moral. O cariz ideológico reresentado na prédica advém do fato de o pregador, propondo uma efetiva harmonia entre a fé e as obras na vida cotidiana, buscava estabelecer a sua proposição a um público em sua grande maioria iletrado, sem outro dispositivo formal para construir sua própria acepção da existência (MARQUES, 1989, p.15).

A identificação do pregador como ministro de Deus na terra, atribuía ao mesmo notória autoridade, além de uma dignidade própria ao seu ensinamento.

Membro de uma instituição poderosa como era a Igreja Católica, que lhe impunha a missão de ensinar a verdade salvífica, o pregador tornava-se intérprete e transmissor de uma mensagem teologicamente elaborada em doutrinas e preceitos, a implicar um vocabulário específico que, para se tornar compreensível frente à heterogeneidade dos ouvintes, lhe ocasionava não raros problemas de linguagem (MARQUES, 1989, p.16).

O orador sagrado deveria estar atento às contingências da realidade, saber adaptar o discurso religioso ao contexto histórico em que vivia junto aos fiéis. Dessa maneira, por proclamar um discurso relativo aos problemas enfrentados em um momento histórico concreto, a pregação refletiria a variedade de problemáticas e auditórios no próprio contexto cultural em que era emitida (MARQUES, 1989, p.16).



Na cultura portuguesa da modernidade, o sermão se perfaz como exemplo mais do que evidente de um sistema informacional pautado pela dinâmica entre o oral e o escrito. Se pensarmos no alcance do discurso proferido por ocasião de uma prédica, antes em termos de difusão do que de apropriação do mesmo pelos ouvintes e leitores, temos condições de visualizar com mais clareza a importância da produção sermonária no interior da vida e da obra de um homem como Teodoro de Almeida.

A obra parenética em questão contempla quarenta e três peças, sendo um campo vastíssimo de possibilidades analíticas. A apropriação feita pelo padre da narrativa bíblica enfatiza do primeiro ao último sermão um elemento em particular: o mundo é o pior inimigo do homem, brada incansavelmente o pregador. Mais que as paixões e o demônio, a vida em sociedade é uma guerra constante, da qual não se tem como escapar. Para os vencedores, as delícias eternas junto à corte celestial, e aos perdedores, o eterno castigo junto ao partido do belzebu no mar de fogo e enxofre.

Mas Teodoro era uma trombeta de Deus, para falar conforme São Paulo, de quem o orador tanto gostava, e por isso mesmo tinha um remédio a oferecer perante tão assustador diagnóstico: Maria, refúgio para todas as almas atormentadas. O escopo dos sermões é a devoção à mãe de Cristo, e isso se nota devido ao grande número de prédicas em sua glorificação. Portanto, só compreendemos a tese de Teodoro sobre a existência do homem no mundo se termos em conta a função de Nossa Senhora nessa equação.

Nosso pressuposto resulta de uma articulação entre uma proposta que entende a religião como um sistema cultural e portanto, um modo de organização da existência, possibilitado por meio de representações simbólicas que são construídas socialmente (GEERTZ, 1989). Mais que uma economia da salvação das almas humanas, expressada por meio de um vocabulário próprio à teologia católica, queremos frisar a educação sentimental como proposição social objetivada por essa parenética. No entanto, dada a abrangência da questão, a qual está sendo desenvolvida em uma dissertação de mestrado, por hora frisaremos a representação de um afeto em particular, ou seja, o amor.



**A moção dos afetos**

Na quinta parte dos *Elementos de invenção e locução retórica ou princípios da eloquência* (1759), Antônio Pereira de Figueiredo, importante nome no meio intelectual oratoriano, dedica particular atenção aos afetos que o orador deveria excitar nos seus ouvintes. O autor destaca quatro afetos, quais sejam, a Ira, o amor, o ódio e o medo. Nas palavras de Figueiredo "O campo dos triunfos da eloquência, seu principado, em outras palavras, a glória de um bom orador, é saber mover os afetos" (FIGUEIREDO, 1759, p.43). De nada adiantaria o entendimento ser convencido pelas razões lógicas, se os afetos da vontade não fossem persuadidos, assegura conclusivamente.

O oratoriano informa seu leitor que os latinos chamavam de afetos aquilo que os portugueses definiam como paixões, e os gregos *pathe.* Daí a palavra *pathetico* significar afetuoso. Segundo sua definição:

> Affecto he huma comoção da alma, que nos impele a abraçar o que se nos representa bom e deleitável, ou a fugir o que se nos representa mao e penoso. Os affectos são naturaes ao homem. Porque naturalmente amamos o que nos parece bem; e aborrecemos o que nos parece mal. Naturalmente nos alegramos com a prosperidade, e nos entristecemos com a adversidade (FIGUEIREDO, 1759, p.43).

Ter domínio sobre os próprios afetos e submetê-los à razão é motivo de felicidade ao indivíduo. Auferir tais afetos nos outros é a glória máxima de um orador, assevera mais uma vez. Mas Antônio Pereira de Figueiredo foi uma voz

entre várias outras que se encarregaram de tecer reflexões sobre as paixões humanas.

José Caldeira (1825) dedicou boa parte de sua obra a discorrer sobre os afetos, definindo-os e mostrando a forma de excitá-los ou aplacá-los. De forma incisiva escreve que é imprescindível ao orador conhecer a natureza de cada afeto particular. Caldeira defende que “as paixões ou afetos da alma, nascem do amor próprio, reduzindo-se a duas, isto é, a dor e o prazer.” A dor, nos explica, “compreende todas as afeições que nos afligem ou nos desagradam.” O prazer, por seu turno, “inclui todas as afeições que nos deleitam.” A fonte primordial da dor, segue nos informando, seria a “presença do mal verdadeiro, conhecido, ou da apreensão do mal que se imagina, ou já é existente, próximo a chegar.” Por outro lado, “o prazer é o efeito do bem presente, conhecido, ou da apreensão do bem que se imagina presente ou próximo a chegar. Se ambos afetos não forem conhecidos, não podem ser excitados” (CALDEIRA, 1825, p.4).



Quem desejasse excitar a dor teria de mostrar “que é grande e presente ou está próximo a suceder o mal verdadeiro ou imaginado cujo efeito será tanto maior, quanto mais se aumentar a causa” (CALDEIRA, 1825, p.5). Para aplacá-la, um meio adequado seria “mostrar que não existe o mal que se imaginava presente, ou que é tão pequeno que não merece atenção nenhuma, ou está tão distante que não é fácil acontecer a pessoa que o teme” (CALDEIRA, 1825, p.5). Com o mesmo artifício de aumentar ou diminuir a causa, se excita ou diminui, e extingue o prazer, conclui o autor.

“Seguindo a costumada brevidade” Antônio Pereira de Figueiredo explica os quatro afetos que julga serem os principais, como visto anteriormente. No entanto, o autor nos situa informando que para os Estoicos somente quatro eram os afetos: alegria, tristeza, dor, e medo. Por outro lado, os peripatéticos concebiam a existência de treze: ira, brandura, amor, ódio, medo, confiança, pejo, descaramento, graça, misericórdia, indignação, inveja, emulação (FIGUEIREDO, 1759, p.44). Se Pereira de Figueiredo opta por enfatizar apenas quatro deles, José Caldeira não poupa linhas em seu manual, e decide por explanar os treze, seguindo as definições aristotélicas.

No entanto, Caldeira adverte que o pregador além de conhecer bem os modos de insuflar ou acalmar os vários tipos de afetos, necessitaria obter outros subsídios para persuadir os corações dos ouvintes. Entre os subsídios enumerados,

relembra de início que o orador deve ser prudente, probo e benevolente, sem enfatizar isso discursivamente para não parecer vaidoso frente ao seu público. O segundo subsídio apontado sugere que caberia ao homem do púlpito “inquirir seus ouvintes sobre a diligência que os impedem de seguir a vida cristã.” Finalmente, seria vital impelir o ouvinte a cotejar o muito que os homens exigem de seus semelhantes a quem favorecem e servem, e do muito que se julgam obrigados a fazer por amor daqueles a quem são devedores de muitas e grandes mercês, com o pouco ou nada que fazem por amor de Deus a quem devem o ser, a conservação, a promessa gratuita da glória eterna e de quem devem temer o justo castigo pelos pecados (CALDEIRA, 1825, p.134).



Ainda discorrendo sobre os modos de persuadir os ouvintes, defende que qualquer auditório numeroso e católico pode se dividir em três classes:

> a primeira dos que cuidam seriamente no negócio da salvação, que são bem poucos; a dos pecadores mais entregues aos vícios, mas tocados pela graça que os induz a refletir sobre o estado em que se acham e gradualmente os disporem a se converterem; a terceira é a dos pecadores, que só tratam do que chamam passar bem nesse mundo, e andam esquecidos da eternidade, ou se lembram dela de modo que lhes não aproveita. É necessário que o pregador fale com todos, exortando os primeiros à perseverança e melhoramento; os segundos à execução dos seus propósitos; e os últimos a saírem do miserável estado, em que vivem. A multidão de ofícios que exigimos do pregador só assustaram os intrusos, porque a vocação verdadeira, junto com a prudente diligência, dá quanto basta para satisfazer ao que é essencial (CALDEIRA, 1824, p.134-135).

Munido com tais subsídios, mais o conhecimento dos afetos, bastaria ao orador conhecer a paixão dominante à qual todas as outras estariam subordinadas, variando nos homens conforme os temperamentos, as idades, os hábitos e a fortuna. No que se refere aos hábitos, José Caldeira esclarece o leitor sobre a existência de dois tipos, os naturais e os adquiridos. No seu entendimento, os hábitos naturais são inclinações imediatamente decorridas do temperamento que inclinam o homem a fazer atos que lhes são conformes, ou omitir os que não o são (CALDEIRA, 1825, p.29).

Os hábitos adquiridos são efeitos de reflexão, que manda repetir as ações úteis muitas e muitas vezes para suprir a falta de propensão para elas, ou para corrigir e vencer a inclinação contrária, que as embaraça, e que, sendo forte, não se doma sem trabalho contínuo, de muitos anos, quando não de toda vida. As circunstâncias influem nessa dinâmica, e a mudança de idade atua nesse sentido,

daí ser fundamental ao bom orador ter grande conhecimento dos diversos tipos de temperamentos para conseguir atingir os variados corações com as setas do fogo divino (CALDEIRA, 1825, p.30).

Amor, de acordo com Pereira de Figueiredo é um afeto que nos move a querer bem a outro sem interesse próprio, distinguindo-se portanto da amizade em que aquele pode estar sem correspondência, porém esta pede que haja amor de parte a parte. O amor concilia-se com as prendas, com os benefícios, e com o mesmo amor. Com as prendas como se o sujeito tem gênio brando e afável. Se é fácil de condescender com os amigos; se é dotado de outras virtudes raras, as quais unidas às formosuras do corpo, tem uma incrível força para atrair. Sua conciliação com os benefícios se dá porque nenhuma coisa cativa mais o coração humano, que a benevolência, da qual nasce todo o favor (FIGUEIREDO, 1759, p.50).



Contrário ao amor, o ódio é um afeto de aversão, que nos faz fugir de tudo o que se nos representa mal e nocivo. O modo de excitar o ódio é exagerar as indolências, a soberba, a desumanidade, a ingratidão do sujeito. Pintar vivamente as suas atrocidades, desaforos, e sacrilégios, o ódio que todos lhe tem, e ele a todos (FIGUEIREDO, 1759, p.50).

Escrevendo no século XIX e portanto com conhecimento a respeito de várias outras produções atinentes ao ministério do púlpito, José Caldeira (1825), retoma a definição do amor e faz um acréscimo importante. Vejamos:

> O Amor, he hum afeto, pelo qual o homem propende para o objeto amado, e lhe deseja bem, procurando fazer-lhe todo o que póde, não por interesse próprio, mas daquele mesmo, a quem ama, esta he, com pouca diferença, a definição de Aristóteles, adoptada por quase todos os Rhetoricos. Por ela se ve claramente que o bem, que fazemos ás pessoas, que amamos, he por amor delas mesmas, e não por amor de nós. Porém, se indagarmos bem o verdadeiro motivo do nosso amor natural, acharemos que he sempre o nosso prazer, ou a nossa utilidade, que á primeira vista se encobrem com o desejo da utilidade alheia (CALDEIRA, 1825, p.7).

Ao consultarmos o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1728) de D. Rafael Bluteau, temos que o amor “é um sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amável, fazendo disso o objeto de suas affeições, e desejos.” Além disso, há também um significado advindo da narrativa bíblica, isto é, o “amor próprio, a afeição, e bemquerença de nós mesmos, e de nossas coisas” (BLUTEAU, 1728, p.77). De forma geral, o amor manifesta-se, de acordo com o dicionário, por meio da benevolência, afabilidade, brandura e outras amostras. Vemos portanto que

entre as fontes elegidas os sentido do amor é bastante similar, salvo o acréscimo de José Caldeira. Agora, cumpre entender o modo como Teodoro de Almeida representou esse sentimento em sua parenética.

**Doce veneno**



Teodoro de Almeida aborda a questão do amor em alguns de seus sermões. No entanto no Sermão pregado para a Segunda Dominga da Quaresma em Lisboa, na igreja de Nossa Senhora das Necessidades, em 1780, temos uma descrição um pouco mais completa que as demais. Na ocasião o pregador visou persuadir seus ouvintes de que as bem-aventuranças oferecidas pelo mundo são inconstantes, e consequentemente falsas quando prometem aquilo que todo ser humano deseja naturalmente, ou seja, a plena felicidade. Uma determinada representação do amor poderia ser classificada como uma das falsas promessas de felicidade no mundo. Ouçamos as palavras mudas do orador:

> Veo al cautivo de una pasion amorosa vivir en un infierno en esta vida despues que tragó el dulce veneno, y le veo con los temores de otro infierno mucho peor para toda una eternidad. La altivez de su ídolo le atormenta, porque no solo le quiere amante, sino esclavo: su inconstancia le asusta, y su infidelidad, aun solo imaginada, le aflige. Si conoce al mundo, y discurre, debe temer: si teme, ahí teneis los zelos; y si cae en este lazo, vedle perdido. Todo lo ve al revés: fantasmas espantosas le atormentan de dia y de noche: su corazon le vuelve loco, y á sí mismo no se entiende. No sabe si ama, ó si aborrece; porque está atormentado del mismo objeto que estima, y aun á sí propio se atormenta: pálido, afligido, inquieto, no duerme, no come, no habla, siempre anda fuera de sí, y en todo discurre sin tino. Esta es la bienaventuranza del mundo, y por la que se pierde la gloria del cielo (ALMEIDA, 1788, p.40-41).

Como podemos ler no trecho recortado do sermão, Teodoro de Almeida começa utilizando duas metáforas para comparar o estado emocional de uma pessoa apaixonada. Em sua prédica o apaixonado não raras vezes vive um inferno, após ter ingerido o que chama de doce veneno. A metáfora paradoxal é bastante recorrente na parenética do oratoriano, quase sempre utilizada como símbolo das contradições mundanas expressadas nas tentações que levam os homens aos caminhos estranhos aquele que leva ao céu.

A noção de inconstância é fundamental para entendermos a argumentação do pregador. Em seu discurso, não apenas o amor, mas todo e qualquer objeto de desejo mundano é marcado pela superficialidade. O homem, segundo o orador

profere, foi dotado de um constante desejo de ser feliz plenamente, contudo, por ser manchado pelo pecado e viver no mundo, seu desejo de bem-aventurança é constantemente projetado para os falsos benefícios oferecidos pelo mundo, como a riqueza, a glória, o poder, a fama etc. Uma vez alcançados, tais benefícios rapidamente mostram sua insuficiência perante o forte desejo de satisfação do homem, que de acordo com a doutrina difundida por Teodoro de Almeida, só seria auferida junto à corte celestial.



Como dito anteriormente, a descrição feita pelo filósofo pregador nos interessa, na medida em que nos aproxima de uma possível representação corrente sobre o amor. Lembremos que um pregador como Almeida, era na maioria das vezes um confessor. Cabia ao ministro do púlpito, de acordo com os manuais da época, conhecer os mais variados tipos de comportamentos para adaptar a doutrina evangélica. Tendo em mente a posição do oratoriano na cultura de seu tempo podemos afirmar com segurança que o mesmo estava mais do que apto a definir sentimentos como o que estamos estudando no presente trabalho. Certamente teve contato com muitos tipos como o descrito no trecho, os quais deveriam de acordo com a doutrina que professava serem reorientados, isto é, reeducados sentimentalmente, e portanto corrigir seu entendimento a respeito de um afeto como o amor, cuja verdadeira essência seria encontrada na relação com Deus, por meio da mediação de Nossa Senhora.

Mas então, como escapar das armadilhas das próprias paixões, que como o próprio orador inferia, se assemelhavam à víboras venenosas? Os melhores exemplos poderiam ser encontrados nas vidas de santos como Carlos Borromeu, Francisco de Sales e o patriarca do oratório Felipe Néri, a quem Teodoro de Almeida dedicou um sermão no terceiro volume de seus sermões panegíricos. Nessa prédica também encontramos a descrição de um estado comportamental da pessoa apaixonada:

> Quantas veces veis andar aun hombre suspenso y extático que en médio de la mesa, y de las diversiones; en la Iglesia, en las Plazas, em las concurrencias, si hace algunos movimentos, mas parece uma maquina insensible que um viviente? Le hablais y no os oye, pasea y á nadie vé, come y no distingue los manjares que le sustentan. Qué tiene este hombre? No lo extrañeis, os dirán, que anda perdido de amor. No veis como es fácil, lo que os parecia imposible? Poned ahora esse mismo hombre á la vita del objeto amado, y empleadle em sevirle: que pronto! Que ágil! Que advertido! No hay criado mas servicial, ni persona mas expédita. El amor le dá juicio y astucia, el amor le suministra médios y

> fuerzas, el amor hace milagros. Calle pues el mundo, y no alegue impossibilidades, porque si amaramos á Dios, todo sería fácil: podemos pues, vivir em el mundo como Felipe, y amar á Dios como este Santo (ALMEIDA, 1788, p.20).

Nesse sermão, o amor é apropriado no interior de uma argumentação que positiva sua potência com vistas à uma vida de devoção cujo fim é a própria salvação humana. A questão que se coloca mais uma vez é uma reorientação desse afeto, um melhor entendimento para se auferir o paraíso celestial. Se no sermão quaresmal o estado do apaixonado é de caos e confusão mental, no trecho citado acima temos uma representação de um comportamento focado no objeto de amor de tal maneira que sua atenção à vivência presente é quase que totalmente perdida. A proposta se torna clara: colocado o amante frente ao objeto certo, nesse caso Deus, o amor por si só revelaria toda sua potência.



## Apreciações finais

Ao longo da modernidade a cultura portuguesa teve na pregação de sermões uma de suas práticas culturais mais presentes na vida cotidiana. Muito além de dispositivos doutrinadores a serviço da utopia cristã, os sermões representavam instrumentos difusores de propagandas políticas, mas também objetos de apreciação intelectual por parte de vários homens de letras que se atinham às boas e más pregações.

Entre os vários preceitos a serem seguidos pelo aspirante ao ministério do púlpito, era fundamental conhecer os diversos tipos de corações humanos, pois a moção dos afetos era fundamental para se auferir os objetivos do sermão. Sendo assim o historiador pode ter acesso à representações elucidativas de um vocabulário afetivo que pode se inscrever em uma história cultural das emoções.

No presente artigo, vimos como um dos principais homens da cultura portuguesa se apropriou da representação do amor em seus sermões. Na parenética de Teodoro de Almeida, mais especificamente em dois sermões, vislumbramos descrições complementares do estado de espírito de uma pessoa apaixonada. Seu discurso visava corrigir uma concepção errada de amor, que gerava caos e confusão mental encaminhando tal alma ao abismo infernal pela eternidade. Em suma, buscou-se compreender uma imagem talvez corriqueira

desse sentimento na cultura daquele tempo, que pode ser eficientemente traduzida para nós por um homem como Teodoro de Almeida.

**Referências**


ALMEIDA, Teodoro de. **Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Socied Real de Londres, y de la de Viscaya.** Tomo II. Sermones de Quaresma. Madrid, en la Imprenta Real. 1788.

ALMEIDA, Teodoro de. **Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Socied Real de Londres, y de la de Viscaya**. Tomo III. Panegyricos. Madrid, en la Imprenta Real. 1788.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez e latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra:** Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v.

BRAGA, Isabel M. R. Drumond. As realidades culturais. In: MENESES, Avelino de Freitas (cor). **Nova história de Portugal:** Portugal da paz da Restauração ao ouro do Brasil. Editorial Presença, 2001.

CALDEIRA, José. **Tratado dos afetos e dos costumes oratórios.** Lisboa: Na Typographia Maigrense, 1825.

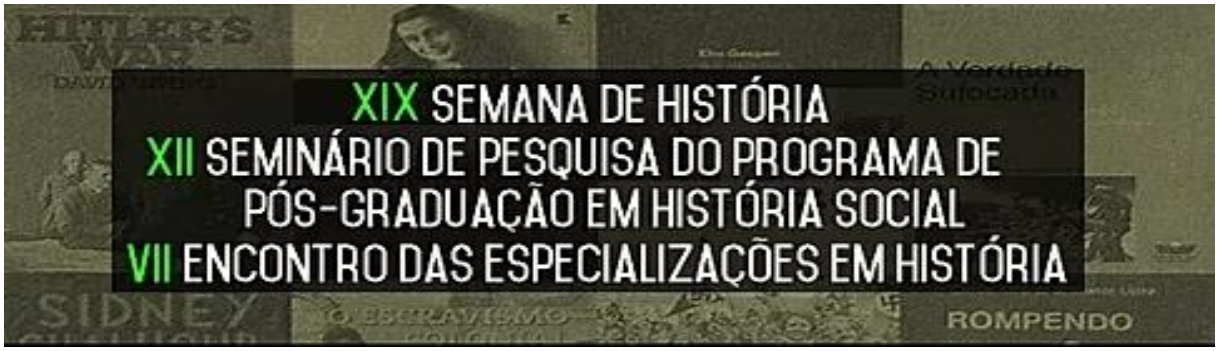
FIGUEIREDO, Antônio Pereira de. **Elementos de invenção e locução retórica ou princípios da eloquência.** Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Editora Guanabara: Rio de Janeiro. 1989.

MARQUES, João Francisco. **A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668, a revolta e a mentalidade.** Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1989.

SANTOS, Eugénio dos. **Para a história da cultura em Portugal no século XVIII**: Oração de abertura da Academia de Ciências de Lisboa do padre Teodoro de Almeida. *Repositório Digital Universidade do Porto,* 1980**,** p.53-90.

SANTOS, Zulmira dos. **Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804).** Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Tese de Doutorado, 2002.






# TRAJETÓRIA INDIVIDUAL E SENSIBILIDADES: UM ENSAIO SOBRE O TESTAMENTO DE MARC BLOCH (1941)

Fernanda Dayara Salamon
Universidade Estadual de Londrina

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001."

**Resumo:** Ao conhecermos Marc Bloch (1886-1944) por sua reflexão sobre o ofício do historiador, há possibilidade de limitarmo-nos o olhar apenas para a face intelectual do autor e dirimir considerações acerca da sua atuação como soldado francês que participou dos dois maiores confrontos mundiais ocorridos no século XX. O objetivo central deste texto é analisar o Testamento de Marc Bloch, escrito em 1941, identificando as sensibilidades do escrito, as preocupações e vontades registradas neste documento histórico, percebendo, sobretudo, o seu nacionalismo francês. Além disso, apresentar o indivíduo Bloch diante da morte a partir do Testamento, demonstrando as principais questões e emoções mencionadas no escrito, como também verificar, a partir de sua perspectiva, inscrita nas fontes, a postura da França na derrota da batalha que iniciou em 1940 com a invasão alemã. A perspectiva metodológica adotada neste texto buscou realçar o papel importante do indivíduo e das emoções na História.

**Palavras-chave:** Marc Bloch; Testamento; indivíduo, emoções.

Marc Bloch (1886-1944) é, entre historiadores, um nome bastante conhecido. Entre tantas contribuições para a historiografia francesa, mas não somente, a sua obra teve alcance mundial; a reflexão que lançou acerca do ofício do historiador faz diversos estudantes de História, em seus primeiros momentos de formação, depararem-se com a pergunta “para que serve a História?”, questão que continua perpassando a trajetória de quem se compromete com a pesquisa e o ensino deste campo do saber.

O objetivo central deste texto é analisar o Testamento de Marc Bloch[1], escrito em 1941, identificando as sensibilidades do escrito, as preocupações e vontades registradas neste documento histórico, percebendo, sobretudo, o seu nacionalismo francês. Além disso, apresentar o indivíduo Bloch diante da morte a partir do Testamento, demonstrando as principais questões que foram colocadas, como por exemplo, ser judeu ou ser francês, como também verificar, a partir do olhar dele, a postura da França na derrota da batalha que iniciou em 1940 com a invasão alemã.



A perspectiva metodológica adotada neste texto buscou realçar o papel importante do indivíduo na História. Neste estudo, temos um personagem da história da Segunda Guerra Mundial – historiador -, que trouxe de um modo conciso o acontecimento que pretendia estudar, a partir de um olhar de sua própria experiência, como testemunha ocular. Theodore Zeldin, historiador britânico, ressaltou esse importante papel do indivíduo no passado - em um texto escrito em 1982 - considerando a potencialidade das emoções para ampliar o conhecimento do passado e do presente: “Considera-se o indivíduo como o átomo da história e pensa-se que é hora de os historiadores tentarem dividir seu átomo, estudando suas partes constituintes de um modo mais cuidadoso.” (ZELDIN, 1991, p. 32).

Desde o final do século XX até recentemente, temos diversos trabalhos no Brasil e no exterior que tratam da perspectiva teórica que favorece as movimentações individuais e mais especificamente, as emoções. Zeldin defendeu a recriação de um passado, de experiências pessoais agregando a construção da história, juntamente ao desenvolvimento de abordagens próprias: “[...] é dando mais de si, compartilhando mais de suas preocupações, que os historiadores podem restabelecer melhor sua posição como monitores da sensibilidade de sua era.” (ZELDIN, 1991, p. 44). Ao pensarmos no texto “A estranha derrota”, percebemos que Bloch tinha as preocupações que mais tarde Zeldin apontara, como inquietações pessoais em relação à postura do estado francês no *front*, que resultou mais tarde na produção de um texto particular e sensível do cotidiano de guerra. Mas destacamos, em especial, o seu Testamento, escrito em março de 1941, que foi publicado - conjuntamente, em uma operação editorial - neste livro “A

[1] É importante que o leitor compreenda que o Testamento de Bloch, documento que analisamos neste texto, foi publicado no Brasil no mesmo livro em que contém o texto “A estranha derrota”, publicado pela Zahar em 2011, portanto, trata-se uma operação editorial, já que anteriormente os escritos eram separados e com fins diferentes.

estranha derrota" (escrito de julho a setembro de 1940) na edição produzida pela Zahar, no Brasil, em 2011. Trata-se de um escrito que pode ser lido de uma perspectiva do indivíduo diante da morte e das emoções, porque diante deste documento somos capazes de pensar em uma síntese de suas motivações individuais em vida.

Marc Léopold Benjamin Bloch nasceu em Lyon em 6 de julho de 1886. Ele formou-se em História na Sorbonne e, a partir de 1909, começou a publicar e se aprofundar em sua área de interesse, História medieval. Participou da primeira Grande Guerra e depois dela, em 1919, tornou-se professor na Universidade de Estrasburgo, onde realizou seus feitos mais importante como historiador junto a Lucien Febvre (1878-1956), com quem fundou a revista *Annales d'Histoire Économique et Social*, movimento que revolucionou a historiografia com a chamada *École des Annales,* que está na base do que chamamos de "Nova História". Em 1939, quis por sua própria vontade realizar obrigações militares na Segunda Guerra Mundial, mas para a tristeza de Bloch, a França foi derrotada pelos nazistas em 1940.



Marc Bloch era judeu e, a partir de um decreto instituído por Vichy[2] - Estado liderado pelo Marechal Philippe Pétain (1856-1951) - contra os franceses de origem judaica, Bloch deveria ser expulso de suas funções; entretanto, sua destituição foi suspensa por ter prestado serviços científicos à França, então, ele foi designado para a Universidade de Estrasburgo. Bloch entrou para a Resistência do grupo *Franc-Tireuer* de Lyon em 1943 e foi preso em 1944 pela Gestapo[3]; mesmo em condições desfavoráveis e, por vezes em meio à tortura, passou seu tempo redigindo "Apologia da História". Morreu em 16 de junho de 1944, em Saint Didier de Formans, fuzilado pelo oficial Klaus Barbie (1913-1991), funcionário da Gestapo conhecido como "açougueiro de Lyon" e o motivo foi a sua participação na Resistência Francesa.

Marc Bloch era preocupado com as ações a partir das reflexões historiográficas, entendia que a História precisava ser útil e inteligível "aos doutos e aos escolares" (BLOCH, 2001, p. 41). Ao pensarmos na importância da História para Bloch, como também na confiança de que ela poderia transformar a França,

[2] É o nome comum do Estado francês liderado pelo Marechal Philippe Pétain durante a Segunda Guerra Mundial. Representa uma parte livre do sul da França.
[3] Polícia Secreta oficial da Alemanha nazista e dos estados europeus ocupados por alemães.

especialmente neste momento de derrota, pensemos sobre a escrita de “Apologia da História” e suas condições de escrita, na prisão, livro que foi interrompido pela morte de seu autor. Questão dramática e que nos faz pensar no quanto se responsabilizou por seu exercício de historiador até as últimas consequências. Um importante apontamento sobre o motivo da derrota da França escrito em “A estranha derrota”, foi justamente a falta de atenção para com a sua História, como à formação e educação do intelecto francês em geral em detrimento do bom preparo e dinamicidade do exército alemão:



> Pois a história é, por essência, ciência da mudança. Ela sabe e ensina que dois eventos nunca se repetem de modo absolutamente igual, pois as condições nunca coincidem exatamente. Sem dúvida, ela reconhece na evolução humana alguns elementos, se não permanentes, pelo menos duráveis, para professar ao mesmo tempo a variedade quase infinita de suas combinações. Sem dúvida, ela admite certas repetições de uma civilização a outra, se não traço a traço, pelo menos nas grandes linhas de seu desenvolvimento. Constata então que, dos dois lados, as condições essenciais eram semelhantes. Ela pode tentar perceber o futuro e não é, creio eu, incapaz de conseguir. Mas suas lições não dizem absolutamente que o passado retorna e que o que foi ontem será amanhã. Examinando como ontem foi diferente de anteontem e o porquê disso, encontra nessa aproximação os meios para prever em que sentido o amanhã, por seu lado, irá se opor a ontem. (BLOCH, 2011a, p. 110).

A partir da citação e o contexto que ela está colocada, Bloch ressalta a importância da compreensão histórica para os combatentes, para os dirigentes de guerra, pois, ela permitiria a consciência de que a Segunda Guerra não seria como a Primeira Guerra – como muitos franceses de diversos escalões pensaram, em especial os mais velhos -, porque na História os eventos não se repetem exatamente nas mesmas condições, essa seria então uma premissa básica que, se compreendida, não teria consequências tão devastadoras. No caso francês, os responsáveis pensaram que se não repetissem os erros da guerra de 1914 a 1918 e insistissem no que foi acerto, ganhariam a guerra que acontecia 20 anos mais tarde. Mas, eram condições e personagens distintos, forças e modos diferentes de agir, permanências e impermanências que, mesmo que se tratassem dos mesmos homens, outros tipos de fatores não seriam iguais, portanto, a guerra estava ainda por fazer, ela precisava ser planejada, seus combatentes precisavam ser formados.

Além destas trajetórias de soldado e de historiador, apresentamos o Bloch esposo de Simonne Vidal (1894-1944) e pai de seis filhos: Alice, Étienne, Louis, Daniel, Jean-Paul e Suzanne. Avaliando sua responsabilidade social, ele decidiu ir

para a Segunda Guerra com seus 53 anos de idade, seus filhos o pediram para que não fosse, mas entendia ser uma ação importante e necessária e, além disso, compreendia ser possível conciliar a pátria e a família:

> Nunca pensei que amar a pátria impedisse de amar os próprios filhos [...] Em outras palavras, sinto, ao interrogar minha própria consciência, que tal antinomia não existe. É pobre um coração que se vê proibido de abraçar mais de um afeto. Deixemos, no entanto, o terreno afetivo. (BLOCH, 2011a, P. 129).



A partir da mesma citação em que menciona o amor pelos filhos, traz conjuntamente o seu amor pela pátria. A partir da leitura do livro “A estranha derrota” e também de seu Testamento - considerando a carga afetiva deste tipo de escrito - , a França, em todos os momentos, em ambos escritos, foi apreciada. Até mesmo em momentos que realizou críticas sobre a organização, formação e preparo francês em “A Estranha derrota”, reiterava: “Francês, serei obrigado, ao falar do meu país, a não falar somente bem – é duro ter de descobrir as fraquezas de uma mãe dolorosa.” (BLOCH, 2011a, p. 117). É perceptível o seu nacionalismo, a sua responsabilidade social com seu país ao apontar problemas que poderiam ser melhor pensados no combate, para que em um futuro – por sua consideração e amor pela França – eles não voltassem a ocorrer.

As informações que temos sobre o percurso do Testamento são poucas, mas temos conhecimento da publicação original em 1945, na Revista Annales, sob o título *Testament Spirituel de Marc Bloch* (BLOCH, 1945, p. 6-9) em um número temático de homenagem a Bloch organizado por Lucien Febvre. Sobre a materialidade do documento as informações também são escassas, mas sabemos em que contexto ele foi escrito. Era março de 1941 e ele tinha recentemente voltado ao seu trabalho como professor e pesquisador na Universidade de Estrasburgo, apesar de ter sido impactado pela exclusão de todos judeus de funções públicas, ele foi autorizado a continuar por ter prestado serviços científicos ao Estado francês; ele não foi ameaçado, mas via a França se esfacelar a partir de 1940 com a derrota na batalha contra a Alemanha, não só em termos de guerra, mas também na queda dos valores morais franceses.

Analisamos o documento que está inserido no livro “A estranha derrota”, publicação brasileira de 2011, traduzido por Eliana Aguiar; nesta publicação, o Testamento tem pouco menos que uma página e meia e tem quatro parágrafos

maiores seguido do último com duas linhas, somando-se cinco ao total. No canto superior direito temos o local que foi escrito – Clermont-Fernand – e a data – 18 de março de 1941 e ao final, no canto inferior direito temos a assinatura de Marc Bloch. Não temos certeza se o historiador francês esperava que este texto fosse publicado e, se o fosse, da forma como foi feito, então, temos diversas possibilidades de aprofundamento deste trabalho, a partir de uma consulta exaustiva acerca do que já foi produzido.



Ao iniciar a análise do Testamento, deixaremos claro o que ele não é. Não é sobre herança ou divisão de bens, mas sim, uma ação que busca deixar claro algumas questões que possam ter ficado mal resolvidas em vida, além de fazer uma retomada de valores e comunicar algumas de suas vontades. Philippe Ariès, historiador francês, possui obra interessante para pensar a morte e, em um de seus diversos artigos tratou da vida e morte entre os franceses, o que nos deu compreensão acerca das intenções de Marc Bloch em organizar sua cerimônia:

> En Francia, por lo menos hasta los años treinta, la muerte era una gran ceremonia casi pública, que el muerto presidía. Éste estaba prevenido. Sabía que la muerte estaba cercana. Había puesto sus asuntos en orden, redactado sus últimas voluntades, distribuido sus bienes, a fin de evitar las disputas de los herederos […] la familia y los amigos estaban reunidos en la habitación, en derredor suyo, para el adiós. (ÀRIES, 2000, p. 217-218).

O autor fala em anos trinta na citação, entretanto, em um período tão curto de tempo até a década de 1940 que foi quando Bloch escreveu o Testamento, ainda havia de se ter postura semelhante diante da morte, onde o próprio morto que presidia sua cerimônia, isto é, ele quem deixava tudo em ordem antes de sua própria partida; Àries fala de um caso de velhice, doença, onde pessoas se reuniam em volta do moribundo para o adeus, mas no caso de Bloch, foi bem diferente. Após as decepções acerca das exonerações de judeus a cargos públicos juntamente com a tristeza pela derrota contra a Alemanha, Bloch estava cada dia mais desanimado com a situação da França. Um motivo que pode ter feito ele "se preparar" para a morte e ter decidido escrever o texto, é o avistamento de sinais que indicavam a abreviação veloz de sua vida pelo avanço alemão contra franceses e judeus.

Apesar de no início do texto deixar certa "liberdade" aos filhos ou à esposa ao preparar seu funeral "se ela faltar, a meus filhos o cuidado de tratar de meu funeral como julgarem melhor" (BLOCH, 2011b, p.162), ele delimita diversas coisas, como veremos a seguir. Um primeiro elemento colocado no documento tratou-se do local onde ocorreria a sua morte: "[...] na França ou em terra estrangeira", a primeira

opção consciente ou inconsciente do francês é morrer em seu país. Apresentou o desejo que o funeral fosse puramente civil, contrariando o que disse anteriormente sobre os filhos ou a esposa fazerem como julgarem melhor, mas conserta: “os mais próximos sabem que eu não gostaria que fosse diferente” (BLOCH, 2011b, p. 162).

Depois, trouxe seu desejo, que um amigo lesse o que se segue “[...] seja na casa funerária, seja no cemitério [...]” (BLOCH, 2011b, p. 162). Quando Bloch diz que é para algum amigo ler as próximas palavras, parece que o que foi dito até então era uma espécie de comentário e agora sim começaria o conteúdo indispensável. É interessante notar, ao que se apresentou da fonte, dois pontos, estes que tratam-se de expectativas: primeiro, que imaginou os possíveis locais em que ocorreria a cerimônia, citando a casa funerária ou o cemitério; e segundo que imaginou a falta somente de sua esposa, contou com certeza que teriam os filhos e, ainda mais, imaginou que haveria um amigo para ler as palavras.



Ele iniciou o Testamento falando sobre as preces hebraicas, que não desejava que fossem lidas sob seu túmulo, mas que tudo que elas significavam o acompanhavam até seu último repouso. “Esforcei-me o melhor que pude, durante toda a minha vida, para alcançar a sinceridade total da expressão e do espírito. ” (BLOCH, 2011b, p. 162), isto é, demonstrou a importância da movimentação judaica e reconheceu-a em suas origens, mas realizou em si mesmo uma expressão de espírito dessemelhante, que não se alinhava ao judaísmo. A seguir ele fez considerações sobre questões que defendeu em toda a vida, de um modo um pouco diverso com o que vinha falando sobre religião, mas, que trazem a própria individualidade de Bloch, à qual ele gostaria de delimitar para não correr o risco de ser marcado com aquilo que não creu e exerceu em vida.

Falou sobre seu aborrecimento quanto à tolerância da mentira, considera isso “a pior lepra da alma” (BLOCH, 2011b, p. 162), algo que defendeu em sua trajetória como historiador e como soldado francês. Em seguida, parecendo desconexa com o que se vinha comunicando no mesmo parágrafo, expressou seu desejo sobre o que gostaria que contivesse em sua lápide: *dilexit veritatem*, que significa em latim, “verdadeiramente amado”. “Porque me é impossível admitir que, nessa hora do adeus supremo em que todo o homem tem o dever de se resumir a si mesmo, seja feito em meu nome algum apelo em honra a uma ortodoxia cujo credo não reconheço absolutamente.” (BLOCH, 2011b, p. 162).

Há duas questões que se pensar nesta última citação do Testamento, a primeira sobre o “dever” de resumir a si mesmo no momento de produção de uma lápide. Esta inscrição na pedra, o compêndio de uma individualidade, é uma representação para além da morte: o morto se vai, mas a lápide fica. O peso que se tem é o de última construção pública de representação intencionada e parece que Bloch, ao escolher o que seria escrito, conhecia bem tal importância. Dar uma conclusão à própria vida é uma sobrevivência de um costume que data período medieval; o que ocorre no século XX não se trata de coisa igual, mas que dialoga bem com o que se fazia nos séculos XIV e XV: “Se cree a partir de entonces que todo hombre vuelve a ver un compendio de su vida entera en el momento de morir. Se cree asimismo que su actitud en ese momento dará a esa biografía su sentido definitivo, su conclusión.” (ÀRIES, 2000, p. 50).



A outra questão importante é sobre a honra a um credo que não reconhece absolutamente e que não exerceu durante sua vida. É um exercício alinhado com o que Bloch falava sobre a verdade, pois, a honestidade com que abordou essa questão religiosa é algo que provavelmente lhe faria ter paz em sua morte. A leitura que fazemos é a de que ele sentiu necessidade de deixar claro que era judeu pelas perseguições que os mesmos vinham sofrendo a partir da década de 1940, em um tom de respeito aos seus antepassados e suas práticas, no entanto, diante deste momento “supremo” (BLOCH, 2011b, p. 162), precisava transparecer o seu eu da forma mais honesta possível, alinhado com o que experienciou em vida. Marc Bloch pensou que alguém pudesse achar que tal gesto poderia ser entendido como uma renegação covarde e reiterou: “Afirmo, portanto, se necessário diante da morte, que nasci judeu; que jamais sonhei me defender disso e nem encontrei nenhum motivo para fazê-lo.” (BLOCH, 2011b, p. 162).

O modo como colocou tais questões em seu Testamento pareceu que estava atônito e decepcionado por ter que deixar claro que era judeu, ele afirmou que nunca pensou em ter que se defender disso. Tais observações dialogam com a narrativa de “A estranha derrota” - escrito de julho a setembro de 1940 - porque ele não deu tanta atenção, ao longo do livro, sobre questões que fossem sobre ser judeu ou sobre os judeus relacionado à perseguição dos alemães; entendemos que se tratando das questões da guerra, ele compreendia a Alemanha como uma adversária francesa e não reduziu à Alemanha adversária dos judeus. No início do

livro também se posicionou como judeu, mas não intempestivamente como o fez no Testamento:

> Sou judeu, se não pela religião, que não pratico, aliás como nenhuma outra, ao menos por nascimento. Não tiro disso nem motivo de orgulho nem de vergonha, sendo, espero, um historiador suficientemente bom para não ignorar que as predisposições raciais são um mito e que a própria noção de raça pura é um absurdo particularmente flagrante [...]" (BLOCH, 2011, p. 12)



Aqui em mais um momento deixou claro de onde falava, mas não no sentido de "se defender disso", somente para localizar o leitor de "A estranha derrota". Ele deixou claro ainda, o único caso em que reivindicaria a sua origem: "diante de um antissemita". (BLOCH, 2011, p. 12). Acerca da questão de ser um soldado judeu, não parece ter sido algo com que Marc Bloch se preocupou no curso da guerra, mas este foi um debate existente, trazemos então, um diálogo com o Amir Weiner, historiador interessado em movimentos totalitários com foco na política soviética, que trabalhou em um capítulo de livro com judeus soviéticos no pós guerra, apesar de tratar-se de um outro contexto – os judeus soviéticos – conseguimos pensar um pouco também sobre os soldados franceses e judeus:

> A mensagem central da campanha anticosmopolita no final da década de 1940 era que um judeu mantinha-se judeu, um eterno estrangeiro na vida nacional, não importa quais fossem as circunstâncias. Como tal, era preciso desnudá-lo das falsas vestes sob as quais ele disfarçadamente se escondeu." (WEINER, 2005, p. 234-235).

Pelo que observamos no Testamento escrito em período próximo, em 1941, a razão com que o tema "ser judeu" aparece significativamente, pode ser explicada a partir de uma perseguição em relação aos judeus, incorporados por diversas nações combatentes. Ao identificarmos no texto de Weiner o fato ordinário da participação de judeus em um momento anterior a década de 1940, entendemos que foi uma questão que se tornou mais acalorada, a partir de então:

> Um estudo recente e conservador indica que o número de judeus em combate ativo durante a guerra era proporcional à sua porcentagem na população como um todo, e frequentemente a excedia, especialmente entre as unidades de elite, que recebiam o impacto dos combatentes mais ferozes no front [...] sua contribuição para as forças armadas permaneceu proporcional à da população geral. (WEINER, 2005, p. 244).

Ainda seguindo as reflexões do historiador de movimentos totalitários, a contribuição judaica na guerra foi pública e reconhecida oficialmente, isto é, dentro

do exército não haviam distinções em promoções ou condecorações, como foi o caso de Bloch, que recebeu diversos elogios nos anos que esteve no exército por sua maneira enérgica de conduzir as ações, por mostrar desprezo pelo perigo, por se oferecer voluntariamente para missões perigosas, por ter sangue frio e inteligência, por ser excelente nas informações, por ter sentimentos elevados e alta competência, ousadia e fria resolução, por ter realizado com primor a tarefa de abastecimento com reflexão, organização segura e energia tenaz. (BLOCH, 2011c, p. 164-165). Portanto, mesmo que se negasse o heroísmo dos soldados judeus a partir de 1940, Bloch fez de tudo para que se lembrassem o quanto ele buscou fazer o melhor enquanto atuava como soldado, assim, não vemos o pedido de leitura dos elogios militares de Marc Bloch como um gesto de vaidade, mas sim, como um recurso utilizado em busca de referências de si mesmo para legitimar e realizar de um modo claro e altivo a última cerimônia em seu nome.



A seguir no Testamento, Bloch afirmou estranhar qualquer formalismo confessional ou pertencimento pretensamente racial e afirmou: “[...] sempre me senti, durante a vida inteira, antes de tudo e muito simplesmente, francês.” (BLOCH, 2011b, p. 162-163), o que abre novamente o debate, o mais importante que identificamos em seu Testamento, o seu nacionalismo, ou ainda mais adequado, seu patriotismo francês, como ele mesmo chamou. O próprio impulso de escrita de uma obra como a “A estranha derrota” demonstrou o seu grande amor e zelo pela França. Em diversos momentos esse entusiasmo nacional, apesar da recente derrota, foi expresso em tom de esperança em suas concepções demonstradas na narrativa do livro; a sua intenção maior neste texto, é deixar claro os problemas de algumas posturas da França que fizeram com que ela fosse derrotada em 1940 pela Alemanha.

Existem diversas complexidades quando falamos de nacionalismo, portanto, iremos delimitar o que estamos considerando como nacionalismo, pois, na esteira de reflexões de Eric Hobsbawm, historiador britânico que se debruçou sobre este tema, “Os liames entre o racismo e os nacionalismos são óbvios.” (HOBSBAWN, 1990, p. 132). Entendemos que o amor pela França expresso por Bloch em suas palavras e ações não se tratou de algo levado ao limite, mas de atos que ele considerava mínimos, de responsabilidade social para com seu país, desta forma, bem diferente do nacionalismo levado até as últimas instâncias, este que comporta o racismo, o que seria inverso à toda questão apresentada sobre ser judeu. É

particular a sua atuação como um historiador, soldado e homem francês, ao ponto de “declarar-se” a ela em seu Testamento:

> Ligado à minha pátria por uma já longa tradição familiar, nutrida por sua herança espiritual e por sua história, incapaz, na verdade de conceber alguma outra onde pudesse respirar sem entraves, eu a amei muito e tentei servi-la com todas as minhas forças. Nunca senti que a minha qualidade de judeu colocasse qualquer obstáculo a esses sentimentos. (BLOCH, 2011b, p. 163).



Desta forma, através do Testamento, apresentou o seu amor e a sua vontade de fazê-la vencer durante o período militar. Em busca de aclarar nossa compreensão desse nacionalismo, entendemos que Bloch foi influenciado pelo que Hobsbawm tratou na citação a seguir:

> Não era, como vimos, a única forma assumida por um sentimento de identificação nacional ou, para colocar em termos de direitos e deveres do cidadão, de patriotismo. É importante distinguir entre o nacionalismo exclusivo dos Estados, ou movimentos políticos direitistas que se substituem por todas as outras formas de identificação política e social, e o conglomerado nacional/cidadão, a consciência social que, nos Estados modernos, constitui o solo no qual todos os outros sentimentos políticos florescem. (HOBSBAWM, 1990, p. 173).

Na França, especificamente, as classes dominantes optaram por um alinhamento internacional das direitas, em especial pelo perigo que viam em movimentações socialistas, a exemplo da frase francesa citada por Hobsbawm: “Melhor Hitler do que León Blum[4]” (HOBSBAWM, 1990, 175), que, para o historiador britânico também poderia também significar: “antes um alemão do que um judeu.” (HOBSBAWN, 1990, 175) o resultado foi um patriotismo xenófobo acirrado em 1940.

Outra reflexão interessante que nos proporcionou Hobsbawm foi sobre o que realmente a guerra dizia respeito: “Na Grã-Bretanha a luta contra o fascismo e contra guerra dizia respeito aos britânicos; na França, aos franceses [...]”. (HOBSBAWM, 1990, p. 175). A partir disso, notamos que, apesar de se tratar do bloco dos Aliados, ao fim e ao cabo, cada personagem deste momento histórico, inserido nestes sentimentos nacionalistas, privilegiavam seu próprio país, isto é, no caso dos franceses, a derrota já havia chegado, eles perderam como nação e como

[4] Foi um político socialista francês e por três vezes primeiro ministro da França. Era judeu e realizou diversas reformas econômicas. Quando a Alemanha derrotou a França, em 1940, ele se transformou forte opositor da França de Vichy.

povo, a guerra poderia parar por ali: “O que estava em risco nesta luta não era só o futuro doméstico da Grã Bretanha ou da França, ou a guerra e a paz de um modo geral, mas a defesa das nações britânica ou francesa contra os alemães.” (HOBSBAWM, 1990, p. 175).

A grande tristeza de Bloch foi ver a sua nação estimada, ter se tornado, no momento em que escrevia seu Testamento, “uma barbárie mais atroz” (BLOCH, 2011b, p. 162). O maior problema apontado por Bloch em “A estranha derrota” foi a falta de formação e preparo: “[...] o triunfo dos alemães foi essencialmente uma vitória intelectual e talvez esse seja o motivo mais grave.” (BLOCH, 2011, p. 41). Chamou atenção para a lentidão e a pretensa certeza que os dirigentes mais velhos tinham sobre o que estavam fazendo, por já possuírem experiência. Philippe Masson, historiador francês, em um capítulo que intitulou “Os homens” em seu livro sobre a Segunda Guerra Mundial, dialoga com a visão de testemunha ocular de Marc Bloch colocada em “A estranha derrota”:



> A tropa também se revela incapaz de reação, de iniciativa. É claro que não se pode negar a indiferença, a espantosa inércia do alto-comando, literalmente petrificado pelo desenvolvimento da manobra alemã. Mas também é verdade que, nos escalões subalternos, os executantes revelam-se incapazes de desenvolver ações retardadoras, para frear o avanço adverso e montar contra-ataques locais. As exceções são raríssimas. Ninguém toma a iniciativa de montar grupos de combate a partir de elementos perdidos, separados de suas formações. (MASSON, 2010, p. 334).

Com pesar, Bloch afirmou que diversas falhas tiveram origem no “ritmo demasiado lento dos batimentos de nossos cérebros.” (BLOCH, 2011, p. 51). Um outro elemento em que os dois dialogam é sobre questões psicológicas desenvolvidas pelos alemães para derrotar integralmente os franceses. Masson destacou os efeitos da propaganda alemã, os vários programas de rádio e filmes trazendo a imagem de um governo seguro de si e pronto para ação: “Os exercícios são raros, as manobras de conjunto excepcionais. Não se procura em nenhum momento familiarizar os homens com a ameaça do tanque.” (MASSON, 2010, p. 335).

A despeito disso, Bloch relatou sobre o som aterrorizante dos bombardeios em “A Estranha derrota”: “Os estrondos são pavorosos, selvagens, enervantes ao extremo: tanto o assobio intencionalmente ampliado de que já falei quanto a detonação que estremece o corpo inteiro até a medula.” (BLOCH, 2011, p. 58-59). Além deste detalhamento de sensação intensa, ele comentou sobre a ampliação do

assobio como uma estratégia psicológica dos alemães. Eles não apenas feriram os homens franceses em seus corpos, ou em um sentido moral: eles também feriram suas mentes gerando medo e, assim, vencendo a batalha em âmbitos mais profundos do que poderíamos imaginar.

Ainda neste texto Masson traz aspectos individuais dos soldados, comentando sobre longos períodos de pausa, de desânimo, de saudade de casa, preocupações com futuro ou falta de afetos habituais, além da vontade de pedir para voltar para suas atividades – como aconteceu com Bloch – por conta do tédio, da burocracia que ele achava que mais atrapalhava do que ajudava naquele momento. Todos esses elementos podiam levar à nostalgia - expressão do século XIX - e consequente desmobilização do exército como um todo. Compreendemos, assim, a importância destas questões sensíveis para o êxito da guerra e, neste sentido, a Alemanha estava muito melhor preparada. (MASSON, 2010, p. 332).



Voltemo-nos ao Testamento e as questões sensíveis emanadas dele. Philippe Ariès em sua outra publicação intitulada “O homem diante da morte”, olhou historicamente sobre diversos aspectos que se ligam à morte; a despeito especificamente do testamento, considerou que eles podem ser potentes reveladores das mentalidades, como observamos no Testamento de Marc Bloch, e apresentou como esses textos como gênero literário:

> Apesar de sua aparência convencional, foi escolhido [o testamento] pelo poeta para expressar seus sentimentos diante da vida breve e da morte certa, como o romancista do século XVIII escolherá a carta: o escritor reteve dos meios de comunicação do seu tempo o mais espontâneo, o mais próximo da manifestação pessoal. (ÀRIES, 1989, p. 210).

Uma prática de origem medieval que ainda no século XX foi escolhida por Bloch também para expressar sentimentos diante da morte que, tanto no medievo quanto no vigésimo século, contribuíam para que as pessoas tomassem mais consciência de sua individualidade. Àries falou de uma vida que a morte devolve, na escrita do testamento, esta que é “feita de desejos e de nostalgias, de emoções antigas, de saudades e de esperanças” (ÀRIES, 1989, p. 211). Por fim, após tantas reflexões advindas da fonte, como Bloch via a morte? Questão ampla e difícil, no entanto, a partir da leitura de seus textos próximos à sua morte, em especial “A estranha derrota”, observando seus elogios militares e considerando seu

Testamento de forma detalhada, entendemos que ele não temia por sua morte, mas temia sim, pela causa francesa.

Tendo em vista os aspetos apresentados, a localização espacial e temporal de Marc Bloch historiador, soldado, pai e francês realizamos - na medida em que fazíamos questões a partir de seu Testamento escrito em 1941 - a análise individual de uma trajetória inscrita no século XX e pensamos rapidamente alguns aspectos da França dentro deste grande fenômeno que foi a Segunda Guerra Mundial. Escrever um Testamento com apenas 55 anos de idade sugere que Bloch tinha consciência de quem era, onde estava e o que pretendia fazer. Consciência também do que poderia ter ficado pouco entendido sobre sua trajetória – por exemplo a questão de ser judeu – que fez questão de deixar bem claro em seu Testamento. Quem leria seu relato sobre a guerra? Ele tinha consciência sobre o que realizou enquanto historiador e soldado, e, se não pessoas ligadas à essas motivações, seus filhos o fariam, como algumas vezes mencionou questionando-se quem leria “A estranha derrota”.



Através do exercício de analisar uma documentação testamentária, tivemos oportunidade de pensar sobre emoções, desejos e motivações durante a vida do historiador francês, como também pensar nos eixos centrais do escrito: a explicação sobre ser judeu e o seu sentimento pela França. O que faltou no escrito? O que há escrito em testamentos de franceses do início do século XX? Faltou afeto aos familiares? Questões de herança? Saudades de alguma atividade, como por exemplo, seu ofício de historiador? Poderíamos fazer também uma história das ausências no Testamento de Marc Bloch, entretanto, diante do caráter ensaístico deste trabalho, temos muito a aprofundar.

O nosso objetivo central foi, sobretudo, trazer ao leitor a reverência e o amor de Marc Bloch – através de ações e de exercício intelectual – para com a França. Não um nacionalismo levado à todas as consequências, como foi o caso da Alemanha com o nazismo, mas um cuidado com a pátria dotado de consciência social, de responsabilidade, ao ponto de “ser francês” tomar lugar significativo no texto que seria lido na cerimônia de sua morte. Ainda, bem ao final do Testamento, antes de fazer o pedido que sejam lidos os elogios dele como soldado, ele escreveu: “No decorrer de duas guerras, não foi meu destino morrer pela França. Mas posso, pelo menos, com toda a sinceridade, dar este testemunho: morro como vivi, como um bom francês.” (BLOCH, 2011b, p. 163). Assim ele termina o seu testemunho

incandescente, resumindo-se à sua escolha, de um modo como gostaria de ser eternizado: “um bom francês”. Quando foi embarcado em 16 de junho em um caminhão junto com outros presos, Bloch já sabia que ia morrer. Ele, o primeiro a ser fuzilado, gritou, antes de cair: “Viva a França!”.

Contudo, ressaltamos a importância da trajetória individual e da história das emoções para a historiografia, como refletimos com Theodore Zeldin no início do texto. Ao construirmos o conhecimento histórico, em escolas ou em pesquisas científicas somos convidados a exercer esse olhar sensível nos alunos ou em nossos pares, independente do tema que estejamos trabalhando, em especial este, sobre a Segunda Guerra Mundial que, ao ser abordado – em escolas - pode despertar comportamentos de exaltação, ódio ou competição. Desta forma, enquanto professores ou pesquisadores devemos mostrar o caráter sensível e dramático deste e de tantos outros fenômenos históricos, afastando qualquer êxito pelos massacres ocorridos, conscientizando-os que se trata de um movimento que merece nosso cuidado para que não volte mais acontecer, com seriedade e sensatez.



Talvez seja a postura estrutural da História de não trazer à tona as questões sensíveis – é importante registrar que temos em curso uma mudança significativa neste aspecto – o motivo pelo qual observamos no Brasil contemporâneo uma total incompreensão destas movimentações históricas tão sérias e arrasadoras para toda a humanidade. Assim, apontamos um caminho que possa contribuir no enfrentamento dos negacionismos, o de trazer o aspecto individual e emocional para a construção do conhecimento histórico e, assim como Marc Bloch, agir a partir das compreensões do passado com compromisso e responsabilidade no presente e no futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. FONTES

BLOCH, M**.** Testament Spirituel de Marc Bloch. **Annales d'histoire sociale,** Paris, 8o anée, n. 1, p. 6-9, 1945.

BLOCH, M. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOCH, M. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

BLOCH, M. Testamento. In: **A Estranha derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b, pp. 162-163.

BLOCH, M. Os elogios militares de Marc Bloch. In: **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011c, pp. 164-165.

II. BIBLIOGRÁFICAS



ÀRIES, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1989.

ÀRIES, P. **Historia de la muerte en occidente**. Barcelona: Acantilado, 2000.

HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

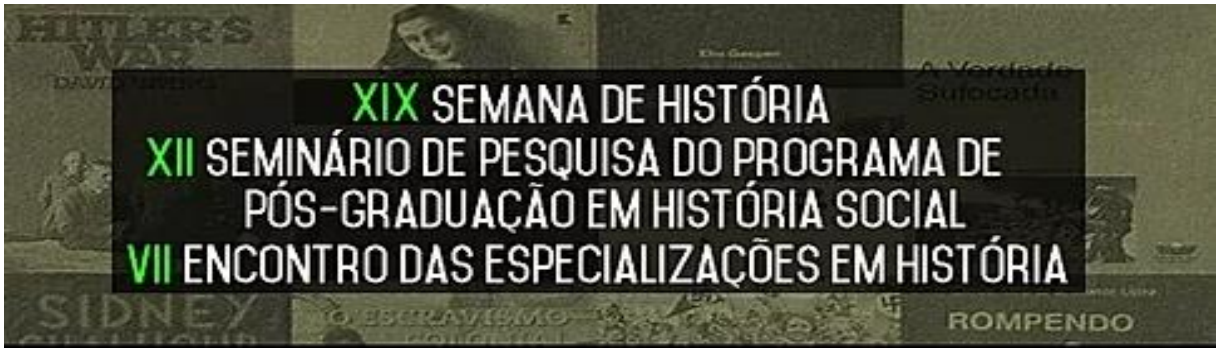
LE GOFF, J. Prefácio. In: BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp.15-34.

MASSON, P. Os homens. In: **A Segunda Guerra Mundial**: história e estratégias. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 331-369.

SCHWARCZ, L. M. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp. 7-12.

WEINER, A. Quando a Memória Conta: Guerra, Genocídio e os Judeus Soviéticos do Pós-Guerra. In: BARTOV, O; GROSSMANN, A; NOLAN, M (Orgs.). **Crimes de Guerra**: culpa e negação no século XX. Rio de Janeiro: Difel, 2005, pp. 231-258.

ZELDIN, T. História Pessoal e História das Emoções. **História: Questões e Debates**. Curitiba: 12 (22/23). (jun/dez), 1991, pp. 30-44.






# A EDUCAÇÃO JESUÍTICA: A ALFABETIZAÇÃO E A ESCRITA NAS REDUÇÕES GUARANI DO PARAGUAI

Lucimara Andrade da Silva
Mestranda em História Social – PPGHS
(Universidade Estadual de Londrina)

Luana Aparecida da Silva
Mestranda em Estudos da Linguagem - PPGEL
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** Esta comunicação tem por objetivo discutir as práticas educativas não escolares desenvolvidas pelos jesuítas com os povos indígenas da região do antigo Paraguai, no século XVII. Além disso, buscamos compreender as finalidades do ensino de línguas, como o castelhano e o português, pois a língua era considerada fundamental para a conquista espiritual e territorial. A escrita alfabética e a gramática foram indispensáveis ao trabalho apostólico, o sucesso da missão e da colonização dependia da transcrição e redução gramatical das línguas indígenas. Tendo em vista o projeto educacional desempenhado pelos jesuítas, pretendemos analisar a educação informal por meio da atuação do padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya nas reduções da Província do Paraguai. Nesta análise levaremos em consideração as normas gerais da Ordem e a política educacional, e ressaltamos a importância dos interpretes nas reduções, visto que aprender e ensinar na língua dos indígenas era essencial para a catequização. Portanto, a "conquista letrada" da cultura Guarani foi decisiva no processo de evangelização das reduções e resultou na gramaticalização e dicionarização da língua, que pode ser observada nas várias obras de cunho linguístico escritas por religiosos. Os resultados dessa pesquisa permitiram perceber que a alfabetização dos indígenas resultou na valorização da escrita nas reduções e proporcionou novas formas de expressão gráficas.

**Palavras-chave**: Educação informal; Ensino de línguas; Companhia de Jesus; Província do Paraguai.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa apresentar e discutir alguns aspectos sobre a história da cultura escrita que dialoga com um conjunto de abordagens que tiveram um papel

fundamental na renovação do campo da história da educação. Esses estudos históricos relacionados à alfabetização, o letramento e a história da cultura escrita propriamente dita, possibilitam refletir determinados momentos em que os poderes não estão na escola, mas sim na igreja, na sociedade e nas práticas sociais. Dessa forma, podemos compreender as práticas educativas não escolares presentes no cotidiano das populações coloniais que envolviam o aprendizado, ou seja, a transmissão do conhecimento, dos saberes e das crenças (FONSECA, 2014).



Nesse sentido, faz-se necessário entender as finalidades da educação dos indígenas, com ênfase no que diz respeito ao ensino de línguas, como o castelhano e o português. A língua era fundamental para transformar a natureza rústica dos nativos. Os missionários católicos que chegaram ao Novo Mundo “trabalham a língua com a finalidade de torná-la o instrumento da conversão das almas e dos corpos que vieram conquistar” (HÉBRARD apud DAHER, 2012, p. 223).

A educação indígena teve início a partir do contato com os europeus, por meio da ação dos missionários, com “objetivos de catequização tendo em vista a ampliação do catolicismo, aliado posteriormente a um projeto de fins civilizatórios” (NEVES, 2009, p. 167). Em um quadro geral os missionários assumiram a tarefa da educação, no caso da América Portuguesa por delegação da coroa por volta de 1500 até o inicio do século XX, com breves interrupções como a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal. Nos territórios coloniais espanhóis a atuação dos jesuítas ocorreu por volta de 1567 até sua expulsão tardia em 1767.

Segundo Ana Rita Bernardo Leitão, o ensino de primeiras letras ou a alfabetização dos povos indígenas parece estar situado num ponto intermediário “entre a ponderação da qualidade dos recursos utilizados - materiais, humanos e financeiros e a institucionalização da educação, sobretudo na sua vertente formal” (2014, p, 86). Ao analisar a difusão das línguas no meio ameríndio é preciso levar em conta determinados elementos como: os agentes, os contextos, o quadro institucional e as intencionalidades.

A educação dos ameríndios na América, desde o início da colonização era considerada uma prioridade, “todos sabem que a sua religião, seja católica ou reformada, baseia-se na escrita e que a administração dos reinos de que são súditos encontra-se nas mãos de escribas” (HÉBRARD apud DAHER, 2012, p. 223). Aliás, a formação catequética e a alfabetização em primeiras letras estão relacionadas a uma estratégia de domínio dos nativos e dos territórios. Isto posto,

sob a fachada da conquista espiritual e num momento em que a igreja católica confrontava todo tipo de heresia e prática não ortodoxa que “ameaçava” a fé católica. Em razão disso, varias estratégias de intervenção no meio ameríndio foram colocadas em prática e se adaptavam as realidades, as mudanças e ao tipo de governo.

Os países ibéricos precursores na expansão ultramarina tiveram que garantir a posse dos territórios “descobertos”, bem como justificar a conquista, a exploração e a intervenção nessas terras, sendo necessário instituir a autoridade dos reis católicos, ficando a bandeira do rei e da rainha. Além disso, através do auxílio das bulas os direitos de Castela foram asseguradores, porém era necessário garantir o trabalho apostólico de conversão dos nativos por meio de estabelecimentos contínuos (CALDAS, 2008). Assim, para que a missão civilizadora dos não cristãos resultasse no sucesso, a união entre a cruz e a coroa foi firmada, e passaria a vigorar por meio do Patronato[1].



Conforme o trabalho apostólico adquiriu maior importância, a tarefa educacional e evangelizadora ficou a cargo das ordens religiosas, sobretudo os jesuítas que eram integrantes da Companhia de Jesus fundada em 1540. Esses religiosos tiveram um papel de destaque nas reduções jesuíticas, com ênfase no Paraguai no século XVII (CALDAS, 2008).

Na perspectiva de Leitão, essa expansão ultramarina desencadeou um processo que contribuiu para a dilatação das línguas vernaculares, em sua maioria de base latina, bem como para a universalização da escrita alfabética. No entanto, tanto na América portuguesa quanto nos territórios pertencentes à Espanha não houve a possibilidade conversão para outro tipo de registro escrito, pois as populações ameríndias eram ágrafas, “cuja natureza económica, social e organizacional – se não também cultural e civilizacional – não as haviam ainda motivado à sua formulação e uso” (LEITÃO, 2011, p.23).

Os jesuítas buscavam expandir o seu poder de influência e atuação através da conversão dos povos indígenas e para isso era necessária uma escrita e uma gramática não restrita a cultura europeia, porém “compatíveis com as estruturas do latim para que pudessem ensiná-la em seus colégios, de acordo com as técnicas,

[1] Nesse sistema, os monarcas católicos eram obrigados a promover a conversão dos habitantes das terras descobertas e a proteger e manter a Igreja Militante.

agora comprovadamente, do ‘método parisiense’ em que o próprio Inácio foi formado” (HÉBRARD apud DAHER, 2012, p. 223).

Entre as línguas ensinadas pelos jesuítas estavam o português e o tupi que acabou se tornando uma língua geral dentro da colônia portuguesa. No caso da colônia espanhola o idioma guarani era a língua indígena mais utilizada nas reduções. O aprendizado da língua era informal com a finalidade de melhorar o contato social e a catequização dos ameríndios, visando esse objetivo, os jesuítas por meio de um esforço pedagógico utilizavam diversas estratégias para obter a atenção dos indígenas: a música, a arte, o teatro e as danças.



A comprovação do sucesso da missão e da colonização “encontra-se nessa palavra, relatada, transcrita e interpretada”, ou seja, na redução das línguas indígenas à “língua geral” inventada pelos jesuítas. Essa redução se deve aos métodos pedagógicos da Companhia de Jesus baseados na memorização, pois “o conhecimento dogmático contido no texto catequético e nas principais orações obviamente não é acessível de imediato ao catecúmeno” (HÉBRARD apud DAHER, 2012, p. 225). O cristão deveria gravar o texto em sua memória, mas para isso era preciso que a língua fosse estável e mantivesse a significação da palavra. Em razão disso, foi necessário “encerra-la numa gramática e num dicionário e, em seguida, num *corpus* exemplar de textos validados pelas censuras civis e eclesiásticas deveria ser suficiente para garantir essa estabilidade” (HÉBRARD apud DAHER, 2012, p. 225). Assim, o ensino da língua aos nativos, se tornou um instrumento essencial na colonização. Aliás, a transcrição e a redução gramatical das línguas indígenas não desapareceram nem mesmo quando as coroas ibéricas impuseram o castelhano ou o português nas colônias.

## A EDUCAÇÃO NAS REDUÇÕES GUARANI

A cristianização dos guaranis do antigo Paraguai, realizada pelos padres da Companhia de Jesus, entre os séculos XVII e XVIII, faz parte de um projeto educacional, “que ultrapassa as fronteiras da escola formal e atinge a própria estrutura e dinâmica social do contexto integracionista, em que ocorre a transição da sociedade ‘primitiva’ Guarani para a moderna sociedade missioneira” (BRUM; CUNHA, 1999, 241). Esse projeto educacional desenvolvido nas missões pode ser analisado através da atuação do padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya e de sua

narrativa *Conquista Espiritual*[2], na qual narra os acontecimentos (1612-1638), período em que atuou como missionário e superior geral nas reduções. Todavia, essa análise deve levar em conta as normas gerais da Companhia de Jesus com relação à formação dos jesuítas e a política educacional.

Essa educação promovida pelos jesuítas dependia das constituições aprovadas pelo papa, da prática dos exercícios espirituais de santo Inácio de Loyola, das normas catequéticas e principalmente do *Ratio Studiorum*[3], plano de estudos da Companhia de Jesus que visava orientar as atividades pedagógicas nos colégios da Ordem. O jesuíta português Manuel de Nóbrega se baseou no Ratio Studiorum para elaborar um esboço do que seria o plano nacional de estudos, pois percebeu que para catequizar os indígenas era necessária sua alfabetização.



A continuidade da catequese cristã e o ensino de línguas eram extremamente importantes nas reduções espanholas, para deter o expansionismo português, garantir a edificação moral, a pacificação e a inclusão social dos ameríndios, bem como para manter a posse dos territórios, evitar conflitos e tornar os indígenas súditos legítimos do rei espanhol, pois seu trabalho era revertido em rendas para a coroa.

Antes da chegada dos jesuítas os povos guaranis que habitavam os territórios da América eram semi-nômades, cuja economia era baseada no plantio de pequenas roças, nas atividades de caça, pesca e coleta. Ademais, “viviam em aldeias compostas por casas coletivas, os líderes políticos eram os caciques e as tarefas curadoras, religiosas e filosóficas eram desempenhadas pelo pajé” (BRUM; CUNHA, 1999, p.241). A organização familiar era polígama e algumas tribos eram guerreiras e canibais.

Os primeiros jesuítas chegaram ao Paraguai por volta de 1588, “conheciam o idioma Guarani e eram procedentes de São Paulo, discípulos de José de Anchieta, sendo, que os primeiros foram João Saloni, Manuel Ortega e Tomas Fields” (SOUSA; JUNIOR; BRAND, 2011, p. 5). Por conseguinte, se tem o início dos trabalhos apostólicos da Companhia de Jesus, com fundação das primeiras reduções em 1609, nesses aldeamentos os jesuítas empreenderam a conquista e

---

[2] MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Iesus en las Prouincias del Paraguay, Parana, Uruguay, y. Tape*. Ed. Imprenta del Reyno. Madrid, 1639.
[3] O *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus), é um conjunto de normas criadas para regulamentar o ensino nos colégios jesuíticos, elaborado pelo fundador da Companhia Inácio de Loyola e passou vigorar em 1552.

catequização dos Guarani. Assim, teve início o processo educacional dos grupos considerados “primitivos”, e essa educação era em sua maioria informal.

> A educação informal é típica das culturas ágrafas em que não há um locus privilegiado de aprendizagem, mas o envolvimento de todos os membros da comunidade neste processo, em que “aprender a ser guarani” é um fenômeno cultural que abrange todos os aspectos materiais e imateriais da vida social; objetivando a integração dos membros da coletividade a forma social vigente. (BRUM; CUNHA, 1999, p.242)



Neste sentido, para que o indígena fosse catequizado era necessária sua alfabetização, possibilitando assim o estabelecimento da comunicação através da qual a conversão era mais efetiva e também contribuía para “consolidar o domínio das gentes e do território”. Tendo em vista esse objetivo um recurso frequentemente utilizado era o dos intérpretes, devido à diversidade de dialetos presentes na colônia era essencial a presença de conhecedores das línguas.

Os interpretes cumpriam assim uma dupla função de ”traduzir a língua guarani as primeiras letras e as instruções dos jesuítas no tocante aos costumes que deveriam ser abandonados pelos neófitos da Companhia” (SOUSA; JUNIOR; BRAND, 2011, p. 8). Assim, aprender e ensinar na língua dos índios era essencial para os jesuítas, os missionários “eram preciosos elementos no terreno, muito por via da sua ação diplomática e de formação de novos intérpretes do que unicamente em prol da expansão da fé cristã, tão recorrentemente usada como bandeira da Coroa” (LEITÃO, 2014, p.90).

O superior das missões do Paraguai, Antônio Ruiz de Montoya educado nos moldes da Companhia, foi enviado para Assunção e nesse período estudou a gramática da língua tupi através da obra *Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* [4]*,* escrita pelo padre José de Anchieta por volta de 1590. Logo após terminar seus estudos foi enviado para auxiliar nas missões jesuíticas do Guaíra[5]. Na redução de Nuestra Señora de Loreto[6] apreendeu a língua guarani e os costumes. Sabendo da importância do conhecimento da língua nativa e com objetivo de facilitar os trabalhos apostólicos dos demais padres redigiu o “vocabulário da língua guarani para uso nas casas do bê-á-bá da Companhia,

[4] ANCHIETA, José. *Arte de Grammatica da Lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: Antonio de Mariz,1595.
[5] A província jesuítica do Guairá, onde hoje se localiza parte do atual Paraná, mas que em 1494 pertencia a Espanha devido ao Tratado de Tordesilhas.
[6] Ficava localizada no território que atualmente faz parte da Argentina.

acrescido do catecismo em espanhol e guarani" (SOUSA; JUNIOR; BRAND, 2011, p. 9).

No entendimento de Leitão (2014), a quantidade de interpretes disponível era muito pequena, em razão disso, a Companhia de Jesus determinou o conhecimento das línguas nativas.



> A aprendizagem das línguas dos nativos das regiões "gentílicas" uma matéria essencial na formação dos missionários. Por esta razão, o geral Cláudio Aquaviva estipulou em 1603 a obrigatoriedade do conhecimento das línguas ameríndias como condição de admissão de jesuítas que fossem enviados para as províncias da América, devendo tornar-se verdadeiros "especialistas na língua". (LEITÃO, 2014, p.92)

Entre os motivos que determinaram a escolha pelas línguas indígenas, destaca-se a diversidade etnolinguística presente na América, as dimensões territoriais e o próprio avanço da expansão, a dificuldade na comunicação com tantos grupos diferentes e espalhados pelas matas e a escassez de intérpretes para cobrir a extensão das missões. Os missionários jesuítas espanhóis atuaram na catequização das reduções indígenas, de 1609 até sua expulsão do império espanhol por volta de 1767. Embora a ordem tenha cumprindo com seus objetivos laicos de expansão geográfica e econômica, e para o estabelecimento dos aldeamentos, na pacificação dos grupos indígenas hostis e ainda manteve seus colégios jesuítas em quase todas as cidades argentinas, paraguaias e uruguaias num verdadeiro monopólio do ensino. Contudo, devido a uma série de conflitos, como por exemplo, as incursões dos bandeirantes e as guerras guaraníticas[7], bem como o choque de interesses com os do Estado decretou seu fim, talvez devido ao seu caráter combativo, acabou acumulando adversários dentro e fora do catolicismo.

## A ESCRITA INDÍGENA NAS REDUÇÕES GUARANI

A "conquista letrada" da cultura Guarani, foi decisiva para o sucesso da evangelização realizada pelos padres jesuítas nas reduções do Paraguai, entre os séculos XVII e XVIII, sendo assim, as missões jesuíticas podem ser consideradas

[7] A Guerra Guaranítica foi um conjunto de conflitos militares entre índios guaranis e a tropa portuguesa e espanhola ocorreu entre 1754 e 1756.

um espaço social de difusão da cultura escrita. É inegável o fato de que, a instrução letrada é inseparável da catequese dos ameríndios e que contribuiu para a elaboração de novas formas de expressão gráfica dos nativos.

Segundo o especialista no assunto Eduardo Neumann (2009), os missionários logo perceberam as possibilidades que a escrita agregava isso é perceptível pelo crescente interesse das ordens religiosas em criar gramáticas para os idiomas nativos. “A Companhia de Jesus, através de seus religiosos, desde o século XVI, empreendeu a tarefa de gramaticalização e de dicionarização” (NEWMAN, 2009, p.181). Dentre essa produção podem ser citadas as obras, como por exemplo, *Arte de Gramática das Línguas mais Usadas na Costa do Brasil*, escrita por José de Anchieta em 1590. Além dessa, *Catecismo na Língua Brasílica*, escrita por Antônio de Araújo em 1618 e a *Arte da Língua Brasílica,* de Luís Figueira publicada no ano de 1621, bem como as obras relacionadas à língua guarani de Antônio Ruiz de Montoya entre elas *Arte y vocabulario de la lengua guaraní*, publicada em 1640, além dessa, outras obras linguísticas de destaque são *Catecismo de la lengua guarani* (1640) e *Tesoro de la lengua guarani* (1639).



Nas reduções do Paraguai, a língua Guarani foi mantida após sua escrita e a descrição gramatical, sendo a “única língua falada e escrita nas missões, com características de língua semi-oficial” (NEWMAN, 2009, p. 181). Ademais, por ser utilizada na catequese acarretou uma grande produção escrita, de textos religiosos, de documentos e cartas. De acordo com Eduardo Neumann em seu entendimento acerca das considerações de Bartomeu Melià[8] sobre passagem da oralidade para a escrita do Guarani, sendo que esse processo ocorre mediante três mecanismos básicos. O primeiro mecanismo descrito é a “escrituralização” alfabética da língua Guarani (uniformidade fonológica), o segundo é a “gramaticalização” da língua indígena (padronização linguística) e por último cabe ressaltar a “dicionarização” das expressões idiomáticas (NEUMANN, 2005).

Contudo, é preciso destacar que a alfabetização não era um privilégio aberto a todos os ameríndios, essa era limitada aos considerados mais preparados ou aqueles que possuíam a confiança dos padres e integravam a elite dentro da hierarquia social das reduções. O espaço reservado a essa elite era o cabildo[9]

[8] MELIÀ, B. *El guaraní dominante y dominado*. Acción: revista paraguaya de reflexión y diálogo, Asunción, n. 11, sept. 1971.
[9] É uma adaptação dos *cabildos* espanhóis.

indígena, que funcionava como uma espécie de conselho, no qual havia o contato com a escrita, sendo que servia a dupla função, pois acomodava a elite nativa e a utilizava no gerenciamento da população, ou seja, como “cada redução contava apenas com um ou dois jesuítas para atender uma população que variava entre dois a três mil habitantes, ou mais. Sem a colaboração desses ‘índios principais’, seria impossível a organização e o controle das atividades em geral”. (NEWMAN, 2009, p. 183)



A instrução alfabética era reservada aos caciques e seus descendentes, que eram a ponte de ligação entre dois universos culturais distintos. Entretanto, mesmo que a alfabetização fosse restrita a uma elite nativa, ela cumpria determinados propósitos, concedeu aos indígenas acesso a uma escrita que de início servia para a reprodução manuscrita de textos religiosos ou mesmo sua tradução. Dado ao exposto é possível concluir que a alfabetização dos indígenas resultou na valorização da escrita no espaço das reduções e proporcionou novas formas de expressão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado é possível perceber que a educação dos indígenas nas reduções guaranis, no que tange ao ensino da língua indígena na sua gramatica, acabou sendo fundamental na catequização, pois possibilitou o contato com o sistema alfabético e também com as alternativas de comunicação advindas da prática escrita. Por fim, esse estudo permitiu contrapor duas formas de educação a informal dos indígenas e a formal dos jesuítas, sem que houvesse uma perspectiva negativa ou mesmo condenatória das ações dos missionários nas reduções, mas com o intuito de refletir sobre a atuação dos padres na catequização durante o período colonial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Ceres Karam; CUNHA, Jorge Luiz. **Pedagogia Jesuítica:** um olhar antropológico. In: Anais do IV Seminário Nacional. HISTEDBR: Unicamp, Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, 1999, p. 240-250.

CALDAS, Camila. **O Demônio e a conquista espiritual de Antônio Ruiz de Montoya (século XVII).** 62 f. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Curitiba: UFPR, 2009.

DAHER, Andrea. **A oralidade perdida:** ensaios de história das práticas letradas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Resenha: HÉBRARD, Jean. Uma sombra sobre o discurso ocidental. Topoi, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 223-227.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. **Letras, ofícios e bons costumes**. Civilidade, ordem e sociabilidades na América portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, p. 10, 2009.



LEITÃO, Ana Rita Bernardo. **Problemática assistencial, sociocultural e educativa nas Aldeias e Missões do Real Colégio de Olinda (séculos XVII e XVIII)**. Tese (Doutoramento em História) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2011.

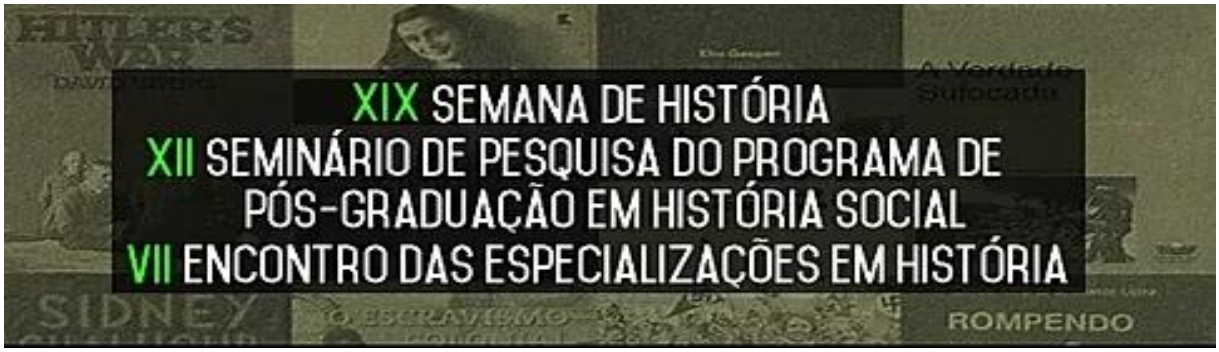
_____. **Sentidos da instrução dos ameríndios em língua portuguesa (séculos XVI A XVIII).** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 60, p. 85-106, jan./jun. 2014. Editora UFPR.

NEUMANN, Eduardo Santos. **Práticas letradas Guarani: produção e usos da escrita indígena (Séculos XVII e XVIII)**. 381 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2005.

NEWMAN, Eduardo. ***"*De letra de índios": cultura escrita e memória indígena nas reduções guaranis do Paraguai**. Varia Historia: Belo Horizonte, vol. 25, nº 41, jan/jun 2009, p.177-196.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas**. 369 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2009.

SOUSA, Neimar Machado de; JUNIOR, Amarilio Ferreira; BRAND, Antônio. **Os Índios Itatim e a Escola.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.






# OS MECANISMOS DE MANUTENÇÃO DO PODER, A ELABORAÇÃO DE CONSENSOS E A MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA EM REGIMES DITATORIAIS

BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni
(UEM)

**Resumo.** O presente artigo apresenta uma reflexão acerca dos mecanismos de manutenção do poder, a elaboração de consensos e a manipulação da opinião pública em regimes ditatoriais buscando inferir sobre comportamentos e discursos de violação aos direitos humanos e o "soudosismo" de períodos obscuros. A história recente mostra um constante digladiar de opiniões que versam sobre os anos obscuros que o Brasil viveu entre 1964 e 1985. Desde as críticas intensas ao regime, à apologia aos "anos de paz e segurança" vemos emergir fenômenos como o consenso, a acomodação, a colaboração e a opinião pública cujos efeitos em longo prazo levaram políticos de extrema direita a vencer as eleições presidenciais do país, bem como formar uma base numericamente expressiva no congresso e no senado nas eleições de 2018. Esses fenômenos nos levam a diversos questionamentos entre eles se destacam: Houve uma compreensão por parte dos brasileiros acerca dos crimes ocorridos na Ditadura Militar? É possível afirmar que a elaboração de um consenso na opinião pública brasileira se formou em bases dicotômicas? O despertar de ideologias de extrema direita no país seria consequência desse processo? Como a opinião pública se forma a partir da dicotomia entre da democracia e o autoritarismo? Essas, são apenas algumas questões que permeiam a vida dos historiadores brasileiros nos últimos anos, mas que permanecem sem respostas concretas. Sem a pretensão de respondê-las, em virtude das limitações que as mesmas apresentam, nesse artigo visamos refletir sobre elas, mesmo que a construção desses argumentos sejam breves inferências.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar; Opinião Pública; Autoritarismo; História recente.

## Introdução

A história recente mostra um constante digladiar de opiniões que versam sobre os anos obscuros que o Brasil viveu entre 1964 e 1985. Desde as críticas intensas ao regime, à apologia aos "anos de paz e segurança" vemos emergir

fenômenos como o consenso, a acomodação, a colaboração e a opinião pública cujos efeitos em longo prazo levaram políticos de extrema direita a vencer as eleições presidenciais do país, bem como formar uma base numericamente expressiva no congresso e no senado nas eleições de 2018.

Esses fenômenos nos levam a diversos questionamentos entre eles se destacam: Houve uma compreensão por parte dos brasileiros acerca dos crimes ocorridos na Ditadura Militar? É possível afirmar que a elaboração de um consenso na opinião pública brasileira se formou em bases dicotômicas? O despertar de ideologias de extrema direita no país seria consequência desse processo? Como a opinião pública se forma a partir da dicotomia entre da democracia e o autoritarismo? Essas, são apenas algumas questões que permeiam a vida dos historiadores brasileiros nos últimos anos, mas que permanecem sem respostas concretas. Não tenho a pretensão de respondê-las nesse artigo, mas buscaremos refletir sobre elas, mesmo que nossas concepções permaneçam sendo breves inferências.



Rodrigo Patto Sá Motta (2016) relata que na ditadura militar brasileira, entre os anos de 1964 a 1985, foi possível perceber o estabelecimento de uma tradição na qual a dominação estatal baseou suas ações simultaneamente na coerção e no consenso. É nessa perspectiva que o autor estabelece que, ao analisar a estratégia de dominação dos Estados autoritários no século XX, não podemos afirmar que os mesmo se basearam apenas na ideia de que houve meios violentos para suas ações, esses governos também utilizaram meios mais “suaves” nas palavras do autor.

Para que os comportamentos durante a ditadura fossem compreendidos e aceitos alguns elementos foram fundamentais na motivação a formação de um consenso. Uma delas é o anticomunismo. O anticomunismo foi uma motivação poderosa para o apoio ao regime militar. Nesse sentido, mesmo que não seja possível afirmar que houve uma colaboração direta com o regime, não podemos negar que não houve um consenso entre a população brasileira de que as ações dos militares eram a única opção plausível para enfrentar o perigo comunista que rondava a América. (MOTTA,2016).

Mesmo que os termos colaboração, acomodação ou resistência se encaixem melhor na análise dos regimes ditatoriais fascistas na Europa, ainda assim é possível pensar as relações de dominação e o comportamento político no quadro

das ditaduras militares na América Latina a partir de análises feitas sobre a égide da relação Europeia em suas ditaduras na medida em que é possível pensar o fenômeno do apoio e do consentimento a esses estados ditatoriais que tinham o seu poder sustentado pelo autoritarismo. (MOTTA,2016).

No caso brasileiro é possível vislumbrar que o termo adesão se encaixa melhor que o termo colaboração. É fato que houve a influência e interferência dos Estados Unidos da América e uma parte da sociedade aderiu às propostas apresentadas pelo regime militar com base na Doutrina de Segurança Nacional, e uma parcela da população resistiu.



**Objetivos**

Refletir acerca dos mecanismos de manutenção do poder, a elaboração de consensos e a manipulação da opinião pública em regimes ditatoriais buscando inferir sobre comportamentos e discursos de violação aos direitos humanos e o “soudosismo” de períodos ditadoriais.

**Resultados**

A sociedade brasileira é assentada nos moldes da sociedade patriarcal. O rentismo, o ruralismo, a concentração fundiária, o machismo são reflexos dessa sociedade o que possibilita o estabelecimento de um contexto onde os modelos de organização social que fogem exponencialmente aos padrões podem trazer como consequência a volta do autoritarismo. Essa situação possibilita inferir os motivos que fragilizam a república brasileira que foi marcada por uma alternância entre a democracia e regimes autoritários trazendo consequências sérias para a organização do estado democrático de direito no país.

Motta (2016) afirma que é preferível usar o termo acomodação ao interpretar o comportamento social da população nos anos da ditadura. Acomodação é um termo que permite integrar esse sentido e incluir também arranjos realizados em outros espaços sociais e institucionais com envolvimento de atores políticos como acadêmicos, cientistas, intelectuais e produtores culturais. É o que Motta vai chamar de jogo de interesses onde existe uma via de mão dupla de mútuas concessões entre estado e atores sociais. Esse processo leva a ações ambíguas. O governo

militar brasileiro utilizou além da tortura e dos assassinatos a estratégia de acomodação para manter o seu poder.

Pensando no desenrolar da política brasileira nas últimas décadas percebe-se um processo de acomodação do governo petista ao sistema político e a velha cultura política do país. Essa acomodação favoreceu para que não houvesse mudanças significativas nas tradições autoritárias contribuindo para o fortalecimento de uma posição que “ressuscitou” espectros ideológicos de valores extremistas levando a conflitos violentos no campo ideológico do país.



Nesse contexto a população, e até mesmo intelectuais, passaram a aceitar líderes que apresentam ataques abertos aos direitos humanos em nome de interesses maiores (valorização da “nação” e da “tradição”) fortalecidos pelos mecanismos midiáticos da era da informação. (MOTTA,2016).

Cândida Calvo Vicente (1995) afirma que os regimes franquistas e fascistas tanto na Itália quanto na Alemanha de fato buscaram um consenso e não se limitaram a realizar uma política repressiva aniquiladora da oposição. Dessa forma a autora define o conceito de consenso a adesão e o apoio dado pelos cidadãos ao sistema político que se traduz em termos de comportamento individual na obediência e na disponibilidade dos mesmos em aceitar as decisões adotadas pela classe política.

A autora vai afirmar que o consenso efetivo não é um fenômeno espontâneo e que se dá de forma desconectada. Há um conjunto de estratégias utilizadas pelo sistema político para conquistar a adesão de simpatizantes. Há destaque para três delas: a manipulação ideológica orientada para difundir uma imagem positiva referente ao sistema político; incitar os indivíduos a um processo de interiorização de uma série de modelos culturais com pautas ideológicas e comportamentais recorrentes as necessidades do sistema e interesse na criação de condições de existência que favorecessem o surgimento de juízos e opiniões positivas em relação ao poder estabelecido como a redução das atitudes e comportamentos críticos. (VICENTE 1995).

Esse processo levou ao estabelecimento da ampliação do consenso social promovendo a aparição de uma nova consciência coletiva e diluindo as velhas identidades de classe, de trabalho, favorecendo o surgimento de uma unidade em torno de um ideal de um conceito ideológico específico, como no caso latino americano, o anticomunismo. (VICENTE 1995).

Philippe Burrin (2004) ao estudar as delações e colaboração com o regime nazista na Europa e a atmosfera do período, vai destacar a ação dos delatores e suas motivações como o medo de ser denunciado, o medo de estar errado ou ser rotulado em público, e a incerteza das pessoas, bem como a sua confusão, sobre o que era bom ou certo, sábio ou oportuno. Um dos efeitos mais notáveis dessa atmosfera, mais detectáveis em alguns círculos do que em outros, era a tendência a ficar atrás de seres que se colocaram na linha de frente no combate aos regimes. Esse fenômeno pode ser relacionado e explicar comportamentos passivos em regimes de exceção.



Daniel Lvovich (2013) ao analisar a natureza da relação entre o regime militar e a sociedade Argentina define a noção de denúncia como a comunicação espontânea de cidadãos dirigida ao estado. O autor afirma que essas denúncias se dirigiam aos inimigos do povo e da nação. Utilizando textos disponibilizados através do arquivo da direção de inteligência de polícia da Província de Buenos Aires gerido pela comissão provincial da memória de Buenos Aires o autor afirma que houveram diversas denúncias em nome da nação e contra os inimigos do povo.

Em diversos regimes existiram um elemento importante que ele vai chamar de denúncia ideológica formada por pessoas que apoiavam o regime, uma espécie de patrulhamento social. Assim, na Argentina, se estabeleceu uma verdadeira guerra contra subversão. Lvovich cita um manual para denúncia de subversão criado pelo Ministério da Educação Argentina em 1977 no qual se descrevia as formas como “subversivos” atuavam. No caso argentino, o governo espalhava terrorismo impulsionando condutas de autoritarismo e de medo no qual a população passa a exercer uma espécie de patrulhamento. O efeito do medo como motor de denúncia produz sujeitos que obedeceram absolutamente e voluntariamente ao regime. É nesse contexto que o autor vai falar sobre uma disputa ideológica que vai se estabelecer dentro da Argentina. De um lado a tradição antiga esquerdista anterior ao regime militar e o anti-comunismo. (LVOVICH, 2013).

O Imaginário social cria condições para cidadãos decidirem delatar os outros de maneira espontânea respondendo a convocações estatais. É interessante observar, nas palavras do autor, que o sujeito era levado a denunciar para não ser confundido com os denunciados e a denunciar para se proteger das más influências dos suspeitos. (LVOVICH, 2013).

Analisando o caso brasileiro podemos perceber, através de uma análise crítica sobre os últimos anos no Brasil, resquícios de ideais difundidos durante a ditadura militar. Um saudosismo que verbera esse período como representativo da ação dos cidadãos de bem, aqueles que atuaram na defesa da nação, da ordem, dos bons costumes e da moral, contra os cidadãos que defendem a promiscuidade, o erro, o comunismo, e a profanação do sagrado.



Nesse contexto vai haver o estabelecimento de uma dicotomia, uma espécie "de nós e eles", os "baderneiros" contra os "cidadãos de bem". Em muitos discursos, inclusive do atual presidente do Brasil, o título de "cidadãos de bem" é dado aos torturadores do regime militar, afirmando categoricamente que na ditadura "só morreu bandido".

No livro Brasil nunca mais, com prefácio de Dom Evaristo Arns, temos acesso a documentos produzidos pelas próprias autoridades encarregadas da prisão dos "subversivos" no Brasil. Esta obra reúne cópias de quase todos os processos políticos que transitaram pela justiça militar brasileira entre abril de 1964 e março de 1979, especialmente aqueles que chegaram ao Superior Tribunal militar. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1985).

O livro vai utilizar o processo da justiça militar como fonte básica recuperando a história de torturas e assassinatos de presos políticos brasileiros. Nele temos contato com denúncias que mostram as origens do aparelho repressivo e sua estruturação, a relação entre a tortura e o inquérito a partir de 1964 no Brasil, os modos e instrumentos de tortura e como eles eram utilizados. O livro também analisa a situação de militares, sindicalistas, estudantes, políticos, jornalistas, religiosos e formação dos processos judiciais e como a justiça militar trabalhava até definir uma sentença.

É interessante observar que mesmo diante de centenas de testemunhos o Brasil ainda vive um processo de justificativa das ações do regime militar na qual torturadores são tratados como lendas, mitos, homens e cidadãos de bem que estavam a cumprir suas obrigações na luta contra o comunismo a favor da moral e dos bons costumes, da família e da preservação da nação brasileira. Um fenômeno no mínimo complexo.

No livro *apoiando Hitler consentimento e coerção na Alemanha nazista*, Robert Gellately faz uma reflexão interessante sobre o contexto no qual Hitler

chegou ao poder na Alemanha que nos faz pensar sobre a atual situação de ascensão de líderes com discursos fascistas.

Ainda que Hitler não fosse uma unanimidade entre os alemães os próprios alemães passaram a aceita-lo e apoiá-lo com firmeza. Com o tempo, é interessante observar que Hitler queria impor uma ditadura mas ao mesmo tempo se preocupava com a simpatia que o povo alemão deveria ter sobre ele. O autor vai colocar que na Alemanha nazista a repressão e o terror foram reinantes, mas que o regime também buscava o consentimento e o apoio do povo visando uma opinião pública favorável, mesmo que através de um controle excessivo sobre ela. (GELLATELY, 2011).



O consentimento e a coerção estiveram entrelaçados durante toda a história do Terceiro Reich até porque algumas minorias e grupos sociais que foram atacadas pelo regime nazista já não tinham a simpatia da população antes da ascensão nazista. É importante perceber que a coerção e o terror eram seletivos e não se abateram de maneira universal sobre o povo alemão. Chama atenção, na obra, um pedido feito por Hitler em 1938 à população alemã, no qual ele pede pela purificação moral do corpo político na qual somente eles estavam aptos a criar uma comunidade nacional e moral pura. (GELLATELY, 2011).

Voltando ao caso do Brasil e analisando os casos de censura durante o regime militar Carlos Fico estuda em seu artigo *Prezada censura cartas ao regime militar,* uma diversidade de periódicos, documentos e informações dispostos a partir da divisão de censura de diversões públicas o DCDP.

Nesse contexto o autor vai afirmar que a partir da edição do ato institucional número 5, em 1968, houve uma intensificação da censura e a ideia era eliminar tudo aquilo que se configurasse como subversivo. (FICO, 2002). Bandeiras de combate ao comunismo de combate à corrupção entre outras diretrizes da retórica radical de direita persistem na atualidade e nos últimos 5 anos tornaram-se muito forte como se houvesse um despertar do comportamento anti-comunista, antidemocrático, anticorrupção, pautado em ideais de que o autoritarismo por si só está embutido de atos anticorruptos.

Assim, temos um processo estabelecido de censura moral e da Imprensa, e essa censura moral também seria um ato político, o que faria com que houvessem uma política de censura às “diversões públicas degeneradas” que não colaboravam com a construção de um estado brasileiro nacional defensor da moral, dos bons

costumes, da família, da tradição e da honestidade durante a Ditadura com o que vivenciamos no Brasil nos últimos anos.

Carlos Fico (2002) vai trabalhar com algumas denúncias, cartas que eram enviadas e tinham como tópico de entrada: “presada censura e amigos da censura”. Essa era a forma como os denunciantes se dirigiam ao DCDP. Fico (2002) cita uma carta de uma senhora que se intitulava como representante de 50 mães de famílias solicitando que fossem censurados alguns programas de TVs especialmente aqueles que contivessem bandalheira, falta de moral e falta de respeito. “Mãe de família idosa”, “pai de adolescentes”, “cinquentenário” tanto quanto “defensores dos indefesos” incluindo velhos crianças e mulheres, eram maneiras que os remetentes das cartas encontravam para se apresentar diante do poder público. (FICO, 2002).



É interessante perceber que nessas cartas os jovens e as crianças aparecem especialmente como indefesos demandando cuidados e esses cuidados deveriam vir da censura por que os mesmos não tinham orientação segura nem no lar e na escola, então havia um ataque a tudo que poderia degenerar a moral e despertar neles sentimentos que eles não sabiam discernir, desde questões políticas até questões eróticas relacionadas ao vandalismo sexual, a poluição do sexo ou anarquia sexual. (FICO, 2002).

Em muitas dessas cartas as mulheres eram tratadas como incapazes e seus remetentes pediam mudanças na programação de TV por que as mulheres eram mentalmente equiparadas a uma criança e podiam absorver as informações deturpadoras da TV com mais facilidade. (FICO, 2002). As cartas visavam uma reforma moral diante da decadência da sociedade. O que seria essa decadência da sociedade? Fico (2002) afirma que seria temas polêmicos como o nu masculino, o homossexualismo, a degeneração sexual, entre outros.

Nesse contexto todo tipo de menção ao homossexualismo motivava todo tipo de reclamação. Carlos Fico (2002) vai dizer que uma curiosidade durante a ditadura militar e a repressão foi que as cartas pedindo censura não tiveram uma maior intensidade durante os períodos dos “anos de chumbo” conhecidos no Brasil como os mais cruéis, e que essas cartas, a maior parte delas, se concentraram entre os anos de 1976 e 1980, ou seja após o processo de início da abertura política do Brasil, o que mostra uma sobrevida dessas ideias e desses ideais, dessas ideologias de defesa da moral e dos bons costumes pautada na manutenção da sociedade patriarcal.

A conjuntura atual demonstra apenas um episódio ínfimo dentro do quadro que se desenha não apenas no Brasil, mas no mundo. Como afirma Fiorucci:

> Um espectro ronda sim a Europa (o Brasil e o mundo). E, mais uma vez, não é o fantasma do comunismo, mas os agentes de carne e osso de grupos e partidos que dialogam com o fascismo e extremismos diversos. Muitos, dos que seguem esses últimos, ainda se alimentam de uma alucinação, uma ilusão, assim como o foi há décadas: o perigo comunista. E não à toa – e de forma impressionante - este continua sendo o mote. Embora tenha se tornado jargão, a advertência de Edmund Burke é mais que assertiva: as pessoas que não conhecem a História, correm o temeroso risco de repeti-la. E hoje, assim como antes, o ovo da serpente está sendo chocado. (FIORUCCI, 2017, p.12).



Na atualidade estamos presenciando diversas mudanças. Dentre elas podemos destacar a diluição dos movimentos sociais, a luta antissindical, os mercados comuns, as economias sendo reguladas pelo Estado, o mercado entrando em crise, mas uma crise que não afetou a isenção fiscal das grandes empresas.

Existem hoje novas elites que organizaram rebeliões. São rebeliões de pessoas interessadas em consumo que defendem que os mais aptos são os que sobrevivem, defendem um reformismo neoliberal e a proposta de uma vida em função do consumismo gerando sociedades egoístas e pouco solidárias

O narcotráfico, a crise fiscal e a vivência de uma etapa final da Guerra Fria faz com que a violência apareça como uma condição estrutural que não desapareceu ao longo do tempo mas se modificou e que dificulta a criação de uma cultura política que integre diferentes grupos buscando uma economia social de convivência nas diferenças e da valorização de valores de integração e não do consumo.

Buscando soluções para essa situação é preciso compreender que por trás das relações econômicas existem fluxos de energia e que é necessário resgatar uma relação entre a sociedade e a natureza buscando romper essa visão antropocêntrica da modernidade. Para isso, a compreensão do nosso papel enquanto historiadores é fundamental.

As ciências sociais e humanas precisam se reconciliar com o mundo físico e o mundo biológico até porque os fenômenos sociais tem relação com o ambiente. O foco, deve ser a busca por uma nova cultura política que possa ser deliberativa e trabalhe na formação de uma nova comunidade moral. Para isso, o papel do historiador é fundamental.

## Considerações Finais

Em um contexto de intensos questionamentos, de descrédito dos professores, de fake News, de “pseudo historiadores” e “desescolarizados” querendo ensinar história às massas ficam os questionamentos: Por que estudar história? Qual o ofício do historiador de nosso século? Essas respostas foram acenadas no decorrer da disciplina através das discussões.



Estudamos história para formar lideranças políticas capazes de formar pessoas com capacidade de formar sujeitos que possam intervir no mundo. A nossa profissão pode salvar mais vidas que qualquer outra área.

Estamos continuamente questionados em nossos ambientes sociais sobre qual a importância de se estudar história, se somos historiadores ou doutrinadores, se levamos ideologia ou verdade, enfim, são questionamentos que violentam e lesam nosso trabalho, nossa saúde.

No entanto, devemos compreender que existe uma localização da história e essa localização nos impõe um problema que é o desafio e o perigo de falar para as massas e ao mesmo tempo o desafio de se fazer ciência. Para isso precisamos compreender que um Historiador precisa de método, rigor e procedimentos. Precisa trabalhar a contrapelo das fontes, precisa confrontar a memória. Vivemos tempos de instabilidade mas a história é uma ciência humana com método e rigor e precisamos focar nisso para realizar nossa obra a despeito das contrariedades.

## Referências Bibliográficas

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil Nunca Mais.** 3 Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BURRIN, Philipe. **Política i societat. Les estructures del poder a l’Itália feixista i l’Alemanya nazi.** In Afers, núm. 25, 1996, pp. 484-510.

BURRIN, Philipe. **Francia bajo la ocuppación nazi 1940-1944**, Barcelona, Paidós, 2004.

FICO, C. **"Prezada Censura". Cartas ao regime militar.** Topoi, Rio de Janeiro, n.5, p.251-86, set. 2002.

FIORUCCI, Rodolfo. O anticomunismo integralista nos anos 1930: o caso

da revista Anauê! In: PRIORI, Angelo ; MATHIAS Meire; FIORUCCI, Rodolfo (org.). **O anticomunismo e a cultura autoritária no Brasil.** Curitiba: Editora Prismas, 2017.

GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha Nazista.** Tradução Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2011.

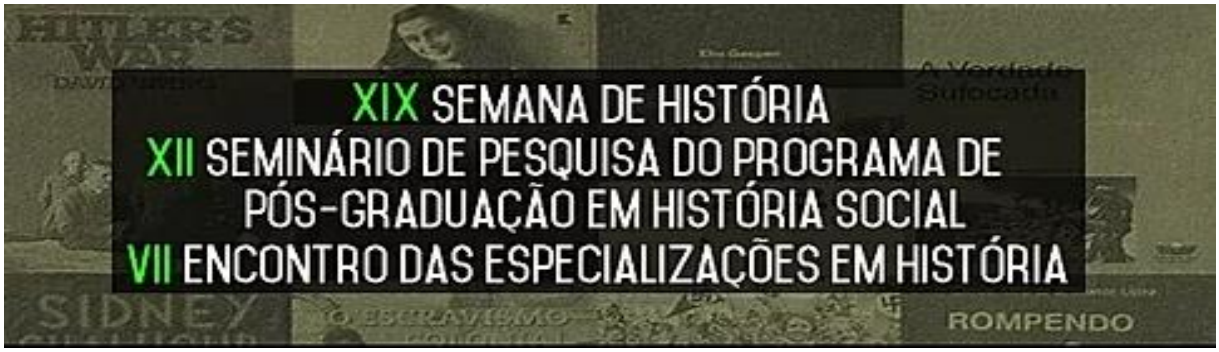
LVOVICH, Daniel. **Actitudes sociales y dictaduras: las historiografias española y argentina em perspectiva comparada**. Em Gabriela Aguila y Luciano Alonsi (comps), Procesos repressivos y actitudes sociales. Entre la España Franquista y las dictaduras del Cono Sur. Buenos Aires, Prometeo, 2013, pp. 123 – 146.



LVOVICH, **Daniel. Sistema político y actitudes cociales em la legitimación de la ditadura militar argentina (1976 – 1983).** In Ayer. Revista de historia contemporânea, núm 75, Madrid , 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto as. **A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura polítca.** In Revista Páginas / ano 8 – núm 17 de maio ; Agosto de 2016, http://revistapaginas.unr.edu.ar/index.php/RevPaginas.

VICENTE, Cândida Calvo**. El Concepto de consenso y su aplicación al estúdio del regime franquista.** In Spagna Contemporánea, n 7, 1995.






# NEGACIONISMO: DISCURSOS E PRÁTICAS DE PERPETUAÇÃO DO TRAUMA

Mariana Boujikian Felippe
(Universidade de São Paulo)

**Resumo.** Diversos casos de genocídios observados ao longo do século XX foram acompanhados pelo fenômeno do negacionismo. Segundo a classificação proposta por Gregory Stanton, a negação é o estágio final do genocídio, e deve ser entendida como parte de um projeto que em última instância busca eximir o perpetrador de qualquer responsabilização. Desse modo, “aqueles que conceberam e realizaram o extermínio conceberam e realizaram, da mesma maneira, a eliminação de todos os vestígios de seus atos.” (NICHANIAN, 2003). Através do processo de negação, o crime se estende a gerações futuras, pois o povo perseguido é privado do seu direito à memória e à verdade e impedido de processar o luto em relação aos acontecimentos. Neste trabalho, pretendo fazer uma retomada bibliográfica acerca dos mecanismos comumente utilizados para promover o negacionismo, trazendo exemplos de discursos e práticas empregados para ocultar, minimizar ou pôr em cheque acontecimentos históricos relacionados à graves violações de direitos humanos. Desse modo, objetivo expor as principais ferramentas que promovem a negação, trazendo exemplos de como estas se explicitam em casos de genocídios e crimes contra a humanidade. Por fim, através da análise de um dos exemplos mais notórios de negacionismo - o genocídio armênio (1915-1923) - tenciono mostrar os efeitos que este processo de negação têm sobre as gerações seguintes, perpetuando o trauma da violência para aqueles que não vivenciaram-na diretamente. Quando postas em práticas, as táticas de negação geram um efeito de retorno ao passado, obrigando as vítimas e seus descendentes a comprovar o próprio sofrimento. Nesse contexto, os mecanismos utilizados pelo Estado negacionista - como a ocultação de documentação, a argumentação da autodefesa, e a relativização do número de mortos - impossibilitam a “elaboração desse trauma coletivo” (LASO, 2010).

**Palavras-chave:** negacionismo; genocídio; trauma

## Introdução

Dentro do universo das Ciências Sociais há um prolífico campo de estudos conhecido genericamente como *genocide studies*. A área - composta por historiadores, antropólogos, cientistas políticos, entre outros pesquisadores - ganhou maior visibilidade após as primeiras publicações centradas no Holocausto nazista, mas tem ampliado seu escopo para casos que vão desde os processos coloniais nas Américas até eventos que marcaram as últimas décadas do século XX, como Camboja e Ruanda. Uma das principais contribuições do referido campo é auxiliar na compreensão do funcionamento de processos genocidas. Entre os mecanismos comumente engendrados por *genocidaires*, o ataque à memória mostra-se um ponto nevrálgico. Nestes contextos, qualquer lembrança da violência em massa torna-se inimiga dos perpetradores, que desejam sair impunes e eximir-se de qualquer responsabilidade. Por este motivo, a bibliografia sobre o tema do negacionismo é vasta, e destaca que uma das grandes consequências da negação é a perpetuação do trauma para a população vitimada.



**Objetivos**

No presente trabalho, objetivo fazer uma retomada bibliográfica acerca da negação de eventos históricos, trazendo exemplos de crimes contra humanidade e genocídios que foram alvo da retórica negacionista, bem como autores que tratam do tema. Ao descrever as estratégias postas em prática para blindar os responsáveis e impedir ações de reparação e responsabilização, pretendo apresentar os principais métodos discursivos utilizados na sustentação do negacionismo. Por fim, através do estudo de caso da comunidade armênia - vítima de um genocídio dentro do Império Turco-Otomano entre 1915-1923 - tenciono demonstrar os efeitos transgeracionais que esses processos têm na população atingida, culpabilizada pela própria tragédia.

**Resultados**

Um dos grandes estudiosos do tema do genocídio, o teórico norte-americano Gregory Stanton, explica a realização dos processos genocidas através de 8 etapa[1],

[1] Os outros estágios são classificação, simbolização, desumanização, organização, polarização, preparação e execução. A produção de Stanton se encontra publicizada no site Genocide Watch,

sendo que a última delas é a negação. De acordo com sua formulação, todo genocídio, sem exceção, é seguido por negação. Apesar de sua definição restringir-se a genocídios, em casos de crimes contra a humanidade - que também representam delitos dentro do direito internacional - a negação é comumente observada, e se inicia logo que as primeiras denúncias de violações de direitos humanos vem a público.



Os sinais iniciais de que alguma violência está sendo cometida contra a população civil, ou no caso de genocídio, contra um grupo nacional, étnico, religioso ou racial, são despistados com a justificativa de que as denúncias não passam de propaganda ou fabricação. Um dos exemplos notórios de negação durante o período acentuado de violência é o caso da Bósnia-Herzegovina. Quando os conflitos na antiga Iugoslávia eclodiram e ganharam as manchetes dos principais jornais, o senador americano McCloskey viajou até o território devastado pela guerra e testemunhou diretamente atrocidades em algumas cidades. Aterrorizado com o cenário que presenciou, ele se encontrou com o líder sérvio Milosevic, e ouviu que os cadáveres mutilados que ele viu pessoalmente eram “parte de uma encenação organizada pelo governo croata” (POWER, 2004, p. 297).

O genocida não hesita em tomar medidas concretas para garantir que as pessoas não acreditem nas notícias quando elas passam a circular na mídia internacional. Depois dos massacres e perseguições, há uma tentativa de apagar evidências dos crimes cometidos. Segundo Stanton, é nesse momento que “os túmulos são escondidos, os arquivos históricos queimados ou fechados para os historiadores.”. Essa tentativa de eliminar vestígios deve ser entendida como parte de um projeto que em última instância busca eximir o perpetrador de qualquer responsabilização pelos atos que cometeu. Nesse processo, ocultamento de cadáveres, documentos e queima de arquivos tornam-se práticas corriqueiras para que o genocídio não se torne parte de uma memória coletiva global.

A experiência de diferentes casos indica que mesmo com esforço deliberado, muitos sobreviventes sentem uma enorme necessidade de falar sobre o que viveram, e inevitavelmente começam a se pronunciar e publicizar suas histórias de vida. Quando as vítimas começam a partilhar as suas vivências, o Estado perpetrador busca implementar o projeto negacionista desqualificando os seus

---

disponível em: <http://www.genocidewatch.org/aboutgenocide/8stagesofgenocide.html> Ultimo acesso (novembro 2019)

testemunhos. É comum que as histórias sejam desacreditadas com o argumento de que não vieram de fontes oficiais; que são fabricações produzidas por inimigos do Estado, etc. Os depoimentos que vêm a luz são imediatamente taxados como meras alegações que não merecem credibilidade. Como aponta Marcio Seligmann-Silva:

> "O negacionismo neste caso é apenas um caso particularmente radical de um movimento que acompanha o gesto genocida (...). O apagamento dos locais e marcas das atrocidades corresponde àquilo que no imaginário posterior também tende a se afirmar: não foi verdade. A resistência quando se trata de se enfrentar o real parece estar do lado do negacionismo. Este sentimento comum mora no próprio sobrevivente e o tortura, gerando uma visão cindida da realidade." (SELIGMANN, 2008, p. 75)



É importante lembrar que a violência relatada possui escalas tão assombrosas que para muitos ouvintes é mais cômodo duvidar da sua veracidade. O genocida sabe usar a incredulidade a seu favor. Nesse sentido, é importante lembrar que nos anos finais do Holocausto nazista, mesmo quando diferentes testemunhas e denúncias indicavam o que acontecia nos campos de concentração, muitos não acreditavam na possibilidade de todos os informes serem reais. Os fatos soavam horríveis demais para serem verdade.

Em relação a incredulidade que toma conta do ouvinte dessas tragédias, a jornalista Samantha Power (2004) relembra, em sua obra-prima sobre genocídios, ("Genocídio, a retórica americana em questão") o momento em que o juiz da Suprema Corte dos EUA Felix Frankfurter ouviu o depoimento de uma jovem polonesa, Jan Karski, sobre o que aconteceu com seu país após a invasão da Alemanha. Depois de escutar o relato da testemunha, o juiz respondeu: "Não estou dizendo que você está mentindo. Estou dizendo simplesmente que não consigo acreditar em você".

Quando a comunidade internacional se vê diante dos testemunhos daqueles que escaparam da morte, os responsáveis passam a empregar métodos discursivos mais sofisticados. Não é possível sustentar eternamente que todos os sobreviventes estão mentindo, pois os relatos costumam apresentar semelhanças demais, e são advindos de pessoas que nunca tiveram contato antes. Desse modo, apesar da cortina de fumaça e da tentativa de acobertamento, aos poucos torna-se incontestável que algo terrível realmente aconteceu. Assim, ao invés de afirmar que nenhuma morte ocorreu e que as denúncias não passam de propaganda, os responsáveis utilizam outras estratégias de negação.

Uma das mais comuns consiste em dizer que as histórias são aumentadas e exageradas. Desse modo, alega-se que os excessos de fato existiram, mas foram pouco expressivos e que a realidade está longe do relatado. O perpetrador procura minimizar os depoimentos e questionar números de forma a relativizar as acusações. Há diversos casos em que a negação toma esses contornos: alega-se que na realidade “poucas pessoas morreram”, ou que “não havia tantas pessoas daquele grupo” no território durante o período. Entre os negacionistas dos crimes nazistas, um dos argumentos mais frequentes é de que sequer havia 6 milhões de judeus na Europa para serem exterminados.



Outra notória forma de negacionismo é a autodefesa, quando genocidas reconhecem as perdas humanas, mas afirmam que estas ocorreram por conta de um contexto específico em que nenhuma outra saída era possível, pois diante dos ataques, era necessário se proteger. Ao enveredar pela autodefesa, o negacionista alega que as matanças foram apenas uma reação à violência praticada primeiramente pelo grupo alvo. Também é comum que os algozes afirmem que foram as vítimas verdadeiras das atrocidades.

A Turquia é especialmente representativa desse tipo de malabarismo histórico. Ao longo de mais de um século, as autoridades alegam que as manifestações de grupos nacionalistas armênios eram atos terroristas, e que por isso foi necessário contê-los à força. A documentação histórica e as testemunhas oculares atestam que o alvo das ações do Comitê de União e Progresso nunca foram exclusivamente os partidos políticos e organizações que buscavam autonomia para a população armênia, que vivia como minoria étnica e religiosa no então Império Turco-Otomano. Toda comunidade, incluindo civis desarmados, mulheres, crianças e idosos foi expulsa de suas propriedades e marcada pra morrer.

Em 2019, a conta da presidência fez um post no Twitter, no dia 24 de abril - a data oficial de rememoração do genocídio armênio - alegando: “A realocação das gangues armênias e seus partidários, que massacraram o povo muçulmano, inclusive mulheres e crianças, no leste da Anatólia, foi a ação mais razoável que poderia ser tomada em tal período. As portas de nossos arquivos estão abertas a todos que buscam a verdade.”[2] Vê-se na retórica do post uma clara inversão do

[2]Disponível em <https://twitter.com/trpresidency/status/1120977576753803265?lang=pt> (último acesso novembro de 2019)

papel de vítima e algoz. O Estado turco - com todo seu poderio militar e amplo controle político do território - vira o perseguido, e a comunidade minoritária que encontrava-se desarmada converte-se no grupo opressor.

Também cabe lembrar que a afirmação de que o país está aberto para quem quiser pesquisar os arquivos não poderia estar mais distante da realidade. O Código Penal Turco tem no artigo 301 pena de prisão para quem “denegrir a ‘turquicidade’”. A mera associação das mortes armênias no período de 1915-1923 com a palavra “genocídio” enquadra-se nesse artigo e pode levar à prisão e forte perseguição política local. Como nos lembra a historiadora Lídia Almeida, o artigo “já foi motivo para punição para vários intelectuais turcos, como Orhan Pamuk, Taner Akçam, Ragip Zarakolu.” (ALMEIDA, 2016, p. 15). O jornalista armênio-turco Hrant Dink, uma das figuras públicas mais proeminentes na denúncia do negacionismo, estava sendo julgado por violar o referido artigo quando foi assassinado em 2007 por um ultranacionalista turco.



Ainda sobre as formas de negação, há também o uso de argumentos que desconstroem a intencionalidade do crime - essencial para a categorização de genocídio. Segundo a convenção da ONU sobre o tema, os atos genocidas são aqueles realizados com intenção de destruir o grupo em todo ou em parte. É necessário, portanto, comprovar que o objetivo era destruir aquela comunidade, mesmo que não totalmente. Alguns argumentos utilizam essa brecha, e alegam que as mortes que ocorreram no período foram acidentes de percurso em meio ao contexto da guerra. No caso dos armênios, é comum que autoridades afirmem que as caravanas que levaram milhares de pessoas a marcharem sem provisões pelo deserto da Síria e morrerem de inanição eram uma política pública que visava sua proteção. A deportação teria sido, segundo a lógica negacionista, uma medida de evacuação que tinha o objetivo de transportá-los para longe das zonas atingidas pela guerra mundial. Essas alegações ocorrem mesmo quando os mapas de deportação evidenciam que a região onde a maioria dos armênios vivia estava, na realidade, km distante do front.

Nos casos de genocídios que ocorreram após o marco da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é comum que a negação venha justamente da comparação com o Holocausto nazista. Frequentemente, o fato de casos como Ruanda terem tido diferenças quantitativas no número de mortos quando comparados a dimensão dos campos de concentração, é utilizado para afirmar que não se trata de genocídio.

É necessário lembrar, como diz Samantha Power, que “(...) um genocídio não tinha de estar desferindo ataques tão abrangentes quanto o Holocausto para caracterizar um genocídio” (POWER, 2004, p. 240). A própria invenção do conceito de genocídio por Raphael Lemkin ocorreu anos antes dos crimes de Auschwitz espantarem o mundo, de modo que não é necessário alcançar uma escala de morte industrial para reivindicar a categoria.



Por fim, há a negação que não vem diretamente de perpetradores ou pessoas movidas por preconceitos e discursos de ódio contra o grupo vitimado. Comumente, a negação pode vir de governos que evitam usar o termo genocídio por motivos políticos. Definir um acontecimento como ‘genocídio’, uma palavra com imensa carga moral, historicamente associada aos episódios mais terríveis da história da humanidade, significa estabelecer um imperativo para ação. Afirmar que está ocorrendo um genocídio e não intervir para impedi-lo é impensável, de modo que diversos governos evitam a todo custo empregar a expressão com intuito de evitar pressões públicas para tomar atitudes concretas e impedir a matança.

Samantha Power relembra casos em que a nomenclatura foi evitada por interesses geopolíticos dos EUA: quando os curdos das zonas rurais do Iraque foram dizimados pelo governo de Saddam Hussein na campanha conhecida como Anfal, que chegou a utilizar gás para assassinar vilas inteiras, as autoridades norte-americanas, mesmo cientes das evidências, se recusaram a afirmar que o que ocorria era um genocídio. Não era estratégico no contexto da época denunciar o país no momento em que Saddam era um aliado contra o Irã. Lembrando novamente o caso da Bósnia-Herzegovina, vários países evitaram usar a palavra ‘genocídio’, e a expressão “limpeza étnica” tornou-se uma espécie de guarda-chuva ou eufemismo para descrever o que ocorria com a população não-sérvia no território.

Termos de abrandamento, ou até mesmo trocas na nomenclatura de um acontecimento histórico são, inclusive, práticas recentemente observadas no Brasil. O período ditatorial de 1964-1985 vem sendo alvo dessa estratégia de negacionismo quando autoridades rejeitam publicamente o termo “golpe” para descrever a tomada de poder pelos militares e utilizam palavras como “revolução” para reabilitar os 21 anos de ditadura como um período glorioso. Ao afirmar que o que houve no período foi um “movimento”, o presidente do Supremo Tribunal

Federal Dias Toffoli[3], uma figura pública que representa a mais alta corte do Judiciário brasileiro, instaurou uma agenda revisionista que relativiza o que o regime representou para o país. Ignora, assim, a ruptura com a legalidade e a Constituição vigente à época para colocar-se em consonância com aqueles que desejam celebrar a violação de direitos humanos.

Independente da situação em que ocorre, as diferentes estratégias de negacionismo possuem algo em comum. Seja em relação a períodos ditatoriais, crimes contra humanidade ou genocídios, Israel Charny define que além de negar a responsabilidade, a negação é uma forma de celebrar destruição, renovar humilhações dos sobreviventes e todos os outros que se importam com a destruição da vida. São ataques a identidade do povo vitimado. (CHARNY, 2003, p. 11)



Através da negação, o crime se estende a todas as gerações futuras, pois o grupo atingido é privado do seu direito à memória e à verdade e impedido de processar o luto em relação aos acontecimentos. Quando esse tipo de trauma ocorre sem ser reconhecido ou referido, os efeitos atravessam gerações. O caso armênio é um dos maiores exemplos do negacionismo patrocinado pelo estado perpetrador, com auxílio de governos aliados. A ausência de mecanismos que permitissem que as vítimas e seus ascendentes fossem escutados em suas experiências colocou os armênios em uma eterna batalha para resgatar uma memória que continua em disputa, após mais de um século.

Marc Chinanian afirma que a exigência de ter que comprovar a veracidade do próprio sofrimento é geradora de uma espécie de looping no espaço-tempo, que coloca sempre os armênios de volta aos eventos do século passado: “Cada vez que uma prova é solicitada, e uma prova é solicitada constantemente, você está novamente na frente do carrasco; você tem que dar conta de sua própria tortura, sua própria morte sob tortura. E é isso que o carrasco queria. Você está totalmente preso na lógica do carrasco. Não há escapatória. Ele está na sua frente.” (CHINANIAN, 2003, p. 133).

Sem espaços em que os sujeitos e suas dores fossem legitimados, armênios temporalmente distantes do genocídio enxergam as reminiscências desse passado como um fator central de sua identidade. Dentro da minha pesquisa de campo, é notável o engajamento de membros da diáspora na luta pelo reconhecimento oficial

[3]Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/toffoli-diz-que-hoje-prefere-chamar-ditadura-militar-de-movimento-de-1964.shtml> (último acesso novembro de 2019)

por parte do Estado turco, e o profundo incômodo que sentem ao ver que as mortes de seus familiares é taxada como uma mentira. Como definiu uma das entrevistadas, neta de sobreviventes do genocídio: “O que o povo armênio luta hoje é pelo reconhecimento. Porque não vai mudar nada. Nada vai voltar, nada vai mudar, o sofrimento continua. Mas acho que as pessoas querem respirar, entendeu? Sabe dar aquele suspiro? (...)”



Para além do incômodo que atravessa gerações, a pesquisa de campo revelou também que algumas histórias, ocultadas pelo Estado turco, permanecem ocultas até hoje, de modo que há membros da diáspora que desconhecem o passado familiar e não sabem dizer o que aconteceu com seus parentes no período. Nesses casos, os nomes das vítimas, nunca enterradas propriamente ou reconhecidas em sua condição de vítimas, se perdem. As narrativas detalhadas sobre a terra de origem, a violência nas trajetórias, e a fuga para o Brasil em busca de refúgio, desaparecem. Logo, a negação também pode provocar um apagamento da história no seio das famílias. Ele prolonga a dor, gera um trauma transgeracional e deixa lacunas irreparáveis, representando uma segunda morte, simbólica.

Por fim, deve-se lembrar que a tolerância com a negação em suas diversas formas é também é um sinal de permissividade para que novos casos se repitam no futuro. A revisão da verdade histórica e a distorção de eventos são combustível para processos de ódio e gatilhos para que episódios semelhantes ocorram novamente. Lembremos da frase proferida por Adolf Hitler durante a invasão da Polônia: "Quem se lembra hoje do extermínio dos armênios?".

## Considerações finais

Stanton afirma em sua exposição que a negação “é melhor superada por julgamentos públicos e comissões da verdade, seguidos por anos de educação sobre os fatos do genocídio, principalmente para os filhos do grupo ou nação que cometeu o crime. O buraco negro do esquecimento é a força negativa que resulta em futuros genocídios”. O trabalho da intelectualidade e a movimentação por políticas públicas de memória são ferramentas essenciais para combater o negacionismo e o revisionismo histórico, que parecem se renovar na era das fake news e da pós-verdade. Como parte da luta pela justiça e democracia, é de suma importância identificar e rechaçar quaisquer movimentos - acadêmicos, estatais, ou

por parte da sociedade civil - que busquem apagar, minimizar, justificar, ou banalizar os crimes que permeiam nossa história enquanto humanidade.

**Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Ligia Cristina Sanchez de. **Armênios e Gregos otomanos: a polêmica de um genocídio.** Diss. Universidade de São Paulo, 2016.

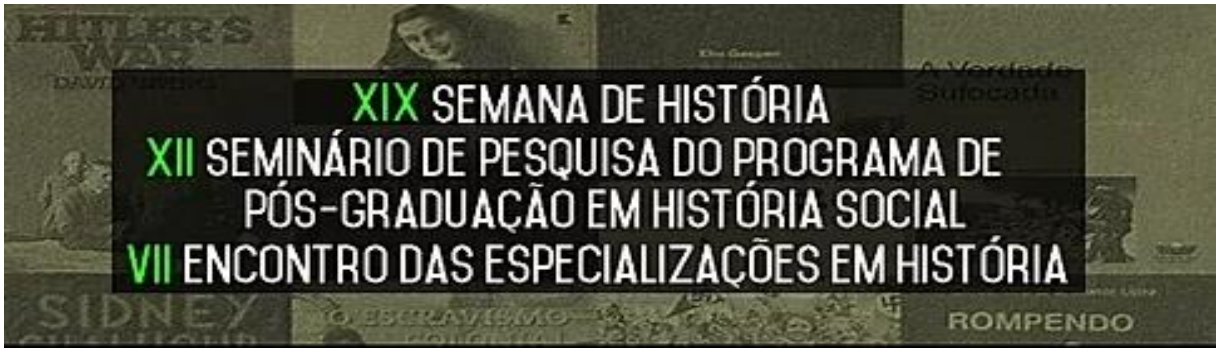
CHARNY, Israel W. A classification of denials of the Holocaust and other genocides. **Journal of Genocide Research**, v. 5, n. 1, p. 11-34, 2003.

POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Editora Companhia das Letras, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas." **Psicologia clínica.** 20.1 (2008): 65-82.

STANTON, Gregory H. The eight stages of genocide. **Genocide Watch**, 1998.

KAZANJIAN, David; NICHANIAN, Marc. Between genocide and catastrophe. **Loss: The politics of mourning**, p. 125-47, 2003.






# INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES DA HISTORIOGRAFIA PARA OS ESTUDOS DA CULTURA

Gabriela Martimiano Crepald Siqueira
Mestranda em História Social
(Universidade Estadual de Londrina)

Bruna Garcia Catarino
Mestranda em História Social/Bolsista CAPES
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** Cada vez mais entre os historiadores a palavra cultura tem se feito bastante presente nas pesquisas da atualidade e, não somente no campo da História, como também no campo das Ciências Sociais. A noção de cultura não se encontra hoje com um único significado definitivo. Por isso se mostrou relevante apresentarmos algumas discussões sobre como essa palavra vem sendo avaliada, relacionada e estudada, principalmente pela História, dentro das suas diversas correntes historiográficas. Para que isso fosse possível, foi preciso que voltássemos um pouco no tempo, para o momento em que os primeiros resquícios de uma mudança, de uma ressignificação da escrita da História começaram a fervilhar e, junto a essas discussões, novas maneiras de se pensar a cultura. A partir dessa reflexão, pudemos apreender, de modo muito abrangente, os caminhos tomados por diferentes correntes historiográficas, entendendo-as dentro de um campo de disputas e confrontos, a possibilidade de novas perspectivas com a interdisciplinaridade com as outras Ciências Sociais, bem como a de múltiplos significados da noção de cultura, presente em toda a vida humana, uma vez que ao homem ela pertence e faz parte.

**Palavras-chave**: Cultura; Correntes historiográficas; Interdisciplinaridade.

## INTRODUÇÃO

## 1. OS OFÍCIOS DA HISTÓRIA, A OCUPAÇÃO DO HISTORIADOR

Cada vez mais entre os historiadores a palavra cultura tem se feito bastante presente nas pesquisas da atualidade e, não somente no campo da História, como

também no campo da Sociologia, Filosofia, Psicologia, Geografia, Antropologia, Economia e outros. Embora muito invocada pelos profissionais das Ciências Humanas já há algum tempo – mais profundamente desde o século XX –, a noção de cultura não se encontra hoje com um único significado definitivo. Por isso se mostra relevante apresentarmos algumas discussões sobre como essa palavra, tão curta, mas que carrega um valor tão grande, vem sendo avaliada, relacionada e estudada, principalmente pela História, dentro das suas diversas correntes historiográficas.



Se a cultura comporta significados diversos, como poderíamos defini-la? E, se definirmos, na perspectiva de quem a estamos fazendo? Para que isso seja possível, é preciso que voltemos um pouco no tempo, para o momento em que os primeiros resquícios de uma mudança, de uma ressignificação da escrita da História começaram a fervilhar e, junto a essas discussões, novas maneiras de se pensar a cultura.

Os caminhos traçados pela narrativa histórica oitocentista começaram a se bifurcar no início do século XX, quando os questionamentos sobre sua construção e a metodologia usada para tal passaram a ser cada vez mais presentes. Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães (2007), o que antes era vendido como uma reconstrução fiel do passado, registrada em documentos considerados legítimos era agora repensado, trazendo para o debate não somente a historiografia como também o papel do historiador.

Mas o que fez com que houvesse essas alterações no que diz respeito a escrita da História? O autor nos responde de forma bastante lúcida: uma vez que a maneira como olhamos e entendemos o passado – o processo histórico – se modifica, a escrita sobre ele também irá se modificar. Não somente isso. As formas com que tratamos o passado estão estreitamente interligadas com as perguntas e questões que levantamos a partir das nossas percepções e compreensões dele – passado – no presente.

O autor traz como exemplo a valorização da memória, que se tornou tão em voga nos debates atuais, trazendo consigo o peso e as expectativas de uma sociedade contemporânea que busca registrar o máximo possível de lembranças na esperança de evitar o esquecimento. Com isso, veio a demasia pelos arquivamentos o que impossibilitaria de enxergarmos “a história como criação” (SALGADO GUIMARÃES, p. 28), somado ao incessante registro de testemunhos

como este sendo considerado – equivocadamente – um documento legítimo dos acontecimentos passados.

Portanto, repensar o papel da História e suas abordagens foi muito determinante – ainda o é – para que novas interpretações fossem refletidas. Em outras palavras, no presente daqueles historiadores oitocentistas, o passado era reconhecido de determinada forma, fazendo parte de uma "realidade" onde os documentos revelariam – acreditavam eles – por si só os fatos já ocorridos em conjunto a uma suposta neutralidade do profissional. Essa era uma maneira de se ver os acontecimentos históricos dentro de uma atmosfera social diferente e, dentro dela, as interpretações de outras questões que englobavam tanto a História, como a noção de cultura.



Para o historiador Roger Chartier (2014), a tarefa do historiador não é mais a de tentar reconstituir fielmente os acontecimentos, mas "[...] sim entender e aceitar melhor que os historiadores de hoje não possuem mais o monopólio das representações do passado" (CHARTIER, 2014, p. 25). Em outras palavras, aquela velha ideia de que a História é detentora do passado não é mais possível de existir, uma vez que diferentes áreas do conhecimento trabalham com esse instrumento supostamente exclusivo do historiador.

Entretanto, os acontecimentos pretéritos não são somente utilizados pelas pesquisas científicas. Muitas das narrativas de ficção também se prontificam a uma tentativa de construção de eventos inventados, imaginários, como aponta Chartier, tão bem elaboradas que abrem espaços para uma reflexão sobre o que poderia diferenciar, então, a narrativa histórica da narrativa ficcional. Essa reflexão se tornou um tipo de crise da História entre as décadas de 1980 e 1990, já que tanto a construção da ficção como a construção do discurso histórico se encaminham por meio da narrativa. Qual seria a sua autoridade de conhecimento? O autor traz como uma das respostas a perspectiva de Carlo Ginzburg (1999), historiador italiano estudioso da vertente da Micro-História. Na interpretação de sua resposta, Chartier entende que

> [...] reconhecer as dimensões retórica ou narrativa do escrito da História de forma alguma implica negar-lhe o *status* de conhecimento verdadeiro, construído sobre a base de provas e controles. Nesse ponto, "conhecimento (mesmo conhecimento Histórico) é possível". (CHARTIER, 2014, p. 26; apud GINZBURG, 1999, p. 25).

Além das narrativas imaginárias, a questão da memória, mais uma vez sendo citada, e do esquecimento também foram enquadradas nos debates que condiziam com o papel da História. Apesar de Guimarães Salgado levantar a importância das produções históricas que envolvem intensamente estudos com a memória, ou, o termo usado pelo próprio autor, a evocação, a lembrança, é preciso ter bastante cuidado por parte do historiador ao fazê-las, compreendendo os contrastes que habitam entre a memória e a História. Ao testemunho caberia a nós apenas dar crédito, confiança, sendo necessário a pesquisa de arquivos, informações, análises, fontes que não necessariamente correspondem a memória de algum indivíduo ou grupo, mas que possam ajudar no seu desenvolvimento das muitas possíveis representações do passado.



Os conflitos e discussões acerca da historiografia são importantes de serem aqui apresentados porque assim, nos permite reconhecer que as discussões sobre a cultura estão dentro das próprias disputas entre os discursos históricos, tendo diversos significados de acordo com cada um.

## 2. Rupturas com o tradicionalismo histórico: novas abordagens, novas metodologias

Se naquele período dos oitocentos a História dava vasão a temáticas que envolvessem os extratos mais elitizados, a cultura também, de alguma forma, era realocada de modo a pertencer a estes grupos. Vista como uma exclusividade destes e, por isso, como algo não inerente a qualquer ser humano.

Dentre algumas das propostas de se reinventar a narrativa histórica “tradicional” – e, incluamos aqui, a própria noção de cultura – temos como exemplo marcante a Escola dos Annales, movimento historiográfico de 1929 marcada por três gerações. É interessante levantarmos um rápido panorama sobre esta vertente, uma vez que foi de suma importância para as discussões em cima de uma nova visão de cultura, por levar em consideração outras fontes que até então não eram reconhecidas como tais. Tudo aquilo que fosse marcado pelo homem, feito ou produzido por ele – vestígios – deveriam ser estudados e avaliados como fonte histórica. Esta, inclusive, agora seria questionada, problematizada e não mais vista como se falasse por si só.

A primeira geração, representada pelos franceses Marc Bloch e Lucian Febvre, opunha-se aqueles documentos oficiais que abrigavam temáticas de caráter político e que envolviam figuras e acontecimentos considerados por eles grandes e importantes. Nesta nova corrente, olharemos ser incluso grupos sociais que antes encontravam-se distorcidos, contribuindo para o desenvolvimento de diversos estudos como, por exemplo, a então chamada História da Cultura “Popular” a partir da década de 1960, já entrando para a sua segunda fase. A palavra popular aqui foi colocada entre aspas por um motivo específico, o qual falaremos sobre no desenrolar do próximo subtítulo.



A segunda, entre as décadas de 1960 e 1970, foi marcada pela obra *O mediterrâneo e o mediterrâneo na época de Felipe II* de Fernand Braudel (1949). É também aqui que veremos esses estudos voltarem sua atenção para as representações produzidas pelos seres humanos, que possibilitaram uma variedade de perspectivas e relatos sobre um mesmo acontecimento, junto a essa nova relação com outras ciências, abrindo espaços para a palavra cultura começar a germinar de modo diferenciado.

Portanto, como vimos mais acima, os estudos da cultura não são uma invenção contemporânea. O século XIX abrigou o que Peter Burke (2005) chama de História Cultural Clássica, no sentido de que as pesquisas contemplavam as “grandes” Arte, Literatura e Ciência, como se estas pudessem falar por si só, ignorando o fator social, os indivíduos que as produziram e os que consumiram, aparentando um quase caráter morfológico.

Porém seria possível de reconhecer que a (Nova) História Cultural foi “redescoberta”, como bem aponta Burke, na década de 1970, década na qual se permeou a terceira geração dos Annales – tendo como um de seus principais representantes os historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora, relacionando-se à corrente da *Nouvelle Historie* (Nova História).

Além dos debates acadêmicos sobre a cultura e a História, esta, como disciplina, também foi bastante questionada principalmente, dentre outras questões, com o livro *A Antropologia Estrutural* (1958) de Claude Lévi-Strauss, que, de modo aqui tratado superficialmente, colocava a cientificidade da História em dúvida, além de propor uma maior importância para a Etnologia como uma área que se aprofundaria muito mais sobre as estruturas do que a História.

Como resposta a Lévi-Strauss, Fernand Braudel publicou um artigo nos Annales naquele mesmo ano (1958) com o título *História e Ciências Sociais: a longa duração* no qual o autor discorre sobre como a temporalidade das coisas e sua relação com os acontecimentos deveriam ser levados em consideração. Braudel, então, propõe uma análise das chamadas curta duração (evento), média duração (conjuntura) e longa duração (estrutura) dos fatos históricos.



O tempo possuiria um leque de pluralidades que nessa perspectiva, estaria diretamente ligado a interdisciplinaridade com as outras ciências, possibilitando abranger e incluir elementos, noções, características, dentre outros, que até então não faziam parte do universo historiográfico, dessa maneira, dando vasão a uma História Social.

Outros novos estudiosos se sobrepuseram às abordagens estruturalistas, como Cleefort Geertz (1978), antropólogo estadunidense, com a vertente antropológica interpretativista ou Antropologia Interpretativa. Esta nova corrente compreende a cultura como um sistema de símbolos, com dinâmicas particulares a ela sendo interpretada pelos sujeitos. Ela também se propõe ver os acontecimentos pelo olhar dos nativos de determinada localidade, diferente da abordagem dos estruturalistas, na qual eles mesmos faziam os processos descritivos, considerados, pela nova vertente, superficiais ou até não condizentes com a realidade, ficcionais.

O antropólogo, segundo o autor, estaria fazendo uma descrição dos acontecimentos, dos discursos e interpretação dos símbolos no caráter de “segunda e terceira mão” (GEERTZ, 1978, p. 25), sendo apenas de primeira mão se fosse feita pelo próprio nativo. Geertz propõe, então, a chamada descrição densa que tem como maior exemplar a piscadela. O ato de piscar poderia ser interpretado de diferentes formas com base na cultura daqueles que se fazem presente ao ato e também daquele que o faz, podendo ser um tique, verdadeiro ou não, que o sujeito tem em um de seus olhos; um piscar consciente com intuito de dizer algo, ou, ainda, uma imitação deste. Todas essas variantes só poderiam ser compreendidas se houvesse o conhecimento sobre o aparato cultural daquele meio, do contrário, poderá não fazer sentido algum para aquele que se encontrar ignorante ao fator cultural e simbólico.

Principalmente entre as primeira e segunda gerações dos Annales havia uma familiarização muito forte com uma História globalizante, a qual dizia respeito aos fenômenos de longa duração, conhecida também como História Total o que, para

alguns estudiosos atrapalhava na relação interdisciplinar com outras áreas de conhecimento, assim como dificultava a possibilidade de se olhar para as particularidades dos sujeitos ou grupos. Uma das abordagens que vem como uma alternativa àquela, é a da Micro-História, trazendo a crítica de que não seria possível compreender toda experiência social por meio da perspectiva macro.

Jacques Revel (2010) aponta o livro *Pueblo em vilo: microhistoria* (1968), de Luíz Gonzáles y Gonzáles como um dos pioneiros no campo da Micro-História e, temos como um dos mais conhecidos, a figura de Carlo Ginzburg, com um de seus livros mais famosos *O queijo e os vermes* (1976). No livro, o autor nos apresenta o julgamento do moleiro Menocchio, perseguido pela Inquisição no contexto do século XVI, que possuía certas particularidades que se diferenciavam da maioria da população da época como, por exemplo, ser letrado ou ainda, ter acesso a certos livros que supostamente não deveria, elaborando seus próprios entendimentos do conteúdo neles encontrado.



Quando o historiador altera a “escala de observação” dos fatos, a realidade que ele via até então se distorce, mostrando-se variante àquela. O autor deixa evidente que a questão não é tentar tirar o mérito das diferentes abordagens históricas, mas sim de buscar dar atenção à importância desses sujeitos sociais, dos processos sociais, assim como analisar quais suas relações levando em consideração que devem ser compreendidos em diferentes níveis – macro e micro –, devido as suas muitas complexidades. (REVEL, 2010, p. 442-443).

Não podemos deixar de levar em consideração também as particularidades do próprio historiador, já que irão interferir e ter importância durante a sua pesquisa. Muito mais além de se preocupar com suas subjetividades e singularidades, dentro dos âmbitos de uma História Social e de uma História Cultural – sendo esta remodelada pela Escola dos Annales –, o historiador deve levar em consideração o máximo de elementos que até certo ponto pertenciam a essas outras áreas – a Antropologia, a Geografia, a Psicologia, a Sociologia, a Economia, e afins. Bem como de ser capaz de distinguir quais caminhos mais lhe convém traçar em meio a tantas vertentes e abordagens historiográficas.

## 2.1 História Cultural e História Social: caminhos que se cruzam

Edward Thompson (2013), historiador inglês de influências marxistas, também fez parte das discussões acaloradas sobre como a História Cultural vinha sendo feita. Apesar dele mesmo ter recebido críticas advindas de alguns estudiosos marxistas sobre como sua obra *A formação da classe operária inglesa* – tendo como primeira edição no ano de 1963 – supostamente deveria ter dado mais vasão para uma base política e econômica; Thompson problematiza a maneira como os historiadores da Cultura ignoravam os conflitos e as experiências dos sujeitos e dos grupos dentro de suas narrativas. Como explica Burke, "seria preciso traçar as distinções entre as culturas das diferentes classes sociais, as culturas dos homens e das mulheres e as culturas das diferentes gerações que vivem na mesma sociedade". (BURKE, 2005, p. 36).



Dito isso, temos agora uma base mínima de conhecimento para compreendermos o porquê do uso de aspas na palavra "popular" anteriormente citada neste trabalho. Pela ótica de Burke, afirmar que uma cultura é popular não significa necessariamente que saibamos quem são os sujeitos que se enquadram nesse termo. "Quem é o povo?" (BURKE, 2005, p. 40), questiona o autor. Seriam todos os membros de uma determinada sociedade? De quais extratos sociais estaríamos falando? Dentro desse "popular" estariam inclusos quais gêneros sociais? E mesmo que estabeleçamos um grupo, este não teria também particularidades que o permitiria ser mais uma vez fragmentado? Como no exemplo dado por ele, não poderia haver uma singularidade na cultura das mulheres, diferenciando-se da cultura dos homens?

Como podemos ver, tentar utilizar o termo "cultura popular" sem tomar os devidos cuidados pode acabar soando muito simplista e vago. Já não é mais possível enxergá-lo como uma vez já foi usado: referindo-se as camadas mais pobres, mais "comuns", as "massas"; aquelas que se distinguiam de grupos elitizados.

Outro aspecto importante a ser trabalhado é aquele discorrido por Thompson sobre os costumes existentes entre os trabalhadores ingleses do século XVIII e XIX. Muitos historiadores acreditavam que esses costumes já estavam em declínio, o que é interpretado de forma totalmente oposta por Thompson. Em primeira

instância, a ideia de costume era utilizada para caracterizar o que hoje identificaríamos como cultura, algo que fosse inerente ao ser humano.

Aqueles costumes tinham ligação direta com o chamado direito consuetudinário, que diz respeito a direitos que não passavam por nenhum tipo de oficialização da Lei, tendo sua origem nos próprios costumes. Os trabalhadores ingleses partilhavam entre si experiências, valores, ideias e perspectivas em comum que estavam diretamente ligados às disputas, às divergências de interesse entre aqueles que se encontravam como opostos.



Assim como Edward Thompson, Roger Chartier também foi, e ainda é, de grande contribuição tanto para a vertente cultural como para a vertente social. Ambas têm como um de seus diferenciais não só a ênfase nos sujeitos e grupos sociais que produzem a cultural, como naqueles que a recepcionam e que, por isso mesmo, também são produtores daquela. Um dos exemplos apresentados por José D'Assunção Barros (2003; 2005) é o livro, profundamente estudado por Roger Chartier. Tanto o autor quanto o leitor de um livro são produtores culturais e inserir o receptor neste papel foi uma novidade da Nova História Cultural.

A noção de apropriação, bem como as de práticas e representações, levantadas por Chartier podem bem ser entendidas neste exemplo. Ao ler um livro, o leitor já está se apropriando dele e o faz de acordo com suas particularidades, subjetividades, dotado de valores pessoais e coletivos, internos e externos, dentro de seu próprio contexto histórico. Assim, um mesmo livro pode ser lido e entendido de maneiras variadas quando dentro de realidades diferentes. A maneira como se vê um livro também vem sendo ressignificada ao longo dos tempos. Segundo Chartier, o livro pode ser um objeto que pertence ao seu adquiridor, uma obra intelectual ou estética que é uma propriedade de seu autor, ou um discurso que é dirigido a um público, por exemplo.

Usemos de outro foco de estudo do autor para compreendermos o que são as práticas e as representações, a leitura. Mais especificamente, a prática da leitura. O modo como lemos hoje não é igual ao modo como se era lido na Antiguidade, onde era necessário segurar o rolo com as duas mãos, sobre uma mesa, levando os olhos de cima abaixo, verticalmente. Uma leitura podia também ser silenciosa, solitária, ou podia ser feita em voz alta, para uma plateia. Já em formato de *códex*, alguns livros podiam ser carregados em mãos com seu leitor, não sendo obrigatoriamente necessário uma base para apoiá-lo para a prática de sua leitura.

Atualmente, além dos livros físicos, ainda em códice, também surgiu um novo suporte, o digital, modificando as práticas de escrita e de leitura. Esta revolução digital nos permitiu ter acesso a incontáveis escritos, de diferentes ordens, porém encontram-se agora em frações, nos dificultando ou até nos impossibilitando de compreendê-lo em sua totalidade. Devido a isso, não seríamos mais capazes de ver a forma material onde cada escrito foi produzido.



Tanto uma quanto a outra – História Social e História Cultural – encontram-se, de certa maneira imbrincadas, como nos mostra a historiadora Silvia Hunold Lara (1997), vendo-se indispensável avaliar as muitas diversidades culturais presentes entre os inúmeros grupos sociais, assim como suas lutas, confrontos, reconhecimentos e estranhamentos, que acontecem de maneiras particulares de acordo com cada grupo social. A autora acredita que “um dos grandes problemas que atravessam a História Cultural e a História Social hoje em dia seja justamente o de lidar com estas relações contraditórias de consenso e dissenso, unidade e diversidade, união e conflito entre grupos sociais de uma sociedade” (LARA, 1997, p. 28).

Junto a esse desafio, a autora salienta algo que estamos defendendo neste trabalho, a pluralidade da noção de cultura, bem como uma expansão de pesquisas historiográficas que têm por objetivo trabalhar com essa dimensão. Isto, por sua vez, nos abre os olhos para uma reflexão sobre a necessidade de repensarmos as formas com que estamos produzindo os discursos históricos, se os problemas que estamos levantando estão sendo trabalhados em cima de uma boa narrativa histórica, coesa, não fazendo uso de terminologias e “conceitos polarizados, com oposições simplistas que separam radicalmente economia de cultura, cultura de sociedade, e assim por diante” (LARA, 1997, p. 28).

Apesar dessa união entre História Cultural e História Social, esta, a segunda, é vista como a mais “oscilante” dentro dos estudos da História por José D’Assunção Barros (2005), por, segundo ele, apresentar uma complicação de critérios e por não ser capaz de levantar fronteiras com o objetivo de limitar onde ela termina e onde uma outra começa.

Barros aponta que as divisões que fazemos dentro da História serviriam para que pudéssemos nos situar nos assuntos, temáticas e abordagens que estariam sendo utilizadas em determinado estudo. Ele afirma que não há fatos que sejam exclusivos de uma única área, de um único recorte. Independente da escolha do

tema a ser trabalhado o historiador precisará recorrer às outras dimensões da História como a Política, a Cultural, a Econômica, e outras.

Dessa forma, se optarmos, por exemplo, por estudar folhetins de determinado jornal, precisaremos avaliar o preço do jornal, qual o poder aquisitivo daqueles que o podiam comprar, a qual grupo social pertenciam, deste grupo, eram homens e mulheres, ou apenas um dos gêneros, qual vertente da Literatura se fazia presente naquele determinado contexto, quem eram as figuras que compunham o jornal, qual o caráter político mais forte presente nele, dentre tantas outras análises que só serão possíveis de serem feitas se acessarmos as várias dimensões da História.



Segundo o autor, embora reconheçamos a impossibilidade de se fazer um trabalho utilizando-se de apenas uma única linha, como visto acima, é de suma importância que o historiador saiba identificar as principais ou mais evidentes dessas linhas dentro de sua pesquisa, assim, deixando tudo mais claro tanto para os leitores da comunidade acadêmica como para os leitores que nela não se encontram. Para tal, o autor nos apresenta três ordens de critérios para uma possível classificação das divisões e especialidades da História. São elas, a dimensão, a abordagem e o domínio.

As divisões da ordem da dimensão dizem respeito ao que o historiador tem intenção de ver, o enfoque. São tipos de modalidades que aparecem e são reconhecidas em “primeiro plano” (BARROS, 2005, p. 4) mais amplamente. Ao desenvolver seu trabalho o historiador, portanto, pode se utilizar de um viés demográfico, econômico, político, cultural, sendo preciso esse viés ser perceptível em uma primeira instância.

As divisões da ordem da abordagem se referem ao tipo de metodologia a ser utilizada pelo historiador junto ao tipo de material e fonte que a ele se dispõem. Seriam “os modos de fazer a história” (BARROS, 2005, p.4), onde o profissional deverá determinar as maneiras com as quais ele irá trabalhar com a fonte escolhida, bem como delimitar os seus recortes, dando ele mesmo os devidos direcionamentos. Assim, o profissional pode optar por trabalhar sua fonte a partir de uma História Oral, de uma História Serial, de uma perspectiva da Micro-História e assim por diante.

Por último, as divisões da ordem de domínio correspondem a um caráter temático e, por isso, são incontáveis os domínios que o profissional pode se utilizar.

Nesta ordem existe uma especificidade maior do que nas anteriores, na qual se vê "orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção do historiador (campos temáticos como o da "história das mulheres" ou da "história do Direito" (BARROS 2005, p.5).

Entretanto, isso não significa que ao historiador seja obrigatório determinar essas três ordens de modo distinto. As divisões dessas três ordens são maleáveis, permitindo então ao profissional fazer uma união e uma ligação entre as modalidades de acordo com sua proposta de pesquisa, também necessitando deixar isso claro na mesma.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, refletindo sobre todos os autores aqui mencionados, pudemos apreender, de modo abrangente, os caminhos tomados por diferentes correntes historiográficas, entendendo-as dentro de um campo de disputas e confrontos, a possibilidade de novas perspectivas com a interdisciplinaridade com as outras Ciências Sociais, bem como a de múltiplos significados da noção de cultura, presente em toda a vida humana, uma vez que ao homem ela pertence e faz parte. Compreendendo a existência dos mais diferentes modos de se fazer História, de se estudar e interpretar o passado, o historiador pode se utilizar de uma gama imensa de trabalhos, discursos históricos, abordagens, temáticas, recortes, emblemas e problemáticas que apenas contribuem e enriquecem a dinâmica e o desenvolvimento de novas perspectivas das narrativas historiográficas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos,** UEM, Maringá, vol 9, n.1, 2005. Disponível em: http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf. Acesso em: 08 ago. 2019.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama histórico e historiográfico. **Textos de História**, UNB, Brasília, vol. 11, ns. 1/2, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277241420. Acesso em: 08 ago. 2019.

BARROS, José D'Assunção. História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH Revista de História da UFOP**, Ouro Preto, n.15, 2005. Disponível em:

https://www.academia.edu/10911063/Hist%C3%B3ria_Social_-_seus_significados_e_seus_caminhos. Acesso em: 08 ago. 2019

BURKE, Peter. A grande tradição. In: BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Tradução: Sérgio Goes de Paulo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, Peter. Problemas da história cultural. In: BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Tradução: Sérgio Goes de Paulo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014.



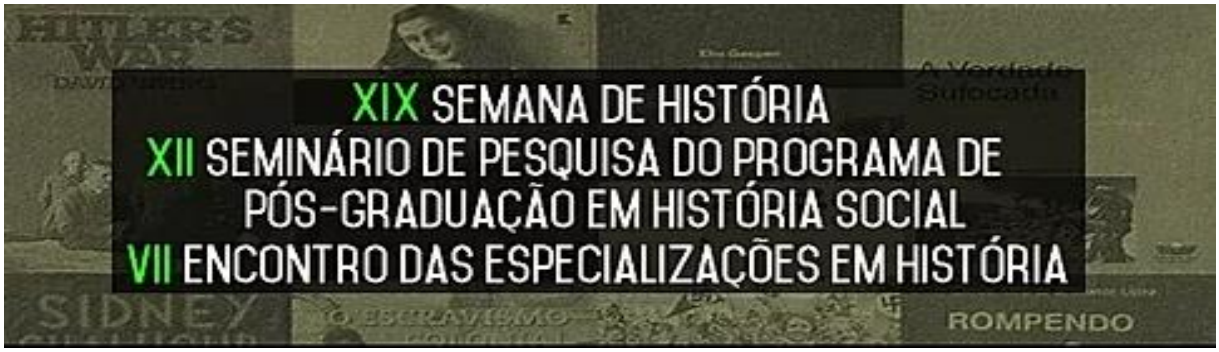
GEERTZ, Cleeford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; CONTIJO, Rebeca (orgs.). **Cultura política e leituras do passado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LARA, Silvia Hunold. História Social e História Cultural. **Diálogos**, n.1, 1997. Disponível em: https://pt.slideshare.net/praetece/historia-cultural-ehistoriasocialsilvialarareun-iao140814. Acesso em: 10 ago. 2019.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, set./dez., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782010000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 ago. 2019

THOMPSON, Edward P. Introdução: costumes e cultura. In: **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.






# POR UMA CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA DA OPERAÇÃO REVISIONISTA DO BRASIL PARALELO

Pedro Zarotti Moreira
(Mestrando no ProfHistoria - Mestrado Profissional em ensino de história – (UNICAMP)
Orientadora: profa. dra. Cristina Meneguello

**Resumo.** Essa apresentação busca articular a exposição do objeto de estudo de uma investigação ainda em andamento integrante da linha de pesquisa “Linguagens e narrativas históricas: produção e difusão” do Mestrado profissional em ensino de história (Profhistoria - Universidade Estadual de Campinas). O objeto é a operação de revisionismo histórica empreendida pela produtora gaúcha de mídia independente *Brasil Paralelo* para a fabricação de “*1964: o Brasil entre armas e livros*” filme-documentário disponibilizado em meio a uma contenda sobre o golpe militar do referido ano, de forma gratuita na plataforma digital de vídeos do Youtube, em 02 de abril de 2019. A problemática norteadora de tal estudo – com que objetivos e de que modos o *Brasil Paralelo* fabricou “1964” - teve como ponto de partida uma questão teórico-metodológica a qual tem tangenciado o processo de ensino-aprendizagem de história na atualidade: como abordar determinados saberes históricos provenientes de outros ambientes (que não o acadêmico e o escolar) trazidos para a sala de aula pelos nossos discentes? A título de exemplo, pode-se citar a inversão do espectro político do nazismo por Olavo de Carvalho; a abordagem da escravidão em uma escala menos tensa por Leandro Narloch; o estilo dito alternativo de Nando Moura, entre outros. Neste sentido, não é raro ouvir dos alunos que o nazismo foi de esquerda, que Zumbi dos Palmares tinha escravos e uma infinidade de outras histórias as quais são ocultadas por nós, professores. Ante a inviabilidade e ineficiência de abordagens para desmentir ou confrontar tais saberes em sala, fez-se imperativo arregimentar uma série de reflexões teóricas a fim de se constituir uma abordagem alternativa. Neste sentido, a história pública vem fornecendo importante instrumental, uma vez que preocupa-se com as diversas formas pelas quais adquirimos nosso senso sobre o passado e com as formas de divulgação do passado para amplos públicos. As salas de aula da segunda década do século XXI, por sua vez, podem ser concebidas como um espaço para a prática da história pública, haja vista que tal lugar é o ponto de encontro para diversas modalidades de saberes históricos: o acadêmico, o pedagógico, o estudantil, o histórico circulante etc. Com esta perspectiva, nota-se a necessidade não de confrontar ou desmentir tais saberes anteriormente aludidos, mas, isto sim, de trazê-

los para o espaço da sala de aula para serem debatidos, considerando-se e problematizando-se as especificidades destes tipos de saberes que se pretendem históricos. O objetivo da pesquisa é traçar um perfil da produtora *Brasil Paralelo* e de suas estratégias de produção do filme-documentário em questão a fim de fornecer aos professores o arcabouço para, quando necessário for, realizar uma crítica contundente e séria do Brasil Paralelo, em sala de aula. Neste sentido, outra dimensão de importância basilar para a pesquisa aqui apresentada refere-se aos debates em torno do chamado revisionismo. Palavra com origem no interior dos debates marxistas durante o final do século XIX, acabou por migrar para os estudos historiográficos após o término da Segunda Guerra Mundial. Entre os historiadores, o termo adquiriu um status camaleônico, significando desde uma legítima renovação nas formas de abordagem e interpretação de alguns temas considerados consenso até disputas ideológicas e apologéticas no seio da comunidade acadêmica, além de uma conotação extremamente pejorativa ao ser requerido pela corrente negacionista do Holocausto. Todavia, no momento contemporâneo, o revisionismo histórico de maior preponderância em operação encontra-se posicionado fora da academia e a fase atual desta pesquisa tem problematizado: quais as nuances de tal revisionismo? O que o caracterizaria e o diferenciaria do revisionismo no interior da academia? O objeto central do mestrado que está sendo desenvolvido não tem como objetivo primordial construir, pura e simplesmente, um inventário dos erros, falhas, falsificações e distorções presentes em "*1964: O Brasil entre armas e livros*" mas, sim, empreender uma crítica de caráter epistemológico a qual evidencie as regras não-ditas, as leis silenciosas, as estratégias persuasivas e os princípios de legitimidade, os quais, em conjunto, nortearam a operação revisionista agenciada pelo Brasil Paralelo para a fabricação de um produto apresentado como uma narrativa histórica e documentária que promete "resgatar a verdade sobre o período mais deturpado de nossa história". É, portanto, com esta perspectiva que o objeto de estudo vem efetivamente sendo abordado nesta investigação. Uma primeira justificativa está no fato de que a organização curricular de história no Brasil é, desde pelo menos o começo do século XIX, objeto de discussões por parte do poder público e dos intelectuais diversos. Tais atores sociais permanecem influentes no debate atual, haja vista as disputas e discussões ao redor da formulação da nova BNCC, do Projeto Escola Sem Partido, das questões de gênero. Todavia, diversos setores da sociedade brasileira tem, cada qual a seu modo, participado de tais discussões, posicionando a história como um dos epicentros do debate público no Brasil, exercendo pressões sobre o seu ensino. A argumentação de parte destes segmentos sociais é nutrida por Olavo de Carvalho, Leandro Narloch, Nando Moura e, evidentemente, pelo Brasil Paralelo. Logo, percebe-se a coerência de temas de estudo que objetivam, de um modo ou de outro, compreender o revisionismo histórico o qual vem sendo difundido atualmente. Outra justificativa para a abordagem em desenvolvimento reside em sua importância acadêmica. Em uma revisão de literatura, ficou exposto a pouca expressividade de pesquisas acadêmicas as quais tratem de questões teórico-metodológicas para a utilização dos documentários em sala de aula pelos professores de história. Neste sentido, existe uma pequena interface entre tais estudos acerca dos documentários e as pesquisas em educação, quer seja de uma forma geral, quer seja recortada para o âmbito do ensino de história. Consequentemente, a conclusão desta pesquisa possui méritos acadêmicos consideráveis, menos por aspirar preencher tais lacunas e mais pelo seu caráter exploratório e dialógico ao buscar apontamentos teóricos, problemas, formas de

abordagem e, em seguida, trazê-los para uma discussão acerca do ensino de História. Por fim, a relevância social constitui um derradeiro e decisivo argumento em favor da conclusão da pesquisa em desenvolvimento. Isto porque as reflexões e análises objetivadas em seu perpassar constituem-se de uma condição necessária para a elaboração de um material paradidático sobre “1964” destinado aos professores de história integrantes da rede de educação básica do país.

**Palavras-chave:** Ensino de história; Revisionismo histórico; Brasil Paralelo.



## Introdução/justificativas

O objeto de estudo abordado nesta comunicação trata-se da operação de revisionismo histórico empreendida pela produtora gaúcha de mídia independente Brasil Paralelo para a fabricação de “1964: o Brasil entre armas e livros”, filme-documentário disponibilizado de forma gratuita na plataforma digital de vídeos do Youtube, em 02 de abril de 2019. Tal produtora, fundada em 2016, apresenta (e insiste em) um discurso de aspiração historiográfica. “Somos uma produtora independente”, dizem seus organizadores, “de documentários políticos e históricos que não recebe nenhum dinheiro público” responsável pela criação do “maior conteúdo político e historiográfico já produzido no país”[1]. Tal aspiração historiográfica torna-se ainda mais evidente quando observamos parte da produção disponibilizada gratuitamente pelo Brasil Paralelo. As séries documentais “Brasil, a última cruzada”, “O teatro das tesouras” e o mencionado “1964” tencionam um ambicioso e bem estruturado projeto de revisionismo ideológico de toda a história do Brasil.

Em 2017, o Brasil Paralelo iniciava a exibição da série “Brasil, a Última Cruzada”, a qual percorre, ao longo de seis episódios, em formato de documentários, a história de nosso país, retrocedendo desde a Idade Média na Europa e alcançando a metade do século XX. Às vésperas da última eleição presidencial, a produtora gaúcha começou a liberar “Teatro das tesouras”, uma série em sete episódios sobre a história de todas as eleições presidenciais brasileiras entre 1989 e 2014. Fica-se a seguinte impressão: “Assim era o Brasil de antigamente e assim é o Brasil atual”, como se coubesse ao último grande lançamento da empresa – 1964 – a responsabilidade em explicar tais mudanças.

[1] BRASIL PARALELO. **Estudos em formatos de séries e documentários cinematográficos**. Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/nucleo-de-formacao/> Acesso em 20 de junho de 2019.

Neste sentido, este documentário sintetiza, ou ao menos parece sintetizar, todas as aspirações do Brasil Paralelo ao debruçar-se sobre nossa história.

Todavia, por que está pesquisa está sendo desenvolvida? De imediato, destaco a contribuição social como argumento decisivo para a conclusão desta pesquisa. Isto porque as reflexões e análises em desenvolvimento são uma condição necessária para a elaboração de um guia com um instrumental teórico-metodológico de análise crítica sobre "1964" destinado aos professores da área de humanas integrantes da rede de educação básica do país. A pertinência e a coerência também advogam em favor desta pesquisa. Elza Nadai apontou que a organização curricular do ensino de história no Brasil vem sendo objeto de discussões desde, pelo menos, a primeira metade do século XIX[2]. Circe Bittencourt, em seus estudos sobre os conteúdos e métodos do ensino de história, acabou por evidenciar os atores sociais, considerando-se as especificidades de cada conjuntura histórica, envolvidos nos debates em torno da história escolar[3].



Os debates mais recentes, por sua vez, sobre o que ensinar em história encontram-se em um novo ponto de tensão. De um lado, observa-se a atuação do poder público, com destaque para a elaboração da Base Nacional Curricular e de uma série de ações sob o nome de Projeto Escola Sem Partido. De outro, nota-se a preocupação crescente da academia com o ensino de história. Todavia, tal debate não está restrito aos gabinetes dos políticos ou aos muros da academia. Alguns "tópicos clássicos dos currículos escolares têm sido ideologicamente apropriados de forma difusa pela retórica revisionista de matriz conservadora que se difunde no meio digital" exercendo pressões sobre o ensino de história.

Neste contexto, a criação do Mestrado Profissional em Ensino de História representa um importante avanço, posto que articula um espaço acadêmico para aqueles que estão na linha de frente do ensino de história, nós professores da educação básica, desenvolvam pesquisas sobre uma série de questões e problemas que tangenciam, direta ou indiretamente, nossas práticas de trabalho. Deste modo, minha investigação vem fazer coro a outras já concluídas, como a de Fernanda Moura e Elton Genari, ou em desenvolvimento, como a das colegas

---

[2] NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: Trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 163-174, set. 92/ago.93.
[3] BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: **fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005, 59-96.

Mariana Rezende e Leny, as quais dedicam-se a analisar, cada qual a seu modo, o impacto de determinados aspectos da atual conjuntura sobre o ensino de história.

Todavia, ante a este conjunto de investigações, a pesquisa em desenvolvimento ganha foros de originalidade pela forma de abordagem da problemática, uma vez que aspira, de certa forma, a realização de uma crítica de caráter epistemológico ao conteúdo histórico produzido pelo Brasil Paralelo. No que tange a relevância científica, esta ficou evidenciada através da revisão da literatura que assinalou a pouca expressividade de pesquisas acadêmicas as quais tratem de questões teórico-metodológicos para a abordagem dos documentários em sala de aula pelos professores de história. Circe Bittencourt, a título de exemplo, expõe que uma mesma metodologia de análise serve para "analisar tanto filmes de ficção como documentários"[4]. Já Marcos Napolitano oferece um diversificado aparato metodológico para a abordagem de filmes no espaço escolar. Contudo, o autor dedica apenas 3 páginas de sua obra para tecer considerações sobre o filme documentário, pois "o cinema ficcional (...) tem sido menos discutidos do ponto de vista didático-pedagógico"[5].



Todavia, Napolitano equivoca-se. Existe uma produção acadêmica vasta sobre os filmes documentários. Bill Nicholls, Cláudia Mesquita, Consuelo Lins, Sérgio Puccini, e Fernão Ramos, entre outros, tem desenvolvido pesquisas de grande valia para a compreensão do documentário. Porém, tais pesquisas concentram-se no âmbito dos estudos de Comunicação. Neste sentido, existe uma pequena interface entre tais estudos acerca dos documentários e as pesquisas em educação. Deste modo, a efetivação desta investigação é de relevância acadêmica considerável, menos por aspirar preencher tais lacunas e mais pelo seu caráter exploratório e dialógico ao buscar apontamentos teóricos, problemas, formas de abordagem e, em seguidas trazê-los para uma discussão acerca do ensino de História.

## Objetivos

### Geral

[4] BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. **São Paulo:** Editora Cortez, 2009, p. 375.
[5] NAPOLITANO, Marcos. **Como utilizar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010, p. 30.

- Compreender a operação de revisionismo ideológico agenciado pela empresa Brasil Paralelo para fabricar “1964: o Brasil entre armas e livros”.

**Específicos**

- Analisar as condições de emergência do Brasil Paralelo;
- Problematizar a troca da variável “academia” pela variável “produtora”;
- Identificar as teses historiográficas, o corpus documental e as filiações teóricas do Brasil Paralelo;
- Problematizar os usos e abusos do método histórico utilizados para o processo de produção do documentário em análise;
- Identificar e analisar as estratégias de persuasão utilizadas em “1964”.



**Resultados**

Há dez anos a frase: ‘Mas se as chamadas “ditabrandas”’ – caso do Brasil entre 1964 e 1985" aparecia no editorial da Folha de São Paulo. À época, a citação foi mote de contendas. Passada a polêmica, o episódio soou como um acorde tocado em dissonância – e logo abafado – em relação ao campo (nem tão) harmônico da historiografia acadêmica. Todavia, no compasso histórico dos últimos tempos, outros acordes dissonantes surgiram e/ou tornaram-se mais agudos. A título de exemplo, pode-se citar a inversão do espectro político do nazismo por Olavo de Carvalho; a abordagem da escravidão em uma escala menos tensa por Leandro Narloch; o estilo dito alternativo de Nando Moura, entre outros. Desarmônicos não só com a historiografia, mas (aparentemente) também entre si, tais acordes são formados por notas que, a exemplo do flautista de Hamilin, tem seduzido cada vez mais parcelas de nossa sociedade. Neste sentido, ouve-se por aí que o nazismo é de esquerda, que Zumbi tinha escravos e uma infinidade de outras histórias ocultadas por nós, professores. E a melodia, a partir da qual tais acordes são arranjados, vem sendo assoviada, ainda que timidamente, pelos alunos durante as aulas de história.

Deste modo, ante a tal bombardeio sonoro em discrepância com a maneira pela qual aprendi a ouvir a história, sobreveio um questionamento: de que forma escutar tais acordes dissonantes em sala de aula? Ignorá-los? Complicado, haja vista o barulho demasiado agudo que fazem. Censurá-los? Difícil, em tempos de internet. Desqualificá-los? Inútil, são bem executados e, portanto, convincentes.

Desmenti-los? Ineficiente, pois eles mostram “a verdade” ocultada pelos professores. Confrontá-los? Qual o sentido, nesse caso, de uma disputa sobre quem atinge a nota mais alta? Nesta direção, a busca por meios de abordar tais acordes em sala, que começam a integrar, a paisagem sonora das aulas de história, conduziu-me, então, a audição de alguns autores. Estes forneceram notações teóricas de grande valia para construir uma partitura sobre a qual se tornasse possível inscrever e, portanto, compreender os aludidos acordes dissonantes.



Consoante, a primeira notação é a de Jill Liddington. Em um de seus textos, a autora explora o conceito de história pública, classificando-o como escorregadio. Contudo, diz Liddington que “o estudo da história pública está ligada a como adquirimos nosso senso de passado” de formas variadas bem como ao modo “como esses passados são apresentados publicamente”[6]. O passado, aponta Liddington, nos rodeia, em especial em suas formas mais populares. Desta sorte, a história é um “ingrediente” presente em diversos produtos da indústria cultural – literatura, novelas, desenhos animados, séries, reportagens – consumidos por nossos alunos e que, de um ou outro modo, tem impacto sobre sua consciência histórica. Nesta direção, Rodrigo Ferreira entende a sala de aula do século XXI como lugar por excelência para a prática da história pública uma vez que o processo de ensino aprendizagem, em tal espaço, opera uma interconexão entre diversos tipos de saberes, tais como o acadêmico, o profissional, o estudantil, o histórico circulante etc. Com a palavra, o autor:

> A história pública valoriza a multiplicidade de significados produzidos em narrativas veiculadas em distintos suportes acadêmicos, cinematográficos, museológicos, musicais etc. E entende como profícua a ampla circulação dessas narrativas, pois os diálogos (...) (re)constroem e (res)significam o conhecimento histórico. A historiografia mantém sua referência, assim como as memórias, as tradições populares, as elaborações da história no âmbito escolar também têm seus valores reconhecidos.[7]

Com esta perspectiva, evidencia-se a abertura de um caminho a partir do qual torna-se possível abordar Nando Moura, Olavo de Carvalho, Leandro Narloch, o Brasil Paralelo e tantos outros: trazê-los para o espaço da sala de aula não para desmenti-los ou desmerecê-los, mas para serem debatidos, considerando-se e

---

[6] Liddington, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. **Introdução à história pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011, pp 32-34.

[7] FERREIRA, R. DE A. HISTÓRIA PÚBLICA E ENSINO DE HISTÓRIA: um olhar sobre o filme no livro didático. **Revista Observatório**, v. 3, n. 2, p. 136-171, 1 abr. 2017.

problematizando-se as especificidades destes tipos de conteúdos que se pretendem saberes históricos. Contudo, quais seriam essas esfericidades? Quais as características destes “saberes históricos aspirantes”? Qual a posição que ocupariam no âmbito da história pública?

Neste sentido, os debates acerca do chamando revisionismo histórico assinalaram uma direção. Para a pesquisadora Valentina Pisanty, a expressão exige uma precisão conceitual, uma vez que toda obra historiográfica – e científica – é, a rigor, revisionista quando busca “reavaliar versões históricas consolidadas à luz de novos conhecimentos surgidos durante a pesquisa”[8]. Contudo, no perpassar do século XX, a expressão assumiu “significados diferentes e contraditórios, prestando-se a usos múltiplos e suscitando muitas vezes mal-entendidos.”[9] Deste modo, Enzo Traverso assinala que a palavra teve origem nos debates marxistas no final do século XIX, migrando para o vocabulário dos historiadores após a Segunda Guerra Mundial. Na seara de Clio, revisionismo passou, então, a significar a) uma operação histórica legítima e necessária; b) um uso apologético do passado; e c) um demérito ao ser requerido pela corrente negacionista do Holocausto.[10]



Deste modo, o interesse em história de Moura, Narloch, Olavo e do Brasil Paralelo, para serem mais bem compreendidos, devem ser inseridos no contexto da segunda vertente do revisionismo. Preocupado com o impacto desta vertente sobre o processo de ensino-aprendizagem do Regime Militar Brasileiro, Eurico Fernandes desenvolveu uma estratégia de abordagem do fenômeno. Na primeira parte da proposta, o autor traça um breve panorama histórico acerca do revisionismo histórico. Na outra, o autor descreve uma série de atividades com análises de vídeos desenvolvidas junto aos alunos[11]. Em que pesem as contribuições da proposta de Fernandes, quando replicadas em outras realidades escolares, em especial naquelas imersas em contextos predominantemente à direita, como a que me encontro enquanto professor, pode funcionar como um

---

[8] PISANTY, Valentina. **L'irritante questione delle camere a gas**. Logica del negazionismo, Milano, Bompiani, 1998,p 5.
[9]TRAVERSO, Enzo. Revisão e revisionismo histórico. In_____ **Passados, modos de usar.** Lisboa, 2005, p. 194.
[10] Idem, pp. 150-153.
[11] FERNANDES, Eurico. O estudo do revisionismo histórico na sala de aula. In Secretária do Estado de Educação do Estado do Paraná. **Os desafios na escola pública na perspectiva do professor**. Paraná, 2016.

ingrediente a mais para a polarizada disputas de narrativas em torno na história na atualidade.

Neste sentido, uma terceira notação teórica foi acrescentada, qual seja, a de Rodrigo Bonaldo. Em sua dissertação de mestrado, o autor toma por objeto de estudo a narrativa jornalística do passado presente na Coleção *Terra Brasilis* de Eduardo Bueno. Tal dissertação é introduzida a partir da problemática: o que faz o jornalista quando fabrica a história?[12] E a maneira pela qual o autor analisa tal narrativa é interessante:



> Não proponho com isso tão somente uma crítica da obra de Eduardo Bueno, como se quisesse encontrar, aqui e acolá, elementos, fatos ou interpretações que não estejam conformes com os produtos mais refinados de nossa historiografia atual. Não quero apenas corrigi-lo (...). Proponho ao contrário, um crítica das leis silenciosas, das regras não ditas que norteiam sua escrita da história, dos princípios de legitimidade de um texto que se apresenta como uma narrativa jornalística sobre eventos do passado, e dos critérios deontológicos que acompanham sutilmente sua hábil retórica. Com isso (...) busco compreender não somente suas asserções, interpretações ou comentários, mas antes suas implicações epistemológicas mais profundas.[13]

Deste modo, a abordagem proposta por Bonaldo para analisar a obra de Eduardo Bueno constitui uma alternativa de análise para escapar da hodierna polarização político-ideológica na abordagem dos revisionismos em sala, uma vez que orienta nosso olhar para analisar a lógica através da qual são organizados. E a referência evidente da problemática de Bonaldo conduziu-me a uma quarta – e decisiva – notação teórica: a de Michel de Certeau. Tal notação encontra-se em um dos capítulos d"*A escrita da história*", na qual o autor teoriza sobre os aspectos constituintes da operação historiográfica, dizendo que: "Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)."[14]

Neste sentido, as teorizações de Certeau e as análises e discussões empreendidas por Bonaldo atravessaram diametralmente minha questão de partida, sinalizando, deste modo, um dos caminhos a partir dos quais os acordes dissonantes de Olavo, Narloch e Nando Moura podem ser abordados: escutando-

---

[12] BONALDO, Rodrigo. **Presentismo e presentificação do passado**: a narrativa jornalística da História na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno. Porto Alegre: UFRS, 2010, p. 11.
[13] Idem, p .15.
[14] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982, p. 65.

os como produtos de uma operação de revisionismo histórico. Todavia, ante a impossibilidade de um estudo que abarcasse um número conside-rável de tais operações, optei por uma abordagem qualitativa e decidi priorizar, pelos motivos expostos na seção anterior, aquela posta em funcionamento pela Produtora Brasil Paralelo, a fim de se compreender: com que objetivos e de que modos esta empresa fabricou 1964?



## Considerações finais

Em uma pesquisa mais densa acerca do conceito de revisionismo foi possível elencar algumas características e propor uma tipologia para os usos do termo em cinco contextos distintos: 1) revisionismo de Bernstein, surgido no final do século XIX, que propunha uma revisão da teoria marxista a fim de substituir o ideário revolucionário socialista por reformas graduais no capitalismo; 2) o revisionismo historiográfico como uma operação legítima de revisão histórica das teses dos *cold wariors* pelos historiadores sociais dos anos 1960; 3) o revisionismo histórico, popularizado nos anos 1980, liderado por François Furet, o qual busca colocar em xeque a tradição revolucionária; 4) o revisionismo como um demérito ao ser requerido pela corrente negacionista do Holocausto; e 5) o revisionismo de caráter ideológico, em voga na atualidade, logo, o que nos interessa nesta análise. Os estudiosos Marcos Napolitano e Mary Anne Junqueira teceram algumas considerações acerca de suas características. Com a palavra, os autores:

> [O] revisionismo com objetivos ideológicos [é] marcado pela ausência de método e da ética próprios da pesquisa historiográfica. Lançando mão de uma espécie de "parametodologia", o revisionista de natureza ideológica se baseia em algumas operações facilmente identificadas: a) apropriação distorcida de teses historiográficas reconhecidas; b) destaque sensacionalista para casos particulares e excepcionais do passado (personagens, valores, instituições), cujas distorções transformam-se rapidamente em exemplos de como teses consagradas por historiadores acadêmicos são "falsas"; c) utilização de fragmentos de fontes, sem a devida contextualização ou crítica; d) exposição linear de fatos por relação direta de causa e efeito, abordagem há muito criticada e superada pela historiografia; e) defesa de posições sobre o passado que já partem de um olhar ideológico, moral ou valorativo — mas devidamente ocultado —, adequando a argumentação para comprová-la (portanto, procedimento inverso do trabalho historiográfico, no qual o ideológico e o valorativo estão explicitados e devem estar limitados às perguntas colocadas e não às respostas obtidas).[15]

[15] NAPOLITANO, Marcos & JUNQUEIRA, Mary Anne. ***Como historiadores e professores devem lidar com revisionismos e negacionismos em sala.*** Texto síntese da Conferência **Negacionismos e Revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça.** São Paulo, 2019,

Cabe dizer também que este revisionismo ideológico guarda certo parentesco com o negacionismo e com o revisionismo histórico. Para Napolitano & Junqueira, o objetivo deste último movimento não é o revisar tampouco ampliar o conhecimento histórico sobre os eventos do passado e sim destruí-lo uma vez que "não propõem novas interpretações sobre estes acontecimentos, mas simplesmente negam evidências e fatos essenciais para sua compreensão"[16]. Algo próximo ao que o Brasil paralelo faz quando afirma que a escravidão em nosso país não teve relação com a etnia dos escravizados ou que a atividade censuratória da época do regime militar foi, em verdade, uma meia-censura ou ainda o silenciamento sobre qualquer menção sobre a atuação do movimento feminista no Brasil.



No tocante as aproximações entre revisionismo histórico e o ideológico, ambos compartilham um objetivo em comum. Tal finalidade é explicitada por Domenico Losurdo em *Guerra e revolução*. Para o filósofo, "a liquidação da tradição revolucionária de 1789 aos dias atuais" é o fio condutor que conecta a torrente 'de releituras, revisitações e reinterpretações denominada de "revisionismo histórico"[17]'. Eric Hobsbawn, ao debruçar-se, em *Ecos da Marselhesa,* sobre a historiografia da Revolução Francesa produzida nos séculos XIX e XX, apresenta uma perspectiva semelhante a de Losurdo. Diz o historiador francês que:

> o revisionismo na história da Revolução Francesa é, simplesmente, um aspecto de um revisionismo muito maior sobre o processo de desenvolvimento ocidental – e mais tarde global – na era do capitalismo e em seu interior (...) à luz das mudanças um tanto extraordinárias que transformaram o mundo desde o final da Segunda Guerra Mundial. [18]

Hobsbawn continua, afirmando que todas essas transformações colocaram como imperativo a sociedade ocidental a necessidade de se repensar sua trajetória histórica. Para a historiadora portuguesa Luciana Soutello, o avanço do neoliberalismo, o colapso do socialismo real e o fim da URSS geraram uma atmosfera na qual o capitalismo, a economia de mercado, eram, apesar dos

---

FFLCH/USP. Texto disponível em: http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/u206/Texto%20S%C3%ADntese%20%20Negacionismo%20%282%29.pdf. Acesso em 11 de novembro de 2019.

[16] Idem.

[17] LOSURDO, Domenico. ***Guerra e revolução:*** *o mundo um século após outubro de 1917.* São Paulo: Boitempo, 2017, p. 12-15.

[18] HOBSBAWN, Eric. ***Ecos da Marselhesa:*** *dois séculos reveem a Revolução Francesa.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 123.

problemas, o destino inexorável da humanidade, aspecto que teve enorme influência nesse processo de reavaliação. Contudo, o desenvolvimento do neoliberalismo vem apresentando desafios para a humanidade[19]. Neste sentido, a Revolução Francesa precisava ser reavaliada, pois, como diz Hobsbwan, ela "deu aos povos a noção de que sua história pode ser mudada por sua ação"[20]. Aqui se entende a coloração da Revolução Francesa, cujo grande revisor é o François Furet, e de seu legado como um movimento prejudicial à marcha da humanidade em direção ao mundo melhor, posto que os seus custos foram desproporcionalmente maiores que os benefícios que trouxe.



**Referências**

BRASIL PARALELO. **Estudos em formatos de séries e documentários cinematográficos**. Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/nucleo-de-formacao/> Acesso em 20 de junho de 2019.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. **São Paulo:** Editora Cortez, 2009.

BONALDO, Rodrigo. **Presentismo e presentificação do passado**: a narrativa jornalística da História na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno. Porto Alegre, 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

FERNANDES, Eurico. O estudo do revisionismo histórico na sala de aula. In Secretária do Estado de Educação do Estado do Paraná. **Os desafios na escola pública na perspectiva do professor**. Paraná, 2016.

FERREIRA, R. DE A. História pública e ensino de história: um olhar sobre o filme no livro didático. **Revista Observatório**, v. 3, n. 2, p. 136-171, 1 abr. 2017.

HOBSBAWN, Eric. ***Ecos da Marselhesa:*** *dois séculos reveem a Revolução Francesa.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. **Introdução à história pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011, pp 32-34.

[19] SOUTELLO, Luciana de Castro. ***A memória do 25 de abril nos anos do cavaquismo***: o desenvolvimento do revisionismo histórico através da imprensa (1985-1995). Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto: 2009, p. 73 a 125.
[20] Idem, p. 125.

LOSURDO, Domenico. ***Guerra e revolução:*** *o mundo um século após outubro de 1917.* São Paulo: Boitempo, 2017.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: Trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 163-174, set. 92/ago.93.

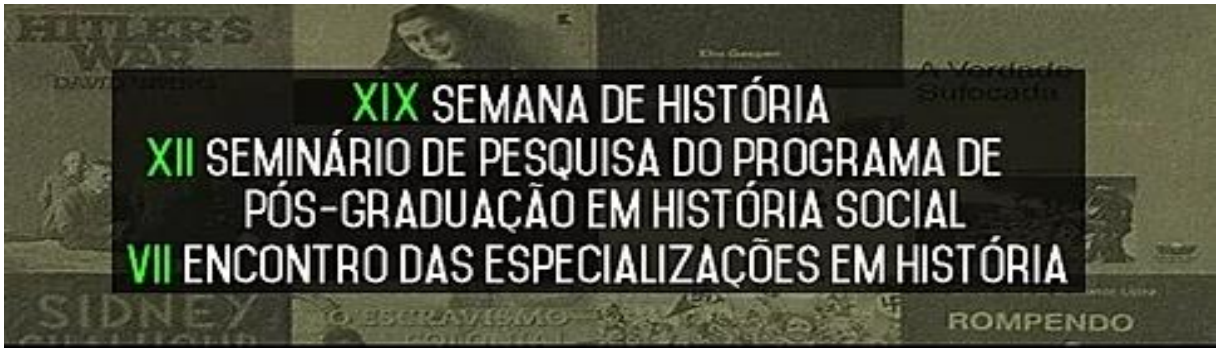
NAPOLITANO, Marcos. **Como utilizar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.

NAPOLITANO, Marcos & JUNQUEIRA, Mary Anne. **Como historiadores e professores devem lidar com revisionismos e negacionismos em sala.** Texto síntese da Conferência **Negacionismos e Revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça.** São Paulo, 2019, FFLCH/USP. Texto disponível em: http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/u206/Texto%20S%C3%ADntese%20%20Negacionismo%20%282%29.pdf. Acesso em 11 de novembro de 2019.

PISANTY, Valentina. **L'irritante questione delle camere a gas**. Logica del negazionismo, Milano, Bompiani, 1998.

SOUTELLO, Luciana de Castro. **A memória do 25 de abril nos anos do cavaquismo: o desenvolvimento do revisionismo histórico através da imprensa (1985-1995).** Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto: 2009.

TRAVERSO, Enzo. Revisão e revisionismo histórico. In_____ **Passados, modos de usar.** Lisboa, Unipope, 2005.






# CASAMENTO HOMOAFETIVO NO BRASIL E OS EMBATES ENTRE LGBTS E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: DE STONEWALL À RESOLUÇÃO 175/2013 DO CNJ

Clodoaldo Oliveira Silva
PPGHS/UEL

**Resumo**: Trata-se de pesquisa de Mestrado, em desenvolvimento na UEL-Universidade Estadual de Londrina, na qual, partindo da análise discursiva da rejeição dos fundamentalistas religiosos acerca dos temas LGBT, em específico a aversão ao casamento homoafetivo, e da defesa dos movimentos sociais e de direitos humanos, sobre a necessidade de tutela do Estado – competente para legitimar o casamento homoafetivo - que, em tese, garantiria acesso igualitário aos direitos fundamentais da população LGBT. O recorte temporal parte da Revolução de Stonewall (1969), até a edição da Resolução 175/2013 do CNJ - Conselho Nacional de Justiça, que veda a proibição dos cartórios cíveis em negar a conversão das uniões homoafetivas em casamento. Salienta-se que, diuturnamente, as redes sociais e a mídia, em geral, oferecem vasto material com a temática LGBT, ainda que as variações sejam praticamente inexistentes, pela repetição dos argumentos, o que instiga a análise das narrativas. Os referenciais teóricos são Michel Foucault e Judith Butler. Em evidência, a compreensão do gênero como concepção historicamente produzida, a submissão ou não do público LGBT aos padrões binários e herméticos da heteronormatividade compulsória, que reproduz padrões binários de sexualidade, e a busca por reconhecimento dos direitos fundamentais da população LGBT se consolidam como focos centrais dessa pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** homoafetividade; casamento; heteronormatividade; direitos humanos

## Introdução/Justificativa

É inegável a evolução histórica dos arranjos familiares, desacompanhada da tutela jurisdicional, dada a inércia ou morosidade dos Estados em absorver as novas configurações, tais quais multiparentalidade, casamento homoafetivo, uniparentalidade e tantas outras demandas sociais que se desenvolvem e se consolidam, socialmente, em que pese a oposição dos grupos reacionários,

especificamente os discursos do pastor Silas Malafaia, membro da Igreja Assembleia de Deus.

Nesse contexto social, a homoconjugalidade se apresenta como objeto recente de discussões acadêmicas e de pesquisa historiográfica. A possibilidade ou não de legitimação jurídica do casamento homoafetivo, na sociedade brasileira, é marcada por discursos favoráveis e contrários, cujos embates se dão, fundamentalmente, entre os movimentos de defesa dos direitos LGBT e os discursos do pastor Silas Malafaia e seus seguidores.



Desse modo, os conflitos discursivos acerca da possibilidade de legitimação jurídica do casamento homoafetivo, além da própria consolidação cultural e social, se dividem entre os defensores da ideia de que esta instituição é capaz de submeter as relações homossexuais ao padrão heteronormativo e os que fundamentam sua análise na possibilidade de subversão da ordem heteronormativa, ou até mesmo de manutenção de um instituto construído historicamente para atender ao modelo heterossexual.

Portanto, a partir da análise discursiva dos argumentos pró e contrários, é possível inferir que os padrões heteronormativos procuram submeter as condutas consideradas “desviantes”, relegando os grupos homossexuais a um plano excludente de inferioridade, quando se leva em consideração o exercício pleno dos direitos civis.

Para tal empreitada, Judith Butler (2016) contribui de maneira significativa com esse debate, quando expõe a imperatividade de se estabelecerem os lugares das identidades, levando em consideração que existe a materialidade e o universo discursivo, em correlação, e que o gênero e a ótica binária não passam de construções sociais, que precisam ser desconstruídas, tanto no campo discursivo quanto no material.

Segundo Butler, não há corpos puramente discursivos, tampouco materiais, e sim, uma correlação entre matéria e discurso. Afirmar que há uma construção de gêneros é, justamente, dar materialidade a esses corpos categorizados.

Essa operação que decide o que é o material, qual é o objeto a que se refere a narrativa, está imbuída de seleção, de certa violência, que delimita o que pode e deve ser incluído na categoria de sexo “natural”, de corpo material, e o que deve ser excluído, por não estar alinhado aos padrões heteronormativos. Por isso, Butler propõe a discussão da determinação do critério que diferencia os sexos no marco

dicotômico da lei heterossexual, a partir de um “exterior constitutivo” engendrado pelas elaborações discursivas predominantes, porque aqui reside a possibilidade de o excluído subverter a lógica heteronormativa.

Portanto, a heteronormatividade não é simplesmente um conceito, mas um discurso que dá materialidade às exclusões violentas das demais identidades.

Segundo Butler, há uma dimensão normativa, que define os corpos que importam e os que estão excluídos do padrão.



> Neste livro meu propósito é chegar a uma compreensão de como aquilo que foi excluído ou desterrado da esfera propriamente dita do “sexo” – entendendo que essa esfera se afirma mediante um imperativo que impõe a heterossexualidade – poderia ser produzido como um retorno perturbador, não somente como uma oposição imaginária que produz uma falha inevitável na aplicação da lei, senão como uma desorganização capacitadora, como a ocasião de rearticular radicalmente o horizonte simbólico no qual há corpos que importam mais que outros (BUTLER, 2002, p.49).

Esses dispositivos, segundo Michel Foucault, de, por intermédio do discurso e sua análise, determinar o “normal” e o inaceitável, ou o normativo e o marginal, o natural e o antinatural, seguem os ditames da heteronormatividade, que alimenta os demais discursos excludentes e repressores da homofobia e seus derivados.

Tais discursos não são naturais, mas naturalizados. Antes, são produtos de uma estrutura política excludente, conforme evidenciou Foucault, e compõem um conjunto heterogêneo de discursos, de instituições, de práticas e de procedimentos, transpassados de normas de poder, dentro das quais os indivíduos e coletividades são constituídas por vezes como objeto, sobre os quais se intervém, e outras vezes como sujeito, que se pensam em relação às categorias do dispositivo. Assim, Foucault afirma que

> Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens ou contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação das leis, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 2007, p. 22).

Desse modo, se faz necessário dar visibilidade às identidades excluídas ou reprimidas no âmbito discursivo e material. Existem princípios constitucionais, que devem ser levados em consideração, para que sejam sopesados os dispositivos

que fundamentarão, ou não, o casamento homoafetivo, bem como a influência heteronormativa. ou seja, o biopoder dando ao indivíduo o empoderamento de seu corpo e de sua condição sexual, ou a legitimação do casamento homoafetivo como forma de adequar a população LGBT ao padrão heterossexual.

Ressalta-se que o conflito discursivo se dá em dois aspectos principais, dos quais se ramificam outras características discursivas, a saber: o primeiro aspecto se refere às narrativas religiosas, contrárias às práticas homossexuais e defensoras da convencionada “família tradicional”, influenciadas pelos discursos do pastor Silas Malafaia, e os movimentos LGBT, que buscam legitimidade social e jurídica. O segundo aspecto se refere à instituição “casamento”, cuja origem remonta a interesses capitalistas e heteronormativos, e o risco de, caso seja legitimado juridicamente, tal instituto jurídico servir como forma de adequação e sujeição dos grupos LGBT aos padrões heterossexuais, o que disseminaria ainda mais o preconceito e a submissão.



Portanto, essa pesquisa parte da constituição histórica desses discursos e do casamento homoafetivo como demanda LGBT, dos conflitos com a parcela da comunidade religiosa Assembleia de Deus, seguidora do pastor Silas Malafaia, e dos aspectos positivos e negativos que tal legitimação poderia acarretar.

**Objetivos**

A pesquisa tem como objetivo principal a análise dos discursos sobre o casamento homoafetivo, no Brasil, e suas implicações sociais e culturais. Assim, estabelecer as características que fundamentam os discursos do pastor Silas Malafaia, membro da Igreja Assembleia de Deus, e seus adeptos (contrários ao casamento homoafetivo) e dos movimentos LGBT (favoráveis), para, desse modo, investigar os dispositivos da heteronormatividade e suas implicações, em face da luta pelos direitos fundamentais e pela dignidade da população LGBT.

**Resultados**

O discurso do pastor Silas Malafaia e de seus adeptos se fundamenta na Bíblia, para justificar sua aversão e rejeição ao casamento homoafetivo. A relação entre homossexualidade e religião cristã, em especial, no Brasil, é marcada por embates e, portanto, não é pacífica ou harmônica. Fundamentando os argumentos

em leituras literais da fonte principal dessa denominação, que é a Bíblia, na qual a homossexualidade é definida como antinatural, abominável, pecaminosa e perigosa. Segundo NATIVIDADE, 2006

> Os discursos religiosos sobre o "pecado do homossexualismo" constituem parte de um complexo de resistência a processos de mudança que evidenciam fissuras na norma da heterossexualidade compulsória. Os sujeitos que sustentam tais discursos constroem sua relativa legitimidade representando-se como portavozes de valores universais, bastiões da moralidade, conjugando percepções negativas da diversidade sexual a uma atuação em oposição ao seu reconhecimento, compreendido como uma ameaça. Dentre esses atores sociais, encontram-se lideranças religiosas, pastores, coordenadores de "ministérios de ajuda", escritores evangélicos, teólogos, psicólogos e parlamentares. A cosmologia cristã fornece, para tais porta-vozes de perspectivas conservadoras, um idioma e um repertório de justificativas que são acionados em defesa deste modelo particular de representação do gênero e da sexualidade.



Ressalta-se que o termo "homossexualismo" não é mais utilizado, por se referir a doença. O termo correto é homossexualidade, por se referir à orientação sexual, e não a um suposto desvio de ordem psíquica. A Assembleia de Deus, em sua gênese, fundamenta na Bíblia seu discurso, contrário ao casamento homoafetivo, através de uma leitura literal do livro bíblico Levítico, conforme segue:

> E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a! …. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.

As igrejas cristãs pentecostais da primeira geração, no Brasil, compostas pela Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Deus é Amor, em regra, defendem duas narrativas a respeito do homossexual: a concepção de homossexualismo, ou seja, de que as práticas homossexuais caracterizam uma doença; e a concepção de que a homossexualidade faz parte do instinto voltado ao pecado e, portanto, deve ser tolerada, desde que haja repressão a esses instintos.

Por outro lado, a população LGBT trava uma luta contra esses ataques, e busca o reconhecimento de sua identidade, por meio do acesso aos direitos civis, exercício da cidadania e representatividade dentro dos diversos setores sociais, culturais e políticos.

Portanto, os embates em torno das lutas por direitos fundamentais da população LGBT e a defesa da liberdade de expressão, por parte dos evangélicos, dão a tônica das discussões que acirram os conflitos discursivos entre esses grupos.

No confronto ao padrão heteronormativo, que procura delimitar a visibilidade gay e lésbica, surge a teoria *queer,* definido por BARCELLOS, 2002,

> O termo queer, que significa “estranho” (e na linguagem comum é empregado como injúria para homossexual), foi reapropriado para designar um modelo que se propôs como alternativa a gay, pois “enquanto gay parece apoiar-se num discurso clássico que crê nas categorias e busca respeito e integração no sistema social, queer nasce com uma vocação mais rebelde, como uma autêntica afirmação da excentricidade.



Nesse cenário, o Brasil, em específico, ainda apresenta resistência à aceitação da democracia das sexualidades, em grande parte pelo peso que o discurso do pastor Silas Malafaia apresenta em relação, sobretudo, à instituição “família”, bem como pela dificuldade social em absorver novas configurações de estrutura familiar.

A heteronormatividade reproduz o discurso da normalidade e naturaliza o que foi construído culturalmente, qual seja, a orientação sexual vinculada ao sexo biológico. Desse modo, o homem está associado à virilidade, e a mulher à fragilidade e feminilidade. Qualquer comportamento diverso da estrutura binária homem/mulher é associada à anormalidade.

No momento em que a homossexualidade passa a ser entendida como fator identitário, ou seja, não patológico, emergem os primeiros grupos de resistência à discriminação, em busca de visibilidade e isonomia.

O fato divisor de águas para alavancar os movimentos de resistência dos grupos homossexuais, talvez, tenha sido a Batalha de Stonewall, ocorrida em 1969, nos Estados Unidos.

O bar *StonewallInn*, localizado em Nova York, foi o palco desse enfrentamento no qual homossexuais se reuniam, e o descontentamento se agravou após episódios reiterados de censura e repressão policial. No dia 28 de junho, após a polícia prender alguns frequentadores do local, iniciou-se um confronto que, após dois dias de resistência intensa, conseguiram afastar os policiais do recinto. A data é reconhecida internacionalmente como o Dia do Orgulho Gay e Lésbico, posteriormente chamado de Dia do Orgulho LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais). A Batalha chamou a atenção de homossexuais de diversos países, além dos EUA, impulsionando a atuação política efetiva dos homossexuais em busca de direitos. Segundo REIS, 2007,

A data que ficou como marca na história do moderno movimento gay mundial foi 28 de junho de 1969, quando a rebelião de LGBT contra as arbitrárias batidas policiais no Bar Stonewall, em Nova Iorque. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando pelos seus direitos. Desde então, '28 de Junho' é considerado o Dia Internacional do Orgulho LGBT.



No Brasil, os movimentos de grupos LGBT se desenvolvem a partir da década de 1970, em meio à ditadura civil-militar, ocorrida entre 1964-1985. Nesse período, a resistência LGBT se deu, sobremaneira, por meio da imprensa alternativa, através de publicações chamadas *Lampião da Esquina* e *ChanacomChana.*

A década de 1980 foi marcada pela epidemia do vírus HIV, responsável por estigmatizar a doença como específica de homossexuais, por vincular a transmissão do vírus ao sexo promíscuo, à degeneração moral e outras narrativas desqualificadoras desses indivíduos. Essa foi uma manchete de um jornal, na década de 1980.

Fonte: https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/documentario-conta-historia-do-hiv-da-aids-no-brasil-23264448. Acesso em 20/08/2019, às 15:48 horas.

O CNJ editou Resolução 175, de 14 de maio de 2013, onde dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo. Ainda que não recepcionada pelo Código Civil, a Resolução legitima a celebração de casamento homoafetivo, no âmbito dos cartórios de registro civil e, portanto, alimentam ainda mais a discussão sobre o tema, provocando o descontentamento dos seguidores do pastor Silas Malafaia ao casamento civil homoafetivo. Logo, surgem campanhas, nas redes sociais e mídias, para desqualificar o casamento civil homoafetivo.

Fonte: www.facebook.com.br

Portanto, a pesquisa em desenvolvimento parte da análise dos discursos do pastor Silas Malafaia e de sua influência no pensamento de seus adeptos, sobremaneira membros da Igreja Assembleia de Deus, para discutir as questões relativas à legitimidade do casamento homoafetivo e suas implicações, em uma sociedade influenciada pelo pensamento religioso e historicamente produzida nos padrões heteronormativos.

**Considerações Finais**

A síntese da pesquisa buscou demonstrar o objeto, qual seja, casamento homoafetivo, os discursos do pastor Silas Malafaia e sua influência na população evangélica das igrejas da primeira geração pentecostal, no Brasil, e LGBT, bem como o alinhamento da análise do discurso com base em Michel Foucault e Judith Butler. O recorte temporal utilizado é o evento de Stonewall, como marco inicial, e a Resolução 175/2013, como marco final, embora esse texto tenha se fixado nos embates discursivos entre Silas Malafaia e LGBT's.

Trata-se de tema altamente relevante, dados os ataques diuturnos contra os direitos humanos e a dignidade das minorias sociais, por parte de governos autoritários e, por vezes, acéfalos.

A pesquisa está em fase de execução, e portanto, muitas discussões até a sua conclusão.

**Referências Bibliográficas**

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo masculino*: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: SOUZA JR., José Luiz foureaux. **Literatura e Homoerotismo**. São Paulo: Scortecci, 2002.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico***.* Trad. Fernando Tomaz. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del «sexo». Buenos Aires: Paidós. 2002.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo.** Cadernos Pagu, v. 11, 1998, p. 11-42.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. **A Ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. São Paulo, Graal, 1979.

DIAS, Maria Berenice**. União homoafetiva**: preconceito e justiça. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade:** A vontade de saber – volume I. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade:** o cuidado de si – volume III. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9ª ed. São Paulo: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade:** o uso dos prazeres – volume II. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. São Paulo: Graal, 2009.

GREEN, James, **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Editora Unesp, 2000

MISKOLCI, Richard**.** A **Teoria** *Queer* **e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias.** n.21, Porto Alegre, 2009.

MOTT, Luiz. **O sexo proibido:** virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição. São Paulo: Papirus, 1994.

MOTTA, Manoel Barros da. **Foucault: ética, sexualidade, política.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária – GEN, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo. *Homossexualidade, Gênero e Cura em Perspectivas Pastorais Evangélicas*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 21, no 61, junho/2006.

REIS, Toni. *O movimento homossexual*. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade**. Londrina: EdUEL. 2007

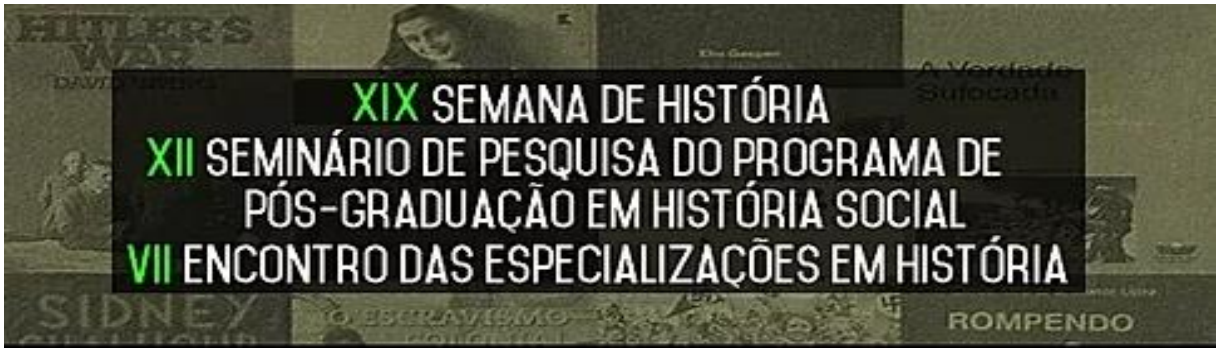
SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva. Vol. 2, n.2. Porto Alegre: Educação & Realidade. Jul/dez. 1995.

SIMÕES, Júlio A. FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris:** do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade:** da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos. São Paulo: Método, 2008.






# **O MONGE HISTORIADOR**: AS REPRESENTAÇÕES DO ZEN BUDISMO POR EDUARDO BASTO DE ALBUQUERQUE NO JORNAL NOTÍCIAS POPULARES (1976-1980)

Leonardo Henrique Luiz
(Doutorando PPH – UEM)
Orientadora: Vanda Fortuna Serafim

**Resumo**: Na presente comunicação buscamos analisar os desenvolvimentos do budismo japonês ligado a escola Sôtô Zen, destacando as representações elaboradas pelo monge e historiador Eduardo Basto de Albuquerque acerca da religião no período de 1976 a 1980. Para investigar essa problemática sugerimos como fonte a coluna sobre budismo mantida por ele no jornal Notícias Populares, periódico ligado ao Grupo Folha entre 1963 a 2001 cujo editorial foi marcado por notícias sensacionalistas. A referida coluna sobre budismo foi mantida entre 1976 a 1980, durante esse período Albuquerque escreveu sobre diversos aspectos do budismo e recebeu cartas de leitores interessados em estabelecer um dialogo com a religião. Sugerimos que essas cartas, que também serão abordadas como documentos, são importantes indícios das leituras feitas sobre o budismo no Brasil e formam uma relação passiva-ativa com os escritos no jornal, isto é, por meio dos textos no jornal Albuquerque respondia seus leitores e interlocutores. Epistemologicamente, basearemos a discussão nos conceitos de representação e apropriação de Roger Chartier, buscando analisar os elementos marcantes do budismo representados na coluna jornalística e como esses elementos foram apropriados pelos leitores e expostos nas cartas. Como resultado espera-se demonstrar que, ao contrário do que a historiografia aponta, a atuação do zen foi mais abrangente, não se limitando a setores intelectualizados da sociedade, isto é, alcançou um público mais diverso e possuidor de interesses particulares dentro do campo religioso brasileiro. Tendo em vista esse público, Albuquerque realizou diversas leituras sobre o budismo, nas quais identificou a religião como uma alternativa religiosa no Brasil que possibilitaria oferecer respostas não encontradas no repertório cristão predominante no Ocidente ou no repertório cientificista.

**Palavras-chaves**: zen; budismo; representação; periódicos; cartas.

## 1. Introdução

A presença das religiões orientais no Brasil está intrinsecamente relacionada aos processos migratórios que permitiram o afluxo de diversas matrizes culturais provindas de vários países ao Brasil. Nesse sentido, no território brasileiro a influência da cultura japonesa se destaca, principalmente, nos estados de São Paulo e Paraná, nos quais podemos perceber diversas instituições religiosas ligadas ao budismo. A existência do budismo no Brasil teve um papel fundamental junto aos imigrantes japoneses, atuando nos anos inicias como religião étnica, caracterizada pela ligação entre as práticas budistas e o universo da cultura japonesa.



Esse fenômeno é denominado por Frank Usarski (2002) de “budismo de imigração”, caracterizado pelos vínculos com a imigração japonesa. Partindo de uma argumentação estatística, o autor defende que esse budismo apresentou movimentos de declínio conforme o passar dos anos, ou seja, com o eventual falecimento dos imigrantes japoneses houve uma diminuição dos praticantes do budismo no Brasil. Usarski identifica tal fenômeno, como fundamental para compreender a introdução do budismo no Brasil, na medida em que para o autor, o momento inicial da entrada dessa religião no país é reveladora dos desenvolvimentos futuros de declínio de fiéis.

Dentro da categoria “budismo”, compreende-se um amplo conjunto de escolas que passaram por desenvolvimentos particulares tanto no Brasil quanto nos países de origem. No presente trabalho buscamos analisar os desenvolvimentos da escola Sôtô Zen (曹洞禅), destacando os processos de recepção entre os interessados na religião no período de 1976 a 1980. Conforme será sugerido, a historiografia destaca como no Brasil o zen foi divulgado principalmente por meio de livros, palestras e seções de meditação, sendo que esses meios de disseminação alcançaram principalmente grupos intelectuais e indivíduos com maior poder financeiro. Entretanto, será que o impacto da religião foi limitado a esses grupos? Para responder a essa questão buscamos problematizar como diferentes grupos e classes sociais se apropriaram do zen no período.

Levantamos como hipótese a possibilidade da atuação do zen ser mais abrangente, alcançando um público mais diverso e possuidor de interesses particulares. Esse público identificou o budismo como uma alternativa religiosa no Brasil, isto é, os indivíduos interessados em traços particulares da religião identificam o zen budismo como uma possibilidade de oferecer respostas não

encontradas no repertório cristão predominante no Ocidente ou no repertório cientificista. Parte desse processo foi influenciado pelas tendências dos movimentos de contracultura que almejaram a transformação social pelas mudanças de consciência, de valores cotidianos e da espiritualidade.

Outra hipótese é de que esses movimentos influenciaram as representações dos ensinamentos budistas para públicos mais amplos, abrindo questões contemporâneas (sobre sexualidade, drogas, debates inter-religiosos, natureza, entre outras) que os monges tiveram/tem que responder visando ampliar o diálogo. Conforme aponta Richard Gonçalves André (2019), é possível perceber um processo de "virtualização do *dharma*" como forma de expansão da religião para além das fronteiras étnicas por meio da internet, o autor argumenta como a atuação da Monja Cohen no Youtube pode ser analisada como uma tentativa de "flexibilidade criativa" buscando realizar mudanças no repertório religioso como uma condição para a perpetuação do zen budismo.



Para investigar essas problemáticas sugerimos como fonte a coluna sobre budismo mantida por Eduardo Basto de Albuquerque no jornal Notícias Populares, periódico que foi ligado ao Grupo Folha existindo entre 1963 a 2001 cujo editorial foi marcado por notícias sensacionalistas. A referida coluna sobre budismo foi mantida entre 1976 a 1980, durante esse período Albuquerque recebeu diversas cartas de leitores interessados em vários aspectos do budismo. Sugerimos que essas cartas, que também são o foco do presente texto devem ser abordadas como documentos, pois são importantes indícios das leituras feitas sobre o budismo no Brasil.

As fontes selecionadas possuem características peculiares, pois, se trata de uma coluna que foi escrita por um historiador. Na época Albuquerque realizava sua tese de doutoramento (1976-1983) em história intitulada "O Irmão e o Mestre – Contribuição ao Estudo da Pobreza Cristã e Budista no século XIII: O Irmão Francisco de Assis e o Mestre Zen Budista Doguen" pela Universidade de São Paulo. Dentro do campo da história das religiões, principalmente nos estudos sobre o budismo japonês, Albuquerque é uma das mais importantes referências acadêmicas, podendo ser destacada sua contribuição na formação de pesquisadores na área e seus trabalhos sobre o budismo. Além disso, no campo maior de estudo das religiões e religiosidades foi um dos idealizadores e fundadores da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Paralela a essas

atividades intelectuais, Albuquerque atuou como monge zen budista no Templo Busshinji em São Paulo. Portanto, tratava-se de um indivíduo com amplo conhecimento acadêmico e religioso acerca do budismo.

Como sugerido, selecionamos como fontes além dos textos da coluna, as cartas dos leitores que foram enviadas diretamente para Albuquerque. As cartas foram escritas por diferentes indivíduos, e como tal possuíam interesses específicos. Em um primeiro olhar, podemos destacar que os leitores partiram de uma via intelectual, pois apesar do jornal ser voltado ao popular, o contato com a coluna sobre budismo foi intermediada pela necessidade de saber ler e, posteriormente, escrever as cartas. O conteúdo dessas cartas são desde pedidos de mais referências sobre o budismo em geral até interessados em encontrar um interlocutor intelectual disposto a discutir sobre religiosidades (não apenas budismo) e aspectos da vida da época, por fim, existiam também indivíduos interessados em obter ajuda para questões cotidianas relacionadas a cura de doenças.



De certa forma, essas cartas apresentam um importante elemento para o entendimento da história do budismo no Brasil, especialmente no caso do zen budismo, pois são documentos que evidenciam a recepção dos ensinamentos budistas entre camadas sociais que não tem necessariamente acesso a prática meditativa. Na historiografia sobre a religião têm-se a constatação do interesse nos aspectos meditativos do zen, principalmente por indivíduos de classe média e intelectuais, nesse sentido, as cartas apresentam novos grupos em paralelo ao identificado por parte da historiografia sobre o budismo (ANDRÉ, 2019; ALBUQUERQUE, 2008; DINIZ, 2010 GONÇALVES, 2005; ROCHA, 2014; SUZUKI, 2005; USARSKI, 2002 entre outros). Dessa forma, é importante constatar que apesar de não ter existido necessariamente uma conversão formal ao budismo, essas pessoas tiveram suas visões de mundo influenciadas pelos ensinamentos de Albuquerque.

É nesse sentido que a recepção da coluna pode ser percebida por intermédio das cartas dos leitores. Por fim, outro ponto interessante é se perguntar qual a intenção do monge historiador em manter tal coluna, sugerimos como hipótese que a motivação predominante de Albuquerque é a da realização do proselitismo religioso. Mesmo sendo de tiragem semanal, por meio da análise dos textos da coluna podemos perceber que Albuquerque ofereceu uma porta de entrada para o budismo que deveria ser complementada com a busca por um monge ou templo

budista. Ao oferecer essa possibilidade o monge reconhecia o espaço de atuação do zen budismo pela via intelectual e se esforçava para manter um canal de contato com outros possíveis interessados na religião.

Do ponto de vista epistemológico a problemática proposta será examinada visando a análise do processo de recepção da religião. Essa abordagem é estabelecida pelas discussões teóricas provindas da história cultural, principalmente dos trabalhos de Roger Chartier (1990; 2001; 2002). Dessa forma, por meio do repertório teórico do historiador francês, o estudo da difusão das ideias sobre o budismo na coluna será realizado tendo em vista o processo de apropriação revelado pelas cartas dos leitores. Nas palavras de Chartier (2002, p. 68)



> A apropriação tal como a entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem. Dar assim atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção do sentido (na relação de leitura mas também em muitas outras) [...]

Sugerimos que a “prática de leitura” pode ser entendida em sentido amplo, contemplando também a leitura em termos de recepção das representações dos discursos e práticas budistas. Chartier aponta que a grande dificuldade em analisar as apropriações está na falta de fontes que revelem os olhares de leitura dos grupos, no caso, os interessados na religião tiveram formas particulares de ler os ensinamentos budistas escritos por Albuquerque, sendo que as cartas revelam indícios dessas práticas de leituras. Portanto, existe uma correlação entre as representações que visaram explicar o budismo para os brasileiros por meio do jornal e a maneira com que os indivíduos apropriaram e elaboraram suas práticas em relação ao ensinamento budista.

O repertório teórico a partir das discussões de Chartier será cortejado com as elaborações realizadas por Michel de Certeau sobre o “fazer homem comum” (CERTEAU, 2014). Para Certeau, no cotidiano os homens estabelecem diversas “maneiras de utilizar” a partir da relação com uma exterioridade imposta, ao definir tal fenômeno com base nas relações de forças o autor propõe os conceitos de “estratégia” e “tática” (CERTEAU, 2014, p. 91). Nos quais, as táticas são abordadas como as astúcias que o homem comum/ordinário trilha frente as estratégias impostas por instituições, normas, discursos, entre outras fontes de poder que

busca estabelecer regras. No caso em questão, sugerimos que a posição privilegiada de monge que escreveu sobre o budismo pode ser entendida como uma estratégia visando estabelecer uma determinada interpretação budista aos leitores, entretanto, os leitores relacionam os ensinamentos da coluna jornalística com sua vida particular e estabelecem suas próprias formulações. Nesse sentido, demonstraremos como os leitores que enviaram as cartas podem ser considerados como “homens ordinários” que deixaram marcas visíveis (apropriações táticas) da atuação do budismo em um público amplo formado não apenas por intelectuais.



A presente pesquisa é um dos primeiros trabalhos que abordam a recepção do budismo no Brasil, conforme é possível perceber pela historiografia sobre a religião (USARSKI, 2002) grande parte das produções são voltadas para as relações com a imigração japonesa e privilegiam os espaços institucionalizados como templos. Nesse sentido, nosso trabalho busca expandir esse enfoque evidenciando as relações do budismo com outras manifestações do sagrado presentes na sociedade brasileira. Além disso, buscamos sugerir que o processo de apropriação das ideias zen budistas está em sintonia com os novos movimentos religiosos de repensar o papel do sagrado, nas palavras de Leila Marrach Basto de Albuquerque (1999, p. 107)

> Sabe-se que o processo de modernização compreende as religiões como fenômenos arcaicos e irracionais a serem superados por uma atitude racional diante da realidade. O novo contexto de manifestações religiosas, todavia, se apresenta como um desafio ao projeto modernizador, encaminhando questões ao binômio religião *versus* modernidade em outras bases. Ou seja, nos leva a contextualizar a expectativa, tão cara aos acadêmicos, de apostar na mentalidade racional e secularizada como complemento obrigatório do processo de modernização.

O projeto modernizador foi ligado ao processo de “desencantamento do mundo” (MONTES, 1998, p. 71), no qual o sagrado estaria sendo relegado a uma posição secundária frente a laicização. Entretanto, conforme argumenta Albuquerque (1999), sugerimos que tal fenômeno encontra contrapartida em um movimento que podemos chamar de “reencantamento do mundo”, no qual novas formas de relação com o sagrado foram elaboradas. Esses movimentos de buscar novas formas de religiosidades tiveram um impacto significativo no Brasil durante a década de 1960 e 1970, principalmente entre indivíduos escolarizados e de um poder aquisitivo maior.

## 2. Objetivos

Conforme apresentado como fonte a coluna “Budismo” mantida entre 1976 a 1980 pelo monge e historiador Eduardo Basto de Albuquerque. Essa coluna tratou sobre temas variados dentro do budismo e alcançou o publico dos leitores do jornal Notícias Populares, portanto, foram pessoas com alguns níveis de instrução: sabiam ler e escrever. Parte desse público também remeteu cartas a Albuquerque, essas cartas são partes essenciais da análise, pois revelam as apropriações das ideias budistas.



Tendo em vista esses aspectos das fontes, as cartas foram organizadas de acordo com a temática da matéria semanal. A ligação entre as datas, possibilita a análise minuciosa da forma com que os ensinamentos budistas foram apropriados. Os documentos fazem parte do acervo pessoal da professora Leila Marrach Basto de Albuquerque, que gentilmente disponibilizou os materiais para consulta e digitalização já realizada.

Metodologicamente, a comunicação entre os leitores e o monge historiador é abordada levando em consideração a tentativa de “formar leitores” do budismo e a responder demandas para aquele público específico (ROMANELLO, 2009). Conforme sugerido, esse fenômeno conta com o processo de apropriação por parte dos leitores (CHARTIER, 2002) que expressaram múltiplos resultados não pretendidos pelo emissor. Outro ponto importante dos estudos que tem jornais como fontes são os interesses em volta da editoração, nesse sentido, levamos em conta a paginação do jornal, o lugar ocupado pela coluna sobre budismo, a linguagem utilizada em comparação com as demais matérias, outros fatores como a linha editorial do grupo responsável, os interesses financeiros, o espaço de atuação do periódico dentro do mercado editorial serão importantes para a delimitação e análise das fontes.

Tendo isso em vista, buscamos organizar e categorizar as 176 colunas a partir do eixo temático proposto pelo monge, o período da publicação, que tipo de linguagem era utilizada e quais referências eram feitas pelo autor. Por exemplo na coluna de 04 de janeiro de 1978 intitulada “A Riqueza do saber”, Albuquerque inicia falando sobre a importância da disciplina no livro budista “Dhammapada – ‘Palavras da Doutrina’ ou a ‘Senda da Verdade’.”. Em seguida, o autor argumenta que paralelo

com a disciplina a experiência direta do indivíduo é imprescindível para adquirimos “as riquezas da sabedoria”, sendo que os conhecimentos oriundos de outras fontes externas não são suficientes. Albuquerque defende também que devemos cultivar o autocontrole durante toda nossa vida para conseguirmos discernir sobre o que queremos, é nesse sentido que os benefícios da meditação budista são apresentados como forma de proporcionar o autocontrole e a experiência direta: “Quantas pessoas leram verdadeiras bibliotecas, sabendo citar de cor versículos, mas quando se defrontam com as situações reais, ficam confusas, nervosas, em tensão.”, por fim o autor fala e divulga as seções de meditação no templo “Soto zenshu” no bairro da Liberdade.



Sugerimos que os temas tratados nessa coluna mostram como o autor parte de ensinamentos complexos, apresenta a aplicação desses ensinamentos para a vida das pessoas e finalmente realiza uma forma de proselitismo que busca angariar fiéis para o templo. As experiências descrias na coluna são destinadas a um público intelectualizado que está insatisfeita com as formas de conhecimento tradicionais, sendo que a meditação é uma alternativa que possibilita a real experiência direta.

Seguindo o método adotado mostraremos um exemplo de resposta dessa coluna. A carta foi escrita à mão no dia seguinte vinda de Pouso Alegre - MG, nela a remetente trata Albuquerque como “colega” e inicia desejando um “Happy new year!”. Como se trata de um texto breve, optamos por transcrever grande parte da carta

> Lendo hoje o artigo do colega Budista, resolvi escrever esta para pedir maior informações sobre as sessões de meditação que estão realizando, pois preciso muito das vossas ajudas, tão espiritualmente como materialmente pois não tenho dinheiro para fazer ou melhor continuar meu tratamento com psicalista. Não podendo comparecer pessoalmente peço orientação pois estou desorientada. Deus lhes pague. Good by. Escrevam por favor em português ou melhor brazileiro. Tiau. Até Breve se Deus quiser. P.S O meu Buda ou melhor o nosso Buda chama-se “Cristo”. E o meu Pai Deus. Eu sou quem vocês buscam. Tenho 3 anos 6 meses e 4 dias e 2 horas. Parapsicologia.

Como podemos perceber pela mensagem, inicialmente a leitora busca mais informações sobre a meditação a partir da leitura do artigo no jornal, mas também busca na figura do monge um acolhimento para suas angústias, acreditando que poderia ser obtida ajuda (inclusive financeira) para o “tratamento com psicalista” [sic.]. Podemos inferir que essa pessoa via em Albuquerque um tipo de sacerdote que poderia trazer orientação para sua vida cotidiana e espiritual que transcendia à

questão budista, principalmente ao relacionar a figura do Buda com Cristo. Além desses elementos trazidos pela leitora, é surpreendente a questão da "Parapsicologia" uma pseudociência voltada para o estudo dos fenômenos paranormais e psíquicos (telepatia, premonição, etc.). A menção a esse assunto logo após a referência ao cristianismo é significativa da religiosidade e das crenças que os diversos indivíduos na sociedade brasileira acreditam e relacionam com o budismo, tais referências foram além daquilo que Albuquerque trabalhou em seu artigo e evidenciam as apropriações nos ensinamentos budistas.



Devido aos limites do presente texto nos restringimos a esse exemplo, mas no total existem em torno de 170 cartas com diferentes remetentes entre 1974 a 1983, nas quais podemos perceber indícios das condições sociais dos remetentes que ocupam posições variadas desde presidiários até advogados. Metodologicamente, essas cartas são abordadas com base nas considerações feitas em trabalhos anteriores, como Davis (2011), Gomes (2004), Martins (2011), Piovesan (2009) e Bastos, Cunha, Mignot (2002) que também privilegiaram as cartas como fontes. De maneira geral, os autores apontam a importância das cartas como instrumentos de trabalho para o historiador que revelam as paixões, carinhos, aflições e experiências que são endereçadas a alguém. No presente caso, tratam-se de cartas de várias regiões do país de "desconhecidos/anônimos" para o monge historiador. É interessante notar como os indivíduos da década de 1970 e 1980 no Brasil, dentro de suas limitações e recursos disponíveis, buscaram interagir com a experiência religiosa budista, como mostrado no exemplo da carta acima, as relações feitas pelos leitores foram múltiplas, independente da ficcionalidade das experiências relatadas, importa analisar os elementos narrativos que compõem as correspondências e demonstram as táticas discursivas dos indivíduos daquele período histórico (DAVI, 2011).

## 3. Considerações finais

No presente texto buscamos apresentar as discussões preliminares sobre o processo de recepção do zen budismo no Brasil, no qual enfocamos nas apropriações realizadas pelos leitores da coluna "Budismo" escrita por Eduardo Basto de Albuquerque entre as décadas de 1970 e 1980 no jornal Notícias Populares. Essas múltiplas leituras da religião podem ser percebidas por meio das

cartas enviadas ao monge historiador, constituindo-se em importante documentação que privilegia a análise do historiador.

Por meio da proposta do presente texto é possível realizar uma revisão na historiografia sobre o budismo no Brasil, problematizando a tese de que o budismo esteve presente em setores de classe média e intelectualizados, pois, as missivas indicam que existiram outros elementos para além desse grupo restrito. Entre esse público mais amplo é possível perceber uma série de apelos em termos de necessidades materiais e econômicas, além de problemas emocionais, de saúde e mesmo de discussões filosóficas acerca da amplitude das religiões na vida cotidiana. Dessa forma, podemos ter uma visão do campo religioso brasileiro e como diferentes religiões e religiosidades interagiram com o budismo no processo de expansão do zen no Brasil.



## 4. Referências

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. **O Irmão e o Mestre**: Contribuição ao Estudo da Pobreza Cristã e Budista no século XIII: O Irmão Francisco de Assis e o Mestre Zen Budista Doguen. São Paulo, 1983. 569f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de São Paulo, 1983.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Intellectuals and Japanese Buddhism in Brazil. **Japanese Journal of Religious Studies**, v. 35, n. 1, p. 61-79, 2008.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. **Seichô-no-ie do Brasil**: Agradecimento, Obediência e Salvação. São Paulo: Annablume, 1999.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. O dharma na impermanência da web: difusão e transformações do zen-budismo na internet (2015-2017). **Horizonte**: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (online), v. 16, p. 1240-1269, 2019.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Chrystina Venancio. **Destino das letras:** história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DINIZ, Alexandre M. A. Surgimento e dispersão do budismo no mundo. **Espaço e Cultura**, n. 27, p. 89-105, 2010.

GONÇALVES, Ricardo Mário. (Org.). **Textos budistas e zen-budistas**. São Paulo: Cultrix, 2003.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MARTINS, Vanessa Grada Dutra. Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura. **Revista Língua e Literatura**, v. 13, n. 20, p. 61-72. 2011.

MONTES, Maria Lucia A. As Figuras do Sagrado: Entre O Público e O Privado. In: SCHWARCZ , Lilia Katri Moritz. (Org.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 63-171.

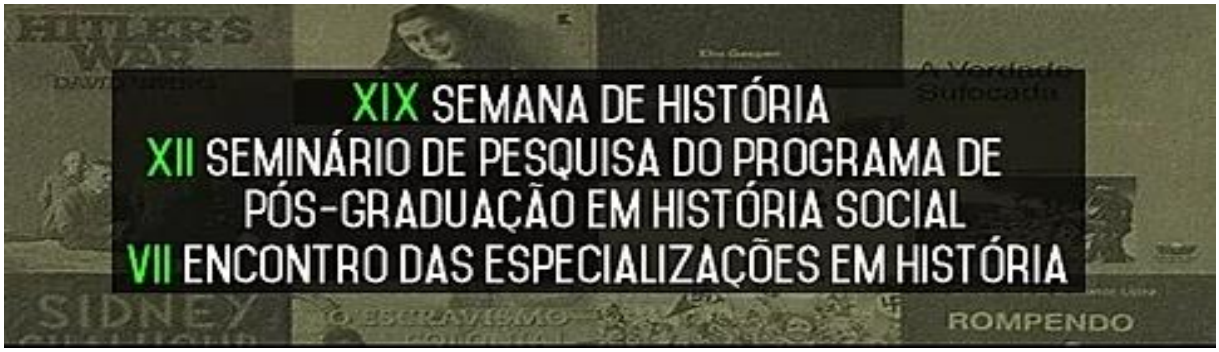
PIOVESAN, Greyce Kely. **Prezado Doutor, querido amigo, caro memorialista:** A sociabilidade intelectual nas cartas para Pedro Nava. Florianópolis, 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

ROCHA, Cristina. A globalização do budismo. **Estudos da Religião**, v. 28, n. 2, p. 59-73, 2014.

ROMANELLO. Jorge Luíz. A Pedagogia das revistas. In: SILVA, Ana Cristina T. da; NEVES, F. Maria; MESTI, Regina L. (Org.). **Educação, Comunicação e Mídia**. Maringá: EDUEM, 2009. p. 107-120.

SUZUKI, D. T. (Org.). **Introdução ao Zen Budismo**. 10 ed. Trad. Murillo Nunes de Azevedo. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.

USARSKI, Frank (Org.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosae, 2002, p. 9-33.






# DO *RIBU* AO MANGÁ: A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO JAPÃO PÓS-GUERRA E A EMERGÊNCIA DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DOS MANGÁS

Izabela Marques de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

**Resumo:** Na década de 1970, os movimentos femininos começaram a efervescer pelo mundo e não foi diferente no Japão. Com ênfase na liberação do sexo e da sexualidade e fomentado por situações políticas em âmbito nacional e internacional, movimentos estudantis e protestos antiguerra do Vietnã, o Movimento de Libertação das Mulheres (*ūman ribu*, em japonês) foi um divisor de águas e marcou uma nova onda de ativismos no país. Sincronizado com o feminismo radical nos Estados Unidos, o *ribu* não demorou a tomar forma e a deixar sua marca na história japonesa, devido às críticas incisivas sobre a discriminação de gênero tanto na esquerda japonesa como na sociedade em geral. Incentivadas pelo contexto, as mulheres começaram a reclamar seus direitos e posições na sociedade japonesa, ocupando, aos poucos, cargos e locais que antes eram considerados masculinos, como a produção de mangás, os quadrinhos japoneses. A entrada feminina nesse mercado revolucionou as estruturas dos quadrinhos e o *shoujo manga,* uma vertente voltada ao público juvenil feminino, emergiu com força suficiente para se equiparar ao *shounen manga,* o equivalente para o público masculino e gênero mais forte até aquele momento. De 1970 até a atualidade, as mulheres ocuparam e ainda ocupam seus lugares na indústria e na cultura do mangá, consolidando o Japão como o país com mais quadrinistas mulheres no mundo e abrindo os horizontes para novas artistas e leitoras.

**Palavras-chave:** Japão; mangá; feminismo; quadrinhos.

## Introdução

As origens do mangá são uma questão de debates no campo. Alguns autores, como Kosei, Tezuka e Koyama, afirmam que suas origens estão nos *Ê-Makimono*, uma forma de arte popular entre os períodos Heian e Edo (séculos XI e XII). Essa afirmação é uma das mais difundidas entre os estudiosos dos mangás, já que, desenvolvido sobre um longo rolo de pergaminho em que os desenhos

formavam histórias, os *ê-makimonos* possuíam enredos de cunho satírico, elemento muito presente no mangá moderno. No século XVIII, com uma crescente cultura do consumo no Japão, tornaram-se populares os *kibyoushi* (capas amarelas), que traziam algumas semelhanças com o mangá moderno, como a extensa diversidade de temáticas abordadas, dentre elas o humor, drama, fantasia e até mesmo a pornografia, sendo assim, considerados precursores dos quadrinhos japoneses. Já no Período Edo, entre os anos de 1814 e 1849, a palavra "mangá"[1] foi popularizada por Katsushita Hokusai, artista cuja forma de expressão eram gravuras feitas em madeira, chamadas ukiyo-ê, para nomear sua coletânea de arte (LUYTEN, 2012; KINSELLA, 2000).



Cavallaro (2012) afirma a importância de notar na história dos mangás uma disposição a um sincretismo transcultural e a integração de influências vindas de tendências tradicionais e contemporâneas por um lado e de elementos ocidentais de outro. Alguns estudiosos, como afirma a autora, parecem ansiosos para buscar as raízes dos quadrinhos japoneses, mas antes de tudo, pensar essa questão é importante justamente para compreender que há uma divergência no que diz respeito às origens dos mangás. Alguns buscam sua natureza no Japão pós-guerra, o colocando como um produto da exposição à cultura americana, outros tendem a priorizar suas relações com as artes visuais orientais. Por outro lado, autores proeminentes no campo de pesquisas sobre os mangás, como Koyama-Richard e Schodt, defendem as relações do mangá com as tradições antigas japonesas, recorrendo novamente ao citado Ê-Makimono e a formas impressas como as formas de xilogravura *ukiyo-ê* e *shunga*[2]. A autora ainda cita a hipótese fornecida por Shiro Inoue, de que o mangá seria uma combinação de elementos centrados na imagem e nas palavras, que antecedem a ocupação americana (1945-1952) (LUYTEN, 2012; CAVALLARO, 2012).

Apesar disso, aqui, entendemos que as formas como os *ê-makimonos* e o *ukiyo-ê* são artes muito características de seus períodos, estando distantes do

[1] Alguns autores apontam que o registro mais antigo da palavra "mangá" é datado da década de 1770. Posteriormente, durante o século XIX (Período Edo), o termo foi utilizado para descrever um tipo de arte chamado *ukiyo-ê*, cujo artista mais proeminente foi Katsushika Hokusai, que utilizou a palavra para nomear uma coleção de desenhos direcionados a seus discípulos. No entanto, mangá não se tornou um termo comum no cotidiano japonês até o início da Era Showa (1926-1989), quando surgiram as primeiras histórias em quadrinhos japonesas de fato (KINSELLA, 2000).

[2] A arte japonesa shunga segue o ukiyo-ê, sendo, portanto, xilogravuras feitas em madeira. No entanto, é considerada uma vertente erótica desse tipo de arte, que abordava o sexo em sua forma mais explícita.

formato do mangá moderno, sobretudo daquele concebido após a Segunda Guerra Mundial, por artistas como Osamu Tezuka que o levariam ao reconhecimento para além do Japão. Nesse sentido, pensaremos no mangá enquanto uma produção própria e independente, sem buscar para ele um ancestral, que tenha sido fruto também do desenho político do século XX, transformando-se concomitantemente à população japonesa do período (LUYTEN, 2012; CAVALARO, 2012).



## O Pós-guerra e a revolução nos quadrinhos japoneses

Com o fim da guerra, boa parte dos japoneses voltaram suas preocupações para a reconstrução de suas vidas e não possuíam tempo ou dinheiro para publicações em geral, incluindo os quadrinhos. Isso não tirava, no entanto, a necessidade de um entretenimento que ajudasse a distrair quem viveu o sofrimento da guerra. Nesse cenário, o mercado dos mangás passou por transformações significativas, principalmente no que diz respeito aos estilos dos mangás. Um outro formato ficou conhecido entre os jovens, o chamado mangá de aluguel *(kashihonya)*[3]*,* cujo crescimento ocorreu em meados da década de 1950, quando editoras especializadas que produziam livros e revistas encadernadas para vendas em lojas de aluguel começaram a receber artistas fotográficos, que formaram suas carreiras iniciais como *mangakas*[4] escrevendo essas histórias. Estima-se que nesse período, existiam até 30.000 pontos de venda e aluguel de livros no Japão, em terminais de trem e nas ruas, alugando as encadernações por até ¥ 10 por dois dias (KINSELLA, 2000; IGARASHI, 2011).

Além dos mangás de aluguel, na década de 1950, surge também o *akahon*[5], um formato de histórias em quadrinhos baratas e de formato longo, publicadas em Osaka. Foi no *akahon* que o jovem Osamu Tezuka iniciou sua carreira e começou

[3] O mangá de aluguel ou *rental manga* tornou-se um entretenimento comum e barato para os jovens japoneses na década de 1950. Nesse período, as cidades possuíam muitos jovens trabalhadores, oriundos de áreas rurais e com baixos salários. O mangá de aluguel era um dos poucos entretenimentos que poderiam entrar no orçamento dessas pessoas. Os artistas que produziam essas histórias eram, em geral, amadores e adolescentes, que aos poucos passaram a criar um grupo mais politizado e realista. Posteriormente, para definir as artes desse movimento, Tatsumi Yoshihiro cunhou o termo *gekiga*, criando assim mais um estilo para os quadrinhos japoneses, esses voltados aos adultos e com temas mais densos, voltados à sociedade e à política, com traços mais pesados e cartunescos. Apesar de não haver uma determinação de gênero, o *gekiga* era mais popular entre os homens (KINSELLA, 2000; JBC, 2011).

[4] *Mangaka* é o nome dado aos quadrinistas japoneses.

[5] *Akahon* significa “livro vermelho”. O nome desses quadrinhos deriva dessa característica, já que as publicações possuíam capas vermelhas.

a dar forma ao mangá moderno, tal como conhecemos hoje. Em 1947, Tezuka lançou sua primeira história, Shin-Takarajima, que começou a ser criada em 1941, feita junto ao cartunista Shichima Sakai e inclinada ao público infantil. No mundo do pós-guerra, quase sem novidades, a história fez sucesso. Tezuka introduziu efeitos cinematográficos em sua história e vendeu cerca de 800.000 cópias sem publicidade. Com o sucesso, o artista foi convidado a estrear em duas revistas: A Mangá Shounen e a Shounen (YADAO, 2009; LUYTEN, 2012).



Em 1952, quando algumas restrições foram removidas, incluindo a censura à imprensa, Tezuka viu a possibilidade de introduzir temas mais maduros aos quadrinhos. Alguns desses temas foram colocados em suas histórias, incluindo a trilogia de ficção científica Lost World (publicada em 1948), Metropolis (1949) e Kurubeki Sekai (Next World, 1951). Apesar de possuírem personagens e terem aparências infantis, essas histórias conseguiram atrair o público adulto, ajudando a definir uma "linha" entre a geração mais velha, que chamava o mangá de "coisa de crianças" e uma geração mais jovem, que tomou os quadrinhos japoneses como uma forma de entretenimento para todas as idades (YADAO, 2009).

Para o autor Hirohito Miyamoto, Tezuka não inovou apenas ao apresentar o estilo cinematográfico na narrativa ou na busca por esses temas mais maduros, mas também ao trazer o que chama de seis características básicas dos personagens, conhecidas desde suas primeiras obras:

> *individualidade*; *autonomia* ou *para existência*, pois a personagem existe em um mundo narrativo que transcende a sua própria história; *variabilidade*, isto é, a personagem sofre com as mudanças de tempo, amadurece física e emocionalmente; *caráter multifacetado* ou *complexidade*, a personagem tem pontos fortes e fracos, ela não é perfeita; *não-transparência*, a personagem tem um mundo interior – esperanças, problemas, medos – que não são percebidos automaticamente pelos que estão interagindo com ela; e *personalidade em camadas*, a própria personagem está à procura de alguma coisa, que não está fora, mas dentro de si mesma e é isso que possibilita o seu crescimento. (SILVA, 2015, p. 5)

O autor trouxe essas características para uma de suas mais conhecidas histórias: "A Princesa e o Cavaleiro", que iniciou a publicação no ano de 1953. Alguns autores acreditam que essa história tenha marcado o nascimento do *shoujo manga* contemporâneo. O sucesso da obra acabou sendo universalizado por uma animação, tendo chegando por esse meio ao Brasil. "A Princesa e o Cavaleiro" acrescentou os recursos da narrativa cinematográfica e a serialização longa no

*shoujo manga,* o que pode ter contribuído para oferecer a Tezuka o título de fundador do gênero. A década de 1950 foi frutífera para os quadrinhos japoneses. Surgiram cada vez mais revistas dedicadas a eles e houve uma demanda cada vez maior por autores. Nesse momento, muitos homens publicavam histórias tanto para meninos quanto para meninas, como Tezuka, e as mulheres que produziam quadrinhos eram poucas, como Machiko Hasegawa, Toshiko Ueda e Yoko Imamura. Nesse sentido, pode-se dizer que pelo menos até a década de 1970, ser *mangaka* era uma profissão masculina (SILVA, 2015).



**A entrada das mulheres no mercado de produção dos mangás**

Uma grande particularidade do mercado de quadrinhos no Japão, que se consolidou mais ainda no pós-guerra, é a grande variedade de demografias que os mangás atingem. Conforme já citado, existem quadrinhos para crianças, adolescentes e adultos, separados entre os sexos. Por isso, há uma grande parte desse mercado destinado ao *shoujo manga*, as revistas infanto juvenis femininas. Já foi mostrado que no período pós-guerra, muitos homens produziam o *shoujo manga*, embora isso tenha se modificado no decorrer dos anos e hoje, o Japão possuía um consolidado campo de quadrinhos feitos por mulheres. Essas *mangakas* não estão apenas produzindo para meninas, mas estão presentes também nos segmentos destinados ao público masculino, tendo um grande prestígio no meio (SILVA, 2016, 90-91).

De acordo com Silva (2015), entre os homens, aquele que melhor lidava com as histórias femininas era o *mangaka* Macoto Takahashi. Apesar de muitos acreditarem que Tezuka, por dialogar muito bem com o estilo, era quem havia dado ao *shoujo* suas principais características, na verdade foi Takahashi quem trouxe o visual muito conhecido das revistas femininas, tal como os grandes olhos estrelados e o vestuário apurado. Porém, ainda assim, alguma dificuldade e resistência dos autores em lidar com essas diferenças de gênero. Além disso, após a guerra, o segmento do *shounen manga* cresceu, assim como os garotos que liam essas revistas, o que acabou gerando um novo estilo, o *seinen manga,* voltado ao público masculino adulto. Isso demandou um aumento na produção e na quantidade de artistas. Dessa forma, considerando a dificuldade dos homens em dialogarem com a cultura visual das meninas e da falta de artistas que pudessem produzir para elas,

foi inevitável que as mulheres passassem a tomar lugar na produção de mangás, modificando assim toda a sua estrutura de produção e circulação.

Nesse contexto histórico, eclode no Japão também um novo movimento de libertação das mulheres, conhecido como *ūman ribu (woman lib).* Esse movimento feminista de base surgiu ainda em meados da década de 1960, após os movimentos antiguerra do Vietnã, unindo os movimentos estudantis e o radicalismo da Nova Esquerda. As ativistas do ūman ribu criticaram fortemente o imperialismo nacional japonês e suas manifestações ajudaram a moldar a cultura de esquerda radical japonesa.



Muitas ativistas do movimento eram envolvidas de diversas formas com a Nova Esquerda japonesa além dos movimentos e protestos relacionados à Guerra do Vietnã. Grande parte das participantes eram jovens intelectuais, com formação universitária, entre os vinte e os trinta anos. De acordo com Shigematsu (2012), essas mulheres atingiram sua maioridade em um sistema educacional que passou por reformas durante a ocupação dos EUA, testemunhando assim os limites da democracia japonesa e experimentaram as desigualdades dentro do Estado capitalista.

Os grupos ribu, em sincronia com rebeliões estudantis e com o feminismo radical estadunidense, criaram uma rede de grupos autônomos de base urbana, procurando não estabelecer uma organização hierárquica ou nomear uma líder formal, caracterizando um novo estilo de organização dos movimentos no fim dos anos 1960 (SHIGEMATSU, 2012).

Além disso, o grupo demonstrou uma ruptura com outros movimentos relacionados à esquerda, baseando sua ênfase na libertação do sexo e do "*onna*", um termo apropriado e politizado pelo ribu e que era utilizado para se referir às mulheres imbuídas de conotações sexualizadas. Em relação ao sexo, as críticas do grupo se concentravam em criticar o sistema familiar moderno como uma unidade do imperialismo nacional japonês, que reproduziria a discriminação (SHIGEMATSU, 2012).

Junto da emergência desses movimentos femininos, ligados à libertação do sexo e da sexualidade, o shoujo mangá moderno começa a tomar seus contornos mais conhecidos e a mudar sua demografia e público, em uma transição de leitoras do ensino fundamental para o ensino médio. Nesse contexto histórico, é lançada a história Rosa de Versalhes, da artista Riyoko Ikeda, que inaugurou uma tendência

diferente do shoujo, contando histórias mais longas e complexas, o que não era tão comum para as meninas. Rosa de Versalhes se passa na França do século XVIII, em plenos acontecimentos da Revolução Francesa. Na história, o General Jarjayes descobre que o sexto bebê que sua mulher espera também é uma menina, e angustiado por não ter um filho para carregar o nome da família, decide criar a filha como menino. Se destacando no colégio militar, Oscar, a personagem principal, torna-se capitã da Guarda Real e cuida pessoalmente da Rainha Maria Antonieta (SHAMOON, 2007; JBC, 2019).



A popularidade do mangá sugere que as meninas, que naquele momento cresciam e tinham outras demandas, esperavam por personagens femininas fortes e poderosas, que estejam no centro da trama. Trazendo à luz questões como o gênero, direitos humanos e contextos históricos reais, a autora revolucionou o shoujo mangá, abrindo caminho para toda uma geração que se seguiu (SHAMOON, 2007).

Entre os nomes dessas gerações seguintes está o *CLAMP,* um grupo que iniciou a carreira em meados da década de 1980, a princípio com onze integrantes, de forma quase acidental. Antes de virem a se tornar um dos grupos independentes de *mangakas* mais famosos do Japão, as quatro integrantes originais, e que permanecem até hoje, se conheceram ainda na escola e iniciaram seus trabalhos no mundo dos quadrinhos apenas como uma forma de diversão. Apesar disso, com o lançamento do primeiro volume de RG Veda, mangá de estreia do grupo, a *CLAMP* conseguiu lançar diversas histórias de sucesso, uma após a outra, de modo que sua influência fosse além do Japão. Até hoje, a maioria de seus mangás estão traduzidos para diversos idiomas, principalmente o inglês (CAVALLARO, 2012).

O grupo tornou-se uma das mais renomadas equipes de artistas de mangá no Japão, deixando sua marca em todos os gêneros estabelecidos, bem como criando fórmulas ao longo de seu caminho. Conhecidas por criarem multiversos fantásticos e histórias cativantes, as autoras gravaram seu nome no mercado japonês (CAVALLARO, 2012; YADAO, 2009). Bem como a maioria das mulheres, o grupo iniciou seu trabalho publicando mangás voltados ao público feminino, no entanto, não demorou para que conseguissem transitar entre os gêneros com facilidade, o que novamente inovou a produção dos quadrinhos japoneses e abriu caminhos para novos artistas.

## Considerações finais

Atualmente, a presença dos *mangakas* homens na produção do *shoujo* é rara, e ainda assim, poucos deles possuem alguma importância dentro do estilo. Até mesmo grandes nomes do *shounen* foram produzidos por mulheres, como Fullmetal Alchemist, publicado pela *mangaka* Hiromu Arakawa. Como o primeiro caractere de seu primeiro nome, Hiromi, é escrito igualmente ao masculino, Hiromu, ela escolheu o segundo como seu pseudônimo para publicar a obra.



De acordo com Silva (2015, p. 12), “algo a se questionar é que as mulheres são ávidas leitoras dos mangás para garotos, dominando seus códigos e narratividade, isso facilita a vida das autoras que conseguem publicar em várias demografias”. Além disso, notamos que essa intensidade do consumo do *shounen* por meninas faz com que o sucesso de grandes títulos desse estilo dependa do público feminino, o que faz autores e autoras se preocuparem, cada vez mais, em agradá-las.

## Referências Bibliográficas

CAVALLARO, Dani. **CLAMP in Context**: A Critical Study of the Manga and Anime. McFarland, 2012.

DA SILVA, Valéria Fernandes. Elas fazem Mangá: Discutindo a importância das mulheres quadrinistas no mercado japonês. **Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. 2015, p. 01-15.

DA SILVA, Valéria Fernandes. Rompendo fronteiras e tomando a palavra. **História, histórias**, v. 4, n. 7, p. 89-108, 2016

IGARASHI, Yoshikuni. Tsuge Yoshiharu and Postwar Japan: travel, memory, and nostalgia. **Mechademia**, v. 6, n. 1, p. 271-285, 2011

JBC MANGÁS. **Os Estilos de Mangás**. Disponível em: < https://mangasjbc.com.br/os-estilos-de-mangas/> Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

JBC MANGÁS. **Rosa de Versalhes**. Disponível em: <https://mangasjbc.com.br/rosa-de-versalhes-historia/> Acesso em 27 de novembro de 2019.

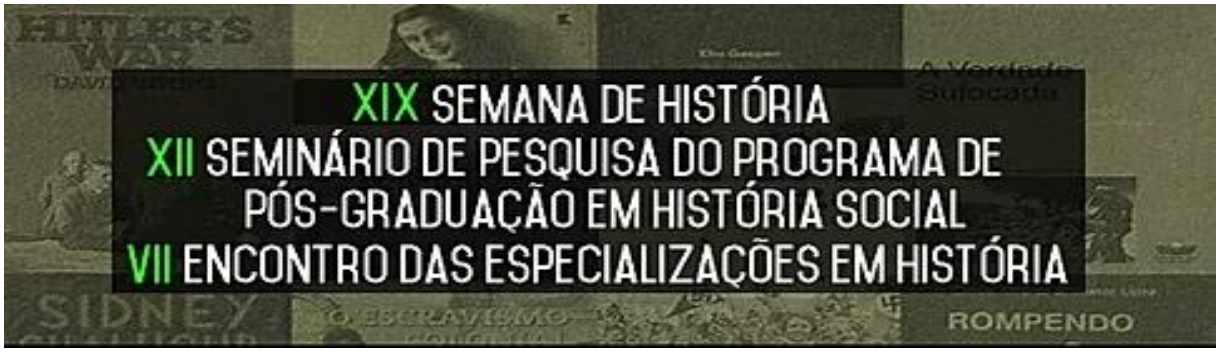
KINSELLA, Sharon. **Adult Manga:** Culture & Power in Contemporary Japanese Society. Curzon. Londres, 2000.

LUYTEN, Sônia M. Bibe. **Mangá**: o poder dos quadrinhos japoneses. 3 ed. São Paulo: Hedra, 2012.

SHAMOON, Deborah. Revolutionary romance: The Rose of Versailles and the transformation of shojo manga. **Mechademia**, v. 2, n. 1, p. 3-17, 2007.

SHIGEMATSU, Setsu. **Scream from the shadows:** The women's liberation movement in Japan. EUA: University of Minnesota Press, 2012

YADAO, Jason S. **The rough guide to manga**. New York: Penguin, 2009.






# HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA ZOROATRIANA: REFLEXÕES SOBRE O CAMPO E A INSERÇÃO DE PESQUISAS

Iasmin Castro de Souza
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** Os primeiros passos para constituir uma boa base para uma pesquisa historiográfica, é conhecer a área que seu objeto e sua fonte se inserem. É comumente ensinado aos estudantes do curso de História (e em outros mais, principalmente nos cursos de Humanas) que se deve estabelecer uma pesquisa bibliográfica prévia dos conteúdos já trabalhados e publicados por outros pesquisadores sobre o mesmo tema. É o que se chama de balanço historiográfico. O presente artigo tem como principal objetivo organizar as eminentes produções acadêmicas na área de estudo da religião chamada Zoroastrismo, além de trazer um debate sobre questões que podem ser levantadas a partir dos contextos de produções e dos produtores. Dessa forma, é essencial que o pesquisador reflita sobre o nicho que sua pesquisa se insere, avaliando produções anteriores que podem acrescentar de fato a novas pesquisas. No que se refere a área de estudos do Zoroastrismo, o arcabouço teórico é pensado a partir das produções de acadêmicos majoritariamente britânicos, estadunidenses e canadenses. Grandes pesquisas como a de Michael Stausberg (*On the state and prospects of the study of Zoroastrianism*) e de Almunt Hintz (*The study of Zoroastrianism in Europe and North America*), agregam ao debate trazendo importantes pontos sobre as demandas historiográficas zoroastrianas do período contemporâneo.
**Palavras-chave:** Historiografia; Zoroastrismo; Religião; Teoria

Para aqueles que passaram pela graduação acadêmica do curso de História, certas discussões que serão introduzidas nesse texto podem ser facilmente reconhecidas. Nos primeiros semestres do curso, os alunos entram em contato com uma lógica estrutural mais específica do que estavam acostumados. Aprendemos sobre a função do historiador, o que é a historiografia e o questionamento mais conturbado para aqueles que iniciam o curso: O que é História.

Dentro desses questionamentos, nos atentaremos a noção de historiografia. Se discute geralmente a partir de vários autores que trazem suas visões a respeito do conceito. Jörn Rüsen (2001) parece definir de maneira concreta essa ideia como o “produto do conhecimento histórico” que pode ser obtido a partir de métodos e pretensões cientificas, sendo parte fundamental do trabalho do historiador. Keith Jenkins (2011) acrescenta a discussão trazendo a ideia de que a historiografia está comprometida ideologicamente, assim como o historiador, tornando um campo de conflitos.



Essas e outras discussões permeiam as disciplinas iniciais dos cursos de História, nas quais permitem ao aluno compreender as complexidades do universo da História.

Nos anos finais da graduação, os alunos se assemelham com a ideia de produzir uma pesquisa histórica, sendo principalmente organizada em forma de artigo, como o presente trabalho, mas também de maneira mais profunda como uma monografia (o famigerado trabalho de conclusão de curso). A partir desses projetos, é ensinado ao aluno nas disciplinas de metodologia de pesquisa, a procurar livros e artigos que dialoguem com o mesmo tema ou área da problemática que o aluno deseja trabalhar. De fato, aprendemos a verificar o que já se tem escrito sobre nosso tema e como foi escrito. É o que muitas vezes chamamos de balanço historiográfico.

O presente artigo se trata uma análise dos trabalhos historiográficos que se tem publicados na área de estudo da religião chamada Zoroastrismo. Ou seja, será realizado um balanço historiográfico problematizando e refletindo sobre as nacionalidades dos autores e os temas mais trabalhados dentro da área maior.

Para dar início de maneira mais clara as análises das historiografias, uma introdução ao Zoroastrismo parece necessário.

O Zoroastrismo é considerada a mais antiga religião monoteísta que se tem conhecimento e é ainda uma religião viva, que possui adeptos no tempo presente. Ela foi fundada pelo profeta Zaratustra (famoso pelas palavras de Nietzsche) por volta do século XII a.C nos estepes Arianos da atual Rússia. A religião ficou consagrada no período antigo com os reis Persas, que durante a dinastia dos Aquemênidas, tornaram a religião oficial do Império. Vale lembrar que nesse período (entre os séculos VI e IV a.C) o Império Persa passava por um processo de expansão e agregava grandes territórios do Oriente Médio. O Zoroastrismo então era levado por todo território como a religião oficial da dinastia Aquemênida.

No mundo contemporâneo, por inúmeras questões que não cabem aqui serem trabalhadas, os adeptos da religião se encontram espelhados por todos continentes e cada vez mais em menor número.

Adentrando a problemática principal da pesquisa, no que se refere a produção acadêmica, de maneira geral conhece-se pouco dos estudos sobre o Zoroastrismo. Ou seja, o estudo sobre o Zoroastrismo não contém dentro da Academia uma base fortificada se comparada aos estudos de outras religiões orientais como o Judaísmo, o Budismo, o Cristianismo entre outras. No Brasil não encontramos nenhuma pesquisa significativa na área. Se procurarmos na plataforma Lattes, por exemplo, o nome Zoroastrismo na pesquisa em "assuntos" e limitarmos os resultados somente do Brasil, encontraremos pesquisadores principalmente da Teologia que não são especialistas em Zoroastrismo, mas que escreveram algum artigo relacionando práticas judaico-cristãs com algumas ideias zoroastrianas. Nada muito aprofundado e nem dentro da área da História.



No âmbito internacional o estudo do Zoroastrismo tem maior *background* e progresso dentro do campo acadêmico da História. Os grandes nomes da pesquisa da área são de historiadores e de Universidades britânicas, estadunidenses e canadenses. Talvez isso se dê pelo fato dessas três regiões constituírem os locais que receberam o maior número de imigrantes zoroastrianos dentro da migração do período Moderno[1]. A relação pesquisador x localidade é uma hipótese altamente defendida através das discussões da presente pesquisa.

Para trabalhar com o contexto historiográfico do estudo do Zoroastrismo utilizo da pesquisa de Michael Stausberg (2008) publicada na revista acadêmica Numen que traz uma introdução ás perspectivas dos estudos zoroastrianos.

De acordo com Stausberg (2008) os primeiros estudos do Zoroastrismo se iniciaram por volta de 1700 com a publicação do livro[2] Thomas Hyde, professor dos estudos árabes, persas e semíticos da Universidade de Oxford, que trazia a primeira tradução de um texto zoroastriano para um idioma europeu. Uma característica desses primeiros estudos é que eles são pautados e baseados na bíblia cristã, algo que será desvinculado ao longo do tempo.

---

[1] Contextualização temporal necessária pois encontramos também processos diaspóricos entre os zoroastrianos durante a Antiguidade.

[2] *Historia religionis veterum Persarum* (1700). Tradução: A história das religiões na Pérsia Antiga.

A partir do século XVII os progressos acadêmicos da religião estavam ligados ao estudo dos idiomas envoltos aos textos sagrados zoroastrianos. Friedrich Max Müller foi o pioneiro a adaptar o seu programa acadêmico e introduzir o estudo de textos zoroastrianos junto com textos védicos e em sânscrito.

Na Universidade de Leida (Países Baixos) em 1864 Cornelis Petrus Tiele publica como resultado da pesquisa de doutoramento o livro *The Religion of Zarathustra: From its Origin in Bactria to the Fall of the Ancient Persian Empire*, que marca de acordo com Stausberg (2008) o livro líder de uma corrente acadêmica que nasce para tentar vincular a ciência a História das religiões a partir de textos zoroastrianos. William Brede Kristensen e Nathan Söderblom são exemplos de acadêmicos que traçaram caminhos parecidos com o de Tiele. Os conteúdos nesse contexto eram basicamente propostos a partir dos estudos e das disciplinas de línguas e textos sagrados e da história do Irã, sempre dentro da temporalidade da História Antiga.



A revista acadêmica Numen, a qual se encontra o artigo de Stausberg (2008) teve em sua primeira e segunda edição em 1954 e 1955 com dois artigos sobre Zoroastrismo. Geo Widengren publicou em seu primeiro artigo uma análise fenomenológica de problemáticas que envolvem a “religião iraniana pré-islâmica”, como intitulado a pesquisa de Widengren (1954). O segundo artigo em 1955 traz uma abordagem diferente daquelas que alguns historiadores vinham trabalhando no período. Widengren foi um dos primeiros a propor em uma pesquisa sobre uma rede de influencias que o Zoroastrismo teria exercido nas demais religiões monoteístas do Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo).

Em 1969 o historiador John Hinnells publica o último artigo sobre Zoroastrismo na revista Numen. A partir da década de 70 nada mais sobre a religião foi publicado pela revista. Não se sabe se nenhum artigo foi aprovado ou se não houveram tentativas de publicação.

Na Inglaterra, a Universidade de Londres apresenta uma fundamental contribuição para o desenvolvimento dos estudos sobre Zoroastrismo. A SOAS (Faculdade de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres) é atualmente considerada a instituição acadêmica com maior nível de pesquisas sobre a religião zoroastriana, além de oferecer aulas de idiomas relacionados a religião (Pálavi e Avéstico) e possuir um instituto de pesquisa intitulado *Shapoorji Pallonji Institute of Zoroastrian Studies*.

Os estudos na SOAS começaram em 1929 com uma disciplina nomeada *The Parsee Community's Lectureship in Iranian Studies*. De acordo com Almut Hintze (2010) muitos materiais e documentos foram doados a Universidade por zoroastrianos imigrantes ou que residiam na Índia a fim de apoiar e incentivar o estudo da religião dentro da Academia.

A grande referência da historiografia zoroastriana é Mary Boyce, uma professora da SOAS desde 1947 especialista em idiomas iranianos que em 1962 assume a frente da disciplina de estudos zoroastrianos na Universidade. Boyce escreveu livros como *History of Zoroastrianism* (1975), *Textual Sources for the study of Zoroastrianism* (1990), e *Zoroastrians: their religious beliefs and practices* (1979). Foi também através de Boyce e membros da comunidade zoroastriana local que foi possível assegurar o desenvolvimento da disciplina de estudos da religião por meio de doações, principalmente vindas dos irmãos filantropos Faridoon e Mehraban Zartorshty. Em 2000 a SOAS estabelece a disciplina de estudos zoroastrianos nos cursos de graduação e pós-graduação graças as doações dos irmãos Zartorshty. Dessa forma a SOAS orgulhosamente se torna a primeira Universidade ocidental a se dedicar permanentemente aos estudos do Zoroastrismo. (HINTZE, 2010)



Outro notável historiador e ex aluno de Boyce na SOAS é o britânico John R. Hinnells, já citado parágrafos acima. Hinnells teve o privilégio de acompanhar o desenvolvimento de grandes pesquisas de Boyce e a partir de seus ensinamentos, produzir trabalhos atuais de grande reconhecimento na historiografia zoroastriana. A pesquisa mais significativa do autor é o livro intitulado *Zoroastrians in Britain* (1996), inclusive é considerado o livro de principal apoio para o desenvolver da atual dissertação. A respeito da comunidade zoroastriana na Inglaterra, não há mais qualificado material para estudo do que os trabalhos de Hinnells.

Nos Estados Unidos, Hintze (2010) ressalta duas universidades que possuem significativa contribuição para a área. A Universidade de Stanford possui uma disciplina de Estudos Zoroastrianos dentro do departamento de Religiões além de dispor de um grupo de pesquisa no campo. A Claremont Graduate University também estabeleceu recentemente uma disciplina abordando assuntos sobre a religião dos persas, inserida na Faculdade de Religião de Claremont.

No Canadá, a Universidade de Toronto estabeleceu em 2006 uma cátedra aos estudos sobre Zoroastrismo sob o posto do professor Mohamad Tavakoli-Targhi, também chefe do departamento dos Estudos Históricos. Hintze (2010) cita

inúmeras outras universidades que tratam juntamente do assunto, como a Universidade da Calfórnia, Harvard, Universidade de Columbia, Universidade de Bergan entre outras.

Por fim, Stausberg (2008) aponta que o campo historiográfico zoroastriano é ainda muito frágil, mas que o lado bom dessa fragilidade é que se tem muitas possibilidades de estudos que não foram ainda desbravadas, dando ao pesquisador da área um vasto leque de opções a serem trabalhadas. Desde questões sobre a origem do Zoroastrismo até sobre a religião na contemporaneidade (área colocada pelo autor como menos trabalhada, se comparado com a antiguidade) ainda se encontram abertas a mais estudos. A percepção que o campo traz é de que precisa-se de mais pesquisas para tornar o Zoroastrismo um tema cansativo e esgotante dentro da Academia.



Além disso, nota-se os principais países que produzem conteúdo acadêmico sobre o Zoroastrismo: Inglaterra, Estados Unidos e outras regiões da Europa. Esses locais possuem uma relação direta com a entrada de migrantes zoroastrianos. Como comentado anteriormente, a presente pesquisa valida a ideia da relação entre pesquisador x localidade. Isso quer dizer que determinados temas acadêmicos podem ser mais recorrentes nas regiões em que os pesquisadores tem contato direto com os objetos de pesquisa ou onde eles possam ocorrer processos de identificação.

A pesquisa acadêmica pode se dar em formato circular, onde o pesquisador vê o surgimento de um problema e procura soluciona-lo. Solucionando ou não, o ciclo se inicia novamente com a formação de novos problemas. Mas o que fomenta o estímulo para as problematizações? Uma questão altamente complexa que não cabe responder. Contudo, aqui se defende a ideia de que o olhar e o convívio em sociedade, em grupos grandes ou pequenos, em lugares que se frequentam, em conversas que acontecem, podem gerar inquietamentos ao indivíduo pesquisador, o qual pode escolher estudar ou não um tema próximo, em termos de localização.

Essa perspectiva também pode ser visualizada do outro lado da moeda, como no Brasil, onde não se tem pesquisas significativas sobre o Zoroastrismo, seguindo diretamente com o índice de zoroastrianos no país, que é desconhecido, porém baixo ou inexistente.

Dessa forma, trabalhar em um campo pouco explorado é um desafio que precisa ser realizado, como indicado por Stausberg (2008). Acredito que quando se

trata principalmente de uma área onde os materiais se encontram em outro idioma, trazer pesquisas sob outras perspectivas e em língua portuguesa, é um trabalho significativo, cooperando com a democratização do conhecimento para aqueles que não tem a oportunidade de alcance.

**REREFÊNCIAS**



BOYCE, Mary. *Zoroastrians*: Their religious beliefs and practices. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.

_____. A *history of Zoroastrianism*. Leida: E.J Brill, 1975.

_____. *Textual Sources for the study of Zoroastrianism*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

HINNELLS, John R. *Zoroastrians in Britain.* Oxford: Clarendon Press, 1996

HINTZ, Almut. The study of Zoroastrianism in Europe and North America. *Revista Hamazor*, issue 2, 2010, p. 128 – 132. Londres: World Zoroastrian Organization, 2010.

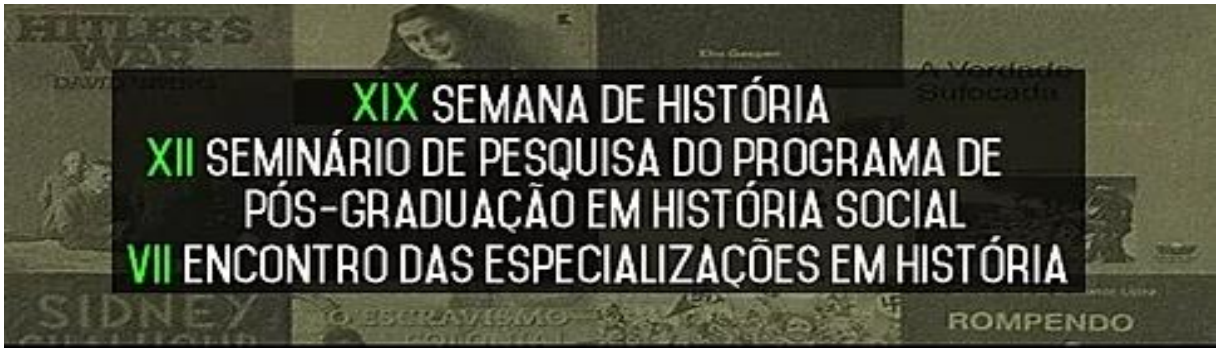
JENKINS, Keith. *O que é História?* In: A história repensada. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

RÜSEN, Jorn. *Razão Histórica*: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001

STAUSBERG, Michael. On the state and prospects of the study of Zoroastrianism. *Revista Numen*,55, p. 561-600. Países Baixos: Brill Publishers, 2008.

TIELE. Cornelius P. *The Religion of Zarathustra:* From its Origin in Bactria to the Fall of the Ancient Persian Empire. Amsterdã, 1864.

WIDENGREN, Geo. Stand und Aufgaben der Iranischen. Religionsgeschichte. *Revista Numen*, Leida: Brill Publisers, janeiro de 1954, p. 16-83.






# O ROMANCE FEMININO SOBRE A IMIGRAÇÃO JAPONESA: QUESTÕES DE IDENTIDADE E MEMÓRIA (1980-1991)

Luana Martina Magalhães Ueno[1]
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** A partir da metade da década de 1980 e, consequentemente, devido a comemoração dos 80 anos da imigração japonesa para o Brasil, é possível perceber o surgimento de publicações de livros que buscavam a construção da memória dos *nikkeis*. Dentro desses, localiza-se algumas publicações escritas por mulheres e que retratam um diálogo entre a experiência da imigração japonesa como também com a vida dessas *nikkeis* no Brasil. Apesar dessas narrativas femininas estarem ligada ao âmbito da família, da casa e das práticas da sociedade japonesa, é possível notar uma individualidade e a formação de uma identidade. Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar como essa identidade se formou a partir da diferença, entre a cultura brasileira e a manutenção das práticas culturais japonesas. Para isso, utilizaremos como fonte o livro “Sonhos Bloqueados”, escrito por Laura Honda-Hasegawa e publicado em 1991. Como embasamento teórico, dialogaremos com os conceitos de memória e identidade discuto pelos autores Michel Pollak (1992), Stuart Hall e Thomas Tadeu da Silva (2014).

**Palavras-chave:** *Imin* 80; *Nikkei*; Identidade.

## 1. INTRODUÇÃO

Os aniversários da imigração japonesa para Brasil, na maioria das vezes, foram envoltos de festividades, comemorações e rememorações. Inicialmente eram ligados as colônias nipônicas e tinham pouca visibilidade fora delas. Isso se alterou de forma mais significativa a partir da comemoração dos 80 anos da imigração japonesa (1988), em razão do surgimento de um discurso positivo sobre o *nikkei*[2] e devido ao movimento decasségui. Outro ponto que merece destaque e diferenciou

[1] Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Londrina, membro do Grupo de Pesquisa sobre Cultura Oriental (GPECO) da mesma instituição. Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/9990460698756455. E-mail: 8.luana@gmail.com.

[2] *Nikkei* é uma terminologia usada para designar todos os indivíduos de ascendência japonesa fora do Japão.

o *Imin* 80 de comemorações anteriores foi o surgimento de livros que buscavam a construção de memória, representando de forma generalizada uma recordação social. Característica que se manteve posteriormente em outras comemorações da imigração japonesa.

Esse novo discurso sobre o *nikkei* era relacionado a ascensão social e econômica que eles alcançaram, ocorrendo mudanças na caracterização étnico-raciais, como também, utilizado como elemento da construção de uma identidade por parte dos *nikkeis*. Segundo Jeffrey Lesser (2008, p. 44), a partir das décadas de 1960 e 1970 a visibilidade dos *nikkeis* alteraram-se e relacionava ao sucesso econômico. Agora não eram mais vistos como o perigo amarelo, inimigo do Estado e inassimiláveis, mas eram caracterizados como os que "[...] estudavam nas universidades, vendiam frutas e legumes, eram pequenos comerciantes e profissionais liberais, e atuavam em publicidade e no cinema. Muitos ocupavam cargos políticos municipais, estaduais e federais [...]".



Associava-se os *nikkeis* aos bons resultados acadêmicos, vistos como cidadãos exemplos e de que desenvolveriam o país. Compondo uma imagem de que os *nikkeis* eram melhores e desse modo a nação brasileira progrediria ao se transformar em mais "japonesa". No entanto, surgiu conjuntamente uma imagem negativa e preconceituosa, os *nikkeis* ocuparam o lugar do "outro racial" e que se manifestou através piadas grosseiras como: "[...] 'Garanta seu lugar na Universidade de São Paulo amanhã: mate um japa' era uma delas, enquanto outra, grafitada nos banheiros da universidade, dizia: 'Enquanto você está ai cagando, tem um japonês estudando'" (LESSER, 2008, p. 46). É perceptível que essa nova imagem sobre os *nikkeis* foi formada por dualidade entre os discursos positivos e os negativos.

Outro elemento que contribuiu para o aumento da visibilidade das comemorações nipônicas foi o movimento decasségui. A partir da década de 1980, em virtude da crise econômica brasileira e a posição do Japão entre as potências industrializadas emergiram, mais fortemente, emigrações de nipo-brasileiros. De acordo com Beltrão, Suguhara e Konta (2008), os trabalhos destinados aos decasséguis, a princípio, eram os de baixa qualidade e que os japoneses rejeitavam, conhecidos como "3K": kitanai (sujo), kiken (perigoso) e kitsui (penoso). Dessa maneira, a busca por uma vida melhor pelos *nikkeis* potencializou uma visibilidade positiva. Ambos os eventos contribuíram para a perceptibilidade das

comemorações dos aniversários da imigração japonesa por parte dos nãos descendentes.

A comemoração dos 80 anos da imigração japonesa ocorreu em 18 de junho de 1988 e contou com a participação de um amplo público de *nikkeis* e não descendentes, realizando-se o evento no Estádio Municipal do Pacaembu em São Paulo. Além de que, destacou-se pela busca de uma rememoração e construção de memória. Conforme Richard Gonçalves André (2011, p. 3), as festividades e comemorações são compostas por discursos memorialistas que remetem a uma tradição, "[...] com o objetivo de criar ou recriar memórias fictícias supostamente calcadas numa longa duração e perpetuados até o presente sem modificações [...]", constituindo uma ilusão atemporal.



Nota-se que no *Imin* 80 emergiram dois discursos de origens diferentes, mas com perspectivas parecidas. O primeiro era mais relacionado as produções acadêmicas, apesar de analisar como se deu a imigração e processo de inserção dos imigrantes japoneses no Brasil, ainda desemprenhava um papel de construção de memória. Essas discussões acadêmicas são consideradas mais tradicionais, pois analisavam a assimilação, aculturação e integração dos *nikkeis*, além de estarem ligadas as questões memorialistas. Discussões que foram propagadas por autores como Hiroshi Saito e Takashi Maeyama no livro "A presença japonesa no Brasil" de 1980.

E um outro discurso que buscava a construção da memória dos imigrantes japoneses e de seus descendentes, propagado, principalmente, através de publicações de livros tanto autobiográficos como romances, possuía visões cristalizadas: enfatizavam a vitória do imigrante japonês no Brasil, a harmonia entre o contato de culturas diferentes, reelaborando a ideia da democracia racial e a amizade entre o Brasil e Japão, silenciando qualquer espécie de conflito e problemática relacionada a imigração. De acordo com Michel Pollak (1992; 1989) a memória é um fenômeno construído coletivamente e está submetido a transformações. Como também a memória é seletiva e perpassa por um processo de negociações para conciliar entre a memória coletiva e as memórias individuais.

Esses livros foram publicados a partir da metade da década de 1980, coincidindo, principalmente, com a comemoração dos 80 anos. Não foram obras encomendadas, mas os autores utilizaram a data para prestar homenagem a presença nipônica no Brasil (SAKURAI, 1993). Abordam questões como: a questão

da identidade, o *gambarê*[3], conflito de gerações e contraste entre culturas diferentes. Tais como “Memórias de um imigrante japonês no Brasil” (1980), “Toda uma vida no Brasil” (1984), “Sob dois horizontes” (1988), “E já assim deve ser: *Sayonará*” (1988), “Ipê e Sakura: em busca da identidade” (1988), “Sonhos Bloqueados” (1991).

Dentro desses, há publicações escritas por mulheres e que objetivavam deixar o testemunho feminino sobre a imigração japonesa e o cotidiano. Tratam sobre a visão da mulher, partindo da vida doméstica e da família. É possível notar que mesmo que a narrativa esteja ligada ao âmbito familiar e da casa há uma construção de identidade embasada nas práticas culturais japonesas em contato com a sociedade brasileira. Um exemplo disso é o livro “Sonhos Bloqueados” escrito por Laura Honda-Hasegawa, em 1991 e publicado pela editora Estação Liberdade. Apesar de ter sido publicado apenas em 1991, o livro faz parte das publicações que buscavam a construção da memória e foi influenciado pelo *Imin* 80. Segundo Laura Honda-Hasegawa, a comemoração dos 80 anos da imigração japonesa foi um momento marcado por reflexões, do mesmo modo, a obra foi pensada a partir de uma matéria, sobre a primeira turma de mulheres que emigraram para o Japão, do jornal “O Estado de São Paulo” (Diário Nippak, 1991). Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar como se deu a construção de memória e identidade das *nikkeis*, partindo das discussões de identidade e diferença e a identidade hifenizada.



## 2. A IDENTIDADE HIFENIZADA

Como exposto, a fonte utilizada para o desenvolvimento deste trabalho é o livro “Sonhos Bloqueados” de 1991, publicado pela editora Estação Liberdade, em São Paulo e recebeu apoio da Aliança Cultural Brasil-Japão. O livro é composto por quatro capítulos e 198 páginas, a narração é em primeira pessoa e o enredo conta a vida e pensamentos de Kimiko Fuji, uma *nisei*[4], e que após a morte de sua mãe abandonou os estudos para auxiliar seu pai, assumindo dessa forma o papel destinado à sua mãe: dona de casa. A obra aborda diversos elementos como: a questão da identidade, as obrigações da mulher *nikkei* em casa e com a família, os conflitos de gerações, a busca pela liberdade e até mesmo o movimento

[3] *Gambarê* simboliza os esforços dos japoneses em superar as dificuldades.
[4] É a segunda geração de descendentes

decasségui[5]. Percebe-se que na obra há elementos da vida da mãe da autora, como também, resquícios do conflito de identidade vivido pela própria autora (SAKURAI, 1993).

O primeiro capítulo denominado “Do lar” trabalhou sobre o cotidiano da mulher, o papel e as obrigações de mãe e esposa. Esse capítulo é significativo porque discorreu sobre a luta diária das mulheres em manter a casa e a família. Já o segundo capitulo “Da Liberdade” tratou sobre a construção de memória entorno do bairro da Liberdade, funcionando como um lugar de memória. Outro ponto é a maior independência das personagens femininas e a luta dos *nikkeis* por uma vida melhor, isso perpassando pelas universidades e trabalho.



O terceiro capítulo “Das pequenas alegrias e lembranças do passado” o elemento de destaque é a busca por uma vida melhor por Kimiko e a luta de um sonho. Após a morte de um dos filhos e do marido, Kimiko se mudou para São Paulo e começou a trabalhar como cabelereira novamente. Nesse capítulo já não há mais a unidade familiar e é marcado por constantes crises de identidade como também por conflitos entre gerações. Por fim, o quarto capítulo “Da ausência de cada um” versou sobre o movimento decasségui, Kimiko e mais um grupo de vinte e sete mulheres deixaram seus filhos e maridos e foram para o Japão para trabalhar em um período de dois anos. Esse capítulo simbolizou essencialmente um dos motivos pelo qual autora decidiu escrever o livro, a luta de mulheres *nikkeis* por uma vida melhor.

O livro “Sonhos Bloqueados" protagonizou as personagens femininas, dando voz e destaque, além de demonstrar que as identidades são complexas, rompendo com a ideia de uma identidade fixa e centralizada. Ainda mais porque explorou a construção da identidade das *nikkeis* através da manutenção das práticas culturais japonesas em contato com a cultura brasileira. Manifestando uma identidade hifenizada, fluida e fronteiriça que se constrói de modo relacional, ou seja, é marcada pela diferença entre as duas culturas. De acordo com Stuart Hall (2014, p, 29), a identidade é um “tornar-se” e com isso os indivíduos são “[...] capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum”. Como veremos a seguir com a personagem Kimiko e as outras personagens femininas presentes no livro.

[5] Decasségui pode ser entendido como aquele que ganha dinheiro fora de casa.

As *nikkeis* no Brasil, principalmente, da segunda geração foram educadas por um sistema educacional de cunho patriarcal japonês, justamente porque seus pais, os imigrantes japoneses, queriam manter os costumes pois acreditavam em um possível retorno ao Japão, com o intuito de preservar a cultura. No entanto, com a desilusão de volta e o constante contato com a cultura brasileira, através dos descendentes, essas práticas se alteraram e modificaram-se. Do mesmo jeito, essas questões influenciaram na construção da identidade, já que "essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades poder ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras [...]" (WOODWARD, 2014, p. 22).



Uma das práticas culturais japonesa que mais tentou se preservar no Brasil e influenciou diretamente na vida das mulheres foi o casamento arranjado, conhecido como *miai-kekkon*. Segundo Francisca Vieira (1973), os casamentos no Japão era um assunto tratado pelos chefes de família, era considerado uma aliança e que perpetuaria em outras famílias patrilineares. Para o arranjo, formalização e organização dos casamentos era necessário um intermediário oficial, conhecido como *nakodo*. Ele era responsável por procurar uma noiva para a família interessada e intervinha em todas as negociações existentes. Esse tipo de casamento se manteve no Brasil, mas com algumas características diferentes. Isso é expressado no livro, em que Kimiko se casa através do *miai*. O casamento foi arranjado por uma família conhecida como casamenteira e não por um oficial: "[...] Na sala estavam papai e um casal que logo reconheci serem os Matsumotos, muito conhecidos na região como casamenteiros [...]" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 24).

Boa parte das personagens femininas se casaram através do *miai*, até mesmo as *nikkeis* que viviam em uma pensão, apesar de serem mais independentes, estarem trabalhando e/ou estudando, a maioria delas acabaram se casando, por vontade da família. Contudo, há quebras dessa prática por alguns *nikkeis*, como o caso de Eiko e Kunio, ambos irmãos mais velhos de Kimiko. Quando houve a possibilidade de se arranjar um *miai* para Eiko, imediatamente, ela recusou: "A Eiko é que tinha sido esperta, armando um escândalo quando Matsumoto-*san* quis lhe apresentar como pretendente um viúvo quase vinte anos mais velho e com uma penca de filhos [...]" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 24). Por fim, acabou

casando-se com um imigrante japonês que veio para o Brasil depois da segunda Guerra Mundial, foi visto de forma positiva pelo seu pai, pois era um japonês.

Enquanto Kunio que se casou com uma brasileira, realizando um casamento interétnico, não foi aceito pelo seu pai e era visto de forma negativa: "[...] Acho que Kunio escolheu Antonieta para se vingar da ex-noiva, de mim, da vida" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 34). De acordo com Viera (1973, p. 145), os casamentos por amor ou conhecidos como *renai-kekkon* era "caracterizado por disputa familiar e ausência de negociações e rituais costumeiros". Assim sendo, era considerado pela maioria dos chefes de família das colônias nipônicas como inconveniente, pois para eles não daria certo.



> [...] A razão mais frequentemente apontada foi a diferença dos costumes entre brasileiros e japoneses, para alguns totalmente distintos, para outros muito diferentes e especificados com a apresentação de vários estereótipos dos brasileiros [...] (VIEIRA, 1973, p. 154).

Do mesmo modo, alguns não aprovavam os casamentos interétnicos devido a raça: "[...] 'japonês é raça pura com qualidades superiores'; 'misturar sangue estraga a raça'; 'melhor mesmo é casar com a mesma raça'" (VIEIRA, 1973, p. 155). Sendo assim, a questão racial também era vista negativamente pelos grupos japoneses. Observa-se isso quando o pai de Kunio comparou a ex-noiva *nikkei* com a esposa brasileira: "[...] Mari-*tchan*, sim teria sido uma ótima esposa e nora: discreta, gentil e trabalhadora [...]" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 34). Percebe-se que a imagem da *nikkei* foi enfatizada através da diferença entre as características e a cultura.

Outra prática cultural provinda do Japão era a hierarquia familiar, isso é demonstrado até em ritual simples como o *ofurô*[6]:

> Pela primeira vez na vida, eu havia entrado no banho antes de todo mundo. Desde os sete anos era eu a encarregada de preparar o *ofurô*: enchia a tina de água, acendia o fogo do lado de fora e ficava, pacientemente, esperando que a lenha começasse a arder. Primeiro era papai, depois meus irmãos, em seguida eu e por último mamãe [...] (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 27).

Nesse trecho notamos a hierarquia familiar baseada no patriarcalismo. Segundo Ruth Benedict (2014, p. 48), era na família japonesa que se aprendia meticulosamente as regras de respeito, aprendia-se uma hierarquia baseada no

[6] Também chamado de furô é um tipo de banheira tradicional do Japão.

sexo, na geração e progenitura. Não consistia em ser apenas formalidade, mas era considerada uma autorização para os pais interferirem em diversos assuntos da vida dos filhos. Desse modo, "[...] A esposa inclina-se diante do marido; a criança, diante do pai; os irmãos mais jovens, diante dos mais velhos e a irmã, diante de todos os irmãos, qualquer que seja sua idade".

Ademais, a mulher ocuparia um lugar inferior ao homem, não importando a idade, devia obediência ao pai, ao marido e aos irmãos. Essa obediência é exposta quando Kimiko pensa em arrumar um trabalho, porém não foi aceito pelo seu marido: "[...] Bem que eu havia insistido para me deixar trabalhar fora, mas, teimoso como ele só, Yukio não deu ouvidos. 'Você trabalha suficiente dentro de casa', sentenciará" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 29). Além de demonstrar a obediência que tinha em relação ao pai e ao Kunio: "O bilhete de meu irmão mais era breve e impessoal, mas não precisava pensar duas vezes, porque se havia duas pessoas no mundo a quem eu devia obediência e de que tinha até um certo medo, essas pessoas eram papai e Kunio" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 23). Conforme Marta Matsue Yamamoto Otenio (2015), o romance "Sonhos Bloqueados" discorre um período em que as mulheres foram educadas em seio rígido do patriarcalismo, entretanto, houve resistência e subversão de cada uma e que contribuíram para superar os obstáculos.



Outra característica preservada da hierarquia era a responsabilidade do filho mais velho, em que na família japonesa era estabelecido que o filho mais velho deveria ficar em casa cuidando dos pais enquanto os mais novos poderiam progredir, obtendo melhor educação e melhor salário. Como também o pai e o irmão mais velhos eram responsáveis pela casa, assumindo as decisões e garantindo que elas sejam cumpridas (BENEDICT, 2014). Observa-se isso quando Kunio abandonou a ideia de se mudar com a noiva para a outra cidade no momento em que seu pai não permitiu:

> 1968.... na época, Kunio estava comprometido com a Mari-*tchan*, da familia Miyata, de Birigüii. Os irmãos dela resolveram largar a lavoura e começar um negócio na capital – oficina mecânica – e estava tudo praticamente acertado: seu irmão entraria como um dos sócios, casava com a moça e iriam todos morar numa casa enorme, pegada à oficina. Mas eu dei a palavra final: que Kunio teria de ficar comigo, trabalhando e ajudando na lavoura, como vinha acontecendo desde terminou a escola agrícola [...] (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 34).

Então, aqui no Brasil buscou preservar a responsabilidade sobre o filho mais velho e a obediência dos filhos aos pais. Essa obediência se manteve em razão da educação baseada no *on*[7], que implicava em uma "retribuição sobre tal débito, significando, portanto, amor. Mas o sentido primordial é de débito [...]" (BENEDICT, 2014, p. 89).

Mesmo com todo o respeito ao *on* e a hierarquia familiar houveram quebras dessas práticas, como a Kimiko, que é a terceira filha, acabou assumindo as responsabilidades que seria da sua irmã mais velha. Ela assume as obrigações de cuidar da casa e dos irmãos desde quando sua mãe faleceu. Contudo, ainda se manteve a ideia de que os caçulas são privilegiados e teriam mais chance de estudar. O exemplo disso é de Akira e Teresa (irmãos mais novos de Kimiko): "Somos cinco ao todo: Kunio que trabalha na roça com papai; Eiko casada há um ano e morando em Lins; a terceira sou eu; depois vem Akira e a Teresa que só estudam" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 70).



Para além disso, algumas mulheres casadas com os filhos mais velhos teriam que morar com as sogras, uma característica baseada nas práticas culturais japonesas. Segundo Benedict (2014, p. 107), a nora entrava para a família como uma estranha e era seu dever aprender tudo que poderia agradar a sua sogra, apresentando-se de forma submissa. Como ocorre com Yumi, umas das melhores amigas de Kimiko: "Na casa da minha sogra mesmo; ela é viúva e quer a gente junto... E depois, Kazuo-*san* é o mais velho, tem mais dois irmãos e quatro irmãs, todos solteiros" (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 69).

Há também o uso da língua japonesa como uma prática cultural e um dos elementos para a construção da memória e identidade. Aqui no Brasil o japonês se transformou em uma língua diferente da falada no Japão, visto que integrou palavras portuguesas e permaneceu a língua falada antes da Segunda Guerra Mundial. Simbolizando as transmutações que os *nikkeis* passaram e que demonstra essa identidade hifenizada. Ainda mais, esse japonês era apreendido nas escolas japonesas instaladas nas colônias, sendo um lugar de manutenção das práticas culturais:

> Quem tivesse algum estudo além do primário já era considerado apto para lecionar naquelas escolas. E o ensino era ministrado em Língua Japonesa,

[7] *On* é empregado no sentido de devoção sem limites quando emana do principal e maior dos débitos (BENEDICT, 2014, p. 89).

> utilizando livros didáticos trazidos do Japão, destinado assim, a formar cidadãos do seu país, ainda que se encontrassem no Brasil. As grandes datas nacionais eram comemoradas como se estivessem no Japão. O Ano Novo, o Aniversário do Imperador, e demais feriados japoneses eram ocasiões solenes e oportunidades para realização de festas e gincanas poliesportivas. As festas nas escolas começavam com a leitura solene do Edito Imperial sobre a Educação e não faltavam as reverências às fotografias do Imperador e da Imperatriz, bem como três vivas em sua homenagem. Não deixavam de cantar o Hino Nacional do Japão, hasteando também a sua bandeira (NINOMIYA, 2008, p, 153).



uso dessa língua japonesa se manteve mais fortemente até a segunda geração, posteriormente, ocorreu um declínio e foi visto de forma negativa pelos *iseis*[8]. Explicitado em um trecho do livro: “É um absurdo as moças de hoje não saberem japonês, será que esqueceram de onde vieram os pais?” (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 62), dito pela dona Miuyuki, imigrante japonesa e dona da pensão que viviam diversas *nikkeis*. Assim sendo, a língua servia como um dos elementos da construção de identidade, porque “essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2014, p. 8).

Além disso, houve a construção de identidade através da diferença entre as práticas culturais japonesas e a cultura brasileira, enfatizando os pontos positivos do que era considerados “japoneses” e criticou-se o “jeitinho brasileiro”, essa era uma visão comum por parte de alguns *nikkeis* que angariavam sua identidade mais próxima ao Japão. Segundo Woodward (2014, p. 40), as identidades são construídas pela marcação da diferença: “essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença”. Da mesma forma, essa asserção da diferença entre as culturas envolve a negação de que não existe, quaisquer similaridades entre os dois grupos e implica em uma pretensa superioridade de uma cultura sobre a outra (WOODWARD, 2014). Existe essa constante diferenciação por parte de Kimiko no momento em que começou a trabalhar para uma moça japonesa:

> mas agora seria um pouco diferente, porque a patroa era uma pessoa amável, simpática e o principal: japonesa como eu. Embora tenha nascido no Brasil, minha educação foi japonesa e me entendo melhor com os de minha raça. Os brasileiros, muitas vezes, são imprevisíveis, têm atitudes e reações sem sentido para mim [...] (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 34).

[8] São os japoneses que imigraram para o Brasil

Kimiko caracteriza também o “jeitinho brasileiro” como um ponto de diferença, quando fala de uma colega de trabalho que é *nisei* e é mais aproximada da cultura brasileira: “[...] Aposto que, se a proprietária ainda fosse Pinky Shimizu, não teríamos nada disso, mas como a Luri é nissei, acostumada ao ‘jeitinho brasileiro’; é natural que as coisas tomassem esse rumo, cada qual ‘vendendo o seu peixe’ para conseguir um dinheirinho extra para as compras de fim de ano [...]” (HONDA-HASEGAWA, p. 174).



É importante também entender que a identidade é marcada por meio de símbolos, ou seja, existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela utiliza (WOODWARD, 2014). Assim sendo, a identidade de algumas *nikkeis* foram formadas através das práticas culturais japonesas adotadas, como também de elementos provenientes do Japão. Um exemplo disso, é Kimiko e as colegas do pensionato que se identificavam mais com a cultura japonesa, com os filmes e consequentemente com as atrizes japonesas: “Quantas saudades da época em que íamos todos os domingos, a turma do pensionato mais algumas amigas [...]. Eu, a Yumi e Shizue não perdíamos nenhum filme do trio Missora Hibari, Eri Chieme, Yukimura Izumi. Adorávamos! Eu me identificava mais com a Eri Chiemi, por ser ‘cheinha’ como ela – procurava imitar o cabelo curto, o jeito de falar, menos de cantar, pois sempre fui desafinada [...]” (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 58 e 59).

Entretanto, existe também as crises de identidade entre os *nikkeis* e que diferiam dessa identidade construída a partir da diferença. São denominados como militantes étnicos por causa da rejeição das ideias sobre a etnicidade “japonesa” (LESSER, 2008). Verifica-se isso quando Érica, filha de Kimiko, começou a rejeitar sua etnicidade tanto culturalmente como fisicamente. Ela realizou uma operação nos olhos para se ocidentalizar e para se aproximar mais das brasileiras, tudo isso por causa de um concurso chamado “A mais bela gata oriental”, a qual participou e acabou perdendo, deixando-a furiosa: “[...] A Érica ficou furiosa porque das cinco finalistas do tal concurso, quatro eram mestiças, quer dizer, mais vistosas, olhos grandes e expressivos, você sabe... Então ela jurou que um dia operaria as pálpebras [...]” (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 148). Conforme Otenio (2015), Érica pertence a um grupo que buscava uma afirmação identitária, que não conseguiam aceitar sua diferença étnica e procurava constantemente comprovar a sua brasilidade. Hall (2005) argumenta que o descentramento ou deslocamento do

indivíduo, ou seja, a perda de “um sentido de si”, tanto culturalmente como no social, constitui uma crise de identidade.

Outroassim, existe os *nikkeis* que apesar de terem sido educados através dos costumes japoneses, não seguem à risca. Como é o caso de Teresa, irmã mais nova de Kimiko, em que tem um desenvolvimento mais individual concentrado na dedicação do estudo e o ganho financeiro. Teresa não se casou e nem teve filhos, teve sua vida envolta aprimoramento pessoal. De acordo com Hall (2003), muitos indivíduos, principalmente das gerações mais jovens, negociam e “estabelecem” seus próprios acordos dentro e fora das comunidades. Semelhantemente, houve uma desconstrução da imagem da mulher submissa, dona de casa e frágil.



Assim como nota-se uma maior independência das mulheres *nikkeis* e uma quebra da unidade familiar, quando é abordado no livro o movimento decasségui só de mulheres: “O avião decolou há algumas horas do aeroporto de Cumbica. Somos vinte e sete mulheres, deixando maridos e filhos no Brasil e com destino ao Japão, para trabalhar lá por um período de dois anos!” (HONDA-HASEGAWA, 1991, p. 191). Com isso há uma quebra do discurso oficial sobre a mulher e colocando-a como um ser ativo e que enfrenta a vida com *gambarê*, coragem, força, inteligência, sensibilidade e capacidade de trabalho.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, percebemos que a identidade não é fixa, nem centralizada e o individuo não é composto de uma única identidade, mas de várias identidades e que muitas vezes são contraditórias e/ou não resolvidas. Isso é explicito quando analisamos as construções de identidades das *nikkeis*, que ao mesmo tempo em que tentam manter as práticas culturais japonesas, elas transpassam por um constante contato com a cultura brasileira. Ocorrendo modificações e transformações dessas práticas, sendo possível encontrar diversas variações e hibridismo. Igualmente, notamos que embora as gerações mais jovens expressam certa fidelidade a determinadas práticas culturais de um grupo ocorrem também um declínio visível dessas práticas (HALL, 2003).

Mesmo que empenham-se em manter uma unidade cultural, as identidades dos *nikkeis* são construídas através de negociações e resistências, tanto do lado dos que se esforçam para manter uma identidade mais fechada e partindo da diferença – como é o caso de Kimiko que buscou seguir as práticas culturais

japonesa e se identificou mais com o Japão, enfatizando sua descendência étnica – quanto aqueles que recusam sua etnicidade e procuram destacar sua brasilidade – o caso de Érica, que não se sentia pertencente a nenhum grupo e queria ser identificada como brasileira, afinal, nasceu no Brasil.

Para além disso, as identidades sofrem transformações continuamente de acordo com as formas pelas quais são representados os indivíduos ou interpelados pelos sistemas culturais. Logo, o sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes. Como é representado por Kimiko, que sofreu transformações identitárias, passando da identidade de irmã-mãe, para jovem independente e que trabalha para depois se tornar mãe e esposa, por fim ocorreu a quebra de todas essas identidades e se tornando mulher, independente e que é além de apenas dona de casa, tornou-se decasségui em busca de seus sonhos. Então, as identidades não são unificadas e nem coerentes. Existindo identidades contraditórias e que empurram em diferentes direções (HALL, 2005).



## 4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 4.1. Fontes

HASEGAWA, Laura Honda. **Sonhos Bloqueados**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

HASEGAWA, Laura Honda. Entrevista cedida a Luana Martina M. Ueno. Londrina, 28 de ago. de 2019. [Entrevista realizada por e-mail e encontra-se disponível no acervo pessoal].

A história de Kimiko, como centenas de outras. **Diário Nippak**. São Paulo, 20 de jun. de 1991.

### 4.2. Bibliografia

ANDRÉ, Richard Gonçalves. A imigração japonesa no Brasil: história e memória, fronteiras e interpretações. **História e-história**, v. 1, p. 1-21, 2009. O periódico encontra-se fora do ar.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a espada**: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CARDOSO, Ruth. **Estrutura familiar e mobilidade social**: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo. São Paulo: Primus comunicação, 1995.

ENNES, Marcelo Alario. **A construção de uma identidade nacional**: Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editor UFMG, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Resistência & Integração:** 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.



LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional:** Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Trad. Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LESSER, Jeffrey. **Uma diáspora descontente**: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

OTENIO, Marta Matsue Yamamoto. **Os sujeitos diaspóricos e negociações identitárias:** o entre lugar em *Brasil Maru* e *Sonhos Bloqueados*. 2015. 233 f. Tese (doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Assis, 2015.

POLLAK, Michel. **Memoria, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 2. n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SAITO, Hiroshi. **A presença japonesa no Brasil.** São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1980.

SAKURAI, Célia. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Editora Sumaré, 1993.

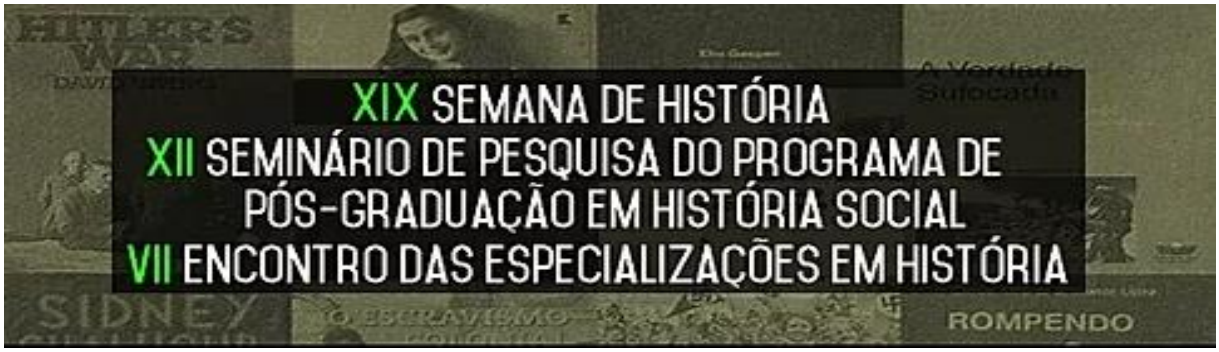
SAKURAI, Célia. **Imigração tutelada**: os japoneses no Brasil. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Campinas, Campinas.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. **Uma Epopeia moderna:** 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo, editora HUCITEC, 1992.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. **A interface gênero/etnia na ficção de nisseis brasileiras e estadunidense**. Estudos feministas, 2004.

VIEIRA, Francisca Isabel S. **O japonês na frente de expansão paulista**: O processo de absorção do japonês em Marilia. São Paulo: Pioneira, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.






# A PRESENÇA DA CULTURA MATERIAL E A CONSTRUÇÃO CULTURAL COTIDIANA NA EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ (1985-2019)

Bruna Garcia Catarino
Mestranda em História Social - Bolsista CAPES.
(Universidade Estadual de Londrina)

Tatiane dos Santos Bairros
Graduanda em História – Bolsista CNPQ
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo.** A região que compreende o Norte do Paraná possui em sua formação a presença do empreendimento imobiliário da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, no final da década de 1920 e começo da década de 1930, onde imigrantes de outros países e Estados do Brasil vieram para uma nova ocupação do espaço. Anterior a isso há a presença indígena, que remonta milhares de anos, até os dias atuais, e das Missões Jesuíticas – no caso de Cambé, a Missão Jesuítica "San Joseph" (1625-1631). O trabalho aqui proposto tem como foco a Cultura Material, o Patrimônio, o cotidiano e os objetos, assim como a ligação desses com a exposição permanente do Museu Histórico de Cambé (1985-2019), localizados no município de Cambé-Pr. Partindo dessa premissa, o Museu Histórico de Cambé apresenta em sua exposição e acervo a materialidade dessas presenças. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é identificar e analisar a presença dos objetos enquanto documentos museais e seus usos dentro desse espaço, bem como as suas relações sociais e culturais, além de suas representações de usos, suas atribuições de acordo com as necessidades econômicas, sociais e culturais enquanto objetos cotidianos e presentes na construção cultural das vivências humanas. Assim, os objetos são uma parte dinâmica da construção cultural, e integrar os objetos do cotidiano, seria a forma analítica ideal para pensar a Cultura Material integrada à construção cultural cotidiana.

**Palavras-chave:** Cultura Material; Patrimônio; Museu; Exposição Permanente.

Financiamento: CAPES, CNPQ.

## Introdução

O município de Cambé abrange atualmente a região Norte do Estado do Paraná, juntamente a outros municípios dessa localidade tiveram essa formação territorial recente, graças ao empreendimento imobiliário realizado pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP[1], no final dos anos 1920 e início da década de 1930. Neste momento chegaram para essa nova ocupação do espaço, imigrantes de outros países e outros Estados do Brasil.

Antes disso há a presença de variados povos indígenas que remontam milhares de anos e que continuam presentes atualmente, em específico nessa região os caingangues e os guaranis, em maior quantidade.



Concomitantemente das Missões Jesuíticas – no caso de Cambé, a Missão Jesuítica “San Joseph” que instala sua segunda fundação neste território em 1625 e permanece somente até o ano de 1631, quando acontece de ser desfeita juntamente as outras aqui presentes no Guairá, com a eminente fuga dos povos das Missões por decorrência das invasões dos Paulistas.

Para entendermos a formação das duas exposições permanentes presentes no Museu Histórico de Cambé precisamos compreender esse contexto histórico do município, pois há a presença da cultura material cotidiana representativa de cada ocupação do território em seus mais diversos contextos.

Neste estudo abordaremos mais contundentemente a parte da exposição permanente do Museu Histórico de Cambé que representa a ocupação do espaço no século XX, onde há a presença dos pioneiros responsáveis pela atual formação do município. Mas também falaremos da sala de arqueologia, onde se encontram objetos de materiais cerâmicos e líticos que representam a cultura oleira e cotidiana do povo guarani e da presença da Missão Jesuítica “San Joseph” (1625-1631).

**Objetivos**

Sendo assim, conseguimos perceber que o Museu Histórico de Cambé apresenta em sua exposição e acervo a materialidade dessas presenças. Com isso, o objetivo desse trabalho é identificar e analisar a presença dos objetos enquanto documentos museais e seus usos dentro desse espaço, bem como as suas relações sociais e culturais, muito além de suas representações de usos, mas sim, suas

[1] Uma subsidiária da Paraná Plantation Ltda. no Brasil.

atribuições de acordo com as necessidades econômicas, sociais e culturais enquanto objetos cotidianos e presentes na construção cultural das vivências humanas. Assim, os objetos são uma parte dinâmica da construção cultural, e integrar os objetos do cotidiano, seria a forma analítica ideal para pensar a Cultura Material integrada à construção cultural cotidiana.



**Resultados**

Para abordarmos a Cultura Material devemos levar em consideração às discussões a cerca dessa temática. No Brasil até a década de 90 poucos historiadores a usavam como categoria de análise. Entre esses poucos trabalhos os objetos eram referidos como ilustração de determinado estrato social, em geral os mais abastados. Por isso, não havia um consenso com os conceitos e termos a serem empregados no auxilio de investigações relacionadas à cultura material.

Dentro da Arqueologia e da Antropologia os objetos eram um assunto bem explorado e alguns precursores dentro da História se utilizavam deles para perceber a sua relação com os homens de seu tempo. Mas é preciso lembrar que dentro da historiografia clássica a intensão não era a de investigar diretamente a cultura material, por este motivo esses trabalhos não podem ser utilizados como referencial metodológico e conceitual.

Atualmente a Cultura Material é mais recorrente nos estudos e pesquisas realizadas no Brasil, e temos como referencial o historiador Daniel Roche que concentra seus trabalhos na história da vida cotidiana.

Para Roche (2000) a cultura material deixa de ser compreendida como um rol de artefatos, passando a ser analisada e associada à sociedade que a criou, com a economia que a produziu, com o mercado que a distribuiu e então ligada a cultura que permitiu sua existência estética, estrutural e funcional, e para esse autor é neste ponto que a historiografia contemporânea se distingue dos estudos tradicionais.

Além dos artefatos dentro e fora das instituições museais (que é o caso desse estudo), as fontes escritas como os inventários, testamentos, relatos de viagem, notas de compra, etc., e as fontes visuais: fotografias, pinturas e imagens de objetos, são igualmente utilizadas.

Para José Newton Coelho Meneses (2016) a Cultura Material (os objetos, os artefatos), as coisas que o homem constrói, são como documentos das vivências, as experiências humanas integradas ao próprio fazer dessas vivências humanas.

Para este autor é impossível pensar o material exclusivamente aderido ao seu uso, pois qualquer objeto, artefato da cultura são mais do que instrumentos do uso do homem, eles fazem parte do gestual do homem, da própria construção humana.



Para Meneses (2016), a maior contribuição de se estudar a Cultura Material seria observar os objetos e artefatos como parte da vivência, da inteligibilidade que o homem constrói na sua sobrevivência e no seu viver.

Isso de certa forma facilita essa materialidade da História e de se construir um pensar para além do óbvio - principalmente dentro das instituições de memória e história, que é o caso dos museus -, para além do seu valor como uso, para além do seu valor como produção, como instrumento tecnológico, ela então é parte dessa inteligência humana, parte da construção simbólica dessa sociedade a que pertenceu. Ela contribui para o pensamento do objeto/artefato como um documento atual, e assim acabamos tendo no documento uma amplitude maior.

Em síntese, o que Meneses (2016) está querendo expor é que os objetos são uma parte dinâmica da construção cultural, então integrar os objetos do cotidiano seria a forma analítica ideal para pensar a Cultura Material associada ao cotidiano.

Em relação à ligação da Cultura Material e o Museu Histórico de Cambé temos que compreender que o acervo pertencente a essa instituição é composta por diversos elementos pertencentes à Cultura Material e Imaterial, mas neste estudo nos limitaremos a pensar e analisar sobre os objetos presentes na sua exposição permanente.

O Museu Histórico de Cambé foi oficialmente fundado na data de 30 de outubro de 1985, na Rua França em uma antiga casa alugada pela prefeitura para abrigar a sua sede, tendo como prerrogativa a guarda e exposição de objetos e as memórias dos fundadores da cidade. Mudou-se no ano de 1989 para a então localização na Rua Otto Gaertner s/n, no centro do município, quando se finalizou a obra do chamado Centro Cultural, que abriga a Secretaria de Cultura, a biblioteca, o museu e salas de realizações de atividades artísticas e culturais no geral.

Anteriormente a isso, o então fundador e diretor da instituição por aproximadamente 30 anos, Cesar Cortez, por possuir formação em Jornalismo e

estar em contato com as discussões acadêmicas e legais a cerca da criação de espaços para garantir que a história e a memória não morram junto com seus realizadores, e sendo filho de pioneiros, acaba elaborando um projeto de realização de entrevistas com os primeiros indivíduos a chegarem por meio da CTNP para formar inicialmente a vila de Nova Dantzig, atual Cambé.

Com esse projeto realizado por Cesar Cortez, além do material de História Oral produzido por ele, muitos desses pioneiros e seus familiares acabavam doando objetos e documentos em geral pertencentes a esses indivíduos e sua família. Partindo desse projeto de iniciativa pessoal de Cesar Cortez, o então prefeito Luiz Carlos Hauly em sua gestão, resolve promover a criação do Museu Histórico da cidade de Cambé em 1985.



Com a criação da instituição os projetos se diversificam e se intensificam concentrados em privilegiar os pioneiros. Juntamente a isso, há o empenho para a mobilização da comunidade cambeense, com a proposta de recolher fotos, documentos, publicações e diversos objetos de interesse histórico, que desembocaram em doações de materiais indígenas líticos e cerâmicos.

Desde sua fundação os objetos pertencentes ao acervo do Museu Histórico de Cambé são frutos de campanhas de doações entre as famílias que chegaram à região entre as décadas de 1930 á 1947. Esse critério foi estabelecido pela administração da instituição como data de emancipação politica do município ser no ano de 1947 e com isso a sua troca de nome de Nova Dantzig para Cambé.

Além disso, há a presença maciça de objetos líticos e cerâmicos pertencentes à cultura indígena presente na região e de alguns objetos contemporâneos de cestarias trançadas, arcos, flechas, cocares, e outros adereços em geral. Além dos objetos doados pelas famílias pioneiras, há também a presença de objetos pertencentes aos comércios, e a administração pública do município – já que a gestão do Museu Histórico pertence à prefeitura municipal de Cambé.

Visão Geral da Sala de Exposição do Museu Histórico de Cambé

Fonte: Acervo pessoal

Para pensar esses objetos, devemos levar em consideração o que José Bittencourt (2001, p.153) nos diz sobre o problema da descontextualização desses objetos, que deixaram de fazer parte de seu contexto de uso e passam a incorporar as coleções do museu.

> Mas, se os itens expostos em um museu representam o mundo, não pertencem mais a ele. Retirados de seu contexto, passam a simulacros que exemplificam uma classe ou grupo de itens do mesmo tipo. (BITTENCOURT, 2001, p. 155).

O autor nos diz que a exposição de um museu tem a proposta de “situar o passado e organizar o mundo” (BITTENCOURT, 2001, p.155) e neste movimento a revelação de uma ordem que nos revela mais um instrumento de controle do espaço físico e tempo, traduzido como um instrumento de poder. Devemos levar em consideração essa afirmação ao analisar a exposição presente no Museu Histórico de Cambé, pois mesmo com a existência da exposição arqueológica e indígena, a predominância e dimensão dos objetos pertencentes as “famílias pioneiras” se revela como a instauração de um grupo detentor do poder.

A ordem da exposição do Museu Histórico de Cambé segue uma ordem cronológica – mesmo sem ser indicada. Partindo da presença indígena, demonstrada pelos objetos etnográficos, e em conjunto há a revelação da existência da Missão Jesuítica “San Joseph” que também pauta sua evidência por meio da diferenciação e mudança do fazer cerâmico.

Exposição da sala de Arqueologia “Prof. João Sabaini” – Museu Histórico de Cambé

Fonte: acervo pessoal

Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé, de procedência da Missão Jesuítica “San Joseph” - Sala de Arqueologia “Prof. João Sabaini”.

Fonte: Acervo pessoal

Segundo José Reginaldo Santos Gonçalves (2009, p. 66) “os objetos materiais desempenham uma função constitutiva, dando forma e materialidade à nossa autoconsciência individual e coletiva”, com isso em mente se faz entender que o seus usos cotidianos, muitos dos objetos estão intrinsicamente ligado ao humano, e nesta condição não há como fazer uma separação física e social dessa relação.

É neste ponto que começamos entender qual a importância de determinados objetos adentrarem os museus e qual o significado eles trazem quando expostos.

Muito além de entender o papel desses objetos como marcas de identidade de seus “usuários”, mas como forma de entender “sua função constitutiva no processo de formação de subjetividades individuais e coletivas” (GONÇALVES, 2009, p. 68).

Quando esses objetos, frutos da formação das subjetividades individuais e coletivas adentra o museu e passa a fazer parte incorporada do acervo, ele terá o papel de mediar às relações que os indivíduos mantêm com o seu passado e assim perdendo seu status enquanto uso e assumindo um valor de exibição, perdendo inteiramente suas “funções sociais e simbólicas do cotidiano” (GONÇALVES, 2009, p. 69).



> Especialmente no contexto dos museus históricos e dos museus etnográficos, os objetos estão certamente a serviço do conhecimento científico, do conhecimento histórico e antropológico; mas, ao mesmo tempo, é incontornável a demanda para que esses objetos tenham ressonância junto a determinados segmentos do público (GONÇALVES, 2009, 73).

Pensando no nosso objeto de estudo, a exposição do Museu Histórico de Cambé, ela se encaixa perfeitamente nessa descrição do autor, e ponderando essa consideração, é relevante destacar que junto ao público há uma maior ressonância da parte dos objetos pertencentes às famílias pioneiras da cidade. Pois muitos desses objetos “ilustram” o dia a dia não muito distante e faz essa mediação para entender o passado.

Entre eles são expostos máquina de costura, ferro de passar roupas, caldeirão de ferro, objetos de identidade religiosa católica, ferramentas e peças ligadas a derrubada das matas fechadas – como serrotes e serras manuais, outras peças relacionadas ao ciclo cafeeiro, maquetes de prédios não mais existentes, entre outros. Em destaque há um consultório médico montado com o conjunto total doado pela família do Doutor José dos Santos Rocha, que além de médico foi prefeito por algumas gestões em Cambé.

Objetos expostos na exposição permanente do Museu Histórico de Cambé

Fonte: Acervo pessoal

Objetos expostos na exposição permanente do Museu Histórico de Cambé

Fonte: Acervo pessoal

Mas ao mesmo tempo, a parte de objetos arqueológicos e indígenas encanta com sua característica de resistência de sobrevivência a face de sua fragilidade material e de seus usos e fazeres.

Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé

Fonte: Acervo pessoal

Principalmente entre as crianças, o “ilustrar” a histórica que se conta faz com que todos aqueles materiais ali expostos, crie um clima de fascínio. Aos mais velhos - muitos deles em seu cotidiano remoto foram usuários de objetos semelhantes – o

sentimento de identificação e nostalgia, entrando nesse momento o trabalho de rememoração pelos objetos.

> A exposição museológica não pode ser tomada como um enunciado universal e atemporal, auto-evidente, mas como um sistema linguístico que é preciso aprender: tal como aprendemos a linguagem falada, a linguagem escrita e a linguagem visual. (...) A exposição (...) é, também a ponta do iceberg: se o museu quiser educar, não pode deixar de trazer à tona, sempre que possível, a parte não visível do iceberg. (MENESES, 2000, p. 96).



Ir muito além do “ilustrar”, mas criticizar aquela história ali caracterizada. Aprender a falar pelos objetos e não somente do objeto. Mostrar que aqueles objetos faziam totalmente parte da cultura daqueles que os produziam e utilizavam “Coerente com a convicção de que ensinar História é ensinar a fazer História, só posso deduzir que, num museu histórico, ensinar História não pode deixar de ser ensinar a fazer História com os objetos” (MENESES, 2000, p. 99).

## Considerações Finais

Ao fim dessa breve análise, as considerações que podemos fazer é que as coleções museológicas – e inclusa a do Museu Histórico de Cambé - representam a cultura material armazenada desde o passado, e suas exposições museológicas é a forma principal de se apresentar publicamente esse passado.

Suas coleções são as expressões culturais materiais das relações humanas e essa foi à forma que os museus encontraram de demonstrar essas ações.

Além das mediações – que são de grande importância dentro dos museus – os objetos passam a ser os documentos que precisam ser lidos, explorados, entendidos, e que para haver esse movimento é preciso aprender fazê-lo.

Dentro do museu, o objeto acabará se transformando num resumo da sociedade em que ele está presente. Por essa razão, as qualidades e defeitos presentes nessa sociedade estará lá manifestada, pois há um discurso produzido pelos objetos ali acumulados.

O Museu Histórico de Cambé não escapa dessa perspectiva. Por meio de seus objetos, tanto do acervo, bem como nesse caso em especifico da sua exposição, podemos identificar os conflitos, as preposições e porquês seus objetos nos contar a História da maneira que elas são hoje.

Dentro dessa instituição há a presença das disputas de poderes, de memórias, e as reinvindicações por reconhecimento histórico e memorial. Ele como museu, por si próprio também é monumento que se tornou instrumento de poder.

Fazer a critica da disposição desses poderes e entender a dinâmica histórica ali presente é de suma importância, tanto para o historiador, como pesquisador do fazer humanos, tanto para a sociedade que esse museu está inserido. Nessa dinâmica só podemos dizer que os saldos positivos, acabam superando os saldos negativos.



**Referências**

BITTENCOURT, José. Cada coisa em seu lugar: ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 8, n. 1, p. 151-174, 1 jan. 2001.

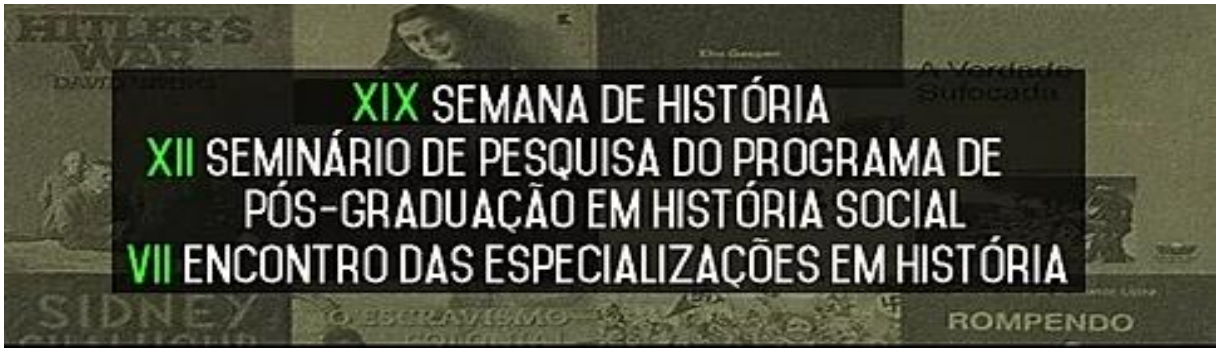
GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A magia dos objetos: museus, memória e história. In: PRIORI, Ângelo (org.). **História, memória e patrimônio.** Maringá: EdUEM, 2009a.

MENESES, José Newton Coelho. Apresentação: Culturas alimentares, práticas e artefatos. **Varia história**, Belo Horizonte, v. 32, n. 58, p. 15-20, abr. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752016000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 out. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752016000100002.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Revista Ciências & Letras**, n°27, Porto Alegre: FAPA, 2000. p.91-101

PRIORI, Angelo (org.). História, memória e patrimônio. Maringá: Eduem, 2009.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XVIII**, tradução de Ana Maria Scherer, Rio de Janeiro, Rocco, 2000.






# IDENTIDADE E HISTÓRIA: FOTOGRAFIAS DA AROL NO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Bruna Carolina Monteiro
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo:** O Museu Histórico de Londrina conta com importante acervo fotográfico com mais de meio milhão de itens. E uma exposição de longa duração tratando das primeiras décadas da cidade até meados de 1970. Para o visitante da exposição pode ficar a impressão de uma cidade formada, quase exclusivamente, por homens brancos proprietários. As memórias de alguns grupos sociais, entre eles, a população negra na cidade, não estão suficientemente representadas nessa exposição. Então, o relato aqui apresentado circunscreve-se num projeto de pesquisa que pretende buscar no acervo fotográfico do Museu os registros da presença negra na cidade com vistas a elaborar uma proposta de intervenção na referida exposição. Nessa comunicação destaco as imagens da AROL (Associação Recreativa Operária de Londrina) no acervo do Museu Histórico. São fotografias doadas para o Museu por Dr. Oscar Nascimento, ativista o Movimento Social Negro, que, junto com Cypriano Manoel, funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná, fundou a AROL em 1957. Através do estudo dessas fotografias e da pesquisa bibliográfica, especialmente daquela publicada pelo LEAFRO (Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros) da Universidade Estadual de Londrina, e estudos sobre os museus e suas práticas, como os realizados por Francisco Régis Lopes Ramos e Marília Xavier Cury, espero encontrar meios de colaborar para o reconhecimento da diversidade cultural e social na memória coletiva e na história de Londrina, e, especialmente, sua expressão na narrativa da exposição de longa duração do Museu que trata das origens da cidade.

**Palavras-chave:** Museu Histórico de Londrina ; AROL (Associação Recreativa Operária de Londrina); população negra em Londrina; acervo fotográfico.

## Introdução

Apresenta-se aqui uma reflexão extensionista relativa aos conteúdos de memória e história de Londrina destacados na exposição de longa duração do Museu Histórico de Londrina. Essa exposição foi inaugurada em 2000, portanto,

está aberta ao público há 19 anos e foi concebida e organizada enquanto ocorriam as discussões que alimentam a historiografia dos anos 1990 sobre Londrina e o norte do Paraná. As pesquisas da época jogam luz sobre a ideia do pioneiro na origem da cidade como responsável pelo seu progresso e desenvolvimento. Utilizando a coleção fotográfica da AROL doada pelo Dr. Oscar Nascimento, advogado e economista negro pioneiro em Londrina, e um dos fundadores da AROL, busco identificar a presença negra no Museu Histórico de Londrina, e assim, problematizar silêncios identificados na exposição relativos à presença afro-brasileira na cidade, pois ela expressa e estimula representações.



**Objetivos**

Analisa-se a coleção fotográfica da AROL, com a finalidade de reconhecer a presença negra no Museu Histórico de Londrina, e trazer a tona nas monitorias guiadas, e na própria exposição em si, a história da AROL enquanto um lugar de resistência negra, e a relevância dos afro-brasileiros na formação da cidade de Londrina. Também são utilizadas produções dos pesquisadores do LEAFRO (Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros) da Universidade Estadual de Londrina, acerca da presença afro-brasileira em Londrina, em que toda a bibliografia estudada explorou documentos da coleção do Museu Histórico.

Estuda-se a historiografia produzida na década de 1990 como “Pioneirismos: Discurso Político e Identidade Regional" de José Miguel Arias Neto e "Norte do Paraná" História e Fantasmagorias' de Nelson Dacio Tomazi. Além disso, são utilizadas as bibliografias "O Museu como um Instrumento de Reflexão Social", de Genoveva Oliveira, e "Educação em Museus: Panoramas, Dilemas, e algumas Ponderações." de Marília Xavier Cury, para ressaltar a função do museu enquanto um lugar de identidade e memória. E, a obra de Francisco Régis Lopes Ramos, “A Danação do Objeto: o Museu no Ensino de História” para compreender a função dos objetos salvaguardados e expostos no Museu Histórico de Londrina, pois, como afirma Ulpiano Bezerra de Menezes, para que o Museu esteja “inteiramente a serviço da comunidade” é preciso que se reconheça que exposições museais são delineadas a partir de problemáticas históricas, que se fundamentam em certos critérios de interpretação.

**Resultados**

O Museu Histórico de Londrina conta com um acervo documental e fotográfico e tridimensional que ultrapassa 900.000 peças. Pesquisadores se utilizam desse acervo para estudos sobre a história da cidade. Segundo Francisco Régis Lopes Ramos (s.d.), toda exposição é um ato comunicativo. Os objetos são ali expostos como “argumentos museais” que desejam persuadir, cativar, seduzir, argumentar em favor de suas proposições. Na década de 1990, a historiografia discutia a ideia de “pioneirismo”, da chegada dos migrantes e imigrantes, da ação da Companhia de Terras do Norte do Paraná, das ideias de progresso no eldorado. Arias Neto afirma que o ideário do poder local era o progresso - caracterizado pela comparação do desenvolvimento do Norte do Paraná com a Marcha para Oeste nos Estados Unidos, com ênfase na figura do pioneiro. (ARIAS NETO, 1995).



A imagem construída do “pioneiro” que traz o progresso e desenvolvimento para a cidade é o principal discurso circulante – nos anos 1990 e, acredito, ainda hoje – relativo ao início de Londrina. Nelson Dazio Tomazi comenta sobre a imagem do pioneirismo construída na região:

> Ao se analisar o discurso "Norte do Paraná", percebe-se a intenção de alguns autores de construir a idéia que, desde os tempos imemoriais, havia uma comunidade de interesses econômicos e políticos, onde todas as pessoas pensavam e agiam de uma mesma forma. Procurou-se, assim, construir uma solidariedade com vínculos com a própria terra roxa. (TOMAZI, 1997).

A partir da década de 2000: com identitarismo multiplicam-se estudos sobre grupos à margem. Intensificam-se pesquisas sobre a presença de afro-brasileiros em Londrina.  Nesse contexto, aumentam pesquisas sobre a presença de afro-brasileiros em Londrina. Maria Aparecida dos Santos Panta (2013) indica que a segregação racial na cidade trouxe como consequência a marginalização, pobreza estrutural da população negra; baixa qualificação educacional e ocupacional; racismo; presença de padrões tradicionalistas segregadores; ausência de políticas públicas específicas e reparatórias.

O LEAFRO – Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Estadual de Londrina é um dos responsáveis pelas pesquisas sobre a população negra na cidade de Londrina. Biografias sobre personagens negros importantes para a história da cidade foram produzidas com o acesso aos acervos do Museu Histórico de Londrina, como os documentos e fotografias. Biografias como *Yá Mukumby: A Vida de Vilma Santos de Oliveira* (2013); *O Doutor Preto*

*Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina* (2014); *Dona Izolina e a Venda dos Pretos* (2017), *Negro em Movimento: a trajetória do Dr Oscar Nascimento* (2014).

Várias dessas pesquisas utilizaram documentos conservados no Museu Histórico de Londrina. Documentos em papel, imagem e som e tridimensionais. Um detalhe chama nossa atenção: além das poucas pessoas negras em lugares de destaque, vemos várias outros presentes em fotografias. Mas, como figuras em segundo plano, sobre as quais ainda não se jogou luz, portanto, não foi trazida para o centro do palco a sua condição de sujeito na cidade. Se o Museu guarda em seu acervo documentos sobre a população afro-brasileira, que pesquisas podem ser feitas através desses materiais, por que a exposição do museu é tão limitada? Para o visitante que anda através das salas para olhar os objetos e fotografias ali expostas, aprende muito pouco sobre todos os feitos desse grupo social.



Os autores Maria Nilza da Silva, Mariana Panta e Alexsandro Eleotério de Souza, escrevem a biografia do Doutor Oscar Nascimento, como parte da coleção do LEAFRO *Presença Negra em Londrina*. Oscar Nascimento é advogado, economista e lecionou por 42 anos, atuando como docente no ensino médio, técnico e superior. Após lecionar por mais de quatro décadas, aposentou-se nesse ofício. [...] É um dos fundadores do clube AROL, Associação Recreativa Operária de Londrina, organização negra criada na década de 1950, sob liderança de Cypriano Manoel - cuja importância instaura-se na luta pela inserção do negro na sociedade londrinense e na resistência contra a discriminação racial . Participava ativamente do Movimento Negro de Londrina. (SILVA, 2014).

> Em meados dos anos de 1940, Cypriano Manuel e outros companheiros criaram a Sociedade Beneficente Princesa Isabel, que dava suporte aos negros da cidade, nas questões de lazer, promovendo concursos de beleza. A AROL (Associação Recreativa Operária de Londrina), ainda mantinha seu objetivo principal, combater o preconceito racial na cidade. Também se tinha como objetivo trazer a classe operária, os negros, a não só no quesito lazer, mas também o desenvolvimento cultural. No clube da AROL havia biblioteca, parque infantil, no salão se organizava bailes e conferências, o clube também deu suporte para a criação de uma escola que atendia a todos no bairro onde o clube se localizava (Rua Araguaia, 283 - Vila Nova, Londrina - PR). (DINIZ, 2010)

Através das fotografias da AROL, é possível observar a presença negra desde o início da exploração e povoamento da cidade de Londrina pela Companhia de Terras do Norte do Paraná. Homens brancos e negros trabalhando juntos no

desmatamento da cidade; a escola AROL manifestando e lutando por reconhecimento na sua ajuda a crianças pobres, brancas e negras, a terem uma educação e espaços de lazer. Os desfiles, bailes, e coroações no clube AROL e na escola de samba Vila Nova (criada pela associação).

**Figura 1.**

Homens abrindo estrada no meio da mata. “1937”. **COLEÇÃO DR. OSCAR NASCIMENTO.** Acervo Museu Histórico de Londrina.



**Figura 2.**

Crianças desfilando com faixa escrita “Escola AROL.” 13/05/1960. **COLEÇÃO DR. OSCAR NASCIMENTO.** Acervo Museu Histórico de Londrina.

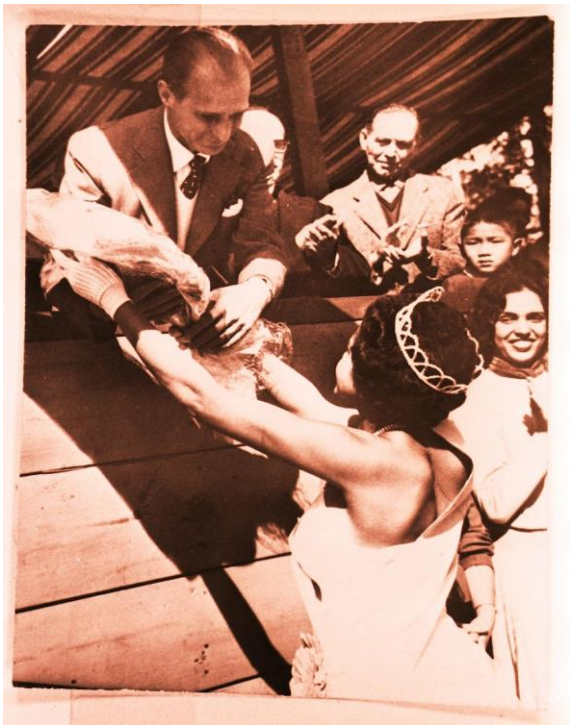
**Figura 3.**

Mulheres de vestido branco desfilando segurando placa escrita “AROL, pelos povos livres sem preconceito.” 13/05/1960. **COLEÇÃO DR. OSCAR NASCIMENTO.** Acervo Museu Histórico de Londrina.

**Figura 4.**

Dr. Oscar num dia de prova na escola da AROL. **COLEÇÃO DR. OSCAR NASCIMENTO.** Acervo Museu Histórico de Londrina.

**Figura 5.**



Prefeito Milton Ribeiro de Menezes parabenizando a princesa Neusa no desfile da escola de samba da AROL. 13.05.1961. Av. Higienópolis. **COLEÇÃO DR. OSCAR NASCIMENTO.** Acervo Museu Histórico de Londrina.

Genoveva Oliveira (2013) comenta sobre a importância do museu enquanto um lugar de identidade, onde os moradores podem se reconhecer, aprender sobre a história dos seus antepassados e como tudo reflete ainda nos dias de hoje. O

museu também atua como um espelho, onde as pessoas podem se ver, fazendo conexões entre as suas próprias vidas e experiências.

Nesse sentido, um museu precisa estar sempre em transformação para responder novos questionamentos que vão surgindo na sociedade, agregar grupos que antes estavam colocados como segundo plano na história de uma região, mostrar a diversidade étnica e cultural e de como tantos povos diferentes entre si marcaram a trajetória de uma cidade até ela ser o que é hoje. Cury discute a situação:



> Atualmente, o público reivindica ser satisfeito em seus anseios de sujeito cultural, aquele que participa da dinâmica cultural ressignificando, fora e dentro do museu. Isso deve ser entendido como um direito básico de todo cidadão. Cabe ao museu ampliar a sua consciência quanto ao direito básico de cada cidadão no processo da cultura e, no que concerne o seu compromisso institucional, no processo da cultura material. (CURY, 2013.)

Nessa perspectiva é preciso estimular a reflexão sobre a presença afro-brasileira em Londrina no espaço do Museu Histórico de Londrina em vista de uma educação que colabore para visões mais críticas sobre a nossa cidade, que nos permitam reconhecer as suas riquezas culturais e o que, de fato, está na raiz das suas identidades.

**Considerações finais.**

Quando uma pessoa visita o museu de sua cidade, ela precisa se encontrar ali, reconhecer os objetos e entender a sua função, a importância para o momento, as pessoas que o utilizavam, e como isso tudo reflete até a contemporaneidade. Entender uma ligação entre o tempo presente e a época que está sendo mostrada na exposição. Quando uma pessoa negra não vê uma relação entre ela e o museu é porque o museu não está cumprindo a sua função de servir a sociedade, grupos estão sendo deixados de fora da sua narrativa.

Através das fotografias da AROL, é possível expor e comentar sobre a presença afro-brasileira na cidade de Londrina, do seu início até a atualidade, mostrar que os negros desbravaram as matas, criaram escolas, bailes, festivais, entre outras coisas. Uma cidade diversificada de culturas, raças, etnias. Londrina não foi feita apenas pelo homem branco e proprietário.

**Referências Bibliográficas.**

ARIAS NETO, José Miguel. **Pioneirismo: discurso político e identidade regional**. História & Ensino, Londrina. 01: 69-82, 1995. Disponível: http://www.uel.br/seer/index.php/histensino/article/viewFile/12809/11128.

CURY, Marília Xavier. **Educação em Museus: panoramas, dilemas, e algumas ponderações**. Ensino Em Re-Vista, Junho de 2013.

DINIZ, Larissa Mattos. BORGHI, Eduardo Baroni. **A População Negra em Londrina: uma luta por reconhecimento**. In: XIV Encontro Regional da ANPUH - RIO Memória e Patrimônio. Associação Nacional de História. Rio de Janeiro, 2010. Disponível:http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276743030_ARQUIVO_ANPUH_AROL.pdf .

OLIVEIRA, Genoveva. **O Museu como um Instrumento de Reflexão Social**. Midas: Museus e estudos interdisciplinares (online), 2, 2013. Disponível: www.midas.revues.org/222

PANTA, Mariana Aparecida dos Santos. **População Negra em Londrina: processos migratórios, deslocamentos espaciais intra-urbanos e segregação**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013. Disponível: http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000188610

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A Danação do Objeto: o Museu no Ensino de História. Biblioteca Virtual, DAHISFJ. Disponível: https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/regis-lopes-a-danac3a7c3a3o-do-objeto.pdf

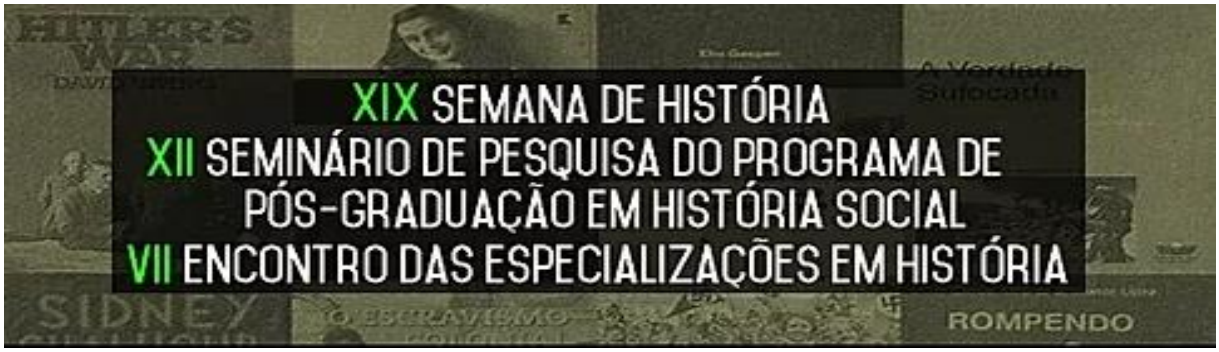
Mariana. CAMPOS, Margarida Cássia. SILVA, Nikolas Pallisser. **Dona Izolina e a Venda dos Pretos: solidariedade e resistência**. Londrina: UEL, 2017.

SILVA. Maria Nilza. PANTA, Mariana. SOUZA, Alexsandro Eleotério de. **Negro em movimento: a trajetória de Doutor Oscar do Nascimento Londrina**. Universidade Estadual de Londrina, 2014.

SILVA. Maria Nilza. PANTA, Mariana da. **O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina**. Londrina: UEL, 2014.

SOUZA, Alexsandro Eleotério Pereira de. DINIZ, Larissa Mattos. LANZA, Fabio. MERISSI, Lais Celis. **Yá Mukumby: a vida de Vilma Santos de Oliveira**. Coleção: Presença Negra em Londrina. Londrina: UEL, 2013.

TOMAZI, Nelson Dacio**. Norte do Paraná: história e fantasmagorias**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997. Disponível: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/31883/T%20%20NELSON%20DACIO%20TOMAZI.pdf?sequence=1 .






# A UTILIZAÇÃO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO METODOLOGIA EM FONTES DA ANTIGUIDADE TARDIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Vinícius da Silva Proença
Mestrando em História
UNESP/Assis

**Resumo.** No tocante às escolas históricas, vemos que ao longo do século XX os historiadores, com especial atenção para a escola dos *Annales,* procuravam junto às ciências vizinhas explicar melhor o homem. Com isso, a aproximação da história com a sociologia, etnologia, linguística e outros tornam-se ferramentas primorosas ao historiador que, se valendo delas, constroem novas percepções da realidade histórica. Dentro dessa perspectiva, a Análise Crítica do Discurso, como ferramenta, se torna uma metodologia interessante a ser empregada. Tendo como referência os estudos de Foucault, Bakhtin e Norman Fairclough, o objetivo desse trabalho é apontar, através de dissertações já finalizadas e estudos em andamento, como essa metodologia pode ser utilizada em fontes da Antiguidade Tardia, em especiais hagiografias, sermões e atas conciliares. Tais fontes estão inseridas no contexto da Península Ibérica, sendo o sermão de Martinho de Braga voltado aos Suevos e a hagiografia e as atas conciliares concernentes ao Reino Visigodo de Toledo.

**Palavras-chave:** Reino Visigodo; Reino Suevo; Metodologia; Antiguidade Tardia.

## Introdução e justificativa

Os procedimentos adotados para a escrita da história passaram por mudanças desde a Antiguidade Clássica e cabe aqui destacar dois tópicos marcantes dessa mudança: tema e método. Em relação ao tema, pode-se perceber que o foco nos grandes acontecimentos, guerras e notórios reis, que eram tão caros a Heródoto e Tucídides, passaram por uma ampliação dando espaço a novas temáticas, que eram deixadas de lado devido ao fato de que, por muito tempo, só se deu valor aos grandes acontecimentos. Com isso, a história das minorias, dos

subalternos e dos de baixo passou a ter um maior destaque a partir dos *Annales* no início do século XX.

Em relação ao aspecto metodológico, são diversas as contribuições ao longo da história, sendo indispensável ressaltar duas escolas históricas. A escola metódica alemã, do final do século XIX, teve um papel fundamental na concepção de história como ciência, contribuindo com o método e tornando a disciplina cada vez mais científica. Igualmente relevante é a escola francesa dos *Annales*, a qual detalhou-se de forma mais minuciosa devido sua pertinência. Essa escola, como ensina Peter Burke, pode ser dividida em três fases:



> Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishement* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma "escola", com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a "história serial" das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. (BURKE, 1991, p. 8)

Na primeira fase, de 1920 a 1933, é perceptível que desde o início Marc Bloch e Lucien Febvre já estavam buscando se relacionar com as ciências vizinhas. Etnólogos, psicólogos, geógrafos, linguistas e cientistas sociais faziam parte desse cenário de discussões e trocas, contribuindo para se construir uma história cada vez mais interdisciplinar. A segunda fase tem como principal expoente Fernand Braudel e suas contribuições para a história. Como salienta Burke "o ponto principal a realçar é que Braudel contribuiu mais do que qualquer outro historiador deste século para transformar nossas noções de tempo e espaço." (1991, p. 37-8)

A terceira fase tem como destaques Jacques Le Goff, André Burguière e Jacques Revel, e suas apropriações de outras disciplinas ainda se mantinha uma característica da escola. Burke também enfatiza que "esta geração, por outro lado, é mais aberta a ideias vindas do exterior." (1991, p. 56) A aproximação com Foucault também é um aspecto relevante dessa geração, pois suas contribuições no campo da linguística, e no estudo sobre as relações de poder são essenciais, como escreve Burke:

> Apesar da crítica de Foucault à ideia de influência, torna-se difícil não utilizar o termo para descrever os efeitos de seus livros sobre os historiadores do grupo dos Annales. Graças a ele, descobriram a história do corpo e os liames entre essa história e a história do poder. (1991, p. 69)

Ainda em relação ao campo da linguística e suas colaborações, destaca-se a importância de analisar o documento como uma prática discursiva, percebendo que a fonte pode nos dar informações valiosas, como escreve Guy Bourdé e Hervé Martin

> A *análise estrutural dos textos*, quer se trate de uma obra na sua totalidade, de uma página precisa ou de um documento escolhido entre os mais vulgares, constitui igualmente uma via nova de trabalho histórico. Um certo número de investigadores, entre os quais se podem citar Nathan Wachtel, Jacques Le Goff e Michel De Certeau, inspiraram-se nos trabalhos de Propp, Greimas e Brémond para renovarem radicalmente a crítica dos textos. (BOURDÉ e MARTIN, 1983, p. 196)



As narrativas e como elas são construídas, são temas importantes para Foucault e os pesquisadores dos *Annales*, pois como ensina Burke "de todo jeito, discussões sobre história política, história dos eventos e narrativa histórica estão muito interligadas" (1991, p. 73). Com isso, compreender as relações entre discurso, prática social e as narrativas históricas, são fundamentais para analisar uma sociedade. Foucault andou em consonância com a terceira geração dos *Annales*, ambos buscando a ampliação dos temas da história.

A análise de discurso passa a ser configurar uma interessante metodologia para a compreensão das relações de poder e dominação nas sociedades, pois como escreve Foucault:

> Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou- não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (1996, p. 10)

Os estudos do britânico Norman Fairclough e a metodologia de Análise Crítica do Discurso de matriz inglesa, têm relevantes contribuições para os estudos discursivos e são uma valiosa ferramenta para se empregar nas pesquisas em história. Em relação às diferenças encontradas entre uma abordagem crítica e não crítica, Fairclough ensina que:

> As abordagens críticas diferem das abordagens não-críticas não apenas na descrição das práticas discursivas, mas também ao mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes do discurso. (2001, p. 31-2)

Com isso, entender as relações de poder e as ideologias presentes no seio das sociedades, torna-se fundamental para a compreensão do modo de pensar e

agir desses grupos. O linguista britânico desenvolve uma análise baseada em três dimensões, buscando compreender como a mudança social pode ser influenciada pela prática discursiva

> Inicio com uma discussão sobre o termo 'discurso', e em seguida analiso o discurso num quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social. Essas três dimensões de análise são discutidas uma a uma, e concluo estabelecendo minha abordagem para a investigação da mudança discursiva em sua relação com a mudança social e cultural. (2001, p. 89)



Com esse panorama sobre as contribuições dos *Annales* e sua iniciativa de buscar a interdisciplinaridade, pode-se perceber que a linguística tem uma relevância singular nos estudos sobre história e vem sendo utilizada como um profícuo aparato metodológico pelos historiadores. Essa metodologia de análise crítica do discurso foi, e está sendo utilizada, nos trabalhos aqui investigados e se mostrou uma valiosa ferramenta para compreender os projetos de poder e as relações entre o discurso e a prática social, que estão intimamente relacionados. Sendo o discurso um fenômeno ideológico, a ACD[1] coopera para entender como ocorre essa formação discursiva, de quais textos ou ideias ela se vale e qual é o impacto social que esses discursos têm na sociedade onde são proferidos ou escritos.

Em relação a citação de ideias de outros textos, direta ou indiretamente, denomina-se intertextualidade, como explica Fairclough ao tomar de empréstimo o conceito de intertextualidade de Mikhail Bakhtin. Para o autor britânico:

> Intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante. (2001, p. 114)

No que se refere ao conceito de discurso, suas relações com o poder e a interferência do discurso na mudança social, Fairclough ressalta a importância das contribuições de Foucault para esse campo:

> O trabalho de Foucault representa uma importante contribuição para uma teoria social do discurso em áreas como a relação entre discurso e poder, a construção discursiva de sujeitos sociais e do conhecimento e o funcionamento do discurso na mudança social. (2001, p. 62)

[1] A partir de agora utilizaremos ACD para denominar Análise Crítica do Discurso

Munido desses referenciais, analisou-se como a ACD pode ser uma proveitosa ferramenta nos estudos sobre Antiguidade tardia, podendo perceber nos documentos os projetos de poder, as preferências políticas e outros aspectos que podem estar ocultos a visão do historiador.

**Objetivos**



Com o intento de evidenciar as possibilidades que a ACD proporciona ao pesquisador, separamos três trabalhos que se valem desse mesmo aparato metodológico, sendo duas dissertações de mestrado já concluídas e uma em andamento.

Antes de adentrar nos trabalhos, é necessária uma breve explicação sobre a período estudado. Antiguidade tardia é a época entre os séculos III ao VIII, onde pode-se ver mudanças e permanências com a Antiguidade clássica, como ensina Peter Brown: “o estudo deste período obriga-nos a observar constantemente as tensões entre as mudanças e a continuidade no característico mundo que cerca o mediterrâneo.” (1972, p. 7) Com isso, estudar esse espaço temporal requer do historiador um olhar atento à Antiguidade clássica para perceber quais são as influências legadas desse período, e o que há de inédito.

Dentro dessa linha temporal, os trabalhos aqui descritos estão localizados espacialmente na Península Ibérica dos séculos VI e VII e dizem respeito a dois reinos germânicos: Suevo e Visigodo. Um ponto comum entre ambos os reinos, além da questão geográfica, é a relevância que a Igreja Católica possui no interior dessas sociedades, sendo uma notória força política e conferindo aos governantes legitimidade ou contribuindo para sua queda.

**Resultados**

A dissertação de mestrado de Juliana Bardella Fiorot intitulada *Galiza, uma terra pagã: religiosidades e religião no discurso do de correctione rusticorum (séculos V e VI),* versa sobre o reino bárbaro dos Suevos e tem como objetivo

apontar como Martinho de Braga[2], através de seu sermão[3] intitulado *Correctione Rusticorum,* teve um relevante papel no fortalecimento do clero galego, sendo essa obra encomendada para corrigir os "rústicos"[4] em relação às práticas pagãs no reino suevo. É necessário lembrar que a Igreja cristã tem um papel fundamental em ambos os reinos bárbaros, sendo uma importante força dentro dessas monarquias e conferindo autoridade aos governantes, como salienta Fiorot:



> Era preciso que o monarca tivesse características cristãs e se comportasse como um instrumento de Deus, garantindo legitimidade a seu governo. Ao rei bárbaro interessava estar em um patamar superior dos demais membros da nobreza, e as conversões garantiam a validade da Monarquia perante Deus. (2016, p. 30)

Ainda em relação a correção dos rústicos, a autora evidencia que o problema do paganismo atingia também o clero na Galiza, o que fez com que Martinho tenha que primeiramente corrigir o clero para que este possa evangelizar corretamente a população, como descreve Juliana Fiorot:

> Para que o combate a antiga religiosidade se efetuasse com sucesso era necessário que a evangelização tivesse início entre o próprio clero, pois uma vez que estes entendessem os ensinamentos de Martinho e abandonassem seu comportamento religioso errôneo poderiam, por fim, disseminar a palavra de Deus entre os pagãos. (2016, p. 46)

Com isso, o sermão escrito por Martinho de Braga em latim vulgar buscou atingir toda a população pagã da Galiza, com o objetivo de melhor cristianizar essa população. A análise feita pela autora evidenciou como a sociedade galega continuou com as práticas pagãs, sendo esses hábitos ressignificados pela Igreja. Fiorot salienta que isso advém do fato de:

> Os antepassados suevos e a maioria de seus governantes em território galego foram pagãos. Porém, as vantagens desta união apresentada pela Igreja trariam para ambos a legitimação necessária perante a sociedade. (2016, p. 177)

Martinho de Braga, portanto, teve um papel fundamental no fortalecimento do clero galego e na consolidação da Igreja Católica. Ele também buscou a homogeneização do clero e o combate a antigas religiosidades pagãs, como ensina Juliana Fiorot. O conceito de intertextualidade serviu à pesquisadora para perceber

---

[2] Martinho de Braga nasceu em Panónia, atual Hungria, no século VI e mudou-se para Dume onde se estabeleceu. Foi bispo de Braga e teve um papel relevante na formação do clero na Galiza.
[3] O Sermão é um formato de texto produzidos com o objetivo de evangelizar essas populações, como explica Fiorot.
[4] Segundo a autora, os rústicos são as camadas de baixa instrução, principalmente em relação aos assuntos da Igreja.

que “reportando-nos novamente a narrativa, verificamos que não se trata de uma transcrição, mas sim de uma adaptação desenvolvida pelo bispo que priorizou alguns elementos em detrimento de outros.” (2016, p.122) Assim, o bispo de Braga se utilizou das sagradas escrituras para explicar e justificar seus ensinamentos, mostrando que na visão do bispo os pagãos estariam sobre o controle dos demônios que os levavam a pecar, como descreve Juliana Fiorot.



A segunda dissertação de mestrado descrita é a do pesquisador Germano Miguel Favaro Esteves intitulada *O ESPELHO DE SISEBUTO: Religiosidade e Monarquia na Vita Desiderii,* onde procurou-se mostrar como o rei visigodo Sisebuto utilizou-se da hagiografia[5] mais para fins ideológicos do que para a pessoa do santo. Sisebuto foi um importante monarca visigodo que os governou entre 612 à 621, e ficou conhecido pela sua grande devoção às coisas da Igreja, sendo um cristão fervoroso e muito inclinado aos assuntos da religião. Sua relação com o bispo Isidoro de Sevilha[6] também é um importante dado, tendo em vista que o bispo o cita em seus escritos como um devoto e um grande rei católico. O objetivo dessa pesquisa reside em entender os motivos que levaram esse monarca a escrever sobre a vida do santo Desidério, bispo de Viena, sendo que esse não faz parte do cenário visigodo. Assim, compreender as motivações do governante em escrever essa *Vita* foi o tema central dessa investigação.

Germano Esteves conclui que:

> Como vimos, o rei Sisebuto ao redigir a *Vita Desiderii* buscava alavancar ainda mais sua figura de bom monarca, piedoso, justo e cristão. Em direta relação com a figura e com os ensinamentos de Isidoro, Sisebuto expõe-se diretamente no texto, mostrando seus ideais, sua postura com relação aos crimes perpetrados pelos monarcas burgúndios, indo diretamente contra a tirania e os hábitos pecaminosos que descreve em seu relato. Assim, o santo Desidério, bispo de Viena, que não pertence ao reino visigodo, detalhe que mostra a clara intenção de Sisebuto em procurar um bode expiatório fora dos limites de seu reino, aparece mais como um coadjuvante dentro do relato que leva o seu nome, frente ao papel de protagonistas vividos por Brunhilda e seu neto Teodorico II. (2011, p. 147)

Se valendo da análise crítica de discurso, o pesquisador descobre que Sisebuto escreve com o objetivo de ressaltar seu papel como bom monarca cristão

[5] Como escreve Germano Esteves, as hagiografias passaram a ser denominadas assim posteriormente, no século XVII, e tinham como objetivo tratar da vida dos santos.
[6] Isidoro de Sevilha (560-636) foi um importante bispo na hispânia visigoda, e influenciou política e ideologicamente sua época. Seus escritos são de grande relevância para compreender o reino visigodo, além de ser um importante historiador da Igreja.

e caracteriza negativamente o monarca Teodorico e Brunhilda, como aponta Esteves. A fonte principal, com o cruzamento de outras fontes e o uso do método supracitado, possibilitou perceber as intenções mascaradas de Sisebuto ao escrever a hagiografia.

A última pesquisa aqui descrita, que ainda está em andamento, é do mestrando Vinicius da Silva Proença intitulada *GRATIA DEI: O IV Concílio de Toledo como instrumento de legitimação do poder régio de Sisenando na Hispânia Visigoda (631-636),* onde o objetivo é apontar como Sisenando, um duque provincial[7], usurpou o trono do governante anterior, Suintíla, com o auxílio dos francos. A usurpação não é uma novidade no reino visigodo, contudo, esse evento se tornou singular pelo fato de Sisenando ter contado com o apoio franco e ter sido auxiliado pela Igreja nesse intento.



Como descrito anteriormente, a Igreja Católica tem uma influência muito significativa dentro de ambos os reinos bárbaros, podendo legitimar ou não o reinado de um governante. Com isso em mente, Sisenando ao tomar o controle do reino por meio de uma traição, convoca o IV Concílio de Toledo para tentar legitimar sua figura enquanto monarca, ao mesmo tempo que deslegitima o anterior. Isidoro de Sevilha novamente tem um importante papel nesse cenário visigótico, pois foi quem presidiu o concílio. Entretanto, quais seriam as motivações para tal deposição? Seria Suintíla um governante ruim?

O bispo de Sevilha tem um papel importante nesse contexto pois, em seus escritos sobre os reis visigodos denominado *Historia Gothorum,* ele descreve o antigo governante como um bom rei e unificador do território visigodo, tendo expulsado os bizantinos da península. Então, por que excomungar o antigo governante sendo que em seus textos não consta que este era um monarca ruim? Essas são algumas das questões levantadas pelo pesquisador que busca compreender como a Igreja estava intimamente ligada com as forças políticas do reino, tendo a força política necessária para legitimar um usurpador.

Se valendo das Atas conciliares, o livro das Sentenças de Isidoro de Sevilha e uma bibliografia especializada, o objetivo é compreender as contradições no discurso de Isidoro de Sevilha em relação ao antigo monarca, Suintila, e o que

[7] Com a descentralização cada vez mais crescente no ambiente político visigodo, os duques provinciais passaram a ter cada vez mais força nas suas regiões, se mostrando empecilhos na tentativa centralizadora dos governantes visigodos

ocorreu. Se utilizando da ACD será possível analisar como a Igreja e o bispo de Sevilha tiveram um papel crucial para a deposição do monarca e a consagração de Sisenando.

## Considerações finais

Esse trabalho teve como objetivo apresentar três estudos sobre Antiguidade tardia, tendo como referencial metodológico a Análise Crítica de Discurso de matriz britânica. Tal ferramenta se mostra eficaz, pois permite ao pesquisador descobrir nos documentos informações mascaradas, encontrando uma abundância de detalhes que o autor pode ter ocultado, sejam elas suas intenções, atritos políticos e etc.



A importância da escola dos *Annales* foi algo salientado nesse trabalho, haja vista que a historiografia brasileira recebeu, e ainda recebe, grande influência dos franceses. Seus avanços em relação às pesquisas em história buscando a interdisciplinaridade propiciou que a etnologia, geografia, psicologia, linguística e outras áreas da ciências humanas contribuíssem para a construção do conhecimento histórico.

Em relação aos estudos discursivos, foi evidenciada a importância de Foucault, Bakhtin e Fairclough para o avanço nessa área, buscando promover a Análise Crítica de Discurso como ferramenta metodológica para os estudos na área de história na Antiguidade tardia. Optou-se por salientar esses três autores pelo fato de Fairclough se utilizar de conceitos foucaultianos e bakhtinianos para construir seu método de análise.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 1983.

BROWN, Peter. **O Fim do Mundo Clássico**. Lisboa: Verbo, 1972.

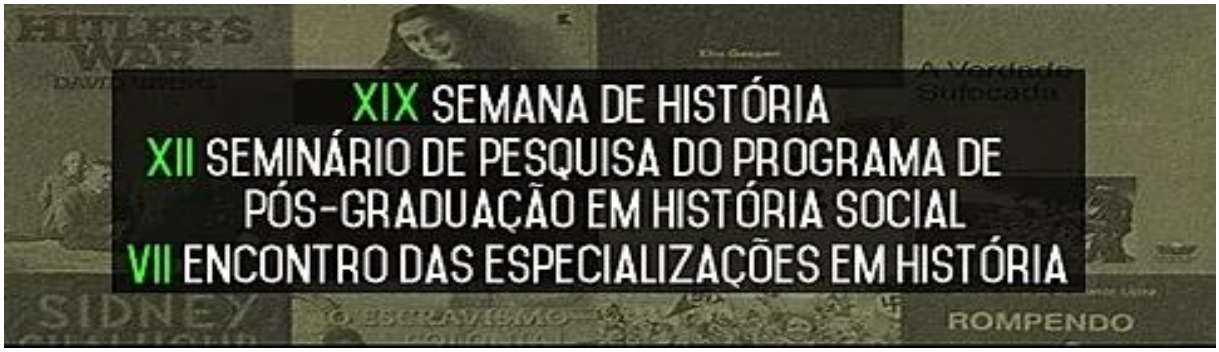
BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. 1929-1989. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991.

ESTEVES, Germano M. F. **O espelho de Sisebuto**: Religiosidade e Monarquia na *Vita Desiderii*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FIOROT, Juliana B. **Galiza, uma terra pagã**: religiosidades e religião no discurso do de Correctione Rusticorum (séculos V e VI). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Edições Loyola: São Paulo. 1996






# A AUTORIDADE DA HISTÓRIA COMO CIÊNCIA NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

Thiago de Barros Álvares e Lima
Universidade Estadual de Maringá

**Resumo.** O presente trabalho consiste em analisar a "sociedade do conhecimento", formada por bolhas virtuais, onde os agentes tornam temas das Ciências, inclusive da História, como verdades sem nenhum compromisso com as fontes históricas. A ideia é fazer um balanço sobre o que representa essa "sociedade do conhecimento" e como esses grupos se formam para espalhar as *fake news.* De maneira geral, a História como Ciência atravessa uma grande crise na sociedade da informação. O avanço da tecnologia traz grandes benefícios, mas também muitos paradoxos. O catálogo virtual está aberto para todos os tipos de públicos e ficamos perdidos sobre o que é verdade ou mentira e, de forma mais aprofundada ainda, sobre o que é informação e o que é conhecimento. Afinal, o que é "sociedade do conhecimento"? De forma bem resumida, Duarte (2003) afirma que trata-se de uma ideologia produzida pelo capitalismo e permeada por diversas ilusões. Ele lista cinco: 1) a acessibilidade do conhecimento; 2) a capacidade de mobilizar conhecimentos é muito mais importante que a aquisição de conhecimentos; 3) o conhecimento não é a apropriação da realidade pelo pensamento, mas sim uma construção subjetiva resultante de processos semióticos intersubjetivos; 4) os conhecimentos têm todo o mesmo valor não havendo hierarquias quanto à sua qualidade ou quanto ao seu poder explicativo da realidade natural e social; 5) o apelo à consciência dos indivíduos por meio dos bons exemplos dados por outros ou por comunidades constitui o caminho para a superação dos problemas da humanidade. Para Duarte (2003), essa ideologia da "Sociedade do Conhecimento" é uma construção do capitalismo para desmobilizar críticas ao próprio sistema, colocando o sujeito no papel social de ativo do conhecimento político e histórico, independente das fontes, mascarando assim as contradições sociais inerentes ao sistema. Por isso, trata-se de um fenômeno que apela para que indivíduos não busquem aquisição do conhecimento, mas compartilhem o que lhes é apresentado como uma espécie de revelação de uma teoria da conspiração, associada com discursos morais como o "desmantelamento das ideologias de esquerda" para a "defesa da família", como corrobora alguns meios de comunicação virtuais ligados aos movimentos neoliberais e neoconservadores. No caso do Brasil, esse processo passa pela ideia de invalidar a História como Ciência e colocar o professor com o papel de um mero

reprodutor de uma ideologia que quer estabelecer condições para a permanência do *status quo.* Dentre os vários ataques feitos aos historiadores por determinados grupos, formando-se o que Youssef (2018) chama de bolha virtual, alguns tentam descontruir paradigmas estabelecidos. O artigo tem como objeto de estudo uma recente corrente que afirma que nunca houve ditadura militar no Brasil, trazendo para o centro da discussão como se formam esses grupos e em que eles se apoiam. No decorrer do trabalho, apresentamos a importância de o professor-pesquisador adotar novas metodologias para apresentar os temas da ditadura militar em sala de aula, sempre mostrando como a pesquisa científica é fundamental para o aluno ter embasamento sobre tal assunto com reflexões baseadas na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire.



**Palavras chave:** História; Conhecimento; Ciência.

## Introdução

A História alcançou o patamar de Ciência apenas no Século XIX e atravessou diversas crises para manter-se como tal. O processo de manipulação ideológica, promovido por grupos que pretendem desestruturar as bases sociais e políticas vigentes, tem gerado no público uma espécie de desconfiança da História como Ciência. Como exemplo e objeto deste trabalho, vamos analisar o caso da ditadura militar brasileira, reconhecida pela História como um regime ditatorial, mas que tem sido amplamente contestada por correntes ideológicas que confundem a cabeça do grande público e que criam mecanismos para deturpar o papel do Historiador como um mero representante de alguma ideologia política.

Em síntese, o Historiador, em sala de aula, tem um desafio enorme na sociedade da informação: enfrentar a propagação das *fake news* e a manipulação através do conhecimento científico construído com base em fontes históricas. Nessa perspectiva, este é o tema que apresentamos para o presente artigo, justamente mostrar os desafios que o professor de História tem enfrentado em sala de aula na atualidade. Percebe-se que a justificativa é mostrar ao aluno que a História é uma Ciência na Sociedade do Conhecimento e que pode ser contestada através de artigos científicos, mas jamais por vídeos gravados aleatoriamente por *youtubers* (criadores de canais de vídeo no Youtube) ou por propagação de informações sem checagem em redes sociais.

Através disso, propomos uma análise do cenário atual no presente artigo e discorremos sobre a necessidade do professor tornar-se um pesquisador e entender que é necessário aplicar métodos que mostrem aos alunos como separar

o conteúdo histórico científico das *fake news.* O professor-pesquisador precisa instigar uma visão crítica no aluno, apresentar, rotineiramente, as fontes de pesquisas que levaram aos resultados que aparecem nos livros didáticos. Ele precisa estar atualizado com a historiografia, antenados com o que acontece no mundo, os novos conhecimentos e a busca pela excelência na prática docente. O professor que não se atualiza com as novas ferramentas tecnológicas não consegue criar diálogo para debater democraticamente com o aluno sobre a autoridade da História como Ciência. Esse é o problema que levantamos neste presente artigo: o professor-pesquisador precisa estar antenado com as informações e com as ferramentas tecnológicas para poder utilizá-las de maneira correta e mostrar aos alunos como elas podem ser usadas para prejudicar o conhecimento histórico.



Ao falar de ditadura militar, o professor deve apresentar dados de pesquisas, como, por exemplo, o trabalho feito pela comissão da verdade e não apenas se ater ao livro didático. A busca por materiais que reforcem, sobretudo documentários de quem sofreu com os anos de chumbo, são muito importantes para a criação do conhecimento. O professor precisa explicar aos alunos que a busca pela fonte é o princípio fundamental na atualidade, afinal somos bombardeados por notícias o tempo todo, sobretudo em redes sociais.

**Os desafios do professor-pesquisador na "sociedade do conhecimento"**

Um dos grandes problemas enfrentados pelos professores de História na atualidade é validar, diante dos alunos, a "autoridade" de sua disciplina sem que isto vire um autoritarismo. Com a Revolução Tecnológica, o excesso de informações, na maioria das vezes sem compromisso com as fontes históricas, tem trazido desafios enormes para os docentes.

O excesso das *fake news*, oriundas de um complexo processo chamado de democratização da informação, coloca em xeque a Ciência diante de um senso comum baseado em preconceitos políticos que interessam ao que Youssef (2018) chama de oligarquias tecnológicas.

Segundo Youssef (2018), ao mesmo tempo que a internet nos dá a falsa sensação de democracia, ela também pode esconder interesses de grupos empresariais que ele classifica como gigantes da tecnologia. O autor trabalha a

hipótese do avanço neoliberal pelo mundo, associado ao neoconservadorismo, que usam estratégias para atingir os diversos grupos sociais com seus interesses capitalistas. Como afirma o autor, hoje estes grupos não estão mais delimitados por fronteiras, mas unidos através do que ele chama de condomínios virtuais, ou seja, uma união entre pessoas com pensamentos parecidos, como, por exemplo, comunidades em redes sociais.



A este fenômeno, adverte Youssef (2018), o perigo está nos algoritmos usados por grandes redes como Google e Facebook. O autor explica que os bancos de dados de procura por determinados assuntos nessas plataformas geram uma espécie de bolha. Ou seja, se o sujeito tende a buscar informações a favor de determinada ideologia, ele receberá conteúdos somente nesse sentido, criando-se assim uma bolha, ou seja, uma visão unilateral do assunto e uma falsa sensação de conhecimento total sobre o tema.

Em cenário mundial conturbado no aspecto político, focaremos no Brasil como objeto de estudo. Com o país dividido entre ideologias políticas, algumas rechaçando as velhas estruturas e buscando novas possibilidades de governança, gerando crise na democracia política, processo classificado como desdemocratização por Wendy Brown *apud* Youssef (2018), vivemos um grande perigo da desqualificação da ideia de Estado como a concebemos hoje.

> Desdemocratização é a desativação atual de fundamentos tradicionais do liberalismo clássico como igualdade, universalidade, autonomia política, liberdades civis, cidadania, regras ditadas pela lei e imprensa livre. Tais fundamentos constituídos por séculos pelo mundo euro-atlântico estão sendo seriamente desafiados pela racionalidade neoliberal e seus princípios de governança alternativos. (Brown *apud* Youssef, 2018, p. 47)

No caso do Brasil, esse processo de desdemocratização parte de alguns grupos que defendem que a ditadura militar foi uma invenção de militantes de esquerda e que o *regime* tinha uma conduta justa que perseguia os comunistas, completando que nunca foi uma ditadura, mas algo em prol da manutenção da paz no Brasil. Esse argumento vai de encontro aos discursos de muitos militares que tentam colocar os militantes, chamados de *subversivos*, como os únicos responsáveis pelo período conturbado, sobretudo entre 1968 e 1975, que marcou o que chamamos de “anos de chumbo” com muitas torturas e mortes nos porões da ditadura.

Ao mesmo tempo em que isso é replicado pelos grupos com interesses neoliberais e neoconservadores, temos uma contradição que confunde a sociedade e que coloca o papel do Historiador como fundamental no que se refere ao tratamento com o público em geral, sendo preciso usar novas metodologias e apresentar fontes históricas diversas para confrontar os pontos de vista e retirar a visão unilateral criada nesses condomínios virtuais citados por Youssef (2018).



## O papel do Historiador

Com um cenário confuso, o papel do Historiador se faz necessário na "sociedade do conhecimento" e precisamos encontrar fórmulas para trabalhar as teorias baseadas em fontes históricas, sempre diferenciando memória individual, memória coletiva e memória histórica.

Como sugere Vasconcelos (2007), a memória individual faz parte das nossas lembranças, como o nosso primeiro dia de aula ou de um título da seleção brasileira de futebol que assistimos ao vivo. Para Vasconcelos, a memória coletiva reproduz experiências que não vivemos, mas que nos foram transmitidas pelos grupos sociais aos quais pertencemos. Assim, Vasconcelos aponta a figura paternalista criada em torno do ex-presidente Getúlio Vargas, muitas vezes com fotos presentes nas casas dos nossos avós, como um verdadeiro pai dos pobres. A memória histórica, no entanto, constata que a realidade é diferente e que tal imagem de Getúlio Vargas foi resultado de uma eficiente campanha de propaganda.

> Sabemos muitas coisas sobre o passado porque existem livros e documentos antigos, bem como quadros, documentos, monumentos, depoimentos orais etc que oferecem as pessoas informações sobre o que aconteceu no passado. Dentro desse contexto, é importante ressaltar que historiadores reúnem esses elementos e fazem uma análise crítica das informações neles presentes. O resultado dessa análise também é um tipo de memória: a memória histórica. (VASCONCELOS, 2007, p. 44)

É preciso compreender que o historiador tem o papel fundamental de juntar os documentos e fazer uma leitura daqueles fenômenos, de forma a criar uma narrativa que tenha coerência e seja baseada em fontes históricas. Torna-se, assim, uma Ciência que pode e deve ser mudada, mas para isso é necessário que existam pesquisas de outros cientistas como forma de refutar o trabalho.

Esse fenômeno não vem acontecendo no mundo virtual, onde jovens criam canais de comunicação e contradizem a História com argumentos rasos, sem mostrar cientificamente os motivos de avaliarem os fenômenos como sendo manipulados por ideologias de esquerda, ou seja, contrárias aos seus pensamentos. Trata-se de uma contradição da "sociedade do conhecimento", onde o próprio sujeito contesta o conhecimento científico baseado no senso comum.



Segundo Vasconcelos (2007, p. 26), "não investigamos o passado para encontrar nele receitas de como agir, mas sim para que possamos ter uma melhor compreensão da ação humana e seu significado". O autor defende que um entendimento da História é uma forma de termos plena localização no espaço e no tempo para podermos conhecer nossa identidade.

Através disso, compreender o mundo atual conhecendo as experiências do passado é necessário para termos consciência das transformações que podemos produzir na sociedade e não para encontrarmos alguma espécie de fórmula mágica de como agir diante das demandas. Para Vasconcelos (2007), tratamos simplesmente de outro contexto que não pode ser repetido mecanicamente em nossa época, com o risco de produzir resultados diferentes e inesperados.

Ao adquirirmos consciência histórica sobre os processos de Governança que ocorreram no passado, podemos questionar de forma crítica ideias como a volta da ditadura militar defendida por alguns grupos como a solução para a crise da democracia no Brasil. Dessa forma, o papel do Historiador, como agente do processo entre a Ciência e o Sujeito, se faz necessário para o processo de ensino-aprendizagem dentro das escolas.

**Autoridade da História x Autoritarismo do Professor**

Em tempos de tantas confusões ideológicas na chamada "sociedade do conhecimento", precisamos entender que o aluno carrega um conhecimento prévio antes de chegar à sala de aula. Como defende Paulo Freire (2004), o aluno traz de suas experiências uma bagagem cultural que deve ser respeitada pelo professor. O autor defende que o professor progressista precisa entender que aluno e professor fazem parte de um processo de aprendizagem. Segundo sua abordagem, "ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado." (FREIRE, 2004, p. 23)

Paulo Freire explica que não existe docência sem discência e que os sujeitos não se reduzem a objeto um do outro. O autor rechaça a ideia de ensino bancário, ou seja, transferência de conhecimentos para os alunos. Dessa forma, elabora-se a problemática desse momento da reflexão. Como mostrar aos alunos a autoridade da História como Ciência sem cair em um autoritarismo que pode colocar o docente no processo de apenas um transferidor de conteúdo para os alunos?



Paulo Freire (2004) defende que o educador contribua para que o educando tenha seu olhar crítico aguçado e sedento pela curiosidade. Com a proliferação de canais de comunicação virtuais contestando fatos históricos, muitas vezes não produzidos por historiadores, uma iniciativa interessante seria o docente pedir aos alunos que trouxessem esse material para a sala de aula e pudesse contestar ou validar, através de pesquisas científicas, o que tem sido falado pelos sujeitos na internet.

Mais do que isso, é preciso ajudar o aluno a se localizar em um contexto espaço-temporal para que ele busque refletir sobre o papel daqueles sujeitos no período da construção daquele conteúdo, fazendo um paralelo do sujeito ao contexto histórico em que ele se insere e aos grupos de poder a que podem interessar tais manifestações virtuais.

A reflexão através das fontes históricas deve partir de uma criticidade defendida por Paulo Freire, onde o aluno torna-se sujeito do processo de ensino-aprendizagem tanto quanto o professor. Ao professor, é necessário muita pesquisa, ética e respeito aos saberes do educando. Paulo Freire entende que é preciso por parte do professor uma reflexão crítica sobre sua prática.

> É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu 'distanciamento' espistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela 'aproximá-lo' ao máximo. (FREIRE, 2004, p. 39)

É preciso entender que o autor defende o estímulo do aluno pela busca de conhecimento e que é necessário, por parte do professor, conduzir o aluno a entender o que é memória histórica, memória individual e memória coletiva. Para tal objetivo, é necessário reconduzir a prática pedagógica mostrando fontes históricas e trabalhando de forma com que o aluno possa encontrar sua visão crítica através

dos fatos históricos para montar, nesse fantástico processo de ensino-aprendizagem, o seu ponto de vista com base na cientificidade do saber e não apenas da subjetividade do senso comum. Para isto, o professor precisa ser democrático e não impor verdades ao aluno, mas apenas conduzi-lo ao processo de curiosidade e pesquisa.

Paulo Freire (2004, p.62) afirma que “de nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor aos educandos a vontade arrogante do mestre.” Aqui encontra-se o ponto chave dessa reflexão. O professor não deve ser autoritário e impor verdades, mas colocar o aluno com sujeito neste processo para transformar o conhecimento e fazer surgir novos questionamentos, buscando diversos pontos de vista sobre determinado fato histórico.



> Respeitar a leitura de mundo do educando significa toma-la como ponto de partida para a compreensão do papel da *curiosidade*, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura de mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. [...] No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humilde crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 2004, p. 123)

Após analisar tudo que foi refletido, é preciso, por parte do professor-pesquisador, a necessidade de entender que a História é uma Ciência, mas que jamais se desapega de ideologias inseridas em contextos sociais e temporais diferentes. A narrativa, por si só, nunca será imparcial e carregará valores e princípios do narrador, cabendo uma reflexão crítica sempre que a indisposição do conhecimento histórico se entrelaçar com o conhecimento prévio trazido pelo aluno. Por isso, a necessidade da busca por novas pesquisas e abordagens se faz tão faz necessária.

Por esse motivo, o professor-pesquisador precisa buscar novas perspectivas e sair do trivial do livro didático. Em um assunto tão importante da História do Brasil como a Ditadura Militar, o professor deve instigar o aluno a pesquisar sobre tal tema e trazer fontes históricas diversas para debater isso em sala de aula. Esta é uma forma de colocar o aluno no processo de ensino-aprendizagem e mostrar para ele e para os demais se a fonte histórica tem validade ou não. Confrontar as diversas

fontes, entender quais aspectos em comum existem nas pesquisas, faz parte do papel do professor que deseja criar um aluno com criticidade sobre o tema proposto.

O professor-pesquisador precisa estar atualizado com as pesquisas referentes aos assuntos históricos e fazer-se neutro em suas abordagens, buscando informações e diversos pontos de vista amparado pela cientificidade e pela criticidade. O papel fundamental é orientar os educandos de que a História é uma Ciência dotada de autoridade, sendo, portanto, necessário que o contestador (um *youtuber*, por exemplo) realize ou apresente pesquisas científicas que refutem o que é historicamente trabalhado sobre determinado tema.



Sob essa perspectiva, quando um aluno trouxer algum texto ou depoimento de um militar que defende as práticas da ditadura, o professor-pesquisador deve reforçar os diversos pontos de vista e fazer o aluno entender o ponto de vista social e econômico que aquele sujeito se inseria no momento do discurso. Da mesma forma, apresentar o contraponto, o lado do militante e qual era seu papel no contexto, como a historiografia apresenta com propriedade.

> [...] a memória da esquerda não se constituiu apenas com recordações militantes. A estas se juntaram obras de perfil mais historiográfico, ainda que escritas por ex-militantes, teses acadêmicas, reportagens, peças de teatro, listas de torturadores, filmes, mini séries e especiais de televisão, entrevistas, levantamentos efetuados por organizações de familiares de mortos e desaparecidos e, finalmente, um sofisticado projeto de recuperação da memória sobre a tortura que gerou dois livros com o título *Brasil Nunca Mais.* (FILHO, 2003, p. 3)

O professor-pesquisador, portanto, deve respeitar os questionamentos dos alunos e fazê-los entender a História como uma Construção Científica baseada em diversas fontes históricas que se diferenciam, substancialmente, da memória coletiva ou individual dos indivíduos. Ao mesmo tempo, a autoridade não pode virar autoritarismo e o professor deve incentivar o aluno a buscar fontes históricas sobre seus questionamentos para poder provocar reflexões com os colegas e o professor no processo de ensino-aprendizagem. Este artigo não defende o autoritarismo do professor, mas a autoridade da Ciência que só pode ser contestada pela própria Ciência e não pelo senso comum.

## Considerações Finais

Através da reflexão que fizemos, deve-se salientar a necessidade de adotar novas metodologias por parte do professor para apresentar assuntos históricos que estão difundidos de forma equivocada na atualidade. Por isso, em uma crise do sistema democrático, onde comprovadamente a corrupção assola o país, a miséria e os índices de violência só aumentam, o Historiador precisa reelaborar seus métodos e trazer novas concepções.

O professor-pesquisador precisa sair de sua zona de conforto, buscar um trabalho maior com fontes históricas, representações culturais, documentos oficias que apontam como os censores agiam com as músicas e peças de teatro, como a repressão fora violenta em grandes centros, promovendo o debate e sempre refletindo sobre como a redemocratização foi uma importante vitória conquistada pelo povo na década de 80. A desconstrução da bipolaridade ideológica que atinge o Brasil atualmente parte do Historiador.



A História, no papel de autoridade no assunto, precisa ser reconhecida como fonte confiável na "sociedade do conhecimento", reconhecendo que qualquer contestação ou revisionismo devem ser feitam por cientistas.

**Bibliografia**

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

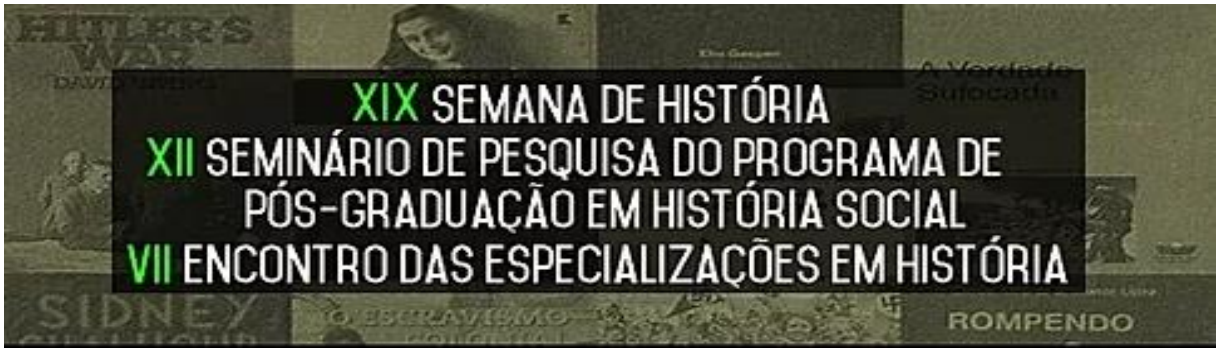
DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação.** Campinas: Autores Associados, 2003.

FILHO, João Roberto Martins. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 28, p. 178-201, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

VASCONCELOS, J. A. **A metodologia do ensino de História**. Curitiba: Ibpex, 2007.

YOUSSEF, Alê. **Novo poder: democracia e tecnologia.** Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.






# HOLOCAUSTO E PÓS-MODERNIDADE: SOBRE GINZBURG E WHITE, MAIS UMA VEZ

Lucas Furtoso

*Artigo apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Historiografia da Segunda Guerra Mundial, ministrada pelo Prof. Dr. Francisco Ferraz, do programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina, no primeiro semestre de 2019.*

## Introdução: Examinando os limites da representação

Em 1992, era lançado o livro *Probing the Limits of Representation: Nazism and the Final Solution*[1], organizado e editado pelo historiador franco-israelense Saul Friedländer. O livro era resultado de um colóquio realizado no mesmo ano na UCLA (University of California), e tinha a intenção de levantar questões e possíveis caminhos a respeito da categoria da representação (especificamente a representação historiográfica) dentro dos estudos do período nazista, do Holocausto, e da "Solução Final". De acordo com a própria descrição do livro:

> Can the Holocaust be compellingly described or represented? Or is there some core aspect of the extermination of the Jews of Europe which resists our powers of depiction, of theory, of narrative? In this

[1] *Examinando os Limites da Representação: Nazismo e a Solução Final*, em tradução livre.

> volume, twenty scholars probe the moral, epistemological, and aesthetic limits of an account or portrayal of the Nazi horror.[2]

Naquela época, os debates mais calorosos giravam em torno da obra de Hayden White, cujos principais livros haviam sido publicadas a não muito tempo atrás – *Metahistory* em 1973, e as coletâneas de artigos *Tropics of Discourse* em 1978 e *The Content of the Form* em 1987. Sua teoria para a análise dos textos históricos, centrada na análise formal das estruturas tropológicas do discurso, trouxe bastante polêmica ao campo da historiografia internacional, uma vez que, no nível do discurso – e não no dos documentos e evidências, como seria ressaltado por White posteriormente, e ignorado (em partes) por vários de seus críticos –, ele igualava a narrativa da historiografia à narrativa da literatura (ideia bem representada no título de um de seus principais textos, *The Historical Text as a Literary Artifact*). De acordo com White (2008), o que isso significa, porém, é que, ao contrário do que muitos historiadores gostam de pensar, seus trabalhos são em grande parte fruto de uma criação estética, sendo o conceito de *estória* - como aquilo que fornece uma estrutura de enredo para o relato – parte integrante de qualquer *história* – enquanto conhecimento concreto do passado, e das continuações e rupturas para com o presente – possível[3].



Diante de tais afirmações, White foi categorizado em diversas ocasiões como um *relativista*, palavra que, na discussão a respeito da cientificidade e validade do conhecimento produzido pela historiografia, é carregada com um sentido pejorativo, e sua teoria, classificada como incapaz de garantir uma rigorosidade necessária para a continuação da historiografia como um saber respeitado e valorado dentro do contexto acadêmico. Como afirma o historiador britânico Dan Stone (2012), na introdução de seu livro *The Holocaust and Historiographical Methodology* – que tem o intuito de fazer uma apresentação do "estado da arte" da historiografia do

[2] Pode o Holocausto ser convincentemente descrito ou representado? Ou existe algum aspecto central do extermínio dos Judeus na Europa que resiste aos poderes da representação, da teoria, da narrativa? Nesse volume, vinte acadêmicos examinam os limites morais, epistemológicos, e estéticos de um relato ou retrato do horror nazista. Disponível em: https://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674707665. Acesso em 24/08/2019.

[3] Em português, essa distinção se tornou mais complicada, uma vez que a palavra *estória* foi excluída do vocabulário oficial da língua. Mas a diferenciação presente na língua inglesa entre *story* e *history* é essencial para a discussão desse assunto, e por isso, se faz importante trazer a palavra *estória* de volta para este contexto.

Holocausto até então –, White foi de certa forma "mal-interpretado". Muitos de seus críticos o acusaram de que sua teoria não era capaz de fornecer uma defesa sólida para os ataques feitos pelos "negacionistas" do Holocausto. Diante disso, teriam afirmado também que ele "recuou", de alguma forma, em seu artigo publicado no livro de Friedländer, ao argumentar que, em tais casos extremos como o genocídio nazista, um "apelo aos fatos" poderia impedir esses eventos de serem narrados em um modo *cômico* ou *bucólico* (STONE, 2012). Mas, como argumenta Stone, White não "mudou de ideia", continuando a defender que o significado dos eventos históricos não pode ser *encontrado* nos fatos, sendo ainda uma operação estética e moral. Para White, a urdidura do enredo[4] não é arbitrária, e pode ser alterada pela evidência; ainda assim, os significados "disponíveis" para os historiadores são maiores do que as restrições impostas pelo documento e pela evidência.



Ainda segundo Stone (2012), mesmo tendo sido no contexto do debate sobre o Holocausto que as ideias de White (e de outros autores identificados com o "pós-modernismo", como Dominick LaCapra, Frank Ankersmit, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard et.al) foram mais discutidas, a historiografia do período continuou marcadamente "empirista", se preocupando mais com a crítica documental – impulsionada, como ressalta Stone, pela queda da URSS na década de 90 e a abertura de arquivos até então confidenciais de países que pertenciam ao bloco soviético – do que com as formas, limites e possibilidades da representação de sua narrativa, tendo estes temas sido mais discutidos e pensados dentro do campo das artes visuais, dos estudos fílmicos e da literatura.

Partindo dessa introdução, este artigo visa retomar os argumentos apresentados, no livro publicado por Friedländer (1992), por dois historiadores: o próprio White, que em seu texto oferece algumas respostas a críticas feitas à sua obra até então; e o italiano Carlo Ginzburg, que é marcadamente um dos maiores críticos de White e de seus pressupostos a respeito da teoria da historiografia, tendo declarado abertamente sua "luta" contra o que chamou de tendências *pós-modernas* na historiografia contemporânea (GINZBURG, 2002), e que, se baseando seus estudos sobre o "paradigma indiciário" e nos escritos de Aristóteles a respeito da *retórica*, procurou apresentar uma outra concepção de retórica para a

[4] Forma como é normalmente traduzida o neologismo *emplotment*, utilizado por White para significar a operação de construção do enredo (*plot,* em inglês), cuja tradução literal seria algo como "enredação".

historiografia, uma que, diferentemente da semiótica pós-estruturalista (de Barthes e Derrida, autores com quem White dialogou diretamente) que enxerga no texto uma dimensão própria, e que argumenta por uma análise pautada exclusivamente pelos elementos textuais (tradição que remonta aos sofistas gregos, e que foi retomada na contemporaneidade por Nietzsche, como argumenta Habermas (Cf. HABERMAS, 2005)), tem como núcleo argumentativo a categoria da *prova*.



## ***O extermínio dos judeus e o princípio da realidade*: os argumentos de Ginzburg**

Em seu artigo, intitulado *O extermínio dos judeus e o princípio da realidade*, Ginzburg dirige sua argumentação diretamente à Hayden White. Ele começa sublinhando o fato de que na historiografia, diferentemente do direito (onde a frase "*testis unus, testis nullus*" é uma referência), o testemunho de uma única pessoa deve sim ser levado em conta, e o corolário disso é que os pressupostos epistemológicos do âmbito jurídico não podem ser transferidos diretamente à pesquisa histórica. Em seguida, ele aponta para a importância do livro *A Escrita da História*, de Michel de Certeau, publicado em 1975, que fez com que os historiadores se dessem conta de que eles, em última instância, *escrevem*, e de que isso implica na construção de uma dimensão própria, um tempo e um espaço que é diferente tanto daquele do passado estudado, como do próprio presente da escrita. Mas que, concordando com a afirmação do também francês Pierre Vidal-Naquet (1981), nem por isso devemos nos desfazer da "velha noção de 'realidade' no sentido, evocado por Ranke a um século, de 'aquilo que de fato aconteceu'" (GINZBURG, 2016, p. 278)

A partir disso, o historiador italiano afirma que, apesar de existir uma certa divergência no que diz respeito à prática historiográfica, o livro de Certeau converge com as questões referentes à relação entre a história e a literatura levantadas no cenário norte-americano pelo trabalho de Hayden White, principalmente a partir da publicação, em 1973 (dois anos antes da publicação de Certeau), de sua famosa obra *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-century Europe.* Considerando essas colocações iniciais, Ginzburg parte então para uma argumentação que mescla a apresentação de alguns pontos da teoria elaborada por White, seguida de considerações a respeito de suas influências e, por fim,

críticas elaboradas por ele mesmo a alguns dos pressupostos teóricos de White, e principalmente de suas implicações.

Ginzburg dá uma grande relevância para a influência da tradição filosófica do neo-idealismo italiano no pensamento de White, principalmente de Benedetto Croce, em uma fase mais inicial, e posteriormente, a partir do rompimento de White com certos pressupostos do sistema de Croce, com sua aproximação da obra de Giovanni Gentile – tendo como pano de fundo para todos esses pensadores a obra do "fundador" dessa tradição, Giambattista Vico. Ao se interessar cada vez menos pela história como uma "ciência geral da sociedade" e cada vez mais pelo lado "artístico" da atividade historiográfica (GINZBURG, 2016), White teria passado a discordar de Croce em um ponto crucial: no conceito deste de arte como "*representação* da realidade". A partir do desenvolvimento de sua teoria tropológica da construção do discurso histórico, que postula que "trópico é o processo pelo qual todo discurso *constitui* os objetos que ele apenas pretende descrever realisticamente e analisar objetivamente" (WHITE apud GINZBURG, 2016, p. 282), White se afasta do "realismo idealista" de Croce, e se aproxima de três outros autores mencionados por Ginzburg: Gentile – para quem a historiografia (*historia rerum gestarum*) criaria seu próprio objeto, a "história" (*res gestae*) –, Michel Foucault – a quem White teria tentado "decodificar", em um artigo chamado *Foucault Decodificado – Notas do Subsolo*, a partir da teoria linguística de Vico –, e Roland Barthes – cuja famosa frase "*Le fait n'a jamais qu'une existence linguistique*"[5] serviria de epígrafe para sua coletânea de artigos *The Content of the Form*, publicada em 1987.

Abordando com mais ênfase o fluxo do pensamento de Gentile em White, Ginzburg começa a dar corpo à sua crítica. A princípio, ele argumenta, estes dois autores estariam em polos opostos, uma vez que a filosofia de Gentile pressupõe um Espírito absoluto que cria a própria realidade (na esteira do pensamento idealista hegeliano), enquanto White se aproximaria mais de uma tradição justamente anti-hegeliana, que postula uma "multiplicidade de sujeitos empíricos" – tal qual aquela encontrada na obra de filósofos como Gilles Deleuze *("empirismo transcendental")* e Jacques Derrida (*"desconstrucionismo"*), autores associados ao pós-estruturalismo. Mas, mesmo que percorrendo caminhos diferentes, ambas se



[5] *O fato não tem mais do que uma existência linguística*, em tradução livre.

encontravam em uma perspectiva considerada “subjetivista”. Ginzburg argumenta que a chave da relação entre os dois pode ser encontrada em uma leitura “de esquerda” (“ou ao menos em parte” (GINZBURG, 2016, p. 284), como ressalta o próprio Ginzburg), feita por White, da obra de Gentile, principalmente a partir de seu ensaio *The Burden of History*, de 1966, em que pode se observar “o sabor quase gentiliano” dos escritos de White, principalmente no que dizia respeito à crítica proferida (por ambos, ainda que de modos diferentes) contra as “ortodoxias historiográficas liberais e marxistas” (GINZBURG, 2016, p. 284).



A pergunta crucial que Ginzburg faz, nesse ponto, é a seguinte: White afirma que seu ceticismo e seu relativismo são chaves para uma perspectiva que defenda a tolerância, em virtude do cenário político do fim do século XX, ao passo que Gentile foi pelo caminho totalmente oposto, defendendo abertamente o movimento fascista italiano. Como poderia então sua teoria da história ter tido contato, de acordo com o próprio White (em seu artigo *The Politics of Interpretation*, de 1986), com aquela teoria “que vem associada convencionalmente às ideologias dos regimes fascistas” (WHITE apud GINZBURG, 2016, p. 285)? Mesmo que White tenha se posicionado contra as políticas fascistas, rechaçando-as como inegavelmente horrendas, Ginzburg é mais incisivo nessa questão, sugerindo que essa correlação não foi apenas coincidência, mas tem a ver com os corolários éticos e políticos de sua própria concepção historiográfica.

Ginzburg, ao questionar a afirmação de White de que “Devemos fazer as contas com o fato de que na documentação histórica não encontramos nenhum elemento que nos induza a construir o significado em um sentido ao invés do outro” (WHITE apud GINZBURG, 2016, p. 285), direciona o debate para a questão da negação do Holocausto, tal qual defendida pelo acadêmico britânico Robert Faurisson (que se tornou polemicamente famoso por defender abertamente a não existência de câmaras de gás no governo Nazista e por questionar a autenticidade do diário de Anne Frank). O autor italiano apresenta, então, a argumentação elaborada por White para tentar lidar com o caso exemplar do negacionismo. Primeiro, ele atenta para a posição defendida pelo americano de que não existe uma distinção substantiva, ao fim e ao cabo, entre uma “pesquisa histórica positiva” e a “história propriamente dita”, ou seja, a narração construída pelo historiador. Ginzburg argumenta, porém, que essa ideia, se levada até as suas últimas consequências argumentativas, colocaria White em um “embaraço” ao afirmar que

a posição de Faurisson é “moralmente ofensiva e intelectualmente desconcertante” (WHITE apud GINZBURG, 2016, p. 286), uma vez que essa análise implicaria em conceitos como “realidade” e “prova”. Segundo, Ginzburg apresenta uma outra chave elaborada por White para tratar do assunto: de acordo com ele, existe uma grande diferença “entre uma interpretação que ‘haveria transformado profundamente a realidade do massacre’ e uma que não tivesse chegado a um resultado do gênero” (WHITE apud GINZBURG, 2016, p. 286). Uma interpretação sionista – que, grosso modo, interpretaria a história do povo judeu através da forma do “romance”, enxergando no genocídio nazista o passo decisivo a ser superado para o triunfo de seu povo, representado pela formação do Estado de Israel –, por exemplo, dos eventos ligados ao extermínio dos judeus pelo nazismo, faria parte da segunda categoria, enquanto a interpretação negacionista de Faurisson se enquadraria como pertence à primeira, e, por isso, não poderia ser considerada como séria. Mas White também argumenta que a narrativa sionista se apresenta como uma “verdade” na medida em que é *eficaz* (Ginzburg enfatiza muito essa palavra) em justificar as políticas atuais do governo de Israel, que, a partir dessa interpretação da história do povo hebreu, as julgam como essenciais para sua segurança e sua própria existência. White argumenta, ainda, que um processo semelhante teria que acontecer com o povo palestino, no ponto em que uma resposta politicamente *eficaz* (de novo) destes seria resultado de uma ideologia também *eficaz* em produzir uma interpretação da sua própria história que era até então ausente.



É nesse ponto que Ginzburg estabelece sua principal crítica. Ele argumenta: “Podemos concluir que se a narração de Faurisson tivesse de algum modo resultado *eficaz*, White não hesitaria em considera-la verdadeira” (GINZBURG, 2016, p. 286). E termina, então, dizendo que esta conclusão, ao contrário do que teria sido afirmado por White – de que seu ceticismo e relativismo forneceriam as bases epistemológicas e morais para uma postura política tolerante – aponta justamente para o caminho oposto: o ceticismo seria insustentável do ponto de vista lógico, uma vez que, ao postular a tolerância como princípio regular último, entraria em autocontradição; assim, Ginzburg conclui:

> [...] quando as divergências intelectuais e morais não são coligadas em última análise à verdade, não há nada a *tolerar*. De fato, a argumentação de White que liga a verdade à eficácia reclama inevitavelmente não a

> tolerância, mas o seu contrário – o juízo de Gentile sobre o cassetete como força moral. (p. 287)

Por fim, ainda, Ginzburg termina citando outro pensador italiano, Renato Serra, que se define como um “escravo da coisa em si”, ao argumentar que, por mais que nos atentemos para todas as questões que a narrativa historiográfica levanta com relação à realidade (como “coisa em si”), esta nunca deixa de existir.



### *Enredo e verdade na escrita da história*: a posição de White

O artigo escrito por White, chamado *Enredo e verdade na escrita da história*, não aborda diretamente os pontos levantados por Ginzburg, mas é uma tentativa de White de responder a críticas feitas à sua obra de forma geral, que costumam ressaltar o aspecto relativista da sua noção de historiografia e dos pressupostos éticos que isto engendra. Ele começa relembrando um ponto muito caro à sua teoria, e que está presente em praticamente todos os seus escritos: “Existe uma inexpugnável relatividade em toda representação do fenômeno histórico. A relatividade da representação é uma função da linguagem usada para descrever e, desse modo, constituir eventos passados como possíveis objetos de explicação e entendimento” (WHITE, 2016, p. 247). Ele ressalta, porém, que tanto a relação clássica entre a história contada e a realidade histórica, como suas colocações a respeito desta relação, costumam ser mal concebidas. A partir de uma questão envolvendo o caso do nazismo e da Solução Final, ele busca então tecer algumas reflexões a respeito desses pontos. A pergunta que move seu texto é: “existe algum limite sobre o tipo de estória que pode ser contada de maneira responsável sobre esses fenômenos?” (WHITE, 2016, p. 247).

No discurso histórico “tradicional”, argumenta White, é comum pensar que os *fatos* têm precedência sobre a *interpretação*, e de que esta se constitui como uma espécie de “comentário” em cima daqueles. O que isso implica é que é preciso considerar, então, que as histórias narrativas contadas são entendidas como “inerentes” aos eventos ocorridos – noção que, segundo White, origina o conceito de “história real” – ou então que derivam do estudo crítico das evidências disponíveis que circulam o evento – de onde viria a noção de “história verdadeira”. Mas os relatos historiográficos não constituem apenas “afirmações factuais” dos

eventos ocorridos; eles possuem também, por assumir a forma de uma narração, elementos considerados *poéticos* ou *retóricos*, através dos quais uma lista de fatos se transforma em uma "estória", ou seja, um tipo de discurso construído através de um arquétipo de *enredo*. Isso faz com que White questione:

> Pode-se dizer que séries de eventos reais são intrinsecamente trágicas, cômicas ou épicas, de forma que a representação desses eventos como estória trágica, cômica ou épica possa ser avaliada pela sua exatidão factual? Ou tudo tem a ver com a perspectiva por meio da qual os eventos são vistos? (WHITE, 2016, p. 249)



Isso significa, para ele, assumir que defender que certos tipos de eventos não podem, devido à natureza destes, ser representados em determinados tipos de enredo (tais como a comédia ou a sátira, por exemplo) implica também em defender que os eventos formam, em si mesmos, um tipo específico de *estória*, limitando assim a possibilidade de narrativização destes por parte do historiador. White ainda provoca que, se desconsiderássemos que os fatos contém uma *estória* inerente em si, então não teríamos (de acordo com o paradigma historiográfico) critérios para comparar e julgar as diferentes narrativas que "competem entre si" sobre o mesmo evento. Mas, ele levanta um outro questionamento: qual valor que teria uma narrativa dos horrores do Terceiro Reich que fosse contada de modo *irônico* (uma vez que é possível admitir que os fatos em si desses eventos não são intrinsecamente irônicos), com o objetivo de talvez "zombar" dos tipos de narrativas elaboradas em modo cômico ou bucólico, por exemplo? Para tratar deste assunto mais especificamente, ele traz dois exemplo: a *graphic novel Maus*, do quadrinista americano Art Spiegelman, e o livro *Zweierlei Untergang. Die Zerschlagung des Deutschen Reiches und das Ende des europäischen Judentums*[6], do historiador alemão Andreas Hillgruber.

Em *Maus*, Spiegelman é capaz, de acordo com White, de levar ao extremo os limites da representação de um tema como este. Em primeiro lugar, a história é contada a partir de uma perspectiva irônica – todos os seres humanos, por exemplo, são representados por animais: os judeus são ratos e os nazistas são gatos, sendo que a história contada é justamente do ponto de vista dos judeus, uma vez que a narrativa é centrada na história real do próprio Spiegelman e suas conversas com

[6] *Duas quedas: a fragmentação do Reich alemão e o fim do judaísmo europeu*, em tradução livre. O livro não tem versão em português.

seu pai, um judeu sobrevivente dos campos de concentração nazistas, onde ele conta aos poucos suas experiências de vida durante este período; além disso, a própria mídia em que a história é contada é subversiva, uma vez que a obra é um *comic book* – que chamamos de *história em quadrinhos*, mas que, em inglês, significa literalmente "livro cômico", e que, historicamente, nasceu nos EUA como um gênero de histórias "baratas" e de "baixo padrão social". Isso faz com que White considere *Maus* uma "obra-prima de estilização, figuração e alegorização" (WHITE, 2016, p. 252), justamente por levantar questões a respeito do limite da representação, e de romper com convenções previamente estabelecidas a respeito do tema.



Já o livro de Hillgruber é, em uma de suas partes, uma tentativa de contar a história de uma batalha da Segunda Guerra Mundial que resultou na derrota da frente oriental do exército nazista durante o inverno de 1944-45, e cuja narrativa acaba por resultar em um enredo "trágico". White se atenta para o fato de que o historiador alemão, em seu trabalho, não violou nenhuma das "convenções" existentes sobre o trabalho profissional do historiador e a escrita de uma história profissionalmente respeitável. O que ele fez foi "estreitar o foco" e contar a história de um evento específico, um espaço fechado, e de elaborar as relações entre os agentes, os atos e as agências dentro daquela cena de modo que o enredo assumisse a forma de uma *estória* trágica. A escolha feita pelo historiador implica, diz White, na forma como a própria determinação dos fatos a serem contados acontece, assim como os papeis que serão exercidos pelos vários agentes presentes no evento – e o movimento contrário também, uma vez que isso implica na omissão de uma série de outros detalhes, fatos, personagens, etc., já que, como define White, em uma tragédia não há espaço para nenhuma forma de vida "baixa", até mesmo os vilões são considerados "nobres". Por fim, White questiona essa decisão de Hillgruber, perguntando se, numa consideração da derrota do exército nazista como uma estória trágica, qual tipo de enredo ficaria reservado para o genocídio provocado pelos nazistas? Hillgruber não aborda essa questão, mas White enxerga ai um dos problemas da empreitada realizada pelo historiador alemão.

Em seguida, White entra em diálogo com outro historiador americano, Berel Lang, estudioso do tema do nazismo, e que ofereceu algumas considerações a respeito do tipo de história que pode ser contada a respeito destes eventos. De

acordo com Lang, o Holocausto é um evento paradigmático daquele tipo que só pode ser representado de uma forma *literal*; isso implica dizer que ele só pode ser representado de forma correta a partir da *crônica*, visto que qualquer tentativa de narrativização corre o risco de cair em uma estilização (esteticismo). Lang ainda afirma, segundo White (2016, p. 255) que o discurso figurativo acrescenta algo ao objeto referido: em primeiro lugar, uma decisão (de uma figura ao invés de outra), que produz estilização e direciona a atenção para o autor e sua criatividade; em segundo, um grau de perspectiva no referente, mas uma apenas particular, que "fecha outras"; e por último, uma *estória* que "personaliza" e "humaniza" os agentes e agências envolvidos. Além disso, Lang rejeita o tipo de escrita literária (que a historiografia pretendeu reclamar para si, em algumas ocasiões – inclusive na obra de White) pois nela a figura do autor se coloca entre o conteúdo representado e sua representação escrita e que, ao fim e ao cabo, o genocídio nazista caracteriza um tipo de evento "anti-representável" – não que não possa ser representado de forma nenhuma, mas o pode apenas de uma forma *literal* e *factual* (a própria distinção entre "evento" e "fato" é distorcida). Isso decorre, de acordo com Lang, da ideia de que a história pode fazer uso da figuração e da narrativização, mas que não é em última instância dependente destes. O discurso histórico é determinado, sem sua base, pela possibilidade de relação direta entre seu objeto e a representação. Por fim, Lang traz para o debate a noção de Roland Barthes de "escrita intransitiva" que, segundo ele, seria o tipo de escrita que, ao invés de ter como objetivo criar uma dimensão para possibilitar ao leitor uma perspectiva diferente do que ele talvez veria sem ela, esta "nega a distância entre o escritor; o texto sobre o que é escrito e, finalmente o leitor" (LANG apud WHITE, 2016, p. 259).



White define que essa análise de Lang pressupõe uma oposição radical entre linguagem literal e figurativa, e a associação da figurativa com a linguagem literária e os efeitos produzidos na narrativa por esta. Barthes teria criado, segundo White, o conceito de "escrita intransitiva" para definir a passagem do estilo do "realismo clássico" para o da "escrita moderna". O verbo *escrever* teria passado a constituir uma voz média, em que o sujeito, não mais ativo nem passivo (portanto externo à ação), seria interior à própria ação de escrever. Para Barthes, o estilo modernista (voz média) implica numa ordem além (ou aquém) das presentes nas oposições clássicas entre "ação e resignação, literalismo e figurativismo, fato e ficção, história e mito, e assim por diante" (WHITE, 2016, p. 261). White cita ainda

Jacques Derrida como criador de uma filosofia nos moldes do projeto modernista, para quem as noções de representação, conhecimento e significado herdados do "realismo clássico" do século XIX não são mais adequados para compreender o mundo; e ainda aponta que os problemas levantadas pela representação do Holocausto são resultados de um discurso ainda baseado nesse realismo clássico, que não dá conta de expressar um evento como este, que é "modernista por natureza" (WHITE, 2016, p. 262). Ele define o projeto modernista como rejeitando totalmente as ideias de "realidade como história" e da própria "consciência histórica", tão caras ao século XIX, e cita Eric Auerbach (2004) para argumentar que o projeto modernista ainda está preocupado em "representar a história realisticamente"; o ponto é que as próprias noções de "realismo" e de "história" são outras, diferentes daquelas herdadas do realismo do século XIX, justamente porque a própria história (enquanto curso geral dos acontecimentos) do século XX não é mais a mesma do século passado, exigindo assim uma reformulação dos seus conceitos.



O modernismo literário representaria, então, para White, uma "antecipação" de uma forma de realidade histórica que precisa incluir no seu projeto eventos como o Holocausto, a Guerra Total, a contaminação nuclear, a fome em massa etc., como eventos "não-inimagináveis", "não-impensáveis" (WHITE, 2016, p. 264); e que precisa lidar com o fato de que as nossas ciências não foram capazes de antecipar, explicar, controlar ou conter tais eventos, e com a incapacidade dos próprios modos tradicionais de representação de até mesmo "descrevê-los" adequadamente. Escrever a história na "voz média" não significaria, então, para White (2016), buscar uma relação direta entre o objeto e a representação, como havia tentado argumentar Lang, mas sim pensar uma nova forma de representação que dê conta de tratar destes assuntos; isso não significa abandonar a pretensão de representar o Holocausto "realisticamente". White termina por defender que o Holocausto, assim como outros genocídios em massa, não são menos representáveis do que qualquer outro evento histórico; eles só precisam de uma nova forma de representação (o projeto modernista), quer na história, quer na ficção.

**A dialética do *platonismo* e do *antiplatonismo*: pensando as relações de força**

Também na década de 90 (não coincidentemente), um outro importante debate era travado no âmbito da filosofia contemporânea, entre dois pensadores importantes do século XX: de um lado, o alemão Jürgen Habermas, herdeiro da tradição crítica da Escola de Frankfurt, e na esteira de um idealismo alemão que vinha sendo repensado a partir dos acontecimentos do século XX, conhecido por sua teoria da razão comunicativa e da defesa da democracia na perspectiva de uma comunidade global de interlocutores; do outro, o americano Richard Rorty, identificado com o movimento, dentro da tradição analítica de filosofia, do *pragmatismo*, que incorporava as ideias da chamada *virada linguística* para repensar a relação entre o conhecimento, a linguagem, a política e a ética (Rorty é um caso ainda mais específico dentro desse contexto porque dialogou diretamente com um movimento de alguma forma análogo que estava acontecendo do outro lado do oceano: o *pós-estruturalismo*. A influência do pensamento de Derrida é especialmente marcante, tendo sido inúmeras vezes reconhecida pelo próprio Rorty).

O diálogo entre esses dois autores se deu em diversas ocasiões, resultando em colóquios, debates e artigos. Os temas passavam pela questão da verdade, da racionalidade, do lugar da filosofia no mundo contemporâneo, e da política democrática, tendo sido compilados e apresentados no livro *Filosofia, Racionalidade e Democracia – os debates Rorty & Habermas* (SOUZA, 2005). O ponto que nos interessa mais diretamente aqui é a forma como Habermas, ao tentar definir como ele entendia a posição filosófica de Rorty, faz uma análise interessante da forma como o desenvolvimento filosófico se deu ao longo do tempo. Em um artigo intitulado *A volta do historicismo (Platonismo, relativismo, pragmatismo)* (HABERMAS, 2005), ele apresenta a história da filosofia a partir de uma chave específica: os embates entre o *platonismo* e o *antiplatonismo* (chamado também, mais popularmente, de *historicismo*).

De acordo com Habermas, o platonismo poderia ser definido como um rompimento, no âmbito cognitivo e epistemológico, com as tradições míticas da Antiguidade (semelhante ao rompimento que as religiões, especialmente as monoteístas, realizam no âmbito da razão existencial e moral): “A filosofia e a religião aprenderam a distinguir o eterno e o infinito do finito e transitório; elas ‘descobriram’ substâncias e ideias imutáveis, que persistem no fluir das aparências” (HABERMAS, 2005, p. 56). É a partir disso que Platão construiu sua teoria de um

“mundo eterno das ideias”, como uma dimensão de formas imutáveis e universais que existiriam por trás dos fenômenos perceptíveis. Isso permitira assumir uma posição de transcendência do mundo, localizada além do mundo, ou sobre ele, e enxergar o devir dos fenômenos como manifestações, em um plano “inferior”, dessas entidades universais identificadas com a ordem do *cosmos*. Essa posição estaria ligada, consequentemente, a uma valorização da vida contemplativa que, nos moldes da vida do monge ou do eremita, era “uma receita para catarse e salvação” (HABERMAS, 2005, p. 56).



Mas os problemas dessa visão logo começariam a ser percebidos: alcançar o “mundo das ideias”, superior, transcendente, identificado com a ordem dos *cosmos*, significava perceber que a própria racionalidade e o pensamento, o *logos* dos filósofos, não passava de uma aparência ou de um reflexo do (e, portanto, estava subordinado ao) *logos* eterno da ordem ideal, da forma do próprio *cosmos*. Além disso, os críticos do sistema platônico começaram a perceber, com “minúcia e com sarcasmo”, como classifica Habermas, que as abstrações, as formas ideais, ao realizar esse movimento de universalização, acabavam por reprimir, deixar de lado, as diferenças existentes dentro do próprio conceito. Ou, para citar a clássica definição de Nietzsche, passavam à “identificação do não-idêntico”. Os antiplatônicos passaram a denunciar, então, um pensamento idealista que “hipostasia suas próprias construções como algo ‘dado’ ou ‘descoberto’” (HABERMAS, 2005, p. 57). Se tornavam, assim, conscientes da influência da própria razão (e, consequentemente, do próprio meio da expressão da razão, a linguagem) na construção de um mundo que se achava ser apenas dado como pré-existente. Mas esse processo, como aponta o próprio Habermas, também passaria a encontrar problemas: “Você não pode reduzir todos os universais a particulares, todos os tipos de transcendência à imanência, o incondicional ao condicional, e assim por diante, sem pressupor essas mesmas distinções – e sem tacitamente fazer uso delas” (HABERMAS, 2005, p. 58).

O ponto é que esse processo, que Habermas chama de *dialética do antiplatonismo*, poderia ser encontrado ao longo de toda a história da filosofia. Em determinado momento, em determinado lugar, um dos polos seria predominante, e marcaria aquele estágio do desenvolvimento filosófico (digamos, o platonismo, a crença em formas universais e atemporais, ligadas geralmente à noção da Verdade,

do Belo, do Bem). Mas, inevitavelmente, as contradições internas começariam a aparecer, e isso resultaria em um movimento de crítica e florescimento do seu oposto (no caso, o antiplatonismo), que, por sua vez, também inevitavelmente chegaria a um ponto onde as contradições seriam visíveis demais para se continuar sem uma mudança de paradigma. Habermas cita diversos momentos na história da filosofia que poderiam ser classificados como "antiplatônicos": os sofistas e os céticos da Grécia antiga, o nominalismo medieval, o empirismo moderno anglo-saxão, a filosofia de Nietzsche, o pragmatismo norte-americano, o historicismo alemão – e aqui podemos citar mais um, que Habermas não menciona: o pós-estruturalismo francês (e também norte-americano, em certo ponto). Qual o lugar que a historiografia ocuparia então nesse processo? Ora, como um saber que, desde o século XIX, vem se colocando dentro do debate acadêmico, do debate da ciência, e procurando se estabelecer como uma disciplina, ou seja, um saber rigoroso, controlado, e que por isso poderia chegar ao status de "verdade" ou de ciência", as questões que envolvem o ofício do historiador e a sua escrita se colocam diretamente nesse debate mencionado aqui.



**Considerações finais: o desafio pós-moderno e o lugar da historiografia**

A partir do que foi exposto aqui, podemos tentar pensar as relações que envolvem, de um lado, a história, a historiografia, o passado, o tempo, e do outro, a linguagem, o conhecimento, a verdade, a narrativa. Certamente ambos os autores apresentados aqui (Ginzburg e White) dedicaram um esforço considerável para tentar encontra possíveis soluções para os impasses gerados em nossa sociedade durante o século XX. Continuando a análise na chave proposta por Habermas, podemos entender como construtiva esta dialética entre o que foi chamado de *platonismo* e *antiplatonismo* (*historicismo)*, que na época moderna pode ser representada outros termos de oposições, como o *hegelianismo* e o *antihegelianismo* já mencionados aqui, ou então o conflito entre a ciência moderna e os saberes que escapam dessa categorização (no qual a historiografia se encontra), entre outros.

Podemos entender que Ginzburg seja um dos autores que melhor representa o paradigma da historiografia durante o século XX. Esse paradigma, para usar o termo popularizado por Thomas Kuhn (2000), envolveu uma crítica da historiografia

positivista do século XIX, aquela do “realismo clássico” de que menciona White, que tornou a historiografia mais consciente de suas limitações, e também de suas possibilidades, sem porém romper totalmente com a noção realista de *representação*. Esse movimento envolveu, de um lado, a negação daquela filosofia da história que marcou os oitocentos, representada geralmente pela figura do sistema hegeliano, que se envolvia com a metafísica e os terrenos da especulação filosófica, limitando então o escopo da história à historiografia, isto é, à pesquisa arquivística, de caráter empírico, operando sempre em torno do papel central que o documento – como evidência e como crítica – passou a exercer no tipo de conhecimento que se concebeu como possível. Por outro lado, representou uma ampliação de seu território, com relação ao século passado, uma vez que, a partir da expansão do conceito de documento, foi possível se desvencilhar de uma historiografia predominantemente política, ligada aos documentos oficiais dos governos, passando a dar espaço então para os diversos âmbitos da sociedade que vieram a ser reconhecidos – o econômico, o social, o cultural, para elencar os mais conhecidos. Assim, percebe-se a importância que Ginzburg dá à ideia de pesquisa empírica nos arquivos em todos os seus trabalhos. Certamente, um dos seus textos mais famosos, *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (1989), seja talvez um dos melhores representantes desse paradigma que está sendo abordado aqui, justamente pelo caráter central (ainda que implícito neste texto em específico) que o italiano atribui ao documento e à sua crítica, à pesquisa que se origina sempre a partir dos *indícios* encontrados no documento pelo historiador.



Já no caso de White, podemos tentar compreender o seu trabalho como resultado de alguém preocupado com os problemas que esse paradigma passaria a encontrar com cada vez mais frequência, principalmente aqueles ligados à manutenção da categoria de *representação* que remetia ao “realismo clássico” – e aqui o caso da negação do Holocausto é bem representativo. Influenciado certamente por uma tradição de pensamento que se preocupava em fazer a crítica dos sistemas vigentes (nomes como Nietzsche e Foucault são indissociáveis do trabalho de White), o norte-americano se interessou cada vez mais por tentar fazer justamente esse trabalho de identificação dos problemas presentes no paradigma historiográfico do século XX, e, na medida do possível, apontar possíveis soluções ou caminhos para onde seguir. Foi assim que se voltou para a análise “formal” do trabalho historiográfico, identificando na teoria tropológica da linguagem e na

análise formalista da narrativa as chaves para a realização de um processo de "desconstrução" (palavra que é emblemática da segunda metade do século passado) do saber dito histórico, e o caminho para seguir se a história quisesse continuar fazendo parte do debate.

Por mais que esses autores e suas críticas e respostas já tenham sido debatidos exaustivamente em outros momentos, o "desafio" colocado pelo advento do pós-modernismo – e o estágio do *antiplatonismo*/*historicismo* instaurado por ele – certamente não foi superado ainda. Discutir e compreender essas questões é uma parte importante do debate que ainda é atual no que diz respeito ao lugar da historiografia na disposição e estruturação dos saberes da contemporaneidade. Por mais que as teorias propostas pelos autores ditos "pós-modernos" (dos quais White talvez seja o mais representativo na historiografia, apesar de que ele rejeitasse esse termo para descrever sua posição) não sejam capazes de responder (de forma satisfatória, para muitos) a essas questões, certamente um simples "retorno" ao paradigma moderno (que, nesse caso, quer dizer a modernidade pensada dentro da ciência, ligada ao "realismo clássico" mencionado anteriormente, e não ao modernismo literário que White propõe como um caminho para a escrita da história) também não é suficiente para fornecer uma base sólida, na contemporaneidade, devido justamente a esse novo estágio que o debate alcançou. Assim, faz-se necessário que esse tema continue sendo pensado e trazido para o plano principal, a fim de tentar alcançar possíveis caminhos para onde a historiografia contemporânea pode seguir.



**Referências Bibliográficas**

AUERBACH, Eric. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARTHES, Roland. O discurso da história. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1984

BARTHES, Roland. Escrever, verbo intransitivo? In: BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1984

BERBERT JÚNIOR, Carlos Oiti. **A história, a teoria e a crise dos paradigmas**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

BRAUN, Robert. The Holocaust and Problem of Historical Representation. In: **History and Theory**, Vol. 33, No. 2, maio/1994, p. 172-197.

CUNHA, Marcelo da. Relações de força e limites da ética historiográfica. In: **Sinais**, n.15, Junho, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, Jacques. Difference. In: **Speech and Phenomena and Other Essays on Husserl's Theory of Signs.** Evanston: North Western University Press, 1973.

FRIEDLÄNDER, Saul. **Probing the Limits of Representation**: Nazism and the Final Solution. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. *Revista Brasileira de História*, Vol. 21, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. O Extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita**: teoria e a história da historiografia. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

HABERMAS, Jürgen. A volta ao historicismo (Platonismo, relativismo e pragmatismo). In: SOUZA, José Crisóstomo de (org.). **Filosofia, racionalidade, democracia**: os debates Rorty & Habermas. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

HARTOG, François. Aristóteles e a história, mais uma vez. In: **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 13, p. 14-23, nov. 2013

KANSTEINER, Wulf. Hayden White's Critique of the Writing of History. In: **History and Theory**, Vol. 32, No. 3, outubro/1993, p. 273-295.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MARQUEZ, Rodrigo. Três polêmicas com Hayden White. In: **Revista de Teoria da História**, Ano 2, Número 5, junho/2011.

MOMIGLIANO, Arnaldo. History in an Age of Ideologies. In: **The American Scholar**, Vol. 51, n. 4, outono/1982, p. 495-507.

OGAWA, Carlos. História, retórica, poética, prova: a leitura de Carlo Ginzburg da retórica de Aristóteles. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.

RORTY, Richard. Para emancipar nossa cultura (Por um secularismo romântico). In: SOUZA, José Crisóstomo de (org.). **Filosofia, racionalidade, democracia**: os debates Rorty & Habermas. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SPIEGELMAN, Art. **Maus:** a história de um sobrevivente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STONE, Dan. **The Holocaust and Historical Methodology**. Nova York: Barghahn Books, 2012.

VIDAL-NAQUET, Pierre. A Paper Eichmann? In: **Democracy**, abril/1981, p. 67-95.

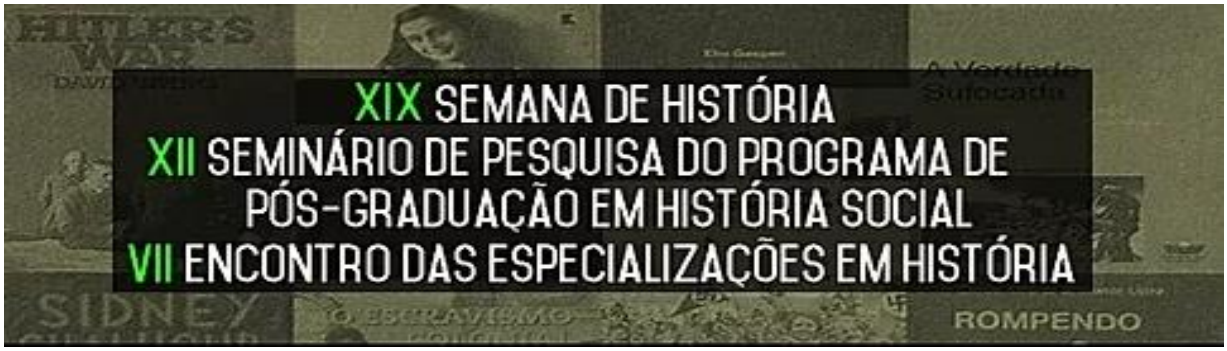
WHITE, Hayden. The Value of Narrativity in the Representation of Reality. In: **Critical Inquiry**, Vol. 7, No. 1, outono/1980, p. 5-27

WHITE, Hayden. The Politics of Historical Interpretation - Discipline and De-Sublimation. In: **Critical Inquiry**, Vol. 9, No. 1, set/1982, p. 113-137.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaios Sobre a Crítica da Cultura. São Paulo: EdUSP, 1994.

WHITE, Hayden. **Meta-História**: a Imaginação História do Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da história. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita**: teoria e a história da historiografia. Curitiba: Editora Prismas, 2016.






# O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL E OS USOS DO PASSADO: POLÍTICAS EDUCACIONAIS E NOVAS EPISTEMOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Eloá Lamin da Gama[1]

Programa de Pós-graduação em História Social (Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo.** Essa proposta faz parte das investigações na Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, realizada por meio da linha de pesquisa em História e Ensino, e pretende auxiliar a investigação e escrita dissertativa do projeto "A Lei 10.639/03: o ensino de História e suas contribuições para uma educação antirracista", que se encontra sob orientação da Prof. Dr.ª Marlene Rosa Cainelli. A temática abordada diz respeito aos usos do passado empregados pelos movimentos sociais negros brasileiros, que a partir de articulações em diversas esferas sociais e de sua atuação política, vem possibilitando a construção de novas epistemologias acerca das relações étnico-raciais no país. Objetiva-se compreender a possibilidade da contribuição dessas epistemologias para a institucionalização e efetivação de políticas públicas educacionais, como a Lei 10.639/03, que ao modificar o currículo escolar incluindo o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, proporciona novos conhecimentos para se pensar a experiência histórica da população negra em África e em sua diáspora brasileira. Busca-se assim, por meio de discussões bibliográficas, abranger a elaboração de saberes históricos que irão ser reverberados na história ensinada, a partir das lutas do Movimento Negro por emancipação social (GOMES, 2017). Por enquanto, podemos dizer que a legislação supracitada e as diretrizes que a baseiam, instrumentalizam ações de enfrentamento ao racismo epistêmico na construção do conhecimento histórico e ensino escolar da História.

**Palavras-chave:** Usos do passado; Movimento Negro; Ensino de História.

[1] Bolsista CAPES de Demanda Social

## Introdução/justificativa

A partir das investigações e reflexões levantadas no decorrer da Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, realizada por meio da linha de pesquisa em História e Ensino, o presente texto pretende auxiliar o processo de escrita dissertativa do projeto “A Lei 10.639/03: o ensino de História e suas contribuições para uma educação antirracista” ao abordar uma das discussões pertinentes ao mesmo.



Portanto, a temática tencionada se constitui em um dos desdobramentos dos debates que envolvem o projeto de pesquisa e seu desenvolvimento em dissertação, objetivando assim, uma melhor compreensão acerca dos usos do passado empregados pelos movimentos sociais negros brasileiros, que a partir de articulações em diversas esferas sociais e de sua atuação política, vem possibilitando a consolidação de novas interpretações a respeito da trajetória histórica da população negra no Brasil e, diante disso, a construção de novas epistemologias acerca das relações étnico-raciais no país.

O problema levantado se constitui na possibilidade de contribuição dessas epistemologias, insurgentes nas lutas sociais realizadas pelo Movimento Negro como ator político, para a institucionalização e efetivação de políticas públicas educacionais, como as leis 10.639/03 e 11.645/08, instrumentos que, por sua vez, colaboram para o enfrentamento do racismo epistêmico na construção do conhecimento histórico e ensino da História ao incluir os conteúdos de História da África, Afro-brasileira e Indígena no currículo escolar.

Dessa forma, pretende-se apontar perspectivas possíveis para se pensar a História ensinada nas escolas por meio das produções epistemológicas emergentes dos movimentos negros, que ao utilizar o passado para compreender a experiência da população negra no Brasil, problematiza a organização curricular da disciplina de História e ressalta as disputas que permeiam sua concretude nas salas de aulas.

As compreensões históricas que circulam na sociedade são múltiplas e constantes, bem como seus usos, que podem ser marcados por excessos, restrições e potências, ou seja, os usos do passado podem objetivar a manutenção de tradições que determinam relações e hierarquias de poder, propostas por narrativas históricas conservadoras e unilaterais de acordo com visões prontas de grupos hegemônicos, como também, podem proporcionar a reconfiguração de

saberes tidos como absolutos a fim de promover o direito à memória, identidade e ao conhecimento histórico à grupos invisibilizados e marginalizados historicamente.

Tais usos da História são temáticas caras para a ciência histórica de referência, sendo analisados por meio de diversos campos de investigação, teorias e vertentes historiográficas, como a História Pública (MAUAD, ALMEIDA & SANTHIAGO, 2016), a Didática da História (BERGMANN, 1989; RÜSEN 2006, 2012) e a Educação Histórica (LEE, 2011; BARCA, 2001, 2006; SCHMIDT, 2009, 2011).



As investigações historiográficas e reflexões teóricas supracitadas não se restringem a metodologias do ensino de História nos espaços oficiais de aprendizagem, isto é, a escola ou a academia, vão além de questões puramente pragmáticas ou normativas ao se relacionarem com o conhecimento histórico e sua utilização na vida prática, possibilitada por meio de diferentes processos, recursos e espaços de ensino/aprendizagem da História, produzidos socialmente, culturalmente e discursivamente.

Dessa maneira, reduzir as preocupações e focos reflexivos das teorias citadas à mediação e transposição da História como disciplina acadêmica para à História como disciplina escolar é simplificar o ofício do historiador que, para ensinar História a partir de processos de escolarização, teria que se aproximar das teorias pedagógicas e educacionais, se distanciando do campo filosófico e epistemológico da ciência histórica especializada. Segundo Jörn Rüsen (2006) tal concepção estaria completamente equivocada, pois

> [...] falha em confrontar os problemas reais concernentes ao aprendizado e educação histórica e concernentes à relação entre didática da história e pesquisa histórica. Além disso, ela limita ideologicamente a perspectiva dos historiadores em sua prática e nos princípios de sua disciplina [...] uma didática da história válida deveria considerar, o que, quando feito, poderia fazer da didática da história uma parte integral e importante dos estudos históricos (p.8).

Logo, romper com paradigmas que definem o saber histórico escolar como uma mera reprodução mediada pelo docente, único detentor do conhecimento, responsável por transpor e facilitar o mesmo para a sala de aula, se torna essencial para o reconhecimento dos/as estudantes como sujeitos históricos, detentores de cognição e produtores de conhecimentos legítimos que devem ser considerados

para o êxito dos processos de ensino e aprendizagem da História e suas possíveis reverberações na vida prática dos alunos e alunas.

De acordo com a perspectiva da Educação Histórica, os estudantes irão se apropriar dos conhecimentos compartilhados na escola por meio das disciplinas que integram o currículo escolar, com foco para a História e seus respectivos *conteúdos substantivos* e *conceitos de segunda ordem*[2], ressignificando-os a partir de suas interpretações de mundo e sociabilidades constituídas e experienciadas para além da escola. Portanto, a compreensão de quem é esse alunado e quais são suas demandas, necessidades, potencialidades e limitações são fundamentais para a sofisticação de sua consciência histórica, "estruturas mentais e processos que constituem uma forma específica de atividade cultural humana" (RÜSEN, 2006, p.13).



> Uma das linhas mais frutuosas desta pesquisa [...] visa compreender as ideias de crianças e jovens na perspectiva, confirmada em vários estudos essencialmente qualitativos, de que é possível a construção de ideias históricas gradualmente mais sofisticadas pelos alunos, no que respeito à natureza do conhecimento histórico. Tal implica uma especial atenção às "ideias de segunda ordem", uma expressão proposta por Peter Lee em vários dos seus trabalhos para sinalizar noções que estão imersas na compreensão da história substantiva e que tecem a natureza deste saber específico (BARCA, 2012, p.39).

Dessa forma, a Educação Histórica tem como um de seus principais objetivos compreender como as concepções acerca da História são construídas e utilizadas por diversos sujeitos e grupos sociais a partir da formação de seus respectivos pensamentos históricos, em especial, estudantes e professores, agentes que se encontram imersos no cotidiano escolar por vínculos institucionais, como também, por vínculos sociais advindos de uma cultura própria formada pelos códigos, significados, relações e normas ali produzidas.

A aprendizagem dos *conteúdos substantivos* a partir do ensino escolar da História perspectivada pelos *conceitos de segunda ordem*, isto é, conceitos referentes a ciência histórica e todo seu labor metodológico, como o entendimento acerca da empatia, narrativa, mudança, evidência, entre outros, propicia

[2] Categorias elaboradas por Peter Lee acerca da natureza da ciência histórica e seu ensino nas escolas em: LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org.) **Perspectivas em Educação Histórica**: Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: UMINHO, 2001.

epistemológica e cognitivamente o aperfeiçoamento da formação do pensamento histórico. Por conseguinte, torna-se imprescindível as discussões à respeito da elaboração da consciência histórica partindo das premissas filosóficas que expressam a necessidade humana de orientação temporal.

Jörn Rüsen (2010) propõe uma matriz disciplinar cujo objetivo é evidenciar a relação mútua entre o conhecimento histórico, adquirido por meio de diversos locais, instituições e formas, e a vida prática dos sujeitos que se apropriam do mesmo, ressignificando-o a partir de suas experiências históricas a fim de se orientarem no tempo e, assim, afirmarem sua própria existência enquanto agentes da/na sociedade. “A consciência histórica [...] ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, se torna parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no quotidiano pessoal e social” (BARCA, 2012, p.40).



Diante dessas considerações, faz-se necessário suprir carências de orientação advindas de nossa própria história enquanto nação, que acabam por refletir no espaço escolar em carências de orientação dos sujeitos que ali estão inseridos, em especial, dos nossos alunos e alunas. A fim de arcar com as consequências da ausência da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena em nosso modelo de ensino escolar da História, que desde sua concepção cristalizou um padrão curricular europeu, sobretudo, influenciado pela historiografia francesa, as disposições acerca da Lei 10.639/03 e, mais tarde, 11.645/08, em sala de aula, preveem a implementação da obrigatoriedade do ensino dos conteúdos supracitados em todo o currículo disciplinar dos estabelecimentos escolares brasileiros, tanto da rede pública quanto da iniciativa privada.

## Objetivos

A partir das reflexões levantadas, busca-se compreender tais legislações como instrumentos institucionais, pautados pelos movimentos sociais negros, que procuram romper com o eurocentrismo cultural legitimado por tradições, práticas pedagógicas e *códigos visíveis e invisíveis*[3] do ensino escolar, como o livro didático e as relações de ensino/aprendizagem entre professores e estudantes, que

[3] Categorias propostas por Fernandez Cuesta (1998) a partir do conceito de *código disciplinar* em: FERNANDEZ CUESTA, Raimundo. **Clio en las aulas:** la enseñanza de la Historia en España entre reformas, ilusiones y ruinas. Madrid: Akal, 1998.

acabavam por perpetuar a desigualdade entre brancos e não-brancos no país ao negligenciar a história negra e indígena em sala de aula.

Ao reconhecerem e valorizarem a memória e os saberes das populações negras e indígenas na formação do conhecimento histórico e identidade nacional, as leis 10.639/03 e 11.645/08 proporcionam uma reconfiguração da nossa compreensão histórica acerca de tais sujeitos e, assim, acerca do passado do país e da nossa própria historicidade.



Dessa maneira, o objetivo do presente texto constitui-se em apontar a contribuição do Movimento Negro para a criação de epistemologias que geraram e permitiram a institucionalização de políticas públicas educacionais, com foco para a Lei 10.639/03 e sua atuação do ensino escolar da História.

## O Movimento Negro brasileiro como ator político e os usos do passado

O Movimento Negro, enquanto parte das categorias de movimentos sociais contemporâneos que atuam de formas variadas em prol de demandas diversas, surge no cenário brasileiro, de maneira mais concreta e reivindicatória, na década de 1970. Compostos por organizações de negros e negras que se articulam para o enfrentamento do racismo e seus desdobramentos na sociedade, como a discriminação racial, o genocídio da população negra no Brasil, o *epistemicídio*[4] dos saberes negros nas construções de teorias científicas, o racismo religioso contra as religiões de matriz africana e, demais discussões correlatas, os movimentos sociais negros se constituem em atores políticos e coletivos que protagonizam as lutas sociais por igualdade racial ao politizar as questões étnicos-raciais, ressignificando-as de acordo com novas epistemologias acerca da África e sua diáspora.

Marcos Cardoso (2001) disserta sobre o papel do Movimento Negro na cidade de Belo Horizonte durante duas décadas, entre 1978 e 1998, atribuindo à

[4] Categoria proposta por Boaventura de Sousa Santos (1997) e apropriada em: CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado). Segundo a autora o conceito consiste em "[...] um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material [...] Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado" (p.97).

esse movimento o uso da *história* como fator chave para a compreensão da realidade da população negra brasileira, determinada pelas estruturas racistas que se desenvolvem nos âmbitos políticos, sociais, culturais e subjetivos, organizadas através de processos históricos complexos de segregação e exploração dos corpos e mentes desses sujeitos. Dessa forma, a urgência em negar a história oficial, que invisibiliza e deprecia a figura do africano e seus descendentes partindo de um "racismo à brasileira", afirmado diante do discurso de sua própria negação, se torna parte da agenda política dos movimentos negros no país, contribuindo assim, para a desmistificação da falsa narrativa de democracia racial e, consequentemente, para o surgimento de novas interpretações e visões acerca da experiência negra em contexto brasileiro.



> Para o Movimento Negro, o cotidiano da população negra é determinado pela estrutura do racismo da sociedade brasileira. Ao emergir na cena nacional a partir da especificidade da luta política contra o racismo que marcou os anos 70, o Movimento Negro teve que buscar na história a chave para compreender a realidade da população negra brasileira. Impelido pela necessidade de negar a história convencional (oficial) e contribuir na construção uma nova interpretação da trajetória do povo negro no Brasil, é que Movimento Negro distinguiu-se dos demais movimentos sociais e populares. Na verdade, o Movimento Negro é fruto de uma "negatividade histórica" (CARDOSO, 2001, p.10).

Dito isso, o autor defende que o Movimento Negro brasileiro, enquanto movimento social contemporâneo, dá continuidade a resistência negra frente ao sistema que escravizou milhões de antepassados africanos e afro-brasileiros durante mais de três séculos. Logo, ao promover uma compreensão do passado acerca do que Marcos Cardoso (2001, p.12) designa como *herança histórico-cultural negro-africana (ancestralidade)*, o Movimento Negro cumpre uma função política e social de denunciar o racismo no presente, comunicando à sociedade os efeitos históricos desse fenômeno e plubicizando os debates acerca das relações étnico-raciais no país.

> Partimos do pressuposto de que o Movimento Negro, enquanto forma de organização política e de pressão social – não sem conflitos e contradições – tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade. Ele organiza e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva (GOMES, 2017. p.42).

A construção de novas epistemologias para se compreender a trajetória da população afro-brasileira mobiliza a elaboração de políticas públicas de inclusão, reparação e valorização desse grupo, em especial, no campo educacional/intelectual. Portanto, as instituições escolares e, consequentemente, acadêmicas, responsáveis pela socialização e difusão epistemológica e cultural, não poderiam ficar de fora das políticas educacionais propostas pelo projeto social e antirracista resultantes das lutas por emancipação negra. Logo, a escola e a universidade, espaços de poder e saber historicamente negados a população negra e indígena, se tornaram os principais alvos das políticas públicas reivindicadas e elaboradas pelo Movimento Negro brasileiro, como a aprovação das legislações 10.639/03 e 11.645/08, que atuam diretamente no currículo e cotidiano escolar, e a implementação do sistema de ações afirmativas, que garantem reserva de vagas para negros/as, indígenas e pobres nas instituições e concursos federais, estaduais, e até mesmo, municipais.



As reformas curriculares por si só, proporcionadas pelas leis supracitadas, apesar de serem importantes conquistas que reconhecem o teor eurocêntrico da nossa escola e, portanto, excludente no que diz respeito à grupos que fogem desse padrão de humanidade, não são suficientes para reconfigurar um ensino de História forjado na hegemonia cultural, social, política e estética da Europa, que desde os primórdios da colonização sustenta dogmas cristianizados, branqueadores e patriarcais, paradigmas reforçados por códigos e estruturas culturais seculares que abrangem, de acordo com Raymond Williams (2003):

> la organización de la producción, la estructura de la família, la estructura de las instituciones que expresan o gobiernan las relaciones sociales, las formas características por medio de las cuales se comunican los miembros de la sociedad (página não identificada).

Porém, seguindo Bergmann (1989, p.29), ao considerar a elaboração da História de acordo com as preocupações da Didática da História, ou seja, evidenciando seu sentido *empírico* ou “o que é apreendido no ensino da História”, *reflexivo* ou “o que pode ser apreendido no ensino da História” e *normativo* ou “o que deveria ser apreendido no ensino da História”, podemos refletir que as legislações supracitadas e sua apropriação coletiva, principalmente, pelos agentes escolares, proporcionam a incorporação de novos significados históricos difundidos no espaço escolar e, consequentemente, na sociedade ao longo do tempo.

> A Didática da História se preocupa [...] com o fato de possibilitar uma consciência histórica, constituída de tal maneira que garanta uma identidade ou identificação do indivíduo com a coletividade na evolução dos tempos, favoreça uma práxis social racionalmente organizada e compreenda a História como um processo, cujos conteúdo e qualidade humanos podem ser melhorados pela ação e intervenção dos agentes históricos. Com isso, ela pressupõe que a consciência histórica esteja condicionada socialmente e leve a ou frutifique efeitos sociais (p.31-32).



Diante do exposto, o Movimento Negro pode ser entendido como agente responsável pela (re)configuração da compreensão histórica acerca da experiência negra em território brasileiro a partir de sua produção intelectual compromissada com uma ciência engajada que reconstrói gramáticas invisibilizadas pela historiografia oficial e, dessa maneira, responsável pela operacionalização de novos significados para a formação da consciência histórica à respeito da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e sua relação prática com os grupos pertencentes a nossa dinâmica social que, historicamente, se encontra atravessada pelo racismo e seus desdobramentos.

## Considerações Finais

Partindo das reflexões propostas no presente texto, buscou-se abranger a elaboração dos saberes históricos construídos a partir da organização do Movimento Negro em diversas frentes sociais, cujo o objetivo principal se constitui na superação do racismo e diminuição de suas sequelas para a comunidade negra e, para a sociedade brasileira, como um todo.

Foi nas lutas por emancipação social que esse ator político gerou conhecimentos e reivindicações que desembocaram na institucionalização de políticas públicas de promoção à igualdade racial no campo educacional, como a implementação da Lei 10.639 no ano de 2003, a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana instituída pela Resolução CNE/CP 01/2004 e a implementação da Lei 11.645 no ano de 2008.

Por conseguinte, a institucionalização de tais políticas públicas de promoção à igualdade racial por parte do Estado, incidiu diretamente no currículo e ensino/aprendizagem da História escolar, possibilitando uma reconfiguração de paradigmas e estereotipias discriminatórias, muitas vezes, reproduzidas e

ancoradas por um ensino de História eurocêntrico e despreocupado com o combate ao racismo na construção das teorias e metodologias da ciência histórica e das demais ciências que estudam as relações humanas.

> Nas lutas sociais, os sujeitos envolvidos elaboram suas representações sobre os acontecimentos e sobre si mesmos. Para essas reelaborações de sentido, eles recorrem a matrizes discursivas constituídas, de onde extraem modalidades de nomeação do vivido. Ao usar palavras feitas para nomear conflitos onde justamente se enfrentam interpretações antagônicas e se instauram novos significados, os sujeitos em luta operam mudanças de sentido (CARDOSO, 2002 p.9).



Com isso, o Movimento Negro, além de beneficiar os estudantes negros e negras ao oportunizar informação, conhecimento e construção de identidades positivas acerca da negritude, proporciona também, benefícios à todos estudantes brasileiros ao desmistificar teorias que compreendiam o continente africano como um lugar selvagem, pobre, vazio e desprovido de organização cultural e social, promovendo assim, novos olhares e sentidos sob África e sua população originária.

**Referências**

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. **História Revista,** v. 17, n. 1, 18 dez. 2012. pp. 37-51.

BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 9. n. 19. Set.89/fev.90. pp. 29-42.

CARDOSO, Marcos Antônio. **O movimento negro em Belo Horizonte:** 1978-1998. Belo Horizonte: Mazza, 2002.

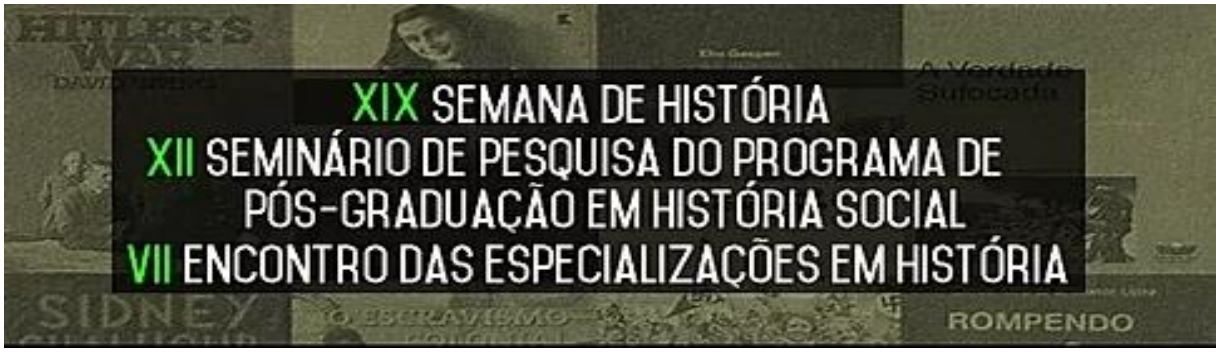
GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa-PR, v.1, n.1, 15 jul./dez. 2006. Tradução de Marcos Roberto Kusnick.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT,

Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

WILLIAMS, Raymond. El análisis de la Cultura. In. WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.






# RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA

Andressa da Silva Oliveira[1]
(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

**Resumo:** Esta comunicação provém de uma pesquisa de mestrado, em fase inicial, que se originou a partir de experiências com o subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), desenvolvido no curso de Licenciatura em História, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Assis, em 2015, no qual, em uma das escolas beneficiadas pelo programa, ocorreu um caso de racismo em sala de aula. O objetivo da pesquisa é analisar de que forma o racismo se apresenta na escola, bem como a partir desta problematização verificar que conhecimento histórico os estudantes têm acerca do tema, e em que medida o relacionam com sua vida prática, constituindo, assim, consciência histórica. Para tal, analisaremos, por meio da teoria da consciência histórica, relatos de alunos sobre atos de racismo dentro e fora da escola. Para se chegar ao objetivo proposto serão utilizadas metodologias de pesquisa qualitativa, agregando elementos da Etnografia Educacional à análise de narrativas provenientes da Educação Histórica. Nesse sentido, inicialmente realizaremos um estudo etnográfico do ambiente escolar e, na sequência, utilizaremos questionários que possibilitem o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do racismo; das experiências com o preconceito no cotidiano dentro e fora do ambiente escolar; do conhecimento acerca de casos históricos de racismo, com o objetivo de investigar os tipos de consciência histórica que se apresentam quando se discute o preconceito racial. Desta forma, espera-se que este trabalho contribua para a interpretação dos mecanismos de racismo encontrados no ambiente escolar, bem como promova a construção de um conhecimento histórico voltado para conscientização a respeito desta questão, possibilitando, assim, o desenvolvimento de uma Educação efetivamente democrática.

[1] Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduada no curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Campus Assis.

**Palavras-Chave:** Consciência Histórica; Etnografia Educacional; Preconceito Racial.

Pesquisa financiada pela Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



O interesse em pesquisar essa temática surgiu a partir das atividades realizadas como bolsista, entre os anos de 2015 e 2017, do Subprojeto de História do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), vinculado à Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, e desenvolvido junto à uma Escola Estadual, localizada neste mesmo município do estado de São Paulo, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa se originou a partir de um caso de racismo presenciado em sala de aula, do qual foi desenvolvido, posteriormente, uma atividade que consistiu em trabalhar a temática proposta pelo currículo[2]: os Movimentos Sociais, da década de 1960, nos Estados Unidos. Em decorrência desse processo pode-se realizar uma pesquisa qualitativa acerca do racismo, bem como de outros tipos de preconceito que ocorriam no ambiente escolar com alunos e alunas dos 9º anos. Da pesquisa decorreram apresentações de trabalho em eventos e publicação de artigo em anais[3]. Além do PIBID, participei de reuniões do LEPEDIH (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Didática da História), coordenado pelo Prof. Ronaldo Cardoso Alves, na UNESP-Assis, cujo cerne dos estudos reside nos teóricos da Didática da História e da Educação Histórica. Esse percurso possibilitou refletir acerca da relação entre Teoria da História e Ensino de História, com vistas à contribuição para a formação do pensamento histórico de professores e estudantes, ou seja, ensinar e aprender história com sentido para a vida.

> Durante o século XIX, quando os historiadores definiram sua disciplina, eles começaram a perder de vista um importante princípio, a saber, que a história é enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida dentro de uma estrutura de tempo. (...) A esse respeito, a cientifização da história

[2] - Até o ano passado (2018), o Estado de São Paulo utilizava, nas escolas de educação básica da rede pública de ensino, um material didático chamado “Caderno do Aluno”, que era parte integrante do do programa São Paulo Faz Escola, vigente entre 2008-2018. O conteúdo dos cadernos buscava atender as especificações do Currículo Oficial do Estado de São Paulo dentro das respectivas áreas de conhecimento.

[3] - III Jornada Paranaense PIBID/PET de História, realizado pela Universidade Estadual de Londrina, nos dias 27 e 28 de novembro de 2015. A participação resultou na publicação de um artigo nos anais do evento: *Preconceito e Racismo no Ambiente Escolar.* Também houve participação no IV SEMEAR, I Colóquio do GEPEES e Jornada do Núcleo de Ensino, realizado no ano de 2016, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- campus Assis.

> excluiu da competência da reflexão histórica racional aquelas dimensões do pensamento histórico inseparavelmente combinadas com a vida prática. (RÜSEN, 2011, p. 25)[4].

Nesse sentido, muitas têm sido as tentativas, nas últimas décadas, de pesquisas no campo da Metodologia do Ensino de História para mudar a concepção que se tem formada acerca da disciplina, para que esta seja caracterizada "como fundamental para o desenvolvimento da consciência histórica nos indivíduos, com vistas à sua utilização na vida cotidiana" (ALVES, 2011, p. 21).[5]



Assim, tanto a Didática da História quanto a Educação Histórica chegaram a um ponto comum, o de recusa da disparidade existente entre o saber escolar e o saber científico, mesmo partindo de caminhos completamente diferentes. A Didática da História alemã, que parte da racionalidade histórica para relacionar a História com a vida cotidiana, tem por objetivo a construção da consciência histórica. A Educação Histórica, por sua vez, parte da premissa de que o conhecimento histórico tem seu ponto de partida na vivência do ambiente escolar. Conhecimento mediado por uma reflexão epistemológica construtora de metodologias, as quais sejam capazes de doar a alunos (as) e professores (as) a capacidade de se identificarem no tempo histórico e nele agirem.

Ambas as linhas de conhecimento são de suma importância para o contexto social pelo qual a História passa atualmente. Além do constante questionamento de seu caráter de cientificidade e, também, enquanto uma disciplina que vem sendo constantemente descaracterizada, a História agora passa a fazer parte de um conjunto de disciplinas classificadas como "Ciências Humanas" [6]. A escolha de cursar essas disciplinas é dos (as) alunos (as) e só poderão ser cursadas se a escola oferecer. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular)[7] concluída em 2018,

---

[4] - RÜSEN, Jörn. Org. BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de R.; SCHMIDT, Maria A. Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p.25.

[5] - ALVES, Ronaldo C. Aprender História com sentido para a vida: consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses. 2011. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.p.21.

[6] - Em 8 de fevereiro de 2017 foi aprovada, no Senado, a Medida Provisória nº 746/2016 referente à Reforma do Ensino Médio brasileiro, a qual retira a disciplina de História do currículo obrigatório desta etapa da educação básica.

[7] - A Base Nacional Comum Curricular foi construída em etapas. Segundo o site do MEC, a primeira versão desse documento foi disponibilizada para a consulta pública de outubro de 2015 a março de 2016. Especialistas, associações científicas, e membros da comunidade acadêmica, deram seus pareceres sobre a primeira versão. Todas as informações foram sistematizadas por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ),

determina, segundo o MEC (Ministério da Educação) que, a disciplina de História será obrigatória e também eletiva, concebida como um componente curricular, pois, segundo o MEC a ideia de "disciplina" está ultrapassada e a tentativa é de comparar o currículo de ensino do Brasil ao de outros países desenvolvidos.[8]

Estes fatos comprovam, portanto, a necessidade de fortalecimento do campo do Ensino de História em todas as suas frentes de atuação. Desta forma, espera-se que este trabalho de reflexão e análise acerca do racismo no ambiente escolar e da construção do conhecimento histórico, possa contribuir para novas reflexões a respeito do campo historiográfico e teórico da Educação Histórica e da Didática da História em paralelo com a disciplina de História.



Além da necessidade de fortalecimento do campo do Ensino de História, também é necessário tratar da questão racial, pois, o desenvolvimento de pesquisas que trazem o racismo em seu cerne, auxiliam e contribuem não apenas para as discussões acerca das ações antirracistas, às quais podem ter grande contribuição da Educação e do Ensino de História, como também, a afirmação de existência de racismo na sociedade brasileira e nas escolas, ajudam no combate ao racismo, pois, caminham na contramão das tendências negacionistas que estão em voga na sociedade brasileira, consequência de ações políticas de vieses conservadores e extremistas.

---

trabalho que resultou na segunda versão da BNCC. Esta segunda versão foi para um processo de debate institucional e seminários realizados pelas Secretarias Estaduais de Educação em todas as Unidades Federadas. A segunda versão foi analisada também por especialistas brasileiros e internacionais. Em seguida, os pareceres analíticos desses especialistas foram encaminhados ao Comitê Gestor da Base Nacional Curricular Comum e Reforma do Ensino Médio, instituído pela Portaria MEC nº 790/2016. Em abril de 2017, a versão final da Base Nacional Comum Curricular foi entregue pelo MEC ao Conselho Nacional de Educação (CNE). O CNE é responsável pela elaboração do parecer e projeto de resolução da BNCC, que será encaminhado ao MEC.) Em 20 de dezembro de 2017, a BNCC foi homologada pelo Ministro da Educação, Mendonça Filho. Também em dezembro de 2017, o CNE apresenta a Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017 que institui e orienta a implantação da nova BNCC. Em março de 2018, a versão atualizada da BNCC chega às escolas de todo o país para que possam compreender como implementar a BNCC nas aulas, e também seu impacto na educação básica, o foco das análises ficou restrito à parte homologada do documento, que corresponde à parte da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Em 2 de abril de 2018, o MEC entregou ao CNE a parte da BNCC referente ao Ensino Médio, já homologada, a partir de então, o CNE inicia os debates, em processos de audiências públicas. Em 5 de abril, institui-se um novo Programa de Apoio à Implantação da BNCC, o ProBNCC. Em 2 de agosto de 2018, a BNCC volta a ser discutida pelos professores de todo o país, mas agora o foco estava na etapa do Ensino Médio, última a ser homologada pelo MEC, em 14 de dezembro de 2018, pelo ministro da Educação, Rossieli Soares. Fonte: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico ( Acesso em: 10/10/2019).

[8] - Fonte: https://oglobo.glob/o.com/sociedade/educacao/ausencia-de-historia-geografia-no-novo-ensino-medio-gera-apreensao-21027999. (Acesso em: 01/08/2019)

## Objetivos

### Objetivo geral:

O objetivo geral da pesquisa se concentra em investigar as formas pelas quais o racismo se apresenta no ambiente escolar no cotidiano de estudantes de educação básica, especificamente do ano final do Ensino Fundamental II (9º ano), em uma escola pública estadual localizada na cidade de Londrina – PR, bem como refletir a respeito de como a consciência histórica se apresenta no alunado em relação a este preconceito.



### Objetivos específicos:

- Analisar o pensamento histórico dos alunos acerca do conceito de racismo;
- Analisar, através das experiências do alunado, como o preconceito se apresenta no cotidiano e no espaço escolar;
- Verificar qual o papel que o Ensino de História desempenha nesta situação, e em que medida o alunado percebe a importância das aulas de História no auxílio da discussão acerca desse preconceito;
- Verificar de que forma a consciência histórica dos alunos, acerca da questão racial no Brasil, se apresenta através de suas narrativas históricas.

## Resultados

Os resultados apresentados neste artigo são parciais, fazem parte de uma pesquisa de mestrado, a qual tem por epistemologia a Didática da História, a Educação Histórica e a Etnografia Educacional. Entre os instrumentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa está a *Tempestade de Ideias,* a qual consiste em relacionar diversos termos a um termo escolhido previamente, neste caso, os alunos precisavam relacionar quatro palavras ao termo *racismo.* Dado o grande volume de resultados, optamos por escolher apenas alguns deles para apresentarmos as ideias prévias dos alunos acerca do Racismo, o objetivo da utilização deste instrumento. A análise das ideias prévias, além de auxiliar na compreensão do desenvolvimento do conhecimento histórico e da consciência

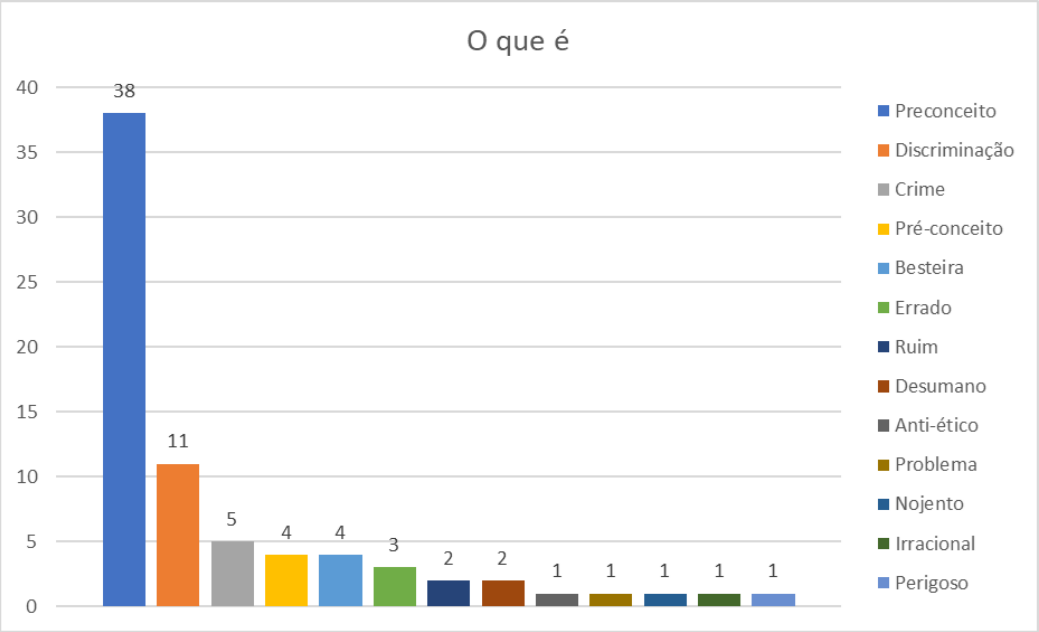
histórica, também auxiliará no adensamento da análise etnográfica do ambiente escolar, pois será possível denotar se as ideias prévias convergem com os diálogos em sala de aula.

Dentre as categorias desenvolvidas a partir da Tempestade de Ideias estão:

- O que é o Racismo;
- Origem do Racismo;
- Relação Histórico-Temporal.



**Gráfico – O que é o Racismo?**




Fonte: Dados da autora.

O gráfico representa uma parcela dos alunos que responderam ao instrumento da tempestade de ideias, no total 83 alunos responderam, gerando mais de 330 palavras. Portanto, os números dos gráficos não correspondem ao número total de alunos.

Analisando o gráfico percebe-se que para quase metade dos alunos (38) o racismo é um tipo de preconceito, um número expressivo. No entanto, categorizei separadamente os conceitos de preconceito e pré-conceito, que apenas 4 alunos relacionaram ao racismo. Embora as duas palavras tenham o mesmo significado, é pertinente denotar a diferença de significado que elas têm nesse contexto. Aqui entendem por *preconceito* uma forma de violência e exclusão, já o termo *pré-conceito* denota um julgamento prévio, uma estereotipagem do indivíduo, como

pode ser percebido no diálogo entre os alunos e a professora no ensaio etnográfico, quando relacionam a imagem do negro ao bandido.

O termo *discriminação a*parece 11 vezes, a escolha por categorizá-lo como uma das formas do racismo, embora também seja uma das consequências, se deu por ser a forma mais comum de constatar o ato do racismo, vide exemplos do período de segregação racial nos Estados Unidos, ou o Apartheid na África do Sul, a discriminação sempre foi um dos mecanismos mais poderosos de funcionamento do racismo, por isso podemos compreender o termo com sentido duplo, o de representação e consequência.



O termo *crime* apareceu 5 vezes nas repostas dos alunos, ou seja, dos 83 alunos, apenas 5 relacionaram diretamente o racismo ao que ele é pela Constituição Federal de 1988. Embora seja um número pequeno, o termo crime demonstra um pensamento crítico que não se baseia no senso comum.

O racismo também é relacionado ao termo *besteira,* na mesma quantidade de vezes em que o termo *pré-conceito* aparece. O termo besteira é uma forma de julgamento, neste caso, não se apresenta na forma de banalização ou relativização do racismo, mas como uma forma de repreensão. Os 4 alunos compreendem que quem pratica o racismo está fazendo uma “besteira”. Também podemos compreender o termo besteira como algo desnecessário, ou seja, o racismo seria desnecessário.

Ainda como critério de julgamento temos o aparecimento dos termos: *errado (3), ruim (2), desumano (2), antiético (1), problema (1), nojento (1), irracional (1) e perigoso (1).*

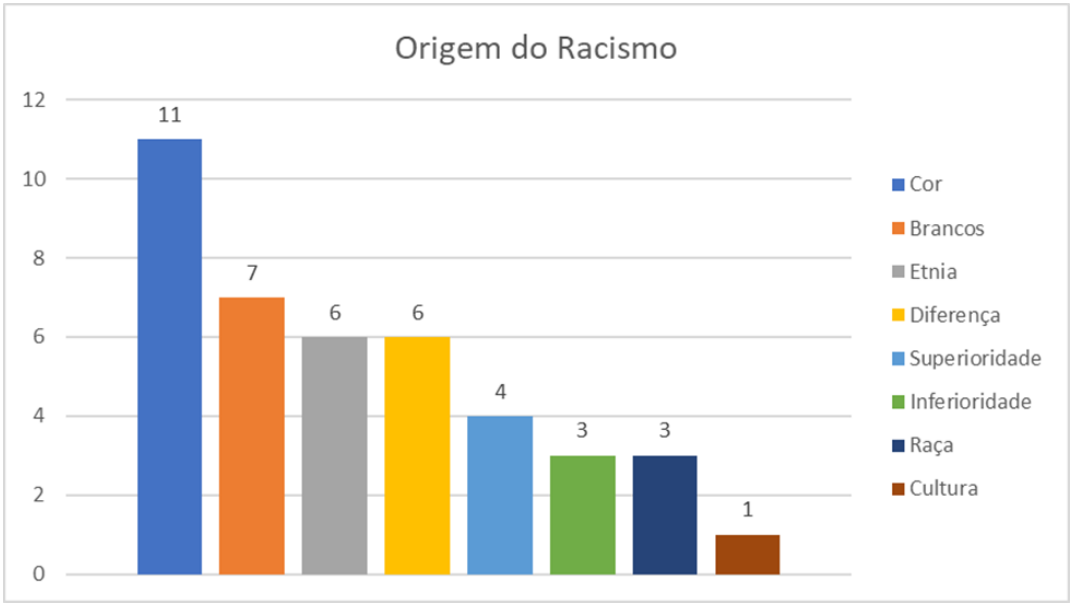





**Gráfico – Origem do Racismo**

Fonte: Dados da autora.

Embora os termos apareçam separados nas respostas dos alunos, podemos relacioná-los como complementares. O termo *cor* aparece 11 vezes, o termo *branco* aparece 7 vezes, os termos *etnia* e *diferença* aparecem 6 vezes cada, o termo s*uperioridade* aparece 4 vezes, os termos *inferioridade* e *raça* aparecem 3 vezes cada e o termo c*ultura* aparece 1 vez.

A partir da análise do gráfico podemos perceber que o termo que mais aparece é *cor*, ou seja, 11 alunos compreendem que o racismo se origina na estética das pessoas, há um estereótipo de indivíduo que sofre com o racismo. Essa perspectiva se insere no que Oracy Nogueira (2006, p. 291) designa como o tipo de racismo que existe no Brasil, o *preconceito de marca*, ou seja, o preconceito racial no Brasil tem como disparador a aparência das pessoas, contrapondo-se ao

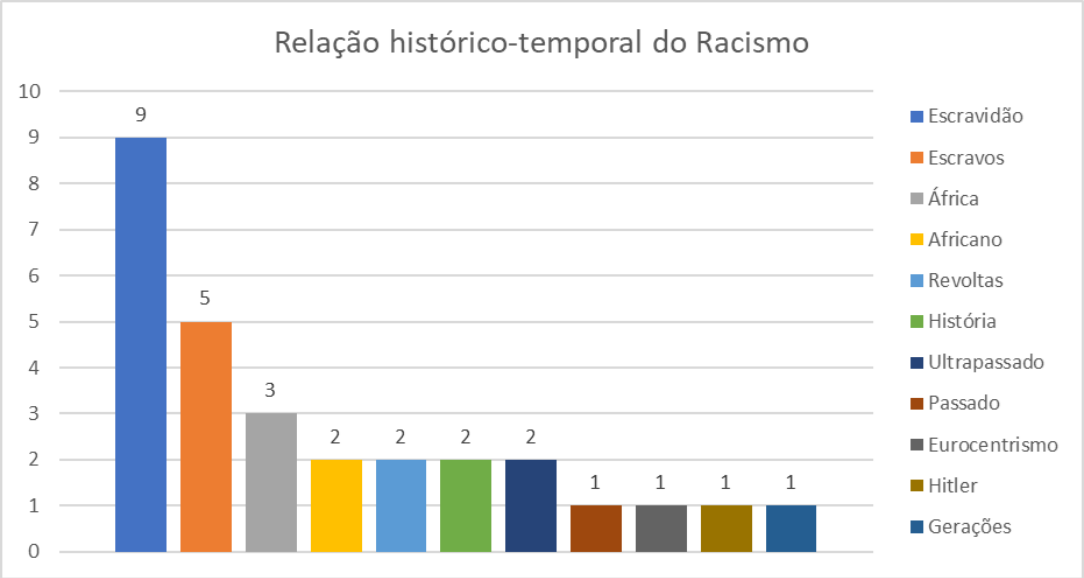
preconceito racial dos Estados Unidos, onde a afro descendência seria mais relevante que o estereótipo do indivíduo, podendo pessoas brancas serem consideradas negras por terem em sua árvore genealógica algum grau de parentesco com pessoas negras, este preconceito é denominado como *preconceito de origem.*

As ideias prévias demonstram que a origem do racismo é complexa e se relaciona à diversas questões. Podemos interpretar o aparecimento do termo branco como o estereótipo dos povos precursores do racismo, os responsáveis por desenvolver teorias raciais, ideologias e mitos que legitimaram e legitimam a prática do racismo. Entre as formas de legitimação podemos classificar o próprio termo raça, o qual tem diversas interpretações, embora tenha diferentes significados, que foram modificados de acordo com o tempo e interesses daqueles que detinham o poder econômico, político e intelectual, não há como negar que a crença na inferioridade e superioridade das raças, cultura e etnia, serviram e ainda servem como formas de legitimação do racismo e de tantos outros preconceitos, a alteridade, as diferenças entre os povos, sempre gerou conflitos ao longo da história, o *"fardo do homem branco"* foi também um legitimador destes conflitos, nesse sentido, o termo cultura também se insere no ideário de que o homem branco europeu era superior culturalmente e, portanto, deveria ser o responsável por levar a civilização e cultura para povos considerados primitivos e inferiores.

O termo cultura também pode ser compreendido como construção social, neste caso, o racismo seria uma construção social dentro da própria cultura, ou seja, racismo é algo cultural.



**Gráfico – Relação histórico-temporal do racismo**




Fonte: Dados da autora.



As categorizações desenvolvidas no gráfico acima demonstram que o alunado possui conhecimento histórico, ou seja, há uma complexidade das ideias prévias. Segundo a Educação Histórica, podemos dividir os conceitos históricos em dois tipos, os conceitos substantivos e de segunda ordem, o primeiro diz respeito aos conceitos próprios da História e o segundo aos conceitos que se relacionam com o processo histórico e com a cognição do pensamento histórico. Segundo Barca (2014, p. 87), os conceitos de segunda ordem e substantivos são essenciais no debate epistemológico da consciência histórica, pois, a reflexão sobre os conceitos essenciais à natureza do conhecimento histórico, neste caso, os de segunda ordem, são fundamentais para que possamos compreender de que forma o indivíduo se orienta e busca orientação para a vida prática cotidiana, através da História, do conhecimento histórico. Barca (2014, p. 88) aponta ser fundamental compreendermos como os alunos pensam historicamente e isso inclui conhecer, não apenas qual o pensamento dos jovens acerca dos conceitos substantivos, mas principalmente, sobre os conceitos de segunda ordem.

O conceito substantivo que mais aparece é *Escravidão,* seguido pelo termo *escravos.* Também aparecem os termos *África* e *africanos.* Os alunos compreendem o processo histórico da escravidão, relacionando-o com a escravização de povos africanos pelos portugueses. Isso pode ser comprovado com a associação do termo *História* feito por alguns alunos, o Racismo é entendido como parte de um processo histórico, há um marco temporal estabelecido nas ideias

destes alunos. O Racismo relacionado à História, pode ser compreendido então, como uma construção e também como algo histórico, o que pode derivar duas possibilidades, a primeira de que o Racismo é visto como algo que só pertence ao *passado,* termo que também aparece, portanto descolado da realidade, também como algo que faz parte da História, no entanto não desligado do presente.

Os termos relacionados ao tempo: *passado, ultrapassado e gerações.* Demonstram que os alunos veem o racismo como algo que deixou de existir no presente, como apontado acima, no entanto o termo ultrapassado demonstra um pensamento crítico e de julgamento, não nega a existência do preconceito, no entanto, classifica-o como algo que não deveria existir, portanto, os alunos entendem que houve, de certa forma, um progresso sociocultural, nesse contexto, o racismo não cabe, portanto, na sociedade brasileira, o racismo é algo superado. Já o termo gerações demonstra que os alunos entendem que o racismo é algo que permanece, não há mudança, a História é o que é, portanto, seria passado de geração em geração, embora ambos os termos *ultrapassado* e *gerações*, demonstrem pessimismo, o termo gerações compreende a ideia de que o racismo existe e sempre irá existir, a ideia aqui é de ciclo, o aluno estabelece relação entre presente, passado e futuro.



O termo *revoltas*, também se classifica como um conceito histórico, que se relaciona com o conhecimento histórico. Aqui podemos entender o termo como revoltas populares, ou insurreições de escravizados no período colonial, o surgimento dos quilombos, a luta pela liberdade. Ou também à revolta gerada pela prática do racismo. Relaciona-se temporalmente com o passado e o presente.

O termo *eurocentrismo,* demonstra também um pensamento histórico crítico, pois, define a origem do racismo que, neste caso, teria sido cunhado na Europa, seria parte da cultura europeia, como foi abordado anteriormente, aqui se insere o ideário do *"fardo do homem branco",* a ideia de superioridade racial, cultural e intelectual.

O termo *Hitler*, também é muito interessante, pois, demonstra conhecimento histórico sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre o Nazismo da Alemanha do século XX. O aluno compreende que um dos mecanismos de subjugação dos povos vítimas do genocídio é legitimado por um ideário racista de superioridade da raça ariana, o Arianismo.

## Conclusão

Acerca da temática do Racismo, as ideias dos alunos e alunas demonstram que ainda há muitas dúvidas sobre o conceito, no entanto, as ideias representam um racismo plural, no sentido de não se relacionar apenas a um grupo de indivíduos, os negros. A compreensão do racismo ultrapassa o ideário de preconceito de marca, embora este também apareça com frequência.

A pesquisa desenvolvida, em um primeiro momento, se preocupou em saber quais os conhecimentos prévios dos alunos e alunas acerca do Racismo, a importância do Ensino de História para a discussão deste preconceito.



A perspectiva é bastante otimista, no sentido de comprovar a necessidade de se trabalhar a questão racial em sala de aula, mais que isso, de compreender quais são as ideias dos alunos e alunas acerca do racismo, pois, contribui para a compreensão sobre qual a história pública acerca desta questão vem sendo veiculada e qual a responsabilidade dos educadores e pesquisadores nisso.

Portanto, pretende-se que esta pesquisa possa contribuir, não apenas para o Ensino de História, como também para a sociedade como um todo, no sentido de compreendermos os nossos papeis históricos e sociais, e nos apropriarmos de nossas responsabilidades históricas para podermos contribuir efetivamente para o desenvolvimento de uma educação democrática, crítica e consciente, e para a luta antirracista.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Representações sociais e a construção da consciência histórica.** Curitiba: Ed. CRV, 2018.

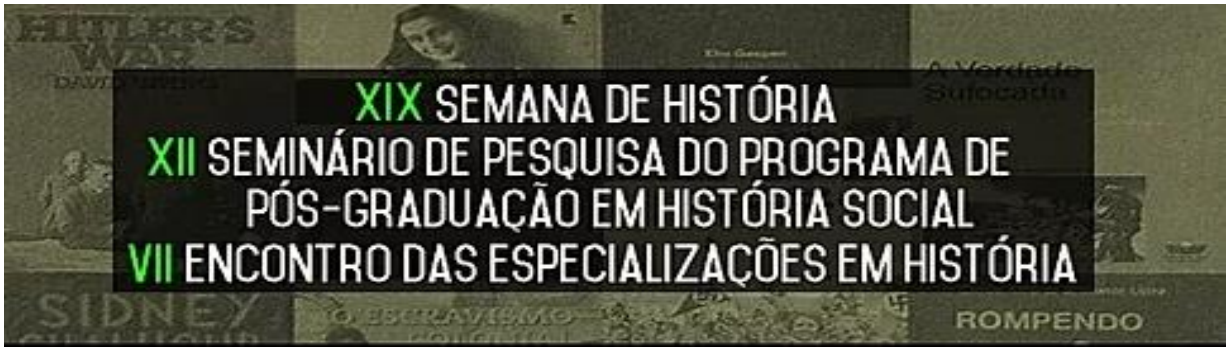
BARCA, Isabel. Consciência histórica de jovens: Identidade, Mudança em História e Sentidos para Vida. Curitiba: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 9, n. 21, jan./jun., pp.86-107, 2014.

CAVALLEIRO, Eliane dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo, 1998. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação), FEUSP, 1998.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre

relações raciais no Brasil. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v.19, n. 1, pp.287-308, novembro, 2006.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica:** teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.






# NEGACIONISMO AO TERMO DITADURA MILITAR: A ABORDAGEM DO PROFESSOR NAS SALAS DE AULAS

Geovanna Beatriz Lopes
Samuel Henrique de Almeida
Universidade Estadual de Londrina - UEL

**Resumo.** A questão central que norteia o artigo se fundamenta em entender como uma carreira profissional pode ser desconsiderada através da forma que o professor de história, ou das humanidades em geral, se refere ao período de 1964 a 1985. Muitas vezes, esse profissional é colocado em um patamar errôneo, ao ponto que seu ofício acaba marcado pelas repetições infundadas de que são “doutrinadores e alienantes”, principalmente diante dos crescentes negacionismos, sendo um desses, em relação ao termo ditadura militar e ao período correspondente. Atualmente, podemos perceber a presença de indivíduos que se colocam contrários à ideia do termo da ditadura militar, opondo-se a toda a perspectiva de uma investigação, fontes documentais, registros do período e reflexão crítica feita pela historiografia, do qual a metodologia do ensino de História se baseia e são adotadas pelos professores dessa área. A proposta se dispõe analisar as relações existentes e as perspectivas presentes no período recente, quando de um lado se faz presente os negacionismos à fatos históricos e, do outro lado, há um esforço para que a história não se repita, principalmente no que se refere às violências e censuras do período, sendo que muitos desses argumentos são considerados falsos nos tempos atuais e colocados como um “ensino errôneo” por parte do professor, que deve ser repreendido. A exemplo disso, temos a propagação do programa Escola Sem Partido, que associado a movimentos conservadores, limitam o papel do professor sob a justificativa de impedir uma “doutrinação marxista”. Compreende-se a necessidade de entender esses movimentos negacionistas, particularmente, nos âmbitos escolares, onde há o estabelecimento dos questionamentos sobre a fala e o lugar do professor de história, para que se possa fazer um contraponto a esses pensamentos, que ganharam voz na política e nas ideias. Baseados em artigos sobre o Escola sem Partido, no discurso de autoridades políticas e na transformação do pensamento dos indivíduos com o advento da tecnologia, traçamos a consideração que o professor deve se aproximar do indivíduo como meio de não deixar o conhecimento histórico restrito a academia. A democratização do conhecimento é essencial para o enfraquecimento dos negacionismos, seja ele histórico, geográfico ou qualquer outro.

**Palavras-chaves**: História; Professor; Ditadura Militar; Negacionismo

## Introdução/justificativa

Traçamos aqui a necessidade de debater os aspectos dos negacionismos presentes na sociedade e nas escolas, principalmente no que concerne ao ensino de História e consequentemente ao ensino da temática da Ditadura Militar e aos acontecimentos que definem esse período. No que se refere ao trabalho do professor de História, encontramos inúmeros posicionamentos que não condizem com aquilo que é explícito na formação de um cidadão crítico e atuante na realidade social a qual vivencia.



No decorrer deste trabalho, procura-se mediar pela defesa de uma educação que respeita as pluralidades existente em sala de aula. Reforçando aqui as palavras de Paulo Freire (2017):

> É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéricas, sociológica ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (FREIRE, 2017, p. 59).

Possuindo a necessidade de compreender o movimento do Escola Sem Partido e como que esse se constituiu em um grande aliado ao movimento negacionista e à abordagem do professor de História nas salas de aula, bem como a desmoralização e a descontextualização da formação histórica crítica do aluno e que viola a compreensão daquilo que entendemos por educação emancipatória dos indivíduos. É necessário a defesa da historiografia em si, prezando pela incorporação e compreensão dos documentos históricos e em uma educação pautada na heterogeneidade, em respeito aos educandos e aos educadores.

## Objetivo Geral

Debater sobre o movimento negacionista ao termo da ditadura militar no âmbito de ensino de história.

**Objetivos Específicos**

- Analisar o papel do professor de história como agente transformador de ensino, bem como a sua postura diante do período compreendido como Ditadura Militar;
- Identificar os crescentes negacionismos presentes na sociedade que adentram no ensino de história, desqualificando a historicidade bem como a atuação docente, a exemplo, o movimento do Escola sem Partido.



**Resultados**

Os resultados presentes neste trabalho, se atentam a necessidade de analisar as relações existentes entre os conceitos que remetem aos negacionismos constantes e ao que se condiz como o ensino de história. Isso indica que ao nos mediar por estes caminhos, pôde ser encontrado conceitos que fortalecem a presença desses termos e consequentemente, sua continuidade nos tempos atuais, infringindo diretamente no que se refere à ação docente, desmoralizando não apenas a educação histórica e consciência histórica dos indivíduos, mas também aquilo que se constitui como conhecimento científico e que deve estar sendo repassado nos âmbitos escolares, fomentando a formação de cidadão. Abordagens constantes a essas negações, desqualificam aquilo que se caracteriza por um ensino pautado na reflexão e crítica da historicidade, a fim de que se obtenha uma educação emancipatória sem a permanente decorrência às ideologias frívolas.

**O professor de história diante do ensino nos tempos atuais**

Quando se refere ao ensinar e fazer história, sabe-se que diante do papel de professor e de pesquisador deve-se sempre mediar pelos caminhos da história e da ética, conflitos constantes, por exemplo, não é solo de estranheza para quem se arrisca a cultivar-se nesta área, tal como nos complementa Delgado:

> O conhecimento e análise da trajetória humana em múltiplas temporalidades é objeto peculiar da História. O historiador, ao deslocar seu olhar crítico para o passado, procura compreender as ações dos sujeitos históricos, suas motivações e as condições nas quais foram empreendidas. Busca também entender o registro dessas ações, através da análise crítica das fontes documentais preservadas ou mal conservadas e também das razões que levaram, quando é o caso, à sua destruição ou abandono. Ao fazê-lo, muitas vezes, dialoga com manifestações da memória caracterizadas por conflitos, lembranças, esquecimentos, silêncios e comemorações (DELGADO, 2010, p. 8).

O mesmo se aplica ao trazer luz a este artigo: qual a postura que o professor de história deve possuir diante do fato de ensinar sobre o período governado pelos militares? Ditadura militar ou regime militar?

Apesar da forma como escolhe se referir a esse período, uma coisa de fato é verdadeira diante do ensino: o profissional de história deve sempre prezar pelos fatos históricos, pela historiografia que de fato existe e que de fato foi vinculado aos acontecimentos que ocorreram. Possuímos uma gama extensas ao que se refere às documentações históricas, desde materiais escritos até os materiais audiovisuais, porém o tema, para muitos professores se apresentam como um “assunto delicado", já que qualquer menção que não agrade à todos, pode ser vinculado à um discurso de esquerda ou doutrinação, ou até mesmo em casos específicos, como mediação marxista.



Paulo Freire, sugere a habilidade da apreensão da realidade em si, nos demonstrando a dificuldade no cunho educacional pautado em uma neutralidade por parte do professor:

> Primordialmente, minha posição tem de ser de respeito a pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura mas não posso desconhecer o seu direito de rejeita-la. Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho porque me omitir, por que ocultar minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeita-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos (FREIRE, 2017, p. 69).

Diante da citação demonstrada acima, podemos compreender que o ensino não pode assumir uma neutralidade a fim de que haja o respeito em detrimento de outrem. Ou seja, o que se pretende estabelecer é a ideia de que uma educação deve ser pautada na pluralidade, na diversidade e na heterogeneidade, o respeito em uma sala de aula deve ser constituído por ambas as partes, no caso, os educandos e os educadores. Tal como foi abordado anteriormente, o ensino de história concerne aquilo que se representa como historicidade e principalmente, naquilo que se constituiu como história, a partir de análise de fontes e documentações diversas. Paulo Freire, nos deixa claro que não se pode ocorrer omissão do professor e muito menos dos educandos.

> a História é uma ciência pura (...) o historiador não deve ter outra ambição que a de ver bem os fatos e compreendê-los com exatidão. Não é em sua imaginação ou lógica que ele os procura, mas sim na observação

> minuciosa dos textos, da mesma maneira que o químico encontra os seus em experiências minuciosamente conduzidas (BOURDÉ; MARTIN, 1984, p. 102).

Quando nos deparamos com os inúmeros negacionismos presentes na sociedade atual, não podemos omitir que esses posicionamentos não dialogam e interferem no âmbito de ensino, principalmente ao que diz respeito ao ensino de história. Quando nos encontramos com professores que acabam por negar a existência do próprio termo que se refere a ditadura militar e consequentemente aqueles fatos que a denomina, coloca em contraposição a própria formação e atuação que se espera de um profissional da área de história, ou seja, o profissional crítico e reflexivo, que atue a fim de que se possa alcançar uma educação emancipatória.



Sabe-se que o professor no contexto escolar assume duas funções: além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, também é um agente transformador, diante disso é necessário que tenha uma base sólida de formação, a fim de que possa entender e criticar diversas situações que são encontradas no ensino de história.

Enquanto um sujeito histórico, que vive um determinado período histórico, é necessário que os alunos tenham o pleno acesso e principalmente, o pleno entendimento do conhecimento que se constitui como história e para além desse, de todos os outros conhecimentos que foram produzidos ao longo de vários períodos pelos homens. É importante denotar que os conhecimentos científicos adquiridos nos âmbitos escolares só serão efetivados na prática para aqueles que os foram apresentados, se esses mesmos conhecimentos forem consolidados a partir dos conhecimentos prévios que os alunos trouxeram para dentro dos muros escolares.

Os crescentes negacionismos presentes na nossa sociedade, vêm perpassando e desmoralizando a educação histórica, bem como a sua criticidade e reflexão, tornando àqueles das futuras gerações em explícitos seres massificados e ignorantes, a colocação de opiniões que não condizem com os fatos históricos, alterando a história em si. Não se nega o que aconteceu, “chamamos ideologia àquele saber que falseia a realidade apresentando um conhecimento parcial sobre ela" (NEMI; MARTINS, 1996, p. 34).

## O Escola sem Partido e sua relação com movimentos conservadores

Para falarmos da limitação do papel do professor em sala de aula, é necessário fazer um antecedente a respeito do crescimento do conservadorismo no Brasil, ocorrido nos últimos anos. Assim, compreender-se-á a correlação com projetos que visam limitar a atividade docente sob pretexto de neutralidade e impedir suposta atuação político-partidária-ideológica.



De acordo com Miguel (2016, p. 592), após o fim da ditadura houve um certo consenso em combater a desigualdade e defender os direitos humanos, sendo que haviam aqueles que se colocavam contra isso, mas representavam uma minoria. Entretanto, a partir dos anos 2010 vozes e ideias abertamente conservadoras voltaram a ganhar espaço na política brasileira. Segundo o Índice de Conservadorismo, pesquisa realizada pelo IBOPE em 2018, cerca de 55% dos brasileiros se consideram conservadores, especialmente quando indagados em questões referentes a legalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, pena de morte, redução da maioridade penal e prisão perpétua (TOLEDO, 2018). No entanto, com a expansão do pensamento conservador, tornou-se

> [...] perceptível uma significativa presença de discursos em que a desigualdade é exaltada como corolário da “meritocracia” e em que tentativas de desfazer hierarquias tradicionais são enquadradas como crime de lesa-natureza. Nestes discursos, também ganha uma nova legitimidade a velha ideia dos direitos humanos como uma fórmula que concede proteção indevida a pessoas com comportamento antissocial. (MIGUEL, 2016, p. 592)

O autor cita que o reacionarismo brasileiro dos últimos anos está embasado em três correntes: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo. A primeira tem como base a ideologia ultraliberal, pregando o Estado mínimo e a autorregulação do mercado, afim de se colocar contra a suposta hegemonia do pensamento progressista nos ambientes universitários. É promovido por fundações privadas norte-americanas e no Brasil, tem como principal expoente o Instituto Millenium, fundado em 2006 e considerado o *think thank* da direita brasileira (MIGUEL, 2016, p. 592-3).

A segunda, vem criando forças desde a década de 1990 com a eleição de pastores neopentecostais na política. Recentemente, convencionou-se chamar esse segmento de “bancada evangélica”, mas Miguel (2016, p. 593) cita que essa denominação ignora setores mais conservadores do catolicismo, que também se opõem ao aborto, ao combate a homofobia e demais temas sensíveis as minorias.

E ressalta que por muitas vezes, os parlamentares fundamentalistas acabam se aliando a outras forças conservadoras, como latifundiários e defensores de armamentos. Por fim, há o anticomunismo, cuja temor retornou após o fim da Guerra Fria, tendo como maiores oponentes o bolivarianismo, o Partido dos Trabalhadores e o Foro de São Paulo. Nas palavras de Miguel (2016, p. 594), o Foro "assumiu a feição de uma conspiração para dominar o subcontinente [da América Latina]".



Mas para que citar o crescimento das forças conservadoras no cenário político dos últimos 10-15 anos? É necessário esclarecer a aglutinação dessas correntes para entender que atingem fortemente o campo educacional, como através do movimento Escola sem Partido (ESP). Fundado em 2004, pelo advogado e procurador Miguel Nagib, o ESP passou anos desconhecido do público até meados de 2014, quando recebeu atenção nos debates sobre a educação brasileira e foi abraçado por grupos de direita (MIGUEL, 2016, p. 595).

Originalmente criado para combater a "doutrinação marxista" das escolas, após a filha de Nagib ter contado que seu professor de História havia feito uma comparação entre Ernesto Che Guevara com São Francisco de Assis (MIGUEL, 2016, p. 599), o programa ganhou importância no debate público quando confluiu para outra vertente da agenda conservadora, a "ideologia de gênero" (MIGUEL, 2016, p. 595), em meio a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE), momento que os irmãos Carlos e Flavio Bolsonaro protocolaram o ESP na Câmara Municipal do Rio de Janeiro e na Alerj, respectivamente, em 2014 (PENNA, 2016, p. 44). Miguel, assinala que

> antes, a ideia de uma "Escola Sem Partido" focava sobretudo no temor da "doutrinação marxista", algo que estava presente desde o período da ditadura militar. O receio da discussão sobre os papéis de gênero cresceu com iniciativas para o combate à homofobia e ao sexismo nas escolas e foi encampado como bandeira prioritária pelos grupos religiosos conservadores (MIGUEL, 2016, p. 595-6).

Foi uma reação a proposta do governo federal em incluir debates sobre sexualidade e diversidade de gênero na educação básica do país, cuja discussão ganhou a alcunha de "ideologia de gênero". O termo acabou amplamente difundido como uma ameaça as crianças e adolescentes, que "seriam as mais vulneráveis à 'ideologia de gênero', que impediria a consolidação da identidade masculina ou feminina" (MIGUEL, 2016, p. 599). Então, para coibir a "doutrinação marxista" é

necessário invocar a neutralidade do professor dentro de sala de aula. Miguel acrescenta que

> no momento em que a “ideologia de gênero” se sobrepõe à “doutrinação marxista”, o discurso do MESP dá outra guinada. A defesa de uma educação “neutra”, que era predominante até então, cede espaço à noção da primazia da família sobre a escola. A reivindicação é impedir que professoras e professores transmitam, em sala de aula, qualquer conteúdo que seja contrário aos valores prezados pelos pais. O foco principal é a “ideologia de gênero”, mas a regra contempla também as posições políticas sobre outras questões e mesmo a teoria da evolução das espécies ou o heliocentrismo. (MIGUEL, 2016, p. 601)



Dentro dessa suposta “doutrinação”, o uso do termo ditadura militar, tema deste trabalho, pode ser visto como violação do princípio da neutralidade. É possível interpretar que apresentar o período de 1964 a 1985 como um período repressivo e antidemocrático, significa entrar em conflito com as convicções morais dos pais e responsáveis pelos estudantes. Compreende-se que ao fazer uso desse termo, o professor estaria sendo parcial e, portanto, doutrinando o aluno. Se determinadas parcelas da sociedade foram e continuam sendo favoráveis ao regime militar, acabam por se sentir incomodados quando os filhos ouvem no ambiente escolar que os 21 anos de presidência liderada por militares foi uma ditadura. Neste ponto, entram em campo aqueles que desejam neutralidade por parte do professor através do ESP.

Além do projeto de implementação dessa regulamentação, há ainda o estímulo para que os alunos denunciem do professor, caso considerem estar sofrendo “assédio ideológico”, característica extremamente vaga e subjetiva e, que pode levar o educador a qualquer momento a ser alvo de um processo, segundo Miguel (2016, p. 614). Em 2019, a deputada federal Bia Kicis (PSL-DF) protocolou uma nova versão do ESP, após o anterior ter sido arquivado com o fim da legislatura anterior. Desta vez, consta no projeto a proposta dos alunos terem direito a gravar as aulas “a fim de permitir a melhor absorção do conteúdo ministrado e de viabilizar o pleno exercício do direito dos pais ou responsáveis de ter ciência do processo pedagógico e avaliar a qualidade dos serviços prestados” (SALDAÑA, 2019).

Por outro lado, a grande maioria dos professores e sindicatos que os representam, defendem a liberdade de cátedra dos professores, pois em primeiro lugar é um direito assegurado na Constituição Federal, conforme o artigo 206, em que “a educação deve ser guiada pela liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber e pelo pluralismo de ideias e de concepções

pedagógicas” (PENNA, 2016, p. 49). Segundo, porque o professor não deve agir como um transmissor de conhecimentos, sem diálogo com a realidade do aluno, conforme Penna (2016, p. 46). O autor ainda coloca que

> o programa Escola sem Partido não só representa os alunos como figuras absolutamente passivas, a proposta apresenta-se como uma política de escolarização que reduziria enormemente o espaço que os alunos pudessem revelar-se como sujeitos em sala de aula. A função da escolarização reduzir-se-ia à qualificação (no caso, a transmissão de conhecimentos), excluindo a dimensão de subjetivação (PENNA, 2016, p. 55).



## Revisionismo histórico no Brasil

A negação do termo “ditadura” e tentativas de revisionismo histórico não são um fato novo na sociedade brasileira. Desde o retorno do regime democrático, setores civis, políticos (especialmente conservadores) e das Forças Armadas insistem que entre 1964 e 1985 não houve uma ditadura, mas um regime liderado por militares, tido como uma “revolução” ou “movimento” (FRANCO, 2019).

Há também correntes que não negam a existência de uma ditadura, mas suavizam seu caráter. O exemplo mais notório é o editorial da Folha de S. Paulo de 17 de fevereiro de 2009, em que o autor critica o regime do então presidente Hugo Chávez comparando com a “ditabranda” que o Brasil viveu entre 1964 e 1985, pois “partiam de uma ruptura institucional e depois instituíam formas controladas de acesso a disputa política”. Seguido disso, o historiador Marco Antonio Villa fez uma defesa desse editorial, num ensaio em que denominou o período como “ditadura à brasileira”, argumentando que a repressão teria ocorrido apenas entre o AI-5 (1968) e a Anistia (1979) e teria trazido níveis mais baixos de violência política se comparado com os demais países do Cone Sul (FERNANDES, 2016).

## Autoridades como porta-vozes da negação

Como já descrito acima, a negação/romantização do regime militar e da repressão do período não é recente. A começar por 1999, quando o então deputado federal Jair Bolsonaro (atualmente Presidente da República) em entrevista ao programa Câmera Aberta, na TV Bandeirantes, fez uma defesa explícita do regime militar, defendendo o fechamento do Congresso Nacional, a tortura do então

presidente do Banco Central, o fuzilamento do então presidente Fernando Henrique Cardoso e que “o erro da ditadura foi torturar e não matar” (KOKAY, 2018).

Nas palavras da historiadora Maud Chirio, professora da Universidade de Paris-Est Marne-La-Vallée e especialista em História Contemporânea brasileira, “há trinta anos Bolsonaro é uma voz que insiste na necessidade de repressão e na ideia de que a ditadura militar brasileira não foi grave” (FRANCO, 2019). Em 2019, na condição de presidente da República, determinou as Forças Armadas a volta das comemorações ao dia 31 de março, que havia sido retirada do calendário oficial do Exército em 2011. Chirio comenta que



> é um primeiro passo para a imposição desse novo discurso oficial em relação à ditadura. Os meios militares são só o primeiro espaço. Eu temo que, em seguida, as universidades e as escolas sejam invadidas por essa narrativa que não só é moralmente condenável, mas que também se apoiam em resultados que são cientificamente falsos (FRANCO, 2019).

O corpo ministerial do presidente também deu declarações sobre o regime militar. O Ministro da Educação, Ricardo Vélez, afirmou que a partir de 1964 houve “um regime democrático de força” e que se deveria “resgatar uma versão da história mais ampla” nos livros didáticos sobre o período (ARAÚJO, MURAKAWA, 2019), enquanto o vice-presidente da República, general da reserva Hamilton Mourão, defendeu uma revisão histórica do período (FRANCO, 2019).

Se autoridades eleitas e nomeadas dentro do Estado democrático de Direito tem esse pensamento negacionista, leva-se a entender que uma grande parcela da população se sente representada por este discurso. Faz-se então, necessário pensar como esse discurso pode influir no inconsciente coletivo e por sua vez interferir no ambiente educacional, especialmente no ensino de História.

## Considerações Finais

Ao longo da nossa história, muitos métodos procuraram enfatizar o ensino tradicionalista, sem ênfase na prática crítica e reflexiva. Podemos encontrar na década de 1930, o chamado “estudos sociais”, que nas décadas de 1960 e 1970 também foi incorporado ao ensino, essa substituição visava a substituição da disciplina de história e de geografia, a fim de incorporar o civismo e o patriotismo, bem como uma neutralidade por parte do professor ao ensinar. Porém, é importante enfatizar que uma neutralidade no ensino pode acarretar na própria internalização da História.

Conforme colocado acima, o processo de internalização dos negacionismos presentes na sociedade atual infringe em grande parte na maneira de ensinar e repassar acontecimentos históricos do país, como é o caso do Escola Sem Partido. É necessário compreendermos que em sala de aula devemos ter uma postura que respeite os alunos e em respeito ao próprio professor, o que é explícito o estabelecimento de um ensino diversificado. Polarizações extremas de opiniões, acarretam em consequências drásticas para o desenvolvimento de uma formação histórica do indivíduo. Para além, em respeito à verdade e à história do país, é solícito compreender que não se defende a ideia do estabelecimento de apenas um lado da história, mas sim, ambos. É necessário que a partir de expostos dos aspectos decorrentes do período, sejam aspectos positivos ou negativos, e mediante às suas próprias convicções e histórias sociais, que o aluno tome por si mesmo, seu próprio fim e seu próprio posicionamento.



Por fim, e em tempo, o ensino de História deve ser pautado em uma formação histórica, crítica, reflexiva e acima de tudo, transformadora.

**Referências**

BOURDÉ, G; MARTIN, H. **As escolas históricas**. São Paulo: Publicações Europa América, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 55. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. **Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero": Escola sem Partido e as leis da mordaça no parlamento brasileiro**. Direito & Práxis, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

NEMI, Ana Lucia Lana; MARTINS, João Carlos. **Didática de História**: O tempo vivido: uma outra história?. São Paulo: FTD, 1996.

PENNA, Fernando de Araújo. Programa "Escola sem Partido": uma ameaça à educação emancipadora. In: Carmem Teresa Gabriel; Ana Maria Monteiro, Marcus Leonardo Bonfim Martins (Orgs.). **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2016, p. 43-58.

**Referências eletrônicas**

ARAÚJO, Carla; MURAKAWA, Fábio. Vélez quer alterar livros didáticos para “resgatar visão” sobre golpe. **Valor Econômico**, 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/04/03/velez-quer-alterar-livros-didaticos-para-resgatar-visao-sobre-golpe.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2019.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia. In **Tempo**. Vol. 14, n° 28. Niterói-RJ: 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413770420100001000006&lang=pt>



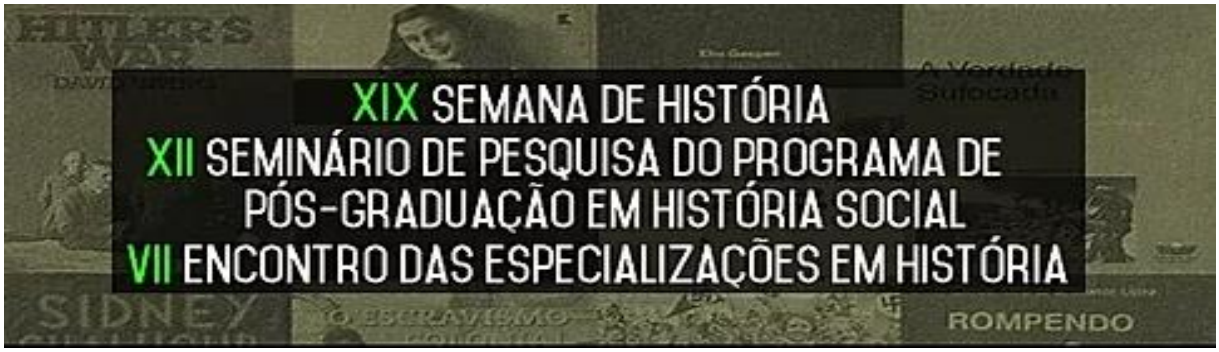
FERNANDES, Eurico da Silva. O estudo do revisionismo histórico brasileiro na sala de aula: os casos da “ditabranda” da Folha de S. Paulo e da “ditadura à brasileira” de Marco Antonio Villa. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR, 2018. V. 1. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_uem_euricodasilvafernandes.pdf> Acesso em: 31 out. 2019.

FRANCO, Daniella. Relevar ou negar a existência da ditadura militar é perigoso para o Brasil, advertem historiadoras. **RFI**, 2019. Disponível em: <http://br.rfi.fr/brasil/20190328-relevar-ou-negar-existencia-da-ditadura-militar-e-perigoso-para-o-brasil-advertem-hi>. Acesso em: 21 set. 2019.

KOKAY, Érika. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. DW Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-em-25-frases-pol%C3%AAmicas/a-46065201>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SALDAÑA, Paulo. Novo projeto de Escola sem Partido permite que aluno grave professor. **Folha de S.Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/02/novo-projeto-de-escola-sem-partido-permite-que-aluno-grave-professor.shtml>. Acesso em: 29 nov. 2019.

TOLEDO, José Roberto. O conservadorismo vai à faculdade. **Piauí**, 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/grafico-conservadorismo/>. Acesso em: 29 nov. 2019.






# UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA MODA: AS MUDANÇAS NA INDUMENTÁRIA PELO JORNAL DAS MOÇAS ENTRE 1914 E 1930

Letícia Fernochi
Mestranda – Profhistória
Orientadora: Profª Drª Solange Ramos Andrade
Universidade Estadual De Maringá

**Resumo.** O estudo da moda pode ajudar a determinar o avanço da sociedade, as mudanças nas relações e a importância de alguns conflitos para as alterações no vestuário. Essa abordagem pode ser usada no ensino de história como instrumento que leva a compreensão da forma que os indivíduos viviam em determinado tempo e espaço. Para analisar e compreender essas modificações serão analisados os períodos entre 1914 e 1930 através do periódico Jornal das Moças, onde as representações e artigos de moda trazem elementos relevantes para refletir sobre os acontecimentos no mundo e seu impacto na constituição das roupas. Nessa proposta observa-se como análises imagéticas em conjunto com os textos contidos no jornal podem contribuir para ampliar a percepção dos alunos a respeito das conexões entre os acontecimentos ensinados na disciplina. A moda é capaz de se modificar para atender as necessidades de uma época, seja pela escassez de produtos, pela reivindicação de novos direitos ou pela mudança comportamental, como afirma Souza (1987) a moda é a grande arma na luta entre os sexos e na afirmação do indivíduo dentro do grupo. Para auxiliar nessa proposta usa-se a concepção que as fontes históricas devem ser entendidas como evidências que auxiliam na compreensão de um passado específico, a partir das problematizações, análises e confrontos entre as mesmas, de modo que apontem suas relações com o presente e a possibilidade de articulação com expectativas de futuro (RÜSEN, 2015). E a literacia histórica, conceito desenvolvido por Lee (2006) que propicia o desenvolvimento da capacidade de ler o mundo em que nos inserimos a partir de situações concretas do passado que oportunizam a compreensão do mesmo em tempo presente. Para isso, o autor evidencia a importância de objetos, lugares e narrativas que permitam a materialização do passado no tempo presente, possibilitando aos estudantes que se remetam a diferentes temporalidades e contextos históricos. Intenciona-se nas aulas de história vincular os conteúdos a temas significativos para compreender o processo histórico, trazer problemas para a investigação e assim a história deixa de ser algo distante e pode facilitar a relação

de ensino aprendizagem. A moda é um instrumento que pode levar o aluno a um contato mais próximo com a história pois como diz Souza (1987) para que possamos compreender toda a riqueza (da moda) devemos inseri-la no seu momento e no seu tempo, tentando descobrir as ligações ocultas que mantem com a sociedade. Estudar a moda equivale a estudar as relações sociais e as características da sua evolução, a moda é uma indicação de identidade individual, grupal e sexual, segundo Mendes (2009) ela reflete as mudanças da matriz social. Dentro do tema desenvolvido nesse trabalho os estudantes poderão perceber que o vestuário não é apenas um produto do seu tempo, mas um elemento que auxilia na construção das relações sociais, normas e condutas, como afirma Zanirato (2013).



**Palavras-chave:** Moda; Ensino de História; Relações Sociais; Mudanças no Vestuário.

> Se me fosse permitido escolher na profusão de livros a serem publicados depois de minha morte, saiba você o que eu escolheria [...] Não, eu não escolheria um romance nessa futura biblioteca nem um livro de história [...] Na verdade, meu amigo, eu escolheria um jornal de moda, para saber como as mulheres se vestirão um século após meu desaparecimento. E essas roupas femininas me diriam mais sobre a humanidade futura do que todos os filósofos, romancistas, pregadores, sábios. A. France (apud ROCHE, 2007)

A moda revela as condições vividas pela sociedade em determinada época, pelas roupas utilizadas e as mudanças que elas sofrem ao longo do tempo podemos interpretar vários aspectos vivenciados pelas pessoas daquele período. Nessa pesquisa o período escolhido foi de 1914 a 1930 pois muitas transformações ocorreram devido a alguns acontecimentos de grande repercussão mundial, como por exemplo a Primeira Guerra Mundial, a ascensão dos Estados Unidos e a crise de 1929, todos fatos que geraram grande estimulo para as mudanças nas vestimentas principalmente das mulheres, afinal elas viram seu papel social se modificar com a Grande Guerra e lutaram para ter seus direitos reconhecidos, e esse momento se faz muito claro nas roupas que usavam.

Para estudar a moda temos que lidar com questões culturais, como luxo, consumo ostentatório, a representação simbólica das hierarquias econômicas e sociais, a distribuição das marcas de origem, questões repletas de conteúdos morais. Segundo Calanca (2008) o fenômeno da moda constitui conflitos entre várias culturas do corpo, entre os saberes institucionais, entre as formas do efêmero e as autoridades da cultura.

A moda também é harmoniosa pois para Souza (1987) ela serve a estrutura social, acentuando a divisão em classe, mas reconcilia o conflito entre o impulso

individualizador de cada um de nós e o socializador, exprime ideias e sentimentos, pois é uma linguagem que se traduz em termos artísticos. Com o processo de industrialização pelo qual a moda passou também podemos ver a vestimenta como uma forma de luta de classes afinal ela reflete as transformações sociais e quando há um perigo de aproximação entre as classes ou os sexos a moda usa subterfúgios para distanciar-se novamente. Mas ela também pode integrar e permitir que o indivíduo desapareça num todo maior que lhe dá apoio e segurança.



A moda vigente é sempre a da classe dominante, os grupos mais próximos tentam se identificar com os superiores através da imitação da vestimenta. A tecnologia colaborou nessa aproximação com a utilização de materiais sintéticos, atendendo assim todos os gostos incluindo as operárias, era mais acessível e mais barata.

No Brasil toda essa informação de moda chegava principalmente através dos jornais e revistas, o Jornal das Moças, um periódico publicado no Rio de Janeiro que inicialmente foi quinzenal e depois passou a ser semanal trazia informações sobre moda, culinária, comportamento, dicas de beleza e também anúncios de produtos variados. Dentro desse periódico as seções A arte de ser elegante e Modos e Modas falavam para a mulher brasileira as referências de moda produzidas no mundo, sempre com destaque para a produção parisiense, que mesmo durante a guerra ditava as tendências. É claro que nos artigos haviam ressalvas de como adaptar a moda francesa para o Brasil e daquilo que os autores dos artigos julgavam não ser apropriado adotar para o uso da mulher brasileira. Na edição 21 do jornal datada de 15 de março de 1915 o artigo dizia: “[...] procurando um modelo que mais nos convenha, modifiquemos a sua confecção para adaptal-o as nossas condições climatéricas. É este o justo critério que parece estar sendo seguido agora com mais rigor pelas nossas gentis e graciosas patrícias “.

Pode-se observar que ao longo do periódico tenta-se fazer uma separação entre a moda usável e aquela chamada de exagerada ou esquisita, além de problematizar as diferenças entre o que é aplicável na moda brasileira e na moda europeia. Na edição 19 na seção A arte de ser elegante foi escrito que “[...] elegância é simplicidade, é beleza, é arte. Nós até hoje confundimos o luxo com a elegância. Dahi nosso erro”.

O comprimento das roupas nos revela muito sobre sua época, como exemplo na Primeira Guerra Mundial houve a necessidade de adaptação para o trabalho e

para a distração, a quantidade de tecido foi diminuindo devido a fechamentos de fábricas, assim as roupas se encurtaram evidenciando as pernas. A moda precisou economizar ornamentos nessa época, por isso os tailleurs foram difundidos aproximando a moda feminina e masculina. Outro acontecimento relevante que teve impacto direto nas vestimentas foi a crise de 1929, fazendo com que as roupas das classes ficassem mais parecidas.



Compreendendo que com as análises das roupas de uma sociedade pode-se desvendar seus códigos as roupas significam muito mais do que aparentam, segundo Roche (2007) a roupa confirma a adesão a um grupo, serve para construir identidades sociais e transmitir valores sociais. Essa ideia casa com a afirmação de Calanca (2008) de que a pesquisa da indumentária propicia um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, também tem valência de linguagem.

Para pesquisar sobre moda é necessário inseri-la no seu momento e no seu tempo, tentando descobrir as ligações ocultas que mantem com a sociedade, como diz Souza (1987) a moda é capaz de se modificar para atender as necessidades de uma época, seja pela escassez de produtos, pela reivindicação de novos direitos ou pela mudança comportamental.

Olhando para o período de início de guerra em 1914 através dos Jornal das Moças podemos ver alguns efeitos na moda, na edição de número 14 de 1 de dezembro de 1914 na seção A arte de ser elegante foi escrito “A guerra se não paralysou por completo as manifestações da moda, ao menos diminuiu as inovações”. Na mesma edição na seção Modas e Modos foi escrito

> O momento angustioso por que passa actualmente a Europa, assolada pela tremenda catástrofe guerreira, cer`o, tem concorrido poderosamente para que não se pense por lá, demoradamente, com mais meticulosidade e gênio inventivo, nessa encantadora frivolidade que se chama MODA. Há portanto poucas novidades. (Jornal das Moças, 1914)

Considerando o cenário que se desenrolou entre 1914 e 1930 essa pesquisa tenta compreender como a moda pode colaborar com o ensino de história e para isso será utilizado as gravuras e artigos do Jornal das Moças na intenção de fazer o aluno refletir sobre como os acontecimentos de uma dada sociedade também impactam as roupas que as pessoas usam. Assim apresentando aos alunos como as roupas do dia a dia das pessoas comuns se modificaram podemos nos aproximar mais da realidade deles e da sua zona de interesse, mostrando uma outra fonte histórica que ele não imaginou ter tanto significado. Como diz RüSEN (2006) o

aprendizado histórico começa com uma entrada da experiência histórica na consciência histórica pré-condicionada dos estudantes. A experiência histórica é a consciência de que formas de vida do passado são diferentes das de hoje.

Tentando relacionar a teoria histórica dos episódios trabalhados em sala com algo próximo ao cotidiano do aluno para que ele sinta e veja de forma clara como esses casos podem mudar a vida em sociedade, a forma de se relacionar e de se vestir, como a indumentária pode revelar muito sobre a história e ser também uma forma de protesto, de reivindicação contra aquilo que já não serve para uma dada realidade. A moda é um instrumento que pode levar o aluno a um contato mais próximo com a história pois como diz Souza (1987) para que possamos compreender toda a riqueza (da moda) devemos inseri-la no seu momento e no seu tempo, tentando descobrir as ligações ocultas que mantém com a sociedade



A pesquisa ainda está em fase de desenvolvimento por isso ainda não existem resultados claros para serem expostos aqui, a não ser o fato que os alunos já tem uma percepção de transformação da vestimenta ao longo do tempo, o que ainda não conseguem identificar é a motivação que gera essas modificações.

O periódico Jornal das Moças traz muito elementos que podem ser usados para desvendar o período estipulado, ele agrega imagens que representam os dizeres dos textos relacionados as seções colocando uma visão sobre o feminino brasileiro com influência europeia, descrevendo como as mulheres devem pensar, agir e se vestir. Na primeira edição em 1914 foi escrito que “mulher sem a moda seria um desconchavo, perderia toda a graça e todo valor. Apresso-me a dizer que me refiro a moda, porém nos seus verdadeiros limites, quando não cae no exagero, porque então é ridícula”.

A indumentária deve ser tratada como um documento que trata das diversas culturas no decorrer do tempo. Segundo Roche (2007) as coleções do século XIX e XX constituem um panorama razoavelmente sistemático, no momento em que hábitos tradicionais começam a desaparecer, nos permitem estudar os costumes indumentários a partir do sentido literal e metafórico, atenuam as diferenças sociais e transpõem fronteiras geográficas.

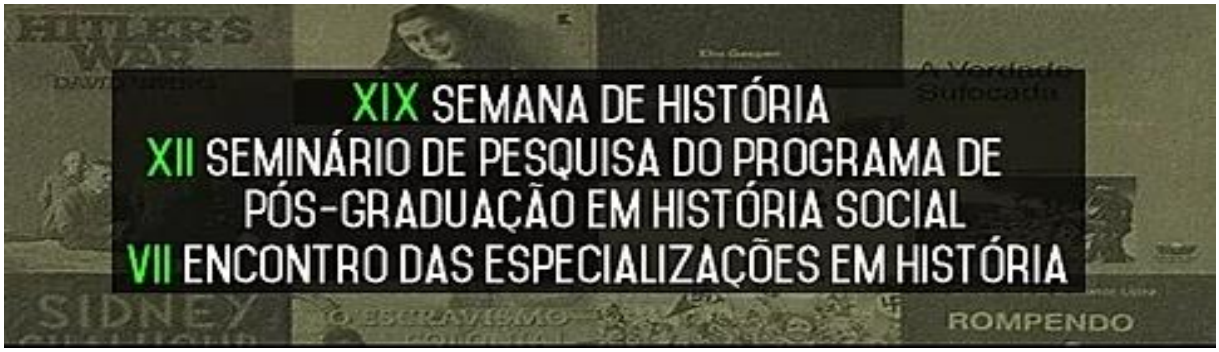
A imprensa feminina favoreceu a moda quando elevou o status de objetos e praticas destinadas a trazer felicidade, conferiu aos fenômenos da revolução indumentária uma dignidade que lhes era negada, além disso presidiu o nascimento da publicidade, garantindo a qualidade de suas informações e ampliando o publico

leitor. Daniel Roche (2007) revela que de inicio o jornalismo feminino usava ilustrações acompanhadas de um comentário depois foi crescendo e se tornando um texto elaborado com informações de moda, estética, debate moral e filosófico, referências históricas e noticiário teatral, poético, musical e político. Essa junção ensinava a eloquência social do corpo e a ideologia do uso sábio da moda.

**Referências Bibliográficas**



CALANCA, Daniela**. História social da moda**. Tradução Renato Ambrósio. São Paulo: SENAC, 2008.
JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. 1914 -1968.
LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. Tradução Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentaria**: subsídios para a criação de figurino. Rio de Janeiro: SENAC, 2013.
ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII – XVIII). Trad. Assef Kfouri. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
RÜSEN, Jörn. **Didática da história**: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.
SIMILI, Ivana G; VASQUES, Ronaldo S (Org). **Indumentária e Moda**: caminhos investigativos. Maringá: Eduem, 2013.
SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.






# A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DA EMPATIA HISTÓRICA PARA O USO DO CONCEITO DE SOFRIMENTO NAS ALULAS DE HISTÓRIA

Marcos Fernandes
Mestrando em História – UEL

**Resumo.** Empatia Histórica. Esse parece ser um dos conceitos mais importantes desenvolvidos a partir dos estudos originados da chamada “Educação Histórica”, perspectiva teórica surgida na Inglaterra na segunda metade do século XX e que tem se desenvolvido sobremaneira mundo afora, especialmente no Brasil. Mas o que seria essa tal de “Empatia Histórica”? Em que ela se difere daquilo que entendemos por empatia, entendida de uma maneira genérica, tal como a arte ou a psicologia a entendem? Qual seria a sua importância, o seu valor, para as aulas de história? Esse trabalho busca apresentar reflexões (bastante sintéticas e preliminares) acerca dessa temática, bem como tenta explorar a possibilidade do uso do conceito de “sofrimento”, tomados de empréstimo a partir de reflexões surgidas da perspectiva do chamado “Novo Humanismo”, concepção teórica surgida com os apontamentos apresentados por Jörn Hüsen, teórico de origem alemã (e principal nome da chamada “Didática da História”) para as aulas de história. Por fim, esse trabalho apresenta a proposta de se pensar na necessidade de que esse mesmo conceito (sofrimento) seja mediado pela noção de Empatia Histórica quando se pensa no universo das salas de aula.

**Palavras chave:** Empatia Histórica;  aulas de história; sofrimento.

## O conceito de Empatia

Primeiramente convém destacar que Empatia Histórica não é simplesmente empatia aplicada ao passado, ou aos eventos históricos. Empatia, por si só, já é um conceito complexo De forma sintética, o conceito de empatia teria sido cunhado pelo filósofo alemão Rudolf Lotze em 1858, com a intenção de “caracterizar com esta palavra a capacidade do espectador de arte de se projetar no objeto apreciado. Algo

como sentir-se no objeto, identificar-se nele.” (PEREIRA, 2013, p.04). Nesse primeiro sentido, atrelado à questão estética, o conceito de empatia estaria profundamente ligado a capacidade de se colocar no lugar do outro para simular sua forma de ver, sua forma de sentir. Dessa maneira, através de uma atividade empática, uma pessoa tentaria, ao observar e apreciar uma obra de arte (por exemplo) imitar as formas de pensar, sentir e de se expressar do indivíduo que a criou, no sentido de buscar captar as nuances da própria criação artística. Assim, “empatia” surge como um colocar-se no lugar de outrem durante o processo criativo.



Posteriormente o conceito de empatia foi fortemente assimilado pelos estudos da psicanálise.

> No campo da psicanálise o estudo da empatia está ligado à relação entre paciente e psicanalista. Rogers defendia a ideia de que o psicoterapeuta ser empático “significa penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente relaxado dentro deste mundo” (...) Estabelecer uma relação de empatia facilita, ou antes, permite o trabalho realizado na psicanálise. O psicoterapeuta no processo da terapia tem que conseguir fazer este elo com o paciente. A empatia vai fazê-lo tomar a perspectiva do outro e compreender suas emoções e as razões de seus atos. (PEREIRA, 2013, p.6)

Pelo que podemos perceber até aqui, o conceito de empatia pressupõe, de modo geral, um “colocar-se no lugar do outro” e um “sentir o que o outro sentiu”. É o que afirma, em outras palavras, Breno Gontijo Andrade, Gilmar Rodrigues Júnior, Alexis Nascimento Araújo e Júnia Sales Pereira, ao afirmarem que

> (...) consideramos como empatia, o seu próprio sentido stricto, isto é, a capacidade de um sujeito se colocar no lugar de outro, de tentar pensar e ver o mundo com outros olhos, outras mentalidades, ainda que esses sujeitos sejam separados por longo período temporal. (ANDRADE et ali, 2011, p. 261)

## O conceito de Empatia Histórica

Quando partimos para a discussão da Empatia Histórica, a questão posta é um pouco diversa, pois nesse caso, envolve entender “o que pensou, sentiu o agente histórico e não ter o mesmo sentimento que ele”. (PEREIRA, 2013, p.08). Podemos aqui identificar uma diferenciação importante, então, no que se refere à conceituação de empatia e empatia histórica: enquanto no primeiro a identificação daquele que analisa/observa com o(s) sentimento(s)/pensamento(s)/emoção(ões)

do(s) indivíduo(s) que é/são analisado(s)/observado(s) se apresenta como uma necessidade, no caso da empatia histórica não é o caso. Embora o reconhecimento dos mesmos seja muito importante, essa identificação não é uma necessidade.

Nesse sentido, merece destaque a consideração que Peter Lee, um dos principais formuladores do próprio conceito de Empatia Histórica apresenta. Segundo ele, através da empatia histórica, os discentes



> (...) devem ser capazes de considerar (não necessariamente aceitar ou partilhar) as ligações entre intenções, circunstâncias e ações. Não se trata somente dos alunos saberem que os agentes ou grupos históricos tinham uma determinada perspectiva acerca do seu mundo; eles devem ser capazes de ver como é que essa perspectiva terá afetado determinadas ações em circunstâncias específicas (LEE, 2003, p.20).

Tomemos como exemplo, no sentido de entender tal diferenciação, a "Solução Final" adotada pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Primeiramente convém recordar que por "Solução Final da Questão Judaica" (Endlösung der Judenfrage), expressão cunhada em 31 de Julho de 1941 pelo general Reinhard Heydrich, se tratava da remoção de toda a população judia do território alemão. Posteriormente os mesmos foram encaminhados para campos de concentração e/ou de extermínio. Como observar esse fenômeno de maneira empática partindo do ponto de vista dos militares nazistas?

Partindo da perspectiva puramente empática, aquele(a) que analisa ou observa o fenômeno da "Solução Final" deveria buscar entender e sentir algo próximo de como os militares nazistas se sentiam ao enviar judeus aos campos de concentração, ou mesmos aos campos de extermínio. Deveria buscar "colocar-se no lugar" dos(as) nazistas "identificando-se" com os(as) mesmos(as), no sentido de entender como eles/elas se sentiam, pensavam e justificavam suas ações frente ao contexto que se apresentava. Já partindo de uma perspectiva que visa a empatia histórica, a ideia de se "identificar" com a forma de pensar de um(a) militar nazista não é uma necessidade. Quando se parte para a compreensão a partir da Empatia Histórica, busca-se as intenções, as ações e os contextos da "Solução Final", mas não se exime da crítica da atrocidade gerada pela ação dos indivíduos.

**O sofrimento como categoria**

Até aqui discutimos o conceito de Empatia Histórica. Esse conceito foi desenvolvido, em grande parte, graças aos estudos oriundos de pesquisadores ingleses, portugueses e brasileiros. Nesse sentido, Peter Lee, Isabel Barca, Maria Auxiliadora Schimitd, e tantos outro contribuíram muito para o desenvolvimento desse conceito. Esses pesquisadores geralmente são identificados como pertencentes a uma tradição conhecida como Educação Histórica. De modo bem genérico, e não sem o risco de cometer alguma injustiça, esses pesquisadores partiam do campo de pesquisa prático, investigando as ideias e concepções de discentes e docentes acerca da história, para depois formularem seus conjuntos e constructos teóricos.



Mas agora gostaria de comentar outra tradição de pesquisa, dessa vez originada na Alemanha. Me refiro aos estudos fortemente influenciados por Jörn Rüsen e o campo de pesquisa que ficou conhecido como Didática da História. Essa linha já segue uma ordem um pouco diversa da Educação Histórica, no sentido de que primeiramente foram construídas abstrações e teorias gerais, para depois verificar suas possíveis aplicabilidades. Nesse sentido merece destaque a chamada Matriz Disciplinar da Ciência Histórica, de Rüsen.

A perspectiva de Rüsen chama a atenção pois, nos últimos anos, a partir de seus apontamentos foi formulada uma nova concepção de Humanismo. Esse “Novo Humanismo” busca não se propõe a enaltecer os caracteres belos, bons e justos da humanidade, tal como os gregos antigos, nem mesmo enaltecer o uso da razão, tal como os iluministas. O que o “Novo Humanismo” busca, num movimento de integração, reconhecer caracteres tidos tanto positivos quanto negativos da humanidade. Dessa forma, se trata de

> Um humanismo que condiz com a realidade atual “[...] deve integrar a sombra da desumanidade na ideia de humanidade com base no princípio da dignidade humana” (RÜSEN, 2015, p. 27). Ele ainda argumenta que não se pode simplesmente reproduzir este humanismo moderno ocidental, mas sim desenvolvê-lo em consonância com as experiências históricas do século passado e deste século, visando a comunicação intercultural existente na contemporaneidade (RÜSEN, 2015). (MARTINS, 2019, p.35)

Na esteira do pensamento do “Novo Humanismo” de Rüsen, um conceito se apresenta como interessante e potencialmente rico para o ensino de história. Trata-

se de “Sofrimento”. Sobre esse termo, convém observar o que Marcelo Fronza e Maria Auxiliadora Schimitd argumentam:

> (...) quando as experiências do passado passam a ser internalizadas a partir da dimensão do sofrimento humano e que os conflitos e dores que os jovens sofrem contemporaneamente tem suas contrapartes em outras épocas e sociedades. (FRONZA, SCHMIDT, apud MARTINS, 2019, p.36)



Geovana Maria Carvalho Martins complementa esse pensamento da seguinte forma:

> Ou seja, há a necessidade de que as pessoas da atualidade entendam que as experiências históricas de sofrimento do passado constituem o “nós” do presente (não são experiências “velhas” descoladas do presente, mesmo que pareçam geográfica e temporalmente distantes do “hoje”) para que, com isto, possam continuar lutando pela manutenção dos direitos já conquistados, bem como democratizá-los, tornando-os acessíveis a todos, levando à dignidade e à igualdade humanas tão necessárias (e ainda utópicas) na atualidade. (MARTINS, 2019, p.36)

Partindo dessa maneira de pensar, parece que ao fazer com que os discentes tomem contato com experiências de sofrimento ao longo da história, esse contato levaria a uma tomada de consciência ou a novos padrões de comportamento/conduta esperados a partir da intervenção pedagógica. Mas nesse sentido, eu vejo com ressalvas essa relação. Não parece ser tão simples assim.

Vou tentar exemplificar o problema que tentei levantar no parágrafo anterior. Seria de se esperar que, ao se explicar um conteúdo sobre a Ditadura Militar no Brasil, os indivíduos que tomassem contato com esse assunto e percebessem a questão da tortura, deveriam imediatamente se posicionar contra a mesma, uma vez que perceberiam o sofrimento envolvido. Entretanto, não sei se posso afirmar que essa relação imediata acontece, especialmente porque vivo no Brasil em 2019, um país em que muitos defendem abertamente a tortura em suas redes sociais, incluindo o presidente da República.

Então, no sentido de tornar a categoria “Sofrimento” instrumentalizável para o ensino de história, parece interessante que a mesma seja mediada pela compreensão advinda do conceito de Empatia Histórica. O simples tomar contato com o sofrimento alheio, com os exemplos de dor ao longo da história, podem até gerar a empatia (ou não), mas submetidos ao crivo da Empatia Histórica, em que as ações, os contextos e as intenções envolvidas nos eventos que geraram sofrimentos são submetidos à crítica, possibilitam aos indivíduos uma maior

compreensão do fenômeno e, consequentemente, seu engajamento, desde que a causa do mesmo seja reconhecida como importante.

## Considerações finais

A apresentação do sofrimento humano, a narração do mesmo ao longo do tempo pode, em alguns casos, despertar empatia. Entretanto, parece que a simples empatia não deve ser o alvo das aulas de história. Nesse sentido, a Empatia Histórica parece ser muito mais apropriada para o caso. Se assim for, também parece ser muito mais apropriado que os(as) professores(as) de história tenham consciência desse conceito e possam pensar em mecanismos e instrumentos no sentido de planejar atividades que permitam aos seus discentes o desenvolver essa Empatia Histórica.



Parece ser exatamente essa seja a maior virtude da Empatia Histórica no ensino de história: ao se buscar a compreensão das ações dos indivíduos ao longo do tempo, ela permite que a identificação empática ocorra mediante uma avaliação crítica.

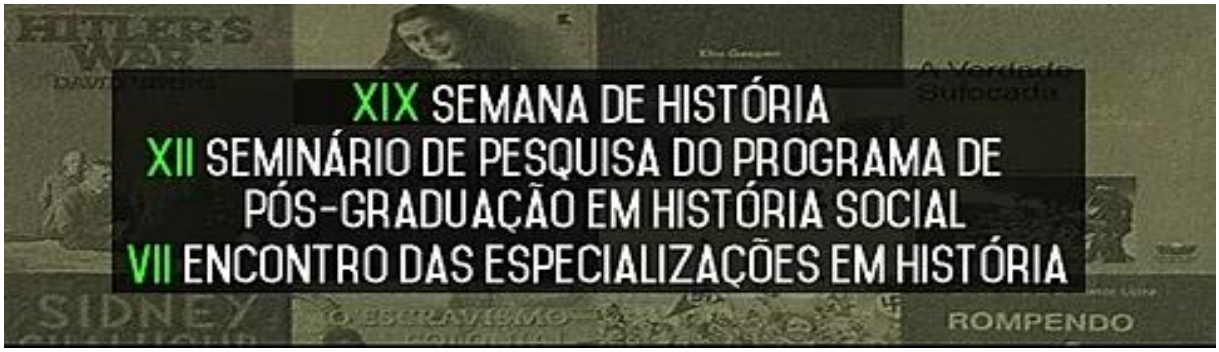
## Referências

ANDRADE, B. G. et ali. **Empatia histórica em sala de aula: relato e análise de uma prática complementar de se ensinar/aprender a história.** História & Ensino, Londrina, v. 2, n. 17, p. 257-282, jul./dez. 2011

LEE, P. **Nós fabricamos carros, eles tinham que andar a pé.** In: BARCA,Isabel. Educação Histórica e museus. Actas das segundas jornadas Internacionais de Educação Histórica. Universidade do Minho, p.19-36, 2003.

MARTINS, G. M. C. **O Uso escolar de "Os Miseráveis" em quadrinjos na aprendizagem histórica de jovens estudantes: um estudo na perspectiva do Novo Humanismo.** Londrina, UEL, 2019 (Dissertação de Mestrado).

PEREIRA, J. da S. **Uma máquina do tempo movida à imaginação: rpg e empatia histórica no ensino de história.** Antíteses, Londrina, v. 7, n. 14, p. 541-542, jul. - dez. 2014.






# POLÍTICAS EDUCACIONAIS, NEOLIBERALISMO E NEOCONSERVADORISMO: DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Amanda Camargo Rocha
Universidade Estadual de Londrina

**Resumo.** A educação formal e a função social da escola historicamente se constituem como campo de embate entre diferentes concepções de mundo, ideais, interesses políticos, econômicos e sociais, sendo que a lógica burguesa tem sido hegemônica no cenário da sociedade capitalista, conduzindo políticas educacionais e currículos que normatizam a formação institucionalizada da população. Partindo de tal premissa, o trabalho tem por objetivo apresentar considerações iniciais de pesquisa sobre as perspectivas para o Ensino de História no Brasil, frente à Reforma do Ensino Médio, à Base Nacional Comum Curricular e disseminação dos ideais do Programa Escola “sem” Partido. Partindo da reflexão sobre a atual conjuntura sociopolítica, abordaremos a influência do pensamento neoliberal e neoconservador na elaboração dessas políticas educacionais, considerando seus efeitos para o Ensino de História e as divergências de tais projetos com os objetivos do ensino de História.

**Palavras chave:** Políticas Educacionais; Ensino de História; Neoliberalismo.

**Financiamento:** CAPES/DS

## Introdução

A educação e o sistema escolar brasileiro são temas que se encontram em constante debate – em rodas de conversas, através da mídia, nos círculos empresariais, nos movimentos sociais, na própria sala de aula e em diversos outros ambientes. A reivindicação por mudanças e *melhorias* é destaque, afinal, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, obtidos no último trimestre de 2018, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (iniciada em 2012), o analfabetismo ainda atinge 11,3 milhões de brasileiros, o que

corresponde a 6,8% da população. A mesma pesquisa aponta ainda que apenas 47,4% da população de pessoas com 25 anos ou mais de idade concluíram o Ensino Médio, ou seja, finalizaram a etapa do ensino básico obrigatório. A realidade expressa por esses números suscita discussões, afinal ela implica em consequências sociais, econômicas e políticas, trazendo consigo a reivindicação de diversos setores pela ampliação no acesso e na *qualidade* do ensino, sobretudo o público, que atende ampla maioria dos estudantes matriculados no ensino básico. No entanto, sob a égide da "qualidade" diferentes visões de mundo e projetos são definidos e defendidos, o que ocorre de maneira conflitante, já que diversas classes têm interesses também distintos. É papel da academia questionar em que consiste o "ensino de qualidade" presente nesses discursos, bem como compreender de qual forma isso reflete nas políticas educacionais elaboradas ao longo do tempo. Tendo em vista essas premissas, este trabalho apresenta as considerações iniciais de pesquisa, realizada na linha de Ensino de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, na qual se busca compreender os usos da História presentes no componente curricular da disciplina de História da Base Nacional Comum Curricular. Por se tratar de um estudo ainda em andamento, nesse momento se objetiva desenvolver um panorama sobre o contexto e a trajetória de desenvolvimento da BNCC (e políticas a ela atreladas, como é o caso da Reforma do Ensino Médio e das constantes tentativas de institucionalização do Programa Escola Sem Partido), considerando em linhas gerais a conjuntura política e social brasileira, bem como a força exercida por ideais neoconservadores e neoliberais nesse processo.



**Objetivos**

Em seu texto intitulado "A História na Reflexão Didática", Klaus Bergmann, ao abordar a didática da História, afirma que essa disciplina científica tem como objetivo "investigar, descritivo-empiricamente, a consciência histórica e regulá-la normativamente pois esta consciência é um fator essencial de auto-identidade humana e um pressuposto insubstituível para uma práxis social dirigida racionalmente". (BERGMANN, 1990, p.30) Em seguida, sistematiza a tarefa em três diferentes tipos: a empírica, a reflexiva e a normativa. Segundo o autor, as investigações empíricas da didática da história têm por objetivo compreender os

“processos de recepção ou transmissão de conhecimento histórico” (BERGMANN, 1990, p.30); em seu aspecto reflexivo a didática da História “analisa e explicita os fatores didáticos imanentes da própria Ciência Histórica e investiga o significado geral desta para a vida cultural e espiritual  e para a práxis de seu tempo” (BERGMANN, 1990, p.31); já a tarefa normativa da didática da História objetiva a “fundamentação da disciplina da História no ensino, no contexto histórico e social, e com a educação e formação intencionais nela contidas” (BERGMANN, 1990, p.31). Por fim, Bergmann considera que “essas três tarefas, sinteticamente esboçadas, são dimensões diferentes de uma única conexão constituída pela indagação sobre o surgimento, a qualidade, os efeitos e a influência da consciência histórica”. (BERGMANN, 1990, p.31)



Com base na teorização de Bergmann, é possível concluir que, quando se exerce a reflexão sobre a seleção de conteúdos a serem ensinados, a pesquisa em didática da História se encontra em sua tarefa normativa. Ao se observar o documento que regulamenta o ensino de história, que determina o conhecimento mínimo que deverá ser acessado pelos alunos e orienta a ação intencional dos professores de História em sua rotina em sala de aula, bem como estabelece regras para a elaboração dos materiais didáticos utilizados, deve-se verificar se os conteúdos são “tratados com os métodos da racionalidade disciplinada do conhecimento histórico cientificamente elaborado e ser aptos para a formação de uma auto-identidade histórica consistente nos alunos”. (BERGMANN, 1990, p.37)

Para que se realize essa tarefa normativa da didática da História e se investigue os programas desenvolvidos para o ensino de História no Brasil, é necessário ainda que se considere o contexto de desenvolvimento dessas normativas, que se enquadram como componente da política educacional, ou seja, “às decisões que o Poder Público, isto é, o Estado, toma em relação à educação”. (SAVIANI, 2008, p.07)

Partindo desses pressupostos, passaremos a discutir a Base Nacional Comum Curricular, que por sua vez é definida como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.” (BRASIL, 2018, p.7)

**Resultados**

As origens da discussão sobre desenvolvimento de uma base comum curricular no Brasil se encontram em fins da década de 1970, com o objetivo de balizar a formação de professores. Segundo Dermeval Saviani,

> A noção de uma base comum nacional emergiu como uma ideia-força do movimento pela reformulação dos cursos de formação de educadores. Esse movimento começou a se articular no final dos anos de 1970, materializando-se na I Conferência Brasileira de Educação realizada em São Paulo nos dias 31 de 74 março, 1º e 2 de abril de 1980, ocasião em que foi criado o "Comitê Pró Participação na Reformulação dos Cursos de Pedagogia e Licenciatura" que se transformou, em 1983, na Comissão Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores" (CONARCFE). Esta, por sua vez, deu origem, em 1990, à atual ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação). Nos eventos realizados pelo referido movimento do campo educacional a ideia da "base comum nacional" foi sendo explicitada mais pela negação do que pela afirmação. Assim, foi se fixando o entendimento segundo o qual a referida ideia não coincide com a parte comum do currículo, nem com o currículo mínimo sendo, antes, um princípio a inspirar e orientar a organização dos cursos de formação de educadores em todo o país. Como tal, seu conteúdo não poderia ser fixado por um órgão de governo, por um intelectual de destaque e nem mesmo por uma assembleia de educadores, mas deveria fluir das análises, dos debates e das experiências encetadas possibilitando, no médio prazo, chegar a um consenso em torno dos aspectos fundamentais que devem basear a formação dos profissionais da educação. (SAVIANI, 2016, p.73-74)



Em bases legais, a primeira menção à determinação de conteúdos mínimos ocorre com a redemocratização e promulgação da Constituição Federal de 1988, que em seu Art. 210, estabelece que "Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais." (BRASIL, 1988). O decreto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/1996), regulamenta que:

> Art. 26 Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (BRASIL, 1996)

O que se segue é a publicação e consolidação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), abrangendo a etapa do Ensino Fundamental e, posteriormente, do Ensino Médio. Assim, no ano de 1997 foi publicado o documento que atende a etapa do 1º ao 5º ano, em 1998 divulga-se os textos centrados na fase do 6º ao 9º ano e, por fim, no ano 2000 são lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM). Estes referenciais se constituem como:

> [...] uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas

> escolas e pelos professores. *Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo*, que se sobreporia à competência político-executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País ou à autonomia de professores e equipes pedagógicas. (BRASIL, 1997, p.13, grifos nossos)

Portanto, trata-se de uma série de documentos que visam orientar de maneira disciplinar a elaboração dos currículos pelas escolas e sistemas de ensino, abrangendo a formação dos professores, a produção de materiais didáticos e avaliações. Sendo assim, por sua característica orientadora e não impositiva, não são obrigatórios, o que as difere das Diretrizes Curriculares Nacionais, documento lançado em 2010 que, entre outras determinações, afirma que,



> Art. 14. A base nacional comum na Educação Básica constitui-se de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; e nos movimentos sociais. [...] (BRASIL, 2010)

Em sequência a este processo, no ano de 2014 a Lei 13.005 regulamenta o Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece metas para melhorias no financiamento e na qualidade da educação brasileira, sendo a criação da Base Nacional Comum Curricular parte desse planejamento. Como resultado é realizado o I Seminário Interinstitucional para a elaboração da BNC, ocorrendo entre os dias 17 e 19 de junho de 2015, momento em que é instituída uma comissão de especialistas para a elaboração da Base Nacional Comum Curricular.

Até o momento, foram apresentadas as fundamentações legais para instituição da BNCC, no entanto, ao tomá-la como fonte histórica, “não basta interpretar a lei pela lei. É preciso compreender as várias dimensões e analisar as ações dos elementos envolvidos no processo de discussão, aprovação e execução.” (CASTANHA, 2011, p.318). É imprescindível, portanto, que se pense a conjuntura política, social, econômica e cultural que contextualizam sua produção e nos permitem compreender as intencionalidades de seus produtores, bem como, em um segundo momento, seu processo de implementação e as reações da população a esse dispositivo.

> Toda lei é uma síntese. Todavia, ao colocá-la em execução, as contradições se revelam, pois, interesses particulares ou de grupos são contestados, as resistências se acentuam, as falhas da lei aparecem. Tais contradições aceleram o debate e novas alternativas são propostas, novas leis são aprovadas. Com a legislação também acontece o processo de tese, antítese e síntese. Se o homem e a sociedade são um constante

> devir, como afirmou Gramsci, o mesmo acontece com as leis, pois, a legislação foi e é o mecanismo instituído pela sociedade para mediar esse constante vir a ser do homem e suas relações sociais. (CASTANHA, 2011, p.317)

Sendo assim, a seguir, abordaremos em linhas gerais o processo de construção da BNCC, considerando o momento político que o perpassou e os efeitos do neoconservadorismo e do neoliberalismo em sua constituição.



Com a nomeação da comissão responsável pela elaboração da BNCC em junho de 2015, ocorre a publicação da primeira versão do documento e abertura para consulta pública em 16 de setembro de 2015. Todos os textos dos componentes curriculares foram disponibilizados neste primeiro momento, com exceção das elaborações a respeito da disciplina de História, que já se encontrava envolta por polêmicas, tendo sido disponibilizada apenas duas semanas depois.

> As polêmicas geradas pelo texto preliminar de História na BNCC giraram em torno do que se entende por *conteúdo substantivo*, justamente por que estes, tomados como aprendizagem informativa, são o principal objetivo da abordagem tradicional e permanecem como meta de aprendizagem na prática da maioria das instituições de ensino. Por isso, pensa-se currículo em História como uma mera disputa entre temas. (MORENO, 2016, p.13-14)

Após discussão pública, a 2ª versão da BNCC foi disponibilizada no dia 03 de maio de 2016; nesse momento, diferentemente do que se encontrava na primeira versão, observa-se a menção ao objetivo de desenvolvimento de “competências e habilidades” nos alunos, sendo o currículo um instrumento para este fim. No mês de setembro deste mesmo ano, temos a publicação da MP 6840/2016 que, convertida na Lei 13.415 no dia 26 de fevereiro de 2017, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao sancionar a Reforma do Ensino Médio. A nova Lei implica drásticas mudanças curriculares nesta etapa da Educação Básica, já que, entre outras determinações, torna obrigatórias apenas as disciplinas de português, matemática e língua inglesa, dividindo os demais conteúdos, entre eles a disciplina de História, em quatro diferentes itinerários formativos. (GARCIA e CZERNISZ, 2017)

A terceira e última versão da Base Nacional Comum Curricular foi publicada em abril de 2017, contendo os textos que compreendem a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Em sequência ocorre sua homologação pelo então ministro da educação, Mendonça Filho na data de 20 de dezembro de 2017, sendo que dois dias depois o Conselho Nacional de Educação divulgou resolução para orientar a

implementação da base. O texto da terceira versão do documento referente à etapa do Ensino Médio foi publicado em 02 de abril de 2018, já elaborado de acordo com as mudanças determinadas pela Lei 13415/2017. Após realização de audiências públicas para seu debate, o texto é aprovado e homologado pelo Conselho Nacional de Educação no dia 04 de dezembro de 2018. Importante ressaltar que a versão final do texto completamente pautado no desenvolvimento de competências e habilidades, o que baliza e orienta os conteúdos mínimos a serem acessados pelos alunos.



Essa breve linha do tempo, na qual se destaca apenas os eventos de divulgação e homologação do processo de elaboração da BNCC, permite a sistematização da conjuntura vivenciada pela sociedade brasileira durante todo o período de construção do documento. Trata-se de um contexto de acirramento político e fragmentação social. Isso se expressa essencialmente pelo controverso processo de impedimento da então presidenta da república, além da deterioração econômica iniciada em fase anterior, que alcançou maiores proporções com a volubilidade do governo.

Em síntese, a instabilidade política tem início em 2014, após questionamento da legitimidade do pleito eleitoral que reelegeu Dilma Rousseff (do Partido dos Trabalhadores), por parte de seu principal oponente, Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Após o processo de impeachment ocorre a ascensão do vice-presidente, Michel Temer, à presidência da República em 31 de agosto de 2016 (OLIVEIRA, 2016, p.214). O processo de deposição de Rousseff por crime de responsabilidade fiscal tem sido questionado por parte significativa da população brasileira, sendo por muitos considerado como golpe de Estado. De acordo com Marcelo Braz,

> O governo Dilma, antes mesmo do golpe forjado por uma farsa parlamentar-judicial que usurpou seu mandato, já agonizava desde 2015, inclusive por incompetências e erros. Foi sangrado até o último suspiro por seus algozes entrincheirados no Congresso Nacional e em amplos setores do Judiciário (com a aquiescência do douto STF) que contaram com as armas de uma Polícia Federal completamente partidarizada e, sobretudo, com as poderosas armas ideológicas da grande mídia burguesa. Criou-se uma situação, deliberada e irresponsavelmente, que afundou não apenas Dilma e seu governo, mas o próprio país foi levado a uma crise monumental que, para além de seus determinantes econômicos principais, foi piorada conscientemente pelas classes dominantes para que atingissem a qualquer custo seus objetivos políticos. (2017, p.88)

Após Michel Temer assumir a presidência, temos assistido a um avanço da escalada neoliberal que afetam diretamente as políticas públicas. A partir de 2016 são apresentadas diversas reformas que retiram direitos conquistados a partir de lutas de trabalhadores e movimentações populares ocorridas ao longo da História brasileira, tais como a Reforma Trabalhista e a proposta de Reforma da Previdência. Soma-se a isso as determinações da PEC 55, convertida na Emenda Constitucional 95, também conhecida como “PEC do Fim do Mundo”, que limita os “gastos” públicos pelos próximos 20 anos, afetando sobretudo os investimentos em saúde, educação e assistência social (OLIVEIRA, 2017).



Entre os anos de 2015 e 2018, período em que foi elaborado e discutido o texto da BNCC, o Ministério da Educação teve à sua frente quatro diferentes ministros, o que além de se constituir como indício da volubilidade política, também produziu impacto na trajetória de composição do documento. Assim como as demais medidas levadas a cabo pelo governo de Michel Temer, o aceleramento das discussões e o resultado final da base também são demonstrativos do aprofundamento da política neoliberal do momento, essencialmente atrelada à um discurso neoconservador, conforme veremos em seguida.

Em seu livro “Educando à Direita – Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade”, Michael Apple se dedica a pensar o sistema educacional dos Estados Unidos da América frente ao avanço da aliança conservadora, bem como o consequente efeito da atuação de grupos neoliberais e neoconservadores, tanto em relação às políticas curriculares, quanto na disseminação entre a população de seu ideal relativo à função social da escola. Embora o autor se baseie primordialmente na realidade estadunidense, suas reflexões em muito se aproximam da política educacional brasileira atual, que se expressa na própria Base Nacional Comum Curricular, assim como em outras políticas a ela atreladas, como é o caso da Reforma do Ensino Médio e as constantes tentativas de institucionalização do Programa Escola “Sem” Partido.

O autor define primeiramente a concepção neoliberal da aliança conservadora, o que conceitua fundamentalmente a partir de sua orientação pelo enfraquecimento do Estado, isso é, pela política de Estado mínimo. A educação é vista, então, por um viés puramente economicista, ou seja, o esforço neoliberal nesse campo se dá pela “criação de ligações mais íntimas entre a educação e a economia” (APPLE, 2003, p.47), tratando a primeira em benefício da segunda.

Dessa forma, na lógica neoliberal, a escola passa a servir essencialmente como espaço de formação de mão de obra para o trabalho, bem como se insere na lógica de difusão de determinados padrões de comportamento e maneiras de se viver que sejam adequados para o modelo de consumo almejado pelo mercado. Apple demonstra essas ideias ao citar currículos e materiais didáticos utilizados pelos sistemas de ensino, como produções audiovisuais, tecnologias, livros, etc.



No Brasil enfrenta-se situação parecida, já que alguns dos principais interlocutores para o desenvolvimento da BNCC se encontram no grupo que se intitulou “Movimento pela Base”, “formado por fundações e institutos mantidos pela iniciativa privada, ligados a ideais voltados à criatividade, tecnologia, empreendedorismo e, pelo menos no âmbito do discurso, da educação como ciência aplicada mais do que como práxis política.” (MORENO, 2016, p.10). Esse é o caso da Fundação Roberto Marinho, Instituto Itaú, Instituto Unibanco, Fundação Lemann, entre outros grandes representantes do capital. A partir disso, dois pontos devem ser ressaltados ao refletirmos sobre esse fato:

> 1) O interesse ideológico de se fazer presente nas concepções curriculares que visam formar sujeitos criativos, com domínio tecnológico, adaptados ao modelo de sociedade global, alicerçada sobre o consumo incessante de novos bens e ideias; 2) O interesse mais pragmático na unificação curricular como uma unificação do mercado educacional nacional (e transnacional) para a realização mais imediata de comercialização de insumos didáticos, assessorias e gerenciamentos em parceria com a instituições públicas. Ressalva-se, neste caso, que o mercado educacional nacional já é semiunificado, extraoficialmente, pela tradição curricular. Em todo o caso, o que se constata é que estes agentes, ditos filantrópicos, já estão imiscuídos em muitos projetos públicos nacionais, estaduais e municipais, e sua participação na construção da Base Nacional é bastante explícita. (MORENO, 2016, p. 10-11)

Além disso, devemos considerar que todo o texto da BNCC é construído com o objetivo de determinar competências e habilidades mínimas a serem desenvolvidas pelos alunos, o que nos remete à histórica concepção da Pedagogia Tecnicista, da Pedagogia de Competências e à Teoria do Capital Humano.

O segundo elemento da aliança conservadora apontada por Michael Apple, são os neoconservadores, que, ao contrário dos neoliberais, guiam-se por uma visão do Estado forte em determinadas áreas, especialmente “nas questões em torno do saber, dos valores e do corpo”. (APPLE, 2003, p.56) Além disso, esse discurso ganha ares nostálgicos por romantizar o passado, “um passado em que ‘o verdadeiro saber’ e a moralidade reinavam supremos, onde as pessoas ‘conheciam

o seu lugar' e em que as comunidades estáveis, guiadas por uma ordem natural, protegiam-nos dos estragos da sociedade". (APPLE, 2003, p.57) Ainda de acordo com o autor,

> [...] por trás da investida neoconservadora na educação e na política social em geral não existe apenas o apelo a um "retorno", mas também – e isso é essencial – o medo do "Outro". Esse medo expressa-se na defesa de um currículo nacional padronizado [...] (APPLE, 2003, p.57)



No Brasil, isso se expressa de maneira contundente nas ações do Movimento Escola "sem" Partido, que obteve conquistas na política curricular nacional com a remoção de trechos da BNCC que versavam sobre o respeito a diversidade de orientações sexuais, além da supressão do termo "gênero" e suas implicações conceituais. Se por um lado o referido movimento considera tais fatos como vitórias, por outro lado isso significa uma grande derrota para a população brasileira, afinal, além da violência provocada pela lgbtfobia noticiada cotidianamente, trata-se de um país em que apenas em 2018, 66.041 casos de estupro foram denunciados e 1.206 feminicídios foram registrados pelo Ministério Público. (FBSP, 2019)

Atualmente, a BNCC se encontra em fase de implementação, tendo sido criado pelo MEC no início de 2019 o Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC), cujo objetivo é auxiliar estados, municípios e o Distrito Federal na elaboração e implementação de currículos adequados à BNCC. A previsão é de que "todos os professores estejam formados em 2020 e, em 2021, as escolas comecem a usar esses currículos em sala de aula." (Ministério da Educação, 2019)

Outro ponto importante é o de que o último edital divulgado pelo MEC referente ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), já exige a adequação dos materiais à versão homologada da BNCC. Em documento divulgado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FUNDEB) sobre o PNLD 2019, informa-se que:

> Este será o primeiro ciclo de materiais didáticos alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dessa forma, esses materiais poderão apoiar os professores no desenvolvimento das competências e habilidades que todos os alunos brasileiros têm o direito de aprender. Em 2019, as obras estarão alinhadas à terceira versão da BNCC e, a partir dos anos seguintes, já contemplarão a versão homologada do documento. (Ministério da Educação, 2019b)

## Considerações Finais

Conforme anunciado anteriormente, o objetivo desse trabalho consistiu em apresentar um panorama geral sobre o desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular, da Reforma do Ensino Médio e das ações do movimento Escola sem Partido, considerando os efeitos que essas duas últimas geraram sobre a política curricular. Como se trata de pesquisa ainda em andamento, foram apresentadas as considerações iniciais, os passos futuros da pesquisa incluem como etapa fundamental a análise do texto específico do componente curricular de História na BNCC.



No entanto, apenas a trajetória de desenvolvimento desse currículo proporciona elementos para que se questione a possibilidade de que os brasileiros tenham acesso à um currículo normativo que pense a disciplina de História a partir de seu dever de considerar os "métodos da racionalidade disciplinada do conhecimento histórico cientificamente elaborado e ser aptos para a formação de uma auto-identidade consistente dos alunos" (BERGMANN, 1990, p.37) Afinal, pode um currículo que se constrói a partir do objetivo de desenvolver competências e habilidades, em conformidade com os ideais neoliberais, proporcionar criticidade ao pensar histórico dos alunos? É possível que um currículo que suprima temas tão atuais e necessários de reflexão aprofundada, como é o caso dos estudos de gênero e diversidade sexual, em acordo com influências exercidas por grupos neoconservadores, proporcione orientação para a "práxis individual e social" (BERGMANN, 1990, p.37) dos alunos?

Dessa forma, "o que deve ser lembrado aqui é que o ensino de história afeta o aprendizado de história e o aprendizado de história configura a habilidade de se orientar na vida e de formar uma identidade histórica coerente e estável." (RÜSEN, 2006, p.16)

## Referências Bibliográficas

APPLE, Michael. **Educando à Direita**: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez, 2003.

BERGMANN, Klaus. " A História na Reflexão Didática". In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 9 Nº 19. São Paulo, 1990.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacional.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2001.



CASTANHA, André. "O uso da legislação educacional como fonte: Orientações a partir do marxismo". In: **Revista Histedbr Online**. Número especial. Campinas, 2011. Disponível em: https://bit.ly/2mnk3gY Acesso em 27 de setembro de 2019.

CZERNISZ, Eliane & GARCIA, Sandra. "A minimização da formação dos jovens brasileiros: alterações do ensino médio a partir da lei 13415/2017". In: **Educação**. Santa Maria, v. 42, n. 3, p. 569-584, set./dez. 2017.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Edição 13, São Paulo, 2019. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf Acesso em 27 de setembro de 2019.

Ministério da Educação. "**Programa apoiará implementação da Base Nacional Comum Curricular pelos estados e municípios**" Brasília, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/51671 Acesso em 27 de setembro de 2019.

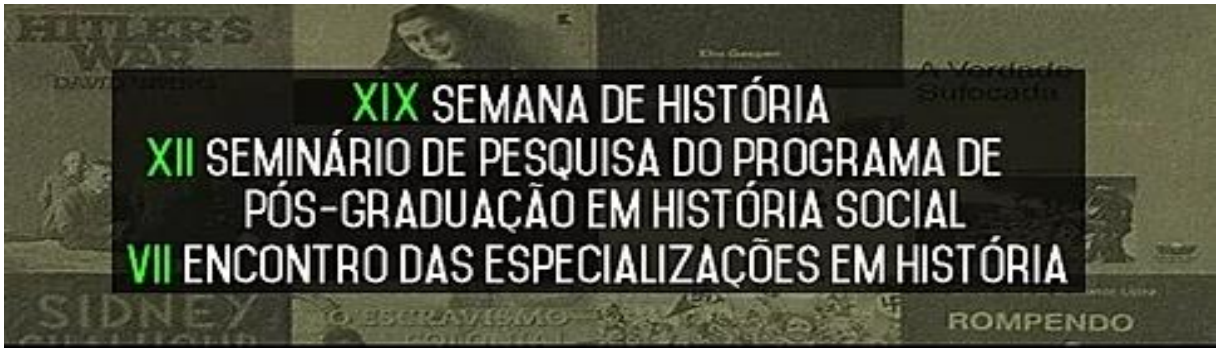
Ministério da Educação. "**PNLD 2019 – A Hora da Escolha**" Brasília, 2019b. Disponível em: https://bit.ly/2nQNs3v Acesso em 27 de setembro de 2019.

MORENO, Jean Carlos. "História na Base Nacional Comum Curricular: Déjà Vu e novos dilemas no século XXI". In: **História e Ensino**. Londrina, vol. 22, n. 1, p. 07-27, 2016.

OLIVEIRA, Tiago. "O Golpe de 2016: Breve ensaio de História Imediata sobre democracia e autoritarismo". In: **Historiae** – Vol. 7, n.2, 2016.

SAVIANI, Dermeval. "Política Educacional Brasileira: Limites e Perspectivas". In: **Revista de Educação PUC-Campinas**. Nº24. Campinas, 2008.

RÜSEN, Jörn. "Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão". In: **Práxis Educativa**. Vol. 1, Nº2, p.07-16. Ponta Grossa, 2006.






# AVALIAÇÃO EM HISTÓRIA NO ENEM: MEMORIZAÇÃO DE CONTEXTOS E DE CONCEITOS SUBSTANTIVOS

Alessandro Henrique Monteiro
(Universidade Estadual de Londrina)

**Resumo.** Após algum tempo que foi lançado, o Exame Nacional do Ensino Médio começou a competir com os vestibulares como método seletivo para a entrada em universidades. O exame propunha uma abordagem diferente do que se exigia dos alunos. Se os vestibulares exigem memorização, o ENEM focava em avaliar habilidades de aprendizagem, como interpretação. Mas isso tudo é em teoria, para uma afirmação precisa é necessário que se analise o material que o estudante tem contato, no caso, as questões do próprio exame. Para formar a fonte de pesquisa foi separado questões de história de cinco anos da prova. Com isso foi tentado entender se as questões de história do ENEM realmente exigem que o aluno memorize conteúdo histórico, e se sim, de que maneira isso ocorre. Entre os resultados foi entendido que a memorização de conteúdos tradicionais não está presente. Mas também foi detectado que esse exame exige que o aluno tenha memorizado uma grande quantidade de contextos históricos e de elementos que encaixamos na definição de Conceitos Substantivos que é proposto por Peter Lee. Dessa forma foi entendido que o ENEM ainda exige memorização, mas de maneira diferente de vestibulares tradicionais. A bibliografia se divide em duas partes, para analisar a metodologia e contexto de avaliações foram estudados autores da área de Educação, como Bernardete Gatti. Para entender melhor os conteúdos das questões foram estudados pesquisadores da Literacia Histórica, como Peter Lee e Maria Auxiliadora Schmitd.

**Palavras-chave:** Avaliação; ENEM; Literacia Histórica

## Avaliação e contextos

A reflexão sobre o Exame Nacional do Ensino Médio deve começar deixando claro sua posição e importância no meio educacional. Quando lançado, o exame era apenas uma avaliação diagnóstica, um meio de tentar quantificar e criar

números sobre a situação da educação no país. Esse tipo de avaliação é comum em diversos países. O seu objetivo teoricamente é mapear como está o aprendizado dos alunos, tentando ir além dos números que são disponibilizados pelas escolas.

Esse formato de avaliação é caracterizado por vir de um lugar diferente à escola, e por isso é chamada de avaliação externa. Nesse ponto é possível refletir a partir da bibliografia de avaliação. A maior crítica desse formato é se apegar aos números que os testes geram e sua utilização para afirmar como realmente está o aprendizado. Por exemplo, a falta de observação individual do aprendizado, o professor em sala de aula pode medir como os alunos estão aprendendo a partir de observações, de avaliações, apresentações, olhares e muitas outras maneiras. E dentro de uma classe mesmo que tenha aprendizagens similares, pode haver diferenças. Se os números de toda uma escola, forem colocados juntos a generalização em razão das médias ainda é pior, pois dentro de uma escola há mais chance de os aprendizados serem diferentes, pois em grandes colégios haverá mais de um professor para a mesma disciplina. Esse raciocínio pode ser ampliado também se pensarmos em um conjunto de escolas, uma cidade ou até um estado. Com isso entendemos que quanto mais generalizantes são os números educacionais, mais se exclui o aprendizado individual. Perrenoud faz uma reflexão sobre isso:



> As avaliações externas que permitem comparação podem-se ater aos dados mais fáceis de definir e de medir, mas é difícil avaliar o raciocínio, a imaginação, a autonomia, a solidariedade, a cidadania, o equilíbrio corporal ou o ouvido musical através de provas padronizadas, que são, na maior parte do tempo, testes de lápis e papel. Avaliar aprendizagens complexas em larga escala exige uma criatividade metodológica considerável e induz a custos importantes de aplicação e tratamento dos dados. É mais rápido e mais barato ater-se a provas escritas, reduzindo, desse modo, as aprendizagens escolares às aquisições cognitivas, dando prioridade às disciplinas principais e às operações técnicas. (PERRENOUD, 2003, p.12)

A partir desse ponto podemos encontrar uma generalização de conteúdos de história de diferentes lugares. Por exemplo, se uma avaliação cobra conteúdos de história iguais para regiões diferentes afirma-se que o conteúdo é o mesmo para todas as regiões. Talvez essa ideia tenha base nas chamadas ciências exatas, que se o conteúdo for cientificamente comprovado ele é válido no mundo inteiro. Mas quanto às ciências humanas e história? Um mesmo acontecimento histórico pode

ter várias narrativas, e isso faz parte da especificidade da produção do conhecimento histórico. Como uma avaliação pode tratar disso?

Essa é uma problematização válida, mas se avaliações externas acabam generalizando conteúdo e aprendizado individual, por que continuam unanimes como métodos de criar diagnósticos de aprendizagem? A distribuição de recursos, intervenções educacionais e outras atitudes partem desses números. Em razão disso é possível dizer que existe a necessidade da criação desses números. Teoricamente políticos e gestores podem usar esses relatórios para tentar distribuir os recursos da educação.



Diane Ravitch faz uma reflexão sobre essa questão com uma leitura a partir da realidade das escolas dos Estados Unidos, lembrando que o sistema americano tem uma tradição de uso de avaliação como medidora de aprendizado. A reflexão que autora faz é quando se existe uma avaliação para qual a muita importância é direcionada, o ensino será direcionado para ela. Nas palavras da autora:

> Por semanas, ou até mesmo meses antes do teste estadual, as crianças são diariamente treinadas em habilidades de realização de testes e em questões similares as que deverão aparecer no teste estadual. A consequência de toda essa prática é que os estudantes podem ser capazes de passar no teste, mas não conseguem passar em um teste do mesmo assunto para o qual eles não tenham praticado. Eles dominam métodos de realizar testes, mas não o assunto em si. (RAVITCH, 2011, p.181)

A partir disso é possível entender que quando uma avaliação diagnóstica é usada para mais razões do que sua função inicial, ela acaba por prejudicar o sistema educacional.

**Avaliação e múltipla escolha**

Uma das características de uma avaliação externa é o seu alcance. Algumas avaliações externas também são chamadas de Avaliações em Larga Escala. Essa característica influencia no formato em que as questões são elaboradas nas provas. A facilidade de correção que uma prova de múltipla escolha possui, supre as necessidades que uma prova com grande público possui.

Uma avaliação de múltipla escolha pode ser corrigida rapidamente, mesmo que se trate de grandes quantidades. Uma avaliação dissertativa, que também é um método possível para utilização nessas provas, necessita de pessoas para a

correção, e o processo é lento e aberto para que os candidatos recorram da decisão. Já quando se trata de uma avaliação de múltipla escolha, a correção dos gabaritos é realizada por uma máquina específica, e isso baixa o custo da prova.

Na visão de Bernardete Gatti esse tipo de avaliação se trata de uma tentativa de prova objetiva:

> Sua elaboração é calcada no senso comum, uma tradução barata de questões objetivas de múltipla escolha, oferecendo lamentável imagem de uma prova objetiva, com itens envolvendo sobretudo a memorização imediata, sem propor o acionamento das funções mais complexas de análise e síntese. (GATTI, 2013, p.35)



A principal crítica de pesquisadores sobre esse formato de avaliação trata-se de questões possuírem respostas fechadas, ou seja, não há espaço para o aluno escrever e colocar seu posicionamento. E com isso acaba acabando com a possibilidade de o aluno demonstrar sua criatividade, fazendo com o que o aprendizado não seja avaliado de forma completa.

O interesse e necessidade de pesquisas que buscam entender esse tipo de avaliações se dá em razão de que por mais que existam críticas, esse método continua unanime em avaliações diagnósticas e em provas de seleção.

**ENEM e memorização**

Se analisarmos brevemente a história do Exame Nacional do Ensino Médio podemos destacar que quando foi criado seu principal objetivo era avaliar a situação dos alunos que estavam se formando no Ensino Médio. Se compararmos com a função que o ENEM possui hoje, existe um crescimento de público e uma mudança de objetivos principais.

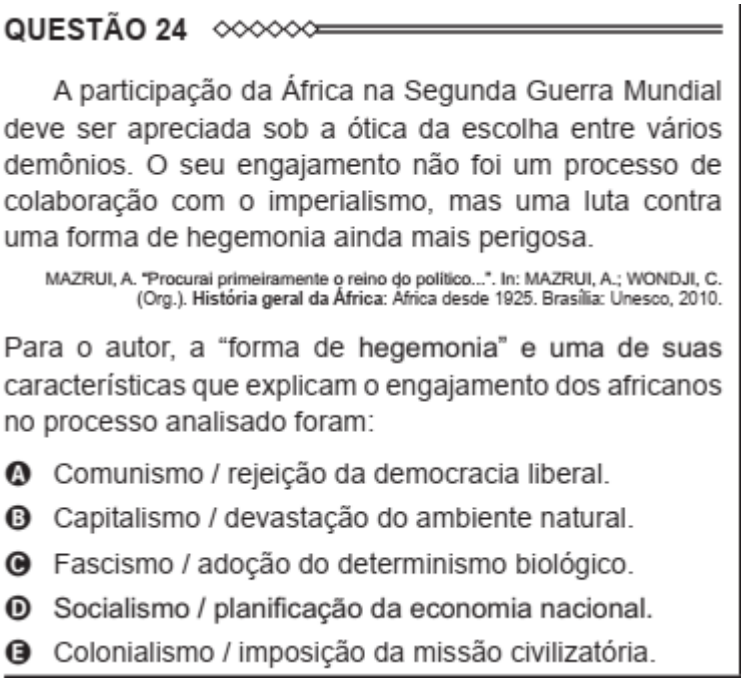
Com os programas sociais que foram implantados aumentou o público, o acesso a cursos de Ensino Superior a partir do exame aumentou a quantidade de inscritos, apenas com esses dois pontos a precisão dos dados dessa prova como diagnóstico educacional foi diminuindo.

O ENEM de certa forma acaba se tornando um tipo de vestibular unificado, e por ter uma prova diferente, torna-se uma opção frente ao vestibular. Pode não ser apenas uma opção, mas um meio mais fácil de acesso, Santos afirma que a diferença das provas é também relacionada com a dificuldade (2011) e que a propaganda em torno desse exame influencia na quantidade de candidatos:

> De fato, o exame só atinge mesmo uma minoria que está na ponta do funil tentando escapar para a universidade. Dessas, as estatísticas denunciam, todos os anos, só uma pequena parte vai conseguir sentar-se nos bancos dos institutos superiores de ensino. A grande massa que fez a inscrição para o ENEM foi ludibriada pela intensa propaganda de que poderia ser aprovada no vestibular se tivesse um bom desempenho. (SANTOS, 2011, p.204)

Dos nossos resultados de pesquisa de uma dissertação sobre ENEM e vestibular, um dos pontos é que o ENEM exige sim memorização de conteúdo por parte do aluno, por exemplo:





**QUESTÃO 24**

A participação da África na Segunda Guerra Mundial deve ser apreciada sob a ótica da escolha entre vários demônios. O seu engajamento não foi um processo de colaboração com o imperialismo, mas uma luta contra uma forma de hegemonia ainda mais perigosa.

MAZRUI, A. "Procurai primeiramente o reino do político...". In: MAZRUI, A.; WONDJI, C. (Org.). **História geral da África**: África desde 1925. Brasília: Unesco, 2010.

Para o autor, a "forma de hegemonia" e uma de suas características que explicam o engajamento dos africanos no processo analisado foram:

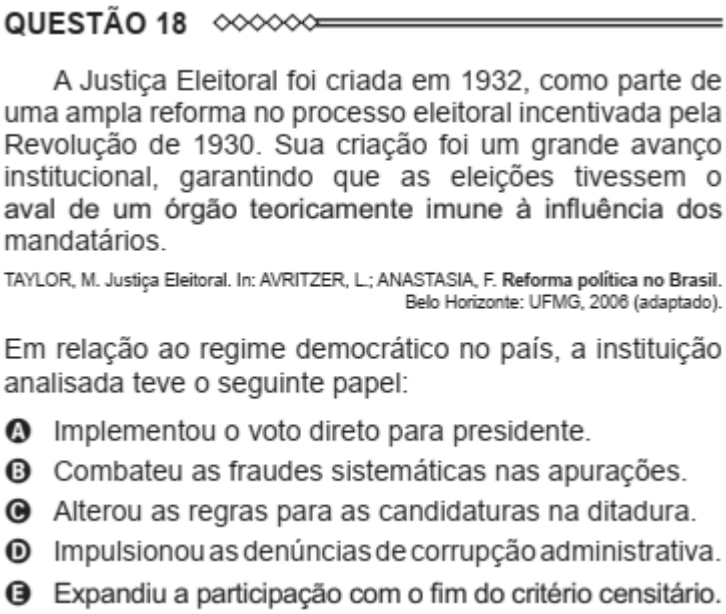
A Comunismo / rejeição da democracia liberal.
B Capitalismo / devastação do ambiente natural.
C Fascismo / adoção do determinismo biológico.
D Socialismo / planificação da economia nacional.
E Colonialismo / imposição da missão civilizatória.

*Figura 1 - Questão 24, ENEM, 2015*[1]

A questão da prova de 2015 é bem simples ela quer saber por que a África participou ativamente na Segunda Guerra Mundial. Para esse raciocínio basta ler o texto-base, quanto às alternativas, não há na questão toda menção do que é cada regime citado. No caso, para marcar a alternativa A o aluno precisa saber o que é o Comunismo, para a alternativa B precisa saber o sobre o Capitalismo e assim por diante. Sem descrevermos uma pesquisa quantitativa mais longa é possível entender então o ENEM não se trata apenas de uma prova que apenas com habilidades interpretativas, mas que é necessário memorizar conteúdos tradicionais de história.

[1] Todas as questões utilizadas no trabalho e disponíveis no banco de questões do trabalho foram retiradas do ENEM dos anos 2014 a 2014, disponível em: http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos, acesso em 29 de novembro de 2019

Um outro ponto que foi encontrado sobre a memorização do ENEM é a necessidade de que se memorize contextos para que as questões sejam respondidas de maneira mais efetiva.



**QUESTÃO 18**

A Justiça Eleitoral foi criada em 1932, como parte de uma ampla reforma no processo eleitoral incentivada pela Revolução de 1930. Sua criação foi um grande avanço institucional, garantindo que as eleições tivessem o aval de um órgão teoricamente imune à influência dos mandatários.

TAYLOR, M. Justiça Eleitoral. In: AVRITZER, L.; ANASTASIA, F. **Reforma política no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2006 (adaptado).

Em relação ao regime democrático no país, a instituição analisada teve o seguinte papel:

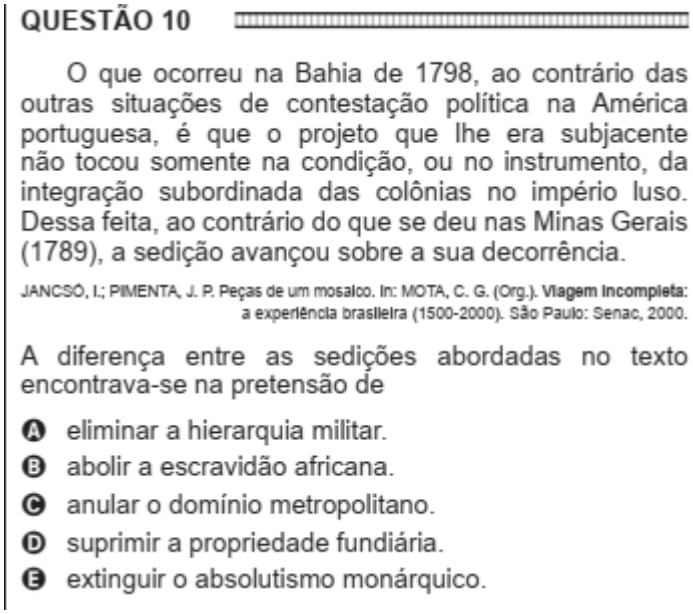
A Implementou o voto direto para presidente.
B Combateu as fraudes sistemáticas nas apurações.
C Alterou as regras para as candidaturas na ditadura.
D Impulsionou as denúncias de corrupção administrativa.
E Expandiu a participação com o fim do critério censitário.

*Figura 2 - questão 18, ENEM, 2015*

O exercício questiona por que a Justiça Eleitoral foi criada. Para se localizar temporalmente na História do Brasil é colocado um ano e um acontecimento datado. A reflexão é que por mais que seja possível responder apenas com uma leitura do texto e da interpretação do que eram mandatários na época, para uma resposta mais efetiva é preciso ter mais noções contextuais. Por exemplo como funcionava o sistema eleitoral na Primeira República, a influência de latifundiários, compra de votos, entre outros pontos importantes.

O que podemos tirar com isso é que por mais que algumas questões sejam possíveis apenas interpretar para que seja respondido, outras precisam de conhecimento histórico contextual. Mesmo que seja um tipo menos comum de exigência de memorização, ainda é memorização.

O terceiro tipo de memorização é a de conceitos substantivos, Peter Lee (2001, p.15) cita exemplos desses conceitos “agricultor, impostos, datas, eventos”. O que foi encontrado é que esse tipo de conceitos está presente nas questões, sem que elas expliquem o significado desses conceitos. Existe a exceção de quando a finalidade da questão é discutir o conceito em si, mas em outros casos, os conceitos estão permeados na questão, exigindo que o aluno tenha claro seus significados para continuar com a interpretação da questão.



**QUESTÃO 10**

O que ocorreu na Bahia de 1798, ao contrário das outras situações de contestação política na América portuguesa, é que o projeto que lhe era subjacente não tocou somente na condição, ou no instrumento, da integração subordinada das colônias no império luso. Dessa feita, ao contrário do que se deu nas Minas Gerais (1789), a sedição avançou sobre a sua decorrência.

JANCSO, I.; PIMENTA, J. P. Peças de um mosaico. In: MOTA, C. G. (Org.). **Viagem incompleta**: a experiência brasileira (1500-2000). São Paulo: Senac, 2000.

A diferença entre as sedições abordadas no texto encontrava-se na pretensão de

A) eliminar a hierarquia militar.
B) abolir a escravidão africana.
C) anular o domínio metropolitano.
D) suprimir a propriedade fundiária.
E) extinguir o absolutismo monárquico.

*Figura 3 - questão 10, ENEM, 2016*

Nessa questão é possível encontrar muitos conceitos substantivos que não possuem relação direta com a resolução da questão, mas que se não tiverem claros para o aluno, ficará mais difícil interpretar a questão como um todo. Podemos destacar em ordem de aparecimento no texto-base: política, projeto, colônias, sedição. Mas esse não é o maior problema, nas alternativas estão mais conceitos sem nenhuma contextualização e que mesmo que errados, o aluno vai precisar saber. Hierarquia, escravidão propriedade, Absolutismo. A questão quer saber a diferença entre as contestações da Conjuração Baiana e da Inconfidência Mineira, mas que se esses conceitos não estiverem memorizados, ficará mais difícil responder.

Com isso podemos entender que mesmo que seja uma prova com uma proposta diferente dos vestibulares tradicionais, o ENEM não está livre da necessidade memorização que são unanimes entre outras avaliações seletivas. Mesmo que exista a possibilidade de ter um resultado razoável apenas com uma leitura apurada das questões, aqueles que tiverem mais conteúdo, contextos e conceitos memorizados poderão responder as questões com mais efetividade.

## Referências Bibliográficas

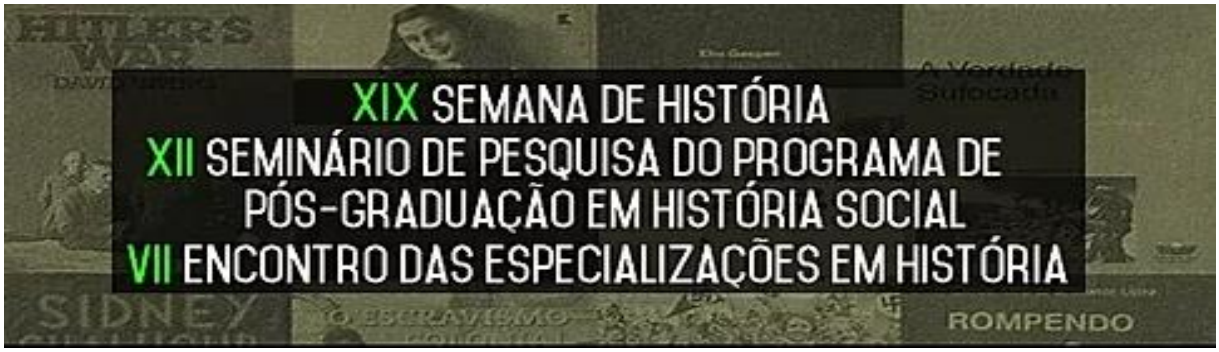
GATTI, Bernardete A. Testes e avaliações do ensino no Brasil. **Educação e Seleção**, n. 16, p. 33-42, 2013.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em história. in: BARCA, I. [org] **Perspectivas em Educação Histórica**. Braga: Lusografe, 2001. p. 13-27

PERRENOUD, Philippe. Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo!. **Cadernos de pesquisa**, n. 119, p. 9-27, 2003.

RAVITCH, Diane. **Vida e Morte do Grande Sistema Escolar Americano**: Como testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação. Porto Alegre: Sulina, 2011

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. Exame Nacional do Ensino Médio: entre a regulação da qualidade do Ensino Médio e o vestibular. **Educar em revista**, v. 27, n. 40, p. 195-205, 2011.






# CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO E INVESTIGAÇÃO: ABERTURA POLÍTICA E PROCESSO CONSTITUINTE NO BRASIL

Jeferson José Gevigier
Mestrando – ProfHistória
Orientadora: Profª Drª Márcia Elisa Tetê Ramos
Universidade Estadual De Maringá

**Resumo.** O ensino de história apresenta alguns desafios que podemos testemunhar e vivenciar na rotina escolar, tanto em sala de aula como nas reuniões pedagógicas ou no currículo de história que, atualmente, encontra-se em fase de implementação (Base Nacional Comum Curricular). Esta problemática ultrapassa os muros da escola: hoje, na sociedade em geral, circulam saberes, crenças e estereótipos que colocam em questão princípios que fundamentam os direitos fundamentais. A partir da percepção de tais desafios, investiga-se como estes saberes influenciam a aprendizagem histórica no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História no sentido de encontrar propostas fundamentadas para o ensino de história. Objetiva-se propor sequências didático-pedagógicas baseadas no princípio investigativo. Princípio este, defendido por Isabel Barca por intermédio da aula-oficina, visando a construção do que Peter Lee denomina de “literacia histórica”. Para auxiliar esta proposta, aproxima-se da concepção de matriz disciplinar de Rüsen, considerando que o conhecimento histórico deve ser construído mediante metodologia própria, fornecendo condições para que o(a) estudante o relacione com sua vida prática. Compreende-se esta proposta como uma ferramenta para o ensino de história, tendo o objetivo de implementar a aula-oficina em diversos momentos e com temas variados, enfim, tornar cotidiana a prática investigativa no ensino de história. Acredita-se que interferir nestes saberes circulantes em múltiplas esferas de circulação é tarefa do profissional da história, o professor/historiador. Seleciona-se, para tanto, um tema possuidor de relevância no atual momento histórico-político de nossa sociedade, o que Bodo Von Borries (1994) chama de “história sobrecarregada”: a construção dos direitos e garantias fundamentais presentes na Constituição Federal de 1988. Dentro deste tema, os estudantes poderão desenvolver a percepção de que estes direitos são conquistas decorrentes de disputas históricas, que são passíveis de avanços ou retrocessos e que os grupos antagonistas que protagonizaram essas disputas ainda são atuantes, tornando estes direitos passíveis de serem suprimidos. A contextualização do período de abertura política e do período da constituinte é necessária para que, a partir daí, os estudantes possam analisar diferentes documentos do período, como

atas de assembleias de classe, legislações em vigor na época, trechos de reportagens, vídeos e propagandas veiculados em rede nacional, o próprio texto constitucional e os discursos da constituinte, entre outros.
**Palavras-chave:** Ensino de História; Literacia Histórica; Aula Oficina; Direitos fundamentais.

## Introdução



Todos os professores de história já ouviram a indigesta questão: “para que serve história”. Tomei a liberdade de iniciar com uma afirmação proveniente de um senso comum e sem nenhum grau de pesquisa para propor uma reflexão um pouco mais séria: a real problematização de um questionamento comum dos estudantes. Para além de uma visão utilitarista da aprendizagem histórica, a consciência da função social do Ensino de História pelos professores é essencial para que o trabalho de ensino e aprendizagem seja significativo.

A escola é praticamente um organismo vivo, no qual as obras e reformas começam junto das aulas, os eventos tomam o precioso tempo das aulas, imprevistos como brigas entre estudantes que implodem as atividades planejadas, diretores que interrompem as aulas frequentemente para passar recados desnecessários. Por outro lado, nas mesmas conversas, alguns deles expressam algumas dificuldades para perceber, com clareza, a função do ensino de história. A título de exemplo, frequentemente relatamos uns aos outros dificuldades cotidianas e afirmamos que os alunos não conseguem reproduzir uma informação ou um gráfico da maneira como nós “ensinamos”. A meu ver, está claro um equívoco ligado à função do ensino de história: se o ensino de história se pretende agente de reflexão do passado a partir do presente para construir e compreender a realidade do presente a partir de leituras do passado, não cabe o ensino voltado para reprodução de informações ou de termos técnicos.

Estes relatos demonstram uma inquietação que tenho desde as primeiras reuniões pedagógicas das quais participei. Os problemas ligados às questões administrativas do colégio e mesmo das secretarias de educação (estaduais ou municipais), as dificuldades trabalhistas de nossa carreira, os problemas sociais aos quais estão jogados nossos estudantes, as carências das mais diversas áreas que eles trazem para a sala de aula, são obstáculos difíceis de serem transpostos, entretanto são problemas dos quais dificilmente teremos, enquanto professores de

história, condições e competências institucionais de resolver.

Embora não tenhamos tais ou quais condições institucionais, temos a prerrogativa de construir, junto destes mesmos estudantes, a consciência histórica para que signifiquem sua realidade, seu entorno, e as contradições de sua sociedade (RÜSEN, 2006). Para tanto, o trabalho com os princípios históricos é essencial e eles serão capazes de analisar de forma histórica determinadas fontes históricas quando tiverem desenvolvido a literacia histórica, através da qual, segundo Peter Lee, eles levarão em conta os aspectos temporais, as continuidades e rupturas, as relações de poder e as relações de resistência ao poder, etc (LEE, 2006). Pressupomos, para esta proposta, que o ensino de história não seja protagonizado pelo professor, mas pela construção do conhecimento histórico e pela investigação histórica. Dessa forma, a proposta de aula-oficina de Isabel Barca (BARCA, 2004), evidencia formas de trabalhar com as fontes históricas que possibilitem o trabalho pedagógico para o ensino de história que extrapole o senso comum, construa a literacia histórica dos estudantes para que eles tenham condições de refletir sobre a sua realidade e desnaturalizem suas condições religiosas, materiais, simbólicas ou sociais, excludentes ou não.



Coloca-se, neste ponto, importante questão: qual conceito substantivo seria relevante para trabalhar estas questões acerca do ensino de história no contexto de uma pesquisa de pós-graduação? Acreditamos que todos os conteúdos são possíveis de serem investigados em sala e consequentemente desenvolveriam a consciência histórica dos estudantes quando trabalhados de forma investigativa. Contudo, atendendo a uma necessidade prática de selecionar um tema para desenvolver esta pesquisa, selecionamos o período de abertura política no Brasil, no fim da década de 1980, em específico o processo constituinte, incluindo os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, as representações na mídia deste processo, a participação popular, as relações de interesses distintos dentro do processo constitucional e as representações artísticas, em especial musicais deste período.

Esta escolha leva em conta a necessidade de desenvolver nos alunos a concepção de construção dos direitos, menos como dádivas e mais como processos de lutas e disputas, muitas vezes com forças opostas desiguais, contra interesses de grupos hegemônicos. Dessa forma, nossa proposta é trabalhar com direitos específicos, presentes na Constituição Federal de 1988, principalmente dos

artigos quinto e sexto (direitos fundamentais e sociais), para que os estudantes percebam que tais direitos foram construídos ao longo de anos, e que quando postos no texto constitucional, mesmo com o pressuposto de serem considerados direitos pétreos, não podem ser percebidos como perenes. A conjuntura atual, inclusive, possibilita que tais direitos sejam questionados e sejam passíveis de serem revogados. Em resumo, nossos objetivos passam pela necessidade de levar os estudantes a refletir sobre a cidadania brasileira, a qual possui aspectos singulares e, por isso, é complexa e contraditória (CARVALHO, 2008).



**Construção do conhecimento histórico**

A base do ensino de história significativo não está em grandes investimentos em aparatos tecnológicos ou aulas mirabolantes que reinventem a arte de ensinar, mas no uso consciente e honesto das fontes históricas. Não há produção de conhecimento histórico sem fontes. Trabalhar qualquer tema de qualquer período histórico com base no texto narrativo de um livro didático qualquer, com linguagem enciclopédica, contando para os alunos os acontecimentos (mesmo com uma linguagem agradável) é tornar o ensino de história um arremedo de uma aula sobre ficção.

Segundo Albuquerque Júnior, uma das funções do ensino da história é a desnaturalização do presente, refletindo acerca do passado todos os aspectos da vida comum, da política, da sociedade, da cultura (ALBUQUERQUE, 2012). É função do ensino de história a busca pelos significados perdidos no tempo e banalizados pelo uso cotidiano, dos quais alguns, podem inclusive ser objetos de afirmação de poder ou de perpetuação de desigualdades. Ao compreender o passado como uma construção histórica, construída por pessoas que tinham necessidades fisiológicas idênticas às nossas, que respondiam às demandas da vida cotidiana com respostas diversas das nossas, os estudantes terão condições de perceber que o nosso presente também está em construção (devir), que os homens do passado são diferentes, mas não inferiores (alteridade), que as sociedades passadas buscavam se organizar da melhor maneira que podiam mesmo cometendo erros, os quais podem ser explicados mas não necessariamente aceitos (empatia), que existem diferentes formas de se viver, diferentes maneiras de resolver conflitos, diferentes formas de se vestir e de se alimentar, existem ideias,

costumes e valores diferentes dos nossos (aprendizagem da tolerância) (ALBUQUERQUE, 2012, p. 32).

Pensando em todos estes conceitos que, para que o estudante os aprenda, afirmamos a importância de ter sempre em mente a matriz curricular de Rüsen (RÜSEN, 2001), pois é a partir dela que teremos clara a importância de apresentar os conteúdos e mesmo as fontes de maneira palatável aos estudantes, afinal não compreenderiam termos técnicos complexos e específicos do ofício do historiador. Entretanto, na matriz, ele também afirma que esta linguagem acessível aos estudantes deve atender aos procedimentos teórico metodológicos tanto de análise das fontes como de interpretações dos dados levantados a partir delas. Como exemplo, o trabalho com filmes que leva em conta apenas o enredo não é ensino de história, mas uma "contação de estorinhas" *(sic!)* para divertir e entreter. Enquanto fonte histórica, o ano e o país de produção, o roteiro, a fotografia, a direção, a trilha sonora, os enquadramentos, enfim, todas as caraterísticas técnicas e artísticas do filme são significativas para uma análise histórica do momento de produção mais que do momento retratado (OLIVEIRA, 2012).



Importante tratar da questão da apresentação na pesquisa histórica, afinal de nada adianta um método competente, análise com forte embasamento teórico, uma ideia original, se não houver uma apresentação destes conceitos e dessas fontes por meio de uma boa narrativa. Se a narrativa histórica for truncada, incoerente, sem se adequar a especificidades cognitivas do público (neste caso, de acordo com a idade dos estudantes), se as fontes não forem devidamente contextualizadas, se as ferramentas históricas não forem desenvolvidas com a devida adequação de vocabulário, o ciclo da matriz disciplinar não se fecha, a aprendizagem não é significativa, a realidade não pode ser ressignificada e a função do ensino de história se perdeu (RÜSEN, 2001). Todas as comunidades humanas contaram histórias, portanto nossas crianças precisam aprender o prazer estético de uma boa narrativa, neste caso embasada em pesquisa histórica.

Além do senso comum, quando estudantes nos questionam "para que serve história", os professores precisam ter segurança acadêmica e compreender que é função do ensino de história responder a esta questão. Esta segurança parte de um compromisso com a formação constante a respeito de seu ofício, ou seja, cabe ao professor ter uma prática de pesquisador de história e construir o conhecimento junto de seus estudantes, tratando as fontes com o rigor acadêmico e com uma

linguagem apropriada, demonstrando que os estudantes são capazes de compreender os processos históricos com alteridade, empatia e tolerância com as pessoas e sociedades do passado e do presente.

## Propostas de Aula-Oficina



Tomando como base as pesquisas empíricas realizadas por Luís Fernando Cerri, da UEPG, (Cerri, 2010), os estudantes brasileiros apresentam concepções distintas dos estudantes argentinos e uruguaios quanto às concepções de cidadania. Segundo a pesquisa, nossos vizinhos platinos possuem uma concepção de cidadania e um apreço à defesa da democracia muito maior que em nosso país. Parte da compreensão passa pela análise da forma como o ensino de história foi desenvolvido e construído após os processos de abertura política, pós ditadura, em ambos os países. Por isso, nossa compreensão de importância para o desenvolvimento desta proposta que parte da análise de trechos do texto constitucional brasileiro para que os estudantes possam contribuir alguns conceitos ligados ao processo constituinte.

### Participação popular na Assembleia Constituinte

Nossa primeira proposta é tratar da participação popular, levando os estudantes a analisar, por meio de fontes históricas, as formas pelas quais a população percebia o processo constituinte e se apropriava dos mecanismos desenvolvidos pela assembleia para que houvesse participação efetiva.

O trabalho partiria da apresentação do artigo terceiro, que trata dos objetivos da República, e dos caputs dos artigos quinto e sexto, os quais tratam, respectivamente, dos direitos fundamentais e dos direitos sociais do cidadão brasileiro.

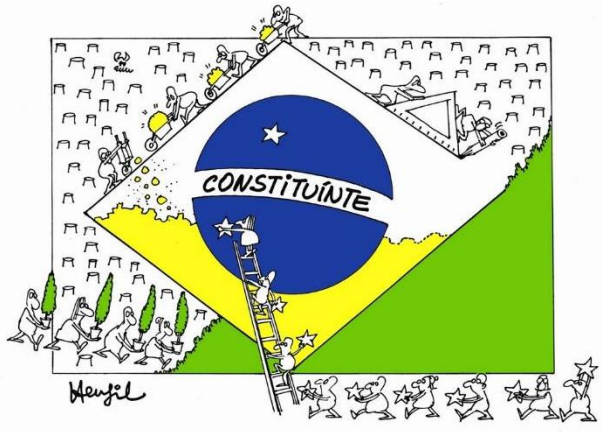
> Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
> I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
> II - garantir o desenvolvimento nacional;
> III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
> IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988, p. 11)
> [...]

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988, p. 13)
> [...]
> Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988, p. 18)



Espera-se que os estudantes percebam neste recorte que os direitos aí previstos são para todos e que precisam ser exercidos de forma plena. Para isso, propomos que eles leiam, discutam e tirem dúvidas quanto a termos desconhecidos, para, em seguida, refletirem sobre a efetivação destes em seu cotidiano, em sua comunidade.

Em uma segunda aula, apresentaríamos duas fontes distintas. Primeiro, uma charge de Henfil que trata da construção coletiva da constituição na qual ele apresenta várias pessoas reconstruindo os símbolos tradicionalmente constituídos da bandeira: natureza, céu, riqueza. Está aí representando, de forma metafórica, a construção da nação por meio da mobilização coletiva dentro da Assembleia Nacional Constituinte.




Fonte: BRASIL. **Câmara dos Deputados, Imprensa, arte & cidadania: 25 anos da constituição de 1988**, Brasília, 8 out. 2013. Disponível em: goo.gl/ddFZG7. Acesso em: 30 nov. 2019.

Junto da charge, apresentaríamos um dos episódios do Diário da Constituinte, noticiário produzido pela Radiobrás (Empresa Brasileira de Radiodifusão), e transmitido por todas as emissoras do país, diariamente. Este noticiário tinha 5 minutos cada e apresentava os detalhes da assembleia, mostrando as discussões, com explicações didáticas do processo, apresentando os constituintes defendendo seus pontos de vista, etc.

O episódio que selecionamos é o de número 180[1], de 13 de agosto de 1987, no qual é apresentada a participação popular na elaboração de setenta e uma Emendas Populares com mais de nove milhões de assinaturas. O episódio dá destaque para as pilhas de papeis entregues ao presidente da assembleia, Ulisses Guimarães, demonstrando a importância da mobilização popular, por meio de entidades da sociedade organizada, como a OAB, ABI, sindicatos e outros movimentos sociais.



Com estes documentos, objetivamos que os estudantes percebam como a mobilização popular estava presente no cotidiano da sociedade e que esta mobilização possibilitou a construção do texto constitucional garantidor dos direitos acima trabalhados. Espera-se que os estudantes compreendam a importância da participação popular na construção da cidadania para que eles se identifiquem como cidadãos plenos de direitos, os quais devem ser compreendidos, vivenciados e defendidos.

## Disputas entre grupos antagônicos pela manutenção ou conquista de interesses

Em sociedades democráticas, os direitos de cidadania são construídos com base na negociação, disputa ou mesmo conflitos entre grupos antagônicos. Estes grupos presentes no período constituinte ainda hoje estão presentes e atuantes na sociedade o que torna todos os direitos, todas as prerrogativas legais, inclusive as constitucionais, passíveis de mudanças. A professora Maria Auxiliadora Schimidt trabalha esta questão analisando a partir dos trabalhos de Bodo von Borries os desafios a se levar em conta na chamada “burdening history” , ou histórica sobrecarregada (Schimidt, 2015).

Neste sentido, torna-se necessário trabalhar a questão da possibilidade de mudanças nos direitos considerados naturais, já que os estudantes de hoje não vivenciaram os processos constituintes. Ou seja, direitos considerados naturais, como as liberdades, são passíveis de supressão caso grupos que vislumbrem interesses nesta direção consigam alcançar posições de poder a ponto de mobilizar

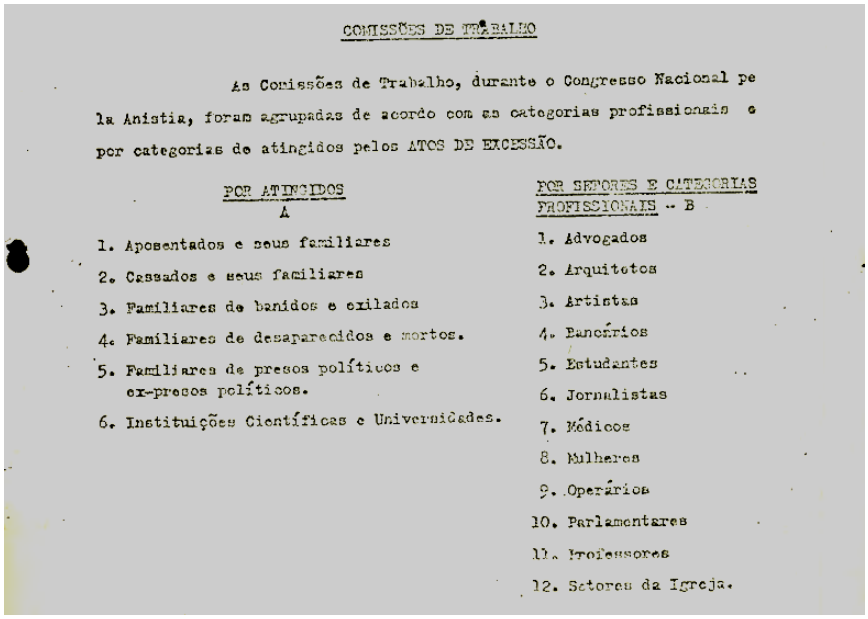
[1] BRASIL. Programa 180. **Diário da Constituinte**. Brasília: Radiobrás, 13 de agosto de 1987. Programa de TV. Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/5021. Acesso em: 30 nov. 2019.

número suficiente de parlamentares e criar condições para convencer a sociedade civil de suas demandas.

Para trabalhar esta questão, selecionamos o processo de construção da Lei da Anistia e as consequências de sua concessão em 1979.

Os movimentos pela anistia ocorreram na década de 1970, organizados por uma série de entidades da sociedade civil organizada que, em 1978, promoveram um Congresso para delimitar as linhas de atuação na luta pela anistia ampla, geral e irrestrita.





COMISSÕES DE TRABALHO

As Comissões de Trabalho, durante o Congresso Nacional pe la Anistia, foram agrupadas de acordo com as categorias profissionais e por categorias de atingidos pelos ATOS DE EXCESSÃO.

POR ATINGIDOS
A

1. Aposentados e seus familiares
2. Cassados e seus familiares
3. Familiares de banidos e exilados
4. Familiares de desaparecidos e mortos.
5. Familiares de presos políticos e ex-presos políticos.
6. Instituições Científicas e Universidades.

POR SETORES E CATEGORIAS PROFISSIONAIS - B

1. Advogados
2. Arquitetos
3. Artistas
4. Bancários
5. Estudantes
6. Jornalistas
7. Médicos
8. Mulheres
9. Operários
10. Parlamentares
11. Professores
12. Setores da Igreja.

Fonte: CONGRESSO NACIONAL PELA ANISTIA. **Carta Convocatória**. São Paulo: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978. Disponível em: https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/anistia/ convocatoria-do-congresso-deops50z130005002.pdf. Acesso em 30 nov 2019.

Neste documento é possível perceber a presença de diversos setores da sociedade na mobilização pela anistia, o que, espera-se, levaria os estudantes a perceber que esta é uma demanda popular, pleiteada o suficiente para mobilizar as entidades a organizar um congresso nacional em meio ao regime repressivo.

Outra forma de leva-los a perceber a percepção popular da anistia é a análise da música de João Bosco e Aldir Blanc, O Bêbado e a equilibrista (1979), chamada o hino da anistia política e dos exilados. Em especial no trecho:

> Que sonha com a volta do irmão do Henfil
> Com tanta gente que partiu num rabo-de-foguete
> Chora a nossa pátria, mãe gentil
> Choram Marias e Clarices no solo do Brasil”

Pretende-se que os estudantes percebam a dor constante dos porões e dos

exílios e que no trecho seguinte, a esperança se torna o tema de uma luta persistente, que mesmo “na corda bamba de sombrinha”, mobiliza a população pela sua anistia.

Se de um lado a população, afetada pelas regras de exceção do regime em vigor, o próprio regime se apropriou da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita para torna-la uma afronta aos torturados e exilados. Quando sancionada em 1979, a Lei 6683/79 concedeu anistia inclusive aos torturadores do regime.



> **O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**:
> Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
> Art. 1º É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares.
>
> Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979.

Com a análise deste documento, tendo em vista os anteriores, espera-se que os estudantes percebam a disputa entre os grupos antagonistas em torno da luta pela anistia, no contexto da abertura política. Dessa forma, para encerrar o tema, retomaríamos o artigo quinto da Constituição Federal, em seus incisos III, XLII, XLIII e XLVII:

> III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
> XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;
> XLIII - a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem;
> XLVII - não haverá penas:
> a) de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX;
> b) de caráter perpétuo;
> c) de trabalhos forçados;
> d) de banimento;

Com base neste trecho, pretendemos demonstrar a contradição de uma sociedade que anistiou criminosos contra a humanidade e nove anos depois aparenta tentar remediar esta decisão tratando este tema, no texto constitucional, de forma tão enfática.

Estas propostas de aula-oficina buscam atender aos objetivos elencados ao início do presente texto, ou seja, elaborarmos a proposição de aulas-oficina que,

por meio do desenvolvimento de aspectos da literacia histórica e da consciência histórica, possam leva-los a refletir e perceber o panorama atual da cidadania no Brasil, identificando pontos de carência e de efetividade cidadã em aspectos gerais e individuais.

## Considerações Finais



O presente histórico, época contemporânea à produção deste texto, apresenta desafios no mínimo curiosos para o desenvolvimento de propostas para o ensino de história. Todos nós, aí inclusos os estudantes da educação básica, aqueles para os quais se volta nossa atenção ao propor estas aulas-oficina, somos bombardeados por noticias que apresentam questionamentos aos direitos presentes na Constituição Federal. Desde o corte de verbas públicas para os programas educacionais e ambientais à ameaças diretas à democracia (ameaça de censura à emissoras de TV, menções por parte do poder executivo ao AI-5, necessidade da justiça determinar ao poder executivo ações de proteção ambiental[2]). Em nossas mãos se apresenta o desafio para levar os estudantes a compreender e significar estas notícias, relacionando com os princípios democráticos e com os processos históricos que respondem a alguns questionamentos sobre essa temática.

O desenvolvimento da consciência histórica, desta forma, passa pela necessidade de trabalhar os conteúdos ligados à realidade dos estudantes e, para tanto, a compreensão dos conteúdos de segunda ordem são essenciais para que eles possam compreender conteúdos substantivos, neste caso, a construção e a luta pela da cidadania.

Portanto, acreditamos, com base em nossa pesquisa, ainda em andamento, que os professores de história, desde que munidos de um aparato teórico-metodológico coerente com o desenvolvimento da consciência histórica, poderão trabalhar em sala ensinando história através de aulas-oficina para que os estudantes construam, junto do professor, o conhecimento histórico que possibilite

---

[2] Bolsonaro ofende a TV Globo em transmissão nas redes sociais (G1 e TV Globo 30/10/2019)
"Não se assustem então se alguém pedir o AI-5. Já não aconteceu uma vez?" (Paulo Guedes. El País 26/11/2019)
Justiça determina que União tome medidas contra vazamento (Veja, Jennifer Ann Thomas 13/10/2019)

avanços qualitativos na garantia de nossa cidadania.

**Referências Bibliográficas**


ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita de história?. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida et al. (org). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. BARCA, Isabel (Org.) ***Para uma educação de qualidade:*** **Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica.** Braga,Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Página.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CERRI, Luis Fernando 1; AMÉZOLA, Gonzalo de El estudio empírico de la conciencia histórica en jóvenes de Brasil, Argentina y Uruguay. **Didáctica De las Ciencias Experimentales y Sociales**. N.º 24. 2010, p. 3-23

FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano: O tempo da nova república.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. ***Educar em Revista*****. Especial. Dossiê: Educação Histórica,** 2006.

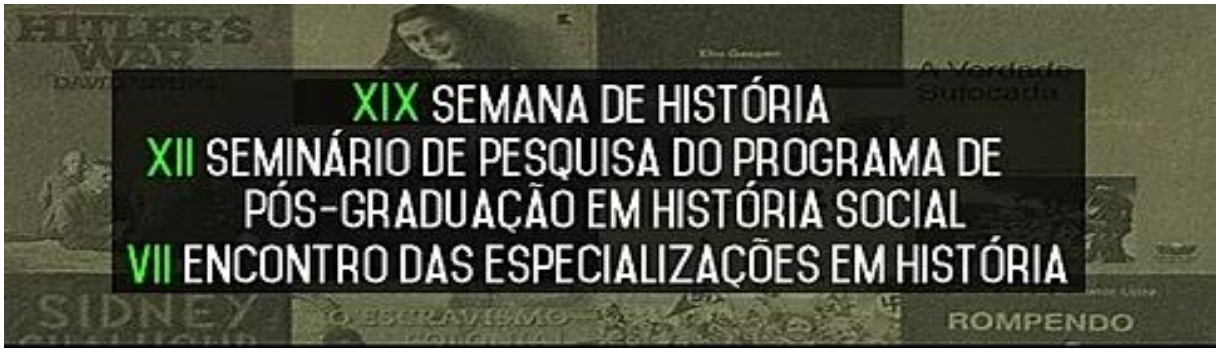
OLIVEIRA, Regina Soares de; ALMEIDA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo da. **Coleção a reflexão e a prática no ensino – Volume 6 – História**. São Paulo: Blucher, 2012. P. 31-46

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivasa partir do caso alemão.**Práxis Educativa.** Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. **Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

SCHMIDT, M. A. Aprendizagem da “burdening history”: desafios para a educação histórica. ***Caicó,*** *v. 16, n. 36, p. 10-26, jan./jul. 2015. Dossiê Ensino de História.*

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. ***Ensinar história.*** São Paulo: Scipione, 2004.






# A QUESTÃO DA INDISCIPLINA E SUA RELAÇÃO COM OS PRESSUPOSTOS DE APRENDIZAGEM EMPREGADOS PELAS DIFERENTES TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS NA PRÁTICA ESCOLAR BRASILEIRA AO LONGO DE SUA HISTÓRIA

Fernanda Kelen de Oliveira (FAP)

Camilla S. de Simoni Bolonhezi (UEM/ FAP)

**Resumo:** O presente trabalho propõe-se a realizar uma análise do processo histórico da educação e sua relação com o fenômeno da indisciplina no contexto escolar. Deste modo, o objetivo geral deste trabalho é analisar as manifestações da indisciplina em diferentes contextos e a relação que remanesceu entre professor e aluno ao longo da história do Brasil. É salutar reconhecer a trajetória histórica das relações professor-aluno e como a mesma se apresentou nos primórdios da educação brasileira, desde a chegada dos Jesuítas, até a promulgação da Constituição de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, evidenciando que a educação atual tem em sua base, raízes no processo sócio histórico passado. As Tendências pedagógicas envolvem a temática deste trabalho, pois verificamos os pressupostos de aprendizagem empregados pelas diferentes tendências na prática escolar brasileira, cuja base implica nos elementos que constituem a atividade docente. Deste modo, o presente estudo contribui para ampliar o debate que envolve a temática, possibilitando melhor embasamento teórico para a discussão das questões referentes à indisciplina escolar.

**Palavras Chave:** História da Educação, História, Tendências pedagógicas

## Introdução

Há décadas o problema da indisciplina vem tomando novas e preocupantes proporções, assim, tornou-se necessário tecer reflexões sobre a indisciplina escolar. Nesse sentido, convenientemente buscamos utilizar uma definição da mesma. Assim**,** “o termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo

e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização" (SILVA, 2004, p.21).

O foco consiste em compreender esse fenômeno a partir de uma análise pontual sobre o tema, se existia indisciplina ou não no passado e como era a relação entre educando e professor, levando em conta que cada fase da história da educação foi marcada por uma Tendência, sendo abordadas as Pedagogias Nova, Tradicional e Tecnicista.



Para esta análise, traçamos o período que vai desde a chegada dos Jesuítas em meados do séc. XVI, até a pós-redemocratização com a Constituição de 1988 e a sua relação com a problemática da indisciplina.

**Justificativa**

A história das experiências passadas é essencial para a compreensão dos rumos tomados pela educação no presente. Ao olharmos para a história da educação, vemos as grandes transformações que ocorreram ao longo do tempo. Saviani (2008) salienta que as *ideias pedagógicas* não servem apenas *para* orientar e sim como elemento primordial para a prática educativa. Segundo Aranha (2006, p.19) "cada geração assimila a herança cultural dos antepassados e estabelece projetos de mudança. Ou seja, estamos inseridos no tempo: o presente não se esgota na ação que realiza, mas adquire sentido pelo passado e pelo futuro desejado".

Um dos principais entraves enfrentados pelos professores deste século é o fenômeno Indisciplina, que por sua vez tem sido causa do abandono da sala de aula por muitos deles, de acordo com Silva (2004). Deste modo, a problemática abordada neste estudo é colocada para compreender como era tida a relação professor e aluno ao longo do tempo e se havia presença de indisciplina em cada um dos períodos históricos apresentados.

**Objetivos**

As contribuições deste trabalho para a educação proporcionaram um processo de reflexão e engajamento sobre a temática, compreendendo que a educação que temos hoje é conseqüência de ações realizadas no passado.

Para tanto, o objetivo geral é analisar as manifestações da indisciplina em diferentes contextos e a relação que remanesceu entre professor e aluno ao longo da história do Brasil. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, utilizando a pesquisa bibliográfica como base para a construção teórica deste artigo.



**O período Jesuítico**

Neste trabalho, a análise da história da educação brasileira terá início com os primeiros "educadores" do nosso país. "Os Jesuítas chegaram ao Brasil em meados do século XVI, para realizar a premissa medieval do primado da fé defendida pela igreja católica e pela Coroa portuguesa" (HILSDORF, 2011, p. 5).

A relação que os padres da Companhia de Jesus exerceram com os índios quando aqui chegaram foi de intolerância e desrespeito, não levando em conta sua cultura e religião, lhes obrigando a aprender os costumes dos brancos portugueses, como afirma Hilsdorf (2011, p.4) "Sujeição- do índio às normas e mentalidades do branco".

Esta dominação cultural praticadas pelos Jesuítas apresenta-se como o primeiro modelo de relação professor-aluno da história da educação brasileira. Para Hilsdorf (2011, p.9) "os Jesuítas usavam as formas da tradição, da repetição, da disciplina rigorosa com castigos físicos, da reclusão da repressão e da exclusão". Para Saviani (2008, p.39), pode-se considerar que os primeiros evangelizadores do Brasil foram os jesuítas.

Saviani (2008) afirma que o documento norteador da educação que os Jesuítas deveriam utilizar era a Ratio Studiorum. De acordo com o autor, era a forma mais equivalente a um sistema de ensino propriamente dito para a época. Aranha (2006), afirma terem sido os Jesuítas a desenvolveram um trabalho expressivo no que se refere as atividades pedagógicas, consideradas por eles, de extrema importância, efetivando um trabalho significativo. A metodologia de ensino instituída por Padre Manoel da Nóbrega, por volta de (1552-1553) consistia em: "[..] o aprendizado oral do português e de contar, do cantar, do tocar flauta e outros instrumentos musicais,

do catecismo e da doutrina cristã, além de práticas acéticas; em seguida, ler e escrever português e gramática latina" (HILSDORF, 2011. p.70).

### A Reforma Pombalina



Visando modernizar o Brasil, José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal inspirado nos ideários Iluministas do séc. XVIII, centrado no modelo de produção capitalista como afirma Saviani (2008), expulsa os Jesuítas do país, liberando-os de suas obrigações com a educação.

Uma das mudanças instituída por ele são as aulas do "ensino primário, ou seja, as aulas régias de primeiras letras que compõe a parte inicial dos estudos menores, incluídas na segunda fase da reforma regulada em lei de 1772" (SAVIANI 2008, p.82). Neste período evidencia-se que a relação entre professor e aluno objetiva um novo modelo de homem, pautada nos valores de uma sociedade pré-capitalista financeira.

Outro fator das reformas instituídas por Pombal, foi o ensino laico e de responsabilidade total do Estado, como salienta Aranha (2006, p.175). Giraldelli (2003, p.8) valida esta informação [..] "podemos chamar de ensino público, ou seja, um ensino mantido pelo estado e voltado para a cidadania enquanto noção que se articularia ao Estado e não mais um ensino atrelado a uma ordem religiosa de fato". Hilsdorf (2011, p.20), apresenta os materiais didáticos propostos para a educação, "é prescrito cartilhas e gramáticas da língua portuguesa e da latina".

### O Primeiro e Segundo Reinado

Em 1808, o Brasil recebe D. João VI, vindo com a família real e sua corte, refugiados de um atrito com a França (Guerras Napoleônicas) e sob proteção da Inglaterra. Como defendido por Aranha (2006), houve muitas alterações no cenário do país, "que recebeu modificações culturais tal qual a instalação da imprensa, museu, biblioteca e academias" (p.219). Para Giraldelli (2003) este período na educação ficou dividido em dois níveis, o primário era a escola de ler, escrever e o secundário, as chamadas aulas régias.

No séc. XVIII tornou-se oficial no Brasil o método mútuo, também chamado de monitorial ou Lancasteriano, difundidos pelos ingleses Andrew Bell, pastor da

igreja Anglicana e por Joseph Lancaster, da seita Quaker, como afirma Saviani (2008). Para o autor o método consistia no “aproveitamento dos alunos mais adiantados como auxiliares dos professores no ensino de classes mais numerosas” (p.128). Já de acordo com Saviani (2008) mesmo tendo o aluno um papel fundamental, o foco não era ele e tampouco sua aprendizagem.

Essa relação do aluno com o professor é vista por Saviani (2008) como um meio de adquirir futuros professores, visto que, mesmo o aluno sendo o principal agente para que o ensino aconteça, o foco não era de fato o aluno e sim o que ele poderia vir a se tornar, neste caso, um docente. Giraldelli (2009 p. 29) afirma que “essa situação revela o número insuficiente de professores e de escolas e, claro, a falta de organização mínima para a educação nacional”.



Nos séculos que se seguiram a educação brasileira passou por muitas mudanças, no entanto, o que para Saviani (2008) ausentava-se ainda, era um Sistema de Ensino, que abrangesse todo o território nacional, com normas e objetivos coletivos. Ele concluiu que as maiores dificuldades para se estruturar o ensino, era a falta de condições materiais e a mentalidade pedagógica.

Em 1827 o Império se consolidou graças ao aumento da economia cafeeira, como evidencia Giraldelli (2003) e no que diz respeito a educação, o ensino era desvinculado do mundo prático e/ou formação científica, e mais voltado para crianças, onde, aqueles que desejavam um ensino superior de qualidade deveriam estudar longe da capital (Rio de Janeiro), em cidades como Olinda e São Paulo.

A Reforma Leôncio de Carvalho para Giraldelli (2003), de 1879 é destacada como ponto considerável nos últimos anos do Império, sendo este o então ministro da Corte, em seu Decreto nº 7.247, instituiu em todo o país a liberdade do ensino superior, bem como para o ensino primário e secundário, frequência livre e isenção do estudo de religião para aqueles que não fossem católicos.

**Período Republicano**

A Primeira República se instaurou no Brasil com o apoio militar. Também conhecida como República Velha ou República Oligárquica que significa governo de poucos. Aranha (2006) indica que a escolha dos governantes não era

democrática, mas sim controlada por uma elite. A década de 1920 foi marcada pelos diversos questionamentos dos privilégios desta aristocracia.

No que se refere à educação deste período, houve discussões sobre o processo de escolarização. Dois movimentos surgiram a partir desta perspectiva, o chamado entusiasmo pedagógico e otimismo pedagógico. De acordo com Giraldelli (2003, p.16) “o primeiro refere-se a abertura de escolas, já o segundo se preocupava com os métodos e conteúdos de ensino”.



Após 1920, com a emergência dos Estados Unidos como potência Mundial, o Brasil também passa a abstrair os ideais pedagógicos americanos, desta forma a corrente do “otimismo pedagógico”, propõe que não basta ter muitas escolas, mas é preciso que seja mudada a pedagogia e a relação ensino-aprendizagem, bem como a maneira como se administram as escolas, em seus métodos de avaliação, como propõe Aranha (2006).

Em 1892, as escolas de primeiras letras foram substituídas pelos Grupos Escolares, que para Saviani (2008) foram criados em estruturas que abrigavam de quatro a dez escolas em um único prédio, no entanto, com apenas um diretor e diversos professores, com séries anuais, que abrigavam alunos de acordo com seu grau e série em que se situavam, implicando na progressividade, isto é, passavam gradativamente. Este modelo é analisado por ele em duas faces. O ponto positivo foi a maneira eficiente da separação do trabalho escolar, com alunos em classes do mesmo nível de aprendizagem. Por outro lado, esse processo de seleção exigia um melhor rendimento a cada ano para que houvesse a continuidade escolar, acentuando as barreiras ao segmento do processo de escolarização, tornando-se eficaz em sua maioria às elites.

Já durante a segunda República, os anos de 1930 foram marcados por revoluções. No campo político, Getúlio Vargas assume o governo provisório, e organiza um programa de dezessete pontos para organizar o país, chamado de “reconstrução nacional” (2003). De acordo com Piletti e Piletti (2008, p. 176) “no campo da educação criou-se o Ministério da Educação e as Secretarias de Educação para os Estados”.

Os pensadores brasileiros neste período passaram a ter contato com as ideias de autores Americanos como John Dewey (1859-1952), que já propunha os expoentes da Escola Nova, ou Pedagogia Nova, como aponta Giraldelli (2003). Aranha (2006) afirma que as principais mudanças do séc. XIX se reafirmaram no

séc. XX com a escola gratuita e obrigatória. A autora propõe que o “pontapé” para o Escolanovismo no Brasil em 1932 aconteceu por meio do Manifesto dos pioneiros da Educação, que teve como redator Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e outros 26 educadores, o documento “defendia a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional” (p. 304).



Após a eclosão do ideário de educação da Escola nova, durante o período de 1932 e 1947, para Saviani (2008, p. 271) “as ideias pedagógicas no Brasil foram marcadas por um equilíbrio entre a pedagogia tradicional.

Em 20 de dezembro de 1961 foi promulgada a lei 4.024, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– LDBN, uma importante mudança nos rumos da educação Brasileira, entrando em vigor em 1962, como afirma Saviani (2008). Com a vigência desta nova lei nota-se algumas mudanças positivas, como salienta Saviani (2013, p.306) a LDB “elevou para 12% a obrigação mínima de recursos federais para o ensino” entre outras.

**O Governo Militar**

Com a nova Constituição, em 1948, o Ministro Clemente Mariani, de acordo com Aranha (2006, p. 310) “apresentou o anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases baseado a um trabalho confiado a educadores, sob a orientação de Lourenço Filho”. No entanto, a autora afirma que, este projeto estendeu-se movimentado, sendo publicado apenas em 1961. Desta maneira, quando entrou em vigor a LDB 4.024/61 já se encontrava ultrapassada, “porque nesse meio tempo um país semi urbanizado, com economia predominantemente agrícola, passara a ter exigências diferentes, decorrentes da industrialização” (p.310).

Após a deposição de João Goulart inicia-se a Ditadura Militar no Brasil que durou 21 anos (1964 a 1985) como salienta Aranha (2006), o país viveu anos carregados de sofrimentos, torturas e desaparecimentos, provocando sérios prejuízos não somente para a economia, mas também para a educação.

Piletti e Piletti (2008) ressalta que no campo educacional, as reformas foram realizadas de forma brusca, sem a consulta a professores ou alunos, culminando em evasão escolar e no aumento dos índices de repetências, além da defasagem de recursos financeiros nas instituições de ensino público.

Para Aranha (2006) a intenção velada da Ditadura Militar era “educar” politicamente os jovens, deste modo, em 1969 tornou-se obrigatório o Ensino de Educação Moral e Cívica nas escolas em todos os graus e modalidades de ensino, no entanto, no ensino secundário a nomenclatura passava a ser Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Essa implantação, segundo a autora, se deu por meio da reformulação da LDB de 1961, lei nº 4.024, que fez tais alterações, “a partir daí, desenvolveu-se uma reforma autoritária, vertical domesticadora, que visava atrelar o sistema educacional ao modelo econômico dependente, imposto pela política norte-americana para a América Latina” (p.316).



Neste período a tendência tecnicista foi incorporada (1960 e 1970) à educação, Aranha (2006) afirma que o principal objetivo era investir na educação para aumentar o progresso econômico. Para a autora, mais uma vez a diferença de classes evidencia a desigualdade, enquanto houve uma lesão causada devido a grandes exigências, burocracias e o domínio das atividades propostas no ensino público.

A pedagogia tecnicista se desenvolveu inspirada no modelo fabril Taylorista, tendo como princípio a racionalização e eficiência da produtividade. (SAVIANI, 2008).

**Redemocratização – pós Constituição de 1988**

A década de 1980 foi marcada por fortes mudanças. Uma delas foi o enfraquecimento do regime militar, e segundo Aranha (2006, p.320) estava “entrando em curso o lento processo de democratização” brasileiro.

Em 1º de fevereiro de 1987, foi instalada a nova Constituição brasileira, como explica Piletti e Piletti (2008, p.218)as “emendas populares” alcançaram milhões de assinaturas, numa tentativa de fazer com que o povo passa-se a influir diretamente sobre os trabalhos constituintes.

A nova Constituição, ficou “conhecida como Constituição Cidadã, a Carta de 1988 pôs fim aos governos militares num momento em que o povo ansiava pela democracia, pelo direito de eleger seu presidente e pela busca de direitos individuais e coletivos” (STF, 2008, p.1).

Juntamente com a nova Constituição, obteve-se também uma nova LDB, como enfatiza Aranha (2006, p.324) “se lembrarmos da LDB anterior levara treze anos para ser aprovada (de 1948 a 1961), oferecendo no final um texto já envelhecido, havia motivo de preocupação a respeito de sua regulamentação[...]”. A LDB 9394/96, pela primeira vez, diferente do projeto anterior, teve a participação democrática da comunidade educacional, como afirma a autora.



Para Piletti e Piletti (2008) o processo de democratização não é algo tão fácil como se parece, pois ela está atrelada a muitos fatores sociais, no entanto, reitera que a escola não deve esperar que haja uma mudança da sociedade, mas sim, a própria instituição deve fazer mudanças internas, contribuindo para a democracia e possibilitando a participação de todos os membros da comunidade escolar na tomada de decisões.

Outra das políticas sociais implementada em 1990 foi o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA, “que propõe uma linha de ação acerca da execução de políticas de atendimento a criança e ao adolescente, e que impôs ao Estado e à sociedade uma série de obrigações e deveres que resultaram em uma grande rede de proteção social para crianças e adolescentes” (COSTA, 2012, p.11).

**A Indisciplina**

Para Boarini (2013, p. 124) a troca de letras, dificuldades e problemas na aprendizagem da leitura, escrita e matemática já não detêm o monopólio das queixas escolares. Deste modo segundo a autora, o lamento atual de muitos professores tem sido a desatenção às aulas, atrasos e agressões verbais. Essas situações tem sido o mais preocupante, passando muitas vezes a se caracterizar como violência, pois ameaçam e ofendem, adoecendo as relações educacionais.

Vários pesquisadores buscam também definir a indisciplina, como Silva (2004 p.21) “o termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização”. Normas estas que segundo Rebelo (2017), surgiram com as ideias modernas do homem flexível que prematuramente, começasse a moldar e polir as crianças.

Parrat-Dayan (2008), expressa que a indisciplina é uma transgressão ao regulamento interno, uma afronta as boas maneiras. A autora afirma que “o conceito

de disciplina está relacionado com a existência de regras, e o de indisciplina a com a desobediência dessas regras" (p.18).

Esse tipo de ensino, presente ainda hoje em muitas escolas do país, tem suas raízes na concepção da tendência Liberal do séc. XVIII, como afirma Rebelo (2007), propiciando o encarceramento e domínio do homem. A autora ressalta que, um dos pontos mais importantes desta ideologia, era a conformidade e a quietude durante a transmissão dos conceitos da cultura dominante, neste caso, propagados pelo professor.



Neste caso, o aluno sente-se desajustado, pois aquilo q é transmitido não faz parte de sua vivência. Libâneo (1994) afirma que "o aluno apenas adquiria a matéria e a memorizava, formando assim um ser humano dissociado da realidade concreta, ou seja, dos impasses reais da sociedade e da vida".

Esse desajuste acaba por contribuir com a indisciplina, já que, impossibilita o aluno de manifestar sua cultura, contraria a cultura dominante, como reforça Rebelo (2007, p. 49) "com isso sua identidade e perspectivas de futuro melhor diminuem e, "não tendo mais nada a perder" denuncia a discriminação da qual é vítima por meio de atitudes incômodas entendidas por essa concepção como indisciplina".

## Considerações Finais

Ao percorrer a história da educação, podemos constatar que a relação entre professor e aluno nos diversos períodos históricos era tensa, onde predominava a autoridade do professor. O aluno era apenas um mero receptor, além de sofrer com castigos físicos, considerados normais e pedagógicos. No entanto, com o advento da Constituição de 1988, e posteriormente ECA, passando a assegurar que não houvesse mais agressões ou castigos físicos.

Permeando essas reflexões, a obrigatoriedade do ensino passou a proporcionar a todas as classes sociais o acesso à educação, sendo às diferentes Tendências Pedagógicas, cada qual com sua contribuição, uma maneira de refletir às práticas pedagógicas utilizadas até então e buscar nas atuais novos modelos para se conseguir uma educação crítica e emancipadora para o sujeito.

É importante evidenciar que este trabalho não buscou culpabilizar o professor pelos atos de indisciplina recorrentes na escola, mas sim evidenciar como

sua prática pedagógica sofreu e ainda sofre influências dos desejos do Estado e das Tendências Históricas da Educação, onde, partindo desse pressuposto, espera-se que haja uma reflexão sobre mudanças urgentes necessárias que influenciaram no comportamento dos alunos em sala, principalmente o fato do gosto dedicar-se ao estudo.

Cada uma das tendências pedagógicas evidenciadas, tiveram sua importância no cenário educacional, analisando o contexto histórico e interesses políticos que as envolviam, elas são resultado do trabalho de diversos pensadores e educadores que a seu modo mudaram os rumos da educação no Brasil. Por este modo, cabe a nós professores e pesquisadores continuarmos a tecer reflexões sobre a temática, além da prática pedagógica. Deste modo, este trabalho abre novas possibilidades de estudo e novas produções.



**Referências**

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil.** A questão da indisciplina na sala de aula. Petrópolis RJ: Vozes, 2007.

AQUINO, Júlio Gropa (Org.). **Autoridade e Autonomia na Escola.** São Paulo: Sumus. 1999.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil.** São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. **Constituição (1998).Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília**: Senado Federal, 1988

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 2008.

GIRALDELI JUNIOR, Paulo. **História da Educação Brasileira.** São Paulo: Cortez, 2009.

GIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia e História da Educação Brasileira.** São Paulo: Manole, 2003.

HILSDORF. Maria Lucia Spedo. História da Educação Brasileira: Leituras. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** Tradução Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

SAVIANI. Demerval. **Escola e Democracia.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

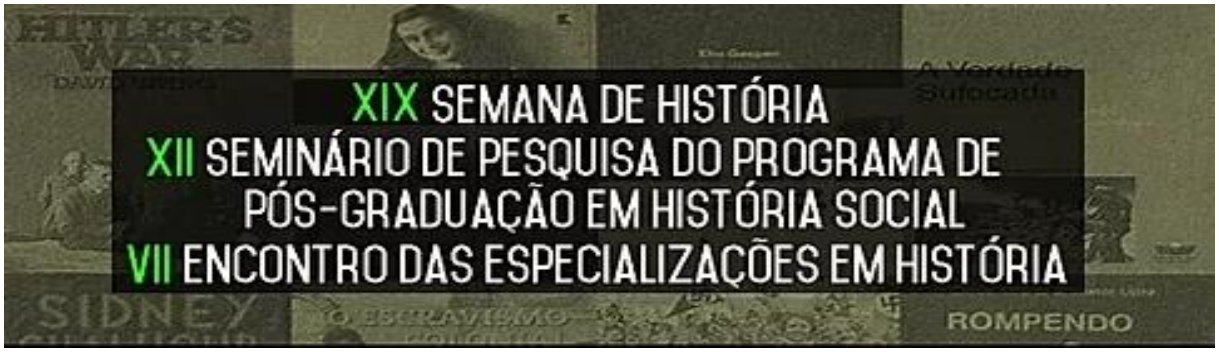
SAVIANI. Demerval**.** História das Ideias Pedagógicas no Brasil. **Campinas, SP: Autores e Associados. 2008**

SILVA NETO, Claudio Marques da. **Indisciplina e violência no espaço escolar: aprendizagem e participação como fundamentos da ordem.** 2011. 137p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, Indisciplina e Violência nas Escolas.** Petrópolis: 2004.

TAILLE. Yves de La. A Indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO. Julio Groppa (org). **Indisciplina na Escola. Alternativas Práticas e Teóricas.** São Paulo: Sumus, 1996.

TAVARES, Tatiane salvador da cruz. **Indisciplina escolar e sua influência no aprendizado.** 2012. Disponível em http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2293/1/MD_ENSCIE_III_2012_80.pdf.






# OS ESTADOS UNIDOS, A AMÉRICA LATINA E O BRASIL: RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA FRIA

Vinicius Marcondes Araújo

Graduação – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Orientador: Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar resumidamente as características da política externa dos Estados Unidos para a América Latina, e em especial para o Brasil, no período entre os anos finais da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria (1944-48). Historicamente percebida pelos Estados Unidos como uma extensão natural de sua influência continental, a América Latina adquiriu importância singular no contexto da Segunda Guerra – momento em que, salvo algumas exceções, estreitaram-se os laços de cooperação no hemisfério. Os anos finais do conflito trouxeram aos países latino-americanos esperanças de maior cooperação e auxílio da grande potência do Norte para seu desenvolvimento interno e projeção internacional. No caso brasileiro, esta percepção era ainda mais acentuada pela noção de ter uma "aliança especial" com os EUA dentro da América Latina, advinda de sua participação direta no conflito mundial. No entanto, conforme os Estados Unidos assumem um papel ativo na construção da ordem mundial pós-guerra, a América Latina acaba ficando de fora das prioridades americanas. Buscaremos, neste trabalho, através de leitura da bibliografia específica e análise e comparação de documentos diplomáticos produzidos pelos EUA no período, identificar as transformações nas projeções de cooperação – especialmente militar – que as relações interamericanas sofreram no período, tratando em especial do caso brasileiro.

**Palavras-chave:** Estados Unidos; América Latina; Brasil; Relações Internacionais;

## Introdução

A hegemonia política dos Estados Unidos sobre o restante do continente americano pode parecer hoje incontestável. A grande potência do norte teve,

historicamente, um papel decisivo em vários acontecimentos políticos na América Latina, e a história da exploração e subdesenvolvimento do continente não pode ser contada sem levar em conta o papel (norte) americano. A história das relações entre o país e o subcontinente, no entanto, não pode ser encarada de forma linear e progressiva, sempre apontando para o predomínio dos Estados Unidos; ao longo do século XX, e principalmente após a Segunda Guerra Mundial, os países latino-americanos encontraram espaços e condições para negociar sua participação na ordem hemisférica proposta pelos americanos.



O objetivo deste trabalho é apontar brevemente um histórico da política externa dos Estados Unidos para a América Latina, contrastando com sua posição historicamente assumida no cenário mundial, de forma a demonstrar como a Segunda Guerra inclui modificações neste relacionamento. Se nos primeiros momentos após o conflito os países latino-americanos criaram expectativas de um papel de peso na nova ordem internacional, os desdobramentos posteriores do cenário geopolítico pesaram no sentido contrário. Nesta trajetória, destacamos especialmente a forma como o Brasil se inseriu neste relacionamento, tendo em vista seu caráter de "aliança especial" com os Estados Unidos.

Para embasar as análises aqui propostas, buscamos a documentação disponibilizada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos em seu site oficial "*Office of the Historian*".

## 1. A política externa dos Estados Unidos para a América Latina: histórico

Antes de adentrar em uma análise específica das relações entre Estados Unidos e América Latina no contexto imediato do pós-Segunda Guerra, faz-se necessária uma breve exposição da história da política externa americana e de suas relações com os países da América Latina, assim como das características da política externa brasileira no mesmo período. Esta necessidade é reforçada pela natureza das fontes empregadas neste trabalho: tratando-se, em sua totalidade, de documentos diplomáticos produzidos pelo serviço externo americano, a compreensão de seu contexto de produção é tarefa fundamental para sua análise crítica.

A análise da política externa dos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra não pode prescindir de uma compreensão de seu desenvolvimento histórico,

conforme a perspectiva de teoria das relações internacionais elaborada por Duroselle (2000). Neste sentido, Cristina S. Pecequilo (2011) ressalta que o período estudado é justamente o momento de transição entre as duas principais etapas da política externa americana: entre o que a autora chama de fases "histórica", de 1776 até 1945, e "contemporânea", de 1945 até o pós-Guerra Fria. Segundo Pecequilo, a política externa dos Estados Unidos é historicamente marcada por um "alto grau de continuidade" em suas estratégias, sendo "[...] caracterizada por um acúmulo de tradições de comportamento internacional" (p. 473). Essas tradições foram construídas ao longo do período histórico, quando "[...] foram construídas as bases fundamentais da política externa norte-americana, que foram mantidas e retrabalhadas ao longo da evolução das relações internacionais dos Estados Unidos." (p. 30)



Identificando o que considera os "acontecimentos-chave" na história do país, Pecequilo (2011) subdivide o período histórico em uma fase de construção, desenvolvimento interno e expansão da nação, seguida pela modernização da economia e da sociedade americanas (1776-1898) e uma segunda fase de "reposicionamento relativo" dos Estados Unidos no mundo, quando seu potencial político e econômico ainda não corresponde a um engajamento ativo na construção da ordem internacional (1898-1945). Embora a autora aponte para este tímido posicionamento global dos Estados Unidos em seu período histórico, sua relação com o restante do continente americano seguiu a via contrária, ao apresentar, desde o século XIX, sinais de busca de garantias dos seus interesses externos.

A partir da enunciação da Doutrina Monroe (1823)[1] e da ideia do pan-americanismo, o continente passou a ser percebido pelos EUA como uma extensão normal e natural de seu interesse. Assim, qualquer ameaça ao hemisfério ocidental passaria a ser traduzida em uma ameaça aos Estados Unidos, sendo necessário excluir as ameaças e intervenções externas (nomeadamente, da Europa) para garantir a estabilidade doméstica. Portanto, a Doutrina Monroe estabelece a associação direta entre a segurança interna dos EUA e a de outros países americanos, favorecendo o estabelecimento do sistema americano com liderança dos EUA e a afirmação da identidade americana ante a europeia. O Corolário

[1] Enunciada pelo presidente James Monroe, previa a não intervenção das potências europeias nos países americanos. Frequentemente é resumida pela frase "América para os americanos".

Roosevelt à Doutrina Monroe (1904)[2], alcunhado "*big stick"*, viria a reafirmar a hegemonia americana no continente ao autorizar intervenções diretas em países latino-americanos, com vistas a garantir sua esfera de influência contra ameaças externa e internas. (PECEQUILO, 2011).

É apenas na década de 1930 que a política externa dos EUA para o continente viria a sofrer maiores mudanças em suas estratégias. As intervenções custosas e contraproducentes das décadas passadas deram lugar a uma política de defesa contra as ameaças externas e busca de estabilidade interna no continente através da cooperação enunciada na Política da Boa Vizinhança[3] do presidente Franklin D. Roosevelt (1933-1945). Esta política ativou o fluxo comercial e financeiro entre os países latino-americanos e a potência do Norte, criando esperanças de uma mudança real e definitiva nos padrões do relacionamento hemisférico. No entanto, a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, juntamente com a ascensão da União Soviética, passaram a exigir dos Estados Unidos um papel mais ativo na construção da ordem internacional do pós-guerra. O abandono definitivo do isolacionismo no cenário mundial é acompanhado por uma deterioração das relações hemisféricas. (PECEQUILO, 2011)



Embora os anos iniciais do pós-guerra tenham sido marcados por uma relativa indecisão na política externa americana, tanto em seu hemisfério quanto no restante do mundo, o amadurecimento da bipolarização no cenário mundial levaram à elaboração da doutrina da contenção, enunciada inicialmente pela Doutrina Truman (1947)[4]. A partir de então, o foco da política externa americana se direcionaria às regiões da Europa e Ásia mais vulneráveis ao perigo comunista, ficando o relacionamento hemisférico restrito a iniciativas e acordos militares e econômicos sempre aquém das necessidades latino-americanas para seu desenvolvimento. (PECEQUILO, 2011)

A alteração no tipo de atuação externa americana não deixaria de produzir seus efeitos internos nos países latino-americanos. Leslie Bethell e Ian Roxborough (1996) apontam para como, de maneira geral, os primeiros anos do pós-guerra

[2] Postulado pelo presidente Theodore D. Roosevelt, anuncia claramente as intenções de intervenção militar dos Estados Unidos sobre outros países americanos.
[3] Consistia em um esforço para a aproximação cultural entre Estados Unidos e América Latina e se materializaria através de investimentos e venda de tecnologia americana para os países latino-americanos.
[4] Expressa pelo presidente Harry Truman, designa um conjunto de práticas de política exterior visando a contenção do avanço do comunismo nas áreas mais "frágeis" e diretamente suscetíveis a revoluções, como o leste europeu e a Ásia.

produziram no continente ondas de democratização e/ou consolidação democrática, ascensão e legalização dos partidos comunistas e intensificação da militância trabalhista. Esta abertura teria contado com certo apoio dos Estados Unidos, no bojo das alianças estabelecidas na Segunda Guerra e para a construção da nova ordem internacional. No entanto, juntamente com a enunciação da doutrina da contenção, a abertura democrática geral no continente é freada, os partidos comunistas são proscritos e o movimento trabalhista é mais firmemente controlado pelos governos. Este recrudescimento seria explicado tanto pela atuação direta e/ou indireta dos Estados Unidos quanto pela acomodação das classes industriais latino-americanas às condições para a atração de capital estrangeiro: a adesão ao desenvolvimento capitalista liberal.



No Brasil, a participação na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados e as características políticas do regime do Estado Novo provocaram profundas mudanças em sua política externa. Se nos anos anteriores à guerra o país buscou jogar com as oportunidades comerciais disponíveis em busca de seu desenvolvimento industrial, em uma atitude de “equidistância pragmática”, a aproximação definitiva com os EUA, na década de 1940, depositou nesta relação bilateral todos os esforços diplomáticos do Brasil no sentido de modernizar sua economia. Ao fim do conflito mundial, o alinhamento com o governo americano vai se traduzir na instrumentalização da política externa em função de preocupações político-sociais internas, como na cassação do Partido Comunista. (RICUPERO, 2017; CERVO & BUENO, 2011)

Portanto, podemos observar uma tendência histórica na política externa americana de manter uma postura isolacionista no cenário mundial, passando à sua liderança após 1945, e ao mesmo tempo de manter a América Latina sob sua área de influência e intervenção desde o século XIX, confirmando sua hegemonia continental durante o século XX.

## 2. A Segunda Guerra Mundial: criação de expectativas

Durante a Segunda Guerra Mundial, o continente americano aderiu praticamente em bloco ao esforço de guerra dos Aliados, com a exceção da Argentina e do Chile que mantinham certa neutralidade no conflito. Todos os países contribuíram de alguma forma, através do fornecimento de matérias-primas, cessão

de pontos estratégicos e de bases militares para as forças dos Estados Unidos. Alguns, como no caso do Brasil e do México, enviaram tropas para os campos de batalha na Europa.

Os prospectos positivos da participação latino-americana na Segunda Guerra descortinavam um horizonte de contínua cooperação militar com os Estados Unidos. Em 1º de agosto de 1944, o Secretário de Estado americano envia para seus representantes diplomáticos no Peru, Chile, Cuba, Colômbia, Venezuela, Uruguai e Equador uma circular onde "[...] propõe que sejam empreendidas conversações bilaterais com vistas a lançar as bases para a contínua colaboração militar entre as Repúblicas Americanas no período pós-guerra" [5]. Caso as respostas dos governos latino-americanos fossem assertivas, seriam enviados oficiais dos EUA para iniciar as discussões. O documento ressalta a diferença entre as conversações mantidas no período da guerra com as do momento: nestas últimas, o objetivo do "[...] estabelecimento de uma organização internacional geral com funções de segurança é antecipado".



Anexado a esta circular, um conjunto de instruções elaboradas pelos departamentos de Estado, da Guerra e da Marinha dos Estados Unidos foram enviadas aos seus representantes diplomáticos e adidos militares e navais[6]. As instruções deveriam guiar as conversações com os representantes das forças militares e navais nas repúblicas latino-americanas, assumida a preocupação americana com a segurança hemisférica no pós-guerra. Embora o documento consultado seja proveniente dos arquivos da embaixada americana em Quito, é provável que as mesmas instruções, ou ao menos seus parâmetros gerais, também tenham sido endereçados às embaixadas e ao pessoal militar e da marinha no Brasil. Desta forma, é possível que a análise deste documento elucide as posições e preocupações dos EUA quanto à cooperação militar no continente.

Dividida em 15 itens, as instruções partem das considerações do governo dos EUA quanto ao afastamento das ameaças nocivas ao continente (com o

---

[5] Documento: (87) The Acting Secretary of State to Certain Diplomatic Representatives in the American Republics, 01/08/1944. In: U. S. DEPARTMENT OF STATE. **Foreign Relations of the United States** [doravante citado como **FRUS**]: Diplomatic Papers, 1944, The American Republics, Volume VII. Washington: United States Government Printing Office, 1967. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1944v07/d87>.

[6] Documento: (88) Instructions for Staff Conversations With Military and Naval Representatives of the Other American Republics, s/d. In: U. S. DEPARTMENT OF STATE. **FRUS**: Diplomatic Papers, 1944, The American Republics, Volume VII. Washington: United States Government Printing Office, 1967. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1944v07/d88>.

eminente fim da Segunda Guerra Mundial) e sinaliza a preocupação com a segurança militar pós-guerra no hemisfério, remetendo aos princípios de cooperação estabelecidos na Declaração de Lima (1938) e do Encontro de Chanceleres em Havana (1940). O documento reafirma o conteúdo das conversações anteriores, estabelecidas no início da década de 1940 e dos acordos de compra de armamentos via *Lend-Lease*, firmados em 1941, apontando para a necessidade de reexaminar, em novas condições, os acordos existentes e trocar informações para a defesa hemisférica. Para colocar em prática tais objetivos, as repúblicas latino-americanas deveriam e poderiam: receber armamentos novos ou sobressalentes padronizados pelos EUA, consideradas sua necessidade e capacidade de armazenamento seguro; receber assistência das Forças Armadas americanas para defesa em caso de agressão externa, caso solicitadas; e receber treinamento e assistência técnica de profissionais americanos.



Entre as premissas declaradas pelo documento, temos que os EUA teriam um papel de zelar pela defesa do hemisfério e as demais repúblicas americanas teriam um papel de importância em uma futura organização internacional de segurança, as forças armadas das repúblicas deveriam estar em harmonia com seus recursos e estrutura e a cooperação militar teria como propósitos a segurança do ocidente, a manutenção da segurança e da ordem interna, a defesa local, a proteção da navegação costeira e da marinha mercante americana e o provimento de instalações militares para uso dos EUA. Como objetivos gerais, as conversações deveriam estabelecer uma base permanente para as relações militares e promover a política americana de organização da paz e segurança no hemisfério, introduzir seus materiais, missões, métodos de organização, operação e treinamento e eliminar as competições interamericanas. Para isso, as tarefas primordiais seriam assegurar o desejo dos governos latino-americanos quanto ao tamanho e a composição de suas forças de defesa, fornecer aos representantes diplomáticos dados relativos aos acordos militares, padronizar os armamentos utilizados e estabelecer missões de treinamento. Como fatores a serem considerados, o documento ressalta as políticas externas dos EUA para o hemisfério e das repúblicas latino-americanas entre si e para os EUA, as políticas domésticas latino-americanas que afetam diretamente as forças armadas, como as referentes aos recursos nacionais humanos, materiais e estruturais, além de considerações estratégicas em geral, relativas às forças navais e militares já existentes.

Neste cenário, o Brasil era visto como um aliado preferencial, e prova disto aparece em um memorando[7] enviado pelo Embaixador americano no Brasil, Jefferson Caffery, ao presidente Getúlio Vargas, em 10 de julho de 1944. O documento sugeria que os governos americano e brasileiro iniciassem conversações formais com vistas a construir o aparato de segurança do hemisfério ocidental, firmando um acordo de segurança militar. Segundo Caffery, o governo americano se comprometeria a fornecer material bélico ao Brasil sob condições de pagamento diferentes do *Lend-Lease*, considerando seu desejo em manter eficientes e preparadas as Forças Armadas brasileiras. Para coordenar os esforços de defesa, as Comissões Conjuntas (JBUSDC e JBUSMC) seriam mantidas, com a função de expor recomendações concernentes às necessidades brasileiras em matéria de equipamento bélico e outras considerações de natureza técnico-militar, como métodos de treinamento para operação e manutenção adequada dos equipamentos.



Vargas responderia ao governo americano através de uma reunião em seu gabinete no palácio do Catete. Em 5 de outubro de 1944, o presidente se reuniu com oficiais e adidos militares e navais dos EUA, além de seus ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica, para anunciar que estava de acordo com os termos do memorando de Caffery. Segundo Walter J. Donnelly, encarregado de negócios da embaixada americana no Brasil que reportou o encontro via telegrama[8] ao Departamento de Estado, Vargas teria se expressado “de maneira extremamente amistosa e sincera”, expressando confiança no sucesso das conversações e demonstrando estar satisfeito com o pessoal selecionado para tal propósito.

## 3. O pós-guerra: quebra de expectativas

Retomando a tese de Pecequilo (2011), as intenções de cooperação apontadas anteriormente revelam que a política externa dos EUA para a América Laina nos primeiros anos do pós-guerra (1945-47) foi marcada pela sua relativa

[7] Documento: (100) Memorandum by the American Ambassador in Brazil (Caffery) to the President of Brazil (Vargas), 10/07/1944. In: U. S. DEPARTMENT OF STATE. **FRUS**: Diplomatic Papers, 1944, The American Republics, Volume VII. Washington: United States Government Printing Office, 1967. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1944v07/d100>.

[8] Documento: (99) The Chargé in Brazil (Donnelly) to the Secretary of State, 10/10/1944. In: U. S. DEPARTMENT OF STATE. **FRUS**: Diplomatic Papers, 1944, The American Republics, Volume VII. Washington: United States Government Printing Office, 1967. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1944v07/d99>.

indecisão e até mesmo um clima de parceria e criação de expectativas mútuas com relação às demais repúblicas sul-americanas. No entanto, tais relações logo caíram para o descaso, com os Estados Unidos não atendendo as expectativas de cooperação militar dos países americanos:

> [...], o estabelecimento de uma série de tratados bilaterais militares entre os Estados Unidos e os países da região, entre os quais o Brasil, tentaram explorar tais potencialidades, mas todas essas iniciativas estiveram muito aquém das necessidades e das prioridades latino-americanas na época. (PECEQUILO, 2011, p. 220)



Contribuiu para este "decaimento" o fato da América Latina não ser mais percebida como prioritária no quadro de poder que se configurava no sistema internacional, prenunciando a Guerra Fria. Permaneciam os ideais de cooperação e solidariedade na política externa dos EUA para a América Latina, mas apenas na retórica. Estes ideais conduziram a criação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), em 1947, e a fundação da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1948, inspirados nos ideais de segurança coletiva e cooperação política do pan-americanismo, mas não foram capazes de superar o clima de parceria e otimismo da Política da Boa Vizinhança, que conduziu as relações com a América Latina no período da guerra. Com o fim desta, os EUA direcionam suas preocupações para a Ásia e Europa, mais suscetíveis à influência soviética, e só voltam a depositar atenção na América a partir da segunda metade da década de 1950, quando os ânimos contra os Estados Unidos se agitam no continente.

A correspondência da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil também deixa transparecer a vontade desta em limitar a atuação dos militares nas relações políticas com o Brasil. Adolf Berle, Embaixador americano no Brasil, demonstrava preocupações quanto ao controle militar de elementos vitais para a vida civil, como as comunicações aéreas, e quanto à tendência entre os oficiais americanos designados para missões de treinamento em transformar seus pelotões em "pequenos exércitos". Não por acaso, para evitar estes frequentes conflitos de jurisdição, o Departamento de Estado americano e os departamentos da Guerra e da Marinha travaram discussões que foram sintetizadas pela "Declaração de Procedimentos de Conduta em Conversações Bilaterais de Pessoal Militar na América Latina"[9], encaminhado para os representantes militares e diplomáticos dos

[9] Documento: (106) Memorandum by the Acting Director, Office of American Republic Affairs (Armour), to the Secretary of State, 07/12/1944. In: U. S. DEPARTMENT OF STATE. **FRUS**: Diplomatic Papers, 1944, The American Republics, Volume VII. Washington: United States

EUA na América Latina em dezembro de 1944.

Este documento, composto de sete princípios reguladores, deveria formar a base para o relacionamento entre os representantes diplomáticos e militares, chamando a atenção para a responsabilidade do Departamento de Estado nas relações exteriores e reforçando os direitos e deveres dos embaixadores americanos. Segundo os princípios, o embaixador deveria: estar presente ou representado em qualquer discussão, sendo integralmente informado de seus desenvolvimentos; responsabilizar-se pelos arranjos preliminares e por qualquer contato político; ter poder de veto ou de bloqueio a qualquer resolução, sujeito a revisão pelos Departamentos; se abster de dar direcionamentos técnicos a assuntos específicos militares ou navais. Para regular as relações entre o embaixador e os oficiais militares, ficavam designados os Departamentos de Estado e da Guerra dos Estados Unidos.



No Brasil, a quebra de expectativas foi especialmente sentida. Entre março e abril de 1945, os oficiais de alto escalão do Exército, Marinha e Aeronáutica brasileiros elaboraram, em conjunto com seus pares americanos, três planos de incremento e modernização das Forças Armadas para a defesa hemisférica no pós-guerra. Os planos previam o auxílio dos EUA no fornecimento de material militar padronizado, construção e reforma de bases e campos de treinamento e o investimento na modernização das Forças Armadas brasileiras de forma que se tornassem “as mais poderosas no hemisfério sul, capazes de enfrentar sozinhas qualquer combinação de seus vizinhos americanos”! Estes planos foram fortemente desencorajados pelo embaixador americano no Brasil, Adolf Berle Jr.[10].

O diplomata alegou que as conversações que desembocaram na elaboração dos planos não contaram com a presença de um membro civil da embaixada, e que as propostas contidas no documento estavam muito além do que seria necessário e interessante para o desenvolvimento econômico do Brasil. Apesar de admitir que as propostas contribuiriam para que o Brasil cooperasse com a política de segurança hemisférica dos EUA, afirmava que suas limitações

---

Government Printing Office, 1967. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1944v07/d106>.

[10] Documentos: (465) The Ambassador in Brazil (Berle) to the Secretary of State, 26/07/1945; (466) The Ambassador in Brazil (Berle) to the Secretary of State, 26/07/1945; e (467) The Ambassador in Brazil (Berle) to the Secretary of State, 27/07/1945. In: U. S. DEPARTMENT OF STATE. **FRUS:** Diplomatic Papers, 1945, The American Republics, Volume IX. Washington: United States Government Printing Office, 1969. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1945v09/ch22>

econômicas clamavam pela necessidade de privilegiar o desenvolvimento econômico interno, como investimentos em grandes obras de infraestrutura. Assim, as Forças Armadas receberiam apenas o mínimo necessário para a manutenção da segurança hemisférica, ainda sob encargo preponderante dos Estados Unidos.[11]

Desta forma, a documentação diplomática consultada demonstra as transformações nos parâmetros iniciais de cooperação militar dos Estados Unidos com a América Latina e o Brasil no pós-guerra. O clima inicial de otimismo e altas expectativas é logo pragmaticamente substituído pelas considerações da real capacidade e necessidade das repúblicas latino-americanas em assumirem encargos de defesa tão elevados. Em tempos em que os continentes europeu e asiático eram objetos das maiores preocupações por parte dos EUA, a América Latina era tida como relativamente "segura", e os temores dos membros do serviço diplomático eram muito mais de garantir sua participação e controle nas conversações de assuntos militares, em vistas à preocupante autonomia dos oficiais encarregados.



## Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo levantar alguns apontamentos iniciais que pudessem favorecer uma futura ampliação da pesquisa sobre as relações entre Estados Unidos e América Latina. Assim, ressaltamos a importância do breve período entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria como um momento de transição nas Relações Internacionais como um todo, e que se reproduzirá de maneira particular na América Latina. Neste novo cenário, ganha destaque a atuação externa do Brasil em relação aos Estados Unidos e seus vizinhos sul-americanos: o comportamento brasileiro parece denunciar um conflito entre a afirmação de sua liderança regional e a submissão a um projeto continental dos EUA. Finalmente, podemos pensar a América Latina como um todo na ordem do pós-guerra, ressaltando sua atuação externa e as implicações políticas provenientes – mesmo que a tarefa seja desafiadora, frequentemente os *policy-makers* das grandes potências planejam seus objetivos internacionais em termos de grandes blocos de poder.

[11] Idem

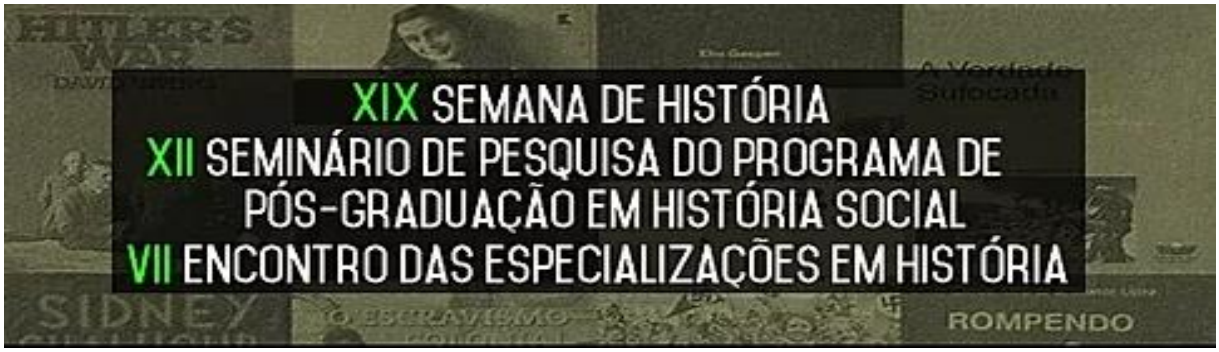
**Referências bibliográficas**

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil.** 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2011.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá:** Teoria das Relações Internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos:** continuidade ou mudança? 3.ed. ampl. e atual. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.






# OS *CRISTIANOS POR EL SOCIALISMO* E O PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO NO GOVERNO DE SALVADOR ALLENDE (1970 – 1973)

Eduardo Matheus de Souza Dianna
Mestrando em História pela UNESP/FCL Assis – bolsista CAPES

**Resumo:** A comunicação aqui apresentada tem o intuito de analisar a relação política entre o movimento social/sacerdotal dos *Cristianos por el Socialismo* (CpS) e o *Partido Demócrata Cristiano* (PDC) no Chile, no governo de Salvador Allende e da *Unidad Popular* (UP). Por meio de eleições diretas, em setembro de 1970, a UP chegou ao poder trazendo um projeto de construção do socialismo sustentado pela legalidade constitucional; experiência que ficou conhecida como "via chilena ao socialismo". O processo teve como uma de suas características mais singulares a tentativa, por parte do governo, de dar voz aos setores e grupos populares do país, ao incluí-los no jogo político. Nessa conjuntura surgiu o CpS (1971), um grupo formado por sacerdotes e teólogos, chilenos e estrangeiros, que a partir da vivência com a classe trabalhadora passariam a discutir o papel da Igreja e dos cristãos em geral no processo de construção do socialismo. Distantes da alta hierarquia episcopal, os integrantes do movimento enxergavam com maus olhos a tentativa de aproximação política da UP com o PDC, bem como a noção de reformismo social-cristão que se fazia presente na consciência dos chilenos à época. As fontes utilizadas neste trabalho são: *¿Qué hacer? Cristianos en el proceso socialista (1972)* e *Definición socialista de CpS (1973).*

**Palavras-chave:** Chile; *Cristianos por el Socialismo* (CpS); *Partido Demócrata Cristiano* (PDC).

## *Introdução*

Este texto é produto de uma reflexão inicial de minha pesquisa de mestrado intitulada *Entre Deus e a revolução: Cristianos por el Socialismo e o Chile de Allende.* O objetivo aqui é o de analisar a relação entre o movimento clerical e social dos *Cristianos por el Socialismo* (CpS) e o *Partido Demócrata Cristiano* (PDC) no Chile, no governo de Salvador Allende e da *Unidad Popular* (UP), entre os anos de 1970 a 1973.

Na primeira parte do texto trataremos da formação do movimento democrata cristão na América Latina, pontuando suas primeiras organizações e elencaremos os elementos norteadores do pensamento social cristão chileno. Na segunda parte discutiremos o desenvolvimento e consolidação do PDC no Chile, sublinhando suas raízes históricas e seu envolvimento com a Igreja Católica. Na terceira parte discutiremos a respeito do papel de oposição desempenhado pelo PDC no governo da UP. Por fim, na quarta parte deste texto, abordaremos o movimento do *Cristianos por el Socialismo* no período e sua resistência às teses reformistas social-cristãs, amplamente difundidas pelo PDC.



***Breve histórico da Democracia Cristã na América Latina***

As transformações da sociedade industrial, dentre outras coisas, alteraram as relações sociais, de produção e trabalho de maneira profunda. O capitalismo industrial - enquanto uma nova fase ou uma reorganização desse sistema econômico - e o surgimento de um movimento operário urbano com tendências revolucionárias, são consequências da conjuntura.

Atuando como instituição e um ator político no período, a Igreja Católica percebeu as aspirações dos "novos tempos" e iniciou, desde o final do século XIX, um processo que promoveu certa transição de seu entendimento conservador da sociedade para uma compreensão com mais ênfase no social. A encíclica papal *Rerum Novarum* (1891) contribuiu em grande medida para isso, uma vez que a fez refletir sobre os problemas de seu tempo: as novas relações de trabalho, a desigualdade e carestia da classe trabalhadora, as crescentes tensões entre burguesia industrial e um movimento operário grevista, entre outros.

Com o objetivo figurar-se como uma força alternativa entre os tradicionais partidos de direita e de esquerda, começaram a surgir organizações político-partidárias católicas que, após o final da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), conformariam as Democracias Cristãs (DC). (BUSETTO, 1998)

Nesse sentido, conforme Busetto (1998), as DCs constituíram-se entre o declínio do poder da direita tradicional e o crescimento da influência dos socialistas/comunistas. Pretendendo estabelecer-se como uma "terceira via", com um projeto e um caminho próprio distante do capitalismo selvagem e do marxismo, as DCs passaram "a se constituir numa força político-ideológica considerável" (BUSETTO, 1998, p.9). E completa:

> Muito mais uma ação social que propriamente um movimento político, a corrente democrata cristã somou ao seu projeto de aliança do cristianismo com o povo às aspirações liberais, às preocupações sociais e à religiosidade romântica e ofereceu um programa social fundamentado sobre o entendimento entre capital e trabalho, preconizando a participação dos operários nos lucros e a defesa da livre associação dos trabalhadores (BUSETTO, 1998, p.10)

Na Europa, as DCs buscaram integrar-se e ocupar espaço no campo da política desde o início. Por outro lado, na América Latina até o final da Segunda Guerra Mundial, as DCs permaneceram como uma corrente mais restrita aos círculos católicos. A organização de um movimento político democrata-cristão ganharia impulso somente após a realização do "I Congresso de Democracia Cristã na América", em Montevidéu, na primeira metade de 1947. O encontro logo ficaria conhecido como Movimento de Montevidéu. (BUSETTO, 1998)



Conforme Busetto (1998), no Congresso, militantes e políticos católicos latino-americanos buscaram elaborar um plano de ação para a consolidação de uma "terceira via" de desenvolvimento para o continente. A Declaração de Montevidéu - documento editado pelo Congresso -, em seu programa de princípios explicita

> sua filiação aos ensinamentos da Doutrina Social Cristã e ao 'humanismo integral' de Maritain[12], definindo o movimento como aconfessional e aberto ao ingresso de todos os que aceitassem os pressupostos por ele defendido (BUSETTO, 1998, p.13-14)

Segundo o autor, o documento produzido pelas lideranças do Congresso acabou por representar a inauguração pela busca de um caminho por reformas nas estruturas sociais e econômicas latino-americanas, mas também de uma "alternativa política democrática num contexto marcado pelo autoritarismo, clientelismo". (BUSETTO, 1998, p.16)

É possível compreender a DC, portanto, como uma filosofia política e social-cristã, fundamentada no reformismo enquanto ação estrutural da sua política. Na América Latina, esse pensamento social-cristão teve sua maior ênfase no Chile e pode ser compreendido historicamente a partir de seis paradigmas (DEVÉS-VALDÉS, 2010, p.128 - 129):

---

[12] Jacques Maritain (1882 – 1973) foi um filósofo francês. Suas obras influenciaram o movimento da Democracia Cristã como um todo. Conforme Busetto (1998, p.28) a doutrina de Maritain propunha um "ideal histórico concreto, centrado na construção de uma sociedade inspirada nos essenciais valores cristãos, na qual as demandas por liberdades democráticas e justiça socioeconômica devem ser atendidas". De maneira geral, sua concepção de Humanismo Integral, além de ser elemento chave para refletir sobre a Doutrina Social da Igreja, objetivava retomar a ideia de uma democracia de inspiração cristã.

O primeiro deles Encíclica *Rerum Novarum* (1891), já mencionada. Ao primeiro paradigma se incorpora o segundo, a Encíclica *Quadragésimo Anno* (1931), que ressalta um componente anticapitalista liberal e corporativista. Surge a noção de deveres sociais dos católicos e se insiste no sindicalismo cristão.

O terceiro paradigma é formulado por volta dos anos 1950 e substitui a noção de corporativismo por cooperativismo e comunitarismo. Há um reconhecimento do valor do regime democrático com mais ênfase que no passado. Segundo Devés-Valdés (2010), aparece a noção desenvolvimento e promoção popular e do campesinato, assim como a noção de mudança estrutural.



O quarto paradigma é formulado por volta dos anos 1970 a partir de noções como dependência, libertação, socialismo e conscientização. Postula que as lutas de libertação e a revolução em si são os métodos para as mudanças estruturais.

O quinto paradigma esteve estruturado na noção de direitos humanos e democracia. Buscou articular a defesa da vida em geral e dos direitos civis, políticos, econômicos e sociais.

O sexto paradigma diz respeito à noção de multiculturalismo e direito à diferença, particularmente entre os setores sociais e indígena.

### *A consolidação do Partido Democrata Cristão chileno*

Desde a segunda metade do século XIX, as aspirações católicas chilenas no âmbito da política estavam conformadas no Partido Conservador[13] (GIRAUDIER, 2014). No entanto, nos anos 1935 ocorreu uma divisão entre os conservadores e sua ala mais jovem, liderada por Eduardo Frei Montalva, Manuel Antonio Garretón Walker, Radomiro Tomic e outros, fundaram a Falange Nacional – (FN).

Na qualidade de um novo partido, a Falange Nacional (1935 – 1957) obteve alguma expressão eleitoral nas duas décadas subsequentes[14]. Em 1957 a partir da associação entre conservadores e falangistas, simpáticos pela Doutrina Social da Igreja, foi fundado o Partido Democrata Cristão (PDC). (KALLÁS, 2008)

---

[13] De acordo com Kallás (2008, p.51), a direita chilena até os anos 1930 era constituída pelo Partido Conservador e pelo Partido Liberal. Segundo a autora, a diferença entre os partidos era justamente seu grau de adesão à Igreja Católica. Enquanto os conservadores se consideravam uma agrupação confessional e buscavam representar a Igreja politicamente, os liberais eram anticlericais.

[14] A Falange Nacional participou de cinco eleições parlamentares. Na primeira, em março de 1941, conseguiu eleger três deputados. Na terceira, em 1949, conseguiu eleger outros três deputados e seu primeiro senador, Eduardo Frei Montalva. Em sua última eleição, em 1957, 14 deputados falangistas foram eleitos. Mais informações sobre o papel desempenhado pelo partido no cenário político chileno podem ser consultadas em: https://www.bcn.cl/historiapolitica/partidos_politicos/wiki/Falange_Nacional Acesso em: 25 de novembro de 2019

Em um estatuto firmado em 1960, o PDC chileno se definia como:

> uma organização política popular, não confessional, de inspiração cristã, que pelos meios democráticos luta para implantar uma sociedade comunitária na qual impere a liberdade e a justiça e que no plano internacional promova a paz e a cooperação entre todas as nações e a unidade dos povos latino-americanos (PARTIDO DEMÓCRATA CRISTIANO, 1960, p.5) [tradução nossa]



Embora a DC chilena afirmasse seu caráter de partido não confessional, ou seja, de que não eram comprometidos com uma religião ou ideologia em específico, Carlos Huneeus (2003) anota que

> Seus principais dirigentes foram católicos envolvidos nas organizações juvenis da Igreja e que durante seu desenvolvimento, receberam respaldo de importantes bispos e sacerdotes, porque impulsionavam uma ação política que se identificava com sua Doutrina Social (2003, p.7) [tradução nossa]

Apesar das discussões nesse sentido serem fecundas, é certo que o PDC representava uma força jovem já integrada ao campo da política e espelhada na renovada postura da Igreja Católica no pós-guerra (KALLÁS, 2008). Segundo Aggio (2002, p.97), o partido estava inclinado a evangelizar as massas proletárias, aparecendo como um renovador da concepção católica do mundo e da política, ao vincular elementos de natureza pública aos objetivos de salvação pessoal.

Assim, entre o final dos anos 1950 até 1973, a DC é entendida como a representação política da Igreja Católica no Chile, especialmente porque seus estatutos afirmavam seu caráter cristão (GIRAUDIER, 2014). Esses estatutos guardavam muitas semelhanças com as encíclicas papais, sobretudo a *Rerum Novarum*, de 1891. No entanto, o PDC não atuou estritamente como um agente católico partidário ou como um braço secular da Igreja na política. O partido reunia as aspirações dos católicos no âmbito da política, garantindo uma presença cristã nesse campo. Nesse sentido, mantinham boa relação com a hierarquia, mas sem estar subordinada a ela. (HUNEEUS, 2003)

A base social do PDC foi formada majoritariamente por estratos das classes médias e por trabalhadores da cidade e do campo, além da burguesia nacional. Por isso, desde o momento da sua fundação, o PDC foi capaz de construir-se sob a estrutura de um partido policlassista, na medida em que conseguia reunir o interesse de variadas camadas sociais. (ALTAMIRANO, 1979)

Assim, em 1964 a DC chilena apareceu como uma força política renovadora e moderna, com um programa singular que combinava desenvolvimento econômico

e justiça social. Um projeto factível e claro para os problemas chilenos e que agradava boa parcela das camadas sociais. Sob esses termos, naquele ano o PDC obteve seu maior êxito eleitoral: elegeu o candidato Eduardo Frei Montalva à presidência do Chile, com seu lema “Revolução em Liberdade”.

Ao ocupar o centro do campo político e buscar ser uma alternativa aos partidos marxistas e da direita, a agenda democrata cristã, de cunho reformista, previa uma série de medidas políticas e econômicas com o intuito de modernizar as estruturas do país. Para isso, conforme Patricio Dooner (1985), a DC levou a cabo um projeto de reforma agrária, de sindicalização de camponeses, de fortalecimento do movimento sindical e urbano, de nacionalização da mineração do cobre; também buscou melhorar as condições de saúde, educação e moradia dos trabalhadores e da população marginalizada.



Contudo, o programa da “Revolução em Liberdade” não foi integralmente cumprido. De acordo com Francis e Vera-Godoy (1971), a maior falha da administração de Eduardo Frei foi sua incapacidade de controlar a inflação, embora tenha obtido certo sucesso no início. Segundo os autores, o PDC herdou do governo Jorge Alessandri (1958 – 1964) uma taxa de 38% de inflação ao ano, que em 1966 havia sido reduzida a 17%. No entanto, nos três anos seguintes a taxa subiu a 30%, alcançando 35% em 1970.

Assim, em setembro de 1970, Salvador Allende Gossens e a UP chegaram ao poder por meio de eleições diretas. Radomiro Tomic, candidato da DC nas eleições presidenciais e Jorge Alessandri do Partido Nacional (PN), saíram derrotados.

### *O PDC em oposição ao governo da UP*

O PDC, por ter se tornado o maior partido político chileno na segunda metade dos anos 1960, por ter ocupado a cadeira presidencial no mandato anterior e por buscar ser uma alternativa aos partidos de esquerda e de direita, naturalmente se colocou como oposição ao governo.

Após um início relativamente tranquilo, com o importante apoio do PDC a Allende no processo de ratificação[15] ao cargo da presidência no Congresso

[15] A lei eleitoral chilena previa que o cargo da Presidência da República fosse ratificado pelo Congresso Nacional, caso o candidato não obtivesse a maioria absoluta dos votos válidos (Allende obteve pouco mais de 36% dos votos). Carlos Altamirano (1979), Patricio Dooner (1985), Alberto Aggio (2002), Carlos Huneeus (2003) e outros, destacam o apoio fundamental do PDC nesse

Nacional, o cenário se transformou. De acordo com Altamirano (1979), nos anos de governo da UP, o PDC não aceitou uma aliança com a esquerda. Embora houvesse no partido um setor progressista que enxergava uma possibilidade de acordo com as forças populares, “este setor jamais conseguiu tornar-se uma força dirigente; acabou, várias vezes, por dividir-se ao perceber a inutilidade da luta interna”. (ALTAMIRANO, 1979, p.89)



Segundo Yocelevzky (1985), o marco da confrontação política durante o governo de Allende foi constituído por dois eixos de conflito: o primeiro foi a oposição institucional, com a tática de obstrução de todas as formas possíveis da aplicação do programa governamental da UP; o segundo foi efetivamente o elemento do golpe de Estado, que foi ganhando espaço na mentalidade opositora, sobretudo na direita representada pelo PN e grupos armados paramilitares, como o *Patria y Libertad*.

No plano da oposição institucional, os principais conflitos entre a UP e o PDC giraram em torno da construção da legislação para a implantação da Área de Propriedade Social (APS)[16]. O partido concordava com alguns elementos do projeto, mas impunham um ritmo muito gradual e lento para as estatizações, sob a ótica da UP (BORGES, 2011). Além disso, a DC se colocava contra as ocupações no campo e nas industrias realizadas pelo movimento popular sem o aval do Congresso, pois se configurariam em ocupações ilegais (AGGIO, 2002). Assim, é evidente que a DC não acompanhava o ritmo do governo e nem do movimento popular.

O diálogo e as tentativas de acordo de Allende com a DC ganharam contornos cada vez mais complexos, tanto no interior da DC, quanto no movimento popular. Nesse sentido, Altamirano (1979) sublinha que as tentativas da UP de articular um acordo básico com a DC “criou profundas divergências entre os diferentes setores do movimento popular” (1979, p.83). Nessa conjuntura, o PDC buscava ser uma oposição à UP, mas também à direita, mantendo seu caráter de centro e reafirmando seu “caminho próprio”, sua via terceirista. No entanto, a partir de 1972 com o agravamento da polarização social e do aprofundamento da crise econômica, a DC adotou uma posição cada vez mais contrária ao governo.

---

processo.

[16] De maneira geral, o projeto da APS – um dos pilares do processo de transição chilena ao socialismo – previa que empresas e áreas econômicas estratégicas fossem estatizadas pelo Estado e passassem a ser controladas pelos trabalhadores. (BORGES, 2011)

***Os Cristianos por el Socialismo e o problema com o reformismo cristão***

O *Cristianos por el Socialismo* (CpS) foi um movimento clerical e social focado no combate da desigualdade e da injustiça econômica. Inspirado pela teologia da libertação, surgiu no contexto do governo de Salvador Allende (1970 – 1973). Com tendências anticapitalistas, tiveram sua primeira expressão em abril de 1971, quando um grupo de oitenta sacerdotes, *los ochenta*, declararam publicamente seu apoio à construção do socialismo no Chile, de acordo com as diretrizes firmadas pela UP. Atuaram politicamente junto da classe trabalhadora em suas reivindicações, mas também no interior da Igreja, ao discutir seu papel no processo de transformações que o país vivenciava. O CpS teve uma vida curta no Chile (1971 – 1973) em função da resistência da hierarquia da Igreja Católica e pela repressão gerada pelo golpe de estado em 1973.

Inseridos em um contexto de polarização social cada vez mais profunda e que ganhava contornos cada vez mais irreparáveis, os integrantes do CpS enxergavam com desconfiança a tentativa de aproximação política da UP com o PDC, tal qual a noção de reformismo social-cristão que se fazia presente na consciência dos chilenos à época. Para o grupo, essa leitura reformista rompia com a unidade do povo e retardava sua luta histórica pela libertação[17].

Aprofundando o debate nesse aspecto, segundo o CpS, o reformismo social-cristão praticado pelo PDC nada tinha a ver com o cristianismo, mas sim com os interesses da burguesia para manter seu poder político de dominação. Desse modo, na medida que se acentuava seu compromisso com a marcha e a consciência histórica da classe trabalhadora, o CpS se afastava do reformismo cristão e incentivava outros cristãos para que tomassem a mesma atitude[18].

Giraudier (2014) sublinha que os laços próximos entre a Igreja e a DC permitiram um enraizamento maior do PDC na sociedade chilena. Sob essa perspectiva, era alarmante para os integrantes do CpS como a postura reformista estava arraigada no comportamento da maioria dos cristãos. Em todas as partes enxergavam pessoas “contaminadas” por esses ideais e era por meio dessa

[17] CRISTIANOS POR EL SOCIALISMO. *¿Qué hacer? Cristianos en el proceso socialista.* Novembro de 1972.
[18] Idem.

estratégia que a DC pôde chegar a ser a principal expressão política da religião cristã[19].

Entretanto, embora enxergassem a profundidade desses laços, o CpS diagnosticava que cada dia mais havia cristãos revolucionários no Chile e sua práxis levantava uma nova imagem, justamente a de uma alternativa proletária, de um cristianismo com tendências revolucionárias contra o reformismo social-cristão.

Contra o reformismo social-cristão e o capitalismo, assumiam efetivamente sua opção pelo socialismo.



> Como cristianos estamos por el socialismo, porque es la única solución que tiene América Latina para salir del capitalismo sub-desarrollado y dependiente. Es el único camino para una sociedad nueva. El único camino para construir la fraternidad, la justicia, la igualdad...[20]

Afirmavam ainda que a burguesia, representada pelo PDC e pelo PN, não queriam que a construção do socialismo fosse consolidada, pois se colocavam contra a libertação dos pobres e explorados. Segundo o CpS, esses partidos enganavam o povo com seus discursos reformistas e populistas. Assim, a partir de suas reflexões e orientações político-partidárias, um cristão não deveria estar com eles[21].

### *Considerações finais*

A partir do exposto, podemos compreender que os embates entre o CpS e o reformismo cristão, representados pela DC e pela Igreja Católica, não podem ser pensados somente como uma disputa pelo campo religioso, mas sim uma disputa pelo reconhecimento dos cristãos de uma força que nortearia o pensamento político, bem como a prática cristã naquele contexto. O CpS buscava conquistar as bases de apoio da DC (camponeses e os pobres periféricos das *poblaciones*), portanto os embates também devem ser entendidos enquanto disputas por esses espaços e bases sociais.

Para finalizar, compreender o elemento político desses cristãos socialistas e o contexto em se inseriram é importante, porque a partir deles é possível ter uma noção da dimensão política da religião. O cristianismo de esquerda chileno do final dos anos 1960 e do início dos anos 1970 é autor da ruptura da síntese democrata-

---

[19] Idem.
[20] CRISTIANOS POR EL SOCIALISMO. *Definición socialista de CpS*. Janeiro de 1973.
[21] Idem

cristã, isto é, na crença de que havia um caminho cristão próprio para reformar, democratizar e transformar o continente. O CpS rompe com essa ideia terceirista entre capitalismo e socialismo: no Chile, as transformações almejadas seriam alcançadas de fato com o suporte dos cristãos à luta os trabalhadores e pela defesa do socialismo. Então, sua tarefa era justamente a de contribuir para o nascimento e pela manutenção de uma consciência revolucionária nos cristãos, que seria mantida por meio de uma evangelização libertadora e da própria práxis.



**Bibliografia**

AGGIO, Alberto. **Democracia e Socialismo:** a experiência chilena. São Paulo: Annablume, 2002.

ALTAMIRANO, Carlos. **Dialética de uma derrota:** Chile 1970-1973. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BORGES, Elisa de Campos. ***¡Con la Unidad Popular ahora somos Gobierno!*** Experiência dos Cordones Industriales no Chile de Allende. Niterói - RJ, 2011. 267f. Tese (Doutorado em História). UFF/ICHF, 2011.

BUSETTO, Áureo. **A Democracia Cristã em São Paulo:** princípios e práticas políticas. São Paulo - SP, 1998. 306f. Tese (Doutorado em História). USP/FFLCH, 1998.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. Pensamiento socialcristiano y circulación de las ideas: redes a través de las cuales se importaron y se exportaron ideas durante los largos 1960s en Chile. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.53, pp.121-149, jul./dez. 2010.

DOONER, Patricio. **Cronica de una democracia cansada:** el partido Democrata Cristiano durante el gobierno de Allende. Santiago de Chile: ICHEH, 1985.

FRANCIS, Michael J.; VERA-GODOY, Hernan. Christian Democracy to Marxism. **The Review of Politics**, v. 33, n. 3, pp.323-34, 1971.
GIRAUDIER, Élodie. Le Parti démocrate-chrétien, l'Église et le pouvoir au Chili. **Histoire@Politique. Politique, culture, société**, n.22, janvier-avril, pp.1-17, 2014.

HUNEEUS, Carlos. Un partido con alto grado de institucionalización. El PDC de Chile. In: MAINWARING, Scott e SCULLY, Timothy (Orgs.). **Christian Democracy in Latin America.** Stanford: University Press, 2003.

KALLÁS, Ana Lima. **A Paz Social e a Defesa da Ordem**: A Igreja Católica, o governo Allende e o golpe militar de 1973. Rio de Janeiro - RJ, 2008. 271f. Dissertação (Mestrado em História Social). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.

PARTIDO DEMÓCRATA CRISTIANO. **Estatuto del Partido Demócrata Cristiano**. Santiago, 1960. Disponível em: http://www.memoriachilena. gob.cl/602/w3-article-9079.html Acesso em: 15/09/2019

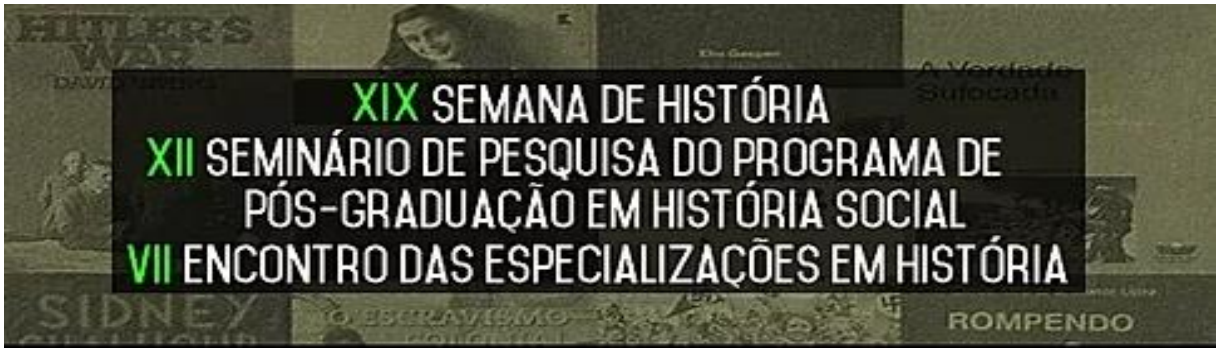
YOCELEVZKY, Ricardo A. La Democracia Cristiana chilena. Trayectoria de un proyecto. **Revista Mexicana de Sociología**, v.47, n.2, pp.287-352, 1985.

**Fontes**



CRISTIANOS POR EL SOCIALISMO. ***¿Qué hacer? Cristianos en el proceso socialista.*** Novembro de 1972.

_____. ***Definición socialista de CpS.*** Janeiro de 1973.






# ALÉM DAS FRONTEIRAS DA CRISTANDADE: AS COMUNIDADES CRISTÃS PRÉVIAS À CONSOLIDAÇÃO DO CORPO ECLESIÁSTICO NA ESCANDINÁVIA MEDIEVAL

Rodrigo Kmiecik

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é analisar as comunidades cristãs presentes na Escandinávia medieval antes da consolidação de um corpo eclesiástico na região. Para tal propósito, serão utilizados trechos da *Vita Anskarii*, hagiografia composta por Rimbert no final do século IX, e trechos do primeiro livro das *Gesta Hammaburgensis*, composto por Adam de Bremen na segunda metade do século XI. A abordagem é norteada pela *Vorstellungsgeschichte* (história das concepções), metodologia trazida por Hans-Werner Goetz. Deste modo, busco entender como as fontes lidam com essas populações cristãs, e compreender, partindo das percepções dos autores, qual a função de mencioná-las e como elas são mostradas pelo hagiógrafo e pelo historiador, de forma a trazer uma outra perspectiva sobre a cristianização da Escandinávia, e como ela foi percebida e registrada por autores da Idade Média.

**Palavras-chave:** Cristianização; Escandinávia medieval; Hagiografia medieval; Historiografia medieval; História da religião.

## Introdução

Existem diversos trabalhos historiográficos que abordaram a cristianização da Escandinávia medieval[22]. O enfoque é multifacetado, dada a longa duração deste processo, havendo abordagens que vão desde os primeiros ímpetos conversores realizados na região até os fins do processo, com a institucionalização da igreja. As fontes do período são tão diversas quanto suas abordagens, oferecendo ao historiador amplas possibilidades de análises e problemas ao tema e seus documentos.

[22] As fontes primárias e a bibliografia estudada em língua inglesa, utilizadas nesse trabalho, foram traduzidas de forma livre pelo autor. O texto original das citações foi anexado como nota de rodapé.

Para os fins deste trabalho, foram escolhidas duas fontes textuais medievais que possibilitassem a análise do tema sob prismas, autores e contextos temporais diferentes. O tema a ser discutido é a presença de cristãos na Escandinávia antes do corpo eclesiástico católico lá haver se consolidado, portanto, uma comunidade cristã sem igreja. As duas fontes abordam esse motivo. O problema em questão é entender a função das menções a esses cristãos e como eles são mostrados nas fontes.



Uma das fontes é a *Vita Anskarii*[23], hagiografia do missionário franco Ansgar, composta por Rimbert por volta de 869 e 876[24], poucos anos após a morte de seu mestre Ansgar. A outra fonte é o primeiro livro das *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*, compostas por Adam de Bremen no último quartel do século XI[25]. Foi selecionado por mim um trecho específico de cada fonte, que abordam a temática então proposta. Partindo do escopo metodológico da *Vorstellungsgeschichte*[26], exposta por Hans-Werner Goetz, analiso os trechos selecionados e busco entendê-los partindo das percepções e significações dos autores a respeito de seu tempo e seu mundo.

**Base metodológica**

O que especialmente difere as fontes escolhidas são sua tipologia, a *Vita Anskarii* sendo uma hagiografia e a Gesta *Hammaburgensis* sendo uma obra de historiografia. Quanto a isso, é necessário analisar algumas especificidades da abordagem de um texto hagiográfico, por motivos metodológicos que se alinham à metodologia principal, a *Vorstellungsgeschichte*, essa servindo para as duas fontes. As obras hagiográficas do medievo oferecem rica fonte de análise quando as entendemos em sua completude documental, como defendeu Néri de Barros Almeida (2014). Segundo a autora,

> Na abordagem documental do testemunho, a parte "confiável" ou "verdadeira" não pode ser discernida da parte "não confiável" ou "fabulosa". Desse ponto de vista o testemunho enquanto realidade formal e seu conteúdo são submetidos a perguntas de cujas respostas se depreendem as razões de sua própria especificidade. Nesse caso, a historicidade do documento reside não apenas nos dados que comunica mas em sua

[23] Optei por manter os títulos originais em latim de ambas as fontes ao longo deste artigo. Em uma tradução livre, seriam os títulos: Vida de Ansgar (*Vita Anskarii*) e História dos Arcebispos de Hamburgo-Bremen (*Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum).*
[24] PALMER, 2004, p. 236.
[25] GRZYBOWSKI, 2019, p. 145.
[26] Em tradução livre, *Vorstellungsgeschichte* seria equivalente à "história das concepções".

> totalidade enquanto fato cultural. Assim, os textos de história escritos na Idade Média, não mentem, não estão enganados, nem traem a tradição de escrita histórica mas se situam nela de maneira específica. (ALMEIDA, 2014, p. 95)

Portanto, o uso dos documentos vai além da sua função de fonte, como chama Almeida, em informar o factual – datas e eventos –, abrangendo também o que a autora chama de documental, compreendendo o documento, assim, em sua totalidade. Tal proposta, ainda que desvinculada da *Vorstellungsgeschichte*, condiz com os objetivos de análise que esta metodologia nos torna capazes de exercer, sendo o documento parte do passado e carregado dos presentismos de seu próprio tempo. Ainda, guiado pelas orientações de Marc Bloch (2001), direciono meus esforços ao que as fontes podem responder quando interrogadas, "sobre as maneiras de viver ou de pensar particulares às épocas em que foram escritas, todas as coisas que o hagiógrafo não tinha o menor desejo de nos expor" (BLOCH, 2001, p. 78). Tais definições buscam trazer luz sobre a mão do autor e suas percepções, visões de mundo, opiniões, cargas institucionais e tudo que vem junto de sua pena, desvencilhando a análise de quaisquer limitações.



A base metodológica principal foi estudada no artigo "*Constructing the Past: Religious Dimensions and Historical Consciousness in Adam of Bremen's Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum",* de Hans-Verner Goetz (2006), no qual o autor expõe seu método e o aplica numa leitura das *Gesta Hammaburgensis* de Adam de Bremen. Alguns apontamentos de Goetz são centrais para o entendimento das fontes selecionadas para essa pesquisa. Ele entende que "os autores não escreveram o que realmente aconteceu, mas o que eles pensavam ou acreditavam (ou queriam) que havia acontecido." (GOETZ, 2006, p. 17) [27]. Portanto, o factual muitas vezes está além do alcance do historiador pois, mesmo no tempo em que os registros foram concebidos, estes foram "construídos" por quem os registrou. Ainda segundo Goetz,

> Lidando com a historiografia como tal, contudo, o nosso interesse deslocou-se dos fatos para sua percepção (ou, como argumentei, para as concepções do autor), da 'realidade' para a sua 'construção', e das evidências dadas nas 'fontes' aos seus autores como testemunhas contemporâneas de seu tempo. (GOETZ, 2006, p. 19)[28]

[27] "The authors did not write down what actually happened but what they thought or believed (or even wanted) to have happened."
[28] "Dealing with historiography as such, however, our interest has shifted from facts to their perception (or, as I have argued, rather the author's conceptions), from 'reality' to its 'construction', and from the evidence given in the 'sources' to their authors as contemporary witnesses of their times."

Portanto, os fatos do passado devem ser interpretados como percepções dos autores sobre sua realidade e, cabendo a nós entender, como isso é construído na fonte. Os autores, como testemunhas de seu tempo, carregam consigo – em seus textos – sua concepção a respeito do que é registrado. Assim, intenções pessoais do autor e suas impressões sempre vão impregnar o registro textual, muitas vezes determinado por tradições linguísticas ou literárias, ou pela estrutura (função) do gênero. Essa base metodológica de análise das fontes nos permite ler e interpretar tanto a *Vita Anskarii* de Rimbert quanto as *Gesta Hammaburgensis* de Adam de Bremen, buscando compreender o sentido que esses autores dão ao falar dos cristãos vivendo na Escandinávia antes de lá existir igreja, nos inícios da cristianização.



**Evangelização da Escandinávia medieval**

Muito se discute a respeito da periodização do processo de evangelização da Escandinávia medieval. Esse trabalho segue os moldes de periodização propostos por Anders Winroth (2012), nos quais o autor estabeleceu uma divisão do processo de evangelização em duas fases: conversão e cristianização.

> Através da arqueologia, podemos estudar essa lenta infiltração na adoção de práticas cristãs de sepultamento e na adoção de símbolos cristãos. Por outro lado, houve a conversão institucional da região. Durante esse processo, os reis escandinavos destruíram templos pagãos, construíram igrejas, estabeleceram dioceses e introduziram a realeza cristã. Esse processo começou mais tarde e se desenvolveu mais rapidamente. Começou quando Ansgar fundou as primeiras igrejas em Birka e Hedeby em 830. (WINROTH, 2012, p. 103)[29]

Winroth descreveu a cristianização como um lento processo de assimilação das crenças e das práticas na Escandinávia desde seu contato com o mundo cristão. Define tal processo como lento, inconstante e ligado às espiritualidades individuais. Por outro lado, o processo de conversão diz respeito à fase institucional da conversão, quando os reis se convertem, as igrejas são construídas e os bispados são formados.

[29] "Through archeology, we may study this slow seepage in the adoption of Christian burial practices and the embrace of Christian symbols. […] On the other hand, there was the institutional conversion of the region. During this process Scandinavian kings destroyed pagan temples, built churches, established dioceses, and introduced Christian kingship. This process began later and played out faster. It began when Ansgar had the first churches in Birka and Hedeby built in the 830s."

Partindo do que propôs Winroth, o recorte temático se encaixa no que o autor chamou de cristianização, uma vez que o objeto de análise nas fontes, as comunidades cristãs, são prévias à institucionalização da igreja na Escandinávia, ainda que registradas por autores que marcam o início da fase conversora. Winroth afirma que "o material arqueológico nos fala sobre o processo de cristianização, enquanto as fontes escritas focam na conversão institucional, no batismo de chefes e reis, na construção de igrejas e instalações de bispos" (WINROTH, 2012, p. 104)[30]. Tal afirmação traz uma carga um tanto problemática, uma vez que Winroth aponta numa direção definidora de que as fontes arqueológicas oferecem possibilidades de abordagem mais competentes ao historiador do que as fontes escritas, no que se refere ao período de cristianização.



Para Winroth, por exemplo, Adam de Bremen relata apenas o que sabia e o que via a respeito da cristianização dos escandinavos, o que é verdade, mas tomada pelo medievalista como um problema de insuficiência documental. Winroth se propôs a contrariar a perspectiva do cônego bremense a partir das fontes arqueológicas. Eis um problema, dado que o papel do historiador não é preencher as lacunas do passado com fontes de outra matriz, mas entendê-las em suas diferentes especificidades temporais e espaciais. O que interessa aqui é saber o que pensavam Adam de Bremen e Rimbert a respeito da cristianização da Escandinávia, uma vez que esse trabalho não se lança aos "aspectos tangíveis do passado, mas centra-se nas ideias que os indivíduos do passado tinham de seu meio, suas visões de mundo." (GRZYBOWSKI, 2012, p. 156).

Ainda segundo Winroth, "uma segunda camada de distorção vem de como a conversão foi entendida pelos escritores medievais" (WINROTH, 2012, p. 120)[31]. Ora, as impressões dos autores medievais não se caracterizam como distorções dos fatos, que devem ser restituídas pela arqueologia, como propôs Winroth. Ao contrário, as "distorções" são intrínsecas às percepções dos autores pois, como apontou Hans-Werner Goetz (2006), "ao analisarmos essa 'distorção' ou, mais adequadamente, a 'construção' específica de uma crônica ou relato, adquirimos valiosos *insights* sobre o autor e sua obra." (GOETZ, 2006, p. 20)[32]. Logo, o

[30] "The archeological material tells us about the process of Christianization, while the written sources focus on institutional conversion, on the baptism of chieftains and kings, and on the building of churches and the installations of bishops."
[31] "A second layer of distortion comes from how conversion was understood by medieval writers."
[32] "By analysing this 'distortion' or, more adequately, the specific 'construction' of a chronicle or report, we acquire valuable insights into the author and his work."

documento deve ser compreendido em sua totalidade, na qual tudo é verdade e carrega significado.

Em alguns trabalhos foi discutida a presença de cristãos além das fronteiras da cristandade, como no texto "*Christianity and the northern barbarians*", de Edward A. Thompson (1957), uma pequena tese geral sobre a conversão dos povos ditos bárbaros da Europa, com enfoque nos povos que partilhavam contato com os romanos nos fins do Império. Segundo Thompson, "no mundo escandinavo, por exemplo, as missões tinham de ser baseadas nos comerciantes e nos postos comerciais, caso contrário seria impossível realizá-las". (THOMPSON, 1957, p. 6)[33]. Essa afirmação entra em consonância com o que Winroth apontou a respeito da cristianização, gradual, lenta, através do tráfego cultural nas cidades mercantes em auge durante os séculos IX e X, e, ainda, aponta na direção dos cristãos existentes nessas cidades.



Amparando a análise em termos gerais, Thompson afirma que "se uma comunidade cristã fosse encontrada além da fronteira [...], a igreja consagraria um bispo para administrá-la." (THOMPSON, 1957, p. 9)[34]. Tanto havia resistências entre os pagãos, quanto havia cristãos vivendo e praticando sua fé antes da institucionalização da igreja na Escandinávia, numa pluralidade cultural, e as fontes escolhidas importam-se em abordar esse motivo em sua construção narrativa. Cabe à pesquisa entender qual a função dessas menções e sob qual argumento elas funcionam nas fontes. É importante ressaltar que tanto a *Vita Anskarii* quanto as *Gesta Hammaburgensis* surgem, apesar de separadas por quase duzentos anos em sua concepção, num contexto semelhante de esforços direcionados à evangelização da Escandinávia – um inicial, com os primeiros bispos missionários, Ansgar, Witmar e Rimbert; e a outro mais tardio, sublinhando os êxitos e as incompletudes dessas empreitadas –, e seus autores reverberam defesas ao modelo de expansão missionária vigente no tempo em que escrevem tais documentos.

## A *Vita Anskarii*

[33] "In the Scandinavian world, for example, the missions had to be based on the merchants and the trading posts, or they could not be undertaken at all."
[34] "If a Christian Community were found to exist beyond the frontier […], the Church would consecrate a bishop to minister it."

A *Vita Anskarii* foi composta por Rimbert poucos anos depois da morte de seu mestre, Ansgar, que faleceu em 865. O texto hagiográfico foi composto em Latim, tendo como objetivo principal santificar a pessoa de Ansgar, com ênfase em suas visões que o levariam ao martírio, o que acabou não ocorrendo. Narra a vida de Ansgar, sua relação com o bispado de Bremen e o rei Luís, o Piedoso, e suas incursões à Escandinávia, onde evangelizou na Dinamarca, nas cidades de Hedeby e Ribe, e na Suécia, na cidade portuária de Birka. Como apontou James T. Palmer (2004), o texto de Rimbert fora "endereçado ao monastério de Corbie, em Flanders" (PALMER, 2004, p. 236)[35], próximo a Amiens, na Picardia. O fato de conhecermos o destino da hagiografia pode suscitar algumas interpretações a respeito de sua função. Seria lida por eclesiásticos do mosteiro onde o próprio Ansgar havia se educado desde tenra idade, em Corbie. Diferentes de Ansgar que se tornara bispo em Bremen e assim partira ao norte para evangelizar, os religiosos de Corbie seguiam a ordem beneditina e assim eram afastados das atividades missionárias. Na conclusão de Palmer, o autor entende que Rimbert busca apoio franco às missões de Hamburgo-Bremen.



> Rimbert poderia, portanto, usar a *Vita Anskarii* para encorajar os monges beneditinos a suspender seus votos e trabalhar no campo missionário, informando-os sobre o que esperar. Além disso, Rimbert poderia encorajar os bispos a se tornarem generosos patronos da missão para assegurar que os planos se concretizassem. (PALMER, 2004, p. 256)[36]

Palmer destaca que "conforme desenvolveu-se, a hagiografia não permaneceu como um gênero único, mas adotou uma multiplicidade de formas interligadas, sendo escrita para uma série de fins espirituais e políticos." (PALMER, 2004, p. 239)[37]. A ideia de que as hagiografias são um gênero bastante plural foi discutida por diversos autores que abordaram a *Vita Anskarii* e trouxeram diversas perspectivas a respeito. Faz-se necessária tal ideia, evidentemente, nessa pesquisa, buscando entender a função e o sentido de Rimbert mencionar os escravos cristãos vivendo na Escandinávia. O hagiógrafo assim escreveu no capítulo XI da *Vita Anskarii*:

> Havia muitas [pessoas] dispostas a cumprir sua missão e que ouviam de bom grado os ensinamentos do Senhor. Havia, também, muitos cristãos

[35] "Addressed to the monastery of Corbie in Flanders."
[36] "Rimbert could therefore use the Vita Anskarii to encourage the Benedictine monks to suspend their vows and work in the mission field, while informing them of what to expect there. Furthermore, Rimbert could encourage bishops to become generous patrons of the mission to ensure that the plans came to fruition."
[37] "As hagiography developed it became not a single genre but adopted a multiplicity of interlocking forms, being written for a number of spiritual and political ends."

> escravos (*captives*) entre eles, que regozijaram por finalmente poderem participar dos mistérios divinos (*divine mysteries*). (RIMBERT, 1921, p. 18)[38].

O episódio ocorre durante a primeira viagem de Ansgar à cidade de Birka, junto de seu companheiro de missão Witmar. “Ele visitou Birka, no sul da Suécia, em 830 e 352” (BROWN, 2013, p. 471)[39]. De acordo com o texto hagiográfico, muitos se converteram ao cristianismo e aceitaram a graça do batismo, inclusive o prefeito da cidade, um homem chamado Herigar, que “pouco tempo depois construiu uma igreja em sua propriedade e serviu a Deus com devoção máxima” (RIMBERT, 1921, p. 18)[40]. Além disso, o capítulo fala sobre a aprovação do rei Bjorn para as ações de Ansgar e Witmar de pregar e espalhar a palavra do Senhor naquela terra.



No que diz respeito aos escravos mencionados, nosso foco de reflexão, podemos levantar algumas hipóteses. Rimbert destaca que eles “regozijaram por finalmente poderem participar dos mistérios divinos” (RIMBERT, 1921, p. 18). É compreensível que o autor percebia esses cristãos como incompletos em sua prática religiosa, por não possuírem igreja, não possuírem padres ou bispos para guiarem qualquer culto, e não comungavam dos “mistérios divinos”. O cristianismo era, sobretudo, uma religião de comunhão, estritamente coletiva, e pode ser que os “mistérios divinos” ditos por Rimbert só pudessem ser alcançados sob a comunhão e orientação de um corpo eclesiástico. Além do fato desses cristãos serem escravos (*captives*) e estarem submetidos a algum senhor – pagão ou não –, são limitados, ainda, por seu tipo de fé, individual, distante da igreja que ainda não existe lá. Mas quando a igreja chega, com Ansgar e Witmar e sua evangelização, esses cristãos *finalmente* podem compartilhar da Palavra, podem juntar-se ao corpo religioso, são, em suma, reintroduzidos, quase como se fossem convertidos. Assim como Rimbert percebia e significava os pagãos em Birka como um “outro religioso”[41], parecia ver os cristãos de semelhante modo. A reintegração desses cristãos lá viventes soa quase em pé de igualdade com a importância de converter e batizar os pagãos.

---

[38] “There were many who were well disposed towards their mission and who willingly listened to the teaching of the Lord. There were also many Christians who were held captive amongst them, and who rejoiced that now at last they were able to participate in the divine mysteries.”
[39] “He visited Birka, in southern Sweden, in 830 and 852.”
[40] “A little later he built a church on his own ancestral property and served God with the utmost devotion.”
[41] GRZYBOWSKI, 2019, p. 145.

A menção desses cristãos caminha em concordância com o que E. A. Thompson argumentou em seu artigo de 1957, aqui já citado. Havia comunidades cristãs além das fronteiras da cristandade, que precisavam ser administradas e florescidas pela igreja; o julgamento e a construção de Rimbert parece reforçar essa ideia. Além disso, como dito, a *Vita Anskarii* fora escrita para ser lida pelos eclesiásticos do monastério de Corbie, um dos principais centros de fomentação das ideias missionárias. Como apontou Palmer, ao falar sobre os últimos capítulos da hagiografia, "em vez de afirmar que Ansgar tinha convertido o Norte, a história foi deixada em aberto, com Ansgar ansioso para que outros continuassem seu trabalho." (PALMER, 2004, p. 245)[42]. Assim, o documento vai tanto no sentido de exaltar as ações daqueles que rumaram ao norte para evangelizar, bem como um apelo aos novos monges para prosseguirem a empreitada iniciada por Ansgar, um "modelo missionário"[43] a ser seguido, como Rimbert assim o seguira.



Ainda há o fator político[44]. Scott A. Mellor (2008) defendeu a ideia de que a *Vita Anskarii* não foi apenas uma hagiografia com função de santificar Ansgar, mas também um texto de história eclesiástica (*Historia ecclesiastica*). Segundo esse autor, "Rimbert não se concentrou apenas na vida de Ansgar, mas também no que diz respeito à fundação de uma arquidiocese em Hamburgo e da importância dessa nova instituição nas missões na Dinamarca e na Suécia.". (MELLOR, 2008, p. 44)[45].

Quanto aos cristãos prévios, Scott A. Mellor trouxe em seu texto uma das interpretações possíveis, pensada por Carl F. Hallencreutz, que teorizou que tanto a igreja quanto os francos eram contra a escravidão, naquele momento, e isso é um dos motivos narrativos presentes na hagiografia. Segundo Hallencreutz, na leitura de Mellor, "embora a igreja possa ter condenado a escravidão, foi a mudança do império franco da escravidão para a servidão que moldou a economia e a política regionais" (MELLOR, 2008, p. 47)[46]. A menção desses cristãos nas fontes

---

[42] "Rather than claiming that Anskar had converted the north, the story was left open-ended, with Anskar keen for others to take up his work."
[43] PALMER, 2004, p. 242.
[44] As interpretações de que a *Vita Anskarii* carrega cunho político foram criticadas por James T. Palmer no artigo aqui já citado, uma vez que o documento tinha como destino o mosteiro de Corbie e seus eclesiásticos que, de acordo com o autor, pouco sabiam ou se importavam sobre a situação política de Hamburgo-Bremen e sua unificação. Seja qual fosse a recepção dos leitores, é notável que Rimbert realizou esforços para legitimar a arquidiocese e os feitos de seus bispos.
[45] "Rimbert was not solely concerned with Ansgar's life, but also with relating the foundation of Hamburg as an archdiocese (archbishopric), and the importance of this new institution to the missions in Denmark and Sweden."
[46] "Although the church may have condemned slavery, it was the Frankish empire's move from slavery to serfdom that shaped the regional economy and politics"

estudadas por mim também pode ir na direção das mudanças do período, refletindo as opiniões de seus autores. Tanto Mellor quanto Hallencreutz enxergam um caráter político na *Vita Anskarii* de Rimbert; seja a menção aos cristãos de cunho político ou não, elas têm como primeiro objetivo incentivar a junção desses cristãos à cristandade.



**A *Gesta Hammaburgensis***

Foi selecionado um trecho do primeiro livro da Gesta Hammaburgensis, escrita pelo cônego Adam de Bremen nos fins do século XI. O texto historiográfico tem como base diversas obras que estavam disponíveis ao autor naquele tempo, a partir de sua pesquisa, além de inúmeros relatos orais, de modo que Adam apresenta diversas de suas fontes e faz releituras de algumas delas ao incrementá-las ao seu texto. Quanto ao trecho aqui abordado, trata-se de uma releitura da *Vita Rimberti,* hagiografia anônima de Rimbert. Adam assim escreveu:

> Assim, São Rimbert, como Moisés, foi um homem de extrema brandura, como diz o Apóstolo, aquele que tinha compaixão com as enfermidades de todos; mas ele era especialmente preocupado em socorrer os pobres e os mantidos em cativeiro. Então um dia, quando ele adentrou a Dinamarca, onde ele havia construído uma igreja para a jovem cristandade em um lugar chamado Schleswig, ele viu uma multidão de cristãos arrastada em cativeiro por correntes. Por que dizer mais? Lá ele realizou um milagre duplo: quebrou as correntes com sua oração e pagou o resgate dos cativos com seu cavalo. (ADAM DE BREMEN, 1959, p. 40)[47].

Segundo Grzybowski (2016), a escolha dessa passagem resgatada do material hagiográfico por Adam de Bremen reforça a imagem que queria se construir de Rimbert, o “espírito de um homem piedoso e um líder religioso preocupado não somente com os grandes círculos, mas com o bem-estar de todos os cristãos sob seu cuidado.” (GRZYBOWSKI, 2016, p. 155). Nada retoricamente mais poderoso que um milagre para reforçar uma ideia eclesiástica, uma vez que, ainda segundo Grzybowski, "para Adam de Bremen, a marca do verdadeiro santo é o seu trabalho missionário” (GRZYBOWSKI, 2016, p. 156). De acordo com Ian N. Wood (2004), o “cristianismo deveria ser uma religião missionária” (WOOD, 2004, p. 3)[48], tendo sido assim postulado pelo texto bíblico: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se

[47] “Now Saint Rimbert, like Moses, was a man exceedingly meek, as says the Apostle, one who had compassion on infermities of all; but especially was he concerned about relieving the poor and the ransoming captives. And so at one time when he went into the Danish country, where he had a church built for the young Christendom in a place called Schleswig, he saw a multitude of Christians dragged captive by a chain. Why say more? There he worked a twofold miracle: for he both broke the chain by his prayer and redeemed the captives with his horse.”

[48] “Christianity was to be a missionary religion.”

tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (MATEUS 28:19). Neste trecho da *Gesta*, o trabalho missionário é elevado a um milagre, tal o evento escolhido por Adam a ser recontado ao falar das ações de Rimbert. Novamente é mostrado que os escravos são libertos e reintegrados, enfim salvos. Em Rimbert, eles finalmente podem comungar dos mistérios divinos ao lado dos missionários. Em Adam, eles são libertos através de oração e resgatados. Entende-se que são reintegrados à cristandade a partir desse momento.



**Considerações finais**

Essas menções e a percepção dos autores a respeito das comunidades cristãs prévias à institucionalização do corpo eclesiástico na Escandinávia são um argumento em favor da existência desse corpo eclesiástico. Existem cristãos lá fora, além das fronteiras da cristandade, que precisam ser administrados e partilhar da Palavra, dos "mistérios divinos". Da mesma forma que existem pagãos que devem ser convertidos e batizados. A retórica desses autores gira em torno de fundamentar as bases da conversão de almas e da cristalização da igreja católica na Escandinávia medieval, além de funcionar como legitimadora das ações da arquidiocese de Hamburgo-Bremen. Quando Rimbert fala dos escravos cristãos em Birka, na Suécia, pretende reforçar o argumento de que as ações missionárias precisavam existir em função da reintegração desses cristãos "perdidos", bem como do batismo das populações pagãs. Quando Adam de Bremen fala dos escravos cristãos em Schleswig, na Dinamarca, reitera a ação milagrosa de Rimbert em função de elevar o papel da ação missionária.

Desde os primeiros esforços conversores no início do século IX à fase institucional com a conversão dos reis escandinavos no século XI, a presença de não-conversos é sempre registrada, o que justifica a manutenção de argumentos narrativos nos documentos que sustentaram essa pesquisa. Como outros exemplos, há o relato do diplomata árabe Ibrahim ibn Yakub al-Turtushi, que visitou a cidade de Hedeby, na Dinamarca, no século X, e relatou que ela era "habitada tanto por pagãos quanto por cristãos" (WINROTH, 2012, p. 89)[49]. Ainda depois da conversão dos reis, persiste material hagiográfico que reverbera a necessidade conversora numa tradição literária notável, como a *Passio et Miracula beati Olavi*[50],

[49] "Inhabited by both pagans and Christians."
[50] Em tradução livre, "Paixão e Milagres do abençoado Olavo".

hagiografia do rei Olavo II da Noruega, escrita no século XI, na qual em dado momento o rei, após converso, desce de seus estrados para pregar. “Não contente com a sua própria salvação, ele [Santo Olavo] se esforçou em incansável urgência para converter as pessoas a quem ele fora nomeado pela providência divina para governar. (ERLENDSSON, 2001, p. 27)[51].

É bastante perceptível que tal motivo narrativo é recorrente ao longo dos séculos que duram a conversão. No caso das fontes estudadas, ainda que separadas por duzentos anos, os escravos cristãos na Escandinávia desse longo período são mais um motivo para que ação evangelizadora aconteça, e aí reside a importância de mencioná-los em tantos âmbitos. Ora, a cristianização da Escandinávia é um processo lento e inconstante, que atravessa séculos, de modo que as fontes ressaltam, quase que sistematicamente, por motivos e narrativas – e objetivos – semelhantes, as ações missionárias, especialmente aquelas empreendidas por Hamburgo-Bremen, instituição a qual Rimbert e Adam de Bremen legitimam em seus trabalhos.



**Referências bibliográficas**

ADAM DE BREMEN. **History of the archbishops of Hamburg-Bremen.** New York: Columbia University Press, 1959.

ALMEIDA, Néri de Barros. Hagiografia, propaganda e memória histórica. O monasticismo na Legenda áurea de Jacopo de Varazze. **Territórios e Fronteiras (Online)**, v. 7, p. 94-111, 2014.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Evangelho segundo São Mateus.** Tradução de Theodoro Henrique Maurer Jr. São Paulo: Paulus, 7ª reimpressão, 2011, p. 1703-1758.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BROWN, Peter. **The rise of Western Christendom:** triumph and diversity, A.D. 200–1000. New Jersey: Wiley-Blackwell Press, 2013.

[51] “Not content with his own salvation, he strove with unflagging urgency to convert the people he was appointed by divine providence to govern.”

ERLDENDSSON, Eysteinn. The Passion and the Miracles of the blessed Óláfr. IN: PHELPSTEAD, Carl (Ed.) **A History of Norway and The Passion & The Miracles of the Blessed Óláfr.** Exeter: Short Run Press, 2001.

GOETZ, Hans-Werner. Constructing the past. Religious dimensions and historical consciousness in Adam of Bremen's Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum. In: MORTENSEN, Lars Boje (Ed.). **The Making of Christian Myths in the Periphery of Latin Christendom.** Copenhagen: Museum Tusculanum Press University of Copenhagen, 2006, p. 17–51.



GRZYBOWSKI, Lukas. O início da missão cristianizadora da Escandinávia e sua interpretação nas Gesta Hammaburgensis de Adam de Bremen. **SIGNUM - REVISTA DA ABREM**, v. 17, p. 136-160, 2016.

GRZYBOWSKI, Lukas. O paganismo escandinavo entre a percepção e a imaginação. **História Revista (UFG)**, v. 24, p. 135-154, 2019.

GRZYBOWSKI, Lukas. Uma Terceira Via para o Estudo das Ideias Políticas: A Vorstellungsgeschichte como resposta aos problemas colocados pela Cambridge School of the History of Political Thought. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, v. 3, p. 143-159, 2012.

MELLOR, Scott. St Ansgar: His Swedish Mission and Its Larger Context. IN: DUBOIS, Thomas. **Sanctity in the North:** Saints, Lives, and Cults in Medieval Scandinavia. Toronto: Toronto University Press, 2008, p. 40-76.

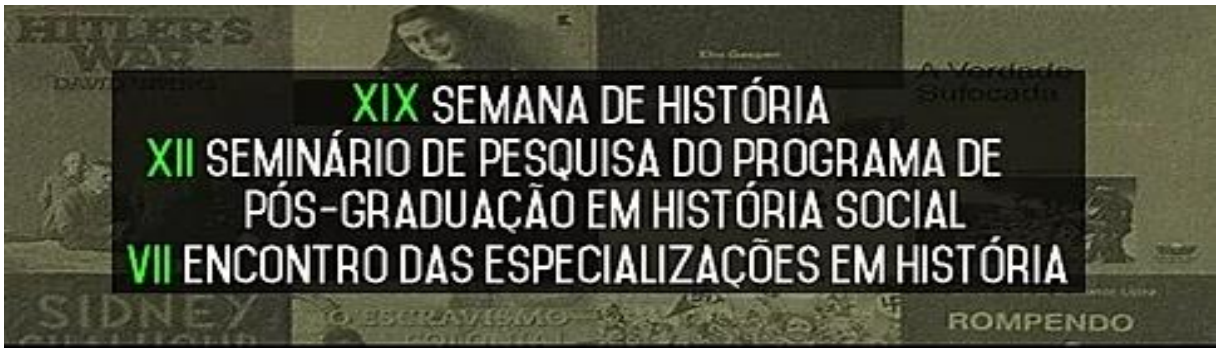
PALMER, James. Rimberts Vita Anskarii and Scandinavian Mission in the Ninth Century. **The Journal of Ecclesiastical History**, v. 55, n. 2, p. 235–256, 2004.

RIMBERT. Life of Anskar. In: ROBINSON, Charles H. *Anskar,* **The Apostle of the North, 801-865, translated from the Vita Anskarii by Bishop Rimbert his fellow missionary and successor.** London: SPCK, 1921. Versão digital.

THOMPSON, Edward**. Christianity and the northern barbarians.** 1957. Versão digital.

WINROTH, Anders. **The conversion of Scandinavia:** Vikings, merchants, and missionaries in the remaking of Northern Europe. New Haven: Yale University Press, 2012.

WOOD, Ian. **The missionary life:** Saints and the evangelisation of Europe, 400 - 1050. Oxon, New York: Routledge, 2014.






# ASPECTOS GERAIS ACERCA DAS TRANSFORMAÇÕES DO POLITEÍSMO NO EGITO PTOLOMAICO

Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia
(UFPR/UEM)

**Resumo:** Partindo das premissas de Fernand Braudel de uma história de longa duração, esse trabalho tem por intuito traçar um panorama de algumas transformações religiosas no Egito do final da dinastia ptolomaica 305 a.C. a 30 a.C., que criou bases societárias para que o Egito assimilasse posteriormente o monoteísmo cristão. O período ptolomaico era politeísta, com a adoração de vários deuses, alguns deles, inclusive, encarnavam representações de elementos humanos com animais, por exemplo, como Toth, que é personificado por um corpo humano com a cabeça de um íbis, ou Tueris, a deusa hipopótamo com formas femininas, e Sehkmet, uma deusa representada com um corpo de mulher e cabeça de leão. Com a anexação do Egito pelo Império Romano em 30 a.C., os romanos identificavam os deuses "estrangeiros" com os seus próprios deuses, como fora feito com os deuses gregos, onde Júpiter era equivalente a Zeus, Vênus a Afrodite e outros. O deus Serápis, criado no século IV a.C. por Ptolomeu, junto com a deusa Isis, passaram a monopolizar os cultos até o fim da era ptolomaica. Esse fenômeno foi um dos elementos que contribuiu para uma paulatina diminuição de cultos, o que poderia abrir espaço para a entrada do monoteísmo cristão. Assim, o intuito desse trabalho é refletir, de forma bastante geral, sobre as principais transformações ocorridas nesse período que fizeram com que o Egito, de tradição pagã, se transformasse em um dos principais polos do cristianismo, mudança esta que pode ser observada apenas na longa duração.

**Palavras-chave:** Egito; Alexandria; Período Ptolomaico; Politeísmo

**Financiamento**: CAPES

## Introdução/justificativa

O desenvolvimento do cristianismo nos primeiros séculos de nossa era contou com uma forte participação de Alexandria em momentos cruciais da Igreja primitiva

(THOMPSON, 2008, p. 154).

A Igreja nos primeiros quatro séculos crescia e se estruturava no Império Romano com influência do Egito. Alexandria detinha autoridade sob outras cidades grandes da região, como Antioquia, Jerusalém ou Éfeso. Posteriormente, perdeu sua primazia apenas na rivalidade com Roma, que justificava sua preeminência no mundo cristão, alegando que Cristo havia proclamado Pedro como seu legítimo sucessor, e este fundara sua Igreja em Roma (FREEMAN, 1996, p.494).



Alexandria, por exemplo, localizava-se entre o mar Mediterrâneo e o lago Mareótis, com acesso a um dos afluentes do Nilo, em uma faixa de terra de frente para a ilha de Faros, sendo que os pontos de acesso ao Egito e à Grécia eram evidentemente facilitadores do comércio marítimo. O Nilo tornou-se, assim, uma das grandes artérias comerciais do mundo clássico (BERNARD, 2001, p.72). “

> O movimento constante de ir e vir estimulava a intensidade das mudanças e as intensas trocas culturais, além da rápida circulação não só de artigos, mas principalmente de informações, saberes, técnicas, ideias e rumores. (CLIMACO, 2013, p.40).

Durante os trezentos anos de governo (305 a.C. a 30 a.C.), a dinastia Ptolomaica incorporou alguns elementos da cultura faraônica para ser aceita e legitimada. Contudo, os reis não hesitaram em reforçar sua percepção de superioridade da cultura grega.

A expansão do Império romano pode auxiliar na compreensão da distribuição geográfica das primeiras comunidades cristãs, que se instalaram, primeiramente, nas cidades costeiras e cosmopolitas, que eram, na maior parte das vezes, urbanas (FREEMAN, 1999, p.492). Contudo, como os primeiros cristãos chegaram em Alexandria é uma resposta difícil, devido à escassez dos registros.

Autores como Paget (2004 p.147) tentam localizar a origem das primeiras comunidades cristãs entre os judeus devido à significativa população judaica em Alexandria, alcançando o ápice de 180.000 pessoas no século II, de uma população local entre 500.000 e 600.000 habitantes. Hipótese plausível, dado que cristãos e judeus ainda partilhavam parte do mesmo livro sagrado (tornado o Velho Testamento posteriormente) e o cristianismo dos primeiros séculos, ainda em estruturação, encontrava-se fortemente ligado aos modelos, ritos e práticas judaicas.

Mas, como afirmam Finneran (2005, p.123) e Paget (2004, p.157), o cristianismo não fez revolução de conversões em massa, e, talvez por esse motivo

(entre outros), a história desta religião no Egito, nos primeiros dois séculos, esteja cheia de lacunas e apresente vários problemas.

No Egito, devido ao amálgama religioso constantemente enriquecido e modificado por diversas influências, talvez houvesse menos hostilidade ao cristianismo que em outras partes do Império Romano. A partir do final do século II, influentes pensadores cristãos começaram a extrair da teologia, filosofia e prática uma noção de ortodoxia, elementos importantes para a formação do cânon do Novo Testamento, a sucessão apostólica e a aceitação da organização episcopal da Igreja. Houve, por outro lado, uma convivência com ideais pagãos[52] que sobreviveram durante o Império Romano no Egito. Não refutando a herança helenística, na urbana e alfabetizada Alexandria, o sincretismo cultural, social e religioso permaneceu um tema-chave (FINNERAN, 2005, p.123). A palavra sincretismo, do grego *synkretismos* (do grego *syn* significa "junto"), é o elemento-chave para explicar a herança deixada por Alexandre e o período Ptolomaico.



Ao fundar a cidade, Alexandre, o Grande, foi se consultar com o oráculo de Amon no Egito para fazer perguntas sobre conflitos religiosos e pedir sua proteção para estabelecer a cidade que levaria seu nome. No período Ptolomaico, seus sucessores não se esqueceram dessa atitude amigável, e, para evitar que os deuses gregos e os egípcios "entrassem em guerra", não os opuseram, mas os "justapuseram" (ou, sincretizaram). Os deuses, portanto, portavam dois nomes, o seu nome egípcio e a "tradução" grega (BERNARD, 2001, p.74).

Assim, Hórus foi assimilado a Apolo, Harthor se tornou Afrodite, Sobek, Chronos, e assim com outras divindades. Ísis, a "deusa dos mil nomes", é um caso particular. Em boa medida, devido ao comércio e à circulação de pessoas, o culto de Ísis, esposa de Osíris e mãe de Hórus, despertou um interesse generalizado fora do Egito, que atingiu todas as partes do mundo mediterrâneo durante o período romano - com impacto, aliás, notável sobre a arte e a literatura (BOWMAN, 1986, p.170), a ponto de ser assimilada em diferentes países e culturas sob vários nomes. Na Frígia, ela é a mãe divina Pessinus, Athena em Atenas, em Chipre, Afrodite, em

52 O fato de as primeiras comunidades cristãs se instalarem em grandes centros urbanos talvez justifique o uso da palavra "pagão", derivada de *paganus*, que se referia a morador do campo ou camponês, mas que, posteriormente, começou a ser utilizada em sentido depreciativo, para designar a distinção de cristãos e não-cristãos, sendo aqueles que moravam nas "cidades urbanas", os cristianizados, cultos," dono de uma verdade" como contraponto ao camponês, rústico, apegado à tradições "antigas".

Creta, Artemis, Persephone, na Sicília. Por isso, muitos povos ficaram ligados a ela de diferentes maneiras (ERMAN, 1952, p.494).

Nesse contexto, os romanos já estavam familiarizados com crenças sobrepostas, dado a experiência, por exemplo, da assimilação com o panteão grego; Júpiter se tornou Zeus, Vênus, Afrodite; sincretizando com os celtas, Lug, Deus da colheita, era equivalente a Mercúrio e Sulis, deusa da água, foi identificada com Minerva. E todos estes deuses, independente da origem, poderiam participar de uma variedade de diferentes cultos sem qualquer impropriedade (FINNERAN, 2005, p.490).



Essa coexistência dos dois panteões, assimilados no território egípcio, é ainda mais surpreendente dada a relutância dos gregos (e pessoas oriundas de outras partes do Império Romano que ali habitavam), na adoração dos deuses animais, como o crocodilo Sobek, a gata Bastet, o chacal Anúbis e o boi Ápis, ou, mesmo dos deuses semianimais, como Toth, que é representado por um corpo humano com a cabeça de um ibis, Tueris, a deusa hipopótamo com formas femininas, Sehkmet, uma mulher com cabeça de leão, ou Seth, um homem com cabeça de chifres de um animal incerto. Os gregos, advindos de uma cultura "platonizada", relutavam e demonstravam até certa repulsa a esses deuses que, para eles, eram, no mínimo, "exóticos". Afrodite, por exemplo, não era admirada sob a forma de uma vaca (a deusa Harthor). De acordo com Erman (1952, p.478) muitos não conseguiram superar a aversão.

E é nessa atmosfera que nasce um deus, Serápis, sob o governo de Ptolomeu I (305 – 382/383 a.C.). De acordo com Climaco (2013 p.108), uma das versões afirma que o deus primeiro aparecera em um sonho do rei Ptolomeu, quando ele estava a erguer alguns muros em Alexandria. Era a visão de um homem de uma beleza inigualável que lhe pedira para trazer uma estátua e que o local que a recebesse seria próspero e grande. Ptolomeu, por um lado, buscava legitimidade para seu reinado, pois o rei teria sido "escolhido" pela divindade para ser o condutor dessa benção para Alexandria, e por outro, era como se houvesse uma necessidade de estabelecer uma divindade de origem comum egípcia e grega, que justificava o surgimento do novo deus (BERNARD, 2001, p.78).

De acordo, ainda, com Bernard (2001, p.78), os egípcios associaram Serápis a Osíris, e os gregos a Zeus, Dionísio ou Asclépio. As estátuas encontradas desse deus o representavam segundo os ideais clássicos gregos, um homem de ar

maduro, pensativo, com longas barbas encaracoladas e togas, emanando força e tranquilidade, combinando a onipotência de Zeus com o poder de Plutão, o senhor do submundo, e a eficácia de Esculápio (eficácia aliás, que era capital, na medida em que a aceitação da cultura egípcia viera de filósofos como Platão, que colocaram, por vezes, o Egito como berço de toda a civilização, fato que facilitou na aceitação cultural). A aparência de Serápis quase certamente deriva de uma consciência da necessidade de colocar as tradições religiosas egípcias em uma forma que era compreensível para os gregos, ou seja, um deus de aspecto humano, mais próximo da imagem que faziam de seus próprios deuses (BOWMAN, 1996, p.176).



O culto de Serápis, dessa forma, espalhou-se por todo o Egito, mas foi particularmente proeminente em Alexandria e em Mênfis (ERMAN, 1952, p. 477).

Até o II século, o culto de Serápis estava disseminado por todo o Império Romano e Ísis se tornou uma das principais deusas do mundo mediterrâneo, ganhando até templos próprios em cidades como Chipre, Sicília, Antioquia e Atenas. Essas duas divindades, que eram representadas em forma humana, eram mais aceitáveis para povos que não cultuavam deuses animais, excluindo, assim, o fator do “exótico” que poderia causar rejeição por repulsa (THOMPSON, 2008, p.138).

A popularidade de apenas dois deuses trouxe como consequência uma simplificação, tanto do panteão egípcio como do grego. Assim, Ísis se torna a “deusa dos mil nomes”, assimilando as diversas deusas de diferentes civilizações, e Serápis, acaba por fundir características de Osíris, Hórus, Anúbis, Zeus e Dionísio em uma única figura. Dessa forma, uma complexa rede de significações é simplificada, na medida em que diversas divindades, oriundas de locais diferentes e atribuições específicas, são fundidas na figura de um só deus (ERMAN, 1952 p.479). Isso teria possivelmente contribuído na transição do politeísmo ao monoteísta da religião cristã, já que o número de deuses já se reduzira substancialmente (BERNARD, 2001 p.84).

Para a finalização do quadro religioso da cidade, é importante mencionar o judaísmo, que permaneceu forte, apesar do impacto da helenização (FREEMAN, 1996, p.489).

**Objetivos**

O intuito principal objetivo desse trabalho é refletir sobre o cenário religioso do Egito no período Ptolomaico (305 – 30 a.C.), em especial a cidade de Alexandria, com o intuito de mapear as principais transformações que permitiram com que esse local se tornasse um importante polo cristão, pautada na crença em um deus único, a despeito da sua milenar tradição politeísta, com o culto de vários deuses, muitos deles, inclusive, personificados com um misto de caracteres animais.

Pretende-se demonstrar que a diminuição de cultos nesse período, que se centrou em Serápis e Ísis, fez parte do processo que facilitou a implementação cristã que fez com que Alexandria se tornasse um polo de um polo de saber cristão, tomando a dianteira de muitas decisões que delinearam os principais contornos da Igreja primitiva.



**Resultados**

De forma sutil, tratados e alianças diplomáticas, no século I, estreitaram as relações com os Ptolomeus, que apelavam aos romanos para auxílio de resolução de demandas entre reis, e estes intervinham para apoiar ora uma, ora outra facção. Desse modo, os “favores” romanos literalmente tinham seu preço, e a “amizade” entre os dois territórios foi, lentamente, transformando-se em dependência financeira do Egito.

O governo de Cleópatra, de 48 a.C. a 30 a.C., pode ser caracterizado como o último fôlego da tentativa de manutenção da autonomia alexandrina e reestabelecimento do prestígio Ptolomeu. No segundo Triunvirato, de 43 a.C. a 33 a.C., o poder do Império foi dividido entre Marco Antônio, Otávio e Lépido. A rainha Cleópatra aliara-se a Marco Antônio, com o qual tivera três filhos (mesmo ele sendo casado com Otávia - irmã de Otávio). Essa aliança com Cleópatra foi considerada não apenas deslealdade, mas também uma tentativa de afrontar o poder de Roma, que, por seu lado, declarou-lhe guerra, em 31 a.C. Após serem derrotados por Otávio, na batalha naval de Áccio, Cleópatra e Marco Antônio cometeram suicídio, tendo Cleópatra se deixado picar por uma serpente. Otávio, assim, reduziu o último reino helenístico a uma província romana (BERNARD, 2001, p.115). Dessa maneira, os acontecimentos e as decisões políticas e religiosas do Império Romano influenciariam direta ou indiretamente o Egito e a cidade de Alexandria.

O culto à Isis estabeleceu-se no Império Romano apenas em 30 a.C., com a anexação do Egito. Antes, a religião estrangeira não era muito bem-vista pelos

romanos, que destruíram um templo da deusa no Capitólio, por exemplo. Apesar do apoio dos governantes, a religião de Isis e Serápis se desenvolveu majoritariamente em pequenos cultos privados, não tendo um impacto profundo na sociedade. Sua identificação com o estado não era a mesma do contexto egípcio e nunca chegou a ser concorrente do *numem imperial.*

Na tradição pagã, não havia uma estrutura ritual mínima. A atividade divinatória contemplava, portanto, diferentes deuses e ritos igualmente válidos.



Os sincretismos, por sua vez, atuavam como tentativas de compreensão dos deuses estrangeiros em uma "linguagem" da própria pátria. Era uma "transposição" que possibilitava aceitação e assimilação. O maior exemplo é o panteão greco-romano, que assimilou Zeus e Júpiter, Cronos e Saturno, Hera e Juno, Poseidon e Netuno, Afrodite e Vênus, Eros e Cúpido etc. Essa compreensão permitia que divindades diversas, que não tinham a mesma origem geográfica ou temporal "convivessem pacificamente" (ou, "se unissem") em um mesmo território, sem que isso pudesse se tornar um fator desagregador. A solução para sincretizar panteões, deveras diferentes, foi encontrada por Ptolomeu I na criação do novo deus Serápis, o deus de aparência helênica e características dos deuses dos panteões greco-romanos e egípcio (CLIMACO, 2013, p.108).

Contudo, poder-se-ia questionar como uma cultura de práticas pagãs tão enraizadas abandonaria sua herança para se render à conversão cristã. Uma hipótese é que este teria sido um processo gradual, em que os sincretismos, no decorrer dos séculos, acabaram por fundir todos os deuses em um mínimo de divindades, o que torna mais fácil e viável o estabelecimento de apenas um deus. No entanto, o percurso é mais complexo e passível de várias vertentes de respostas.

Alguns historiadores atribuem a maior aceitação do cristianismo na parte oriental às influências dos cultos à Mitra e às religiões dualistas, oriundas de territórios vizinhos. Segundo Ferreira (2005, p.56), essas religiões contêm prefigurações dos conceitos presentes no monoteísmo, cujas crenças na dualidade (existência de "bem" e "mal"), no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um messias, viriam a influenciar o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Incorporado posteriormente também à mitologia hindu e à romana, Mitra tem sua origem localizada em 1400 a.C., no norte da Mesopotâmia. O mitraísmo, ou zoroastrismo, foi uma religião fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra

(a quem os gregos chamavam “Zoroastro”). De acordo com os preceitos pregados, admite-se a existência de duas divindades, que representam o Bem (Aúra-Masda) e o Mal (Arimã). Da luta entre essas divindades, sairia vencedora a divindade do Bem, Aúra-Masda, deus do Sol e da guerra na mitologia persa, aquele que viajava pelo céu em sua carruagem, a fim de afugentar as “forças das trevas” (WILKINSON, 2002, p.27).



A concepção filosófica ou teológica do mundo, baseada na crença de dois princípios de oposição (como trevas e luz), irredutíveis entre si e incapazes de uma síntese ou de recíproca subordinação, é chamada de “dualismo”, concepção que teria advindo, segundo historiadores como Wilkinson (2002), do oriente para o ocidente pelo mitraísmo. Em vista disso aquele que se entregasse à batalha, que sempre ocorria na tentativa do “bem” superar e vencer o “mal”, acreditava que os espíritos “nocivos” tinham seu lugar na ordem das coisas, que era ser derrotado pelo “bem”, caracterizado por espíritos mais “úteis” aos seres humanos.

Essa visão, diferente da concepção pagã baseada no estoicismo, que se propõe viver de acordo com “a lei da natureza” e reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo (cf. Baltzly, 2014), afetou algumas cepas de religião egípcia, quando, por exemplo, Seth, o assassino de seu irmão Osíris, encarnou a figura do “mal”. Os essênios, algumas seitas gnósticas, e, mais tarde, os seguidores do profeta Mani (276 d.C)[53] foram dualistas em graus variados. E é dessa maneira que as crenças baseadas nas oposições podem ter dado a base e abertura para a aceitação do cristianismo, já que a religião carrega, em si, fortes tendências dualistas.

Mas vale acrescentar que, segundo Jones (1995, p.60), a religião que seguia os ensinamentos de Jesus de Nazaré, ainda assim, trazia conceitos “revolucionários” para o pensamento pagão: em uma sociedade estratificada em classes sociais, em que as pessoas eram respeitadas e conformadas pelo que “eram”, a partir de sua posição de nascimento, a noção de indivíduos iguais, divididos apenas em “pecadores e não pecadores” (que faziam “bem ou mal”), era estranha, assim como a polaridade “Deus e diabo”, dado que as divindades pagãs

53 Mani, também conhecido como Maniqueu (em grego: Μανιχαίος; em latim: Manichaeus), foi um profeta de origem iraniana, fundador do maniqueísmo, uma religião gnóstica difundida no séc. III (BOYCE, 2001, p.111). O maniqueísmo é uma filosofia religiosa que divide o mundo em opostos, onde tudo encaixa-se em “bem” ou “mal”. A matéria seria intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom.

tinham ambos (“bem” e “mal”) em sua essência, pois, de acordo com sua visão, isto fazia parte da própria “natureza humana”.

Além dessa dualidade, podemos estabelecer alguns parâmetros de comparação para ver que o cristianismo poderia não ser algo tão estranho aos egípcios; nesse sentido a iconografia de Ísis e Hórus poderia ser tomada como uma alegoria da Sagrada Família. Tanto Ísis é facilmente equiparada a Maria, que artistas cristãos primitivos retrataram a Virgem Maria com o menino Jesus através de cópias de representações pagãs de Ísis e Hórus; o faraó, como o filho de Deus, prefiguraria Cristo no mesmo papel, as visões cristãs do Juízo Final, entrada no paraíso celestial ou um inferno subterrâneo, não eram conceitos estranhos aos egípcios, que já refletiam, há muito tempo, sobre “vida” pós-morte; há também a similaridade da cruz cristã com o Ankh egípcio, símbolo de vida e morte; e, por fim, podemos citar as garantias do amor eterno de Deus, oferecidas pelos cristãos, junto com a promessa de recompensa na “vida eterna”, que sempre havia sido tão importante para os egípcios (THOMPSON, 2008, p.147). Dessa maneira, vemos que há elementos que podem ser equiparados a ponto do cristianismo não ser uma doutrina completamente alienígena.



Segundo Finneran (2005, p.93), sob o domínio cristão chancelado pelo Império Romano, as motivações para a conversão podem ter sido puramente coercitiva, financeira, ou, a fim da obtenção de qualquer influência ou poder político. Outros níveis de influência fazem alusões às Igrejas, que estavam em todas os lugares do país (sendo a maior parte dos bispos subordinados ao bispo de Alexandria) e à Bíblia, que logo estava sendo traduzida em copta[54], e assim o Evangelho era difundido aos egípcios em sua própria língua (FINNERAN, 2005, p.98).

Pode-se aventar a hipótese de que a cristianização trabalhou em dois principais níveis facilitadores do processo de conversão: na apropriação e ressignificação de espaços sagrados; e no nível ideológico, mantendo, de certa forma, motivos artísticos pagãos em um ambiente cristão (BOWMAN, 1986, p.217). O paganismo sobreviveu nos círculos intelectuais, literários e artísticos em Alexandria até meados do século IV, um importante momento da institucionalização

54 O termo *copta* refere-se, em linhas bem gerais, a uma designação grega de um grupo minoritário da população egípcia nativa (distinta de gregos, romanos, judeus etc.) que aderiu ao cristianismo.

da Igreja no Império Romano.

**Considerações finais**

Em suma, gostaríamos de ressaltar, primeiramente, que o Egito, em especial Alexandria, sempre foi palco de mudanças no cenário religioso e se mostrou muito aberta para “abarcar” o novo.



Essa adaptação, relativamente tranquila, pode ter origem no caráter comercial da cidade, que permitiu, por um lado, a rápida aglomeração de pessoas desde sua fundação (que atingiu seu ápice no século II, com 600 mil habitantes, perdendo no quesito população apenas para Roma), e, por outro, a circulação de pessoas e constante movimento, que propiciava não apenas o intercâmbio de mercadorias, mas também o intercâmbio de saberes, fazeres, ideias e religiosidades, trazidas de diferentes lugares do mediterrâneo. Pensando nesse quesito, a localização de Alexandria, situada entre os mares do Mediterrâneo e afluentes do Nilo, foi fundamental para torná-la uma cidade de fato “cosmopolita”.

Considerando que a palavra “cosmopolita” vem do grego *kosmopolítes,* que significa “cidadão do mundo”, o diagnóstico que Dio de Prusa traçou sobre a cidade foi bastante certeiro quando a relaciona com um mercado local que servia o mundo. Toda a fundação e o sucesso da cidade têm ancoramento no Mediterrâneo, que foi a porta de Alexandria para o mundo e a veia condutora de todas as trocas comerciais e culturais lá presentes, tornando-a a maior capital dos primeiros séculos, a ponto de rivalizar com Roma.

Outro fator importante a se ressaltar também é o sincretismo de Deuses de diferentes origens, ou, aquilo que outros autores chamam de *interpretatio*, que é uma correlação de deuses do próprio país com os deuses estrangeiros no intuito de tentar “significar” esses deuses para si mesmos. A estranheza que causavam os deuses animais para os romanos, por exemplo, levou Ptolomeu à criação do deus Serápis, de inspiração helênica e feições essencialmente humanas. Paulatinamente o registro de cultos aponta para esse deus e Ísis. A concentração de adoração, em detrimento a uma gama enorme de deuses que faziam parte anteriormente do panteão de deuses egípcios pode ter contribuído para facilitar a implementação de um monoteísmo cristão.

Além disso, alguns elementos presente na doutrina cristã, como os princípios da dualidade que opunham “bem e mal”, apesar de estranhos aos deuses

egípcios (que, assim como os romanos tinham em si os dois conceitos sem que isso fosse algo conflitante ou unitário), já era algo conhecido devido às doutrinas do mitraísmo difundidas na região, evitando que isso fosse uma novidade que causasse estranheza no território.

Em suma, o caminho para a entrada do cristianismo, e de um monoteísta no Egito, já estava sendo aberto durante a dinastia Ptolomaica, que fendia uma estrutura de longa duração de uma adoração politeístas que fora herdada desde o Egito Faraônico. Assim, pode-se dizer que a fisionomia multicultural da cidade é que tornou possível que a Alexandria também se tornasse um importante polo cristão.



**Referências**

BALTZLY, Dirk, "Stoicism", ***The Stanford Encyclopedia of Philosophy*** (Spring 2014 Edition), Edward N. Zalta (Ed.). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/stoicism/>. Acesso em: fevereiro de 2014.

BOYCE, Mary. Zoroastrians: their religious beliefs and practices. NY: Routledge, 2001. (nota)

BERNARD, André. **Alexandrie des Ptolémées.** Cnrs Editions: Paris, 2001.

BOWMAN, Allan K. **Egypt after the Pharaohs.** University of California Press: United States, 1986.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais.** Lisboa: Presença, 1990.

CLIMACO, Joana Campos. A **Alexandria dos antigos:** entre a polêmica e o encantamento. São Paulo: USP. (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, 2013.

ERMAN, Adolphe. **La religion des égyptiens.** Payot: Paris, 1952.

FERREIRA, João Paulo Mesquita Hidalgo [et al]. **Nova história integrada.** Companhia da escola, 2005.

FINNERAN, Niall. **Alexandria, a city and mith.** Great Britain: Tempus Publishing limited, 2005.

FREEMAN, Charles. Egypt, Greece and Rome. **Civilizations of the Ancient Mediterranean.** Oxford University Press: Oxford, 1996.

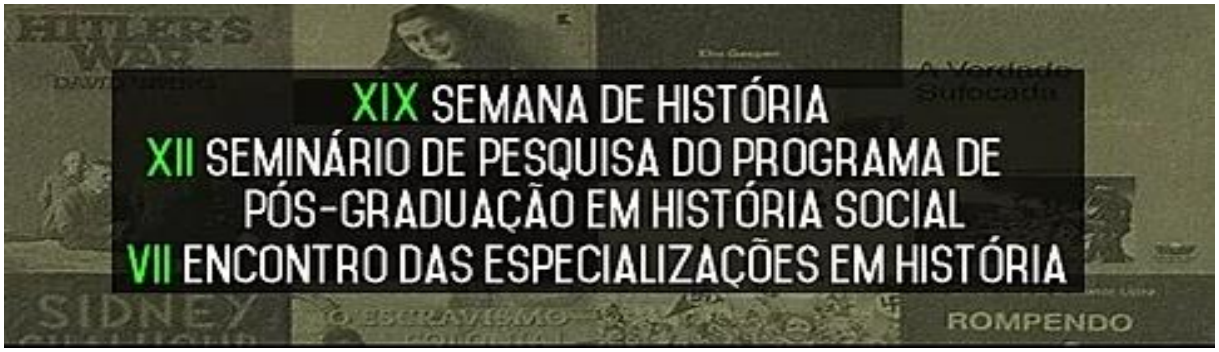
JONES, P., PENNICK, N. **Pagan Europe.** Routledge: London, 1995.

PAGET, James Carleton. Jews and Christians in Acient Alexandria from the

Ptolomies to Carcala. IN: HISRT, Anthony, SILK, Michael. **Alexandria, Real and Imagined.** London: King´s College (University of London), 2004.

THOMPSON, Jason. **A history of Egypt:** from earliest times to the present. Anchor Books: New York, 2008.

WILKINSON, P. **O livro ilustrado da mitologia:** lendas e histórias fabulosas sobre grandes heróis e deuses do mundo inteiro. São Paulo: Publifolha. 2002.






# O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE DE UMA COMUNIDADE VINCULADA A UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

SANTOS, Jaqueline Aparecida dos
FAP – Faculdade de Apucarana

BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni
FAP – Faculdade de Apucarana
UEM – Universidade Estadual de Maringá

**Resumo:** O presente trabalho buscou compreender como a memória de uma comunidade se expressa na instituição escolar. A pesquisa foi realizada tendo a Escola Rural Margarida Flora Spada como fonte de estudo. A Escola Rural pesquisada localiza-se no município de Cambira-Pr, tendo sua fundação no ano de 1983, cessando suas atividades escolares a partir do ano de 1999. Assim, nosso objetivo principal foi entender o processo de construção e elaboração da memória e identidade de uma comunidade, bem como analisar em que medida a Escola Rural Margarida Flora Spada contribuiu para esse processo. A partir da pesquisa bibliográfica e do trabalho com fontes orais e documentais, abordamos o conceito de Identidade, a qual mostra uma das finalidades da Educação do Campo que é respeitar a identidade do camponês entendendo que a educação deve ser do campo, no campo e para o camponês. A fim de compreendermos a identidade e a cultura dos camponeses, é primordial recorrermos à memória dessa população, suas representações de vida e sociedade. Para tanto, elegemos o conceito de memória coletiva, segundo o qual o indivíduo que tem lembranças é sempre um sujeito inserido em um contexto social no qual a memória é construída em grupo. Nossa investigação utilizou o instrumento de entrevista para fundamentar, pelos testemunhos, o que propomos na teoria. Assim sendo, à luz desse arcabouço teórico, dos documentos coletados e das entrevistas realizadas foi possível vislumbrar experiências e vivências sociais, bem como compreender a importância da memória e da identidade de uma comunidade expressa na instituição escolar.

**Palavras-chave:** História; Memória; Identidade; Instituição Escolar.

## INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O estudo do conceito de comunidade apresenta que o mesmo se refere ao sentimento de localidade, de solidariedade e de ajuda mútua (SILVA; HESPANHOL, 2016). Os mesmos autores abordam que “é evidente, ainda, as relações de parentesco, vizinhança e amizade, sendo que nas comunidades rurais, essas relações são significativas” (2016, p.365).



A comunidade camponesa, para Costa e Carvalho (2012), é um elemento central no modo de vida camponês, ela oferece suporte econômico, político e ideológico para as resistências sociais que permeiam seus cotidianos. Buscando saber as especificidades de uma comunidade rural, os autores abordam que nesta há o espaço da festa, da religiosidade, do esporte, das soluções de conflitos, das expressões culturais, das datas comemorativas, do aprendizado comum e também das trocas de experiências, ou seja, tudo adquire significado e todos tem importância na comunidade camponesa. Não há um anonimato nesta comunidade, todos se conhecem. Sendo assim, Costa e Carvalho (2012) enfatizam que “as relações de parentesco e vizinhança adquirem um papel determinante nas relações sociais do mundo camponês” (p.115, 2012).

A Escola Rural Margarida Flora Spada localiza-se no Bairro Santo Antônio, dentro do Município de Cambira, situada no Norte do Paraná. A mesma teve sua fundação no dia 13 de janeiro de 1.983, segundo a Resolução de nº 3.310/82 (PARANÁ, 1983). A escola cessou suas atividades escolares a partir do ano de 1999, por meio da Resolução de nº 912/03, na qual menciona que o fechamento aconteceu de forma simultânea e por falta de clientela (PARANÁ, 2003), porém, o prédio ainda existe e se encontra abandonado.

Ao direcionar nossos estudos para a Educação do Campo, uma das motivações foi de que a educação foi um direito reservado a elite, e o campo foi, por muito tempo, considerado um lugar de inércia e atraso. Sendo assim, buscamos mostrar uma perspectiva de que o campo é lugar de vida e de conhecimento.

A pesquisadora teve um interesse particular em estudar e aprofundar seus conhecimentos sobre a Educação do Campo, devido a sua curiosidade sobre o assunto. Em relação a comunidade onde a acadêmica reside, há uma importância ao se realizar este resgate das identidades dos camponeses que tiveram suas histórias marcadas por esta escola em específico.

## OBJETIVO

Compreender o processo de construção e elaboração da memória coletiva de uma comunidade e em que medida a escola se constitui como parte desse processo, tendo como base as fontes orais e documentais da mesma.



## RESULTADOS

A fim de compreendermos a identidade e a cultura dos camponeses, é primordial recorrermos à memória dessa população, suas representações de vida e sociedade (PRIORI; BOLONHEZI, 2018).

Priori e Bolonhezi (2018) afirmam que “a memória enquanto representação da experiência vivida, pode se modificar ao longo do tempo, pois as lembranças individuais e coletivas são influenciadas pelas experiências de vida”. Desta forma, os mesmos afirmam que “as informações advindas da memória não são representações reais do passado, mas construções individuais, conforme a importância atribuída aos fatos narrados”. Em razão disto que alguns acontecimentos são esquecidos, por não serem importantes para aqueles que vivenciaram o momento histórico (PRIORI; BOLONHEZI, 2018, p.96).

Posto isso, Priori e Bolonhezi (2018, p.96) garantem que é “justamente por essa representação um tanto falha do passado que a história deve caminhar ao lado da memória, a fim de esclarecê-la”. Assim, é nessa lógica que para a pesquisa histórica é sempre necessário o diálogo entre a Memória e a História, pois “a história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros” (LE GOFF, 1992 *apud* PRIORI; BOLONHEZI, 2018, p.96).

À vista disso, para fundamentar a concepção de memória, buscamos apoio nos estudos de Maurice Halbwachs. De acordo com Silva (2016) ele é o responsável pela criação da categoria da memória coletiva, pois acreditava que a recordação das lembranças não podia ser analisada se não levássemos em conta o contexto social que estávamos inseridos.

Dessa forma, podemos explicitar que a memória coletiva é o trabalho que um determinado grupo social realiza, tratando-se de uma construção social, se estabelece a partir das relações mantidas entre indivíduos e grupos inseridos em

um contexto social (HALBWACHS, 1990).

Assim sendo, para Halbwachs “a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social” (HALBWACHS, 2013 *apud* SILVA, 2016).

Halbwachs (1990) já afirmava isso em 1990, quando definia que o indivíduo que tem lembranças é sempre um indivíduo inserido em um contexto social; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, um trabalho do sujeito.



Silva (2016) reforça que a lembrança precisa de uma comunidade afetiva que irá ser construída mediante o convívio social, e este será estabelecido entre os indivíduos com outras pessoas ou grupos sociais. Portanto, a lembrança individual é baseada nas lembranças destes grupos, nos quais os indivíduos estarão inseridos.

> Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e consequentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva (SILVA, 2016, p.248).

Articulado a esse pensamento, Halbwachs (1990) acrescenta:

> [...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (p.25).

Em contrapartida, devemos considerar que a memória individual não está inteiramente isolada ou fechada, porém, não há um funcionamento da memória individual sem instrumentos fundamentais, que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas sim emprestou de seu meio, desta forma, podemos dizer que a memória coletiva, por outro, envolve a memória individual, porém não se confunde com ela (HALBWACHS, 1990).

Em consequência dos argumentos apresentados, a memória coletiva é compreendida por Halbwachs como uma reconstrução do passado que se efetua no presente, vivenciada por um grupo social. Isso nos permite compreender que a recordação não depende apenas do que um indivíduo lembra, mas que as

memórias deste, estão inseridas em um contexto social (SILVA, 2016).

Ao discorrermos sobre a construção de uma identidade, teremos como consequência uma relação social entre os seres humanos, onde estes possuem diversas formas de se expressar, sentir e pensar, compartilhando assim, uma determinada cultura (ROSSATO; PRAXEDES, 2015). Esta cultura compartilhada por certo grupo, para Said (1999) “é uma fonte de identidade” (SAID, 1999 *apud* ROSSATO; PRAXEDES, 2015, p.63).



Uma definição do conceito de identidade para Rossato e Praxedes (2015, p.64) é que esta “expressa a identificação simbólica de um indivíduo ou coletividade, como cada qual reconhece a si mesmo e é reconhecido pelos seres humanos de dentro ou fora dessa coletividade”. Os autores continuam afirmando que a formação de uma identidade ocorre pelos vínculos sociais, em que os seres humanos dependem da aprendizagem e da interação para se relacionar com a sociedade. A partir desta interação, obteremos o contato com a identidade do indivíduo, podendo ser esta, individual ou coletiva, como abordam Rossato e Praxedes (2015).

O teórico cultural Hall (2006) define três concepções distintas de identidade cultural do sujeito, sendo elas:

**Tipos de Identidade Cultural do Sujeito ao longo da História, segundo Stuart Hall**

| | |
|---|---|
| Sujeito do Iluminismo | Indivíduo centrado e unificado, era uma identidade individualista, que não sofria alterações. |
| Sujeito Sociológico | Identidade formada a partir da interação entre o indivíduo e a sociedade, o sujeito ainda tem seu núcleo interior, porém, sofre modificações por conta de outras identidades que o mundo irá oferecer. |
| Sujeito Pós-moderno | O indivíduo vai formar uma identidade composta por outras diversas identidades, fazendo com que ele se torne um sujeito fragmentado, denominado como o sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa. |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Hall, 2006.

Desta forma, Hall (2006) ressalta que as mudanças ocorridas estão fazendo

com que aquele sujeito que possui uma identidade unificada, se torne um indivíduo fragmentado, que não vai possuir uma única identidade, mas sim várias. Sendo assim, Hall (2006) aborda que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (p.13).

A respeito dessa questão, Bolonhezi (2017) enfatiza que a interação do sujeito com um grupo social deve ser pautada em tolerância e respeito, surgindo então, a necessidade de respeito a identidade do camponês, sendo ele o foco da pesquisa.



Preservar a identidade do camponês é de suma importância, Hall (2006) afirma que:

> [...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificador. A assim chamada ‘’crise de identidade’’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança [...] (p.7).

Articulado ao pensamento de que devemos respeitar a identidade do camponês, consta no Plano Nacional de Educação de 2014, na meta 7, uma estratégia, na qual descreve que devemos:

> 7.26. Consolidar a educação escolar no campo de populações tradicionais, de populações itinerantes e de comunidades indígenas e quilombolas, respeitando a articulação entre os ambientes escolares e comunitários e garantindo: o desenvolvimento sustentável e preservação da identidade cultural [...] (BRASIL, 2014).

Entretanto, Bolonhezi (2017) menciona que saber respeitar a identidade desses homens não é sentir pena, e dar a eles pedaços de terra para a plantação, e nem ao menos proporcionar uma educação que não vise o desenvolvimento do camponês, isto seria excluir e não incluir. Nesse sentido, destacamos a necessidade da valorização da identidade e da cultura dos sujeitos do campo, tanto no trabalho pedagógico como no currículo das escolas, pois assim, promoveremos aprendizagens significativas e articuladas com a cultura local.

Para isto, consta nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do campo, expressa no Art. 2° § Único que:

> A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos

> sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões a realidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2013).

Devemos compreender que o camponês possui uma história a ser compartilhada, que estes participam de movimentos sociais, possuem nome, gêneros, raças e etnias, e que já passaram por diferentes gerações (CARVALHO, 2011).



Sendo assim, a identidade é uma “celebração móvel”, a qual passa por contínuas transformações, em relação as formas como somos representados pelos sistemas culturais que nos cercam, desta forma Hall (2006) afirma que não somos capazes de encontrar verdades absolutas sobre as referidas identidades.

Contudo, Hall (2006) irá definir a identidade como características históricas, relatando que o ser humano não está imóvel em relação a esta. Desta forma, o autor salienta que o indivíduo assume identidades diferentes, em diferentes momentos, podendo estas, sofrerem alterações ao longo do processo histórico. São essas transformações que influenciam a maneira de compreendermos o sujeito e sua cultura.

O modelo metodológico que se adotou nesta pesquisa foi de natureza qualitativa. No que diz respeito às fontes, este trabalho teve como base o cruzamento de fontes orais e documentais, sendo elas, a pesquisa documental e a pesquisa de campo, que teve como instrumento, a entrevista.

Esta pesquisa fez uso de arquivos públicos, onde foi coletado documentos oficiais a respeito da referida escola, tais como: resoluções e pareceres. Houve a utilização de arquivos particulares, sendo estes: fotografias, boletins e cadernos de alunos que lá estudaram.

As entrevistas foram realizadas com professoras, alunos e funcionários que estudaram ou trabalharam na Escola Rural Margarida Flora Spada, tendo como objetivo a obtenção de informações sobre a temática da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo pude compreender a amplitude e extensão da reconstrução que o conhecimento histórico nos possibilita. Adentrar as memórias de sujeitos e membros de uma comunidade nos permitiu compreender o universo onde o passado reside e as lembranças fazem sua morada. Se a morte é um fato inevitável em nossa trajetória, as lembranças nos permitem permanecermos vivos

entre aqueles que participaram de nossa obra.

A identidade de uma comunidade é formada e transformada a partir da memória coletiva de seus membros, esta é elaborada continuamente e reescrita na medida que buscamos resgatar fontes e fatos. Nesse processo, vemos a Escola Margarida Flora Spada, ainda viva e presente na vida daqueles membros bem como o fechamento da mesma não significou seu devido fim. Ela ainda vive nos cadernos, nas fotos, nos boletins, nas lembranças daqueles que com tanto zelo guardam resquícios desses anos.



O trabalho tornou-se muito relevante para a comunidade local e para a autora, certos de que houve também a contribuição para o acervo da cidade de Cambira. Ratificamos aqui que a memória não morre, ela se perpetua na mente das pessoas que vivenciaram e fizeram parte desta história, sendo assim, concluímos que as pesquisas nessa área devem ser contínuas, para que a memória da comunidade não termine com a ausência das pessoas que fizeram parte de uma história local.

Encerro o trabalho vislumbrando novas possibilidades de pesquisa e me encontro substancialmente transformada pelas experiências vividas. Essa situação, penso, ser fundamental para compreendermos as limitações e a extensão que o trabalho de campo proporciona ao pesquisador. Este, transformado pela experiência vivida, assim partindo do conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990) me senti recebendo parte dessa memória.

## REFERÊNCIAS

BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni. **A Educação do Campo como projeto político e prática social: O caso do Colégio Estadual do Campo Izaias Rafael da Silva.** 2017. 194f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2017.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo.** Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação.** Brasília: MEC, 2014.

CARVALHO, Raquel Alves de. **A construção da identidade e da cultura dos povos do campo, entre o preconceito e a resistência: o papel da educação.** 2011. 153f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista, Piracicaba. 2011.

COSTA, Francisco de Assis; CARVALHO, Horacio Martins de. Campesinato. In:

CALDART, Roseli Salete et al. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: expressão popular, 2012.
HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PARANÁ. **Resolução n° 912/03.** Curitiba: SEED, 2003.

PARANÁ. **Resolução n° 3.310.** Curitiba: SEED, 1983.

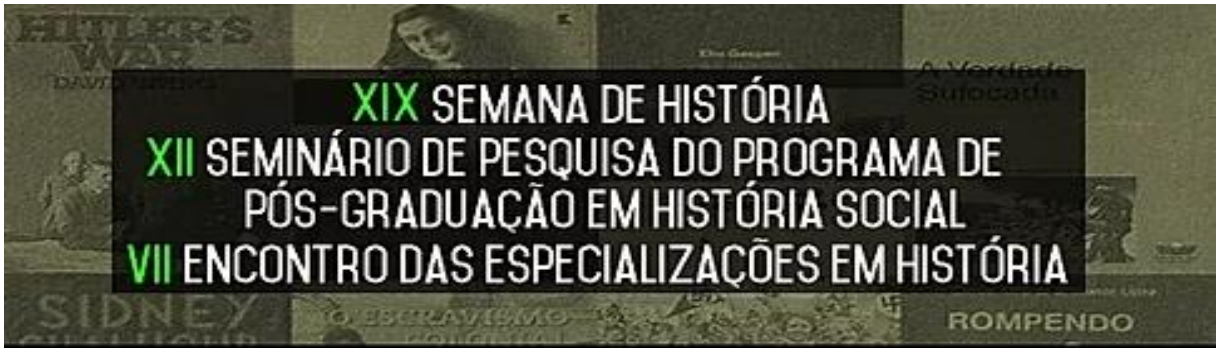


PRIORI, Angelo; BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni. Fragmentos de Identidade e Cultura. In: COSTA, Lourenço Resende da; SILVA, José Junio da; KOSS, Lucimara (Orgs.). **A Identidade dos povos do campo no Brasil do século XXI.** São Paulo: Todas as Musas, 2018.

ROSSATO, Geovanio; PRAXEDES, Walter. **Fundamentos da educação do campo:** história, legislação, identidades camponesas e pedagogia. São Paulo: Loyola, 2015.

SILVA, Giuslane Francisca da. A memória coletiva. **Aedos,** Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, ago., 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br>. Acesso em: 28 fev. de 2018.

SILVA, Juniele Martins; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de catalão (GO). **Soc. & Nat.**, Uberlândia, p. 361-374, set-dez., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 out. de 2018.






# SÃO BENTO DE NÚRSIA ENTRE A HAGIOGRAFIA DE SÃO GREGÓRIO E DE TIAGO DE VORAGINE

Felipe Oliveira de Almeida[55]

Orientadora: Drª Angelita Marques Visalli.

**Resumo:** O seguinte trabalho será desenvolvido com intuito de analisar e comparar a hagiografia de São Bento (480–547 d.C.) feita por Tiago de Voragine (1228-1298 d.C.) no decorrer do século XIII, compilada na Legenda Aurea, com a hagiografia de São Bento produzida no século VI, com autoria atribuída a São Gregório de Magno (540-604 d.C.), contida no seu segundo livro chamado 'Diálogos'[56]. Usaremos para isto, as versões traduzidas de Hilário Franco Junior, para Legenda, e a versão traduzida por Armando Alexandre dos Santos, para a hagiografia escrita pelo Papa Gregório. Buscamos avaliar e analisar parte das mudanças, omissões, atualizações e permanências feitas por Voragine partindo da hagiografia produzida no século VI como a base para as apropriações ou não apropriações. Veremos também como a forma da narrativa hagiográfica muda entre os dois escritos, uma sendo narrativa e outra em forma de diálogo. Serão destacados aspectos como mudanças de palavras, ordem, ausência e inclusões do texto, com objetivo de compreender essas mudanças no universo religioso de Tiago, um frei membro da ordem dominicana, assimilando assim, as mudanças na espiritualidade que atualizam aspectos da vida de São Bento e como essas mudanças são importantes para o contexto de sua época. Será demostrado, como a Legenda Aurea trabalha de uma forma mais direta a vida de Bento e com uma divisão de capítulos diferente do escrito do Papa Gregório, tendo uma redução pela metade dos mesmos. Esse trabalho tem o objetivo de comparar a duas hagiografias e trazer à tona as mudanças do processo de construção da santidade de Bento em dois períodos diferentes do medievo, usando a metodologia comparativa e o contexto social e os pressupostos objetivos dos autores ao escrever a vida de Bento.

**Palavras-chave:** São Bento; Hagiografia; Legenda Áurea;

[55] Graduando em história na Universidade Estadual de Londrina.
[56] Série de quatro livros de Santos atribuída ao então Papa Gregório de Magno, a qual contam história das vidas de Santos, tendo o segundo livro dedicado inteiramente a São Bento.

## Introdução

Nesse trabalho, que está em andamento, analisarei de forma comparativa[57] duas Hagiografias sobre a Vida de Bento de Nursia (480-547 d.C.), a primeira com autoria atribuída ao Papa Gregório Magno (540- 604 d.C.) que está presente no segundo livro da coleção intitulado de *Diálogos,* o qual tem o nome '*vida e milagres de São Bento'* datado no ano de 593 d.C., há uma discussão sobre quem realmente escreveu este livro porém não entraremos nesses méritos no presente trabalho, e a segunda escrita por Tiago de Voragine (1226-1298 d.C.) no decorrer do século XIII, compilada no livro *Legenda Áurea – Vidas de Santos*, o qual não se tem uma data precisa, o debate entre historiadores a datam entre 1253 e 1270.



Esse trabalho é produzido com intuito de analisar o diferente aspecto de Santidade na vida de Bento em dois períodos diferentes. É feito para contribuir a compreensão do imaginário Medieval, que perpassa e é ligado a todo esse ambiente religioso do período, uma religiosidade predominantemente Católica. As hagiografias, diante de sua riqueza narrativa e comuns referências ao imaginário cristão são importantes documentos para reconhecer o período, conceitos, valores e atitudes, vividos ou idealizados. Sendo assim a importância desse estudo comparativo, ainda em andamento, vem para além de compreender as diferenças, trazer aspectos específicos de seu período de produção, mostrando a importância e participação da Igreja na construção do período denominado Medieval.

Para o continuo andamento desse trabalho, usarei a versão traduzida do livro *Diálogos*, extraída da sua versão bilingue latim-castelhano *San Benito, su vida y su regla,* publicada pela editora BAC e traduzida por Armando Alexandre dos Santos e impressa no Brasil pela editora Artpress em 2019, é reconhecido que o ideal seria a versão do livro traduzida diretamente do latim, porém pela questão do acesso e condições particulares, essa versão foi a escolhida, e para o tradução da *Legenda Áurea*, usarei a versão traduzida por Hilário Franco Junior do latim, intitulada de *Legendae sanctorum, vulgo historia lombardica dieta,* tendo sua primeira versão publicada em 2003.

Primeiramente caracterizarei o que é uma Hagiografia, que são as fontes trabalhadas aqui. Devemos compreender que a Hagiografia consiste em biografar

[57] Usarei a perspectiva da história comparada, seguindo o pensamento de Andreia Cristina Lopes Frazão em '*Hagiografia Medieval: Propostas Para Estudos Em Perspectiva Comparada' ,* seguindo a linha de como trabalhar com a comparação de duas Hagiografias.

a vida de um santo católico, que Bakhtin descreve de forma que “a vida do santo é uma vida significante em Deus” (BAKHTIN 1997, p.198), trazendo sua história, seus milagres, a força contra o pecado e de uma forma que quando transmitida se torne inspiradora aos cristãos, sendo usada como exemplo e forma de aproximação a Deus. Cada hagiografia traz aos leitores e aos ouvintes, aspectos que eles identificam como Santidade.



Em regra, essa santidade seria alcançada quando uma pessoa decide viver inteiramente para Deus, renunciando a tudo aquilo que seria considerado por pecado ou ofensa a Deus, havendo essa entrega principalmente em oração, sendo ainda confirmada pelos milagres realizados em vida, ou depois de morta. De todo modo, os modelos de santidade variam ao longo do tempo e uma mesma biografia/hagiografia precisa acompanhar as dinâmicas da vida religiosa. Esse aspecto de santidade perante a Igreja Católica, que caracteriza a ser uma Hagiografia, criando uma classificação e assim diferenciando-se de uma biografia.

Essas hagiografias podem ser escritas por pessoas que o conheceram o(a) religioso (a), ou pessoas que ouviram relatos orais sobre o personagem e decidiram escrever; por pessoas que leram relatos ou diários do próprio santo; ou ainda que se baseiam em outras hagiografias, sendo comum a junção desses vários aspectos. Concluindo isso, podemos chegar na construção da obra e suas influências.

**Contexto da Obra**

Agora partirei para a análise do contexto em que os autores das Hagiografias estão inseridos e os significados que a Hagiografia quer passar no aspecto de santidade ou de um exemplo a seguir, começando pelo Papa Gregório. São Gregório nasce no século VI, enquanto São Bento ainda estava vivo, podemos assim dizer que eles eram contemporâneos, foi Papa do ano 590 a 604 d.C., ano de sua morte, é considerado o último dos Papas do Antigo Império Romano e também o primeiro do período medieval. O período em que viveu é relativamente próximo do que os povos Lombardos, Godos, Eslavos, Francos, entre outros, entraram no império Romano, contexto importante para seu escrito. Teve um Pontificado dificultoso, como o período da peste negra e as tentativas de invasões Lombardas a Cidade Eterna (Roma).

Possui uma importância considerável em seu papado e em 593 escreve a obra '*Vida e milagres dos Padres da Itália',* redigida em forma de diálogo com seu amigo, secretário e Diácono Pedro, sendo uma série de quatro livros, o segundo sobre São Bento. Seus escritos sobre a "exemplaridade" da vida dos Padres apresentados, segue sua linha exegética sobre a leitura da bíblia (DIAS, Geraldo. 1996) em que diz "cidade de Deus para os simples" (P. Battifol).



O escrito aqui analisado segue uma narrativa biográfica em forma de diálogo, para atrair o interesse do público leitor, essa forma de diálogo faz com que o escrito seja mais instigante, onde podemos observar uma afeição grande Gregório a Bento, uma admiração pela vida do mesmo, por essas características e outros motivos, não se pode considerar uma biografia moderna. Produz a hagiografia no sentido que ao mostrar o viver do Santo, trazer um servir de exemplo e motivação, como um comentário vivo da Bíblia, a palavra em ação. Pelo seu contexto das "invasões barbaras" quer reafirmar a importância da Bíblia com testemunhos. Tem por ensinar os mais pobres através dos acontecimentos milagrosos que narra, pretende trazer a conversão através da Santidade mostrada, de forma, que podemos dizer, catequética, trazendo um modelo de edificação.

Com isso entramos na Hagiografia escrita por Tiago de Voragine, ou seu nome na língua original, Jacopo de Varazze. Nascido no século XIII, convive com várias heresias a Igreja Católica provindas dos cátaros e valdenses na Lombardia, além da disputa entre o Papado e Frederico II. Tiago entra na ordem dominicana aos dezoito anos, vive nos preceitos dominicanos, da pobreza, humildade e obediência, a qual em 1267 vira líder, seu grande escrito é a *Legenda Áurea*, um conjunto de textos "de ouro"[58] com caráter moral e pedagógico como diz Hilário Franco Jr. na apresentação da versão traduzida da legenda (FRANCO JUNIOR, 2003, pág. 12). Tinha o objetivo imediato de fornecer aos colegas pregadores fonte para os seus sermões, com características teológicas corretas e sem conteúdo herético que pudesse ser transmitido de forma compreensível e agradável aos leigos que ouvissem a pregação.

Presente num contexto com grandes transformações materiais, comerciais, processos de urbanizações e principalmente intelectual, com os surgimentos das Universidades e correntes da filosofia escolástica, essas transformações influenciaram o surgimento das Ordens mendicantes que atendiam de melhor forma

[58] Referência ao termo em latim '*daíáurea'.*

as necessidades do então período, em relação as ordens monásticas. O período exigia uma comunicação maior com a população em geral, a Legenda vem cumprir esse papel através dos 'exempla"[59], escrito breve utilizado nos sermões como verídico para convencer através de uma lição, o que tem um ótimo resultado, pois consegue alcançar o espaço cultural entre os vulgos e as elites (FRANCO JUNIOR, 2003. Pág. 14), na tentativa de conquistar pessoas para causa de Deus. Claro que seus escritos em si, eram para os membros do Clero, em primeiro plano, como fonte para os sermões, porém com a utilização deles nas pregações, alcançariam os que não sabiam ler, ou os leigos que tinham pouco conhecimento ou acesso leitura (FORTES, 2014, pág. 35-36), podemos dizer que foi escrita como fonte para os pregadores utilizarem na batalha contra inimigos dos Santos e seus patrocinadores.



Há indícios que Leigos letrados liam a Legenda ainda no século XIII, então dá a se entender que o primeiro público alvo eram os Clérigos, que leriam ou ouviriam e que utilizando em seus sermões atingiriam os Leigos, que em alguns casos até podiam ler. Carolina Fortes, nos traz que é difícil dizer que o escrito de Tiago vem para que os leitores renunciem de forma radical como os Santos e vivam para Deus, mas que ele tem um caráter de criar a veneração aos Santos e de forma a ensinar e seguir, tomando a intercessão desses possíveis protetores celestes (FORTES, 2014, pág. 37) ao contrário das Hagiografias originais, que tinham a intencionalidade de imitar.

Voragine, em sua obra, traz aspectos políticos, onde quem está com Deus e os Santos são chamados a regozijar-se, pois em seu escrito a figura do mártir que luta contra os inimigos de Deus é valorizada, sendo a categoria de Santo com maior parte dos escritos da Legenda e considera quem se une em oposição a essas figuras 'unidas'[60] à Deus, que tremam com a vingança que pode vir (FORTES, 2014, pág. 43). Com isso partirei a analise feita das fontes até o momento.

## ANALISE INICIAL

Para comparar as duas Hagiografias, utilizaremos a história comparada, de forma que visaremos encontrar e expor algumas das mudanças, omissões, atualizações e permanências que o texto hagiográfico de Tiago nos traz, usando a

[59] Provindo do latim, sendo *exemplum* para o singular e *exempla* para o plural.
[60] Usado o termo 'unidos' para caracterizar uma escolha do Santo em viver em comunhão aos ensinamentos da Igreja e de Deus.

Hagiografia do século VI como base para a análise, sendo que ela foi a primeira a ser escrita, assimilando assim, a espiritualidade que é atualizada nos aspectos da vida de São Bento e como essas mudanças são importantes para o contexto de sua época. Demonstrando, como a Legenda Aurea trabalha de uma forma mais direta a vida de Bento e com uma divisão de capítulos diferente do escrito do Papa Gregório, tendo uma redução pela metade dos mesmos.



Como foi citado, começaremos pelos parágrafos e divisões dos textos, no escrito de São Gregório pode se observar que há um prólogo e uma divisão de 38 capítulos, na maioria das vezes não muito extensos e em cerca de um pouco mais de um terço dos capítulos há comentários de Pedro, Diácono no qual gregório está dialogando ao escrever sua narrativa. Já no escrito do século XIII, por ser um compilado de histórias de Santos, foram condensados muitos capítulos e a forma que esta demonstrada é diferente, não há uma divisão clara, há enumerações em frente a alguns parágrafos, chegando até o número 18, porém não podemos chamar de capítulos e considerando também que há um parágrafo antes de começar a contar que pode se considerar como um prólogo.

Ao observar os prólogos podemos observar claramente as fontes primarias dos autores ao escreverem cada um sua respectiva Hagiografia, Gregório nos traz no trecho a baixo onde obteve o que escreve

> Não pude conhecer todos os feitos de sua vida, mas os poucos que narro soube-os por ouvi-los de quatro de seus discípulos: Constantino, varão venerabilíssimo, que lhe sucedeu no governo do monastério de Monte Cassino; Valentiniano que esteve muitos anos a frente do monastério do Latrão; Simplício, o terceiro que depois dele dirigiu sua comunidade; e Honorato que ainda hoje governa o monastério de Subiaco, em que ele havia primeiramente vivido (Gregório, pág. 15-16, 2019)

Por esse parágrafo podemos observar que Gregório nos mostra que seu relato no livro ao ‘contar’ a Pedro provém de fonte oral de quatro dos discípulos de Bento, que são Constantino, Valentiniano, Simplício e Honorato, isso pode ser uma forma de ele reforça sua legitimidade, por isso o uso de 4 fontes e também pode ser para poder ressaltar que a vida de Bento foi tão grandiosa, que nem 4 pessoas de diferentes monastérios de Bento conseguem contar todos os feitos dele.

Gregório possui um prólogo mais longo, no início fala que ele é bento pela graça e pelo nome, vemos aqui um pequeno simbolismo[61] no nome e até o primeiro

[61] O simbolismo é bem presente no imaginário Medieval e principalmente no Imaginário religioso, podemos observar isso nas duas hagiografias e podemos tomar por base o Dicionário temático do

ponto se trabalha com a ideia de que desde pequeno ele já tinha uma sabedoria implicitamente provida de Deus, uma sabedoria de homem adulto e após isso perpassa a primeira faze da vida de Bento, onde ele é enviado para estudar. Pode-se observar que em todos os aspectos do prólogo é um enaltecimento do Santo escrito, para poder reafirmar a importância de seu relato e de quem está sendo relatado, de forma que demonstre e desperte interesse através do simbolismo e da confirmação da fonte retirada.



Já Voragine, na Legenda, faz um prólogo bem mais curto e simples. Analisando primeiramente a fonte que ele possivelmente utiliza, no texto ele nos traz “Sua vida foi escrita por São Gregório.” (VORAGINE, 2003, Pág. 297). Aqui ele nos mostra quem escreveu primeiramente a vida de Bento, possivelmente ele utilizou histórias orais ao escrever também, pois ao dizer a frase a cima, ele de nenhuma maneira confirma somente a utilização dessa fonte.

Por contar menos detalhes, ele no prólogo só faz um comentário com simbolismo no nome, assim como Gregório e como na maioria de seus escritos Hagiográficos da Legenda (FRANCO JUNIOR, 2011, Pág. 17), de forma tão simples que irei citar agora “’Bento’ é assim chamado ou porque abençoou muito, ou porque recebeu nesta vida muitas bênçãos, ou porque todos o abençoaram, ou porque mereceu a bênção eterna.” (VORAGINE, 2003. Pág. 297) Vemos que o simbolismo que ele emprega é diferente do que o Papa escreve, pode se dizer que ele tem seu estilo próprio no simbolismo, pois ao se analisar a Legenda ao todo, ele costuma fazer esse tipo de análise de nomes, de forma de demonstrar que os Santos foram escolhidos desde que nasceram para serem Santos, começando pelo nome.

Para ilustrar um pouco o trabalho em desenvolvimento, será analisado a princípio o capitulo XIV e XV do Livro Diálogos e a numeração 5 da Legenda, que remetem a mesma história. Em Gregório a história é dividida em 2 capítulos e duas histórias no mesmo episódio, porém na Legenda há uma ausência do segundo episódio, comoveremos agora. No que é narrado no século VI e no que é falado no capítulo XIV, contido nas páginas 65 e 66, o rei Tótila dos Godos, ouviu sobre o espirito de profecia de Bento e deteve-se em pouca distância e fez anunciar que chegava, o rei quis experimentar esse espírito de profecia e fez com que um oficial chamado de Rigo aparecesse ao Santo como se fosse ele. Quando esse oficial

Ocidente Medieva de Jacques Le Goff em sua definição de simbolismo, que nos remete o recorrente uso dessa prática.

chegou ao monastério, homem de Deus a certa distância gritou a ele: “tire fora filho pois isso não te pertence”, o oficial e todos que o acompanhavam caíram por terra, se arrependendo por brincar com tão grande varão. Voltaram ao rei e tremendo contaram com quanta rapidez ele os reconheceu.

Já no capítulo XV de Gregório observamos que o rei Tótila decide ir ver pessoalmente Bento. Vendo de longe, prostrou-se por terra. Bento pede que se aproximasse, como não é ouvido vai até ele, o levantando, prenunciou o que estava para acontecer, que ele entraria em Roma, reinaria por 9 anos e no décimo morreria, o rei assustado pede as orações de Bento e retira-se da presença do mesmo e como Bento disse a profecia se cumpriu. Há uma outra parte do capitulo, mas o princípio o foco será esse. Podemos ver que Gregório, nesses dois capítulos, tenta trazer para o contexto em que viviam, das recentes invasões bárbaras, uma forma de mostrar a importância de Bento e de forma discreta afirmar a religião cristã sobre os ‘invasores’. Mostra a submissão do rei diante de um profeta de Deus, para quem lesse no século que é produzido não tivesse medo para evangelizar os povos recém chegados e para que essa história mostre que mesmo quem não é Cristão pode aceitar um sermão ou profecia do homem de Deus e se renda a Deus através dele.



É interessante esse relato para o contexto do século VI, mas ao vermos no século XIII, não se torna tão interessante reafirmar isso, pois com o objetivo de dar conteúdo a pregação de seu período, Tiago exclui o relato que vimos no Capitulo XV, mantendo somente um pequeno trecho do capítulo XIV, como veremos agora no item 5 da Legenda:

> 5. Tótila, rei dos godos, querendo testar se o homem de Deus tinha espírito de profecia, deu a um de seus guardas seus trajes reais e mandou-o ao mosteiro com todo o aparato de um soberano. quando Bento viu-o chegar, disse: "Tire isso, filho, tire, o que você veste não é seu" O guarda jogou-se no mesmo instante no chão e sentiu um grande medo por ter pretendido enganar um homem como aquele (pág. 301)

Aqui só é relatado de forma reduzida o encontro do soldado com Bento, não dando enfoque no Rei, pois o intuito dele nesse capítulo é mostrar somente o poder de profecia de Bento, reconhecendo o soldado, não há tanta conotação em seu contexto para mostrar a prostração do Rei Godo diante de Bento, não teria um efeito tão impactante no período, provavelmente por isso ele prefere não enfocar nessa parte, na construção na Legenda, ele prefere mais os aspectos milagrosos, do que

o contexto bárbaro, que já não faz tanto impacto no período e deixa o texto mais sucinto para facilitar a pregação e a reprodução do texto.

Outro enfoque da Legenda que pode explicar essa omissão é o fato de que no período em que é feito, a Igreja vive em um estado mais militante, e Tiago em seus escritos valoriza a luta contra o antigo inimigo, que seria o demônio, muitas vezes representado por figuras 'folclóricas', por pessoas ou por reis, desde que vão contra os Santos, que seriam as pessoas escolhidas por Deus, por isso para Voragine a figura do mártir é tão importante. No caso de Bento é muito mais valoroso para o estilo da legenda, mostrar os embates de Bento contra o antigo inimigo, do que um rei que se ajoelha perante ele, onde não há nenhum indicio de conflito, não é vantajoso mostrar o Rei se prostrando diante de Bento, ao invés de um possível conflito espiritual ou físico.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa análise ainda está em andamento, mas já podemos observar como há uma mudança no aspecto da Santidade de Bento que se é enfocado. Pretende-se aprofundar mais nessa diferenciação e nas peculiaridades de cada um dos dois relatos sobre a vida do Santo, chegando assim aos resultados da pesquisa. Sendo assim podemos concluir que estando a pesquisa em estado inicial, ainda há um enorme campo a se seguir, tendo o imaginário medieval de ambos os períodos como o pano de fundo, onde sem ele a pesquisa por si não faria sentido. Vale salientar a importância do simbolismo presente nas hagiografias e como isso vem a ser importante para continuidade da análise, principalmente para compreender a diferenciação dos termos usados nos séculos das Hagiografias.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. O autor e o herói. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria

Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.23-220

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. Hagiografia e iconografia beneditinas : Os "Diálogos"do Papa S. Gregório Magno. Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do

Sentimento Religioso, Porto, 03, p.7-24, 1996. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/10700>. Acesso em: 26 nov. 2019.

FALCI, Priscila Gonsalez. Jacopo de Varazze e a Legenda Áurea: relações entre contexto e produção. In: SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da (Org.). **Historiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central**. Rio de Janeiro: Hp Comunicação, 2008. p. 247-266.



FORTES, Carolina Coelho. A Legenda Aurea: datação, edições, destinatários e modelo de santidade. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (Org.). **História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 30-46.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Apresentação. In: VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vida de santos. Tradução de Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 11-25.

LE GOFF, J.; SCHMITT. Dicionário temático do ocidente medieval. Bauru: Edusc, 2002, 2 vols.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

MAGNO, São Gregório. **Vida e Milagres de São Bento.** Tradução de Armando Alexandre dos Santos. 10. ed. São Paulo: Artpress, 2019, 126 p.

SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Hagiografia Medieval: Propostas Para Estudos Em Perspectiva Comparada**. Revista Fenix: Revista de História e Estudos Culturais, Rio de Janeiro, v. , n. 1, p.1-21, jun. 2011.

TEIXEIRA, Igor S. **Literatura, Tempo E Verdade: O Fazer Hagiográfico Na Legenda Áurea**. História: Questões & Debates, [s.l.], v. 59, n. 2, p.193-216, 31 dez. 2013. Universidade Federal do Paraná.

VORAGINE, Tiago de. São Bento. In: VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vida de santos. Tradução de Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 297-306.